

"A união entre Jurassic Park e Game of Thrones."

GEORGE R.R. MARTIN

# OS SENHORES DINHOSSAUROS

DARKSIDE



VICTOR MILÁN



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---



~~DARKSIDE~~



*#DARKSIDEBOOKS*

OS SENHORES DOS DINOSSAUROS

OS  
SENHORES  
DINOSSAUROS  
VICTOR MILÁN  
VOLUME I



tradução  
ALEXANDRE CALLARI

DARKSIDE

## **NOTA DO AUTOR**

Uma coisa que você precisa saber.  
Este mundo – Paraíso – não é a Terra.  
Não foi a Terra. Jamais será a Terra.  
Não é uma Terra alternativa.  
Todo o resto é possível...

*Aos meus amigos, cuja generosidade e sacrifícios impressionantes tornaram possível, não só este livro, mas a minha própria sobrevivência.*

*Não posso nomear todos vocês – nem mesmo sei quem são todos vocês – então não nomearei nenhum. Vocês sabem quem são.*

*Nem palavras, nem riquezas, podem pagar o que devo a vocês. Minha reverência, humildade e gratidão por vocês perdurarão enquanto eu viver. Assim como meu amor. Obrigado.*

*“Guerras começam quando você quer,  
mas não acabam quando você deseja.”*

– NICOLAU MAQUIAVEL

*A História de Florença, Livro III, Capítulo II*



# OS SENHORES DINOSSAUROS



## – P R Ó L O G O –

PASTORAL | APARECIMIENTO

*Pastoral, aparecimento*

**Dragón, Dragão** – Azhdarchid. *A família a qual pertence o maior dos répteis voadores chamados alados ou pterossauros. Envergadura, 11 metros, chega a mais de 5 metros de altura. Pousa para caçar dinossauros menores e, ocasionalmente, humanos.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

### IMPÉRIO DE NUEVAROPA

#### FRANCIA, DUCADO DE HAUT-PAYS, CONDADO PROVIDENCE

Bicos dentados afundam na vegetação verde e roxa rasteira; o bando quadrúpede de dinossauros marrons e roliços pastava placidamente, alheio à morte que voava no alto, ao lado dos picos íngremes.

Embora estivesse deitado numa laje de calcário com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, o garoto pastor foi menos complacente. Ele deixara de lado seu chapéu de palha e a canga adornada de penas verdes, com a intenção de tirar um cochilo naquela manhã. Seu pequeno cão pastor, deitado na grama ao

seu lado, o alertaria caso algum perigo ameaçasse as três dúzias de gorduchos sob seus cuidados. Então, ele avistou a forma escura fazendo rotações, delineada contra o dia nublado, e qualquer esperança de relaxar evanesceu.

Ele não acreditava em histórias sobre monstruosos répteis voadores, como o grande dragão de crista, dando voos rasantes com as asas peludas de dez metros para apanhar animais ou homens. Não conhecia ninguém que já tivesse visto algo similar. O que dragões *podiam* fazer era pousar para espreitar a caça, altos como casas, as asas recolhidas, apoiados nas curtas patas traseiras.

*Não estou com medo*, o garoto disse a si mesmo. Em sua maior parte, era verdade. Como todos os predadores terrestres, dos pequenos vexers ao maior predador de Nuevaropa, o matador, um dragão preferia carne fácil. Ele não apreciaria as pedras atiradas pela funda do garoto, nem os latidos e mordidas de um cão esperto e ágil demais para ser empalado pelo seu bico afiado.

O cão ficou de pé e começou a latir freneticamente. O garoto se sentou, sentindo calafrios nos braços nus. Isso significava que o perigo estava próximo.

Endireitou-se para localizá-lo. O animal não estava espreitando no prado adornado por flores silvestres azuis e brancas. Ali não havia cobertura suficiente nem mesmo para um matador notoriamente furtivo.

À sua direita, erguiam-se os rochedos brancos e, além deles, as Montanhas Blindadas, azuladas pela distância, alguns picos mais altos ainda cobertos de neve, a despeito da chegada da primavera. Ao sudoeste, a terra se encolhia em um sopé pontilhado de arbustos, então se inclinava e suavizava nas férteis e verdejantes planícies de seu lar, o condado de Providence, interrompidas pelos cumes florestados de um verde mais escuro e pelos córregos.

Diversos gorduchos, ainda pastando, levantaram a cabeça enfeitada para espiar na mesma direção do cão. Embora fossem membros da poderosa tribo de dinossauros chifrudos, eles não tinham mais chifres e nem eram poderosos. Feras mansas e atarracadas, elas cresciam até o comprimento de um homem e a altura de um grande cachorro.

Os animais olhavam para uma dúzia ou mais de dinossauros com couraças nas costas que surgiram no prado, a menos de quarenta metros ladeira abaixo. Os corpos das feras pareciam com um “D” maiúsculo deitado. O macho alfa do grupo era particularmente impressionante, com quatro metros de altura até a ponta da fileira dupla de chapas amareladas em forma de pá que cobriam as costas altas arqueadas, o couro escamado indo do castanho avermelhado nas laterais para o amarelo na barriga.

Os espinhos da cauda, quase tão longa quanto a altura do pastor, poderiam extirpar os colhões de um tirano rei. Os gorduchos começaram a balançar as caudas grossas, derramando no chão uma calda verde dos bicos, balindo de aflição. Os encouraçados estavam calmos, mas também próximos. Eles tendiam a atacar com as caudas qualquer coisa que os assustasse. O que significava quase qualquer coisa que se aproximasse deles.

O garoto pastor levantara-se e dançava de um pé para o outro, os chinelos batendo contra as solas. Sua melhor chance era aguardar e esperar que os intrusos fossem embora por conta própria. Se não fossem, ele teria de arremessar pedras neles com sua funda. Se aquilo não funcionasse, seria forçado a correr na direção deles berrando e acenando com os braços. Ele *realmente* não queria fazer aquilo.

Olhou ao redor em busca de uma alternativa. Então, viu algo bem pior do que um grupo de estegossauros pesados. O cão começou a rosar.

Ele veio de trás dos rochedos, surgindo da pedra branca numa única grande passada. Dois metros e meio de altura, cinza, tão

magro que era quase esquelético. Ele carecia de pele; a casca parecia ter secado, rachado e erodido, como as terras ermas e altas de Ovdan, descritas pelas caravanas.

Mas, embora jamais tivesse visto um, o garoto o conhecia. Ninguém tinha visto um em tempos recentes. Ou até onde se sabia – já que a maioria que pousa os olhos num Anjo Cinza, um dos sete servos e vingadores pessoais dos Criadores, não vivia para falar a respeito.

O Anjo parou. Ele virou seu rosto terrivelmente assolado para o pastor. Os olhos eram como bilhas de ferro, alojados profundamente nas órbitas. O olhar o acertou como marteladas.

*Estou morto*, ele pensou. Deitou-se de barriga para baixo sobre as ervas daninhas pungentes na base da rocha e tentou chorar sem fazer barulho.

Com o coração disparado, escutou o cão latindo furiosamente bem ao lado da sua cabeça, para onde, prudente e corajoso, ele tinha ido, embora ainda protegesse seu mestre do intruso. O som ácido dos lamentos apavorados dos gorduchos o aturdiu como uma borrasca de terror, despertando o senso de dever do garoto: *Meu rebanho! Está em perigo!*

Percebendo que, de algum modo, ele *não* estava morto – ainda – ergueu a cabeça. Os gorduchos estavam descendo o vale a galope com as caudas erguidas. Então, o medo o atravessou como um ferrão de aço.

O Anjo o estava encarando.

“Esqueça”, disse a criatura numa voz seca e sibilante. “Lembre-se somente quando for convocado a se lembrar.”

Uma luz branca queimou atrás dos olhos do garoto. Quando ela apagou, ele também o fez.

Ele acordou com o cão lambendo seu rosto. Abelhas zuniam gentilmente entre as flores silvestres. Uma planta fazia cócegas

em sua orelha.

*O que estou fazendo cochilando em serviço?*, ele pensou. *Vou tomar uma bronca com certeza.*

Sentando-se direito, ele viu com o coração apertado que o rebanho estava espalhado por todo o sopé, ao longo de um bom meio quilômetro colina abaixo.

Por um momento, sua alma e o corpo estremeceram, como se ele estivesse próximo demais do grande sino de bronze no Templo de Todos os Criadores, na cidade de Providence, quando ele tocava. Ele sentia o gosto do medo como se fosse cobre em sua língua.

O sentimento passou. *Devo ter tido um pesadelo*, pensou.

Ficou de pé. Amaldiçoando a si próprio pela preguiça, começou a descer em direção ao rebanho vadio.

Ele rezou para Mãe Maia para que conseguisse reuni-los antes que alguém notasse. Era a maior preocupação de sua vida naquele instante.

# Sumário

Nota do autor

Dedicatória

Prólogo – Pastoral | Aparecimento

Parte I. La batalla última - A última batalha

1

2

3

Parte II. El Palacio de las Luciérnagas - O palácio dos Vaga-lumes

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

Parte III. El Jardín de la Belleza y la Verdad - O  
jardim da beleza e da verdade

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

#### Parte IV. La Cuenta - O acerto de contas

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

#### Epílogo – La conversación - O Diálogo

Agradecimientos

Créditos



PARTE I

LA BATALLA ÚLTIMA  
A ÚLTIMA BATALHA

# OS SENHORES DOS DINOSSAUROS



– 1 –

***Tricórnio, Trichifres, Tríplices*** – *Triceratops horridus.*  
*O maior da família herbívora dos chifrudos (ceratopsianos),*  
*dinossauros quadrúpedes com chifres, carapaças ossudas*  
*no pescoço e bicos dentados; 10 toneladas, 10 metros de comprimento,*  
*3 metros na altura do ombro. Não é nativo de Nuevaropa.*

*Temido pelos longos chifres letais da frente,*  
*assim como pela avidez beligerante de utilizá-los.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

## **IMPÉRIO DE NUEVAROPA ALEMANIA, CONDADO AUGENFELSEN**

Eles apareceram do outro lado do rio como uma cadeia de silhuetas de montanhas, ganhando uma terrível solidez através da neblina e da chuva matinais. Grandes cabeças chifrudas oscilavam de um lado para o outro. Presas as suas costas, atrás dos pescoços, por trás das carapaças parecidas com escudos, balançavam guaritas de vime cheias de arqueiros.

“Vai ser um massacre!”, Rob Korrigan teve que gritar para ser ouvido pelo seu companheiro que estava a um braço de distância em terreno mais elevado, atrás da margem sul do Hassling. A batalha irrompia ao leste por todo o rio ao longo de um quilômetro. “Voyvod Karyl trouxe seus tricerátos de estimação para dançar com nosso mestre, o conde.”

Apesar da chuva fria que escorria por seu rosto e pingava da barba curta, o coração dele se aqueceu. Nenhum senhor dos dinossauros poderia evitar se agitar ante a visão daquelas feras, únicas no Império de Nuevaropa: as cinquenta fortalezas vivas da notória Legião do Rio Branco, de Karyl Bogomirskiy.

Mesmo se elas estivessem lutando para o inimigo.

“Impressionante”, gritou de volta para Rob o homem da Comitiva do Príncipe que portava um machado. Como Rob, ele trabalhava para o conde de Augenfelsen – “Olhos Escarpados”, na língua comum – e comandava a ala direita do exército. “E daí? Nossos cavaleiros de dinossauros darão um jeito neles rapidamente.”

“Você perdeu a *cabeça*?”, retrucou Rob.

Ele sabia que seu alemán era ruim, ainda pior do que seu spañol, a língua comum de todo o Império. Como se Rob se importasse. Ele tinha aquele emprego há um punhado de meses e suspeitava que não duraria muito mais.

“A Comitiva dos Príncipes travou a guerra do jeito que quis até o imperador contratar esses slavos e seus tríplices”, disse ele. “Os Príncipes enfrentaram Karyl três vezes. E perderam as três. Ninguém derrotou a Legião do Rio Branco. *Nunca*.”

O ar estava tão carregado pelos gritos de homens e monstros – num clangor que parecia a maior forja do mundo, chamado Paraíso – quanto pela chuva e o fedor de sangue derramado e entranhas. As próprias vísceras de Rob ainda o incomodavam e sua nuca se arrepiava pelos efeitos colaterais de um terremoto distante: os terríveis gritos de guerra inaudíveis dos hadrossauros, num tom baixo demais para o ouvido humano

captar, mas potencialmente tão danosos como o golpe de um aríete.

Um eleitor de Alemán, um dos onze que votaram para confirmar cada novo imperador no Trono Dentado, tinha morrido sem nomear um herdeiro. Contra os precedentes, o atual imperador, Felipe, nomeou um parente próximo como novo eleitor – dando ao Trono Dentado e à família imperial Delgao poder nunca visto antes. A Comitiva dos Príncipes, um grupo de poderosos magnatas alemânios com alguns francieses no meio, decidiu se opor pegando em armas.

O resultado da pequena contenda foi a guerra, travada atualmente em ambas as margens e no meio de um rio que aos poucos mudava de cor, indo do castanho claro ao vermelho. Como sempre, massas de infantaria lutavam e praguejavam no centro, enquanto cavaleiros montados em dinossauros e em cavalos com armaduras combatiam nos flancos. Tropas que disparavam projéteis e mecanismos diversos moviam-se ao longo do fronte, trocando aflições à distância.

Rob Korrigan trabalhava para o lado dos Príncipes. Isso era o tanto que ele sabia sobre a questão e mais do que se importava.

“Você se esquece de que estamos em maior número que os Ímpios”, gritou o soldado.

“Já se foram os dias, meu amigo, em que tudo o que o rei Johann poderia jogar contra nós era um bando de grandões briguentos e uma multidão de servos infelizes”, disse Rod. “Os melhores do Império vieram para a festa agora, não somente as tropas contratadas de Karyl.”

O homem do machado zombou por detrás do bigode: “Lanceiros são lanceiros, não importa o quanto você os vista com malhas e capacetes de ferro. Ou você está falando sobre aquele grupo de meninos mimados do outro lado do rio e seu capitão-general, o sobrinho de estimação do imperador?”

“Os Companheiros são *lendários*”, disse Rob. “Toda Nuevaropa canta seus feitos. E, acima de tudo, do conde Jaume!”

*Como eu deveria saber, ele pensou, eu, que criei tantas baladas sobre os feitos do conde dels Flors quanto para os de Karyl.*

O augenfelseniano correu o dedão dentro da tira de couro do capacete, no ponto em que ela irritava seu queixo: “Ouvi dizer que eles passam seu tempo no campo se relacionando com arte, música e uns com os outros”.

“É verdade”, Rob confirmou. “Mas é sem substância.”

“Seja como for, há só uma ou duas dúzias deles, cavaleiros de dinossauros ou não.”

“Isso deixando de lado a pequena questão dos quinhentos gendarmes a cavalo que lhes dão apoio.”

Desprezando a informação, o soldado gesticulou com sua mão repleta de cicatrizes e unhas rachadas.

Em formação do outro lado do rio, os trichifres enviavam berros nervosos e rabugentos. O aguaceiro da chuva se abriu para revelar o que espreitava agora na dianteira de suas fileiras: *terror*, longo e esguio, corpo nivelado, cauda como um chicote oscilando ante as passadas das poderosas pernas traseiras. Nas ilhas natais de Rob, da Anglaterra, eles chamavam aquele monstro de “*slayer*”, que significava “matador”, em spañol. Em *O Livro dos Nomes Verdadeiros*, eles eram o *Allosaurus fragilis*. Qualquer que fosse o nome, eram carnívoros aterradores e se deleitavam ao caçar humanos.

Um homem estava numa sela presa aos ombros do predador, dois metros e meio acima do chão. Ele mal parecia maior do que uma criança, e não apenas pelo contraste com o tamanho da montaria marrom, de listras amarelas. Sua armadura era só um morrião de face aberta, uma jaqueta de couro de dinossauro e botas altas.

Apontando a cabeça para frente, o matador – matadora – urrou um desafio para os cavaleiros de dinossauros e guerreiros que aguardavam na margem sudeste: “*Shiraa!*”

O homem do machado se encolheu e fez um sinal sagrado para a Rainha Criadora: “Mãe Maia, proteja-nos!”

Rob replicou o gesto do outro. Maia não era sua padroeira, mas nunca se sabe.

“Nunca duvide que a verdadeira ameaça não é o monstro, mas o homem”, ele disse. Coçou a cabeça onde a garoa tinha, inevitavelmente, penetrado o brim de seu chapéu sem abas e começava a pingar no pescoço. “Embora Shiraa também não seja pouca coisa.”

“Shiraa?”

“O alossauro. A montaria. É o nome dela. Karyl a batizou assim quando ela nasceu. A primeira coisa que ela viu no mundo foi ele, um rapaz imberbe, que não tinha nem vinte anos, apoiado numa árvore, nocauteado pela cauda da mãe moribunda dela. É ainda a única coisa que ela diz.”

Nenhuma presa em potencial podia ficar indiferente diante da proximidade de tal monstro. Foi por isso que até o mais poderoso dos trichifres murmurou nervoso – e eles estavam habituados a ela. O homem lançou um olhar de descrença contra Rob:

“Você sabe o *nome* dessa abominação?”, ele bradou. “Como sabe esse tipo de coisa?”

“Sou um senhor dos dinossauros”, Rob respondeu de forma presunçosa. Parte daquilo era uma fachada falsa, para encobrir o pavor de uma criatura que poderia parti-lo ao meio numa só mordida, e parte era a excitação de ver a mítica criatura em carne e osso. E não só porque encontrar dinossauros carnívoros usados como montarias de guerra fosse tão raro quanto sacerdotes honestos.

“É minha função saber. Não sabia disso? Você nunca vai a tavernas, cara? ‘A Balada de Karyl e Shiraa’ é amada por toda Nuevaropa. Isso sem mencionar que eu a escrevi.”

O homem do machado lançou um olhar nervoso para Shiraa e, depois, olhou novamente para Rob: “De que lado você está, afinal?”

“Do lado do dinheiro, ora”, Rob respondeu. “Como você. E é o conde de Olhos Escarpados que paga a nós dois.”

O homem do machado segurou a manga curta da blusa de linho que Rob usava por baixo do gibão, feito de couro de nariz chifrudo. Rob fez uma careta diante da liberdade e se preparou para rechaçar a mão ofensora. Então, viu que o soldado esbugalhou os olhos e apontou para o rio.

“Eles estão vindo!”

O grito epônimo de Shiraa tinha sinalizado o avanço. Os tríplexes avançaram pelo rio numa avalanche de chifres em câmara lenta. Na frente deles, estava a matadora e Karyl.

Da beira do rio, à direita de Rob, vieram múltiplas vibrações e baques. Uma companhia de arqueiros brabanteres, o laranja e azul elegante das suas malhas blindadas tornados melancólicos e fastidiosos pela chuva, havia disparado uma saraivada de flechas.

Rob balançou a cabeça e riu enquanto as setas produziam pequenos respingos a algumas centenas de metros dos dinossauros do Rio Branco.

“Vai ser um longo dia”, ele disse. “O tipo de dia que a Mãe me avisou, em que eu veria Maris se satisfazer.”

O homem do machado se sacudiu. Água voou do avental de couro e elmo de aço.

“Não importa”, falou todo cheio de coragem. “Mesmo cavalgando essas aberrações de chifres, aqueles vermes slavos camponeses não são páreo para cavaleiros *de verdade*. O jovem duque Falk já perseguiu os cavaleiros de Impy fazendo-os recuar à margem norte no nosso flanco esquerdo. Em breve, nossa turba superará as lanças deles. E obteremos uma vitória limpa.”

Ultrajado pelo homem ter se esquecido de que eles dois eram vermes camponeses, Rob disse: “Acha que servos recrutados com pés de bosta podem derrotar os nodossauros marrons? Mesmo numa vantagem de três para um? Cara, você é mais louco do

que eu pensava se acha que os bicos de pato gorduchos de nosso conde podem vencer os tríplices de Karyl.”

“Ele nunca *nos* enfrentou antes.”

“Acha mesmo que isso faz diferença?”

“Aposto cinco pesos que sim.”

*Achei que nunca diria isso*, Rob pensou, sorrindo de forma afetada.

Rio abaixo, à direita deles, trombetas soavam, convocando os cavaleiros de dinossauros do conde a montar. O que significava que elas convocavam Rob.

Ele tinha uma tênue esperança que seu esquema, o qual para si próprio admitia ser uma completa maluquice, obteria a aprovação de seu empregador no último minuto. Mas a vida de Rob Korrigan era feita justamente de esperanças tênues.

Uma chuva de flechas ergueu-se das guaritas nas costas dos trichifres, gemendo como almas aprisionadas pelos ardis dos Fae. Voyvod Karyl, aquele lunático multifacetado, tinha comissionado artesãos em sua Marcha da Neblina para descobrir tratamentos que mantivessem as cordas dos arcos tesas sob uma chuva como aquela, evitando que os poderosos arcos das áridas terras altas de Ovdan se rompessem e tornassem inúteis.

“Merda!”, berrou Rob. Ele estava quase sem tempo.

Espumando de emoções conflitantes, virou-se e correu o máximo que suas pernas conseguiam. Agarrou o cabo de Wanda, o machado com franjas que trazia às costas, para impedir que batesse nos seus rins.

“É sua vez!”, ele gritou para a parede de escudos. “E, por Maris, faça valer a pena!”

As flechas choveram dos arcos dos mercenários na margem sul do Hassling. Os homens gritavam enquanto pontas cinzeladas atravessavam elmos de ferro e acertavam cabeças, e rompiam

as malhas de tecidos e placas de metal. Rob viu os respingos causados pelo voleio de volta, ainda a cinquenta metros dos trichifres. Os arcos recurvados do Rio Branco superavam dolorosamente as bestas dos Príncipes.

A aproximação inexorável dos trichifres enervara os brabanteres. Se o próprio estado de Rob servisse de parâmetro, o rugido de Shiraa havia coalhado o tutano deles. Ser alvejado sem parar e sem chance de revidar era mais do que a carne podia suportar.

Jogando fora as armas que demoravam para serem recarregadas, a linha de frente das margens virou-se e correu – indo na direção dos companheiros que estavam atrás. Que os empurraram de volta.

Os quatro lançadores que o conde colocara em pares dos dois lados dos mercenários deveriam ter ajudado. Aquelas leves catapultas com rodas conseguiriam arremessar mais longe até do que os arcos dos bárbaros, e suas flechas de ferro poderiam derrubar até mesmo um tricerátopo de dez toneladas.

Mas os mecanismos estavam quebrados e impotentes nos bancos de areia, com as cordas feitas de crinas cortadas. Um cavaliço de Olhos Escarpados que assistira a tudo contara a Rob como um punhado de Companheiros emergira do rio, pelados como Maia, pouco antes da alvorada. Enquanto ele berrava desesperadamente para tocar o alarme do acampamento, os monges cavaleiros apunhalaram os engenheiros e as sentinelas que guardavam os ferrões, enquanto eles ainda sacudiam o torpor do sono. Então, com machados presos às costas nuas, destruíram os ferrões e arrastaram os destroços até o Hassling com os próprios chifrudos da artilharia. Antes que os augenfelsenianos cochilando pudessem responder, mergulharam de volta, rindo como estudantes, e nadaram para casa sem terem perdido um homem sequer.

O cavaliço, que como recompensa recebera uma pancada nas costelas por não ter dado o alarme antes e mais alto, parecia

tanto enjoado quanto espantado por todo aquele fiasco. Para Rob, era um típico arroubo de heroísmo dos Companheiros. Na sua mente, ele já estava compondo uma canção.

Mas, agora, ele estava em meio às montarias de guerra do próprio lado de Rob, e precisaria de toda sua astúcia. Ele esquivou-se para o lado, evitando a cauda branca de uma criatura verde alta, evitou um monte de excremento ainda fumegante do tamanho da sua cabeça e deu uma breve corrida com uma pirueta no final para não ser nocauteado por um bico de pato roxo de listras amarelas que se adiantava com a barriga para frente.

Esta última ação, Rob desconfiava que não fora acidente. Por mais que seus serviços fossem valiosos, senhores dos dinossauros eram plebeus. Os nobres que os empregavam, como o conde fizera, em geral os encaravam como males necessários. Os cavaleiros nem sempre os viam como nada além de servos atrevidos, os quais queriam derrubar.

Ou esmagar sob os pés de um monstro de três toneladas.

Mas Rob nascera manhoso. A mãe dele o vendera quando completara quinze anos para um senhor dos dinossauros scocés perneta. Isso se ele não tivesse inventado aquilo; tinha problemas para se lembrar. Ele fora forçado a ficar esperto sobre o modo de ser dos bicos de pato de guerra. E de seus donos.

Os homens gritavam. Hadrossauros bramiam num volume de doer os ouvidos. Rio abaixo, as bestas azaradas dos Príncipes gritavam enquanto os arqueiros do Rio Branco as massacravam.

Rob alcançou o terreno mais alto ileso, onde o conde tinha armado seu pavilhão. Quando o contingente de Augenfelsen chegara ontem, ao crepúsculo, toda aquela área da margem era de grama verde, tão alta quanto a cabeça de Rob. Os monstros a tinham aplainado e pisoteavam os remanescentes na lama amarela.

A cabeça de Rob oscilava por causa do esforço incomum e também pelo cheiro forte de mijo e peido de dinossauros. Aquilo

decerto era familiar, mas ele não estava habituado a suportá-los em tamanhas quantidades.

Infelizes escudeiros armados grunhiam para impulsionar o corpo envolto de aço do conde de Olhos Escarpados sobre a sela. Embora o bico de pato cerúleo manchado de escarlata se agachasse na lama, ainda assim era uma subida de mais de dois metros.

O conde cavalgava um longo sacabuxa – ou parassaurolófo, de acordo com *O Livro dos Nomes Verdadeiros*. Como a maioria dos hadrossauros, ele costuma andar sobre duas pernas e, para galopar, ficava de quatro. Tinha uma grande cabeça triangular, com um bico dentado largo e uma crista circular voltada para trás. A crista dava à sua voz um alcance e tonalidade enormes, como o antigo instrumento de sopro chamado *sacabuxa*, daí o nome.

Com um grande rugido de esforço, o conde passou a perna por cima. Aos oitenta anos, sua senhoria tendia a passar mais tempo numa mesa de jantar do que numa montaria de guerra. Isso estava claro pela forma que o queixo se pronunciava do peito sem a aparente intervenção do pescoço. Diferente dos irmãos menores que montavam cavalos de guerra, cavaleiros de dinossauros não precisavam se manter em forma. A verdadeira arma deles era a montaria.

Resfolegando da cabeça aos pés, o sacabuxa ficou de pé. Um manto de enfeite, ensopado pela chuva, estava pendurado em suas laterais, moldando as escamas pedregosas que havia por baixo. Rob julgou uma benção que as nuvens e o aguaceiro silenciassem tanto o couro do dinossauro como a armadura do conde, toda esmaltada num turbilhão de azul, dourado e verde – um padrão que os anglos chamam, em geral sem afetação, de *paisley*. Diferente da maioria dos cavaleiros de dinossauros, o conde não apanhara nem criara sua montaria para que exibisse suas cores heráldicas. Elas ressoavam algo terrível.

Rob deu um suspiro profundo. Como senhor dos dinossauros, era sua função manter os monstros de seu mestre em forma, treinados e prontos para a guerra. Mas também era seu dever aconselhar seu empregador sobre como melhor utilizar em batalha seus inacreditavelmente caros dinossauros. O senso do dever convocava Rob a fazer justamente isso agora, o que não o deixava nada feliz.

Ele estaria cuidando do sacabuxa do conde naquele mesmo instante se o seu empregador não tivesse ordenado secamente que Rob e seus adestradores de dinossauros saíssem da frente e deixassem os preparativos finais para os escudeiros. Em sua sabedoria, os Criadores acharam adequado dotar os nobres que governavam Nuevaropa de força e coragem em vez de astúcia. Ou mesmo bom senso.

“Meu senhor!”, gritou Rob. Ele agarrou um estribo. Então, dançou para trás com uma leveza que desmentia seu corpo forte e pernas curtas enquanto o conde acertava seu rosto com uma chibata.

“Camponês comedor de merda! Ousa me tocar?”

“Por favor, senhor!”, Rob berrou, ignorando o que ele considerava ser uma questão improdutiva e cuja resposta seu empregador não gostaria de qualquer maneira. “Deixe-me tentar meu plano enquanto ainda há tempo.”

“Plano? Quer dizer roubar a glória de mim e dos meus cavaleiros? Cuspo nos seus esquemas desonrosos!” E ele o fez. O cuspe acertou Rob bem na bochecha. “Meus cavaleiros vão dispersar esses brutos como os gordos desenvolvidos que são.”

“Mas seus dinossauros esplêndidos, senhor”, insistiu Rob, pulando de um pé para o outro em agitação. “Eles vão acabar sendo empalados nos chifres daqueles monstros.”

Fechando o visor de seu bacinete de focinho largo – o que Rob achou estranhamente apropriado –, o conde acenou com uma luva de aço para seu arauto, que soprou um sinal de *avanço* na trombeta. Rob estremeceu. O arauto era incapaz de acertar as

notas melhor do que os mercenários do conde foram capazes de atingir os arqueiros do Rio Branco.

Rob recuou para evitar ser pisoteado quando o conde esporou o sacabuxa. Os cavaleiros conduziram as feras num trote oscilante em duas pernas, descendo o breve declive até a água.

“Você vai desordenar seus próprios cavaleiros quando passar pelas suas feras, seu estúpido filho da puta!”, Rob gritou para seu empregador, ciente de que ele não poderia escutá-lo. Quase.

*Nós não os chamamos de cabeças de balde*, ele pensou, limpando cuspe e ranho do rosto, *porque eles vão à batalha usando baldes*.

Apesar da urgência que batia em seu peito, empurrando as costelas para o lado, Rob só podia ficar e assistir ao desenrolar do drama. A chuva, as cristas de penas, bandeiras e os enfeites sombrios de cinquenta cavaleiros de dinossauros eram uma exibição audaz e bonita. Os arcos dos mercenários tinham parado de disparar. Para Rob, o único curso que faria sentido agora seria fugir a toda velocidade. Como senhor dos dinossauros e menestrel, ele sabia o quão pouco significa o *pagamento* para aqueles que estiverem mortos demais para desembolsá-lo.

Agora, de modo insano, as fileiras traseiras batiam diretamente de frente com seus companheiros que fugiam. Os brabanteres estavam entre as misturas étnicas do Império, unidos numa só Torre Menor, que dizia servir aos interesses deles. Mesmo assim ela era inferior às demais Torres: as grandes famílias que governavam Nuevaropa e seus cinco reinos componentes. Os brabanteres compensavam sua insignificância com a pujança. O que lhes angariou a reputação de atormentadores.

Os arqueiros do Rio Branco também tinham parado de disparar. Seus monstros estavam agora fora do alcance das setas. Evidentemente, Karyl se contentava em observar os eventos.

Estes aconteceram rápido. Enfim, os brabanteres puseram a cabeça no lugar. Eles pararam de lutar uns com os outros e,

como se fossem um só, fugiram. Só para verem despencar sobre si todo o enorme peso da ala direita de seus próprios empregadores.

Enquanto os hadrossauros esmagavam os mercenários entre gritos, guinchos e vapores de condensação, as tropas a pé da Legião voltaram a avançar. De seus howdahs, arqueiros e arqueiras lançaram uma nova saraivada de flechas.

Com um zumbido grave e pulsante, elas acertaram os cavaleiros de dinossauros do conde. Flechas ricochetearam nas placas da cavalaria, mas os bicos de pato gritaram quando os projéteis penetraram o couro grosso. Rob supôs que os arqueiros tinham usado flechas com ponta de ferro.

Já atrasados pelos arqueiros, os cavaleiros de dinossauros perderam todo o embalo num caos de caudas serpenteando e corpos recuando. Monstros feridos emitiam sons musicados, afogando os gritos dos cavaleiros arrancados das selas e esmagados pelas passadas.

Rob levantou o punho direito para saudar o conde, um único dedo erguido. Era um antigo sinal, ele disse a si mesmo, e sagrado para sua deusa patrona Maris, no final das contas.

Então, ele virou as costas e seguiu para o leste. Brigar com seu empregador seria desperdício. Agora, ele mesmo teria de executar seu plano.

# OS SENHORES DINOSAUR<sup>DOS</sup>



– 2 –

**Morión, *Morion*** – *Corythosaurus casuarius*.

*Um hadrossauro de espaldar alto, 9 metros de comprimento,  
3 metros na altura dos ombros, 3 toneladas.*

*Uma das montarias de guerra favoritas de Nuevaropa,  
batizado pela semelhança de sua crista redonda a um morrião.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

Correr por um lamaçal escorregadio que fedia a mijo mostrou-se quase tão desafiador quanto fugir de hadrossauros de três toneladas, e tão horripilante quanto. Rob tropeçou uma vez e escorregou outra, sendo revestido no lodo fedorento marrom antes de chegar a um terreno onde havia grama suficiente para conseguir ficar em pé.

Antes mesmo de subir num montículo de terra para avistar o curral que construía para conter seus animais, ele escutou grunhidos e rosnados malignos, compostos por um guincho ímpar de aborrecimento. Nos bosques no alto do declive, seu

chifre de foice, a Pequena Nell de pele azul malhada e chifre cinza, tinha metido o focinho com o pequeno chifre grosso e curvo num arbusto florido de bagas. Uma corda de couro grossa prendia a perna dela a uma árvore próxima.

Na paliçada, quatro jovens locais se empoleiravam. A chuva caía sobre as camisas esfarrapadas tingidas pela sujeira e a flora de todos os lugares onde eles haviam estado. Eles se esticavam freneticamente para ver rio abaixo, num esforço de assimilar de uma só vez todo o terrível espetáculo.

Rob tinha derrubado as árvores para o curral na floresta, atrás do acampamento dos Príncipes. Seu einiossauro as arrastara até ali. Qualquer senhor dos dinossauros digno de nota era um pioneiro velhaco e capaz.

O curral era forte. Seus doze ocupantes já estavam quase cegos, com cérebros tão fracos quanto os olhos. Como a maioria dos dinossauros, eles não desafiariam uma barreira que *parecesse* sólida. Mas poderiam estragá-la.

Rob ergueu a cabeça ao escutar novas trombetas e tambores. Os cavaleiros de dinossauros do conde finalmente haviam atravessado o rio, deixando rastros de ferrugem ao passar. Eles deixaram para trás a maioria dos mercenários brabanteres e meia dúzia dos cavaleiros na margem como destaques vermelhos na lama e montes de aço amarrotados.

Os bicos de pato debandados pelos arqueiros do Rio Branco tinham atropelado os cavaleiros de Olhos Escarpados como pedregulhos arremessados por enormes e improváveis catapultas. Em vez de uma massa sólida, os dinossauros eram um rebanho disperso. Mesmo assim, aquela irresistível agressão dos cabeças de balde levou os sobreviventes adiante.

Direto para os chifres dos tricerátos de Karyl.

Morriões esplêndidos e sacabuxas espalhafatosos gritavam de agonia enquanto chifres encapados em aço afiado empalavam peitos e gargantas. Alguns se afastaram das pontas terríveis, somente para terem as barrigas desprotegidas dilaceradas. Os

tríplices, sempre ávidos por uma luta, abaixavam as gigantescas cabeças prontas para a chacina com alegria selvagem. Hadrossauros feridos caíam guinchando, levantando respingos mais altos do que as guaritas de combate presas às costas dos destruidores.

Enquanto isso, os arqueiros em seus howdahs cobertos de ripas, que usavam chifrudos encouraçados como blindagem, mantinham a tempestade de flechas em alta intensidade. Àquela distância, os projéteis penetravam qualquer armadura.

Arqueiros e arqueiras miravam nas aberturas para os olhos dos capacetes e pontos fracos nas juntas. Alguns apanhavam lanças quando os alvos se mostravam em declives onde suas montarias não conseguiriam ir. Os lanceiros de Struthio, montados em animais velozes, flanquearam aos montes a Comitiva dos Príncipes, atacando como vespas com dardos, flechas e setas.

Voyvod Karyl montava entre os inimigos. Rob viu Shiraa arrancar um braço com armadura segurando uma espada e jogá-lo longe como um cachorro brincando com um osso. A lâmina de Karyl brandia como uma chama prateada. Onde ele atingia, nobres caíam.

Rob balançou a cabeça. Chuva e lama voaram do cabelo. “Eu disse, seu idiota”, ele murmurou para seu empregador. Que estava longe demais para escutar e, sem mencionar, preocupado. E ele não teria escutado de qualquer maneira.

Agora, Rob viu-se tendo que encarar o dilema clássico do senhor dos dinossauros: acima de todas as coisas, ele amava dinossauros, o maior e mais místico de todos as obras dos Criadores. Contudo, cabia a ele prepará-los para destruírem uns aos outros. Como sempre quando assistia a uma batalha que ajudara a concretizar, Rob Korrigan se exultava e desesperava ao mesmo tempo.

Mas o pior – muito pior – estava por vir. Ele sabia, pois seria ele quem o traria.

Passando a mão no rosto para limpar a sujeira, Rob virou-se e gritou para os ajudantes trazerem as tochas vermelhas que deixara em cestas de alcatrão cobertas para serem mantidas secas, e os chifres de estanho baratos que comprara de um vivandeiro que seguia o acampamento.

“Minha vez, rapazes”, ele falou.

“Você realmente acha bonita, Jaumet?”, perguntou Pere. Sua constituição leve era evidente, apesar de trajar uma armadura completa branca esmaltada. Seus olhos eram grandes e escuros, com cílios longos, num rosto endiabrado. Ele tinha cabelos negros mais curtos que os do capitão, do comprimento de um dedo. A chuva grudava em sua testa de forma atraente.

Jaume Llobregat, conde de Flores e capitão-general da Ordem dos Companheiros de Nossa Dama do Espelho, levantou o rosto para a chuva morna. Ele correu ambas as mãos pela face e pelos cabelos alaranjados que caíam na altura dos ombros. Saboreava aquilo tudo – a sensação de pele contra pele, a textura do cabelo encharcado e o fluxo da água nele. Até mesmo os odores de um grupo de hadrossauros nervosos: tudo.

A sensualidade, para ele, era um dever religioso.

Suspirou.

“Realmente acho”, ele disse. Separada dos outros Companheiros e de suas montarias gigantes reunidos na metade do caminho da cordilheira chamada Gunters Moll, a dupla falava catalã, a língua de sua pátria. “Que a Bella Dama perdoe-me, mas acho. Todos sabem o quanto a guerra é horrível de perto. Mas desta distância...”

Ele apontou para a carnificina no rio. “Sim, uma beleza terrível. Não obstante, beleza.”

Pere balançou a cabeça. “Você é melhor em encontrar beleza na feiura do que eu.”

Embora Pere tentasse manter cuidadosamente um tom de conversação, Jaume escutou o taciturno meio tom. Eles haviam crescido juntos e eram melhores amigos muito antes de se tornarem amantes.

Ele sorriu na esperança de aliviar o humor de Pere.

“Talvez. Afinal, a vida não é sempre uma questão de separar o belo do hediondo?”

“Se ao menos todas as coisas fossem belas”, Pere disse.

“E se fosse o caso, querido amigo? Nós lutamos para deixar este mundo mais belo. Mas jamais daremos fim à feiura. Deveríamos ter alguma esperança disso? Você é um mestre pintor. Uma ilustração não tem menos sentido sem o chão? Sem a feiura como contraste, como poderíamos perceber a beleza? Não é o feio que dá sentido ao belo?”

Pere deu uma sacudida impertinente com a cabeça. “Você sempre tem razão.”

Jaume pôs a mão na ombreira que protegia o ombro esquerdo do amigo, sentindo o aço curvo e as gotas de chuva que caíam na superfície lisa.

“Não gostaria eu que isso fosse verdade? De qualquer modo, quando tenho a sorte de estar certo, não quer dizer que você esteja errado, quer?”

Pere olhou para o lado. Ele sempre ficava carrancudo antes do combate. Não gostava de batalhas. Acontece apenas que ele era muito bom nelas.

Mas Jaume sabia que algo mais estava debilitando a compostura do amigo.

“Como amo esta chuva!”, uma voz sardônica disse de trás. Ele virou-se para ver mor Florian aproximar-se, parecendo apenas levemente estranho enquanto tentava superar o declive com grama molhada e lama com seus sapatos de metal, ou escarpes. Seus cabelos loiros, normalmente presos, oscilavam como uma bandeira molhada sobre seus ombros.

“Como pode gostar da chuva?”, perguntou o ruivo Manfredo, que estava próximo, conversando com seu amante, mor Fernão. Ex-estudante de direito da distante Talia, na Basileia de Trebizon, Manfredo adorava a Ordem tanto quanto a Beleza. Como tal, ele desconfiava de Florian, que, para ele, parecia representar o oposto.

Florian sorriu.

“Considere a alternativa. Ser cozido vivo em nossos fogões de aço portáteis.”

Os outros riram. Até Pere relaxou. Sua mão, enfim, buscou Jaume e foi recebida com alegria. Embora de aparência delicada, ela tinha a força de um cabo de aço e os calos deixados pelas ferramentas de suas três excelências: o pincel, o violão e a lâmina.

*Sei o que o atormenta, velho amigo, pensou Jaume. Você teme nosso retorno à corte imperial em La Merced. Mas se meu tio aceitar meu pedido e eu me casar com Melodía, as coisas não precisarão mudar entre nós.*

Ele balançou a cabeça. Aquilo era estúpido. O problema não era com a princesa imperial, sua outra melhor amiga e amante – astuta e espirituosa, com sua pele de canela, divertidos olhos cor de avelã e cabelos vermelhos como vinho.

Ciúme era considerado um defeito em Nuevaropa, particularmente no sul cosmopolita. Mas ele sempre corrou Pere. Agora, ameaçava consumir a amizade deles.

“Mensagem para meu senhor, conde Jaume!”

Flanqueando Gunters Moll, passando as fileiras dos Irmãos Ordinários, guerreiros com lâminas e armaduras de pé ao lado dos seus cavalos, vinha cavalgando um jovem pajem no uniforme de von Rundstedt. Sua grande montaria de plumagem azul parecia voar sobre a grama escorregadia.

“Abram alas! Trago uma mudança de planos para o venerável capitão-general!”

“Já era hora”, disse Jaume. “Bartomeu, por favor?”

Ele andou na direção da própria montaria, a bela morion Camellia, branca e marrom. Ela inclinou-se para frente nas patas dianteiras, mergulhando delicadamente o estreito focinho nas ervas. A raça dela era estranhamente graciosa, apesar da forma como seus pescoços curtos enfatizavam a corpulência. Ela carregara Jaume por muitas aventuras desesperadas; ele a amava como a uma filha.

O loiro Bartomeu, escudeiro de Jaume, correu para prender o protetor facial do capitão na nuca, protegendo a garganta e a parte inferior do rosto. Então, pôs Camellia de barriga no chão com palavras gentis e pressionou as rédeas para permitir que Jaume montasse.

“O que isso pode significar, Jaume?”, Pere perguntou, enquanto seu próprio escudeiro abaixava Teodora, sua sacabuxa malhada de branco e preto.

“Uma mudança no plano de batalha?”, disse Florian. “Como? Parece-me bastante direto: espere que os trichifres do Rio Branco acabem com os cavaleiros dos Príncipes, então persiga os sobreviventes até as colinas. Fácil, agradeça à Dama. O que há para mudar?”

“Seja o que nosso líder ordene, temos de obedecer”, entoou Manfredo. A beleza dele era atrapalhada pelo queixo quadrado e uma tendência ao moralismo.

As patas traseiras com longos dedos da montaria se arrastaram até pararem ao lado de Jaume. Seu jovem cavaleiro, de olhos azuis e traços nórdicos por sob os cabelos quase brancos, sorriu para Jaume ao entregar-lhe um pergaminho selado com cera.

“Se acha que vai abrir caminho até os Companheiros por meio da sedução”, Florian disse, “pense duas vezes.”

O garoto corou furiosamente.

“Floria, seja gentil”, Jaume alertou. “Muito bom, garoto. Obrigado.”

O mensageiro balbuciou agradecimentos e voltou para o alto da colina o mais rápido que sua forte montaria de duas pernas pôde

carregá-lo. Jaume franziu a testa diante do carimbo real na cera índigo do comandante imperial, marechal-prinz Eugen. Ele se perguntou a mesma coisa que Florian. Com uma apreensão curiosa subindo pelo pescoço e bochechas, quebrou o selo, desenrolou o pergaminho e leu.

Um calafrio o atingiu como o vento invernal que sopra das Montanhas Blindadas em sua terra natal. Ele leu as poucas linhas de caligrafia obsessivamente elegante três vezes, piscando por causa da chuva. As letras não se reorganizaram numa ordem mais agradável. Amassando o pergaminho, o jogou no chão. Sentiu olhares assustados. Era um gesto incomum.

“O que é isso?”, Pere inquiriu.

Não confiando em si próprio para falar, Jaume virou-se e subiu na sela de Camellia. Esporando-a gentilmente, a pôs de pé. Ela ergueu a cabeça com a grande crista laranja redonda e cheirou o ar avidamente. Como todo bom hadrossauro de guerra, Camellia dava boas-vindas à batalha.

Jaume se inclinou e apanhou o capacete curvo com um rabicho que Bartomeu entregava. Um pajem estava de prontidão segurando a lança e o escudo de Jaume. Ele apanhou ambos.

Postando o capacete na curvatura do braço, ele encarou os cavaleiros. *Tão poucos, tão corajosos, tão belos*, ele pensou. Eles eram apenas dezesseis dos vinte e quatro que a Igreja permitia à sua Ordem. Muitos mais Companheiros do que esses já haviam passado pelas suas fileiras, fadados à aposentadoria inválida ou ao passo seguinte da Roda.

*Quem se unirá a eles hoje?*, ele se perguntou. *Se chegou minha hora de me juntar à minha Dama, não terei arrependimentos. Vivi uma vida na beleza.*

“Irmãos”, ele conclamou, postulando a voz. “Sigam minha liderança, não importa o que eu faça.”

Os outros o encararam. “O que mais faríamos?”, Florian perguntou em descrença.

Jaume balançou a cabeça. “Nunca pedi que fizessem uma missão como esta antes. E rezo a nossa Dama para que jamais peça novamente.”

“Vamos, garota! É por aqui!”

Castigando o flanco da Pequena Nell com um galho de salgueiro – que não a machucava; para tanto, seria preciso o cabo de um machado, ou melhor, um machado –, Rob dirigiu a chifruda de uma tonelada e meia até o rio. As correntes em volta do pescoço dela retesaram. Com um grunhido, a parte da parede tombou para fora e, então, caiu com um baque e um respingo.

Os dinossauros encurralados soltaram urros de perturbação alarmada. Apanhando o cabresto atrás do chifre preso ao focinho de Nell, Rob subiu a correnteza o bastante para se distanciar. Então, ele retirou as correntes e deixou-as cair na água.

Deu um tapinha na enorme chifruda. Bufando e movendo a cabeça, ela trotou por vinte metros, espirrando água, então virou-se e seguiu rápido para a margem. Ela andaria um pouco pelos bosques e pastaria; Rob conhecia bem sua montaria.

“Tudo bem!”, ele gritou para seus jovens ajudantes. “Vão atrás deles!”

Na parede interna os quatro jovens de Olhos Escarpados sopraram chifres entusiasmados e acenaram tochas que estalavam, fumegavam e faiscavam na chuva agora esparsa. Apesar das circunstâncias, o som fez Rob estremecer.

*Esses idiotas não são capazes de achar o tom nessas porcarias de instrumentos? Mas não era hora de bancar o artista. Ele tirou um chifre fino do cinto e o soprou tão firme quanto eles.*

O rebanho de rabos com clavas que ele passara a semana anterior reunindo e pastoreando com cautela atrás do exército dos Príncipes fluiu pelo canal. *O Livro dos Nomes Verdadeiros* os chamava de pinacossauros. Uma raça menor de anquilossauros,

com não mais do que cinco metros de comprimento e costas arredondadas de blindagem óssea da altura dos ombros de Rob. Eles traziam duas aterrorizantes clavas feitas de ossos na ponta das caudas.

Que brandiam sinistramente de um lado para o outro. Os brutos estavam realmente bravos. Naquele estado, sua primeira reação era esmagar algo. A segunda e a terceira também. Acima de tudo, os rabos com clavas temiam duas coisas: fogo e barulho. Lançando mão de ambos, os garotos os tinham levado até o rio. Rob esperava que o horrível som do chifre, mais o senso afiado de saber quando pular e para onde – o que era parte do repertório de qualquer senhor dos dinossauros – evitaria que os monstros descontassem a ira *nele*.

Com as cabeças encouraçadas abaixadas, os rabos com clavas investiram contra o incômodo. Esperando que os jovens se lembrariam do que ele lhes dissera e realmente o *fizessem*, Rob correu ao lado da manada, soprando o chifre de forma insana.

Um grito de muitas vozes, mas, na verdade, uma só nota – um zumbido de desespero – erguia-se à esquerda dos Príncipes. Guerreiros, fora das montarias e sem capacetes, se moviam ao largo da margem espirrando água. Numa bandeira de seda estendida entre eles, as cores outrora gloriosas imundas, eles carregavam a forma flácida do conde.

Uma seta escura, com duas penas cinza e uma branca da Legião do Rio Branco, fincada na abertura do olho direito do bacinete, dizia tudo.

O punhado de cavaleiros de dinossauros rebeldes que sobrevivera aos trichifres estava em plena retirada. A cem metros do rio, mil homens sentados em cavalos de guerra se inquietaram e reviraram os olhos quando os monstros passaram a oeste deles. Postados para perseguir e acabar com inimigos que fugiam dos hadrossauros de guerra do conde, eles agora se viam tendo de encarar toda a fúria jubilosa dos tríplices da Legião do Rio Branco.

Karyl montava Shiraa na dianteira, reordenando os monstros num bloco compacto recoberto de chifres. Embora alguns daqueles castelos de combate tivessem perdido seus montadores, até onde Rob podia ver, nem um único tríplice tinha tombado.

As trombetas da Legião soaram. Os tricerátos investiram de novo, implacáveis.

Os rabos com clavas estavam galopando agora, atravessando poderosamente a água. Rob e seus ajudantes pararam com a água na altura dos joelhos para assistir. Eles não queriam estar próximos daquilo que estava prestes a ocorrer.

Cabeças colossais dos tríplices se agitavam e rugiam. A visão deles não era boa, mas farejaram antigos inimigos. E os rabos com clavas os farejaram.

Disputando o mesmo pasto de modo paranoico e belicoso, rabos com clavas e tríplices eram singularmente adequados para ferirem uns aos outros. Tríplices podiam virar os monstros de barriga para cima para abrir as barrigas macias com os chifres, mas na curta distância, os anquilossauros podiam esmagar os joelhos de um tricerátoto com suas enormes caudas-porretes. Eles podiam até passar por baixo de um tríplice para acertar as partes internas vulneráveis das pernas.

Essas coisas começaram a acontecer. Num piscar de olhos, a disciplina de ferro da Legião foi despedaçada. Olhos rodando de terror, os tricerátos fugiram daquelas caudas terríveis. Os castelos de combate fugiram dos rabos com clavas e tombavam nas águas, carregando seus passageiros para um destino horrível.

Rindo e chorando, Rob Korrigan dançou na água suja de sangue. O que ele sentia não podia ser descrito nem mesmo por sua língua de bardo.

Ele desprezava todos os nobres com uma bela falta de discriminação. Com uma exceção: voyvod Karyl Bogomirskiy, o lorde que era seu próprio senhor dos dinossauros, um artista

inigualável no uso de dinossauros na guerra. O herói que cumprira sua missão lendária.

Agora, com a assustadora manobra, Rob estava derrubando a invencível Legião do Rio Branco de Karyl. E aleijando e matando as coisas que Rob mais amava em Paraíso. Eram triunfo e profanação de uma só vez.

“O que estão esperando, seus covardes com roupas de latão”, ele berrou para as fileiras imóveis da cavalaria da Comitiva dos Príncipes que, sem sombra de dúvida, não poderiam escutá-lo. “Dei a vitória de mão beijada para vocês. Apanhem-na! Apanhem-na, e *saboreiem*, porra!”

Se afogando em soluços, ele caiu de joelhos. Catarro escorria de suas narinas.

À sua direita, a luta se extinguiu. Rob viu a infantaria de camponeses dos Príncipes voltar para o sul, para fora do Hassling, mas sem a urgência louca da derrota. As fileiras de nodossauros marrons continuavam inexplicavelmente paradas na margem norte, firmes atrás de um monte de cadáveres. Eles não demonstravam sinais de partir na tradicional perseguição e massacre.

Lá embaixo no rio, agora livre, diversos cavaleiros de dinossauros cavalgavam. Rob observou espantado. Liderando-os vinha o impetuoso jovem duque Falk von Hornberg, da Comitiva dos Príncipes. Sua montaria, Floco de Neve, era o dinossauro carnívoro mais temido de toda a Terra de Afrodite, um rei tirano – o tiranossauro rex, importado para Nuevaropa. Albino, Floco de Neve era pequeno para sua raça, não era maior do que Shiraa, porém mais encorpado. Se era um mero anão ou ainda adolescente, Rob não sabia.

Oscilando atrás dos hadrossauros que trotavam nervosamente atrás do grande carnívoro branco, Rob viu bandeiras imperiais misturadas implausivelmente às dos Príncipes rebeldes.

“Em nome dos Fae, o que está acontecendo aqui?”, perguntou Rob. Ele ficou de cócoras na lama para observar.

Da margem norte, um poderoso desfile surgiu. Com armaduras brancas reluzindo até mesmo ao sol insignificante, os Companheiros trotavam para ajudar a Legião de Karyl. *Aquilo* despertou a alma de Rob: se ele admirava outro nobre além de Karyl, era o conde Jaume.

Claro, aquela intervenção de um punhado de Cavaleiros de Dinossauros, com quinhentos grandes cavalos atrás, podia atrapalhar o grande e pérfido sucesso do plano de Rob. Mas ele tinha feito tudo o que podia. Agora, preparava-se para assistir ao desenrolar dos eventos com a visão de um apreciador – e com a feliz antecipação do tinir da prata em sua caneca pela canção que comporia sobre *aquilo*.

Jaume, o rosto protegido por um capacete, mas cuja famosa montaria, Camellia, era inequívoca, apontou a lança e atacou. Após o que pareceu ser um momento de hesitação, seus Companheiros o seguiram. Como se fossem um só, os hadrossauros abriram os bicos num rugido.

Nenhum som saiu – não que um humano pudesse escutar. Rob recuou com os olhos fechados quando a rajada lateral o atingiu como um punho invisível.

Quando ele os abriu novamente, recusou-se a acreditar no que via.

Não eram os cavaleiros de dinossauros que recuavam e batiam cabeças, vazando sangue de buracos abertos. Eram os tripulantes dos castelos de guerra de Karyl.

Protegidos na dianteira contra o grito de guerra silencioso dos hadrossauros, quase todos os tríplices estavam de costas para os Companheiros. Eles também sofreram os efeitos plenos do terremoto: medo, tímpanos explodindo, até lesões nos pulmões. Um tricerátopo se desgarrou, jogando homens e mulheres em ondas pelo rio.

Os Companheiros investiram diretamente contra eles.

Rob estava irrequieto. “O que é isto?”, ele gritou. “Traição?” Não sabia que outro nome dar.

O ataque-surpresa pegou os mercenários já desordenados totalmente indefesos. Ainda que àquela altura os rabos com clavas tivessem aberto caminho até a margem norte e seguido para as matas, a Legião não teve chance. Por mais formidáveis que fossem os chifres dos tricerátos, eram ineficazes contra o inimigo que tinham diante de si. Até os Ordinários dos Companheiros empreenderam execuções cruéis, seus cavalos parecendo brinquedos enquanto cortavam com espadas e machados os tendões dos colossos chifrudos.

Karyl esporou Shiraa, respingando água na fuga, tentando desesperadamente reunir os tríplices sobreviventes a oeste. Aquela direção era a única chance de escapar.

Sua matadora ficou lado a lado com uma alabarda Companheira. O hadrossauro branco e verde tigrado era maior; Shiraa tinha dentes. Embora seus olhos demonstrassem medo diante de uma crista com uma lâmina redonda na frente e uma lança na traseira, o lambeossauro não recuou. Os Companheiros treinavam as montarias para superarem até mesmo a essência do terror de carnívoros maiores. De fato, a alabarda poderia derrubar facilmente a delgada Shiraa.

Mas a lâmina de Karyl brandiu certa através da fenda do olho do capacete fechado do Companheiro. O cavaleiro branco caiu. Sua montaria fugiu em desespero.

Falk e Floco de Neve caíram sobre o chefe mercenário vindos do ponto cego. Para Rob, foi uma superabundância de espanto: uma vez que montarias carnívoras eram tão raras, elas quase nunca se encontravam em batalhas.

De algum modo, pressentindo o perigo, Karyl girou Shiraa no sentido horário. Floco de Neve atacou antes. Suas enormes mandíbulas arrancaram um naco de carne do ombro direito de Shiraa.

A matadora gritou. Sua carne ferida fumegou na chuva, que começara a despencar fortemente.

O machado de guerra de Falk acertou o capacete enfeitado de Karyl. Amolecido, Karyl Bogomirskiy caiu na torrente espumante e desapareceu.

Por um momento, Rob pensou que Shiraa defenderia seu mestre. Ela e Floco de Neve trocaram rosnados de ira pelas bocas repletas de dentes.

Cavaleiros de dinossauros, dos Príncipes e do Império, se aproximaram. Relutante, Shiraa se afastou. Com um lamento de dor, ela fugiu correnteza abaixo.

A chuva aumentou, obscurecendo a visão de Rob. Ou seriam lágrimas?

Rob Korrigan ficou de joelhos no rio imperdoável. Ele chorava pelas belas e maravilhosas feras e pela derrocada delas. E se amaldiçoava pelo papel que desempenhara naquilo tudo.

“O que foi que eu fiz?”, ele soluçou. “O que foi que vendi?”

Ergueu os punhos para o céu plúmbeo. “*E o que foi que isso me comprou?*”

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 3 –

***Horror, Perseguidor*** – *Deinonychus antirrhopus.*

*O maior grupo de caça raptor de Nuevaropa: 3 metros, 70 quilos.*

*As plumagens distinguem raças diferentes: escarlate, azul, verde e outros horrores. São feras inteligentes e más, tão favoritas para caça e guerra quando domesticadas quanto temidas quando selvagens. Alguns dizem que um grupo de deinonicos é mais mortífero que um alossauro adulto.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

A primeira coisa que ele conheceu foi dor.

A agonia latejava na sua mão esquerda como o bater de um tambor. Ele a puxou às cegas. Uma pegada fria e emborrachada resistiu.

Ele tornou-se ciente de um frio envolvendo todo o seu corpo que sugava qualquer força que lhe restara. Um fedor de decadência, vasto como uma lenta onda do mar. Um cheiro mais concentrado de sujeira, fezes e gordura, trazido pelo vento.

Grunhindo de forma cadenciada pelo esforço. A dor chegava à raiz de seu dedo.

Por último, veio a luz sobre pálpebras seladas em vermelho. Tentou abrir os olhos, mas eles se recusaram. A dor na mão era rítmica, insistente. Sua cabeça doía.

Ainda sem saber quem o fizera, desejou que seus olhos abrissem. Foi difícil. As pálpebras separaram como uma ferida reaberta. Percebeu que elas tinham sido coladas por sangue seco. Alguma partícula na pálpebra inferior raspava o orbe esquerdo.

As nuvens estavam mais escuras e baixas que de costume. Ele ficou entre os juncos, meio submerso na água fria. Indistinta contra o céu negro, uma figura imunda e fatigada vasculhava o rio, serrando o dedo do anel dele com uma faca. A lâmina, aparentemente, não estava muito afiada.

Ele tentou puxar a mão. Soltando um berro, o saqueador recuou. Olhos negros abertos em fúria e alarme por trás dos cabelos oscilantes. A faca brilhou contra o rosto dele. Ele caiu de costas na água, ainda preso ao saqueador pelo punho. Abaixou a mão direita para se escorar. Seus dedos encontraram algo duro, cruciforme. Antes que percebesse de forma consciente que era o cabo de uma espada, ele já o apanhara e atacava.

O impacto estremeceu seu braço. Sangue cobriu o rosto num borrifo quente e denso. O saqueador tornou a berrar e caiu para trás, espirrando a água verde que, aos poucos, foi ficando cor de ferrugem.

Distraidamente, o homem limpou o nariz e as bochechas, descobrindo no processo um restolho de barba. Pareceu familiar.

Os esguichos do saqueador diminuíram. O homem olhou para a espada em suas mãos e grunhiu. A lâmina estava cortada a meio metro do cabo ornamentado. Mas tinha bastado.

Agora rígido, o corpo do saqueador flutuava de costas, os braços estendidos, a testa mergulhada na água, cercado pelo cabelo como uma auréola de ervas. Ao ver os seios magros e

caídos, presos à barriga com uma tira de couro, o homem percebeu que matara uma velha.

A percepção evocou pouca reação, além de ódio por aqueles que se aproveitavam dos indefesos. A flora e a fauna de Nuevaropa eram tão abundantes que passar fome era difícil. Para ser honesto, forragear tinha seus riscos – como qualquer outra coisa – mas não fora a fome da barriga que levava aquela criatura a tentar mutilá-lo. Ou matá-lo, quando ele teve a temeridade de despertar.

Ele examinou a mão ferida. O terceiro dedo trazia um anel dourado pesado que exibia uma cabeça de um tríplice em relevo. Uma linha de sangue circulava sua base. Olhando mais próximo, ele percebeu que a ferida era superficial, mas grosseira. Como ele suspeitava, a faca da saqueadora estava cega.

Era provável que ela tivesse uma sacola de tesouros roubados consigo, agora afundados com ela na água. Isso despertou indiferença total. Ele estava além de qualquer desejo por ouro agora.

*Sobreviver* era outra questão. Talvez. Ele sentiu vagas agitações de alarme.

A dor em sua cabeça era ainda mais persistente que a da mão. Ele estendeu a mão cautelosamente.

As pontas dos dedos encontraram cabelos cortados rente. O lado direito do crânio estava úmido, mole; ele se perguntou se poderia ser um ferimento. A dor atrás dos seus olhos, que descia até o estômago, não o encorajou a sondar mais.

Ele sentiu a primeira estocada de emoção verdadeira: temor de que poderia tocar a superfície exposta do próprio cérebro.

Ele sabia onde estava, de forma geral. Lembrava-se de fatos sobre as cercanias, o mundo natural, a estrutura e funções do corpo. E, claramente, também como manejar uma espada com a mesma naturalidade que respirava; ele a transferiu para a mão esquerda sem um pensamento consciente. Mas o que estava

*fazendo* ali, nu nas margens de um rio largo, sob céus tempestuosos, era um mistério para ele.

Assim como exatamente quem deveria ser.

A urgência começou a agitar suas entranhas. A vida não estava exatamente provando ser atraente, agora que ele fora despertado, mas o animal interior desejava desesperadamente se agarrar a ela.

Ele levantou-se da água. Instável, sobre as pernas trêmulas vestidas de azul e branco, olhou ao redor. O mundo se aclarava à sua volta, como que convocado a existir pelo ato da observação: as margens de um rio, cercado por ervas daninhas verdejantes. A lama além, esmagada pelos pés de muitos homens e feras monstruosas. Um declive coberto de vegetação que levava a uma floresta. O ar refrescou sua pele.

O odor de carne podre era profundo.

Um ruído de algo rasgando o fez virar-se espirrando água, a espada de prontidão. A quinze metros de distância no rio, correnteza abaixo, havia um bico de pato morto. No calor úmido, os gases de decomposição já estavam inchando o corpo. Um couro outrora glorioso, escarlate, laranja e dourado, era agora rosa desbotado, ocre e marrom. Um pequeno alado sem cauda se empoleirava em cima da pele marrom, arrancando um naco de carne com o bico.

Por todos os lugares havia cadáveres de homens, cavalos e dinossauros apodrecendo. A menos de vinte metros dele, um tricerátopo estava deitado de lado na grama, os olhos vazios. Ao lado dele, um castelo de combate com as laterais e estrutura quebradas pela queda do monstro. Inexplicavelmente, a visão dos dinossauros mortos fez seu coração comprimir e levaram lágrimas aos olhos.

*Quem sou eu?, ele se perguntou, para usar um anel pelo qual estariam dispostos a me matar e para chorar a morte de uns dinossauros?*

Pouco importava agora. Agora, ele não era ninguém, despido e fedendo, com uma rachadura no crânio, perdido.

Era manhã. Ele observou a partir da sensação e da cor da luz difusa do sol e pela forma que as sombras tênues se inclinavam para o leste. Os músculos do pescoço rangeram e os ossos estalaram em protesto, como se esperassem jamais voltarem a ser usados novamente, quando ele virou-se rio acima.

A carnificina era maior naquela direção. Indistintos pela distância e pela névoa que o rio cuspia, homens se moviam pelas margens, sozinhos ou em grupos pequenos. A maioria a pé; alguns montavam cavalos. Ele não viu dinossauros de guerra vivos, tampouco algum grande carnívoro atraído pelo banquete.

Estranhamente, aquilo o entristeceu mais do que aliviou.

O medo o atravessou: *Você não deve ser encontrado!*, pensou.

Quem quer que fossem, ele teve plena certeza de que aqueles homens iriam feri-lo se soubessem que estava vivo. Sentindo dor, foi até a margem e seguiu cambaleando corredeira abaixo através da neblina.

A volta da circulação fez as pernas formigarem primeiro como agulhadas, depois apunhalando como facadas. Conforme se forçou a um trote dissonante, sua pulsação acompanhou as passadas. Os martelos batendo nas têmporas também.

Da neblina densa diante dele, surgiu uma silhueta escura, compacta e encapuzada. Ele parou, embora seus membros tenham gritado em unísono que, se ele perdesse o embalo, poderia jamais retomá-lo. Por três batidas do coração, cada qual ameaçando explodir seu crânio, ficou observando, com a cabeça inclinada para um lado e a boca aberta arfando.

A figura não se moveu, aguardando.

*O que tenho a perder?*, o homem se perguntou de forma amarga. Ele se aproximou. Não conseguia propriamente andar, mas somente coordenar razoavelmente um avanço.

Ele sabia que não era um homem muito grande. A figura que o aguardava era ainda menor. Apesar do manto que a cobria ser

bastante largo, seu comportamento dizia que se tratava de uma mulher.

A voz da aparição confirmou: “Um momento voyvod Karyl”, ela disse, feminina e baixa.

“Voyvod Karyl”, ele repetiu lentamente. As palavras pareceram ecoar dentro do clangor em seu crânio. Ele tocou a cabeça. “Acho que ele está morto.”

A encapuzada assentiu: “Eu sei. Por isso falo com você. Falo somente com os mortos.”

“Você é... a Testemunha?”, ele perguntou. Histórias infantis, lembradas pela metade e menos ainda acreditadas, voltaram à sua memória como vozes esmorecidas, ouvidas ao longo de um corredor.

“Sou. Tento observar todos os grandes eventos deste mundo.”

“E jamais interferir”, disse o homem.

Ele não se identificou com o nome que ela havia lhe dado; nenhuma noção daquele homem ou de seu passado. Suas memórias estavam conturbadas demais, dolorosas demais, para tentar forçar algum tipo de foco.

“Exato”, ela confirmou.

“Não é possível. A Testemunha não pode ser real. Ouvi falar de pessoas que viveram até dois séculos. Não mais que isso.”

“Os Criadores me fizeram diferente”, ela respondeu.

Ele soltou um crocito rígido, o mais próximo que poderia de uma gargalhada.

“Os Criadores também não existem. Meus ferimentos estão fazendo com que eu delire. Bem, mito, o que quer de mim?”

“Conhecimento”, ela afirmou.

“Você deve ser farta dele. Se for mesmo a Testemunha, é tão velha quanto o mundo.”

Ele falou de modo abrupto, pois mortos não precisam ter tato. Lembrou-se que o homem que fora também costumava ir direto ao ponto.

“Mais velha”, ela respondeu. “Sete séculos não é muito para o assunto que estudo. Mal é um começo.”

“O que posso ensinar a você?”

“Quero saber o que significa ser humano.”

“Comparado ao quê?”

“Morto ou não, isso não posso responder”, ela falou.

“Estou despido e com frio”, ele ralhou. “Minha boca está tão seca quanto o resto de mim está ensopado. Eu beberia e, sem dúvida, comeria, se meu estômago não estivesse em total revolta. Minha cabeça parece que vai partir ao meio. Há alguém me caçando e não sei quem é. Duvido que tenha tempo para contar muita coisa a você.”

“Você não tem tempo algum, lorde Karyl”, ela respondeu. “Mas cada conversa com os condenados, por mais breve que seja, expande meu conhecimento.”

“Nascemos em dor e trepidação. Parece que morremos da mesma forma, contudo, por algum motivo insondável que ainda careço descobrir. Gostamos de imaginar que podemos viver em algum tipo diferente de estado. Seja qual for essa ilusão, não sei mais do que você sobre ela.”

“Você é eloquente para um homem em sua condição. As histórias que narram sobre você fazem sentido.”

Ele acenou uma rejeição com a espada quebrada: “Digam o que disserem, são tudo mentiras agora.”

Ela flutuou na direção dele, as pernas não tocando a barra do manto. Um cobertor branco de neblina escondia seus pés. O capuz inclinou-se para cima, na direção do rosto dele.

Dentro, ele não viu nada além de trevas.

“Ah, Karyl Vladevich”, ela falou. “Você cometeu atos que chocariam a Cabeça do Tirano e talvez ainda reverberem pela Terra de Afrodite e por todo o mundo. Eu tinha tantas esperanças para você.”

“Sem dúvida desapontei bastante gente”, ele respondeu. “Temo que fiz com que muito fossem mortos. Não acho que queira

minhas memórias de volta. Mesmo se me oferecesse algo para partilhá-las.”

“Não posso lhe dar nada. Perturbaria o Equilíbrio.”

“A sagrada Ordem do Mundo”, ele recitou como um catecismo. E *era*, ele se deu conta. Seus lábios se contorceram num sorriso selvagem. “Isso não pode acontecer.”

Ela levantou os braços cobertos por mangas que pareciam mortalhas como para tocar o rosto dele. De modo irracional, ele se retraiu.

“Há algo em você...”, ela parou, balançou a cabeça; um gesto estranhamente enfastiado para um ser mítico. “Não, não pode ser. Em breve, você estará morto de vez, e assim acabará a saga de Karyl, da Marcha da Neblina.”

Foi só então que ele percebeu que ela falara o tempo todo em slavo e não em spañol. A língua nativa dele, embora o sotaque dela fosse do povo de Rus e não do seu povo Češi.

Das névoas densas, veio um som arrepiante, uma ululação prolongada.

“Eles trazem cães para farejá-lo, lorde Karyl”, ela falou. Ele pensou ter detectado um tom de tristeza na voz dela. Ou talvez de ansiedade. “E horrores para levá-lo.”

“Quem?”

“Seus assassinos.”

Ele olhou por cima do ombro. O pânico ferveu dentro de seu corpo ao escutar um segundo latido. Além dele, pareceu ouvir os rosnados e gorjeios capciosos dos verdadeiros assassinos, a manada de raptores que seguia os cães.

“Agora descubro que, embora acredite que minha vida já esteja perdida”, ele disse amargamente, “meu corpo ainda não quer abandoná-la. Não posso ser poupado?”

Ela nada disse, apenas afastou-se lentamente.

“Ajude-me.”

Ela moveu as mangas que ainda ocultavam suas mãos: “Não posso”.

Ele olhou para a direita e esquerda, buscando alguma rota para a segurança. Seu coração batia forte. Vibrou com a necessidade de fugir e odiou o medo que sentiu. Contudo, não podia evitar.

Encarou-a: “Não pode ou não quer?”

“Dá no mesmo. Adeus, lorde Karyl. Que sua morte seja rápida e indolor.”

“Duvido”, ele rosnou pelos lábios retraídos. “Você não pode ver o futuro?”

“Se pudesse, eu o teria perturbado? Agora fuja, meu senhor, ou morra aqui. Faça aquilo que facilitar seus momentos derradeiros.”

Ela virou-se e planou pela encosta até as árvores de folhas largas que lotavam a margem, paralelas ao rio. Ele sabia que o abrigo que elas ofereciam era uma mentira: seus perseguidores estariam sobre ele antes que pudesse se esconder em meio a elas.

Movido agora tanto pelo medo quanto pelo desafio, moveu-se para o leste. Correu sem esperança, tendo somente a dor como companheira. Seu cérebro borbulhava de imagens: da infância, amigos perdidos, longas viagens em terras exóticas.

E a *guerra*. Sempre a guerra.

Eles o apanharam quando ele ficou sem mundo.

Dois quilômetros a oeste do campo de batalha, o chão simplesmente acabou. A trezentos metros de queda livre, a terra chamada Olho do Tirano estava escondida sob um amarrotado de nuvens cinza-claro que pareciam se estender dos Rochedos do Olho.

Ele dominou a tentação de continuar correndo.

Sem fôlego por causa da corrida, com o toco de espada na mão esquerda, deu as costas para um carvalho. Um assobio fez com que a dupla de cães marrons acinzentados, com os rostos franzidos e babas pendendo da boca ficassem de lado. Olhos

escuros com veias vermelhas queimaram com ressentimento por terem negada a permissão para matar.

Mas fizeram conforme foram treinados. A morte com penas iridescentes que vinha atrás os despedaçaria tão avidamente quanto eles à presa. Quando o sangue dos caçadores queimava diante do calor alegre da caçada, os raptos só podiam ser contidos o suficiente para não se voltarem uns contra os outros.

Oito horrores verdes surgiram, trotando nas poderosas patas traseiras, as grandes garras assassinas erguidas para o alto. Deinonicos: os maiores e piores predadores em matilhas de Nuevaropa. Sendo assim, eram adorados pela nobreza, que os mantinha para caçarem homens e outras feras.

Mimados no canil de algum senhor, os assassinos de três metros de comprimento tinham trocado a plumagem de primavera cedo. As penas superiores eram verde brilhante com feixes amarelos, o peito, castanho amarelado com listras marrom. A crista sobre os crânios estreitos era preta e lustrosa, assim como as listras que formavam sobranceiras sobre os olhos amarelos e vermelhos. Os focinhos, sem penas, também eram amarelos.

Um par de cavaleiros seguia a matilha. Um homem de barba castanha, cujo tabardo azul, prateado e preto, bem despachado pela barriga, indicava que era um cavaleiro, montava um grande caminhante, de elegantes penas brancas e plumas amareladas na pequena cabeça. Ele se movia atrás com evidente pavor da matilha.

O outro homem estava numa mula branca. Mais alto e delgado que o cavaleiro, ele usava um manto desgastado que ocultava os ombros, uma tanga gordurosa e coturnos de mendigo. Suas pernas nuas e torso estavam sujos de fuligem. Por sob os cabelos loiros, o rosto era redondo, contudo descarnado, com um brutal nariz andino.

Conforme se aproximaram, os horrores começaram a diminuir o passo e, sibilando, a andar de lado. Eles eram tão conhecidos

pela astúcia quanto pela crueldade.

O desfiladeiro às costas do homem o ajudava: os monstros não podiam atacá-lo por trás.

Um horror se adiantou e se empinou quase na altura do homem, levantando o peito e abrindo as pernas traseiras. A parte inferior era escarlate. O raptor emitiu um grito alto; o bafo fedendo a morte.

Um segundo horror circulou o homem à direita, saltando sobre ele com as garras para frente e mandíbulas abertas. Sem se deixar distrair pela exibição do primeiro, ele deu um passo para o lado e bloqueou os dedos com garras negras com um corte reto. O contra-ataque abriu uma fenda na face verde da criatura. O toco de lâmina errou o olho amarelo, mas o inundou de sangue.

A criatura caiu. Dando um guincho agudo, ela atacou usando a longa cauda com tamanha violência que o homem teve de sair rapidamente de lado para evitar ser derrubado e cair no desfiladeiro.

Outro raptor investiu. O homem foi de encontro ao ataque. Escorregando para a direita, ele cortou a garganta do horror. Com um berro afogado pelo sangue, a criatura titubeou em direção à beirada. A matilha estremeceu em fúria. Dois se viraram para morder os companheiros caídos. Atrás deles, a menos de dez metros do homem caçado, o narigudo aplaudia sardonicamente de sua mula.

“Muito bom, lorde Karyl”, ele falou, em alemán. “Você dá um fim apropriado à sua lenda. Pena que ninguém jamais escutará a história sobre sua última batalha.”

Os quatro horrores que não atacaram os membros feridos do grupo recuaram, dançando nervosamente de um pé amarelo para outro.

“Karyl está morto”, respondeu o homem. A língua chegou prontamente à boca. As consonantes guturais arranharam sua garganta.

“Esse sinete no cabo da sua espada sugere o oposto. E vejo que, como o supostamente falecido voyvod, você também é canhoto.”

A farda do cavaleiro desencadeou uma memória súbita: um capacete azul escuro, plumas azuis, pretas e índigo oscilando. Junto delas, a lâmina curva de um machado, descendo com velocidade. Então, um lampejo brilhante e nada.

“Então, o jovem duque de Hornberg quer um troféu?”, perguntou o fugitivo.

“Não”, disse o outro. “A mãe dele quer. Ou melhor, uma prova de que você está morto. Parece que ela teme que você seja uma ameaça às ambições que ela tem para seu garotinho. E talvez esteja certa. Com certeza tinha razão ao nos enviar atrás de você; você é sem dúvida duro de matar.”

“Meu caro”, falou o cavaleiro gordo, enquanto dentes destroçavam os animais feridos. “Sua Alteza ficará muito desapontada pela perda de animais tão importantes, Bergdahl.”

“Sua Alteza terá de se conformar”, respondeu o outro. “Ele acha que não haverá preço a ser pago se quer um homem como este morto? Ou a duquesa Dowager acha? E não pense que *ela* dá a mínima para quantos animais malformados custam para acabar com o voyvod de Marcha da Neblina.”

“Odeio matar os animais de um homem”, disse o fugitivo. “Chame-os de volta e venha me encarar você mesmo, mor Lard Tub.”

“Temos instruções *explícitas...*”, gorgolejou o cavaleiro.

“Nem mesmo este cavaleiro seria um idiota tão grande”, disse o plebeu. “Mate quantos puder. Mais nascerão.”

A dor voltou na forma de lembranças.

“Eu morri uma vez”, falou o homem. “Posso fazê-lo de novo. Se seus horrores me levarem, meu único arrependimento será não me vingar da traição do conde Jaume.”

“A vida é cheia de decepções, milorde”, observou o plebeu.

Chegando com atraso atrás da matilha veloz e dos bons montadores, um caçador careca e robusto, com a insígnia preta do duque Falk pintada na túnica apareceu arfando. Ele chicoteou os dois horrores que ainda disputavam os corpos dos companheiros e os pôs de volta ao trabalho.

Ao lado de um terceiro, eles investiram contra a presa. Outros dois contornaram pela esquerda para tentar pegá-lo como as pinças de uma formiga soldado.

Ele os atacou. Sua lâmina partiu o crânio de um monstro ao meio, para cortar em seguida os membros dianteiros do segundo animal que tentou agarrá-lo.

No meio do salto, o horror deu uma guinada para mordê-lo. Ele se desviou. O raptor caiu entre os três que vinham da direita e os derrubou num emaranhado de caudas se batendo.

O homem correu diretamente contra os dois cavaleiros. Em vez de buscar a espada em seu cinturão, o cavaleiro gordo congelou; o queixo barbado tremendo. O plebeu apenas riu como se aquela fosse a melhor piada do mundo e só pudesse ficar melhor se ele fosse abatido por um homem nu com uma espada quebrada.

Mas um membro da matilha se recuperou e saltou. O raptor acertou o homem, peito contra peito. Por menor que fosse a constituição da fera, ela era tão pesada quanto o homem. O golpe o fez recuar. Ele a golpeou com ambos os punhos, tentando se defender das garras assassinas que cortavam a barriga e genitálias expostas.

A criatura investia como uma víbora. Dentes afiados se fecharam no braço que segurava a espada logo acima do punho, esmagando músculos e ossos até se encontrarem com um estalido. A dor o aturdiu como um raio.

Ainda segurando a espada quebrada, a mão do homem voou, como se impulsionada por um jato de sangue e aterrissou no chão nu, a meio metro da beirada. O sinete do voyvod zombou com um brilho nos dedos contorcidos.

“Bem, isso é mais sorte do que merecemos”, disse o plebeu.

Agarrado ao assassino com penas com a mão que restara, o homem caiu para trás, para dentro do vácuo.



PARTE II

EL PALACIO DE  
LAS LUCIÉRNAGAS

O PALÁCIO DOS VAGA-LUMES

# OS SENHORES DINOSAUROS



– 4 –

**Troodón, Tröodon** – *Troodon formosus. Raptor predador que anda em grupos, 2,5 metros de comprimento, 50 quilos. Importados para Nuevaropa ocasionalmente como animais de estimação ou de caça. Como furões, tröodons são inteligentes, leais e travessos. Se maltratados, são vingativos.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

## **IMPÉRIO DE NUEVAROPA Spaña, Principado da Mandíbula do Tirano, La Merced, Palácio dos Vaga-lumes**

“...y con alma tuya, hermano”, respondeu o homem encapuzado a um cumprimento apressado de um acólito que ele encontrara na galeria que corria ao longo da asa norte do Palacio de las Luciérnagas.

Eles seguiram caminhos opostos. A luz matinal incidia através dos furos das extravagantes formas florais esculpidas na parede externa. No campo de treinos, um andar abaixo, os Tiranos

Escarlates, guarda-costas imperiais, competiam com espadas e escudos de madeira.

O encapuzado não tinha um nome que importasse. Ele foi consagrado para a vida como um *o quê*, não um quem. Ele não era alto. Ele não era baixo. Não era largo nem estreito. A pele das suas mãos e dentro dos recessos do capuz era como azeitonas bronzeadas pelo sol. As sobrancelhas eram pretas com um pouco de cinza, os olhos escuros. Ele se parecia com muitos homens da Espanha, o reino mais ao sul da Cabeça do Tirano.

Vestia o manto marrom dos Parentes de Torre, com o trigrama dos Criadores bordado em amarelo no peito: uma linha sólida com duas linhas partidas sob ela. O atual imperador era conhecido por ser mais piedoso do que seu cargo requeria. Homens e mulheres de todas as seitas eram comuns ali.

Ao fim, o frade encapuzado era tão discreto quanto sua profissão permitia.

Deixando a galeria, ele passou pelo interior fresco e dobrou uma escadaria. À sua direita havia um canto cuja parede trazia uma pintura desbotada de Lanza, o Criador mais identificado com a guerra, derrotando um enxame disforme de hadas, durante a Alta Guerra Sagrada. Ela ocultava uma porta que só abria em resposta a um toque conhecido.

O encapuzado o forneceu. Ele adentrou um caminho estreito, iluminado somente pela luz filtrada pelas salas e corredores de ambos os lados através de fendas feitas para parecerem ornamentos ou até mesmo rachaduras aleatórias nas paredes. Era parte de uma rede de escadarias e passagens secretas destinadas a servos de confiança, mensageiros discretos e pessoas de patente alta em missões secretas.

O Palácio dos Vaga-lumes se espalhava ao longo de um promontório alto que protegia o lado sul da Baía Feliz, onde ficava o mais rico e ocasionalmente amotinado porto de La Merced.

Muros brancos amarelados, cobertos de limo, de vinte metros de altura e dez de espessura, envolviam um quilômetro quadrado dentro de um hexágono aproximado. Em seu interior, estábulos, lojas e tendas. O Palácio em si dominava tudo, uma enorme estrutura desconexa, com torres pontudas, jardins e piscinas aninhadas em seu interior.

Por arranjos de seu proprietário, o príncipe Heriberto, o palácio atualmente abrigava o imperador viúvo, suas duas filhas e o bando habitual de cortesãos.

O imperador Felipe gostava de conforto e desgostava das intrigas provenientes da autoindulgência sufocante da Corte e da Assembleia em La Majestad, a capital imperial. La Merced era bem mais de seu agrado.

Mas, como a figura central que era, o homem que sentava no Trono Dentado mesmo assim atraía intrigas. Especialmente alguém que tinha turvado as águas do estado tão vigorosamente quanto o supostamente plácido Felipe.

O encapuzado subiu três andares escuros. Embora jamais tivesse estado dentro do Palácio na vida, conhecia bem o caminho. Ele também jamais estivera no Principado de la Quijada de Tirán. A ordem verdadeira dele nem sequer servia ao Filho do Meio.

Na maioria das vezes, aquela tarefa teria sido executada por alguém que já estivesse dentro do Palácio, de preferência no séquito imperial. Mas não havia ninguém disponível. E aquela atribuição era urgente e da mais alta importância.

Ele espiou dentro de uma sala iluminada pelo sol por uma abertura, para confirmar que estava vazia, então atravessou a porta. Precisava tomar cuidado; aquele era o andar dos apartamentos do imperador. Se fosse visto ali, nem mesmo o manto do clérigo o pouparia do escrutínio dos homens com olhos tão afiados quanto lanças que protegiam o imperador.

Ele não temia a tortura. Sua morte teria pouco sentido; quando fez os juramentos, aceitou que morreria servindo a Mãe. Mas a

Irmandade o abençoara com a confiança para executar aquela tarefa. Ele não poderia se dar ao luxo de falhar.

Ele adentrou um corredor com a luz matinal leitosa entrando através de janelas com arcos pontiagudos em cada extremidade. Não viu mais ninguém, mas escutou orações murmuradas por trás de portas fechadas. O cheiro de incenso engrossava o ar.

Em silêncio, caminhou pelo corredor. Apesar do treinamento fanático e dos anos de meditação, seu pulso se acelerou. Tanta coisa dependia daquela única tarefa... E então, a porta.

Dentro do cômodo, a silhueta vestida com o cinza do Pai estava sentada na escuridão. Ele estava de costas para a porta, o capuz curvado em contemplação.

O intruso deslizou a mão direita para dentro da espaçosa manga esquerda. Os dedos cerraram em volta do cabo familiar de uma adaga.

Com cuidado, ele deu um passo, tocando de uma só vez a sola da sandália no assoalho marrom. Ele juraria não ter feito som algum – poderia apostar a própria vida.

O encapuzado cinzento virou-se. O homem olhou para o rosto dentro dele.

“Sua luminosidade!”, exclamou, mas com suavidade. Ele caiu de joelhos. A mão saiu da manga, segurando a arma agora esquecida.

“Perdoe-me”, ele disse, enquanto a figura se levantou e aproximou. “Perdoe-me, ó, Radiante! Eu não sabia. Como poderia saber?”

“Você está perdoado, meu filho” respondeu a voz suave, seca como cinza. Seu dono foi até ele, como quem confere uma benção.

Nua e ainda molhada do banho da tarde, a princesa imperial Melodía Estrella Delgao Llobregat sentou-se enquanto sua serva

penteava seus longos cabelos, escutando os tons que sua melhor amiga extraía das cordas da *vihuela del arco*.

Ela gostava da forma com que fluíam doces e sinistros, como melaço de Ruybrasil, cruzando a sala de estar com chão revestido de parqué. Ela também gostava o quanto eles facilitavam que ela ignorasse a garota sentada, soluçando à luz do pôr do sol, abaixo de uma janela virada para La Canal.

“Você finalmente conseguiu algo grande e duro no meio dessas suas coxas brancas que nem pão, Fanny”, disse outra das cinco damas de espera de Melodía, “e tudo que faz é ficar aí sentada se lamentando.”

A prima de Melodía, Guadalupe, era a princesa de Spaña, magra, taciturna e de olhar feroz.

“Piada velha”, disse Abigail Thélème. Filha única do arquiduque eleitor de Sansamour, ela era até mais alta que Melodía, delgada, pálida e fria como uma lâmina.

Frances Martyn, princesa de Anglaterra, pintava de vermelho as raízes do cabelo dourado encaracolado. Ela continuou a brincar. Belamente. Estava habituada a piadas sobre sua suposta virtude afetada. Diferente do resto do séquito de Melodía, que usava tangas de seda e algumas penas no calor de fim de outono do trópico, a princesa baixa e rotunda estava vestindo uma blusa sem mangas e saia verde de seda que deixava apenas a barriga nua entre as coxas e o pescoço.

A *dueña* de Melodía, *doña* Carlota – corpulenta, devotada e com um bigode como um bandido – espirrou sonoramente do banquinho onde estava discretamente sentada com suas companheiras, debaixo de um bordado pendurado na parede feito de belas penas de dinossauro. Seguindo a tradição de pessoas mais velhas usarem mais roupas que as jovens, as outras *dueñas* trajavam vestidos leves; *doña* Carlota vestia uma blusa larga da cabeça aos pés, *mantilla* e uma saia escura tão grossa que Melodía achava incrível ela não ter desmaiado.

“*Algumas* jovens damas da alta sociedade não sabem como agir de acordo com sua estação”, *doña* Carlota falou rigidamente. Suas colegas *dueñas* riram em silêncio.

A jovem garota encorpada no banco parou de choramingar. Um olho negro espiou por cima do lenço que ela segurava contra o rosto. Ela ofereceu um soluço particularmente emotivo.

“Tudo bem, Fina”, disse Melodía. “Por que você está tão emotiva?”

Saiu mais brusco do que ela queria. Especialmente para alguém que era a adorada filha do hóspede deles, o senhor Heriberto, que gostava de ser chamado de príncipe Harry, no melhor estilo anglés. O príncipe era bom amigo do pai de Melodía, mas não havia motivo para forçar as coisas.

Além disso, Josefina Serena também era uma boa amiga para Melodía, dentro dos limites dela. Podia ser muito ansiosa, com seu choramingo, fantasias e paixões tão ferozes quanto chuvas de verão no Canal e, em geral, tão breves quanto.

“É terrível”, murmurou Fina. “A forma com que os nobres tratam os plebeus.”

“E você só descobriu isso agora?”, resmungou Abi Thélème. “É o que eles fazem, assim como escaravelhos comem esterco.”

Como sempre, ela mantinha os grandes olhos azuis meio fechados. Em outra pessoa, seria uma afetação idiota, mas Abi fazia parecer sinistro. Melodía a achava a garota a mais bela do cômodo, com suas feições cinzeladas e cabelos loiros quase prateados no meio das costas.

Lupe fez uma careta, o que a única sobrancelha dela a equipava bem para fazer. Ninguém a chamaria exatamente de bonita; ela era bela de uma forma intensa, como uma boa chicotada. A pele dela era oliva escuro. Os cabelos negros azulados estavam presos num rabo de cavalo apertado, puxando a linha da raiz em forma de “V” na altura da testa, fracassando completamente em tentar fazê-la parecer inocente. Um friso no

busto, com uma pena amarela e roxa de um tröodon, escondia parcialmente os seios pequenos.

“Como pode falar dessa maneira?”, ela perguntou. “Você mesma nasceu coroadada.”

“Que bem que percebeu, Lupita”, disse Abi. O rosto de Lupe ficou da cor de couro nórdico curtido.

Sentindo que a *atenção* estava se dissipando, Fina fungou mais alto do que antes.

“Tudo bem”, Abi disse. “Chega disso, antes que você vire o rosto do avesso.”

Fina sorriu e recontou sobre um recente feriado no interior com o pai e o barão vassalo dele, de Lago Bravo.

“Foi a forma como o barão Ludovico tratava seus plebeus”, ela disse. “Ele foi tremendamente cruel. Fazia com que fossem chicoteados pelos menores motivos. Eu até vi um jovem pobre, um sujeito forte e bonito, ser marcado em ambas as bochechas pela impertinência!”

“Você está certa”, Melodía afirmou, estremeando. “Isso é terrível. Não é correto que os lordes tratem o povo com crueldade. Mesmo os servos.”

*Pelo menos Fina achou algo mais interessante do que as fofocas do palácio para chorar*, ela pensou. Agradeceu brevemente aos Criadores, em quem não acreditava de fato, por distrair as companheiras da conversa anterior, sobre a última moda de Lumière, um assunto que entediava Melodía.

“Meu pai os teria queimado vivos em fogo brando”, Abi disse.

“Quem?”, Fanny perguntou. “Lordes ou servos?”

Abigail Thélème sorriu.

“Por que não faz algo, Día?”, perguntou Llurdis.

Aquela era outra prima, a princesa de Catalunya, que embora sujeito à Spaña era nominalmente um reino. Era incomum da parte de Llurdi ser a última em qualquer conversa. Melodía achou que ela só estava esperando pela chance de esquentar um pouco as coisas.

“O que, em nome de todo Paraíso, eu *deveria* fazer?”, Melodía respondeu bruscamente. Imediatamente se arrependeu de deixar a prima irritá-la. Isso só a encorajaria.

“Você é a filha do imperador”, Llurdis afirmou. “Não eu.”

Ela era larga e de constituição poderosa, com seios tão grandes que Melodía se perguntava se ela não sofria de dores nas costas. Seus cabelos eram pretos e tão indomáveis quanto ela própria. As feições dela eram enfáticas demais para que fosse considerada bonita, não mais do que Lupe. Como a espanhola, Llurdis mais do que compensava sua pouca beleza com paixões extravagantes e um apetite incansável por sexo e outros dramas.

Melodía balançou a cabeça, irritada. Pilar estava tentando tirar um nó recalcitrante. O movimento fez o nó ser arrancado dolorosamente do couro cabeludo de Melodía. Ela fez uma careta e virou-se, estapeando a mão da criada para longe.

“*Cuidado*, Pilar! Doeu. Qual é o seu problema?”

As bochechas escuras de Pilar se contraíram e os olhos verdes premeram. Ela curvou a cabeça. “Sinto muito, Alteza. Por favor, perdoe-me.”

Ignorando-a, Melodía voltou o olhar para a prima.

“E de que *adianta* eu ser a princesa?”, ela inquiriu. “A posição do meu pai é mais cerimonial, como você não se cansa de me lembrar, Llurdi, muito obrigada. E não é como se ele prestasse alguma atenção ao que digo.”

“Ele a ama, querida”, Fanny disse, tentando atenuar o clima.

“Sim, sim”, Melodía respondeu, sem querer se deixar amolecer ou ser impedida de dar um bom discurso. “Ele ama ambas as filhas. Quando lembra que as tem. Mas ele nunca me *escuta*. ‘Sim, querida’, ele diz e acena com a cabeça. Então, volta para aquilo que realmente o interessa: planejar a próxima caçada ou guerra ou sei lá o quê. E também há aquele confessor arrepiante dele, o frei Jerónimo. Ele está com meu pai há três anos e eu nem mesmo o *vi*.”

“Ninguém viu”, Fanny disse. “Ouvi dizer que ele está sob voto de reclusão.”

“Eu ouvi que ele é horrivelmente deformado”, Fina disse num tom que oscilava entre temor e simpatia.

“As leis do Império dizem que não posso herdar o Trono”, Melodía resmungou. “Tudo bem. E meu pai deixou o resto da família tão irritada com suas aventuras militares que eu jamais serei eleita por conta própria. Tudo bem. Quem quer ser imperadora de qualquer forma? É tudo um pé no saco.”

“Jovenzinha!”, *doña* Carlota ralhou. “Olha a *língua!*”

“Mas eu não posso ao menos fazer *algo* que valha a pena? Tudo que a corte e minha família querem é me empurrar para o canto, que nem um móvel feio!”

“Você poderia fugir e virar uma mercenária”, sugeriu Abi Thélème.

“Ou uma pirata”, disse Fanny. “A Inglaterra ainda era chamada de Ilha Pirata, em comemoração ao passatempo nacional que a fez ser conquistada e anexada pelo Império.”

“Por que não entrar para o exército particular do seu namorado?”, Lupe perguntou. “Oh, é mesmo. Somente para garotos.”

“Mas que garotos bonitos”, Llurdis suspirou.

“Que gostam principalmente de garotos”, Lupe respondeu.

“Isso não interessa”, Melodía disse, achando que Lupe não tinha moral para falar nada, dado seu caso aberto, esporádico e ocasionalmente violento com Llurdis. “Enquanto Jaume gostar *mais* de mim. E ele gosta. Ele me ama e eu o amo. Vou me casar com ele assim que meu pai der a ele um respiro das lutas para poder *propor*.”

“Se eu fosse você, Día, me preocuparia com aquele tenente de cabelos pretos dele”, Fina disse, com honestidade. Ela falava tudo com honestidade. A não ser quando soluçava.

“Ele também é bonito”, Lupe afirmou.

“Jaume e Pere são amigos desde a infância”, observou Melodía. “E ele é o melhor cavaleiro de Jaume.”

“E Pere vem comendo ele desde que eram adolescentes”, Llurdi disse. “Não reparou como Pere olha para você? *iAi, caray!* Cruzes.”

“Não seja absurda. Eu o conheço desde que era criança. Seja como for, ele sabe que Jaume e eu dormimos juntos.”

“Não fale assim, princesa”, disse *doña* Carlota. “*iEscandaloso!*”

“Oh, não seja tonta”, Lupe falou para a *dueña*. Deixe que garotas sejam garotas. Se você não fosse uma velha supersticiosa, faria seu trabalho e mostraria pra ela como se divertir sem ficar grávida.”

“Eu já sei isso”, Melodía disse com indignação, causando risinhos em suas amigas. Exceto em Fanny, que sempre corava quando o assunto era sexo.

“É a palavra clara dos Criadores que devemos aproveitar nossos corpos. Eles os deram para nós, apesar dos balbucios daqueles pregadores loucos que você escuta”, a *dueña* de Fanny disse a Melodía.

“Pobre Carlota. Nunca teve muitos voluntários para ajudarem-na a aproveitar o seu”, brincou a *dueña* de Abi, com seu sotaque slavo.

*Doña* Carlota fez uma careta e murmurou algo sobre perfídia. Melodía revirou os olhos. Ela não acreditava em demônios – nos Fae. Muito menos no asceticismo bizarro da seita da Vida por Vir, à qual *doña* Carlota pertencia. Ela estava sempre interferindo na vida amorosa de Melodía.

Não que *aquilo* tivesse mantido a mulher ocupada.

Como se lesse a mente dela, Llurdis disse: “Viu, esse é o problema, Día. Você só precisa ser comida”.

Melodía cruzou os braços apertando os seios: “E eu não sei disso?”

“A culpa é toda sua”, Lupe disse. “Você nem ao menos olha para o mais bonito dos cavaliços.”

“Eu não gosto de *meninos*.”

“Há muitos jovens lordes e cavaleiros na corte que ficariam mais do que felizes de tirar a sua crista”, Abi comentou.

“*Bajuladores*”, Melodía sacudiu a cabeça. Ela sentiu Pilar largar o cabelo para evitar puxá-lo novamente. “Moscas varejeiras... todos eles.”

Lupe falou: “Você sempre pode...”

“Não. Você não. Não Llurdis, não as duas de uma vez. Não tenho energia pros dramas que *vão* causar.”

“Bem... não é como se Jaume tivesse voltado correndo para você”, Llurdis afirmou. “A Guerra dos Príncipes terminou há quatro meses. Ele está refrescando os calcanhares na Alemanha há meio ano!”

“Ele não está ‘refrescando os calcanhares’. Ele está garantindo que não haverá mais problemas no norte. Com a paz assegurada, voltará imediatamente para La Merced.”

“E é por isso que você está tão rabugenta”, Abi afirmou, sendo direta e simples.

“Você vai fixar seca que nem sua *dueña* se tudo o que fizer for ler sobre guerra e política”, observou Lupe.

“Um dia, deixarei minha marca em uma ou em outra”, Melodía prometeu.

“Pergunto-me onde esta sua irmã, princesa”, *doña* Carlota pontuou. Se ela tricotasse sua lã vegetal com mais fúria, Melodía achava que o tecido poderia pegar fogo.

“Sem dúvida está lá em baixo, no estábulo dos chifrudos”, Llurdis disse, “de cócoras sobre os calcanhares e espreitando noivos e monstros que nem um míssel teleguiado.”

“É melhor observá-la de perto, *doña* Carlota”, Lupe deu um sorriso torto, “ou ela acabará carregando um pintinho do estábulo.”

Os olhos de Melodía se estreitaram: “Isso é *muito* inapropriado, princesa”, ela disse. “Ela é só uma garotinha. Tem apenas *catorze* anos.”

*E meio*, ela impediu a si própria de acrescentar por pouco – como Montserrat inevitavelmente faria, mesmo que não fosse totalmente verdade ainda.

Uma batida na porta impediu novos ataques verbais. As sobranceiras de *doña* Carlota se juntaram e seus olhos fitaram a porta com desconfiança.

“Entre”, Melodía ordenou.

A porta foi aberta. Um camareiro estava parado usando a farda imperial amarela e vermelha.

Ele disse num fôlego só que pareceu dobrar o tamanho de seu pequeno peito: *“Sua-Majestade-Imperial-o-imperador-Felipe-solicita-respeitosamente-a-presença-da-filha-sua-Alteza-a-princesa-Melodía-numa-audiência-no-Grande-Salão-dentro-de-meia-hora!”*, ele declamou apressado.

Os olhos de Melodía se arregalaram. Ela dispensou Pilar e ficou quieta. Fanny tocou uma corda rápida e triunfante e deixou o arco de lado, sorrindo.

“Diga ao meu pai que estarei lá”, Melodía afirmou. O camareiro assentiu e saiu.

“Adivinha quem finalmente está em casa?”, Lupe cantarolou assim que a porta se fechou.

“Uau!”, Llurdis disse, abanando a si própria. “De repente ficou quente aqui?”

# OS SENHORES DOS DINOSSAUROS



– 5 –

***Matador, Assassino*** – *Allosaurus fragilis.*

*Grande dinossauro carnívoro bípede.*

*Cresce até os 10 metros de comprimento,*

*1,80 metros na altura dos ombros, pesa 2,3 toneladas.*

*O maior e mais temido predador nativo de Nuevaropa.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

Shiraa abriu os olhos.

Ela espiou por uma tela de frondes para o coração da floresta. Ali ainda estava escuro, mas a luz da manhã brilhando acima do topo das árvores ao longo do pequeno vale as iluminava num verde flamejante. Em volta dela, a floresta respirava com sons de milhares de pequenas criaturas, todas esperando fervorosamente que ela não as visse, e com o farfalhar de samambaias e arbustos fluorescentes à brisa matinal. Ela quase conseguia enxergar os odores das presas no ar gelado.

Balançando a cauda e os poderosos quadris, Shiraa foi até o campo aberto. As samambaias cederam. Galhos quebraram. Um grupo de pequenos alados sem cauda explodiu das árvores, azuis e amarelos, emitindo sons roucos.

Por um tempo, Shiraa não conheceu nada além da dor e escuridão da perda. Ela se escondeu. Era boa naquilo.

A certa altura, a fome superou a agonia do ferimento causado pelo monstro branco. Quando saiu do esconderijo, encontrou carne em abundância atordoante por todos os lados. Depois de se empanturrar, o cheiro da carne apodrecendo a embalou para dormir com sua canção de ninar de satisfação.

O grande banquete terminou quando a carne se transformou em lodo e foi sugada para dentro do solo. Shiraa poderia comer facilmente os bípedes sem cauda que continuavam rondando o terreno do massacre, pequenos, lentos e fracos que eram. Mas ela fora ensinada a respeitá-los desde que nascera e pusera a vista em sua mãe, ela própria uma bípede. A não ser que a atacassem, ela não os machucaria – não sem a permissão da mãe.

Assim, mancou do campo de batalha para a floresta, para se curar, recuperar as forças e sair em busca da mãe desaparecida.

Agora, ela se recobrou. Precisava do amor da mãe para sentir-se *plena*. Para pertencer. A mãe desaparecera, mas ela sabia que jamais a abandonaria.

Shiraa estava faminta. Ela comeria. A seguir, seguindo algum *conhecimento* que jamais ocorreria a ela questionar, continuaria a jornada para o sul.

Em algum lugar naquela direção, sabia que reencontraria a mãe.

Apostando corrida na praça do mercado, duas crianças sorridentes atropelaram Rob Korrigan. Elas pareciam

concentradas demais no espetáculo, que já havia atraído uma multidão considerável ao centro daquela cidade francesa chamada Pot de Feu, para perceberem-no.

Rob levou a mão rapidamente ao malote. Uma trombada como aquela era um truque comum para encobrir um batedor de bolsas; ele próprio fizera aquilo quando criança. A mala do caminhante estava plana como se pisoteada por um titã, claro. Era o princípio da coisa.

“Bárbaros continentais”, murmurou.

Cruzando os braços, ele se encostou à lateral de uma carroça vendendo alimentos para assistir ao show. Manteve o machado à mão; sua cabeça envolta em couro grosso de chifrudo. Ele não achava que tinha inimigos ali, mas não tivera a cabeça sobre os ombros – quase literalmente, já que seu pescoço era mínimo – ao deixar as coisas para o acaso.

Rob teve de admitir que o artista era bom. Da mesma altura que ele próprio, parecendo dois gravetos empacotados por um manto marrom, estava sentado contra um pedaço de parede onde a cal tirara o limo dos tijolos. Cabelos pretos com mechas prateadas pendiam sobre o capuz jogado para trás. Os olhos eram escuros num rosto em que parecia que tudo não essencial havia sido esmagado. A intensidade dele abalou Rob até o âmago.

Embora risse com frequência, o homem não falava. Não precisava; as palhaçadas eram bem eloquentes. Ele tirou um lenço do nariz de uma mulher do mercado trajando farrapos vermelhos e encontrou moedas de cobre nas orelhas de crianças encantadas.

Conforme os mercadores fechavam os quiosques e encaixotavam as mercadorias para a noite, o público dele crescia. Pardais e pequenos alados com caudas saltavam em meio a pés calçados com sandálias, procurando restos de comida. Um corvo dentado e um alado de crista verde de tamanho similar disputavam uma casca de melão. Um vexer

domado empoleirado num carro de cebolas praguejava contra ambos com seus grasnados.

O pôr do sol veio rápido, jogando a luz como uma bola de fogo sobre a face oeste das torres brancas de pedra, edifícios altos amontoados e telhados íngremes de ardósia. Uma brisa trouxe o cheiro rico de plantas aguardando a colheita e o odor mais denso das matas que espreitavam além dos limites do machado e arado. Em Nuevaropa, a natureza selvagem nunca estava longe e sempre nos limites de uma distância segura.

O vento também trouxe um cheiro de enxofre, de lacrimejar a vista, de Vieux Charlot, o vulcão próximo. Eles não o chamavam de Pote de Fogo à toa.

O artista finalmente terminou as palhaçadas e começou os malabarismos. *Agora estou impressionado*, pensou Rob. O homem não tinha a mão esquerda.

E ali jazia o problema de Rob.

*Esplêndido. O idiota perdeu a mão da espada.*

Se uma ferida não matava você, ela sarava rapidamente e bem. Isso era comum a todas as criaturas de Paraíso. Mas, uma vez que uma parte era perdida, era para sempre.

*Pergunto-me se meu dirigente vai diminuir meu pagamento por entregar mercadoria danificada. Se for mesmo ele.*

Primeiro, o artista jogou tigelas de argila que pegara emprestada com um comerciante vizinho, ambas com a mão direita, para apanhá-las de ponta-cabeça com seu toco e jogá-las novamente para o ar. A seguir, fez malabarismos com nove pinos surrupiados por garotos endiabrados do jardim da vila, algumas ruas acima.

Infelizmente, ele também soprou entusiasmadamente a flauta de bambu que metera na boca. *Mais uma vez, me pergunto se meu ouvido absoluto é uma dádiva dos Criadores ou uma maldição dos Fae*, pensou Rob.

O truque seguinte do artista quase fez Rob perdoar o barulho: ele fez malabarismos com punhais. Seu toco os jogava pelo lado

plano das lâminas quando elas caíam, de volta para a mão direita. Ele trabalhava com cinco de uma vez. Então, fingiu ter derrubado um. Apanhando-o pela ponta, jogou-o para o alto como uma faísca amarela no último feixe de luz, recebendo uma ovação de aplausos. Jogou as seguintes da mesma forma, em rápida sucessão.

*Ele tem a aparêcia dele*, Rob pensou, estudando o alvo sob o pretexto de assistir fascinado aos truques. Embora também o estivesse. *Pelo menos se parece com os retratos que vi e as descrições que ouvi.*

Rob jamais havia visto o homem que fora enviado para buscar mais perto do que sessenta metros. E o sujeito não ficara exatamente parado na ocasião...

Os punhais voaram e fincaram no chão duro, alinhados como margaridas, diante dele. Enquanto os espectadores aplaudiam e ovacionavam, ele apanhou de sua sacola uma tigela rasa e um bastão de um metro de comprimento. Deitando o bastão à sua frente, ele colocou a tigela na extremidade. Então, sentou-se sobre as ancas magras, sorrindo com felicidade por debaixo da barba.

Ao redor de Rob, os camponeses e passantes especulavam avidamente sobre o que o artista faria agora. Alguns falavam em francês, o que Rob entendia razoavelmente bem e falava com um sotaque deliberadamente estranho. Outros usavam spañol, que, teoricamente, todos em Nuevaropa sabiam. Dizem que por ordem dos Criadores, embora Rob duvidasse.

Na verdade, Rob nunca duvidava de nada. *Duvidar* era a última coisa em Paraíso para a qual ele pediria permissão, exceto, talvez, cantar e tocar sua flauta, rir, beber, dormir com prostitutas e nutrir ressentimentos amargos contra aqueles que o tinham injuriado.

Uma moeda de prata tilintou dentro da tigela do artista. Ela fez um agradável som musical. *De qualquer modo, mais musical do que ele tocando*, Rob refletiu, amargo.

Outra a seguiu rapidamente, então, uma cascata de cêntimos de cobre e centavos imperiais, mais um peso ou dois de prata, enquanto os espectadores acolhiam a deixa para encorajar o artista. Rob não conseguiu ver quem tinha jogado a primeira moeda. Ele supôs que fosse um cúmplice, que recebera dois pesos para fazê-lo e teria a permissão de guardar um. Contando talvez com a ameaça de receber um golpe de um bastão de madeira negra de um metro de comprimento, que estava ao lado do artista com o objetivo de manter o cúmplice *comprometido*.

Uma vez instruído, o público respondeu prontamente. O artista tinha um aspecto vencedor, sempre sorridente e fazendo com que os demais o seguissem. Sua deformidade e o uso engenhoso que fazia dela despertavam simpatia e admiração.

À sua esquerda, Rob reparou em três homens que tinham surgido da boca de um beco. Ele ficaram assistindo à performance de braços cruzados e cara feia. Aos olhos dele, pareciam valentões profissionais. Ele encontrara a sua dose daqueles em suas viagens.

*Que interesse podem ter num pobre artista de rua?*

A tigela do artista ficou totalmente cheia. Ele a esvaziou na sua bolsa e, então, com a ponta do bastão, jogou a tigela para o alto. Ainda soprando furiosamente seu instrumento, ele se levantou, segurando o bastão reto, e fez a tigela rodopiar. Terminou com o bastão equilibrado no queixo e a tigela girando em cima dele. A multidão irrompeu em aplausos, enquanto garotos corriam em meio a ela com mais tigelas.

“Ele parece ser bastante reverenciado aqui”, Rob falou conforme se endireitava, a ninguém além de si próprio. Afinal, ele era sempre seu melhor público. “Quem sabe ele não se interesse pela minha proposta. E isso não seria sorte para mim?”

Os três homens não estavam mais a vista.

Ele alcançou o artista num beco estreito e fétido, nos limites do vilarejo próximo ao vulcão, cuja cratera homônima pintava de vermelho o céu acima dos telhados e cujo demônio que morava lá dentro nunca fazia pausa para respirar. O artista de rua tinha um chapéu desmazelado, trazia a sacola sobre o ombro e carregava o bastão na única mão, mas não como um homem que precisaria da ajuda dele para andar.

“Como fazem os poderosos caídos”, Rob Korrigan murmurou para si próprio.

E, talvez, *sobre* si próprio. Sua vida não era um jardim de rosas desde que fora despedido. Ele seguiu a presa até uma rua um pouco mais larga que o beco, depois parou e olhou ao redor. Não viu nada além de janelas fechadas e um rato ou dois para escutá-lo chamar o artista pelo nome de um morto.

“Ei, você, voyvod Karyl”, ele disse com suavidade.

O homem parou de andar momentaneamente. Então, prosseguiu. Não olhou para trás. Rob observou o manto de costas se dissolver no escuro.

“Espere. Que os Fae o amaldiçoem”, falou mais alto.

Arrependendo-se imediatamente por ter deixado que a raiva dominasse sua língua – como era frequente – ele acrescentou na sequência: “Tenho uma proposta que pode trazer-lhe lucro, voyvod.”

Prestes a desaparecer, o artista parou.

“Voyvod Karyl está morto”, ele disse, sem se virar. Como Rob, falou em francês. O sotaque era inequivocamente slavo.

“Você pode falar?”, Rob perguntou.

O homem voltou a andar.

Por um momento, Rob ficou olhando feio, com as grandes mãos cheias de cicatrizes dobradas sobre a cabeça de Wanda. Então, falou: “Ah, que eu, um senhor dos dinossauros, tenha sido reduzido a perseguir loucos em becos.”

*Por ouro*, a voz sempre presente dentro de sua cabeça o lembrou. *Com sua bolsa tão vazia quanto o estômago em breve*

*estará.*

E era uma soma principesca que lhe fora prometida por tal incumbência mesquinha: um trono dourado, suficiente para comprar uma espada ou roupas, ambas dignas de um cavaleiro. O que Rob sabia muito bem que jamais seria.

“Mas então”, ele disse, “como menestrel, *Ayrishmuhn* e viajante, o que seria mais natural para mim do que vasculhar becos?”

Inclinando o cabo de carvalho do machado por cima do ombro, trotou atrás do homem que chamara de Karyl. Ainda estava pensando sobre como poderia chamar a atenção do artista tempo suficiente para fazer sua oferta quando três homens saíram das sombras diante dele.

# OS SENHORES DINOSAURO<sup>DOS</sup>



– 6 –

**Chián, El Rey, o Rei, Padre Cielo, Pai Céu – Rei dos Criadores:**

*Qian ☰ (Céu) – O Pai. Representa Paternidade, governo (e desgoverno), poder e o sol. Também os dinossauros. Conhecido pela majestade.*

*Aspecto: um homem robusto, de barba branca, usando um manto dourado com detalhes vermelhos e cetro dourado, sentado em um trono.*

*Animal sagrado: tiranossauro rex. Cor: dourado.*

*Símbolo: uma coroa dourada.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO

PARA O PROGRESSO DE MENTES JOVENS –

Desconfortável como sempre nos seus elaborados trajes imperiais de plumas vermelhas e pesadas bugigangas douradas, Melodía ficou do lado esquerdo da cadeira do imperador. Estava entediada, como sempre ficava quando tinha de vestir os apetrechos.

Ela fechou os ouvidos para o zumbido da corpulenta sacerdotisa, que vestia um manto cinza com o símbolo octogonal na frente, o que significava dedicação a todos os oito Criadores,

sem privilegiar nenhum. A princesa tinha bastante prática naquilo.

Se examinasse a escuridão, Melodía poderia ver o ministro-chefe de seu pai, Mondragón, de pé como um espantalho do outro lado do trono do imperador. O Grande Salão do Palácio dos Vaga-lumes devorava a luz. Ela sabia que os cursos alternados de areia e pedra de âmbar que se abaulavam no alto, sobre as cabeças imperiais, constituíam uma maravilha arquitetônica, mas, no momento, tinha que ter fé para acreditar naquilo. Não era como se pudesse de fato *ver*. Especialmente agora, sem a luz do sol fluindo pelos arcos das janelas para aliviar as trevas. A miríade de lamparinas a óleo e velas queimando mal podia perscrutá-las.

Ela deixou os olhos deslizarem pelo rebanho de cortesãos e nobres que fingiam escutar extasiados à convocação. Havia ocasiões em que ela quase invejava o norte, mais hipócrita, com sua predisposição a manter o corpo coberto, apesar do clima mais quente. Pele que parecia pergaminhos e seios flácidos não ficavam bem em tangas e cintos com penas, por mais resplandecentes que estes fossem.

Embora, para seu desprazer, ela pudesse nomear todos os presentes, tinha bem menos noção do que todos *faziam*.

A sacerdotisa acabou. Felipe sorriu e assentiu em aprovação. Ela se retirou em meio a um bando de acólitos que balançavam incensos com entusiasmo, cercando-a com nuvens aromáticas como que para espantar mosquitos.

O pai de Melodía tinha uma capacidade infinita para o tédio piedoso. Assim como, aparentemente, o tinham também os próprios Criadores, que toleravam até mesmo o mais verborrágico de seus servos. Era outro motivo pelo qual Melodía duvidava secretamente da existência deles. Se fosse *ela*, teria rachado o mármore ao lado das sandálias da sacerdotisa com um relâmpago só para ver a velha dançar.

O arauto imperial se adiantou e, num tom de tenor, começou a introduzir Felipe pelos títulos, os reais e os caprichosos: *“Contemplem sua Majestade Imperial, Terror dos Malfeitores...”*

Por sorte, Melodía também tinha experiência em manter seu rosto inexpressivo. Ela nem sequer pensava no pai como alguém que causava *boa impressão*. Felipe Delgao era um homem de meia-idade, altura média e com uma pança pouco mais do que mediana, envolto num manto dourado com penas escarlates. Uma coroa simples com uma única pluma vermelha de ceifador se assentava sobre os cabelos curtos, castanhos claros. Os olhos, ligeiramente protuberantes, traziam um verde pálido naquela tarde.

Ele se parecia com a personificação da mediocridade, mesmo para a filha, que realmente o amava. O fato tinha muito a ver com a sua eleição. Todas as facções haviam concordado que o rígido duque de los Almendros era inconsequente demais para contrariar qualquer carroceiro de esterco.

E lá estava ele, chutando-os da esquerda e da direita como uma criança fazendo birra com seus brinquedos. Melodía desejava poder gostar do desalento que o pai causava aos magnatas de Nuevaropa. Infelizmente, ela deplorava os métodos dele tanto quanto o faziam seus críticos mais severos.

*“...Defensor da Fé, Escudo e Espada da Sagrada Igreja, Defensor da Lei dos Criadores...”*

Felipe olhou espantado para a hipérbole, sabendo que ela se referia ao cargo, não ao homem. Às vezes, quando sozinho, ele gostava de pontuar que os mesmos elogios seriam ditos sobre Don Rodrigo, o tiranossauro rex gordo, banguela e meio cego que servia como executor imperial, se, de algum modo, ele fosse eleito. E os cortesãos puxariam o saco dele com a mesma avidez.

Mesmo assim, Felipe olhava para todo Paraíso como se estivesse gostando imensamente daquilo tudo.

“...el Emperador del Imperio de Nuevaropa, Felipe!”, o arauto concluiu de forma arrebatadora. A multidão irrompeu em aplausos, como se Felipe tivesse matado algum monstro lendário, como seu progenitor e predecessor, Manuel Delgao.

Melodía olhou para a irmã, se remexendo ao seu lado. Como era jovem, Montserrat só tinha de usar uma modesta tiara prateada, que prendia os cachos loiros escuros. Ela vestia um manto branco simples, que, espantosamente, não tinha manchas. O estado da roupa significava que algumas atendentes peludas tinham atacado de surpresa a menina e a forçado a vesti-la no limiar absoluto do Grande Salão. A inveterada Alteza Montserrat era notória por conseguir se sujar, mesmo caminhando por cinco metros de piso recém-lavado.

Sem ninguém mais prestando atenção, Montse mostrou a língua para a irmã. Melodía piscou de volta, sentindo uma onda calorosa de proximidade e amor.

De várias formas, as irmãs eram diferentes como pele e penas. Contudo, amavam uma a outra com devoção feroz e quase conspiratória: aliadas contra uma corte e um mundo indiferentes e incompreensivos. E, com demasiada frequência, também contra o pai.

Os guardas cercando a entrada bateram as sandálias de pele de chifrudos de forma cerimonial. As trombetas sopraram. A conversação morreu quando altas portas de pau-ferro se abriram. Um arauto entrou entre os rostos pétreos dos Tiranos Escarlates, com suas couraças douradas, capas escarlates, capacetes dourados com cristas vermelhas e alabardas totalmente rígidas. Felipe sorriu.

E por que não o faria? Seu parente favorito e campeão pessoal estava prestes a passar por aquelas portas.

Isso também fez Melodía sorrir. Ela segurou o fôlego quando o novo arauto entoou: “Sua Graça...”

*O quê?*, ela pensou. *Meu pai fez de Jaume um duque e não me contou?*

“... Falk, Herzog von Hornberg.”

Uma figura entrou, alta, larga e vestindo uma estonteante armadura azul real. Uma capa preta pendurada em ombros incrivelmente largos. Um falcão preto à mostra, asas elevadas, gritava um desafio silencioso pintado na couraça do escudo de prata. Plumaz azuis e negras acenavam do capacete, segurado pelo braço dobrado. A cabeça sobre todo aquele esplêndido metal era larga, se não mais larga que o pescoço, o rosto quadrado e firme franjado pela barba preta. Os olhos eram penetrantes como a luz do sol através de vidro azul.

Após um momento sem fôlego, os cortesãos irromperam em sussurros excitados. Melodía percebeu que estava segurando a respiração. Ela a soltou.

“Von Hornberg?”, ela escutou o ministro-chefe exclamar, “Von Hornberg, o rebelde?”

O recém-chegado olhou para Felipe, que estava sentado, observando com seus olhos de raptor. Ele parou aos três metros prescritos do trono.

“Vossa Majestade”, disse, numa voz que era como uma batida grave de tambor. “Vim agradecer-lo pelo perdão mais gracioso que me foi outorgado e jurar minha espada ao seu serviço.”

Ele falou num excelente, porém abominável, alemán com sotaque spañol.

Vozes se alarmaram quando ele sacou a lâmina. Os Tiranos atrás do trono de Felipe deram um passo à frente, prontos para cortar aquela cabeça, enorme como uma laranja, com suas alabardas.

Falk jogou a lâmina de um metro no ar. Ela deu uma guinada. Ele a apanhou pela ponta com a mão enluvada, deu dois passos para frente e se ajoelhou com a rótula encapada pelo aço sobre o carpete escarlate, apresentando o cabo para o imperador.

Um silêncio chocante se seguiu, protelado por muitas batidas do coração de Melodía.

“Oh, bravo!”, Felipe bradou. Ele bateu as mãos em deleite. Se estendeu e segurou bravamente a peça de prata apresentada.

“Eu aceito seus serviços com alegria, meu bom duque”, disse. “Levante-se e saiba que ganhou meu favorecimento.”

Os cortesãos bateram palmas enlouquecidamente enquanto Falk se levantava, embainhando novamente a espada conforme o fazia.

*Meu pai sempre foi apreciador de melodramas baratos idiotas,* pensou Melodía.

Pajens se adiantaram para guiar o duque Falk até o lugar apropriado, à direita do imperador. O rosto esquelético de Mondragón pareceu mais comprimido do que de costume, como se ele tivesse farejado alguém que tivesse pisado em estrume fresco. De onde estava, Melodía viu o duque encará-la diretamente. Ela franziu o rosto e desviou imediatamente o olhar.

Então, olhou de volta. *Ele é tão jovem,* ela se deu conta, perplexa. *Não pode ser uma dúzia de anos mais velho do que eu.* O tamanho e a presença incomuns dele mascaravam sua juventude. As trombetas tornaram a gritar. Ao dar um passo adiante novamente, o arauto pareceu, de algum modo, ter revivido. “Que entre agora”, ele anunciou, “o mais venerável montador Jaume, *Comte dels Flors*, cavaleiro comandante dos Companheiros de Nossa Dama do Espelho.”

Um conjunto que aguardava iniciou uma sintonia com brio: “Un Ball per la meva Noia Jove”, uma dança para minha jovem garota. Melodía sentiu um rubor tomar suas bochechas; foi para ela que Jaume escrevera a música, anos atrás, quando ela era criança e ele um jovem audacioso que já começara a criar reputação nas profissões de artista e guerreiro.

Jaume adentrou o Grande Salão como se tivesse acabado de conquistá-lo, passos vívidos, cabeça alta. Ele era alto, magro e ágil, contudo, de ombros largos, trajando uma malha creme com o emblema vermelho da ordem da Dama do Espelho no peito. Seus cabelos laranjas estavam presos.

Os olhos turquesa encontraram os de Melodía. Lábios finos sorriram levemente.

As coisas tinham *evoluído* entre eles, desde que ela era uma criança e ele um rapaz. Ela achava agora, como sempre o fizera, que ele era o homem mais bonito que já tinha visto. Ou que veria.

A famosa espada longa dele, a Dama do Espelho, vinha num talabarte de cor marrom desbotado, feito de couro, sobre o ombro direito dele. Tinha sido uma gafe e tanto da parte de alguém permitir que Falk, até pouco tempo atrás um rebelde e também estrangeiro, ficasse próximo do imperador armado. Mas, para o desespero dos guarda-costas, há muito tempo se tornara costume dos imperadores permitirem que aqueles que portavam armas em seu nome as carregassem em sua presença. Felipe perguntava qual era o sentido de ter um campeão, se este não pudesse defendê-lo pessoalmente.

Jaume se ajoelhou diante do soberano. *Nenhuma besteira de malabarismo com a lâmina*, Melodía notou com um olhar de desprezo para Falk.

Radiante, Felipe se levantou: “De pé, *mi Campeón Imperial*”, disse, “e deixe-me abraçar meu adorado sobrinho”.

Desta vez, o salão eclodiu em aplausos enquanto Felipe abraçava Jaume. Melodía sabia que a maioria deles era sincera. Como o principal poeta da época e, talvez, seu maior cavaleiro, Jaume era popular em toda Nuevaropa, principalmente no sul.

Claro que havia alguns poucos que viravam o rosto também, mas ela optou por não repará-los.

“Você me trouxe uma grande vitória”, Felipe disse, dando um passo para trás com uma última pancadinha gentil no ombro de Jaume, antes de voltar ao trono.

“Com todo o respeito, vossa Majestade, eu tive pouco a ver com a vitória. A Guerra dos Príncipes já estava quase concluída quando os Companheiros chegaram.”

Os olhos dele voaram direto para Falk. Melodía achou que ele estava um pouco surpreso de ver seu recente desafeto de pé,

diante de si.

“Seus relatórios foram admiravelmente detalhados”, Felipe observou. “Espero escutar a história completa dos seus lábios o mais breve possível.”

“Ao seu serviço, Majestade.”

Ele se curvou novamente e virou para a direita. Curvando-se enfaticamente mais uma vez, falou: “Infanta Montserrat. Você ficou mais alta desde que a vi pela última vez”.

“Não precisa curvar-se para mim, Jaume”, ela disse. “Você é meu amigo.”

“Sempre, infanta. Mas estamos na corte agora, onde outras preocupações tomam precedência.”

“Como algo pode ser mais importante que a amizade?”, Montserrat observou. Uma das amas dela se adiantou para calá-la.

“De fato, como?”, Jaume murmurou, sorrindo. Ele virou mais alguns graus.

“Alteza”, disse, “minha senhora Melodía. Você está tão bela que temo haver superado minha capacidade de descrevê-la.”

“Duvido disso”, ela falou.

Ela pensou ter visto uma sombra cruzar os olhos deles e se arrependeu de tê-lo provocado. *Quase*. Mas também sabia que, se algo estava importunando seu amigo e amante, certamente não era aquilo. Eles provocavam um ao outro praticamente desde o dia em que se conheceram.

Ela apanhou as mãos dele. Como sempre, a força rija delas a eletrizou.

“Eu nunca bajulo, Alteza”, ele disse. “Você, de todas as pessoas, deveria saber isso.”

Ela corou, sentindo-se completamente nua no seu estado incrustada de joias e ouro. Se bem que, para ser justo, as roupas, como de costume naquelas ocasiões formais, haviam deixado uma boa porção do corpo nu. Jaume levou as mãos dela na direção dos seus lábios.

Metal colidiu com metal. Assustada, Melodía e Jaume viraram-se para a grande porta. Um intendente do palácio estava além das alabardas dos Tiranos, cruzadas para barrar sua entrada.

“Vossa Majestade!”, ele berrou, o rosto vermelho e suado ante a luz âmbar das lamparinas. “Um intruso foi encontrado em suas acomodações.”

“Acredito que ele esteja sob custódia”, Felipe falou.

“Não, senhor”, disse o intendente. “Ele foi assassinado!”

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 7 –

**Pájaro carraca, Carrack-bird** – Hesperornis.

*Um tipo comum de ave aquática que não voa, com bico sem dentes.  
1,5 metros de comprimento, 8 quilos. Come principalmente peixes,  
mas também pequenos anfíbios e outros animais.*

*Elegante na água, desajeitada na terra; propensa à truculência.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

“Pare aí mesmo, mudo”, disse um dos três. Eles estavam de costas para Rob e não demonstravam ter percebido que ele estava no beco, atrás deles. Carregavam porretes. “Queremos ter uma palavrinha com você.”

“Se ele conseguir te ouvir”, o segundo observou.

Evidentemente o artista podia. Ele parou e virou-se. Por um brilho amarelo que cortava diretamente das persianas de uma janela, Rob viu o rosto dele. Parecia composto, quase sereno.

Rob perguntou-se sobre a sanidade do sujeito.

“Representamos o Condado da Aliança do Entretenimento Bonnechance”, prosseguiu o primeiro homem. Ele era alto e magro, com um pomo de Adão proeminente. “Você tem feito apresentações em público sem a licença da Aliança.”

O homem que Rob acreditava – ou ao menos esperava – que fosse Karyl Bogomirskiy endireitou a cabeça. Sua sobrancelha foi levemente franzida, como se meditasse. Mesmo por sob o manto, Rob podia perceber que os ombros dele estavam relaxados.

“Você está privando os bons membros da Aliança de pagamento! Não podemos permitir isso. Nossas famílias passarão fome.”

“Podemos bater nele agora?”, perguntou o segundo homem da Aliança. Ele era mais delgado do que Karyl e da mesma altura. Ninava seu longo porrete como se fosse um bebê. Rob percebeu que ele estava bem mais interessado em causar dor do que em aliviar a fome das famílias da Aliança. O terceiro homem era um volume nas sombras. Embora não tivesse dito nada, uma ligeira oscilação traiu a incerteza. De fato, nenhum dos três passou muita confiança para Rob. O líder escondia a hesitação com as bravatas, o segundo homem era malvado. Será que suspeitavam da identidade da vítima?

Não, Rob concluiu. *Eles não têm como saber disso. São só valentões. O fato de a vítima não ficar nervosa ou mostrar deferência os enerva.*

“Não tem nada a dizer em sua defesa?”, o líder perguntou. Ele espremeu uma risada estridente. “Ah, esqueci. Você é mudo!”

O homem do manto virou-se. O vulcão soltou um murmúrio maldoso. Enxofre apunhalava o ar quente e denso.

O chefe agarrou o ombro esquerdo do artista e o virou. Como se por acidente, o bastão do homem encapuzado bateu no joelho esquerdo do bandido.

O homem gritou e deu um pulo para trás, agarrando a perna. O segundo agressor, o mais afoito, berrou “Ei!”, e investiu.

O líder tropeçou em lixo esparramado e sentou pesado no chão. O artista inclinou-se para frente, como se estivesse preocupado. Seu bastão girou por sobre a coxa para se sobressair à direita.

Antes que pudesse parar, o segundo homem da Aliança bateu a virilha diretamente contra ele, dobrando-se ao meio num arquejo.

“Bastardo!”, o líder gritou. Ele se levantou e girou o porrete.

O artista tinha se endireitado e ficou segurando o topo do seu bastão. Ele se desviou do ataque da clava. O bastão girou. Ele derrubou o agressor, que caiu sobre o companheiro. Ambos estavam no chão.

O líder grasnou como um vexer molhado quando os dois rolaram no beco enlameado, cheio de lixo e limo. Relutante, o terceiro homem avançou contra o artista. Uma barriga redonda se sobressaía por cima da tanga de couro. Rob pôde ver pouco do rosto dele, mas parecia ter um formato estranho. Rob perguntou-se exatamente que tipo de entretenimento público ele oferecia.

Dominando o bastão novamente, o artista chutou sua extremidade inferior. A arma deu um giro rápido e acertou o outro por baixo do maxilar quadrado.

Soltando o porrete, o bandido caiu de joelhos e começou a chorar, segurando o queixo ensanguentado, partido ao meio.

“Cansei de você!”, berrou o líder da Aliança. Ele tinha se desenlaçado do seu comparsa e ficado de pé. Uma espada curta brilhava na luz amarela do beco.

Ele atacou. O encapuzado se esquivou, evitando um corte direcionado mais pela raiva do que por habilidade. Assim que o fez, moveu o bastão para baixo e longe de si. Algo voou para aterrissar com um tinido nas trevas impenetráveis.

O valentão perdeu o equilíbrio. Enquanto lutava para se recobrar, o artista passou à direita dele. A luz refletiu pela lateral, ao longo de um metro de metal reluzente.

Rob escutou um som como tecido sendo rasgado.

O bandido caiu de joelhos. Um borrifo escuro ventilava do seu pescoço.

O artista olhou para os demais. Ele tinha perdido o chapéu. Onde antes segurava um bastão, agora portava uma espada de um fio. Os valentões sobreviventes tinham ficado de pé e portavam suas próprias espadas curtas. Eles investiram contra o oponente com fervor desesperado.

Como uma sombra viva, o encapuzado deslizou para a esquerda, na direção do agressor menor. Rob pensou que jamais havia visto alguém se mover tão rápido. Contudo, ele não parecia ter *pressa*. Apesar de ser impossível, parecia haver um ar de deliberação nos movimentos dele, como se cada um fosse planejado com cuidado e em antecipação, e executado com perfeição.

O valentão menor levantou a espada curta para um ataque por cima. Seu oponente passou por ele chicoteando, rasgando a barriga num corte.

Soltando um berro mais de surpresa do que de dor, o homem tropeçou nos lacetes reluzentes dos próprios intestinos e pendeu para frente. Enquanto caía, o encapuzado o cortou diagonalmente na parte de trás do pescoço. Seus gorgolejos terminaram.

O valentão se enterrou de cara no chão, morto.

Dando gritos de pavor, o grandalhão correu para cima do artista. Seu oponente girou no sentido horário para sair do caminho do golpe desajeitado, porém poderoso.

A espada curta brandiu ao lado do ombro esquerdo. Assim que afastou-se do inimigo, o artista inverteu a pegada na própria arma. Ele colocou seu antebraço esquerdo na bunda e estocou reto por sob o braço direito.

Rob viu os olhos do grandalhão se arregalarem quando a ponta da espada atravessou seu peito. Ele emitiu um pranto de dor infantil.

O artista arrancou a espada do ferimento enquanto o último homem caía. Ele deu uma nova estocada reta no valentão enquanto este ainda colapsava. O homem despencou sobre a lama fedorenta e ficou estático.

“Quer ter certeza de que suas vítimas morreram?”, Rob perguntou. De algum modo, sua voz havia ficado rouca nos últimos segundos.

“Ele estava morrendo de qualquer maneira”, respondeu o artista. “Não precisava sofrer.”

Ele olhou para cima e para baixo no beco, procurando outros inimigos. O anúncio que Rob fez da própria presença não causou qualquer impressão visível.

O encapuzado girou a lâmina, que derramou gotas escuras. Ajoelhando-se, limpou a espada no colete do líder dos bandidos. Então, foi na direção de onde estava o resto do bastão de madeira preta. Pôs a ponta da espada na boca da bainha, angulou e enfiou-a até o fundo.

Rob aplaudiu com suavidade. E só um pouco sardonicamente.

“Isso é ruim”, disse o artista, balançando a cabeça. Embora a noite estivesse quente, como era a maioria das noites, Rob não conseguia distinguir o menor sinal de suor na testa pálida. “Se eles ao menos não tivessem sacado as lâminas...”

Ele apanhou a sacola de adereços, que derrubara quando os homens da Aliança o atacaram. Então, retomou o caminho.

“Por que fingia ser mudo?”, Rob perguntou, mal podendo imaginar alguém que não falasse *voluntariamente*.

“Para evitar mal-entendidos”, disse o outro. Ele nem parou, nem virou a cabeça.

Rob olhou para os corpos.

“É difícil entender mal *isso*”, disse para si próprio. Tão teimoso quanto um matador seguindo um titã trovejante ferido, foi atrás dele.

O casebre do artista ficava nos arredores do vilarejo. Para além, campos de trigo e feijão se estendiam pálidos até as matas distantes. Aparentemente construída para ser um armazém, a cabana era um amontoado de rochas vulcânicas, com um teto de tábuas grossas e folhas de palmito para proteger das chuvas frequentes. Contudo, Rob percebeu, ao observar goteiras residuais da chuva da tarde no chão de terra batida, que o sucesso do teto era limitado.

Surpreendentemente, não fedia lá dentro. O artista mantinha o corpo e as roupas limpas. Ele não fez objeções quando Rob, tendo-o seguido até ali, adentrou a cabana.

“Você é Karyl Bogomirskiy, não é?”, perguntou Rob.

O homem estava examinando suas posses à fraca luz vulcânica que entrava pela porta aberta. Ele colocou algumas delas numa mochila de lona. Não respondeu.

“Seja gentil, homem”, Rob disse, falando spañol agora. “Meu nome é Rob Korrigan. Trago uma proposta para você.”

“A resposta é não”, o spañol do outro era excelente, como adequado ao homem altamente educado que Rob sabia que o antigo voyvod da Marcha da Neblina seria.

“Ah, mas não posso ouvir isso”, Rob falou, cutucando a orelha com a ponta do dedo. “Só estou cuidando dos seus interesses, amigo. Você verá.”

Karyl olhou para cima com a sobrancelha arqueada. “Se é tão solícito quanto ao meu bem-estar, por que não ergueu uma mão para me ajudar lá atrás?”

“Você estava se saindo bem sozinho. Foram poucas as vezes que vi um homem cuidar de três oponentes com tanta rapidez. Na verdade, acho que nunca vi.”

Os lábios barbados se contorceram. “Se você tivesse ajudado, eu não teria precisado matar nenhum deles.”

“Isso o perturba?”

“A vida é algo sério, porque é irrevogável.”

Ele se endireitou, experimentando uma correia por cima do ombro. Apesar de todo o ódio que tinha de nobres, Rob sentiu-se penalizado ao ver aquele reduzido a tal condição.

“Você se ressentido de matar?”, ele perguntou.

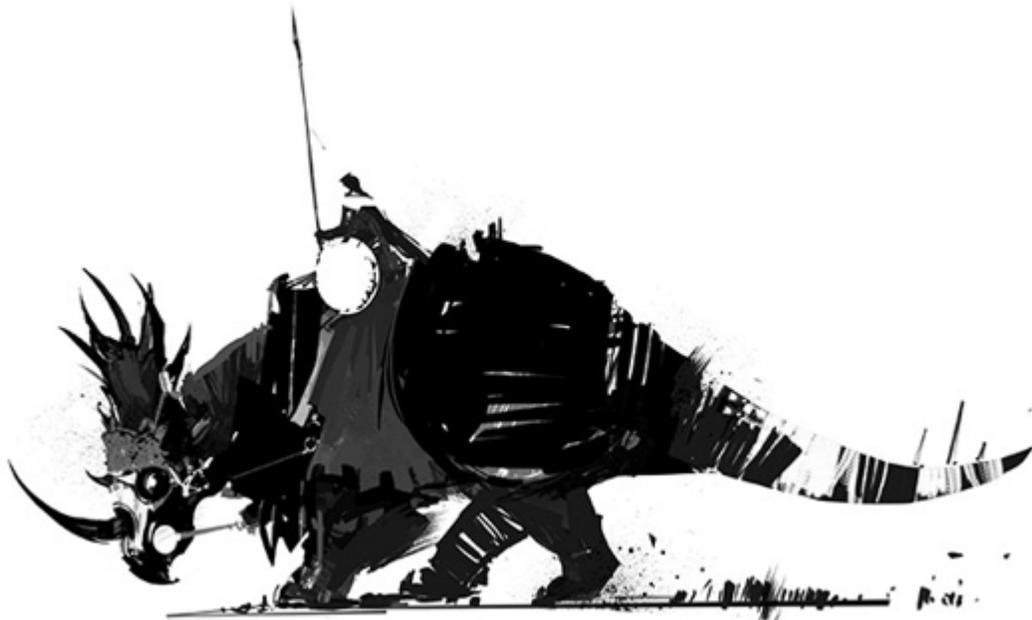
“Mato quando preciso. Não gosto disso.”

“Por que fazê-lo, então?”

“Porque, embora minha vida seja uma coisinha miserável, ela é minha e não deve ser roubada pelos outros.”

Ele ficou um momento estático, encarando Rob de forma pensativa, sob a fraca luz rosada. Lá fora, além das matas e montanhas, o Vieux Charlot ribombou por sua garganta de pedra. O homem suspirou.

“Obviamente terei de sair da cidade agora. Então, posso até escutar a sua proposta.”



# OS SENHORES DOS DINOSSAUROS



— 8 —

**Gancho, Chifre de Foice** – Einiosaurus procurvicornis.

*Um animal com chifre na testa (dinossauro ceratopsiano) da Inglaterra, onde são feras populares para puxarem carros: quadrúpede,*

*6 metros de comprimento, 2 metros de altura, 2 toneladas.*

*Batizados por causa do enorme chifre em forma de gancho nasal.*

*Dois chifres menores, mais longos, se projetam do topo do pescoço.*

*São calmos, a não ser quando provocados.*

— O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS —

“Você é um péssimo músico”, Rob Korrigan disse. Ele levava seu companheiro por becos de Pot de Feu com rapidez, por temer encontrar espões da Aliança do Entretenimento.

Karyl, como Rob decidira pensar nele, o seguia em silêncio. Após a espirituosa demonstração de habilidades defensivas, ele entrara numa apatia muda.

Para a surpresa de Rob, respondeu: “Eu sei”.

“Sabe? Então por que toca?”

“Precisava de um acompanhamento. Já que não falava, descobri que a música, mesmo mal tocada, atraía públicos maiores e os deixava mais animados.”

“Você possui o dom do entretenimento. Por que não aprende a tocar melhor? Achei que fosse um homem que, se fizesse uma coisa, gostaria de fazê-la bem feito.”

Ele esperava uma repreensão dura por falar daquela maneira com um nobre. Ainda mais um homem que, independentemente do quão reduzido se encontrava, estava habituado a possuir poder capaz de intimidar o próprio Império. Parte de Rob até achava que merecia ser estapeado.

Em vez disso, ele recebeu uma queixa irritadiça: “Não é como se eu tivesse algum dinheiro pra fazer aulas. Droga. É verdade o que dizem; os homens menos razoáveis que existem são os irlandeses”.

“Então você reconheceu o sotaque?”

“Por favor, perdoe meu comportamento. Eu precisava da música. Tentei provê-la da melhor forma que conseguia e aprendê-la no decorrer do processo.”

Rob quase caiu. *Um lorde se desculpando com um plebeu?* Era quase um escândalo.

“O que sempre insisti”, Karyl prosseguiu, “foi em fazer o meu melhor e continuar fazendo até que seja, ao menos, competente. Há muito tempo aprendi que para conquistarmos qualquer coisa, é preciso começar. Ou passar a eternidade esperando o momento certo. Que nunca chega.”

“Irmão”, Rob falou tocado. “Eu escuto isso.”

O sinal de madeira pendurado mostrava uma mão mergulhando uma caneca de barro na lava laranja de um vulcão, enquanto um titã em miniatura olhava apreensivo. Ela dizia *Pote de Fogo*.

“Para constar, os locais parecem obcecados por esta montanha de fogo”, Rob falou, observando com a cabeça erguida e as mãos nos quadris.

“É por causa da luz do vulcão que estamos lendo a placa”, Karyl respondeu. “Sua presença não dá para ser esquecida. Um dia, ele os destruirá. Se não eles, a seus filhos.”

Rob virou a mão para a porta aberta, de onde um brilho amarelo, mais agradável, se derramava, junto com vozes estridentes e louças batendo.

“Mesmo assim, a festa não para.”

“Essa é uma metáfora perfeita para a vida em Paraíso”, Karyl disse.

“Um sentimento digno de mim mesmo”, Rob observou. Sentindo-se expansivo, quase tocou o ombro do companheiro. Então, pensou melhor a respeito. “Você tem o toque de um poeta dentro de si.”

“Que pereça o pensamento”, Karyl professou.

O estalajadeiro era um homem baixo e pálido, com um rosto que parecia uma sacola de legumes úmidos. Ele os levou até um corredor distante da sala em comum, que estava tão cheia e barulhenta que fez os dedos de Rob coçarem com vontade de tocar, as mandíbulas desejarem cantar e a língua salivar, implorando por cerveja. Velas com espelhos atrás em nichos nas paredes iluminavam o caminho.

O estalajadeiro bateu os nós das mãos peludas numa porta. Embora Rob não tenha escutado resposta, ele girou o trinco. Abriu a porta e fez um gesto para que os dois entrassem.

Rob fez um sinal para que seu companheiro fosse na frente. Karyl apenas olhou para ele. Rob deu de ombros e entrou antes. O estalajadeiro fechou a porta atrás deles.

Era um quarto pequeno. Penas de raptos penduradas decoravam as paredes, do tipo que camponeses com corpos de garrafa e cabeças redondas punham do lado de fora de cabanas visivelmente menores do que eles próprios.

A janela estava fechada, as persianas abaixadas. A sala cheirava a lamparina a óleo de monstro do mar; uma mistura de canela, cedro e samambaia em vasos de bronze perfurados escapava dos porta-lanternas; e, como tudo em Pot de Feu, era sulfuroso. As duas lamparinas permaneceram apagadas, criando uma piscina de sombras na qual estava sentada uma figura encapuzada, cabeça baixa, atrás de uma mesa com uma garrafa de vinho de cerâmica e duas canecas. Duas cadeiras aguardavam ao lado da mesa.

Ao que o trinco da porta fez barulho, a figura encapuzada se levantou. Karyl enrijeceu. Ela jogou o capuz para trás para revelar uma cobertura de cabelos enrolados, dourados com um toque de fogo, por sobre um adorável rosto feminino. A mulher encarou os convidados com seus grandes olhos verdes.

“Seja bem-vindo de volta, Rob Korrigan”, ela disse num spañol perfeito de La Fuerza. Ela tocou o externo com as pontas dos dedos da mão direita e se curvou. A mão esquerda segurava um bastão de madeira cinzenta, da mesma altura que ela. Parecia jovem, certamente não tinha nem cinquenta anos ainda. Ela virou-se e curvou-se novamente.

“Bem-vindo, voyvod Karyl Vladevich Bogomirskiy.”

“Karyl Bogomirskiy está morto”, falou o homem encapuzado.

Ela gracejou. “Mas você vive.”

Ele sorriu de volta sem alegria. “Aparentemente.”

Ela disse algo que Rob não conseguiu compreender. Ele julgou que era slavo. Fez cara feia, sentindo-se desconsiderado.

Seu companheiro também franziu a testa brevemente. Então, suspirou.

“*Muy bien*. Eu já fui conhecido como Karyl Bogomirskiy. Como sabe quem sou?”

Diante da admissão, Rob deixou um longo suspiro escapar. Ele esfregou as mãos em satisfação e pensou, *Com certeza o bom e velho Korrigan aqui vai receber uma recompensa por isso.*

Aquele estava longe de ter sido um dos trabalhos mais difíceis da sua vida, mas definitivamente estava entre os mais estranhos.

O sorriso da mulher se ampliou.

“Toda Nuevaropa conhece a lenda de lorde Karyl”, ela disse. “E eu sei de muitas coisas que a maioria não sabe. Por favor, perdoe minhas maneiras. Eu me chamo Afrodite. Sou uma feiticeira.”

Karyl gargalhou. Rob olhou para ele.

“Não existe esse negócio de feitiçaria”, zombou Karyl.

“Se estiver errado”, Rob disse baixinho, “antagonizar a moça não é a melhor maneira de descobrir.”

Karyl curvou a cabeça. Seus cabelos caíram para frente, cobrindo o rosto ascético.

“Perdão, minha dama. Não queria ofender. Mas se existe algo que aprendi em minhas vidas, é que não existe magia neste nosso mundinho desgraçado.”

Rob levantou uma sobrancelha ao escutar “minhas vidas”. Afrodite contornou a mesa e estendeu seu bastão.

“Estique a mão esquerda, lorde Karyl.”

Os olhos e boca dele intumesceram.

“Como pode ver, senhora, não tenho mão esquerda.”

“Gostaria de tê-la de volta?”

“Ah, e zombar dele seria displicência, senhora Afrodite”, Rob sentiu-se inclinado a dizer.

Foi algo difícil de falar. Temia os poderes da mulher, mas... havia ouro em jogo ali. Provocar o outrora temido capitão mercenário, por mais que estivesse caído, parecia improvável de ajudar a encher seu bolso.

“Por favor, lorde Karyl”, Afrodite disse. “Não tenho intenção de escarnecer.”

*Se uma mulher tão linda olhasse assim para mim, Rob permitiu-se pensar. Se ao menos essa aqui não fosse uma feiticeira. E, claro, se chifrudos tivessem asas, eu poderia voar com a Pequena Nell até a Lua Invisível e reclamar meu pote cheio de ouro.*

Karyl fez uma careta, mas ergueu o braço esquerdo. A ponta estava arredondada e lisa, sem cicatriz visível, como se ele tivesse nascido sem a mão.

Afrodite pôs a extremidade do bastão quase em contato com a pele rosada. Um brilho dourado cercou a ponta do bastão e o toco de Karyl. Ele arregalou os olhos, mas não retrocedeu.

A luz apagou.

“É só isso?”, Karyl perguntou com a voz áspera. Ele pôs o toco debaixo do nariz, como se fosse farejá-lo. “Não vejo diferença. O irlandês tinha razão. Não é bom zombar de mim, senhora.”

“Não precisa me chamar de ‘senhora’”, ela alertou. “O que você sentiu?”

“Calor”, ele respondeu relutante. “Um formigamento. Que persiste.”

Coçou o toco.

“Agora está coçando. O que fez comigo?”

“Eu devolvi sua mão.”

“Se esta foi uma tentativa de fazer mágica de palco, você falhou, mulher. Não vou ser logrado para enxergar uma mão imaginária no próprio braço. Só vejo a mesma falta que enxergo há... semanas.”

“Há quanto tempo exatamente, lorde Karyl?”

“Não sei ao certo.”

“Não importa. Você verá. A mágica leva tempo. Sua mão crescerá nas próximas semanas. Temo que vai coçar bem mais, antes que o processo esteja completo.”

Ele a encarou. Rob tentou ler os pensamentos dele naqueles intensos olhos escuros. Não conseguiu. Nunca teve sucesso com aquele tipo de coisa, embora sua mãe lhe tenha dito que ele fora

tocado pelos Fae. Até aí, ela lhe dissera muitas outras mentiras, ainda que ele nunca tivesse duvidado daquela.

“E as dores na minha cabeça?”, perguntou Karyl. “Seus feitiços podem curá-las?”

A mulher havia voltado para trás da mesa. Para uma feiticeira, Rob a achava bastante insegura. Quem sabe ela só estivesse cansada de estar sozinha no quarto com dois homens. *Ainda assim, a magia dela não deveria protegê-la?*

“Para essas dores, ervas servirão tão bem quanto qualquer coisa que eu possa fazer”, respondeu.

“Tenho alguma habilidade com ervas”, Rob disse. Era um conhecimento necessário para um senhor dos dinossauros. Rob observara que as curas que funcionavam para os monstros com frequência também serviam bem para as pessoas, em doses menores. “Posso ajudar com isso.”

Para a intensa irritação dele, ambos o ignoraram.

“Mas não são as dores físicas que o atormentam mais, são?”, Afrodite perguntou.

Os olhos de Karyl se estreitaram numa expressão homicida.

“Como sabe disso?”

“Você está sendo observado, lorde Karyl.”

“Com qual finalidade?”

Ela sorriu. “Em parte para que eu tivesse certeza de que você era, de fato, o antigo voyvod da Marcha da Neblina e comandante da Legião do Rio Branco.”

“Há alguma coisa que você não está me dizendo.”

“Muitas coisas, *señor*. Querem se sentar e se refrescar?”

Ela indicou o jarro e as canecas. Não fez menção de que os serviria. Rob deu um passo adiante para servir a Karyl e a si próprio. Eles sentaram.

Os olhos de Karyl estavam fixos na mulher como se ela fosse um horror assombroso. “Por que eu?”

“Você poderia perguntar isso a qualquer resposta que eu der. A qualquer resposta que já recebeu. Bastaria que saiba que

considero voyvod Karyl o capitão de campo mais competente de Nuevaropa?”

Rob continuava sentado. Karyl bebericava o vinho. Rob o achou um pouco doce demais, como as bebidas locais tendiam a ser. *Mesmo assim, os Livros da Lei nos dizem que é pecado desperdiçar*, ele lembrou a si próprio.

“Mas ele foi derrotado”, Karyl disse.

“Por causa da perfídia.”

Ele deu de ombros e colocou a caneca sobre a mesa com cuidado exagerado.

“Houve perfídia”, comentou. “Meu povo foi assassinado, meus maravilhosos animais destruídos. Mas já estávamos derrotados quando o covarde Jaume atacou pelas costas.

“Pelas ações do homem que está sentado ao seu lado.”

Horrorizado, Rob levantou as mãos para impedir a revelação. Tarde demais. Karyl virou-se para ele com um olhar de surpresa.

“Foi um golpe sagaz usar os caudas-porretes. Então você é um senhor dos dinossauros?”

“Sou”, Rob respondeu com orgulho. Se ele estava prestes a ser assassinado por alguma lâmina escondida, não abaixaria a cabeça para ela.

“Então”, Karyl disse para a bruxa. “Talvez o capitão que você queira seja o homem que enviou para me buscar.”

Afrodite sorriu radiante. “Quero contratar ambos. Pagarei bem.”

Rob piscou, surpreso.

Karyl recostou-se. “Se precisa de um artista de rua, meus serviços estão disponíveis. A minha presença nesta cidade não parece mais ser desejada.”

A autoproclamada feiticeira o observou, confusa.

“Mas não preciso de um artista. Embora o povo de Providence possa apreciar suas habilidades nesse quesito. O que preciso é de um capitão.”

“Para Providence, você diz?”, Rob inquiriu, coçando a orelha. “Não é lá que o Jardim da Beleza e da Verdade reina? Pensei

que todos eram pacifistas.”

Karyl olhou para ele. Rob deu de ombros. “É o que dizem agora, com a Igreja suspeitando deles de heresia e tal.”

“Pode ser que, em breve, eles reformem suas doutrinas”, Afrodite explicou. “Em qualquer caso, proponho contratá-los. E pagarei por isso.”

“Qual a sua relação com esse Jardim?”, perguntou Karyl.

“Sou amiga do líder dele, Bogardus. Vizinhos agressivos e brutais os afligem. Acredito que vocês aliviarão o sofrimento deles.”

“Como? Se são pacifistas, quem comandarei?”

“Aqueles que recrutar.”

“Então é isso que quer que eu faça? Que erga e treine um exército numa província de poetas amantes da paz?”

“Exatamente, lorde Karyl.”

Ele jogou o queixo sobre o ombro e ficou em silêncio por um tempo. Afrodite o observava com serenidade. Rob tentou não demonstrar sua inquietação.

Karyl sorriu suavemente.

“Se estiver disposta a pagar bom ouro a um capitão fracassado e um senhor dos dinossauros errante para fazer o impossível, quem sou eu para discutir?”

“O que é isso que está tocando?”, Karyl perguntou. “Não é muito interessante.”

Eles se sentaram numa pequena clareira dentro da mata densa, não muito longe de Pot de Feu, ao lado de uma discreta fogueira.

“Escalas”, Rob respondeu. “São só exercícios para que meus dedos não esqueçam a arte. Não é para divertir. E quem é você para criticar, *montador* Toca-a-Flauta-Que-Nem-Uma-Criança-

Idiota? Se soubesse que você reclamaria de mim tocando, teria deixado os valentões da Aliança acabarem com você.”

“Você deixou.”

“Detalhes”, Rob grunhiu.

Ele passou a tocar uma melodia lamuriosa. Os insetos noturnos cantavam os acompanhamentos. A montanha de fogo urgia os tambores. O cheiro da relva verde e dos arbustos quase livrava o ar do enxofre. Acima deles, as nuvens tinham evanescido, desnudando as estrelas.

Há alguns metros dali, a Pequena Nell navegava contente entre as samambaias rasteiras da pequena clareira, amarrada pela pata traseira a um tronco grosso de árvore. Rob, com Karyl atrás de si, a tinha cavalgado até aquele local isolado na Floresta de Telar, a alguns quilômetros de distância de Pot au Feu. A fera paciente, plácida e amigável carregara Rob e seu equipamento por anos. Ela talvez fosse a única amiga que permanecera fiel a ele todo aquele tempo. Talvez porque ela fosse a única a quem ele permanecera fiel.

“Duvido que a Aliança do Entretenimento nos persiga”, Karyl disse, sentado com as costas na mochila e o bastão apoiado sobre o ombro. “Embora alguns deles façam bicos como valentões, não acho que sejam rastreadores.”

“Acho que ninguém viu a gente sair da cidade, mesmo montados num dinossauro de seis metros”, Rob comentou. Ainda assim, sentia-se inquieto.

Karyl esfregou o toco da mão e reclamou. “Coça que nem picada de mosquito.”

“Claro. É a magia da feiticeira. Você viu.”

Karyl parou de esfregar. “Não existe esse negócio de magia.”

“Como queira.”

Por um breve momento, Karyl ficou sentado, escutando Rob tocar o alaúde. À luz do fogo, pareceu quase cansado quando Rob olhou para ele.

“Isso é um hino fúnebre?”, Karyl perguntou.

“Vamos chamar de lamento”, respondeu Rob. “Você é um amante da música, apesar de todos os crimes que comete contra ela?”

Um canto da boca de Karyl subiu. “Minha flauta dificilmente é o pior dos meus crimes.”

“Então, por favor, explique o que poderia ter feito de pior.”

“Bani a música da corte de Marcha da Neblina e a desencorajei no interior do país. Assim como fiz com jogos, o uso de cores brilhantes e qualquer outra coisa que julgava frívola. Coisas que eu achava que distraíam as pessoas do trabalho.”

“*Bella!* Como *pode* ter feito algo assim?”

“Parecia o certo. Agora, parece a coisa mais frívola de todas.”

“Então, agora, tem a coragem de sentar-se aqui e justificar tais ultrajes?”

“Não. Nem justifico, nem me desculpo por nada que tenha feito em minhas... vidas anteriores.”

“Por que fica falando “vidas”?”

“Morri duas vezes, pelas minhas contas”, Karyl explicou. “Uma na batalha de Gunters Moll, sob o machado do duque Falk. E mais uma vez... pouco depois.”

Rob aguardou maiores explicações. Karyl retomou o silêncio.

Rob tocou as cordas com selvageria, com seus dedos calejados. Elas geraram sons lastimosos.

“Espero que não tenha perdido sua habilidade para a guerra, aí nas brumas da sua mente.”

Karyl posicionou seu bastão-espada ao seu lado e se esticou sobre a grama úmida.

“Veremos.”

“Você vai dormir?”, Rob perguntou. “E quanto à vigília?”

“O que tem?”

Rob acenou com a mão em direção à noite. “Esta é uma terra selvagem. Qualquer um poderia cair sobre nós se não tomarmos cuidado.”

“Que o façam. Não carrego nada que valha a pena ficar acordado para defender.”

“Mas e a sua vida, essa ‘coisinha miserável’?”, questionou Rob. “Você lutou por ela em Pot au Feu!”

“Se a roubarem de mim enquanto durmo”, Karyl disse, rolando de lado, “meu orgulho jamais saberá.”

Mas horas depois, na calada da noite, gritos terríveis arrancaram Rob da profunda dormência. Ele virou-se de lado para encontrar Karyl sentado sobre o material que usara de leito. O cabelo estava encharcado. O suor pingava entre os dedos que cobriam seu rosto.

Ele deixou a mão e o toco penderem sobre o colo, como ferramentas quebradas.

“Os sonhos”, disse sem olhar para Rob. “Eles vêm todas as noites.”

“Mãe Maia!”, Rob exclamou. “O que acontece nesses sonhos?”

Karyl balançou a cabeça lentamente. “Eu nunca me lembro. Só a beleza. A terrível beleza. E medo além do que posso suportar.”

# OS SENHORES DOS DINOSSAUROS



– 9 –

**Titán Trueno, Titã Trovejante** – *Apatosaurus louisae*.  
*Quadrúpede gigante herbívoro, 23 metros, 23 toneladas.*  
*Nativo de Nuevaropa. Plácido e absorto como todos os titãs,*  
*o enorme tamanho do apatossauro é um perigo à vida e à propriedade,*  
*especialmente quando em grupos.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

Com um som *decisivo*, a azagaia acertou o suporte do alvo.

“Merda!”, disse a princesa Melodía.

“Dá pra acreditar nisso?”, Fina comentou. “Alguém foi realmente assassinado nos apartamentos de sua Majestade. É terrível.”

Melodía fez cara feia. Ela tinha errado o alvo por um palmo. Numa distância de vinte metros. Esperava mais de si própria.

Ao lado do pátio de exercícios, um chifrudo puxava um guindaste, triturando um cesto com rodas cheio de grãos, enquanto caminhava interminavelmente ao largo de uma pista circular, bombeando água de um riacho profundo abaixo do

Palácio dos Vaga-lumes. Ela gostaria de culpar o barulho infernal por tê-la distraído.

“Não é como se ele tenha sido encontrado no quarto do meu pai”, ela disse com irritação.

“Minha criada, Mitzi, é amiga da camareira que encontrou o corpo”, Lupe contou, com certo sabor macabro. “Ela disse que foi horrível. Todo preto e inchado.”

“Você faz com que a gente se sinta *tão* triste por ter perdido isso, Llurdis comentou. Lupe a encarou.

“Mas quem enviaria um assassino atrás do imperador?”, perguntou a princesa Fanny, retirando um dardo com penas de uma cesta.

“Ninguém”, Melodía respondeu ríspida, enquanto caminhava na direção do alvo. “Houve algum tipo de engano.”

“*Alguém* acabou assassinado”, disse Abi Thélème.

“Mas esse alguém não foi meu pai”, Melodía respondeu, liberando a azagaia da marca com força desnecessária.

A manhã estava quente, o sol brilhava através das nuvens finas. Um grande dragão de cristas oscilava no alto. Grupos de arqueiros e balistas aguardavam nos baluartes para dissuadirem os monstros de tentarem a sorte no terreno do Palácio.

“Deve ter sido os trebizons”, Lupe declarou com convicção.

Voltando para a fila, Melodía virou a cabeça de lado, franzindo a testa. “Os trebs? Por quê?”

“Parece razoável”, Lupe anunciou. A princesa spañola adorava intrigas e conspirações. Que, claro, não estavam em baixa na Corte imperial. Mas as verdadeiras, por mais que fossem numerosas, costumavam ser triviais demais para satisfazê-la. Ela estava fora de si por ter um assassinato de verdade à mão.

“Tudo bem”, Melodía falou curiosa. Limpou o suor da testa com as costas da mão. “Como assim parece razoável?”

“Os trebizons vieram a La Merced para pedir sua mão em casamento para o príncipe Mikael.”

“Que dizem que pesa duzentos quilos”, falou Llurdis. “E nunca toma banho.”

“Eca”, Fina e Fanny disseram ao mesmo tempo.

“Muito obrigada pelo lembrete”, Melodía retorquiu. “O que isso tem a ver com homens mortos em nossos apartamentos?”

“Todos sabem que os trebizons são conspiradores malucos”, Lupe explicou. “Eles transbordam de esquemas e traições. Então, mandaram um assassino eliminar quem quer que culpem pelo seu pai não ter dado a eles o que queriam. *¿Hola? É óbvio.*”

“Bom, essa seria eu”, disse Melodía.

“Claro que sim. Eles vieram aqui atrás de você.”

“Não”, Melodía falou com terrível precisão. “Digo, quem ficou no caminho deles fui eu. Não vou pra algum pântano febril no mar Tahmina. Especialmente não pra casar com um príncipe gordo e fedorento que nem um apatossauro.”

“Mas seu pai é o imperador”, disse Fina.

“Todas vocês tomaram uma poção que as compele a dizer o óbvio esta manhã?”

“Mas você não precisa fazer o que ele manda?”

“Quer dizer que não aprendeu a fazer seu pai dizer o que você quer que ele diga?”, Abi perguntou.

Esperando sua vez para o próximo disparo, Melodía levantou a sobancelha para ela. Por mais esperta e descolada que Abi fosse, Melodía imaginava que o pai dela não fosse nada fácil de ser manipulado. Roger, a Aranha, era o intrigueiro mais famoso de Nuevaropa.

“Papai não quer que me case com ninguém com quem eu não queira”, Melodía disse com confiança. O imperador era altamente indulgente em relação às filhas.

Quando se dava ao trabalho de se lembrar da existência delas.

Apesar disso, ela podia perceber por que os trebs insistiam na longa empreitada, mesmo após ficar claro até para os estrangeiros o quanto ela era infrutífera. Embora o Trono

Dentado não fosse hereditário, a filha primogênita de um imperador possuía poder em potencial para influenciar a política.

*Se fosse mesmo o caso*, Melodía pensou. De qualquer modo, ela duvidava que até mesmo o império rival de longa data de Nuevaropa fosse louco o suficiente para pensar que um assassinato ajudaria a alcançar seu objetivo.

“Talvez você devesse voltar suas atenções para aquele novo nortenho”, disse Lupe. “Disparo terrível.”

Esta última frase foi para Llurdis, que havia acabado de acertar sua arma num poste de madeira, abaixo do alvo.

“Vaca”, disse Llurdis.

“Putá.”

Melodía revirou os olhos.

A princesa imperial e suas acompanhantes estavam trajando roupas de exercícios, tangas com faixas de seda enroladas firmemente ao redor dos seios para prendê-los. Pardos ou brancos, os corpos brilhavam de suor por causa do exercício e do calor úmido.

A guerra era o dever e principal ocupação das classes nobres. Damas nascidas na nobreza aprendiam artes marciais para estarem prontas para defender suas famílias e a si próprias. Embora a profissão das armas não fosse fechada para as mulheres em Nuevaropa, era considerada como estando aquém de uma nobre ganhar os campos de batalha, a não ser se estritamente necessário. Algumas poucas mulheres comandavam companhias de mercenários, mas quase nenhuma comandava as forças das casas.

Rápida e de corpo e mente naturalmente fortes, Melodía se destacava na maior parte das artes de combate que ela e seu séquito praticavam, o que compensava a relativa falta de músculos de uma mulher. Ela era letal com lança e zarabatana, uma bela atiradora com um arco curto, adepta do punhal, azagaia, espada curta e broquel.

Na luta livre, raramente vencida a astúcia reptiliana de Lupe ou a força de Llundis, mas as duas eram lutadoras experientes que, com frequência, derrotavam garotos de peso parecido. A dupla praticava bastante uma com a outra, em geral, sem aviso prévio. Elas pareciam gatas aos olhos de Melodía.

“Mas por que nossa princesa sequer repararia nos olhos azuis e músculos sólidos daquele novo duque?”, Abi falou, sarcástica. “Ela tem o próprio Jaume, egresso das guerras.”

“E por que isso deveria cegá-la?”, Fina perguntou. “Ela o conhece há eras e eras.”

O arremesso de Melodía viajou meio metro acima do poste que apoiava o suporte do alvo e fincou num monte de lixo dez metros além.

“Esperem”, berrou Fanny, que estava fazendo as vezes de comandante hoje.

Quando Melodía, ainda fumegando, retornou com sua azagaia, o séquito já tinha encontrado um novo tópico: especular sobre certa condessa viúva da corte e um bonito pajem. Ela balançou a cabeça, enojada.

“Ah, não seja chata, Día”, Llundis disse.

“Só não entendo como vocês, garotas, podem se preocupar com coisas tão *triviais*”, ela disse, “com todas essas crises assolando o Império.”

Abi inclinou a cabeça, de modo que seu longo cabelo platinado se derramasse sobre o ombro nu, e lançou um frio olhar azulado para Melodía.

“Crises sempre assolaram o Império”, ela disse. “Sempre o fizeram e sempre o farão. Meu pai diz que os Criadores quiseram que fosse assim.”

“Os Criadores?”, Melodía falou, com uma fungada.

Agnóstica que era, duvidava que a Aranha dissesse algo assim. Embora fosse amplamente presumido que ele fosse completamente ateu, nem mesmo o poderoso arquiduque de Sansamour ousaria admitir isso. *Os Livros da Lei* decretaram que

todas as formas de adoração aos Oito Criadores eram certas. O que eles não aprovavam era *descrença*.

Também dizia-se que Roger era um diabolista, tendo relacionamentos secretos com um duende ou um hada. Ou, como alguns os chamam, os Fae: espíritos renegados do Submundo. Histórias contavam sobre uma Guerra Santa dos Oito e seus fiéis contra os hada e seus aliados humanos, por meio milênio; Melodía acreditava que eram lendas para glorificar a família dela, que erguera o Império das cinzas da guerra. Ela não acreditava em demônios e muito menos que o pai de Abi acreditasse.

“Terei de aprender a governar um dia”, ela disse. “Tenho de estar pronta quando chegar a hora de herdar nosso ducado. Por mais que eu deseje, papai não viverá para sempre.”

“Sua bisavó Rosamaría vive”, Fanny disse alegremente.

*La Madrota*, mãe da família imperial Delgao, tinha aproximadamente trezentos anos. Isso era notável mesmo num mundo em que, se nada o matasse, você poderia viver indefinidamente, como uma carpa.

“Qual o ponto de se preocupar com política, Día?”, Abi questionou. “Seu pai nunca vai deixar que chegue perto dela.”

“Não dá pra falar com vocês”, Melodía esbravejou e virou as costas.

Irritadas por terem ficado tanto tempo fora do centro do palco, Lupe e Llurdis começaram a se provocar. Elas caíram no chão, puxando cabelos e se arranhando como dois troodontes dançando em brasas quentes.

Aborrecida, Melodía olhou para a sombra de um palmital, onde *doña* Carlota, seu raptor de guarda e as colegas *dueñas* sentavam-se, costurando penas coloridas em mantos e saias. As *dueñas* não se afetaram pela briga. Llurdis e Lupe eram daquele jeito mesmo.

*Doña* Meg, *dueña* de Fanny, olhou para cima e sorriu. “Olha, conde Jaume; que surpresa agradável vê-lo aqui.”

Como muitos do povo dela faziam, embora não fosse seu dever, ela falava a língua imperial com um desafiador sotaque anglês.

“E a senhora também, *doña* Margarita”, disse o conhecido barítono, cujas palavras eram poemas e o som era música.

A inglesa estremeceu. Ela normalmente não gostava de escutar seu nome em spañol, mas podia abrir uma exceção quando ele vinha dos lábios do poeta mais renomado do Império.

“E todas vocês, senhoritas. Que belo buquê criaram, sentadas todas aqui.”

Melodía apertou os lábios. O conde Jaume não especificara que *tipo* de buquê. Melodía tinha em mente ramalhetes com espinhos.

As *dueñas* se abanavam com leques de penas. Exceto *doña* Carlota que, sentada como um toco, costurava e resmungava com determinação.

“E vocês, gentis senhoritas”, Jaume disse, curvando-se para o séquito.

Melodía ainda não tinha se virado para olhar para ele. Ela quase podia *sentir* o olhar dele varrer suas costas nuas, como um raro raio de sol atravessando a fenda de uma nuvem. Ela sentiu as bochechas pegarem fogo, sabia que estava corada como uma rosa selvagem e, em silêncio, praguejou contra si própria.

Jaume cumprimentou cada uma das damas, uma por vez. Lupe e Llurdis até pararam a luta homoerótica e ficaram de pé, coradas e embaraçadas de uma maneira que Melodía não conseguia decidir se achava nojento ou patético. Suas compatriotas catalanas faziam a princesa imperial sentir-se um chifrudo macho raspando o chão com a pata, antes de atacar.

Melodía ainda não tinha se virado. Ela não sabia se estava gostando da deliciosa tortura autoimposta ou se estava apenas envergonhada além das palavras por causa das próprias emoções transparentes. Provavelmente os dois.

Ela sentiu as mãos dele nos ombros nus. Os joelhos vergaram.  
“A-ham!”, *doña* Carlota disse.

As mãos se retiraram da pele de Melodía. Mas não antes de dispararem o coração de forma louca e deliciosa.

“E, com todo o respeito por este jardim de beleza sem paralelos”, Jaume disse, “nenhuma flor agrada tanto a meus olhos quanto nossa princesa Melodía.”

Então, ela se virou, os olhos voltados para baixo, para os dedos castanhos avermelhados das botas de feltro dele. Ela temia que, caso olhasse para aquele rosto querido e que causara tanta saudade, seria incapaz de se impedir de jogar-se direto nos braços dele. Ou enrolar-se em volta dele como uma gatinha.

*E eu teria de escutar o séquito pro resto da vida*, ela pensou, *isso sem contar as palavras que doña Carlota teria de dizer...*

Um dedo pressionou gentilmente o queixo dela para cima. “Há algo em seus olhos, querida prima?”

O olhar dela subiu pelas pernas longas e musculosas de Jaume, envoltas numa calça dourada apertada, o que queria dizer que ele estava na corte a negócios. Ele vestia uma jaqueta de couro da mesma cor das botas e uma blusa folgada de seda cor de creme, cortada para ventilar e que, incidentalmente, revelava lampejos do torso musculoso.

Quem só tinha visto Jaume enfeitado ou se focasse demais no renome dele como poeta, menestrel e filósofo da beleza, poderia achar que ele era um molenga. Ela sabia, a partir de experiência pessoal, o tamanho do equívoco que seria.

Ela tentou não pensar no quanto queria renovar aquela experiência. *Obrigações*, lembrou a si própria. *O desejo tem de esperar. De novo.*

Enfim, permitiu-se olhar para o rosto dele. Ele piscou. Então, solenemente, levou a mão aos lábios dela.

Enquanto a beijava, ela escutou um barulho de pés calçados e um apologético limpar de garganta vindo de algum lugar atrás de si.

Com um sorriso e um dar de ombros que só ela viu, Jaume virou-se para encarar um jovem usando um uniforme que trazia o símbolo imperial: o crânio estilizado de um *tyrannosaurus imperator*, dourado sobre o vermelho.

“Como posso ajudá-lo, jovem senhor?”, Jaume perguntou.

“Meu senhor conde”, o garoto falou, soando tão importante quanto um canário pela manhã. “Sua Majestade Imperial solicita respeitosamente que o senhor o aguarde no apartamento dele assim que possível.”

“Obrigado.”

Mesmo para o Campeão do Império, aquilo significava *já*.

“Senhoritas, tenho de partir”, ele colocou ambas as mãos de Melodía sobre as suas. Elas eram longas e agradáveis, contudo, ela podia sentir os calos do guerreiro. “*Doña* Carlota, deixo esta flor sob seus cuidados capazes.”

Carlota murmurou algo. Suas bochechas chatas coraram e ela continuou a cuidar do trabalho de arte plumária. Era uma mulher interiorana ríspida, do ducado de Felipe, Los Almendros. Ela teria bufado se ele tivesse feito elogios irreais à beleza dela, mas aquelas palavras tinham atingido o alvo em cheio.

Jaume deu outra piscadela à Melodía e seguiu o pajem até o Palácio.

Súbito, de cima e de trás, ela ouviu um terrível guincho descendente. Ele culminou numa vibração colossal e num grito estrangulado.

Melodía virou-se para ver o dragão mergulhando, as grandes asas vagueavam moles para o alto. Uma lança de dois metros atravessava o corpo pequeno. Na muralha externa, os guardas dançavam e batiam os punhos em triunfo, ao lado da balista erguida.

“*A la máquina*”, suspirou Lupe, os olhos arregalados.

O monstro caiu com um baque ao lado de uma carroça vazia.

“Fique firme, Día”, murmurou Abigail Thélème. “Você não é a única a ser alvejada enquanto mergulha em sua presa.”

# OS SENHORES DINOSAUROS



– 10 –

**Saltador, Springer** – *Orodromeus makelai*

(na Inglaterra, o menor *Hypsophylodon foxii*).

*Dinossauro herbívoro bípede e veloz. 2,5 metros de comprimento, 45 quilos. Em geral é marrom, com pintas brancas e barriga branca.*

*Tímido, costuma se esconder. Praga comum em fazendas de Nuevaropa. Uma presa favorita de caçadores, homens e dinossauros.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

“Não me chame de senhor”, disse Karyl.

Mais esbaforido do que pretendia, Rob Korrigan levou a Pequena Nell ao topo de uma cordilheira, próxima da fronteira leste do condado Bonnechance. Um chapéu de abas largas protegia seus olhos da luz do sol da manhã. Seu companheiro caminhava à frente dele, com o capuz jogado para trás e cabeça erguida, estocando a estrada poeirenta com seu bastão enquanto andava e, de modo geral, comportando-se como se estivesse sozinho.

“Por que não?”, Rob retorquiu. “Como mais devo chamá-lo? ‘Ei, você’ não parece nada adequado.”

“Já fui chamado de coisas piores.”

“Seja como for.”

No cume, Rob parou e tirou o chapéu para limpar a testa. Diante deles, o país se estendia em campos de cultivo e grama baixa, pontilhados por pequenas colinas. Ao longe, figuras minúsculas se arrastavam atrás de chifrudos que pareciam de brinquedo sobre o errático terreno pálido. À esquerda e à direita, a cordilheira brilhava com flores silvestres amarelas e vermelhas. Nas ervas daninhas, um pequeno animal de costas verdes se sentava sobre a cauda, os membros dianteiros encolhidos contra o peito amarelado, encarando a dupla com seus grandes olhos amarelos enquanto mastigava os botões com o bico curvado. Acima deles, alados com cristas planavam nas brisas quentes.

“De qualquer maneira”, Karyl disse, “não sou *seu* senhor. Você não é um slavo.”

“Fui acusado da maioria dos vícios conhecidos e alguns apenas imagináveis”, Rob comentou rindo. “A maior parte, com razão. Mas nunca isso.”

“Não sou mais senhor de ninguém. Talvez nem de mim mesmo.”

Ele seguiu em frente, na direção da encosta mais distante, que era mais gentil do que a que eles tinham acabado de subir. Cacarejando para a Pequena Nell, Rob o seguiu. *Ele parece diabolicamente calmo*, pensou, *para um homem que passou metade da noite gritando por causa de pesadelos*. O próprio Rob estava um pouco abalado por causa da falta de sono.

“Agora... como pode ser isso?”, ele perguntou. “Você não ser mais senhor de *si mesmo*?”

“Eu já falei. Fui morto duas vezes.”

“Eu vi Hornberg no seu ponto cego. E quanto à outra?”

“Caído do topo do Olho do Tirano, com a mão decepada.”

“Você está brincando.”

Mas Karyl claramente não estava. Os ombros dele afundaram. A voz ficou tão baixa que Rob mal conseguia ouvi-la.

“Lembro-me de sentir o sangue pulsar nas veias”, ele falou, como que para si próprio. “Senti raiva e frustração. Mas também antecipação, quase alegria. Pois sabia que, em breve, poderia descansar.”

“Bem? O que aconteceu?”

“Eu morri.”

“Como pode ser? Vejo-o andando diante de mim. Escuto suas sandálias na estrada. Sinto o cheiro do seu suor. E aqueles homens da Aliança sentiram sua solidez, para não mencionar seu gume. Você não é um fantasma. Como pode ter morrido?”

“Como posso não ter? Deveria ter sangrado até a morte ou ter morrido na queda do Olho. Mas em vez disso... nada.”

“Nada?”

“Alguma coisa me ressuscitou. *Alguém.*”

“Quem?”

“Não tenho ideia. Quando voltei a mim, se for de fato onde estou, estava caminhando numa estrada na Francia, num belo dia de inverno. Parece que já era um vagabundo itinerante.”

“Há destinos piores, assim como este em que estou também no momento”, Rob disse. “Sem dúvida é uma narrativa estranha, meu... Karyl. Então talvez os Fae o tenham salvado?”

Karyl fez um ruído surpreendentemente vulgar para alguém de sangue azul.

“Não os descarte tão rápido!”, Rob o repreendeu. “Eu vi e sei de coisas que poucos mortais sabem. O Povo das Fadas existe. Se são bons ou maus, como a Igreja nos diz, não posso afirmar. Mas são dez vezes mais ardilosos do que diz a reputação deles.”

“Não existe algo como os Fae.”

“Foi o que disse da magia. Agora, ela está devolvendo-lhe a mão que perdeu... e vou arrancar essa história de você antes que o sol desapareça do céu novamente. Como sua descrença pode continuar sendo tão forte?”

“Não está devolvendo a minha mão.”

“O que eram aqueles pequenos brotos rosas que vi na extremidade de seu braço então, quando se trocou?”

O toco de Karyl tinha ficado tão sensível que ele tivera de enfaixá-lo.

“Inflamações. Nada mais.”

“Cinco delas?”

Karyl cuspiu no chão. “Essa discussão ficou cansativa.”

Uma vez que seu companheiro não podia vê-lo, Rob sorriu. “Tudo bem. Quem foi que o apanhou quando caiu, então?”

“Alguém”, Karyl repetiu. “Não consigo afastar a sensação de que quem quer que tenha sido que me salvou e cuidou de mim até devolver minha saúde, pelo menos a do corpo, agora acredita que possui direitos sobre mim. Meu maior temor é pelo momento em que ele decidir exigí-los.”

“Nesse caso, vamos enfrentá-lo juntos, seja quem for”, Rob exclamou.

Karyl bufou. “Bravatas. Gosto disso. Mas cabe um alerta: aqueles que lutaram ao meu lado no passado não se deram bem.”

“É justo”, Rob disse. “Então, agora deve me dizer como foi que perdeu a mão e acabou caindo de uma encosta, no Olho do Tirano.”

Karyl continuou andando. Rob o seguiu, tocando a Pequena Nell para iniciar um trote lento. Ela deu uma lufada pelas enormes narinas em protesto, de forma mais teatral do que necessário.

“Espere!”, Rob gritou. “Você não pode sair andando sem me contar.”

Aparentemente, Karyl podia.

“Que os Fae te carreguem”, Rob exclamou.

Karyl virou. Seu rosto estava pálido como ossos, os olhos pretos como piche.

“Nunca mais diga isso para mim!”, rosnou.

Rob congelou. A Pequena Nell mal conseguiu parar a tempo de não pisoteá-lo.

“Mas achei que na acreditasse nos Fae!”

Os olhos de Karyl se estreitaram. “Nunca mais diga isso.”

Ele virou e continuou a descer a trilha, rumo ao vale verdejante.

Rob suspirou. “Ah... bem, esse é o preço de lidar com gênios”, falou para a Pequena Nell, enquanto a instava a um trote plácido. “É contraditório e caprichoso. Como você bem sabe, ao me fazer companhia.”

Foi apenas coincidência que o animal tenha peidado alto. Foi o que ele disse a si próprio.

“Jaume! Vamos, garoto. Vamos entrando!”

Sorrindo, Jaume avançou para encontrar seu tio, que se levantou de uma cadeira de veludo roxo e adiantou-se com os braços estendidos para envolvê-lo. Os passos do jovem conde falsearam ligeiramente quando ele viu outro homem sentado na sala, delineado pela luz fraca do sol que entrava pela janela. Em algum lugar, uma mulher cantava uma melodia assombrosa com uma bela voz e um sentimento que Jaume admirou.

Felipe abraçou o sobrinho calorosamente. Na privacidade dos seus apartamentos, o imperador usava calças folgadas de linho e um colete de seda verde que deixava sua espaçosa barriga peluda à mostra.

“Você conhece o duque Falk?”, ele perguntou.

“Não formalmente.”

“Nem mesmo no campo de batalha”, o duque falou, ficando de pé. Ele se adiantou e estendeu a mão grande e quadrada.

Jaume a segurou. Falk deu um apertão honesto, forte e seco, sem jogos idiotas de tentar esmagar a mão do outro.

“Estou honrado”, Falk disse, dando um passo atrás com uma breve reverência. Ele vestia uma toga longa e folgada de seda,

nas suas cores, azul, branca e preta.

“O prazer é meu”, respondeu Jaume. Ele lançou um olhar inquiridor ao imperador enquanto apanhava a cadeira que Felipe indicara.

A porta voltou a ser aberta. O ministro-chefe Mondragón entrou de modo veloz, quase furtivo. Ele era um homem alto e magro, trajando mantos pretos e marrons, com cabelos pretos de ambos os lados da cabeça estreita, barba asseada e um nariz que parecia uma lâmina. Os olhos eram largos e escuros.

Ele estancou no lugar. “Duque Falk? *Aqui?*”

“Calma, don Pablo”, Felipe disse. “O duque fez seu juramento. E, claro, decretei uma anistia geral para os participantes da... desagradável escaramuça no norte.”

“Sim, mas...”, os lábios do ministro se comprimiram numa linha fina. “Certamente, Majestade.”

Ele curvou-se rígido na direção de Falk. “Por favor, perdoe-me, sua Graça.”

“Claro”, Falk concedeu. Mas os dentes na beirada de seu sorriso pareciam bastante afiados.

“O que descobriu sobre o nosso visitante misterioso?”, Felipe perguntou. Ele sentou-se e apanhou um punhado de nozes de Ruybrasil, misturadas com doce de manga e laranja, numa tigela que estava sobre a mesa, cujo pedestal era uma perna de chifrudo envernizada.

As feições dele comprimiram-se como as de um raptor. Jaume se perguntou como o ministro-chefe se pareceria se um dia ele *aprovasse* alguma coisa.

“Um membro da Irmandade da Reconciliação”, Mondragón afirmou. “Como suspeitávamos.”

“O culto de assassinos?”, Falk perguntou. “Absurdo. Eles não existem.”

Mondragón mostrou um punhal envolvido num papiro. Ele o colocou sobre a mesa, próximo do imperador, e o desenrolou com cuidado. A lâmina era ondulada.

“Aparentemente, existe”, observou. “Você decerto reconhece o padrão, Majestade. Às vezes, a lâmina é envenenada, longe do gume, para apanhar os desavisados.”

Com as pontas dos dedos, Felipe apanhou o punhal pelo cabo. “De fato, a Irmandade”, disse. “Quem você acha que era o alvo dela?”

“Quem mais, senão vossa Majestade?”, Falk falou com honestidade.

“Sem dúvida que não”, esperneou Mondragón. “Eles sabem as consequências.”

“O que quer dizer?”, perguntou Falk.

“A Irmandade da Reconciliação é uma Ordem subordinada à Criadora Maia”, ele disse, sorrindo. “Uma Ordem indulgente, se é que me entende.”

“Quer dizer que o Império permite assassinatos?”, a face de Falk ficou roxa.

“Não desse modo”, Mondragón explicou. “O ato permanece, é claro, ilegal. Contudo, como uma questão prática, tais acontecimentos, por mais deploráveis que possam parecer, ocorrem. Ao longo das décadas, o Império descobriu que o curso mais judicioso é que a Ordem seja manejada... o mais regularmente possível. Nós não consentimos atos de assassinato nem olhamos para o outro lado.”

“Mas se a seita existe somente *para* matar...”

“Ah, mas ela não existe apenas para isso, sua Graça”, Jaime disse. “Ela conduz um esquema completo de devoções e trabalhos benevolentes. Assim como meus Companheiros.”

Falk pareceu intrigado. “Seus Companheiros? Quer dizer os cavaleiros de dinossauros?”

“Eles são uma Ordem Militante de la Iglesia Santa”, Mondragón disse. “Como os Cavaleiros da Torre Amarela e as Irmãs do Vento. Como capitão-general dos Companheiros, don Jaime possui a patente eclesiástica equivalente à de um cardeal.”

“É mesmo? Uma Ordem? Não tinha me dado conta.”

“Certos partidos dentro da Casa dos Criadores e da corte acham nossa existência um escândalo, assim como você parece achar a Irmandade”, Jaume disse, sorrindo.

Falk balançou a cabeça, como se estivesse tirando água dos ouvidos. “Não entendo. Eles são assassinos, mas não são.”

“*Alguns* são assassinos”, Jaume explicou. “Uma situação confusa e não particularmente agradável.”

“Mas certamente vocês punem os assassinos!”

“Nós os caçamos assiduamente”, Mondragón disse. “E os matamos. A Irmandade nega a responsabilidade sobre quaisquer atos fora da lei que seus membros efetuem. Quanto àqueles que conseguimos capturar e condenar à morte, a impressão é a de que os anciões da Ordem acreditam que estamos prestando-lhes um serviço ao dar cabo dos inaptos.”

“Ultrajante!”, Falk bradou. “Tamanha corrupção não pode ser tolerada.”

“Alguns podem dizer o mesmo de rebelião, sua Graça.”

Jaume lançara as palavras de forma descuidada. O alemán encarou-o com olhos azuis flamejantes.

“Me desculpe, sua Graça”, ele disse rapidamente. “Falei sem pensar. Independente do passado, você deu um passo à frente e fez um juramento honesto para nosso imperador.”

Por um momento, os olhos de Falk se fixaram em Jaume como duas brocas de safira. Então, Felipe riu.

“Ah, esse é o meu sobrinho”, disse. “Sempre de sangue quente. A juventude e o entusiasmo são capazes de confundir mesmo a cabeça mais fresca, *¿qué no?* Talvez seja por isso que a governança é comumente deixada para os velhos. Não concorda, Pablito?”

“Indubitavelmente”, murmurou o ministro. “Mas não chamaria sua Majestade de ‘velho’.”

Felipe sacudiu o ar com os dedos da mão direita. “Meu jovem lorde Falk, de acordo com os relatos, é um saqueador bastante

ávido também. Depois, Jaume, você me dará seu relato pessoal completo sobre a questão do norte, em particular.”

Jaume uniu as mãos à sua frente e se curvou na cadeira, como era correto para aquele tipo de situação. Ele gostava de uma dose de ladainha da corte – moderadamente. Lembrava a ele de um antigo ritual dançante, com sua graça e beleza.

“A verdade, Falk, meu garoto”, o imperador falou, “é que a Irmandade nunca ousaria erguer um dedo contra o imperador, nem contra qualquer membro da sua família. Isso seria cruzar a linha, não concorda?”

Ele riu novamente. “Eles sabem perfeitamente bem que se fizessem algo remotamente parecido com isso, eu ou quem quer que esteja sentado no Trono Dentado, não teria escolha, senão ir diretamente a sua Santidade, o Papa, e pedir que os privilégios deles fossem revogados. E, a seguir, os aniquilar.”

Uma consulta com sua Santidade também era conveniente, na medida em que a sede da Santa Igreja de Nuevaropa ficava logo abaixo, em La Merced, em torno da borda norte da Baía Feliz.

Os olhos de Falk cintilaram com uma luz diferente do fogo frio que ele direcionou a Jaume. “Coloque-me no comando, Majestade. Eu lhe imploro”, o sotaque gutural emprestou fervor ao seu spañol. “Eu vou desenraizar os hada para você imediatamente.”

Felipe riu alto em deleite e seus olhos castanhos brilharam. Mas ele balançou a cabeça.

“Não, a não ser que eles cruzem essa linha, meu jovem dragão! Perturbar nosso trato com a Irmandade provocaria caos. E qual seria a utilidade de um imperador então? Na verdade, qual a utilidade de um imperador, senão para prover ordem?”

A veemência de Felipe fez com que Falk se sentasse reto como uma lança. “Claro, Majestade! Ordem. Este é o primeiro dever de um soberano.”

Mondragón limpou a garganta. “Se puder voltar à questão do alvo do nosso intruso, senhores...”

Falk fez um careta. Suas grossas sobrancelhas pretas eram adequadas para aquilo.

“Devia ser alguém próximo à vossa Majestade”, Falk declarou.

“Isso é mais ou menos certo”, Mondragón disse com certa aspereza, “dado o local onde o encontramos.”

Falk deu uma rápida olhadela para ele. Então, cordialmente, observou: “Como disser, ministro-chefe”.

*Ele se recupera rápido*, Jaume pensou. Isso era, sem dúvida, crédito do duque. Na Espanha, nortenhos tinham a reputação de serem teimosos como tijolos. O que, durante sua missão mais recente, Jaume descobrira que era uma máxima justificada.

Mas, até aí, ele poderia dizer o mesmo de muitos nobres de Nuevarropa. O duque de Hornberg exibia uma flexibilidade mental associada com mais frequência ao sul, supostamente mais sutil.

“Nossa pergunta mais urgente é quem o enviou”, Falk ponderou.

Mondragón levantou uma sobrancelha para Jaume. “O que você acha?”

Cruzando uma perna sobre a outra, Jaume fez um aceno com a mão. “Nosso amigo alemán está indo bem por conta própria. Vamos ouvir o que ele tem a dizer.”

Ele saboreou a ironia. Era comum que Mondragón olhasse para *ele* com suspeita sisuda, como peso-leve e possível subversivo. Talvez até um herege. Alguns da alta cúpula da Igreja e do Império viam Jaume dessa forma, por pregar que o hedonismo servia à vontade dos Criadores e que a aristocracia tinha o dever de servir ao povo, e não apenas ser servido por ele.

Mas agora, Mondragón claramente via Jaume como um aliado contra o presunçoso alemán.

“Poderia ser aqueles demônios de Providence, dos quais escutei muito falar desde que cheguei aqui?”, Falk perguntou. “Eles parecem ser um ninho de hereges que precisam de um expurgo. Quem sabe do que podem ser capazes?”

Mondragón sorriu. “O Jardim da Beleza e da Verdade, como esta nova seita no leste da Francia se chama, inspira-se fortemente nos ensinamentos de nosso conde Jaume para suas doutrinas”, ele disse, com um amargo deleite.

“Ninguém é mais fiel que o meu Jaume”, o imperador exclamou. “Mas me parece que esses tipos de Providence realmente parecem levar as coisas aos extremos. Só que eles nunca deram um sopro de desonestidade, Falk, meu garoto.”

“Então, quem está mais em desacordo com o senhor, Majestade?”, Falk perguntou.

“Aquele vilão do conde de Terraroja”, Felipe respondeu, “don Leopoldo. Ele é só um maldito valentão. Ele pilha caravanas comerciais da Estrada Imperial, chama isso de tarifa e justifica com algum tipo de privilégio bolorento sobre a coroa spañola. Ele desafia o Trono Dentado!”

Os lábios e a testa de Jaume se comprimiram. Ele não podia culpar a caracterização que seu tio fazia de Leopoldo, cujo condado, Terra Vermelha, ficava oitenta quilômetros continente adentro de La Merced, no árido platô central spañol conhecido como La Meseta. Mas, mesmo Jaume, cujo interesse em história centrava-se principalmente em fases e nuances das artes imperiais (incluindo as marciais), suspeitava que a disputa girava em torno de não mais que o tipo de querelas sobre privilégios em que *hidalgos* sempre gostavam de se meter, dos menores cavaleiros aos reis.

Falk assentiu como se Felipe tivesse feito uma revelação vinda diretamente dos Oito. “Então é óbvio, não? Esse arrivista contratou um assassino para matar... Não, não! Deixe-me falar! Não vossa Majestade, mas alguém próximo. Uma tentativa clara de intimidação!”

Mondragón, cujas interjeições Falk havia impedido, franziu a testa. “Ele decerto jamais teria a audácia.”

“Oh, audácia ele tem até demais”, Jaume observou, “para tentar algo assim tão brusco. Atacar qualquer membro da família

imperial é *lèse-majesté*; um crime pior do que traição.”

Foi a vez de Mondragón olhar furiosamente para Jaume. Falk parecia triunfante. “Exato!”, ele bradou.

“Você acha realmente?” Por mais que o imperador fosse obcecado, pareceu ter dúvidas.

“Claro”, Falk declarou, como se aquela fosse a certeza da própria Criação. Jaume duvidava que Falk já tivesse escutado falar de Leopoldo até poucos minutos atrás.

*Você já percebeu a tendência deplorável de meu tio, ele pensou, de que quando você canta uma música que ele gosta, ele raramente escuta as notas fora do tom?*

“Se ele é maligno o bastante para desafiá-lo, Majestade”, Falk disse, “qual o limite para sua maldade?”

Um suspiro escapou de Mondragón. Falk virou-se para ele. “Sei o que está pensando, meu senhor”, ele disse.

Para a surpresa de Jaume, ele pareceu honesto. E um pouco magoado. *Se está atuando, ele tem o dom para a coisa.*

“Por favor, compreenda: nós, do que já foi a Comitativa dos Príncipes, nunca vacilamos em nossa lealdade para com o imperador. Nem jamais erguemos a voz, muito menos uma lâmina, contra ele. Queríamos apenas chamar atenção para as ações dos conselheiros que acreditávamos ter dado maus conselhos para ele. Nisso, agimos errado. Mas vossa Majestade, em sua sabedoria e misericórdia, nos perdoou, renovando a devoção que tínhamos.”

Jaume realmente queria ouvir o que Mondragón tinha a dizer *daquilo*, visto que ele era o principal conselheiro de Felipe. Embora alguns digam que o papel tenha sido usurpado pelo misterioso confidente do imperador, o frei Jerónimo. Mas, por reflexo, ambos, Jaume e Mondragón, olharam para ver a reação de seu mestre. Felipe afirmou:

“Esplêndido, garoto. Esplêndido. Que espírito! Já houve algum imperador tão abençoado com servos como vocês?”

No centro do relógio que ficava no canto, uma porta em miniatura se abriu. Um cuco prateado de crista dourada surgiu para marcar a hora com um pio triste.

O rosto de Mondragón se contorceu em irritação.

“Droga. Estou atrasado para outra reunião com aqueles confusos trebs. Perdoe-me, Majestade...”

Felipe acenou com a mão. “Sabemos o quanto esses griegos são rígidos com protocolos. Pode ir e sintase livre para culpar a mim pelo atraso. Isso os irritará ainda mais, o que sempre vale a pena.”

Mondragón fez uma reverência aos demais. Então, partiu num turbilhão preto e marrom. Jaume também se levantou. “Peço licença para me retirar também, Majestade.”

“Sem problemas. Siga seu caminho, sobrinho. E obrigado pelo seu conselho, como sempre.”

“É meu dever e prazer.”

Enquanto Jaume saía, Felipe virava-se para o duque Falk com ansiedade esculpida em todos os contornos de sua face. Jaume sentiu uma aflição. *Será sábio deixar os dois sozinhos assim?*

Mas um dever não menos urgente por ser bem mais agradável o convocava. E, afinal, ele não poderia fazer nada para impedir que Falk conversasse em particular com o imperador, se este assim o desejasse.

Pois apesar de toda a aparência suave e comportamento gentil, Jaume sabia que Felipe Delgao Ramírez possuía um punho de ferro.

# OS SENHORES DINOSAUROS



– 11 –

**Bocaterrible, Boca Terrível** – Pliosaurus funkei.

*13 metros de comprimento, 40 toneladas. Réptil predador marinho, de pescoço curto e cabeça grande. O monstro do mar mais temido de Nuevaropa, uma ameaça para barcos pequenos e até mesmo presas na costa.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

“Minha princesa.”

Com o coração na boca, Melodía virou. Ele estava atrás dela, sorrindo.

Cercada de treliças de madressilvas com botões amarelos e brancos, uma mesa se destacava no jardim de um pátio, dentro do próprio Palácio. Uma modesta refeição descansava sobre ela: patas de escavadores torradas, um pernil de cauda vermelha, queijo de cabra, pão achatado e uma tigela de frutas.

“Me perguntava por que Pilar me trouxera aqui”, Melodía falou. Ela tomara banho para tirar a poeira e o suor do exercício

matutino e pusera uma saia roxa, com penas amarelas de troodonte, com um colar combinando pendurado no pescoço.

“Eu arranjei isso”, Jaume disse enquanto eles se abraçavam. Para a frustração dela, ele rapidamente se afastou.

“Entendo que sua guardiã tirana está indisposta.”

“*Doña* Carlota? Sim. Ela teve de ir ao farmacêutico tirar um dente. Espere... isso você não arranjou?”

“Não sou tão esperto assim. Apenas vi uma chance e a agarrei.”

“Ela não é *nada* razoável. A *dueña* de Abigail procura manter um estoque de ervas contraceptivas. Eu tenho que me esgueirar por aí como uma ladra.”

“Sorte nossa que ela não fornece venenos para a garota também.”

“Não acho que Abi precisaria de ajuda com isso. As apostas são altas na corte de Sansamour.”

“Elas o são em todos os lugares”, ele disse. “Mesmo aqui, no agradável domo de La Merced.”

Ela riu. “Você não fala sério! As intrigas aqui são inofensivas. Todas têm a ver com qual duquesa está dormindo com o adestrador de hadrossauro de quem. Ou qual duque está.”

“Nenhuma Corte tem somente intrigas inofensivas”, Jaume respondeu. “Pergunte para o homem encontrado nos seus apartamentos na noite passada.”

O rosto dela enrijeceu. Ela virou as costas.

“Sinto muito”, Jaume falou.

Ela se obrigou a sorrir e virou-se novamente. “Você me ensinou que a verdade é sempre bela, independente do que ela seja. Então, não deveria ter medo de encará-la.”

Eles se sentaram de frente um para o outro. Durante o meio ano de ausência de seu amor, Melodía sentira em algumas ocasiões que ela se tornaria a primeira pessoa da história a realmente morrer de desejo. Com ele ali diante dela, com o odor limpo e caloroso de carne masculina, soando como música e

parecendo-se com um sonho, ela sentiu-se relutante de estragar a deliciosa antecipação. Agora, queria se desacanhar e permitir que a tensão crescesse lentamente.

Ela serviu vinho dourado de um jarro prateado. Entregou um cálice a ele. Os olhos turquesa dele encontraram os dela.

“Você parece perturbado”, ela disse, sentindo-se zangada diante do fato.

Ele sorriu com tristeza. “Você é muito perceptiva.”

“Jaume, eu o conheço desde criança! O que o faz pensar que pode esconder coisas de mim?”

Ele riu. “Besteira. Mas não quero preocupá-la. Eu só... queria adiar o inevitável. Covardia, admito.”

Não disposta a dignificar *aquela* absurdo com uma resposta, Melodía disse: “De quais notícias ruins está tentando me proteger?”

“Pere está morto.”

“Oh, não”, ela pôs uma garfada de salada de volta no prato. “Sinto muito! Como foi que aconteceu?”

Ele aguardou um momento antes de responder: “De uma maneira que ainda me assombra.”

“Conte-me.”

Jaume soltou a pata torrada e limpou a boca com um guardanapo de linho. “Depois que a luta terminou, seu pai ordenou que eu ficasse e arrumasse as questões na Alemanha. Quando isso foi feito, ele ordenou que eu voltasse o mais rápido possível e me reportasse pessoalmente. Assim, deixando a maior parte dos meus Companheiros e seus dinossauros para seguir em uma caravana, Pere, Luc, Dieter e eu descemos o Canal no navio imperial de guerra, *Melisandre*.”

“Montador Dieter?”, Melodía perguntou. “Eu não o conheço.”

“Nosso Irmão mais novo, aceito como Companheiro após... após o fim da guerra. Um garoto ainda um pouco verde, porém bom e talentoso. Ele mereceu seu tabardo.”

“Desculpe por interromper”, ela disse. “Continue.”

“Estávamos cruzando a Grande Curvatura, as amplas águas fora da saliência da Anglaterra, chamada de Articulação. É onde o canal do norte, o Galão, se desvia para sudeste e se torna a Goela do Tirano.

“Já vi num mapa”, ela disse, seca. Como a maioria das pessoas, Jaume pensava que Nuevaropa, a península na fronteira oeste da Terra de Afrodite, se parecia com a cabeça de um tiranossauro. A parte continental formava a cabeça e a mandíbula inferior, a Anglaterra, o rosto.

“Um navio apareceu de uma borrasca, a noroeste de nós. Ele era maior, um barco de velas vermelhas.”

“Corsários?”

“Sim.”

“Não acredito que eles ousaram!”

“A pirataria ainda é uma ocupação vivaz nas ilhas. Não é incomum que nobres da costa patrocinem corsários, mesmo hoje.”

O nariz de Melodía enrugou. “Eu sei. Eles os apanham às vezes e executam em praça pública. Mercedenses costumam ser maleáveis, até doces. Mas quando se trata de piratas, têm sede de sangue. É horrível.”

“Pode culpá-los? Corsários angléses mataram dezenas de milhares dos ancestrais deles durante a Violação de La Merced, em 370. E os ataques que eles empreendem contra naus ferem o comércio.”

“Ah, *sí*. Os mercedenses seguram as bolsas bem perto do coração. Mas, tirando a idiotice de enfrentar os Dragões do Mar, por que se importar com uma pequena galé de guerra, em vez de um mercador de defesas parcas, com o porão cheio de coisas para pilhar?”

“O capitão Gaspard disse que eles podiam dizer que o *Melisandre* carregava uma carga importante pelo curso. Despachos que eles poderiam vender pela oferta mais alta ou poderiam pedir resgate por pessoas importantes.”

“Se eles soubessem que a carga era você e três Companheiros! Teriam dado a volta e fugido.”

“Talvez. Eles estavam em muitos e pareciam determinados. E não havia como fugirmos deles.”

“Mas galés não deveriam ser ágeis? Como um navio grande os alcançou?”

“Não entendo nada de mar”, ele disse, “e, se fosse possível, saberia ainda menos sobre guerrilha naval. Nossos anfitriões nos disseram que os piratas tinham algo que se chamava ‘calibre de tempo’, o que significa que estavam a favor do vento e que nos alcançariam com todas aquelas velas, independente de para onde virássemos. Eles nos alcançaram bem rapidamente. Apesar de toda a habilidade, os Dragões do Mar lançaram contra eles uma única bola de fogo de uma catapulta, antes que eles comessem a nos flechar. Então, eles nos acoplaram e tivemos bastante ação.”

“Meus Irmãos e eu mal tivemos tempo de afivelar as placas dorsais antes que os piratas comessem a subir a bordo. Somente metade dos Dragões usavam armaduras. Os remadores estavam desprotegidos porque não podem remar com elas. Isso não os impediu de lutar com vontade. Aqueles marinheiros sabem lutar pra valer.”

Ele molhou a garganta com vinho. “Grande como era, o navio parecia transbordar de piratas. Eles não demonstravam medo dos marinheiros ou de nós. Luc tomou uma flechada no olho logo no começo.”

“Ele continuou a lutar, mas foi rapidamente cercado e morto. Eles estavam nos superando.”

“Mas o livro do mestre Sunzi diz que números não significam nada na guerra!”

Jaume sorriu. Sua amada era feroz como uma matadora – à sua maneira inexperiente. Ele rezava para que ela nunca tivesse que pôr à prova num campo de batalha real os conhecimentos adquiridos em livros.

“De fato”, ele disse. “De certo modo, este é o motivo pelo qual meus Companheiros existem: dominar a quantidade por meio da qualidade. Mas... às vezes, números *fazem* diferença, quando a disparidade for grande o bastante. Nós os matávamos como formigas, mas eles continuavam vindo”.

“Pere notou o quanto *fogo* deixava os piratas em pânico, ainda que nossa bola chamejante mal tenha triscado a popa deles e não tenha ateado fogo em nada. Então, deixamos Dieter para comandar Bartomeu e nossos outros servos e escudeiros armados, lutando ao lado dos Dragões, e escalamos o navio.”

“Os corsários nos deram uma bela recepção de boas-vindas. Mas ferimos um número suficiente deles para que se afastassem e pusemos fogo nas velas vermelhas e no cordame.”

“É bem a cara de vocês dois”, Melodía falou, sorrindo.

“Quando viram as chamas que criamos, com o *Melisandre* ainda não capturado, os corsários entraram em pânico. O medo de ter sua rota de fuga cortada os fez recuar como um bando de baratas.”

“Vocês dois salvaram o dia. De novo.”

“Nossa fogueira cumpriu o propósito. Pere e eu agarramos cordas para nos balançarmos de volta para casa.”

Ele parou. A dor era como um punhal em suas entranhas.

Ela tomou a mão direita dele com ambas as suas, estendendo-se por cima da refeição esquecida. A ergueu, beijou e apertou contra o rosto.

“Conte, Jaume. Vai fazer parte da dor ir embora.”

“Talvez. De qualquer modo, você merece saber. Durante nossa luta no navio, Pere foi ferido no braço. Eu nem sabia. O sangramento o enfraqueceu e fez com que suas mãos escorregassem. Ele deslizou pela corda e caiu no mar.”

“Oh, Maia”, Melodía disse. “A armadura era pesada demais para que ele nadasse?”

“Duvido. Ele sempre foi um bom nadador. E não é como se estivesse vestindo uma armadura completa de vinte quilos. Mas vínhamos sendo seguidos há vários dias por um *bocaterrível*.”

Os olhos de Melodía se arregalaram. Aquele tipo de lagarto do mar crescia até treze metros ou mais, com mandíbulas maiores e mais poderosas até que as de um tirano. Todos que viviam perto da costa ou até de um rio suficientemente profundo temiam o monstro que se chamava boca terrível. Mais do que piratas ou invasores, ele era o motivo pelo qual redes robustas guardavam a entrada da Baía Alegre.

“Pere afundou”, Jaume contou. “Ele olhou para cima da água. Nossos olhos se cruzaram. Ele estendeu a mão para mim. Então, uma sombra enorme o engolfou vinda de baixo e o arrastou num redemoinho para as profundezas.”

Melodía começou a chorar. Ele deu a volta para abraçá-la. A pele de canela dela estava cálida. Ele afagou os cabelos cor de vinho.

Enquanto ela soluçava em seu peito, ele pensou: *E pensar que as últimas palavras que Pere e eu trocamos de amigo para amigo, não aquelas ditas em meio à batalha, foram uma discussão amarga sobre eu estar ou não traindo-o e abandonando. Por você, princesa.*

*Que você nunca saiba, meu amor. Esse fardo não pode ser aliviado pela partilha.*

Quando as lágrimas de Melodía acabaram, Jaume rompeu o abraço e retornou para sua cadeira. Eles comeram em silêncio.

Mais tarde, Jaume reencontrou sua voz e perguntou como andavam as coisas com ela. Por pior que se sentisse pelo destino de Pere, ela fez o melhor possível para atenuar o clima

com anedotas triviais sobre os ocorridos da Corte: como Lupe tinha apanhado Llurdis no estábulo dos dinossauros com o pajem favorito de Lupe e perseguido os dois nus pelos jardins com um chicote. Falou sobre a visita de um fidalgo da Corte do rei Telemarco, La Fuerza, que fez papel de bobo por conta de um anel sem preço que havia dado a Abi Thélème em troca de favores que nunca conseguiu. Sobre a questão dos inoportunos trebizons que queriam a mão de Melodía para seu príncipe fedorento e obeso.

Jaume sorriu, balançou a cabeça e gargalhou quando apropriado. Mas ela não foi enganada. Ele estava escondendo alguma coisa. Algo que doía como uma ferida.

E doía o fato de não contar a ela. *Vai ver ele acha que está me poupando de mais dor. Dê tempo a ele.*

Além disso, a proximidade dele, após tanto tempo só, despertava sensações que dificultavam zangar-se com ele.

Quando terminaram de comer, ele deu a volta na mesa. Sorrindo, tomou a mão dela e a incitou a ficarem de pé.

“O que tem em mente, *señor* conde?”, ela perguntou. Os olhos dela estavam voltados para as plantas de folhas largas que se espalhavam entre os pés dela, em sandálias douradas, e as botas castanho-avermelhadas dele.

“Vamos dançar.”

Ela olhou para ele. “Mas não há música!”

Ele passou um braço ao redor da cintura dela e começou a conduzi-la no *galliard*. A mão dele parecia chamejar os quadris nus dela. Ela tentou concentrar-se nos cinco passos daquela dança em particular. A respiração dela vinha entrecortada. Ele falou:

“Onde você está, *mi amor*, a música está. Não é esse seu nome?”

Ela riu. Eles dançaram.

Ele a virou para encará-lo, segurando-a próxima de si. Ela engasgou. Ele a tirou do chão e deu um giro de três quartos de

círculo numa volta escandalosa.

Quando a acomodou, beijou-a. Ela sentiu como se mel quente corresse por suas veias, e o beijou de volta com fervor adolescente.

Os músculos planos do peito dele esmagaram os seios dela. Ela o abraçou. Mãos fortes de dedos longos moldaram o traseiro dela, como se Jaume fosse um artista com intenção de esculpi-la.

Ele levou-a de volta à mesa. Varreu as louças dispensáveis do caminho.

Escutaram o som de uma garganta sendo limpa.

No instante em que deslizava uma mão para a ereção dele, que pressionava sua barriga por dentro da calça, Melodía congelou. O coração acelerado dela tropeçou dolorosamente. Ela conhecia aquele som.

“*Montse*”, sibilou.

“Boa tarde, conde Jaume”, a garotinha disse com deferência formal que era totalmente incomum a ela.

Dando um último beijo na testa suada de Melodía, Jaume se endireitou, virou-se e fez uma reverência, dizendo com seriedade: “É sempre um prazer vê-la, jovem Montserrat”.

Melodía olhou para a irmã. Os cachos loiros de Montse pendiam sobre os ombros de uma blusa tão cinza e suja como qualquer roupa que ela usasse por mais de cinco minutos. Ela tinha ossos malares largos, nariz arrebitado e belos olhos verdes, cuja travessura entregava a mentira na inocência que ela fingia. Ela fez reverência.

“Eu gosto de você, primo conde. Você não me trata como uma garotinha.”

“Você é uma garotinha”, Melodía disse, se recompondo com relutância e com certa dificuldade a uma posição sentada na beira da mesa. “Uma moleca enxerida, para ser precisa.”

“Gosto de levar as pessoas à própria avaliação”, Jaume disse. “A vida corre de forma bem mais harmoniosa dessa maneira.”

“Você a mima”, Melodía falou amuada. “Ela não devia espionar as pessoas.”

“Não estava espionando”, Montse se defendeu. “Odeio espiões. Eu quero construir as coisas. Você sabe disso.”

“Sim, sim”, Melodía assentiu. Por mais exasperante que Montse fosse, era difícil ficar brava com ela. “E eu quero servir ao Império de uma forma que importe. E nós duas somos princesas imperiais e, sem dúvida, nunca vamos conseguir o que queremos.”

Jaume piscou para ela e falou apenas movendo os lábios: “Nem tanto.”

Ela teve de combater uma risadinha.

“Sabemos que não estava nos espiando, Montserrat”, Jaume disse. “Então, o que a trouxe aqui?”

“Fui mandada para buscar minha irmã e iniciar os preparativos”, ela declarou com importância.

“Para o quê?”, Melodía perguntou.

“O pai decretou um *enorme* banquete esta noite para celebrar o retorno de Jaume. Todas as pessoas chatas vão estar lá. Fico feliz por ser *jovem* demais pra ir.”

# OS SENHORES DINOSAUR<sup>DOS</sup>



– 12 –

**Cuellolargo, Pescoço Comprido** – *Elasmosaurus platyrus*.

*Um tipo de plesiossauro ou monstro do mar de pescoço longo.*

*14 metros, 2 toneladas. Come peixes e lagartos marinhos menores. Raramente ataca humanos, a despeito das histórias de pescadores, e somente quando provocado.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

“Alguma coisa tem de ser feita”, declarou o conde de Montañazul.

Melodía, um garfo de salada a meio do caminho da boca, forçou-se consideravelmente para não revirar os olhos. *Quantas péssimas ideias começaram com essa frase?*, ela pensou.

O conde Montanha Azul era um homem alto, de constituição ainda forte na meia-idade, com uma barba negra pontuda, grisalha nas laterais inferiores. Ele vestia uma toga vermelha de seda com uma montanha azul num brasão dourado costurado na frente. Seu feudo era grande e próspero pelas minas e boas

roupas, se não necessariamente pela governança sábia. Ele era bem popular e influente entre os companheiros nobres.

Melodía segurou a língua. Por ora.

A sala de jantar estava agitada como um viveiro devido às conversações e o tilintar de utensílios de mesa. Um pequeno exército de servos estava ao redor, segurando bandejas e jarros. O cheiro de carne assada e pasta cozinhando competia com a miríade de essências que os convidados usavam, que felizmente se misturavam num *mélange* que Melodía julgava agradável. A mesa de madeira de vinte e cinco metros de comprimento fervilhava com aqueles cuja estimativa da própria importância estava em consonância com a capacidade dos camareiros imperiais de conseguir um lugar para eles nela.

Melodía sentava à direita do pai, sete cadeiras para baixo. Apesar da sua posição, era um local padrão para ela em jantares de estado. Como sempre, ela se ressentia de ser excluída da única conversa que importava.

“Algo precisa ser feito sobre o quê, conde Roberto?” a condessa Rincón perguntou.

Uma condessa por mérito próprio, Teresa de Rincón era uma viúva no final da meia-idade, com cabelos grisalhos e aparados. Ela estava sentada à frente de Melodía, mais próxima do duque Falk von Hornberg do que o protocolo exigia.

“Este Jardim da Beleza e da Verdade em Providence, claro”, respondeu Montañazul. “É um escândalo. As besteiras deles vão acabar atraindo o tipo de atenção que ninguém quer dos próprios Anjos Cinza. Não seria surpresa para mim se eles tiverem enviado aquele assassino atrás do nosso amado imperador.”

Melodía engoliu a raiva diante da censura implicada contra seu amado Jaume. “Não seria mais óbvio acusar a Comitiva dos Príncipes?”, ela obrigou-se a perguntar maliciosamente. “Foram eles que travaram uma guerra contra meu pai, não os Jardineiros. Que, aliás, são pacifistas.”

Ela virou-se para olhar para o duque *norteño*. Assim como todos que escutaram a frase. A presença dele na corte proporcionava uma controvérsia deliciosa.

“Uma conjectura razoável, princesa”, ele falou com uma suavidade que a fez ter vontade de chutá-lo. Ele limpou os lábios num guardanapo de linho. “Na superfície. Mas eu pergunto, por quê? Jamais pretendemos ferir nosso imperador ou sua família. Além disso, vossa Majestade me convenceu de que nenhum assassino aceitaria tal trabalho em primeiro lugar. Então, contra quem os enviaríamos?”

Melodía apertou a boca. Falk se parecia com um pateta musculoso, a epítome dos cabeças de balde, como os brincalhões chamavam os guerreiros aristocratas do Império. Mas ele vinha mostrando que sua cabeça não acomodava balde algum, nem em termos de astúcia, nem de indulgência.

“Sua comitiva poderia tentar assassinar os conselheiros malignos que os Príncipes alegaram enfrentar?”, ela perguntou.

“Com qual finalidade, Alteza? Perdemos a guerra e admitimos nossa culpa.”

“De fato. Você não devia importunar nosso convidado”, disse a condessa Rincón, dando um apertão de solidariedade no bíceps de Falk. “Ele cumpriu sua penitência e recebeu o perdão.”

“Não deixe que a senhorita Melodía o engane, sua Graça”, falou uma voz nasalada, vinda da extremidade mais distante da mesa.

A cabeça do primo de Melodía e de barba imaculadamente penteada, Gonzalo Delgao, assentava-se sobre um rufo branco como se este fosse um prato. Que era exatamente onde Melodía gostaria de vê-lo. Ela reparou que o diminuto homem em trajes de veludo negro tinha disposto suas louças e utensílios de salada com a precisão de sempre, após ter terminado a refeição.

À frente dele, estava seu irmão caçula, Benedicto, grande como um titã e tão rápido quanto, com seu belo rosto pardo enrugado devido ao esforço para acompanhar a conversa.

“O que quer dizer?”, Falk perguntou a Gonzalo.

“Nossa princesa se opôs ao pai guerrear contra você e seus camaradas do norte”, Gonzalo respondeu. Um pouco depois, seu irmão assentiu de acordo.

Os habituais parceiros dos irmãos na tarefa de minar o pai de Melodía, o arrogante cunhado René Alarcón e Augusto Manorquín, da família cadete de Torre Ramírez, felizmente estavam ausentes. Eles deviam estar em outro lugar bolando trapagens; Melodía suspeitava que eles estavam apadrinhando um dos mais famosos prostíbulos de La Merced.

Os olhos azuis de Falk voltaram a se fixar em Melodía. Ela achou a intensidade deles inquietante. Já estava *quente* o bastante lá dentro, muito obrigado.

“Por que, Alteza?”, Falk perguntou.

“Ela é contra a guerra”, respondeu Gonzalo. “É cheia de ambições novas, minha prima.”

“Mas no final das contas, a guerra não sustenta a própria ordem que mantém seus privilégios e os da sua posição?”, Falk indagou.

“Não me oponho a todas as guerras”, ela falou, encarando Gonzalo. “Somente as desnecessárias. Estudei extensivamente a história militar. E, antes que pergunte, sim, eu acho que meu pai deveria ter tentado resolver as disputas com a Comitiva dos Príncipes antes de optar pela guerra.”

Falk ergueu uma sobrancelha. “Ler sobre a guerra não é a mesma coisa que vivê-la, Alteza.”

“Eu sei disso. Você lutou com distinção naquela guerra, sua Graça. Pode me dizer qualquer atividade *menos* metódica?”

“É um ponto interessante, princesa. A batalha, pelo menos, é a atividade mais caótica imaginável.”

“Independente de *quem* enviou o assassino e por que”, Montañazul falou alto, tentando recuperar o centro das atenções, “ainda digo que o imperador deveria agir contra este chamado

Jardim da Beleza e da Verdade. Ponha-os de joelhos como perturbadores desobedientes.”

“Por quê?”, Falk inquiriu, bebericando vinho. “Que ameaça um bando de pacifistas impõe?”

“Eles ensinam sedição! Pacifismo, para começar. Pior, bem pior, é a noção de que nobres têm um *dever* para com os camponeses. Um absurdo! Se essa ideia pegar, causará caos. Anarquia!”

A esposa dele, a *condesa* Maria, sorriu e afagou seu braço. “Roberto sabe o quanto é perigoso que camponeses se ergam acima de sua posição. Outros fidalgos admiram a eficiência com que ele esmaga todas as agitações.”

“Há de se perguntar por que ele sofre tantas”, Melodía falou gentilmente.

“*Sí*”, disse a condessa Maria, aquiescendo. “É um grande mistério. Mas serve para mostrar quão pouco os pequenos servos diferem dos selvagens horrores das florestas.”

Para impedir-se de rir na cara dela, Melodía bebeu vinho. Era um belo *vintage* de La Meseta, uma terra alta onde ficavam ambas La Majestad, a capital imperial, e a capital da Spaña, La Fuerza. *Algo* bom saíra daquele lugar empoeirado.

Felipe não suportava La Majestad ou o Palácio Imperial. Melodía gostava menos ainda. Era por isso que eles viviam ali, desde que a mãe de Melodía morrera dando à luz Montse.

“Os Jardineiros são hereges”, Montañazul declarou. “Sua Santidade deu a entender o mesmo.”

O Papa estava sentado à esquerda de Felipe. Muito velho, com uma cabeça que parecia um ovo de titã empoleirada num corpo magricela como um alado morrendo de fome, enrolado em camadas de roupas brancas com costuras douradas, à despeito do calor, Pio era grande entusiasta de todos os piores impulsos do imperador no que pesava a centralização do poder. Ele era um dos motivos pelos quais Melodía se alegrava de não poder sentar num local mais próximo; ela tinha dificuldades de se

comportar conseguindo ouvir o Papa falar. Além disso, ele cheirava mal.

O fato de Pio parecer nunca estar totalmente limpo promovia sussurros de que ele era secretamente devoto da seita Vida por Vir, da qual a *dueña* de Melodía era tão fiel. Se fosse verdade, *tinha* de ser segredo: La Vida-que-Viene assegurava que os preceitos dos próprios *Livros da Lei dos Criadores*, que exigiam coisas como saneamento e prazer sensual do mundo dado pelos Criadores a seus filhos, eram metáforas pecaminosas, caso seguidas de forma literal. Os crentes pensavam que limpeza e prazer só deveriam ser gozados após a morte.

Melodía não era a única a se perguntar como eles conseguiam qualquer seguidor que fosse, quanto mais um número crescente deles. Sorrindo abertamente agora, ela falou: “Você acredita que os Jardineiros ensinam heresias, conde Roberto? Que fascinante. Quem sabe queira discutir a questão com o homem cujos escritos é a base da crença deles”.

Ela acenou com a cabeça para Jaume, que estava sentado escutando educadamente à direita de Felipe. Ela sentiu pena dele. O Papa Metropolitano desaprovava abertamente a filosofia hedonista de Jaume. Ele considerava o reconhecimento que seu predecessor dera aos Companheiros um equívoco.

Jaume reparou no olhar de Melodía e retribuiu com um sorriso rápido e apertado.

Montañazul ficou repentinamente absorto nas fatias crepitantes de um focinho chifrudo que lhe acabara de ser servido. Ele era um duelista talentoso e gostava de se gabar por estar na primeira categoria de combate com lanças. Jaume era um guerreiro lendário. *Ele não é um idiota* completo, Melodía pensou.

O restante da refeição não teve contratempos. Montañazul começou a discutir sobre bicos de pato de guerra, um assunto sempre seguro e bem-vindo pela aristocracia, com o duque de Alba, que era a maior ilha descendo o Canal a partir de La

Merced. Um feroz velho matador, o duque Luís era um ex-policial imperial caolho e pernetá.

A condessa Rincón monopolizou o duque Falk. Melodía comeu com a voracidade habitual, o que a ajudava a fingir que não reparava como os olhos do jovem alemán ficavam se fixando nela.

Quando terminou, percebeu uma sombra atrás da sua cabeça. Por nenhum motivo inteligível, algum ancestral do príncipe Heriberto decidira pendurar por correntes negras um *cuellolargo* recheado acima da mesa de banquete. Embora fosse pequeno, com dez metros de comprimento ou algo assim, o monstro do mar de pescoço comprido apavorara Melodía na primeira vez em que ela o vira, quando criança. Por outro lado, Montserrat, mal aprendera a andar, dissera que ele era a coisa *mais* maravilhosa que já tinha visto.

Melodía superara há muito tempo o medo da fera dentada. Ela teve dificuldade de esquecer uma profecia de que um dos frequentes terremotos de La Merced derrubaria a coisa em cima da cabeça dela um dia, enquanto bebia sua sopa.

Felipe se levantou. O silêncio caiu como um plesiossauro desacorrentado. O Papa olhou estrábico para o amigo, com interesse. Jaume recostou-se na cadeira, o rosto vazio.

“Sua Santidade”, Felipe falou, curvando-se para o Papa. “Meus senhores e senhoras. Gostaria de anunciar a mais importante decisão que, após muito eu ter rezado aos Criadores e consultado meus sábios conselheiros, acabei de tomar.”

“Decreto aqui que um Exército Imperial Correccional marchará ao Condado de Terraroja e restaurará a obediência apropriada do reino ao Império e à Sagrada Igreja!”

Aplausos e ovações se seguiram. Melodía apertou os olhos fechados.

Ela os abriu para olhar para Jaume. O rosto dele estava rígido. Pela lealdade ao seu senhor e compatriotas, Jaume engolia suas dúvidas, embora ela soubesse que por dentro elas queimavam

sua barriga. *Você não serviria melhor meu pai se falasse contra essa loucura?*, ela queria gritar para ele. Contudo, perturbada pelas próprias lealdades e convicções, também não conseguiu encontrar voz.

Felipe continuou de pé, brilhando mais que a dúzia de tochas, centenas de lamparinas e milhares de velas que iluminavam o banquete. Ele parecia transportado, já que, contra as expectativas de todos, inclusive as dele próprio, tinha alcançado algo grande por conta própria. Uma ação que se equipararia à de Manuel, o Grande – progenitor da Torre Delgao, que matara o mítico tiranossauro imperial, transformara o crânio dele no Trono Dentado e fundara o Império o qual governou.

Melodía só conseguia balançar a cabeça. *Meu pai trava guerra contra seu próprio povo e acha que é a maior coisa que poderá fazer.*

O ministro-chefe Mondragón estava sentado ao lado de Jaume. As mãos dele aplaudiam, mas seu rosto parecia como se ele tivesse mordido uma raiz medicinal. Melodía e Jaume não eram os únicos que desaprovavam o mais recente capricho do imperador.

“Os preparativos começarão imediatamente”, Felipe anunciou. O salão ficou em silêncio. “O exército marchará por cinco semanas a partir de agora. Quanto ao seu comandante...”

Ele abriu um sorriso como um farol para a sua direita. “Não posso pensar em ninguém mais adequado do que o conde Jaume, comandante cavaleiro dos Companheiros de Nossa Dama do Espelho, Campeão do Império e meu firme e confiável braço direito!”

“Não.”

A única sílaba ecoou como o sopro de uma trombeta. Os convidados se viraram para encarar.

O duque Falk von Hornberg tinha se levantado. Ele era o homem mais alto do salão.

“Não pretendo desrespeitar, Majestade”, falou. “Nem ao senhor, sua Santidade, nem ao nobre conde Jaume. Contudo, devo humildemente solicitar o comando do seu exército. Pelo direito de precedência como duque, se não pelos meus atos.”

O velho Alba bateu o punho sobre a mesa, fazendo talheres pularem um metro em todas as direções. “Um rebelde comandando um exército imperial? Intolerável!”

Pio lançou um olhar penetrante para ele.

“Devo lembrá-lo, sua Graça, que o duque Falk recebeu perdão completo da própria mão do imperador, assim como da nossa?”

Conversas começaram a chiar como manteiga na frigideira. Falk manteve-se calado, cabeça erguida, estático como um monólito. Jaume parecia triste, mas mesmo assim, nada disse.

Enfim, Felipe ergueu a mão. Os murmúrios cessaram.

“Honramos nosso compatriota, conde Jaume, como um grande e comprovado campeão”, ele disse. “Contudo, também escutamos bastante sobre as proezas deste forte alemán em campo de batalha. Só posso entrever uma única decisão.”

Ele sorriu como se sua cabeça fosse ser partida ao meio. “Teremos um Grande Torneio e o vencedor comandará o Ejército Corregir!”

Mondragón se encolheu na cadeira. Jaume apertou a fronte com dois dedos.

O duque Falk sorriu como se já tivesse vencido.

*Eu odeio ele*, Melodía pensou.

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 13 –

**Brincador, Saltador** – Psittacosaurus ordosensis.  
*Dinossauro bípede herbívoro, 1,5 metro, 14 quilos,  
com um bico curto, porém poderoso. Distinto pela plumagem franzida.  
Peste de jardim comum em Nuevaropa.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

“Assim que nos casarmos”, Melodía disse, “vou me juntar a você.”

Com um mero vacilo diante daquilo, o amante dela, na teoria se não na realidade, terminou de levantar o braço direito. O braço esquerdo, envolvido em bela camurça, puxou para se libertar. Uma libélula de meio metro, olhos vermelhos e asas rendilhadas transparentes decolou do bracelete de couro do antebraço de Jaume e voou para frente.

Jaume virou os olhos turquesa para Melodía. “O que disse, *mi amor?*”

Vendo a desgraça seguir em sua direção através da clareira, um *brincador* verde e amarelo do tamanho de um pequeno cão pulou de trás do ramo de samambaia que provou ser inadequado para escondê-lo. Ele saltou freneticamente, acenando com sua cauda de grandes plumas azuis.

A libélula o atingiu como uma flecha. A pequena criatura gritou quando o inseto afundou as pernas como agulhas em seu corpo. Mandíbulas cor de rubi morderam fundo o pescoço. O sangue espirrou em arcos da cor do corpo do assassino. A vítima estrebuchou uma última vez e ficou flácida.

“Você está bem, Melodía?”, Jaume perguntou. “Seu rosto está corado.”

Ela se sacudiu que nem um cachorro molhado. O pulso acelerado a deixava trêmula. “Desculpe tê-lo deixado no ar, querido”, ela disse sem fôlego. “Eu falei que quando nos casarmos vou me juntar a você.”

Ele a encarou como se ela tivesse criado uma crista colorida igual a da sua montaria, *Camellia*. “O que quer dizer?”, perguntou suavemente.

Ela cutucou sua adorada égua cinzenta, *Meravellosa*, para ir até onde a libélula gigante dilacerava audivelmente a pele da vítima. A égua branca de Jaume chegou um pouco depois. Ao redor deles, no lado do palácio que dava para o continente, erguia-se uma floresta de folhosas e sempre-vivas.

Discutir, mesmo sobre o futuro casamento, não era de fato o que ela queria naquele momento. Mas, com quatro encarregados da caça trajando uniforme do príncipe Heriberto convergindo sobre a vítima, ela não teria a chance de fazer *aquilo*. Apesar do que os nortenhos pensavam, os povos do sul de Nuevaropa tinham algum decoro sexual.

Que os amantes tiveram pelo menos aquele breve tempo juntos, foi resultado da habilidade de Jaume de fugir ao evento principal. O imperador estava caçando hoje.

“Você está sempre fora em missões”, ela disse ao ouvir a égua dele emparelhar com a dela. “Agora que finalmente está em casa, trabalha o tempo todo para preparar o exército para esta guerra ridícula.”

*E meu papel como filha obediente do imperador é ficar fora do caminho e não fazer nada útil.*

“Nós *nunca* nos vemos!”

Ele suspirou. “Eu sinto isso tanto quanto você. Sabe disso. Mas... é meu dever.”

“Nunca pedi que desistisse”, ela falou brilhantemente. As pontas do topete que brotava do topo do chapéu de Melodía raspavam silenciosamente na seda amarela esticada sobre uma estrutura de bambu para proteger os ombros dela dos raios de sol. “Eu sei que além de ser seu dever, você gosta. Então, estava pensando em me juntar a você.”

“Quer dizer, juntar-se aos Companheiros?”

“Exatamente!”

Os encarregados da caça se aproximaram da presa. A libélula bateu asas e sibilou um aviso: *Fiquem longe! Meu!*

Os três homens recuaram. Sabiam bem o que aquelas garras e mandíbulas podiam fazer. O enorme inseto não poderia matar um humano adulto, mas, como um gato doméstico irado, era capaz de rasgar muito bem o rosto de uma pessoa.

Parado a vinte metros contra o vento, Jaume alcançou uma pequena sacola de couro do cinto. Apanhando um punhado do pó de certas glândulas secas de parentes da libélula, ele esfregou os dedos, deixando que fosse levado pela brisa. Com o apetite suprimido pelo pó, a libélula largou a presa imediatamente e ganhou o ar, seguindo docilmente a trilha de odor de volta ao punho do mestre.

Melodía e Jaume cavalgaram adiante. A libélula se acomodou com um zumbido no antebraço de Jaume. Ele anelou um laço na junção do abdome e do tórax e apertou, prendendo a criatura ao

bracelete. Ignorando os procedimentos, ela começou a escovar as partes vermelhas do corpo com as patas dianteiras.

Melodía fervilhava de frustração. Mas seu pai a ensinara que os nobres deviam ao povo certos direitos, incluindo rituais como aquele, que tinham de ser observados com rigor.

Enquanto se aproximavam, o encarregado ergueu o corpo do animal morto com um sorriso para a aprovação de Jaume. Melodía se remexeu na sela e tentou se distrair ao olhar para as árvores desbastadas no ponto mais baixo da encosta transversal, tendo uma visão panorâmica de La Merced. Ela realmente amava a cidade onde crescera para se tornar adulta na corte de Felipe. Em seu coração, nunca se igualaria ao seu local de nascimento, Castillo Golondrina, nem ao ducado do pai, El Almendral, a Plantação de Amêndoas. Mas derrotava La Majestad com um pé nas costas.

Dois grandes promontórios envolviam a Baía Alegre, escavada por um meteoro, como dois braços, definindo e protegendo o melhor ancoradouro em La Canal. La Merced abarrotava a orla sul e leste com telhados coloridos e torres em forma de cones feitas de calcário branco, as quais a Casa dos Criadores, o palácio do Papa, dominava. As docas estavam cheias de navios de todos os tamanhos. As ruas, de becos capilares a artérias bulevares, pulsavam com o tráfego de veículos, humanos e dinossauros.

O promontório ao leste era ocupado principalmente pela enorme base da marinha imperial, os Dragões do Mar, que protegiam o comércio do Canal que abastecia a famosa riqueza e hedonismo de La Merced. Mais próximo, na extremidade oeste da Baía, Melodía podia ver a Carranca de Adelina, a alta falésia coroada pelo Palácio dos Vaga-lumes. Dali de onde ela estava, o hexágono de pedras brancas parecia bem mais com a fortaleza impenetrável que fora criada para ser do que de dentro.

A cidade cantava para Melodía vitalidade, indústria e ganância positiva pelas alegrias que a vida oferecia. Ela oferecia também

muitas contradições: respeitável, porém volátil, de modo que a Guarda Cívica frequentemente sufocava revoltas, trajando suas armaduras de platina esmaltada azul-cobalto; amor por espetáculos e burguesia; tolerância e corações gentis, contudo implacáveis e até cruéis no tratamento dado às suas antigas nêmesis, os piratas.

Ela amava La Merced. Mesmo quando ela a consternava.

“Excelente, Lorenzo”, Jaime disse, afinal. “Uma morte limpa. Guarde a carne para você e sua equipe.”

Isso angariou sorrisos de agradecimentos dos encarregados da caça. Eles ensacaram a carcaça e transferiram a libélula caçadora para o pulso do chefe dos encarregados. Então, partiram na direção do clamor que indicava onde o grosso da caçada continuava acontecendo. Enquanto desapareciam no matagal, Jaime soltou um longo suspiro. “Está feito.”

*Graças aos Criadores!*, Melodía pensou. “Você não gosta de caçar?”

Ele deu de ombros. “Parte de mim gosta de matar ou não faria o que faço. Decerto há uma beleza terrível nisso. Mas somente se for necessário.”

Ele caiu em silêncio; as belas feições se contorceram num olhar de dor. Mais uma vez, Melodía viu evidências de que algo o perturbava. Magoava o fato de ele não partilhar, mas ela era sensível demais aos sentimentos dele para perguntar. Ou talvez, admitindo para si própria, orgulhosa demais.

Ela comprimiu os dentes contra o que queria *realmente* dizer.

“Quer realmente se juntar aos Companheiros?”, ele perguntou.

“Por que não deveria?”

“Bem, é... é... perigoso.”

“Claro que é perigoso! Você tem mais Irmãos caídos do que em atividade, e muitos mais afastados por causa de ferimentos. Isso nos custou Pere. Mas, ao menos, é algo *ativo*. Eu posso apenas sentar meu *culo* no Palácio e mesmo assim ser vítima de um assassino à espreita, como aconteceu.”

“Não acho que o assassino procurava você.”

Ela se deixou cair para trás. “Claro, você é gentil demais para apontar o parassaurolófo dentro da sala; não passo de uma princesa imperial, então por que alguém se incomodaria de mandar a Irmandade atrás de mim?”

Jaume pareceu soturno.

“Então, por que eu *não deveria* entrar para os Companheiros?”, ela perguntou com o coração acelerado. “Seria a minha chance de fazer alguma coisa real.”

Eles cavalgavam por uma vereda sob a gloriosa luz solar que atravessava o fino tecido de nuvem, indo na direção da caçada. O ar estava quase frio, com olores de flores e orvalho da garoa que caíra antes da alvorada. Pássaros perseguiram pequenos lagartos em meio a ramos de espinhos.

“Nem tudo é canções e glória”, ele disse. “Fazer parte dos Companheiros é árduo, às vezes chato e, frequentemente, aterrorizante. Pode te pulverizar como uma pedra de moinho.”

“Acha que não sei disso? Sei que não gosta de falar a respeito. Mas escuto as baladas. É difícil não fazê-lo.”

Ele riu. “*Esse* é um testemunho incontestável.”

“Mas Pe... seus Irmãos me contam histórias. Eu sei como é.”

Jaume franziu a testa. Melodía sentiu que deveria beijá-lo para desfazer a cara feia.

Mas, não. Aquilo não seria *decoroso*. Os servos poderiam ver.

“Mal sei como dizer isso, amor”, ele falou. “Sei que você é forte e corajosa. É bem treinada em combate e possui dom pra isso. Mas não é fácil tornar-se um dos Companheiros. Você tem de se qualificar. Possui a personalidade e o espírito tanto quanto qualquer Irmão. Isto é parte do motivo pelo qual a amo. Mas é preciso grande destreza física, além de resiliência. E você teria de conquistar a admissão pelos seus méritos.”

“E você acha que não consigo?”

“Quando você teria a oportunidade?”

“Posso ser sua escudeira. Sua pajem! Seja como chamem aquele garoto que o segue, olhando com cara de bobo para você.”

“Eu o chamo de Bartomeu. Ele é meu escudeiro de armas, motivo pelo qual me segue. E nossas regras impedem que levemos amantes entre os juniores. É injusto. Você gostaria de viver num celibato forçado?”

“E como tenho vivido? Como uma eterna celibatária que não se banha desde o último Qian! Eu poderia me inscrever como mercenária – tornar-me uma Ordinária e abrir caminho para os Companheiros por meio da minha lâmina!”

A mão dela deu golpes de espada no ar. Meravellosa girou a cabeça e bufou. Em sua ansiedade, Melodía calculou. “Que nem aquele garoto francês bonitinho, Florian! Ele era um garoto comum, não era?”

“Sim”, Jaime respondeu. “Mas todos eles são garotos bonitos.”

“Isso é um problema? Que os Companheiros sejam apenas um clube para meninos? Nenhuma *concha* pode entrar?”

Jaime abriu e fechou a boca várias vezes, sem emitir som algum.

“Seu pai jamais a deixará fazer isso”, ele conseguiu dizer, enfim. “Especialmente não conosco encarregados de liderar o Exército da Correção para a guerra.”

Ela respirou fundo e suspirou momentaneamente. “Essa guerra estúpida! Metade de *la familia* se inflamou com meu pai por causa dela, temendo que se ele causar problemas demais, os Delgao perderão o precioso monopólio do Trono Dentado.”

“Eu tentei dissuadi-lo.”

“Ele é bom em não escutar o que não quer.”

“Especialista.”

“Me pergunto se este rebelde supostamente regenerado, Falk, não é má influência.”

Jaime balançou a cabeça. “Ele diz ao seu pai o que ele quer escutar, sem dúvida. Mas não acho que a culpa seja dele. Na

verdade, ele é só um garoto... pouco mais velho do que você. Ele é um guerreiro formidável e é promissor como capitão de campo. Acho que a lealdade dele é sincera, embora seja nova.”

“Bem... ele parece bancar mesmo o garoto para os bajuladores cabeças quentes da Corte.”

“Dos quais poucos se voluntariam para a campanha em Terraroja.”

Ela riu. “Não. Eles são só janotas vestindo de seda. Mas eu culpo aquele confessor dele, Jerónimo. Meu pai mudou desde que ele apareceu. Tenho certeza de que este atual *guiso de caca* é ideia dele.”

“Como ele começou a trabalhar para seu pai?”

“Vai te deixar em apuros se eu disser que ele foi recomendado por aquele horrível despedaçador de cadáveres, o Papa?”

Jaume gargalhou. “Somente se eu repetir essa descrição. E, mesmo assim, só se nossa Santidade escutasse. Por sorte, meus homens são discretos. E também precisam de umas boas risadas após nossa viagem de volta ao lar, vindo da Alemanha.”

Ele tinha passado os últimos dois dias supervisionando a chegada de seus Companheiros, seus dinossauros de guerra – incluindo sua amada Camellia – e os quinhentos auxiliares Ordinários com seus cavalos, de uma frota de navios com fundo abaulado. Eles seriam a espinha dorsal do Ejército Corregir, quem quer que vencesse o ridículo torneio do pai dela.

“Como é esse monge misterioso?”, Jaume perguntou.

“Não faço ideia. Nunca o vi. Só estive na mesma sala que ele duas vezes e, em ambas, ele estava atrás de uma tela.”

Ela fez uma pausa. Quando conheceu Jerónimo, sentiu uma estranha inquietação, no fundo das entranhas e sob a pele, como se tivesse a sensação de *algo* estar errado.

“Pilar contou que nenhum dos servos o viu”, ela prosseguiu. “Acho que nem mesmo meu pai já o viu.”

“De fato, curioso.”

Um grito agonizante foi ouvido pelas colinas. Quando ele morreu, um nariz de chifre soltou um guincho de triunfo. Latidos e guinchos de deinonicos cresceram num alarido. Homens gritavam em confusão.

Melodía e Jaume se entreolharam e impeliram os cavalos a um rápido galope.

“Sabe”, Rob falou através do véu chuvoso que despejava da aba de seu chapéu, “você era um perfeito herói romântico.” *Mais do que Jaume, quem sabe*, ele pensou, mas optou por não dizer, com rara discrição.

Era uma típica tempestade de Nuevaropa. O céu guerreava consigo mesmo e a terra sofria com chuva torrencial, ataques de ventos uivantes e relâmpagos azuis esbranquiçados que cortavam como lanças, com sons como tambores de guerra. Apesar de terem de abrir caminho por muitas camadas de galhos carregados de folhas na velha floresta de carvalhos, as gotas de chuva picavam a pele nua de Rob.

“A culpa não é minha”, Karyl disse.

Segurando seu guarda-sol corajosamente para cima, Rob foi oscilando até o topo da bagagem nas costas da sua chifruda. Rob podia sentir a amiga murmurando em desconsolo para si própria. Normalmente estoica, a Pequena Nell não gostava quando era atingida pelo clima *daquela* forma. O que, infelizmente, ocorria com frequência.

Karyl tomara a dianteira. Sua falta de consciência de classe às vezes exasperava Rob, por mais que ele desprezasse nobres. O mais recente ultraje que Karyl cometera aos pudores de Rob foi comprar um chapéu de camponês em forma de cone por alguns centavos de cobre de um dos vendedores que brotavam como cogumelos nas estradas mais movimentadas.

Ele o estava vestindo agora, o cordão amarrado sob o queixo, a cabeça curvada enquanto atravessavam a tempestade. Aos olhos reconhecidamente fantasiosos de Rob, aquilo fazia com que ele se parecesse com um cogumelo medicinal.

“Como você sabe o que eu era, de qualquer modo?”, Karyl questionou.

“As canções!”, Rob respondeu. “Escutei canções por anos. Tive minha primeira experiência na área com elas. Li os romances. Agora, estou louco pra escutar a verdade de você. Sabe como menestréis mentem.”

“Exceto pela companhia atual?”

“De forma alguma. Sou o pior de todos!”

Karyl pareceu ruminar aquilo um pouco. “Continue falando. Direi quando se desviar demais da verdade.”

“O que poderia ser um conto mais bonito?”, Rob perguntou. “Você derrotou uma matadora destruidora aos vinte anos, um mero rapaz sem barba no queixo. A cria dela chocou diante dos seus olhos e se uniu a você. Que calha de ser a única maneira de ter um dinossauro selvagem carnívoro como montaria. E eles são bem melhores do que aqueles criados em cativeiro.”

“Você foi nomeado cavaleiro pelo próprio arquiduque, dentro das normas. Mas, mais importante, ganhou Shiraa, quase tão mítica quanto você mesmo!”

Karyl emitiu um som que parecia uma pedra de catapulta atravessando a goteira da chuva.

“Ah, perdoe-me!”, Rob exclamou, arrependido. “Eu não queria tocar numa ferida, não queria mesmo. Ainda chora a falta dela.”

“Ela era minha amiga”, Karyl disse. “A única que sobreviveu *sendo* minha amiga. Até o Hassling.”

Rob sacudiu a cabeça penitente. Era uma canção tão triste que levaria anos até que pudesse cantá-la.

Os dedos fortes da Pequena Nell bateram em toras cerradas longitudinalmente, com a lateral redonda enterrada. Os locais

mantinham a estrada bem pavimentada. Toras de madeira eram mais baratas que dinossauros nas redondezas.

Se o lorde local cobrava pela passagem, Rob não vira sinal. Ele tinha um olho de dragão para pedágios; recusava-se a pagar por princípio, como irlandês e viajante. Mas, alguns nobres eram espertos o bastante para se contentarem apenas com os lucros que o comércio por boas estradas traziam.

“Uma conspiração de barões assassinou traiçoeiramente seu pai”, Rob prosseguiu, uma vez que Karyl não pediu que parasse. “E esse não deveria ser o coletivo para eles, então? Uma ‘conspiração de barões’. Como um *assassinato de corvos* ou uma *intensidade de horrores*. Eles o substituíram por seu meio-irmão bastardo e o exilaram com nada além de Shiraa e uma camisa nas costas.”

“Calças e sandálias. Nada de camisa. E estava chovendo, também.”

“Você vagou por anos. Décadas. Se a lenda for verdadeira, você viajou até a Terra de Afrodite, estudando as artes da guerra e combate pessoal, reunindo a força.”

“As lendas não estão totalmente erradas”, Karyl falou. “Surpreendentemente.”

Rob sorriu. “E então... ah, o que poderia ser melhor?”

“Não isto, seguramente.”

“Você voltou do exílio com um exército”, Rob disse, sem se deixar minar. “Oprimidos pelo tirano, os camponeses se reagruparam sob sua bandeira.”

“Na verdade, pela mãe do usurpador”, Karyl corrigiu. “Alžběta Alexandrovna, baronesa Stechkina. Meu meio-irmão, Yan-Paulus, o bastardo, não é um tipo ruim. Mas estava nas mãos dela.”

Rob fez um sinal de dispersão com a mão na chuva. “*Detalhes*. Lendas não ligam para sofismas. O fato é que não existe narrativa maior, mais amada e empolgante que a do nobre que

busca recuperar o trono que fora roubado injustamente dele. E o que você fez? Exatamente isso!”

Ele balançou a cabeça em admiração, espirrando água em todas as direções de seu chapéu. “Isso é o que torna sua história tão envolvente, voyvod. Você realmente *viveu* o final do livro de histórias.”

“Foi a pior coisa que aconteceu comigo.”

“Quê?”, Rob bradou, horrorizado. “Você destruiu o governo cruel dos barões e tornou os homens iguais! Fez algo que nunca tinha sido visto antes. E levantou a maior força de combate que veremos em nossa vida, a Legião do Rio Branco!”

“Que foi destruída.”

“E que bem isso me fez. Acabei demitido por divergir a atenção dos cabeças de balde e seus preciosos esquemas para derrotar vocês. Então, cá estou eu, molhado, errante e sem um centavo.”

“E eu me encontro na mesma posição, pelos mesmos motivos. O que acha do final do meu ‘livro de histórias’ agora?”

“Mas você trouxe anos de governo iluminado!”

Karyl olhou para Rob. Por debaixo do chapéu ensopado, seus olhos pareciam escuros e profundos, e Rob imaginou que, se tivesse olhado mais de perto, teria visto as estrelas.

“É o que você acredita”, Karyl falou.

“Não é verdade? Todo o Império ainda comenta. Foi por isso que seus próprios empregadores se voltaram contra você! Temiam que seu exemplo inflamasse os próprios servos oprimidos.”

“Talvez. Suspeito que temiam mais que eu estivesse me tornando muito poderoso”, ele encolheu os ombros. “Talvez tivessem razão. Ainda que não da forma que o imperador acreditava.”

“Isso não faz sentido”, Rob bradou. “Está dizendo que você não era um governante sábio e iluminado?”

“Sim.”

Rob ergueu as mãos de forma teatral. O gesto fez com que o guarda-chuva, momentaneamente esquecido, acertasse um galho, e uma torrente de água caiu sobre ele. O chapéu de abas colapsou em volta da sua cabeça.

“Não entendo”, ele disse, não se dignando a reconhecer o acidente.

“Talvez um dia eu explique”, Karyl disse.

“Que tal agora?”, Rob perguntou. “Odeio esperar o final de uma história.”

Gotas de chuva explodiam no chapéu de Karyl e corriam pelas suas costas como córregos pálidos. Ele nada falou.

“*Bah!*”, Rob exclamou. “É mais fácil discutir com um gato do que com você.”

Isso angariou uma risada. “Claro”, Karyl disse. “Eu sou um nobre.”

# OS SENHORES DINOSAUROS



– 14 –

**Nariz Cornuda, Nariz de Chifre, Unichifre** – *Centrosaurus apertus*.

*Quadrúpede herbívoro com bico dentado e um único chifre nasal.*

*6 metros de comprimento, 1,8 metro de altura, 3 toneladas.*

*Dinossauro ceratopsiano mais comum de Nuevaropa;*

*predominantemente uma fera de carga.*

*Manadas selvagens podem ser perigosas e agressivas;*

*popular para caça (embora extremamente perigoso).*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

Melodía e Jaume cavalgaram descendo o declive por entre o matagal o mais rápido que ousaram. O coração dela era um martelo. O odor acentuado de samambaias esmagadas preencheu sua cabeça.

Eles saíram num afloramento de rochas calcárias. Assim que puxaram as rédeas, algo grande surgiu esmagando e rosnando na direção da clareira abaixo.

Berrando em fúria, um monstro mergulhou para frente: um nariz de chifre selvagem, um poderoso patriarca de sete metros de

comprimento, preto e verde, com penas arrepiadas como cabelos sobre os ombros montanhosos. Ele balançava a enorme cabeça para a esquerda e direita, procurando oponentes.

Melodía engoliu em seco. Ele vinha invadindo fazendas, matando machos e roubando fêmeas para seu harém. Matara dois camponeses e um arqueiro que cometera o erro de tentar detê-lo, e uma pastora que não saiu do caminho dele rápido o bastante.

Agora, seu pai o estava caçando.

“Jaume!”, Melodía exclamou. “O chifre dele.”

A face ossuda e o pescoço frisado do dinossauro tinham um padrão notável, índigo sobre amarelo. O chifre no focinho maciço era curvado, um metro e meio de comprimento. Metade da sua extensão brilhava em vermelho úmido.

“Provavelmente o sangue de algum horror ou de um cão farejador”, Jaume disse.

Melodía procurou alguma maneira rápida de descer. Ela estava aterrorizada pelo que aconteceria. Seu único pensamento era ajudar o pai. *De alguma forma.*

De um matagal próximo da base do afloramento, surgiu meia dúzia de horrores de penas escarlates, com faixas negras nos olhos. Aos berros, eles abriram os braços com garras como se fossem asas, mostrando as barrigas douradas.

Agitando a crina prateada em alarme, Meravellosa andou de lado e relinchou. Tudo em Nuevaropa temia deinonicos, exceto matadores e titãs.

O macho cavou com as pontas dos pés e berrou. Os horrores saltaram e se esgueiraram, emitindo sons de raiva em resposta. Selvagens podem hesitar em atacar um nariz de chifre adulto, especialmente um tão grande, mas não um bando treinado por humanos. Alguns podem se ferir ou serem pisoteados, mas uma vez que um ou dois conseguem subir nas costas da fera, as garras assassinas cortam a garganta mesmo com todo aquele

couro duro. Ainda que o macho não seja eviscerado, ele rapidamente sangrará até a morte.

“Não gosto dessas coisas”, Melodía falou. Os horrores eram uma raça premiada de cativo, conhecida como *Los Cardenales de la Muerte*: Os Cardeais da Morte. O príncipe Harry presenteara o pai dela com o grupo um ano atrás. “Eles são cruéis.”

“É a natureza deles”, Jaime disse. “Dito isso, a beleza deles não é fácil de assistir.”

Encarregados da caça, armados com clavas, impediam que os horrores o cercassem. A morte não cabia a eles. Ao som do latido de cães, trombetas e cascos de cavalos, o próprio Felipe surgiu das árvores atrás do nariz de chifre, montado num grande caminhante verde e amarelo, carregando uma lança de caça. Ele vestia um esplêndido elmo prateado, moldado para parecer-se com o crânio de um horror, arrastando longas plumas amarelas e vermelhas e uma capa de caça curta.

Como sempre, o imperador cavalgava como um saco de grãos, abrindo os cotovelos para fora como asas atarracadas. Apesar disso, Melodía pensou ter visto um curioso toque de dignidade junto de uma alegria infantil que fazia as bochechas dele corarem.

Atrás de Felipe, vinham dois de seus comparsas de caça favoritos. O conde Esmond, o castelhano, montava uma mula grande cor de creme, e seu rosto comprido, mesmo no calor da caçada, aparentava como se suspeitasse que alguém se metia nos assuntos do Palácio. Príncipe Harry, o próprio Heriberto, o flanqueava, tão desafiador quanto um homem corpulento pode parecer, montado num marchador preto. Atrás deles, um grupo de cães de caça parou rapidamente, mantendo distância prudente dos pés esmagadores e das garras afiadas.

Com um grito selvagem, Felipe aninhou a lança e impeliu sua montaria insatisfeita para o ataque. O primeiro pensamento de Melodía foi que o grito de Felipe tinha sido um ato equivocado de

cavalaria – ele avisou o alvo de seu ataque. Mas no instante em que o centrossauro começou a girar no lugar com assustadora espontaneidade, ela percebeu a astúcia por trás daquilo.

O grito do monstro permitiu que o imperador enfiasse a lança com a ponta em forma de folha diretamente atrás do ombro direito, em vez de acertar a parte de trás.

“Um golpe no coração”, Jaime disse. “Bem dado.”

Soltando as rédeas, Felipe acenou para os companheiros nobres. Um grupo de Tiranos Escarlates, montados em mulas, apareceu na clareira, os rostos compreensivelmente sinistros por debaixo dos capacetes com cristas de crina de cavalo, diante do completo descuido do ataque. Eles desmontaram rapidamente ao lado de Felipe, com as bestas engatilhadas penduradas sobre as capas vermelhas nas costas.

O unichifre berrou. Olhos amarelos e largos com a palma da mão de Melodía rolaram sob rebordos ossudos, não diferentes dos de um matador. Sangue escorria das narinas. O bico poderoso se debatia inutilmente na direção do cabo da lança.

Sentindo o cheiro de sangue, os Cardeais da Morte gritaram e pularam. Os protetores de Harry assobiaram para que voltassem, com a autoridade de bastões de um metro e meio com pontas de chumbo. Eles os utilizavam com moderação. Raptos domados e treinados para a caçada eram caros. Camponeses, por outro lado, eram baratos.

O nariz de chifre continuava girando. Embora mergulhasse a lança ainda mais fundo em seu peito, ele ignorava a dor. Enxergava seu atacante com clareza agora. Estava determinado a devolver o favor com seu único chifre.

A barra cruzada atrás da lança de caça impedia que o macho empurrasse seu corpo por toda a extensão da arma, alcançando, assim, o caçador. Felipe a segurava com ambas as mãos. Sua montaria tinha a mesma extensão do centrossauro, mas pesava apenas uma fração. Força de quatro patas empurrava força de duas patas para trás.

A fera arrancou o imperador da sela.

Melodía gritou. Sacando sua cimitarra, ela incitou Meravellosa num arriscado mergulho até a clareira. A égua se deteve quando a mão de Jaume agarrou as rédeas dela.

“Me solte!”, Melodía gritou. “Eu tenho que ajudá-lo!”

“Não podemos”, Jaume disse com firmeza. “É tarde demais. Só iríamos atrapalhar.”

Ela rosnou, sentindo uma necessidade selvagem de arrancar um pedaço do rosto dele a mordidas.

“Além disso”, ele falou um pouco mais gentil, “não subestime seu pai. Veja.”

Ele largou as rédeas. Melodía deixou o braço da espada abaixar. Resignada, percebeu que o máximo que poderia fazer com a lâmina pesada e curta seria distrair o nariz de chifre apenas por tempo suficiente para matá-la, antes de acabar de vez com seu pai.

Embora tivesse caído sobre a farta barriga, o imperador tinha imediatamente ficado de pé. Agora, mantinha o cabo da lança preso sob a axila direita, segurando-a com ambas as mãos. Seu rosto redondo não mostrava medo, apenas uma completa absorção.

Inevitavelmente, o gigantesco unichifre empurrou Felipe para trás e para os lados. Ele se movia apenas o bastante para continuar se inclinando sobre a lança sem cair. Um pouco depois, Melodía lembrou-se que, na sua juventude, o pai dela combatera saqueadores do mar do norte e slavos como um lanceiro comum no exército de seu primo, o rei da Alemanha.

O monstro grunhiu. Continuava se esforçando para acertar Felipe com seu enorme chifre ensanguentado. O imperador lançava olhares rápidos por sobre o ombro. Ele trabalhava a lança para cima e para baixo, torcendo a lâmina cada vez mais fundo, a fim de imprimir novos danos dentro do corpanzil coberto de suor.

Ele saiu de lado. Com enorme esforço, girou a lança para prender as parte de trás no grosso tronco de uma árvore. Com sua arma assim escorada, inclinou-se para frente e segurou firme.

O nariz de chifre soltou um forte suspiro que apertou o coração de Melodía, apesar da ansiedade e do medo filial que corria em seu sangue. Do bico e do nariz, uma espuma rosa escorria. A criatura caiu de lado.

O imperador soltou a lança e pulou para o lado bem a tempo de evitar ser jogado nas árvores. O dinossauro caído açoitou três vezes e, então, com um último suspiro sísmico, ficou imóvel.

Enquanto o imperador combatia o monstro, mais cortesãos montados tinham chegado. Agora, eles se amontoavam em volta dele, congratulando-o. Resmungando, os Tiranos Escarlates abaixaram os arcos. Felipe sorria em satisfação silenciosa, massageando discretamente o cotovelo direito, onde o cabo da lança dera uma bela pancada, uma vez que fora liberado.

Jaume sorriu para Melodía. “Agora podemos deixar nossas maravilhosas éguas encontrarem uma forma segura para descermos e nos juntarmos aos demais.”

Ela sorriu de volta num alívio insano.

Um pensamento a aturdiu. Ele tinha feito um trocadilho: “Meravellosa” *significava* maravilhosa, em catalão, a língua natal da mãe dela, assim como a dele. Jaume tinha memorizado o nome da montaria de Melodía porque sabia o quanto ela idolatrava a égua prateada, com rabo e crina pretos e prateados. Ela apostaria seu elmo extravagante que ele jamais se incomodara de perguntar o nome de sua própria égua, um empréstimo dos estábulos bem abastecidos de Heriberto.

Melodía sempre amara cavalos. Ela e sua montaria araba eram devotas uma da outra. E o que Melodía sentia por cavalos, Jaume sentia por dinossauros.

Para Melodía, Camellia era, embora linda e amigável, apenas uma fera deselegante. Jaume, que nunca diria uma única palavra

em louvor próprio, tinha escrito literalmente um volume (ainda que enxuto) sobre as belezas e excelências do seu coritossauro. Ele tratava cavalos com gentileza – e os achava dóceis e belos – mas, para ele, eram apenas *animais*.

Em vez de seguir a sugestão dele, ela virou-se para Meravellosa e a deixou escolher o caminho de volta ao cume de onde eles tinham descido.

“Aonde nós vamos?”, Jaume perguntou, embora a tenha seguido e, ao terminar a sentença, já estava emparelhado com Melodía.

“Vamos sair daqui”, ela disse com firmeza. “Só nós dois.”

Pelo olhar dele, ela ficou meio exasperada e meio maravilhada de ver que, apesar de toda a famosa perspicácia, ele não entendera.

“Senti sua falta”, ela falou.

“E eu a sua.”

“Digo, eu senti *mesmo* sua falta.”

“Oh”, o caloroso sorriso dele a fez formigar por dentro. “Mostre o caminho, minha dama.”

Mas, mal haviam voltado à clareira onde a libélula matara sua presa, Melodía escutou o rufar de tambores de cascos se aproximando. Fez cara feia. Então, suspirou.

“Seu pajem, Bartomeu, está vindo”, disse. “Sem dúvida para chamá-lo para a divisão.”

Por derrubar o unichifre selvagem, sem dúvida o imperador reclamaria a melhor parte da carne para a cozinha. Ele também ganharia a cabeça frisada, com o grande chifre, como troféu. Mas Felipe não ligava muito para tais exibições de poder. Ele gostava mesmo era da realidade.

O melhor do restante iria para os encarregados da caça do príncipe Harry alimentarem suas famílias. O que restasse, Heriberto distribuiria entre os necessitados. Embora, sob circunstâncias normais, somente os pobres miseráveis urbanos ou servos de nobres excepcionalmente cruéis passassem fome

em Nuevaropa, carne fresca era sempre bem-vinda à mesa das classes mais baixas.

“E mais uma vez me roubam a refeição que mais quero”, ela murmurou.

“Perdão, meu amor?”

“Nada.”

Bartomeu veio saltando das matas em sua mula branca, com os cabelos amarelos soprando atrás dele como uma flâmula.

“Ele está apaixonado por você, sabia?”, Melodía falou.

“Ele é um belo garoto e um escudeiro esforçado”, Jaume respondeu. “Mas lembre-se do que eu lhe disse. Só permitimos amor entre aqueles da mesma patente em nossa ordem.”

“Contanto que ele não obtenha nada que *eu* não esteja obtendo.”

“*iMi amor!*”, Jaume exclamou. “Nem mesmo pense nisso. Se eu tivesse um momento de folga, um simples fôlego, eu o dividiria com você.”

“Eu sei”, ela respondeu bruscamente. “Preparar-se pra essa guerra em que você não acredita consome todos os momentos e toda a sua energia. Eu sei.”

Ela ergueu a palma quando ele ia protestar. “Eu sei. Dever vem antes do mero desejo pessoal. Sei muito bem disso.”

Antes que ela pudesse falar mais alguma coisa – o que provavelmente foi para o melhor – Bartomeu puxou as rédeas da mula com uma pirueta gratuitamente vistosa.

*Exibido*, ela pensou. *Eu cavalgo melhor do que você em qualquer montaria que ousasse tentar.*

“Meu senhor”, o garoto proclamou, as bochechas rosadas e a voz bronzeada de importância. “Sua Majestade Imperial envia as mais caras congratulações.”

Ele cambaleou na sela e teve de sugar o ar. Estava tão afoito que ficava esquecendo-se de respirar. “Ele pede sua presença na cerimônia de distribuição.”

Melodía se perguntava se Bartomeu conseguia ver, com a mesma clareza que ela, a contorção triste no sorriso de seu amante. “Minha espada está sempre a serviço de sua Majestade”, Jaume falou. Ele virou-se na sela e fez uma reverência para Melodía. “E a você também, Alteza.”

“Antes fosse”, Melodía falou.

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 15 –

**Cinco Amigos** – *Temos cinco mamíferos domésticos diferentes de todos os outros no mundo: o cavalo, o bode, o cão, o gato e o furão.*

*Como todos estão listados em O Bestiário do Velho Lar, muitos acreditam que os Criadores os enviaram a Paraíso para nos servir.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES JOVENS –

“Eu nem sei por que você está *fazendo* isso”, Melodía disse para as costas de Jaume, enquanto ele a deixava na companhia da obscuridade. “Você nem acredita nessa guerra.”

Ele olhou por cima do ombro para ela. Estava sorrindo, mas a fronte se comprimiu. Disse: “Se eu não preparar este exército. Ninguém o fará”.

“É isso que estou dizendo”, ela exclamou. “Se você desistir, quem saiba toda essa tolice desmorone.”

“Sabe que não posso fazer isso, *mi amor*.”

Ela emitiu um som de frustração. *Me sinto que nem uma estudante desbaratada, perseguindo um cavaleiro bonito,* pensou. *Vai ver por que eu sou?*

Um dos poucos momentos fugidios que Jaume conseguira agarrar para passar com ela nas semanas cada vez mais frenéticas desde seu retorno, e tudo o que ela fizera foi *discutir* com ele. Contudo, não conseguiu se segurar. O que a deixou ainda mais louca.

Ela também não evitava pensar, com uma pitada de amargor, que estava velha para ser *estudante*. *A maioria das garotas da minha idade está conquistando um lugar no mundo, começando famílias ou assumindo posições importantes nos empreendimentos familiares. E aqui estou eu, sem utilidade prática para ninguém, mais um adorno vistoso na coroa imperial.*

Subindo a larga rampa de cimento vinda do depósito de armas, um par de gorduchos marchava, dois barris amarrados de cada lado, contendo sabe-se lá o quê. Dois garotos, de pernas nuas, assexuados e trajando batas ásperas, as propeliam adiante, para a brilhante luz do sol filtrada pelas nuvens de uma manhã de inverno.

O terreno do Palácio dos Vaga-lumes era vasto, contudo só compreendia parte do todo. Após a Violação de La Merced, em 370, a Duquesa de Ferro, Adelina, concluiu a fortaleza antes de reconstruir a cidade. Pretendendo que ela servisse de refúgio para os habitantes do grande porto contra futuros ataques dos corsários anglo-irlandeses e galeses, além de ser um forte, ela cavou uma série de passagens e câmaras nas profundezas, penetrando o calcário branco do lado leste da Baía Feliz. Cisternas, depósitos e até estábulos e dormitórios se estendiam supostamente até cavernas naturais abaixo das raízes do promontório. Servos do Palácio contavam histórias de tirar o fôlego sobre pessoas que haviam se perdido nas profundezas do formigueiro da duquesa, para jamais voltarem a serem vistas.

A rampa culminava numa grande baía com portas de carvalho. O ar lá dentro cheirava a pedra fria, óleo e terebintina de torcer o nariz. Um grupo de aprendizes praticamente nu, vestindo só aventais de couro de unichifre queimados e rasgados, trabalhava em mesas robustas iluminadas por lanternas nas paredes e pela claridade que incidia do alto. Usando resina líquida, limpavam objetos de metal do sebo de unichifre no qual tinham sido embaladas para evitar a umidade. Óculos de proteção de bronze com grossas lentes de vidro evitavam que faíscas atingissem os olhos e transformavam os rostos em estranhos híbridos de insetos e humanos.

Além do que podia ver e cheirar, Melodía não sabia nada sobre o que eles pretendiam. E não se importava.

Vários trabalhadores aguardavam a supervisão. Um pigarreou alto quando Jaume entrou. Os trabalhadores olharam para cima e fizeram uma reverência. Além de ser um nobre e grande herói, qualquer lugar em que Jaume pusesse os pés se transformava em um palco que pertencia somente a ele. Percebendo a princesa um passo atrás, eles se curvaram ainda mais.

Ele sorriu e acenou em reconhecimento. Com um guincho feliz, um pequeno projétil o atingiu no meio das coxas e o abraçou com ambos os braços.

“Primo Jaume!”

“Montserrat!”

Rindo, ele despenteou os cachos escuros da garota. Ele se ajoelhou para segurá-la com ambas as mãos. Endireitando-se, ele a ergueu na dobra do braço como se fosse um bebê.

O que não era pouco. Embora não fosse nada gorda, a irmã caçula de Melodía era um pequeno bezerrinho robusto. Ela era mais pesada do que parecia, como Melodía sabia muito bem por conta das disputas de luta livre com a irmã. *E também é forte*, Melodía pensou.

“Montse”, Melodía falou num tom amigável. “O que está fazendo aqui embaixo? ...*iy, chingao!*”

A última frase foi uma exclamação involuntária espirrada por ela, causada por um nariz frio cutucando seu tornozelo, onde o coturno dourado que subia até as panturrilhas o deixava nu. Ela se ajoelhou para coletar a criatura que a tinha cumprimentado daquela maneira.

O animalzinho de Montserrat se enrolou numa piscina de pelos nas palmas de Melodía. Olhos como pérolas obsidianas espiavam Melodía de um rosto prateado pontudo.

“Mistral Prateado”, Melodía disse, levando seu próprio rosto para perto do furão com uma máscara preta na face. “Acho que a pergunta é o que você está fazendo aqui, além de ser pisoteada e dificultar o trabalho dessas pessoas.”

Mistral se esticou para tocar seu nariz no da princesa. Rindo, Melodía beijou o furão de volta e a colocou no chão de pedra. Ele avançou rapidamente e deu um salto para chamar a atenção de Jaume.

“Estou aqui para ver o mestre Rubbio *fazer* as coisas”, Montse explicou solenemente do berço no braço de Jaume. “Mistral está me ajudando.”

“Senhorita Montse”, uma voz rugiu. “Eu disse para não deixar esse animal solto por aí.”

Uma figura curiosa surgiu de uma passagem que levava ainda mais fundo ao submundo palaciano. Ele tinha o rosto de um deus zangado, vermelho e bonito, com óculos que empurravam para cima cachos ruivos que coroavam a grande cabeça. Tinha constituição poderosa, mas os músculos nus dos braços e pernas que surgiam de uma túnica de couro grossa, cheia de buracos de queimadura, tinham metade do tamanho de uma pessoa normal, e o topo da cabeça dele mal chegava à altura do peito de Melodía. Ele era um *enano*, nascido com uma rara condição.

O anão cravou os pés descalços de forma teatral diante de Mistral, que arqueou as costas longas num salto e saiu de lado, guinchando furiosamente. O comportamento dele alarmou

Melodía. O furão podia ser um incômodo, mas, apesar de todas as travessuras, ela não tinha qualquer malícia. Ela e Montse se adoravam. Mas Montse apenas riu.

“Não se incomode com mestre Rubbio. Ele não vai machucá-lo de verdade. Ele é só um grande farsante.”

“Não tenha tanta certeza, moleca!”, rosnou o mestre.

Ele falava com sotaque de Talia, uma nação súdita de Trebizon. Embora nunca o tivesse encontrado antes, Melodía conhecia sua reputação. Ele era um armeiro de renome internacional que seu pai importara para servi-lo quando decidira mudar-se em tempo integral para La Merced, após a mãe de Melodía e Montse, Marisol, morrer.

“Desculpe-me, mestre”, Montse falou, enquanto Jaume a colocava no chão. “Fiquei tão animada quando vi Jaume que esqueci e o pus no chão.”

Ela apanhou o furão ainda saltitante e comprimiu contra a bata manchada de óleo.

“Você deve ser a princesa Melodía”, Rubbio disse, estendendo a mão enegrecida e atarracada. Após uma breve hesitação, Melodía a apertou. Para sua surpresa, ele levou a mão dela aos lábios e beijou em reverência. “É uma honra conhecê-la enfim. Grandes canções foram escritas sobre sua beleza, mas mesmo assim, elas não lhe fazem justiça.”

Ela riu. “Nunca imaginei que encontraria um cortesão num local como este.”

“Nunca subestime um artesão, princesa! Somos homens e mulheres de múltiplos talentos”, ele se virou.

“E este é o belo conde Jaume, que enfim se digna a visitar os humildes ferreiros! Você está atrasado, meu senhor. O metal é força. O metal dá ao Império seus ossos, sua espinha. O metal protege seus corpos de sangue azul quando cavalgam para a batalha. Contudo, vocês os dão como garantido, assim como aqueles que o produzem para suas necessidades, vocês, nobres!”

Jaume sorriu. “Eu asseguro, mestre, que não dou nada por garantido. Minha Ordem celebra as habilidades em qualquer forma que elas assumam. Não tenho nada, além de admiração por vocês e o trabalho que fazem.”

O armeiro levantou as sobrancelhas. Os olhos eram âmbar dourado, com cílios longos. “Mesmo?”

“Meus Companheiros, mor Ayaks e mor Pedro Luna, são ferreiros e armeiros, por excelência e por propósitos práticos”, o entusiasmo infantil na voz dele eletrizou Melodía. “Mor Florian é um ferreiro e escultor de metal de grande habilidade. Todos eles ficariam honrados de visitá-lo e conhecê-lo.”

Ele franziu a testa. “Se ao menos os preparativos de guerra não devorassem todo o meu tempo.”

“Então, a que devo a honra de sua presença”, Rubbio perguntou a seguir.

“Me foi dito que está preparando nosso comboio para o cerco, mestre. Gostaria de ver o que precisaremos transportar.”

“Vocês estão com sorte, excelências!”, Rubbio virou as costas e pôs dois dedos na boca, soltando um assobio agudo. “Agora mesmo estamos preparando peças fundamentais para seus grandes aparatos de guerra.”

Melodía não se sentia sortuda. Ela só estava ali porque isso dava um pretexto para roubar alguns momentos com seu amor. Mesmo assim, sentiu-se intrigada pela sacola de couro que dois pares de aprendizes carregavam, pendurada num longo mastro entre eles, como um troféu de caça. Os dois primeiros manobraram em volta de uma grande mesa vazia e todos os quatro agacharam. A sacola se acomodou na madeira com um tinido sufocado.

Sob os olhares críticos de seu chefe, uma mulher de ombros largos se adiantou para abrir a sacola. Ela revelou um triângulo duplo de metal esverdeado, com laterais quase tão longas quanto a própria altura de Rubbio e pontas arredondadas. Um

buraco de trinta centímetros perfurava o centro. Melodía percebeu que era um enorme suporte.

“Verde?”, ela perguntou.

“Bronze, princesa”, o mestre declarou. “Ele resiste ao nosso clima úmido costeiro bem mais do que ferro ou aço. A cor é mero verdete; eu vou deixá-lo bem polido”, ele deu uma pancadinha paternal no suporte. “Bronze é um metal robusto. Ele servirá você bem, Campeão Imperial, e nunca o desapontará, nem uma vez.”

“Então”, Jaume falou, “o que é isso exatamente?”

“Parte de um *trebuchet*”, Montse anunciou.

Rubbio concordou e sorriu, como se ela fosse sua aluna favorita. “Precisamente! É o pivô que serve como fulcro para o contrapeso do braço de arremesso.”

“Então, isto é parte de uma máquina como aquelas nas muralhas marítimas do Palácio?”, Melodía perguntou.

“Correto! Talvez você seja uma aficionada por equipamentos de cerco, Alteza?”

“Na verdade, não.”

Os grandes *trebuchets* armados na muralha haviam chamado a atenção dela porque eram, afinal, instrumentos de guerra, um assunto que a fascinava. Mas ela não tinha interesse em cercos. O que gostava era da *ação*.

“Então o que o exército precisará levar a Terraroja?”, Jaume perguntou.

“Principalmente estas belezas”, Rubbio respondeu, batendo no suporte como se fosse um vexer de estimação. “Também vários parafusos e porcas, necessários para montar a máquina. Assim que tiver alcançado seu objetivo, meu senhor, precisará apenas pedir que seus pioneiros derrubem as árvores adequadas e preparem tudo. Com seus grandes dinossauros unichifres para juntar e carregar tudo, será uma questão de horas, dias no máximo. Então, *ché meraviglia*, você poderá derrubar as muralhas dos malfeitores.”

Melodía franziu a testa e virou-se para Jaume: “Por que precisa disso tudo?”

“Para arrancar Terra Vermelha de seu castelo, claro.”

Rubbio riu. “Isto vai arrebentar a casca dele, não importa o quanto ele pense que ela é resistente.”

“Mas por que se dar ao trabalho?”, Melodía disse. “Não é como se ele não fosse sair por vontade própria.”

“O que quer dizer?”, Jaume perguntou. Ele tinha abaixado o queixo e examinava o grande suporte verde, como se tentasse compor um soneto sobre ele e não encontrasse as palavras certas.

“Eu o conheci alguns anos atrás, quando visitou La Merced”, ela disse. “Ele já está na meia-idade, mas continua sendo o típico cabeça de balde que nunca cresceu.”

O rosto dela corou. “Oh, desculpe por chamá-los assim.”

Jaume riu. “Não se preocupe. Nós mesmos usamos o termo, se bem que não onde nossos companheiros nobres possam escutar. Eu prometo a você que não temos cabeças de balde nos Companheiros.”

“Você sabe que, quando seu exército aparecer nos domínios dele, em Terraroja, ele sentirá sua honra sendo desafiada. Ele conclamará os aliados e vassalos e investirá para encontrá-lo em batalha. Você não vai *precisar* dessas grandes máquinas de metal.”

Jaume não se deu ao trabalho de responder. Ficou apenas encarando aquela coisa verde feia.”

Ele a ignorou, como se as palavras não fossem nada além do zumbido de moscas domésticas. Ela sentiu um calor espalhar-se por todo o seu corpo. Não do tipo reconfortante.

Ela virou-se e se afastou andando rapidamente da oficina, na direção da luz quente do dia.

Jaume estava perdido dentro da própria cabeça de novo. Ele não estava vagando entre peças agradáveis de música e poesia, nem pelas trilhas inflamadas dos planos militares. Em vez disso, era um labirinto cinzento: organização, detalhes, papelada, tão desestimulante quanto confuso. As últimas semanas o tinham forçado a passar cada vez mais tempo tentando negociar aquilo. Reduzir a algo que ele pudesse compreender era um desafio aos seus maiores esforços.

Decididamente, a grande falta de sono não ajudava. Tantas coisas requeriam a atenção dele, a energia, o tempo...

Como se despertasse, ele percebeu que havia um buraco na brisa fria subterrânea onde a bela e querida Melodía estivera um momento antes.

“*Humm*”, Montserrat disse. “*Alguém* está encrencado.”

De início, as palavras dela o atingiram como um completo *non sequitur*. De forma tardia, ele perguntou a seguir. “Eu fiz algo errado?”

Um eco longo e silencioso o respondeu. Os aprendizes e trabalhadores, que estavam observando fascinados os incomuns visitantes da casta alta, de repente se viraram e retomaram o serviço.

Montse olhou de soslaio para o suporte verde e comentou. “Há alguma coisa escrita nele. O que diz?”

Jaume se aproximou e inclinou-se sobre o suporte.

“*El último razonamiento del Imperio*”, ele leu a inscrição em voz alta. “O último argumento do Império.”

Montse enrugou o nariz arrebitado. “Isso é *nojento*.”

“Pequena senhorita”, Rubbio disse. “Normalmente a verdade é.”

Uma vaga inquietação acompanhou Jaume pelo resto do dia. Mas exigências infinitas pela sua atenção a mantiveram encarcerada em sua mente. Agora que a maior parte de seus

Companheiros já tinha se reunido a ele, pedira que mor Jacques, o administrador chefe da Ordem, ajudasse na tarefa pouco usual de organizar e provisionar um exército enorme e disparatado.

Mas as preocupações do dever tinham envelhecido prematuramente o cavaleiro francês, acinzentado seus cabelos e os feito rarear, aumentando a testa estreita. Ele já se encontrava bastante desconfortável.

Mondragón e sua equipe ajudaram como puderam. Mas o ministro-chefe e seus auxiliares também estavam sobrecarregados de responsabilidades. Uma delas era ficar de olho no rebelde regenerado, duque Falk, que vinha angariando uma quantidade substancial de seguidores entre os jovens cavaleiros e nobres da Corte, e até mesmo entre as fileiras dos Tiranos Escarlates.

Então, a maior parte do fardo recaiu sobre os ombros de Jaume.

Mas, de algum modo, bem depois do sol ter se posto atrás das florestas ao leste do Palácio, Jaume se viu sem nada para fazer.

Enquanto andava entre os belos retratos iluminados por lamparinas e tapeçarias que adornavam os corredores do Palácio, pegou a si mesmo perguntando-se o que fazer com o incomum tempo livre. Assim que o fez, foi inundado por uma torrente de lembranças de que ele tinha, de alguma maneira, conseguido ofender em sua distração sua amada Melodía naquela tarde.

Ele sentiu-se culpado e alarmado. E excitado. Era hora de compensar sua desposada. Por diversos motivos.

Os dois Tiranos Escarlates que guardavam as escadarias do andar superior da ala imperial passaram por ele com um aceno acentuado de cabeça. Ele bateu à porta dos aposentos pessoais de Melodía. A serva dela, Pilar, atendeu.

“Conde Jaume”, ela disse, com sua ilegível e adorável face *gitana*. “Infelizmente, minha senhora está indisposta.”

Ela deu um passo recatado para trás. Pela porta fechando, Jaume conseguiu ter um vislumbre de várias acompanhantes de Melodía que se sentavam rendando penas brilhantes.

“Não é o belo conde Jaume?”, ele escutou sua camarada catalana e prima distante, Llurdis, dizer.

“Por que ele parece tão pálido?”, perguntou Abigail Thélème, de Sansamour.

“Soube que ele sofreu alguma indisposição”, disse a princesa Guadalupe, “que, dizem alguns, removeu a primavera de seu aço.”

“Que tristeza para ele”, comentou Llurdis, com uma zombaria solícita.

“Mais triste para a princesa”, Lupe falou.

A porta fechou na cara dele.

# OS SENHORES DOS DINOSSAUROS



– 16 –

**Sacabuche, Sacabuxa** – *Parasaurolophus walkeri*.

*Herbívoro bípede, 9,5 metros de comprimento, 2,5 metros na altura dos ombros, 3 toneladas. Batizado assim porque sua longa cabeça com uma crista tubular, produz uma variedade de sons como a sacabuxa, instrumento musical ancestral do trombone, com vara deslizante.*

*Um dos hadrossauros de guerra mais populares.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

“Você está atrasada, Día”, Fanny disse em reprovação. Ela podia ser a amiga mais próxima de Melodía, além da mais maleável, porém, adorava pontualidade.

“Estou”, Melodía respondeu.

Ela ocupou seu lugar entre o séquito, na arquibancada coberta. Poderia ter sentado junto ao pai no camarote imperial, ali perto e ligeiramente maior, mas preferiu não sentir o sofrimento quando fosse ignorada.

Sua irmã caçula sentou-se no camarote ao lado de Felipe. Suas atendedoras tinham claramente a obrigação de ir; Montserrat teria preferido que seu pai voltasse com ela aos apartamentos e lesse um livro, ou então ficar assistindo aos seus amigos, os servos, trabalharem. Ela estava de braços cruzados e queixo grudado no vestido dourado e vermelho. A expressão no rosto dela indicava que estava determinada a não se divertir. A tiara enfeitada com penas grandes de raptos nas cores imperiais, presa à sua cabeça como algum tipo de crista, claramente não atenuava a disposição dela.

Como de costume, o imperador estava falando animadamente com seu comparsa e conselheiro, Mondragón, sentado ao seu outro lado, e ignorando o fato de que tinha filhas. Ele abanava uma coxa de escavador assada meio comida para dar ênfase. Como sempre, ele também estava aproveitando o espetáculo.

“O que perdi?”, Melodía perguntou às amigas.

“A entrada do monstro, pra início de conversa”, Serafina disse, excitada. “Enorme e branco, com olhos cor de sangue!”

“Eu vi Floco de Neve durante a cavalgada, antes de a coisa toda começar.”

“Com certeza deve tê-lo ouvido rugir”, Lupe disse. “Mesmo do Palácio.”

“Foi bastante alto”, Melodía concordou.

“Aterrorizou o público”, Fanny comentou. Ela sorriu docilmente. “Eu também, devo confessar.”

“Eu *já* vi um tirano rei.”

“Oh, Día”, Fina disse, suspirando de forma teatral, “o Verdugo Imperial não conta.”

Don Rodrigo havia sido importado da distante Vareta décadas atrás para servir como executor imperial. Ele se apresentava na Plaza del Alcalde uma vez por semana, no Dia do Rei, o dia reservado para as práticas religiosas e descanso, conforme a burguesia da cidade outorgava a si própria.

“Ninguém é decapitado por ordem imperial há mais de uma geração”, disse Lupe, soando vagamente decepcionada pelo fato.

“De qualquer forma, o velho Don Rodrigo é tão banguela quanto um bebê”, Fanny brincou, “e gordo e domado que nem um velho gatinho, que deixa as crianças subirem em cima e o alimentarem com doces. Dificilmente ele inspira algum terror. Mas Floco de Neve, sim.”

Melodía contraiu os ombros nus de irritação. Falar sobre dinossauros sempre a irritava.

“Ele é *lindo*”, Lupe comentou.

“Bem”, a princesa Fanny observou, um pouco sem fôlego. “Sim. De uma forma totalmente assustadora. Acho que o fato de ele ser albino o torna ainda mais apavorante.

“Não o *monstro*”, Lupe corrigiu. “Tô falando do homem.”

“Perdeu uma boa luta, Día”, Fina gaguejou. “O duque foi magnífico.”

“Dominante”, Lupe murmurou. Os olhos dela brilharam. *Um pouco vítreos*, Melodía pensou.

“Você pode suspirar pelas coxas do nosso musculoso alemão o quanto quiser, Guadalupe, mas ele só tem olhos para a princesa imperial”, falou Abigail Thélème.

Melodía sentiu os lábios comprimirem.

“Lupe foi bem receptiva a ele.”

A poeira e os odores já começavam a oprimi-la. Ela tinha certeza de que o barulho lhe daria dor de cabeça.

“Não se esqueça que Melodía está noiva”, Fanny lembrou.

Melodía fendeu os olhos para ela. Suas bochechas ficaram roxas.

“Bem, quase”, a inglesa falou. “Quase isso. Só uma formalidade, penso eu.”

“Você não deveria afrouxar o aperto nos joelhos, prima”, comentou Llurdis, mordendo uma pera, “não consegue nada em um bom tempo. Está começando a parecer fatigada.”

“O duque *realmente* cuidou do seu oponente bem rápido”, Fanny falou com firmeza.

“Escutei a multidão enlouquecer”, Melodía disse. “Ele venceu assim tão fácil?”

“Oh, sim”, contou Fina.

“Ele não só venceu”, Fanny disse. “Ele deixou o pobre don Xurxo de Viseu à beira da morte antes que Duval achasse um motivo pra interferir e parar o duelo. O moleque idiota era orgulhoso demais pra ceder.”

“Isso não soa muito cavalheiresco”, Melodía disse. “Mercedenses se orgulham do senso de uma luta justa. Fico espantada que não tenham se virado contra o duque por isso.”

“O oponente dele era um galego”, Fina explicou.

“Percebi pelo nome”, Melodía disse. “Sei que os mercedenses não perdoaram o papel deles na Violação de La Merced, mesmo que tenha sido há cem anos. Mas isso não é um pouco extremo?”

“Trezentos e sessenta e quatro”, corrigiu Josefina Serena. “Se tivesse chegado na *hora*, Día, saberia por que a multidão estava tão hostil.”

Não sendo fã de torneios e estando horrivelmente ambivalente quanto ao resultado daquele, Melodía exerceu o direito de se atrasar. Ela tinha evitado de propósito a primeira luta de Falk. Ele e Jaume eram os favoritos para vencer e, de qualquer modo, ela tinha certeza de que Mondragón tinha combinado os combates para maximizar as chances do amado *Campeón Imperial* e do carismático ex-rebelde do norte se enfrentarem pelo comando do Exército da Correção.

Aquela era a luta que ela temia assistir, por um universo de razões. E uma da qual ela não conseguia se afastar.

“Vá em frente e conte”, ela disse, resignada.

“Bem”, Fina falou, os olhos brilhando com algo que não eram lágrimas. “O primeiro oponente de mor Xurxo foi o *barón del Valle Azufre*.”

“Quem é...?”

“Ele foi um guerreiro famoso quando jovem.”

“Xurxo destituiu o barão na primeira rodada”, explicou Fina. “A seguir, deu voltas em seu morrião, acenando com a lança, como se tivesse acabado de destruir um tirano rei como seu ancestral, Manuel.”

“Tá certo”, Melodía falou. “Então ele é crasso.”

“Essa não é a melhor parte”, Lupe falou. “Quando ele desmontou e deixou o senhor do Vale Sulfuroso se levantar e encará-lo no mano a mano, o velho estava morto que nem uma pedra.”

Fina olhou para Lupe para que se envolvesse na conversa. “O médico disse que o coração dele desistiu.”

“Então, os mercedenses naturalmente puseram a pior compleição possível na conduta de Viseu”, Melodía falou.

Fina deu de ombros: “Ele é galego”.

“Foi uma *chocante* demonstração de falta de cavalheirismo”, Fanny disse.

Melodía a observou com firmeza. Ela nunca sabia até que ponto a amiga estava desempenhando um papel ou era, de fato, ingênuas.

Uma carroça aberta rangia lentamente de um lado do campo de batalha. Rindo, um grupo de garotos bronzeados pelo sol andava para frente e para trás, espalhando alegremente baldes de água para baixar o acre pó de calcário e impedir que ele atrapalhasse a vista e sufocasse as feras. Cavalariços de dinossauros do Palácio dos Vaga-lumes vieram a seguir, enxugando o chão com diversas ferramentas. Outro embate estava para ocorrer – a aguardada estreia de Jaume no torneio.

“Ouvindo a última fofoca?”, Josefina Serena perguntou. “A Corte está tremulante com ela.”

“Sabe que não presto atenção a fofocas”, Melodía disse.

“Mas deveria, Día”, Fanny disse. “Ela pode desempenhar um papel importante em assuntos do estado.”

Melodía balançou a cabeça. Não gostava de escutar que coisas que não a interessavam poderiam ser importantes.

Uma vez que Fina começava, era tão difícil detê-la, ou mesmo desviá-la, quanto a um titã trovejante fora de si pisoteando um vilarejo até as ruínas a caminho de nova pastagem. Quer fosse um rompante súbito de entusiasmo ou mais uma das suas ondas de choro.

“Estão dizendo que mais alguém viu um Anjo Cinza em Providence”, ela narrou, com os olhos arregalados. “Nas colinas ao leste, perto das montanhas. Algumas pessoas temem que uma cruzada do Anjo Cinza se inicie!”

“Besteira!”, Melodía ralhou. “Anjos Cinza e suas cruzadas não passam de histórias criadas pra assustar crianças.”

Fina piscou os cílios rapidamente sobre olhos subitamente lavados por lágrimas.

“Não é educado dizer isso em voz alta”, Fanny falou, com uma olhadela de lado para o camarote imperial. Lupe fez uma careta. Sua única sobranceira a equipava bem para fazê-lo.

“Está dizendo que não acredita no Demônio da Guerra? Mas está tudo naqueles livros de história que você tanto adora.”

“Historiadores são pagos para escrever”, Melodía respondeu. “Neste caso, pela minha família. Eles têm todos os motivos para... inventar lendas envolventes, em vez de narrar fatos secos. Alguns dos quais poderiam se mostrar altamente inconvenientes para minha Torre. Toda a apresentação do Demônio da Guerra sem dúvida pretende criar uma narrativa mítica da ascensão ao Trono Dentado.”

Ela pausou para aceitar um cálice de vinho de Pilar, que estava atrás dela. Distraidamente, ela notou que a garota trazia um sorriso estranho no rosto, como se soubesse de algo que a princesa não sabia. Mas Melodía não estava mais inclinada a ser defletida do que Fina.

“Sua bunda magra pode estar plantada naquele trono um dia”, Llurdis disse. “Talvez não seja bom ser tão insolente quanto a

essa coisa toda.”

“Improvável. Você sabe tão bem quanto eu que uma filha não pode suceder diretamente a um pai no Trono. E a ética do meu pai está tornando nossa família impopular o bastante para que eu jamais seja eleita para seguir quem quer que seja o sucessor dele. Para mim, será de volta a Los Almendros. A não ser que eu decida permitir que meu pai me case com aquele príncipe gordo trebe no fim das contas.”

“Não vamos agir de forma precipitada, minha cara”, Fanny observou.

“Mas *seria* algo divertido de assistir”, Abi murmurou.

“Senhoras e senhores”, o arauto imperial anunciou. “Chamo agora sua atenção para nosso próximo competidor, o campeão de muitos torneios anteriores, o grande e poderoso dom Roberto, conde Montañazul!”

*Aquilo* era algo que podia mudar o curso de Fina. Ela agarrou o braço de Melodía, as lágrimas esquecidas mesmo que ainda brilhassem nas bochechas: “Jaume é o próximo!”

Abigail Thélème deu uma cafungada com o belo nariz. “Ele é um idiota.”

“Jaume?”, Melodía perguntou ríspida. Ela raramente procurava briga, muito menos com a filha de Sansamour, que poderia muito bem envenenar seu pudim. Mas as emoções dela fervilhavam, ansiosas para saltarem para fora.

Felizmente, Abi era suficientemente parecida com o pai para manter as próprias paixões contidas. Ou, possivelmente, apenas ocultas sob a máscara de porcelana perfeita e fria que era seu rosto.

“Montanha Azul”, ela respondeu. “Ele está convencido de que comandará o Exército da Correção. Ele ficou se pavoneando por aí durante a última semana, se gabando a qualquer um que o escutasse.”

“Ele venceu a primeira luta com bastante habilidade”, Fina falou energicamente. As bochechas dela estavam coradas. Os olhos,

normalmente afundados em poços negros de desespero, brilharam como botões de magma. “Ele é um grande amante de torneios. Luta com frequência e quase sempre vence.”

“Isso não quer dizer que pode vencer a magnífica fera alemán”, Lupe disse.

“Ou o conde Jaume”, Fanny pontuou.

“Claro”, Lupe aquiesceu. “Ele também.”

Abi Thélème olhou pensativa. “Um tolo rico, mas que agora tem possibilidades.”

Não deveria zombar dele”, Fina estava começando a ficar nervosa. “Ele é um grande campeão!”

“Um tolo ainda maior”, Abi disse, “por lutar onde não há necessidade. Mas não estou zombando, garota. Ele pode precisar de... consolo... uma vez que o amor de Melodía trucidá-lo.”

“O Montador Fournier não está carregando seus favores na lança dele?”, Fina perguntou, nomeando um dos mais jovens e inexpressivos cavaleiros que inundaram o Palácio após o decreto de Felipe sobre o torneio e as notáveis recompensas.

“Uma garota pode mudar de ideia, não pode?”

O manto do arauto inchou quando ele puxou novo fôlego. “Que venha agora o Campeão Imperial, Comandante Cavaleiro da Ordem dos Companheiros de Nossa *Lady Bella, el conde dels Flors, JAUME!*”, ele anunciou.

A multidão irrompeu em êxtase quando Jaume adentrou o campo cavalcando por entre as bandeiras espalhafatosas de seda que escondiam os competidores que ficavam na espera. Eletrizou Melodía pensar que seu homem podia ser o mais popular de toda a Nuevaropa. Certamente os mercedenses o adoravam.

E por que não? Ele era jovem e bonito, o cabelo alaranjado esvoaçante, a armadura e sua gloriosa montaria tigrada, Camellia, reluzindo. Melhor ainda era sua filosofia que exaltava as virtudes superiores de todos os tipos de prazeres que os

mercedenses amavam exaltar, como agradar sua senhora e defender o bem moral.

Melodía não via motivo para *não* adorar seu lindo cavaleiro. O coração dela disparou, tornando difícil respirar.

Fazendo uma careta, Montañazul acariciou o bigode com o dedão. Ele parecia ter muitos motivos para não adorar Jaume.

O marechal cavaleiro do torneio, Duval, a cabeça nua, a capa vermelha de costuras douradas identificando-o como comandante dos Tiranos Escarlates drapejada em ambos os ombros, foi aos trinta metros de terreno limpo que separava os combatentes. Ele segurava seu bastão e, numa voz portentosa, ordenou que ambos se preparassem.

Das histórias que Melodía sempre adorara ler, sabia que a duquesa não pensara em coisas ordinárias, como um terreno para torneios, quando construía a grande fortaleza sobre o promontório de pedra branca para proteger a cidade que ela reconstruía após ter sido destruída pela frota pirata. Felipe ordenara que as pistas fossem preparadas no meio de um quilômetro de terreno desimpedido entre as muralhas de pedra branca do Palácio dos Vaga-lumes e a muralha verdejante da floresta. Arquibancadas de madeira se erguiam de ambos os lados de um campo de cinquenta metros de comprimento e trinta de largura. Painéis com tecidos azul e vermelho, e amarelo e verde sombreavam dignitários do lado norte – mais próximos do Palácio – e a menos elegante, mas não menos festiva, população do lado sul. Bandeiras brilhantes portando a insígnia dos competidores tremulavam ante uma brisa moderada, nos bastões em volta do terreno.

Decerto era uma grande visão. Melodía não conseguia ver nada daquilo agora. Ela só conseguia alternar a estreita visão que seus olhos tinham se tornado do homem que amava com toda a vida, para o homem que pretendia feri-lo se pudesse.

Os espectadores fizeram silêncio. Jaume apanhou seu capacete em formato de concha da dobra do braço e vestiu. Ele

o fixou ao protetor de pescoço preso à armadura, o que obscureceu a metade inferior de seu rosto. Com uma última zombaria, Montañazul vestiu seu grande capacete azul e dourado.

“Aquele capacete enorme é mais seguro”, Fina disse. “Mas as aberturas pequenas para os olhos serão como tentar lutar com uma caixa na cabeça. Ele obviamente pretende vencer a luta sem desmontar.”

“Eu sei”, Melodía rosnou. Em geral aquele tom teria feito com que Fina se derramasse em lágrimas, mas agora, ela nem piscava. Os dois cavaleiros apanharam as lanças de cinco metros dos ajudantes ao lado das selas, acomodaram as extremidades sobre os braços e ergueram os escudos.

“Vão!”, berrou o marechal cavaleiro.

Por um instante, o coração de Melodía se esqueceu de bater.

Os dois bicos de pato caíram de quatro e saíram num galope que fez com que as arquibancadas tremessem e a prancha do assento de Melodía vibrasse através da almofada e subisse pelo cóccix.

Camellia e sua oponente tinham o mesmo tamanho; ela era ligeiramente mais encorpada, o sacabuxa mais comprido.

Eles se encontraram no meio, quase diretamente na frente de Melodía. A lança de Montañazul atingiu o escudo branco de Jaume direto na Dama do Espelho vermelha e se despedaçou. Jaume acertou o ponto em que a placa peitoral do oponente se encontrava com a ombreira de aço direita. A lança também quebrou, mas o impacto ergueu Montañazul da sela e o fez rolar pelo arreio do sacabuxa.

Apesar de não gostar de Montañazul, Melodía estremeceu ao som do impacto.

“Já era o plano dele de liderar o Exército da Correção”, Abi disse, agitando languidamente um leque de penas azuis e brancas em seu rosto.

“Minha nossa”, Fina disse.

Jaume deixou Camellia desacelerar o galope, então virou-a. Ele a fez parar, passou uma perna por sobre a sela e saltou a altura de dois metros sobre o chão duro com graciosidade, como se estivesse vestindo roupas de seda, e não quarenta quilos de aço.

Ele dissera a Melodía que uma armadura completa, embora pudesse ficar brutalmente quente, não era nem pesada, nem incômoda. Nem mesmo armaduras de torneios, que eram tão pesadas quanto as de guerra.

Sacando a espada longa – uma cega para o torneio, claro, não sua famosa Dama do Espelho – Jaume aproximou-se do oponente caído com a leveza de um raptor. Montañazul se agitava debilmente, como um besouro de costas. Quando Jaume pediu educadamente que ele se rendesse, ele praguejou de volta, embora Melodía não pudesse escutar as palavras exatas por conta do barulho que a multidão fazia.

Montañazul lutava para se levantar, mas não conseguia. Ele continuou tentando, ignorando o segundo pedido de rendição de Jaume.

Ele colocou a ponta arredondada da espada contra o friso em volta do pescoço de Montañazul. O caído deu um tapa na lâmina. Os espectadores ribombaram como um trovão distante diante daquela falta de decoro.

Olhando de soslaio para as laterais, Melodía viu uma rara carranca se formar no rosto do pai ao ver seu amado sobrinho e campeão ser tratado de forma tão sem cortesia. Até mesmo Montserrat assistia agora. Mas ela não parecia feliz, na verdade, sua aparência era como se estivesse prestes a ficar doente.

Jaume voltou a pôr a espada na garganta de Montañazul. O conde bateu novamente nela.

Jaume empurrou a ponta da espada pela fenda esquerda do olho do capacete de Montañazul. A multidão engasgou. Mor Duval entrou bruscamente, como que para rebater a lâmina.

Com uma guinada rápida no punho, Jaume girou de lado o grande capacete de Montañazul, arrancando-o da cabeça. Então,

ele bateu duas vezes a lâmina na lateral do capacete que, agora, olhava para o céu. Duval agarrou a mão da espada de Jaume e a apontou para o céu, proclamando-o vencedor. Sob uma tempestade de aplausos, Fina falou seriamente. “Ele estaria no direito de matá-lo, uma vez que Montanha Azul recusou duas vezes a render-se.”

“Gostaria que o tivesse feito”, Melodía afirmou. “E aposto que Jaume também.”

# OS SENHORES DINOSAURO



– 17 –

**Montador, Montadora** – Para honrar os cavaleiros, damos a eles o título de Montador ou Montadora, o que quer dizer um homem ou uma mulher que cavalga para a batalha sobre um cavalo ou dinossauro. Em geral, são chamados de Mor ou Mora para abreviação.

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES JOVENS –

“Pare!”, o arqueiro gritou. “Entregue o unichifre e suas bolsas e deixamos vocês irem embora com as vidas.”

A Pequena Nell suspirou resignada quando parou. Caminhando ao seu lado, Rob Korrigan concordou.

A luz da tarde manchava os cadáveres das folhas que escondiam os sulcos na estrada e preenchiam as narinas de Rob com um odor rico e seco, enquanto lentamente se transformavam em húmus. Um cuatralas, negro como o coração de um barão, planou de um galho para o outro, perseguindo uma borboleta

roxa e amarela. Pequenos pássaros gorjeavam uns para os outros entre as folhas de altas nogueiras e plátanos falsos, que cresciam distantes o bastante para permitir que a luz do sol fosse filtrada para sustentar uma próspera vegetação rasteira de bérberis, samambaias e arbustos de carvalho.

O que, por sua vez, bastava para esconder salteadores. Como aquele que tinha acabado de aparecer na estrada, segurando um arco curto. E a dupla que saiu dos arbustos, a cinco ou seis metros de cada lateral.

“Você toma conta desses dois”, Karyl disse, apontando para o homem da lança e o outro com a espada curta, que pairavam ameaçadoramente nos flancos deles. “Eu cuido do arqueiro.”

“É você quem está no comando, então?”, Rob murmurou, enquanto seu companheiro caminhava calmamente adiante. Ele não via como Karyl Bogomirskiy, armado somente com sua espada curta, lidaria com um arqueiro a vinte metros de distância, nem duvidou que conseguiria. Rob era um homem que acreditava no Destino e nos Fae, e duvidava que ambos pretendiam que um homem como Karyl morresse como uma galinha, de forma tão porca e aleatória.

Apesar disso, moveu-se para interpor a traseira cinza e azul de Nell entre si próprio e o arqueiro pronto para o disparo, enquanto apanhava o machado e o escudo das costas dela.

Ele deslizou o braço pela faixa de couro larga de unichifre presa na parte interna do escudo para apertar a estreita cinta de mão. Afrouxou os laços da cabeça do machado com os dentes e os abriu com uma guinada do punho.

Os dois salteadores de cada lado dele pareceram subitamente menos ávidos para que o encontro ocorresse. Os atos calmos e vívidos dele os fizeram recuar. Eles pareciam surpresos que a ameaça de um arco engatilhado não os tivesse feito congelar.

Rob conhecia aquele tipo. Eles não eram lutadores, mas aproveitadores, cujas armas principais eram a surpresa e intimidação, e não os implementos que eles estavam

repentinamente segurando de forma estranha, como se estivessem tentando se lembrar do motivo de estarem ali. A maior parte da experiência de combate deles vinha de meter a bota na cara de um oponente caído.

*Como escudos da casa*, Rob pensou – a classe nobre contratava valentões armados e, de vez em quando, garotas. A comparação o encheu de fúria virtuosa, ao ponto de tirar todo o seu tremor.

“Qual é o problema?”, ele exigiu, virando para a esquerda e direita para se destacar. Sempre exibido, se certificou de deixar raios de sol brilharem sobre sua cabeça grisalha. “Não queriam pegar o que é meu?”

Nell bufou, movendo a enorme cauda, e bateu o pé traseiro. Ocorreu-lhe que poderia apenas dar um leve toque no animal e fazê-lo investir diretamente contra o arqueiro. Seria preciso mais habilidade e sangue-frio do que ele provavelmente possuía para que acertasse uma flechada no olho dela – a única maneira de uma seta poder feri-la – antes que Nell o nocauteasse com o chifre e pisoteasse seu corpo.

Tarde demais agora. Ele andou de lado, na direção do lanceiro, apenas o bastante para olha à frente dela e ver como seu amigo estava se saindo.

Karyl carregava seu bastão como se fosse uma vareta, não uma espada. Ele avançou firmemente na direção da ponta da flecha, mirada contra seu peito. Já tinha coberto metade da distância.

“O q-que você está fazendo?”, o arqueiro perguntou. “Eu vou disparar! Juro que vou!”

Karyl continuou a andar.

Rob viu os olhos do lanceiro se arregalarem por sob as madeixas negras e finas. Ele já tinha escutado o barulho de uma bota caindo e folhas sendo esmagadas. Apontou o machado na direção do lanceiro e gritou “Bú!”, e deu um inteligente giro no

sentido horário, brandindo o machado horizontalmente, enquanto erguia o escudo.

O homem da espada curta deu um grito de surpresa por baixo da barba amarela e abaixou firme, bem a tempo de evitar que a machadada de Rob arrancasse suas tripas. Embora o fedor que viesse dele fosse um indicativo de que passava longe das rígidas leis dos Criadores sobre limpeza, para um bandido da floresta, seu hálito sugeria que ele subsistia primordialmente de alho cru, cebolas e o tipo de vinho que, para a mente de Rob, representava um desperdício de boa cachaça.

Rob já tinha impedido o contragolpe. Com velocidade, girou para o lado oposto.

A ponta da lança raspou o centrossauro na frente do escudo. Rob conduziu com segurança a arma para a lateral e estocou firme com Wanda. A lâmina do machado acertou o bandido diretamente na boca, com um ruído de dentes sendo esmagados.

O homem de cabelos negros largou a lança para agarrar a boca arruinada. Ele caiu para rolar sobre a fragrância das samambaias rasteiras e delicadas flores roxas. Aquilo só melhoraria o cheiro dele.

Desta vez, Rob girou no sentido anti-horário, para o caso do espadachim encontrar coragem e ficar novamente de pé. Ele estava encurtando a distância, com o braço encolhido sobre o ombro para golpear na parte traseira da cabeça de Rob, que era vulnerável. Rob acertou o rosto dele com o escudo, fazendo-o cambalear para trás. Rob adiantou-se e deu uma canelada diretamente entre as pernas.

“Se soltar seu arco e partir”, ele escutou Karyl falar. “Deixarei que viva.”

Ele juraria que o homem não falou mais alto que um sussurro. Contudo, o escutou com tanta clareza, como se os lábios barbados estivessem ao lado de seus ouvidos.

Com seus oponentes tendo escolhido largar as armas para agarrarem as partes violadas e choramingar a condição em que

se encontravam, Rob arriscou uma olhadela para a estrada.

Karyl não estava mais longe que a distância de seus próprios braços estendidos da ponta da flecha. Que agora tremia de forma cada vez mais acentuada.

Karyl deu mais um passo inexorável. O arqueiro gemeu como uma criança assustada e jogou o arco no chão. A flecha caída tombou, encaixando-se nas ervas daninhas na lateral da estrada. O bandido deu as costas e correu o mais rápido que suas pernas espigadas conseguiam carregá-lo.

“A aljava também”, Karyl gritou para ele.

Sem diminuir o passo, o bandido arrancou a cinta do ombro e deixou a aljava cheia pela metade cair. Ele continuou correndo até desaparecer numa curva na pista.

Karyl não chegou a desembainhar a lâmina.

“Certo”, Rob disse aos homens que tinha abatido. Ele deu um chute nas costelas daquele que estava com a boca ensanguentada. “Ajude seu amigo e dê o fora. A não ser que queiram mais?”

O homem se levantou. Contornou Rob para ajudar o parceiro. Sua mão deixou um borrão largo de sangue no antebraço do outro, enquanto o arrastava para pôr de pé. Ajudando um ao outro, os dois cambalearam para os arbustos e desapareceram.

Tendo recuperado a aljava e pendurado sobre o ombro, Karyl se abaixou para pôr o bastão no chão e apanhar o arco. Usou sua mão direita; a esquerda estava enfaixada no que parecia um tipo de cassetete. Mas Rob tinha dado uma olhada no que estava por baixo das bandagens de linho que Karyl trocava todas as noites. Ele se perguntava se Karyl queria esconder os pequenos dedos rosados que cresciam como vermes de Rob ou de si próprio.

“Consegue usar isto?” ele perguntou, estendendo o arco para Rob. “Pode trazer alguma carne à mesa e ajudar a resolver desventuras parecidas no futuro.”

Rob desenhou os cantos da boca para baixo. “Não muito bem. Mas acho que acerto aquilo que estou apontando com mais frequência do que o próprio pé.”

“Vai ter de bastar.”

Rob esperava que ele lhe entregasse o arco, mas, em vez disso, Karyl o passou por cima do ombro esquerdo, recuperou o bastão e ficou parado na estrada. Após um instante, Rob percebeu que ele estava esperando-o pegar a Pequena Nell e alcançá-lo.

Ele pendurou o escudo de volta na bagagem empilhada nas costas do dinossauro e recolheu Wanda à bainha.

“Isso foi muito corajoso”, disse, enquanto punha tudo no lugar. “Talvez a coisa mais corajosa que eu já tenha visto.”

Karyl grunhiu. “Valor físico é o ativo mais supervalorizado em Paraíso.”

O choque atingiu Rob como se ele tivesse mergulhado num córrego gelado. Uma afirmação daquelas era praticamente uma heresia. Indo mais ao ponto, Rob era um bardo – e celebrar a coragem física era um bem primordial para o negócio.

Karyl poderia muito bem ter mijado em todo o ideal de Beleza. Ou ouro, ou honra, ou poder – ou intrigas, foder e destruir sanguinariamente aquelas coisas que elas tendem a gerar. E tê-lo feito em toda canção ou história a seu respeito.

O pior de tudo é que Rob meio que suspeitava daquilo em si.

“Como pode dizer isso?”, ele não se aguentou.

“Coragem é tão comum quanto jovens com mais sêmen no saco do que bom senso na cabeça”, Karyl disse. “A disposição dos homens para morrer sem questionar é uma virtude primordialmente dos indignos, que a usam em benefício próprio.”

“Mas você era líder de mercenários! Um *senhor* de mercenários. Fazer com que outros morram para o seu ganho não seria uma *definição* do trabalho?”

Karyl assentiu. “Precisamente.”

“Mesmo assim, sem erguer a mão, fez um homem que estava com você na mira largar a arma e sair correndo”, Rob disse, pendurando o machado atrás do escudo. “Como pode explicar tal coisa?”

“No leste, dizem que não há nada mais perigoso do que alguém cuja vida já está morta.”

Rob esfregou a barba. O estresse do encontro, por mais breve que tenha sido e por mais fresco que o ar da floresta estivesse, tinha feito o suor correr vividamente pelo seu rosto.

“Essa é uma coisa mais fácil de dizer do que de fazer, acho.”

Karyl riu suavemente. “Não é difícil quando você a faz com a frequência que eu fiz.”

“Feito o quê?”

“Morrer”, a boca dele se comprimiu por sob a barba. “Acho que viria como um tipo de alívio. Se *viesses* na hora certa.”

Balançando a cabeça, Rob apanhou o chumbo preso à complicada rédea, feita para se encaixar à cabeça de Nell, e deu uma estalada para a pôr em movimento.

“Está tudo bem”, ele disse. “Mas se ele tivesse disparado contra você, teria simplesmente defletido a flecha no ar, certo? Ou a apanhado com a mão como aqueles sujeitos ninjas de Zipango, devo dizer.”

Karyl deu de ombros.

“Ou teria morrido”, respondeu.

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 18 –

**Tirán Rey, Rei Tirano, Tirano** – Tyrannosaurus rex.

*Grande dinossauro carnívoro bípede. 13 metros de comprimento, 7 toneladas. O maior e mais conhecido predador da Terra de Afrodite; famoso até mesmo em Nuevaropa, onde não é nativo. Mais robusto que o alossauro. Tal qual o matador, é encontrado raramente como montaria de guerra.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

O marechal cavaleiro gritou: “Vão!”

O conde Jaume abaixou a lança, encaixou-a no braço e deu um toque com os pés para sua montaria investir. Encarando-o na outra extremidade das pistas desgastadas, o duque Falk von Hornberg fez o mesmo.

Melodía respirou fundo. A princesa Fanny segurou a mão direita dela. Outra segurou a sua esquerda. Ela olhou e ficou espantada de ver os olhos de Abigail Thélème fixos nos seus.

“Coragem, Día”, ela falou.

Era o fim do dia. A luz inclinando-se sobre a floresta assumira uma tonalidade amanteigada. A competição que todos aguardavam finalmente começara.

Os dois monstros de pele branca se encontraram. Embora aquele fosse o antagonista mais aterrador possível que Camellia poderia encontrar, ela não retrocedeu. Jaume mirava a verdade.

As duas lanças se partiram nos escudos.

Jaume e Falk cavalgaram até o fim do campo, pararam as montarias e deram a volta nelas. Os escudeiros correram para dar lanças novas aos seus mestres.

“As regras do torneio permitem três lanças cada”, Fina disse, com os olhos brilhando. Ela inclinara-se para frente, como uma mulher esfomeada sobre um prato de bistecas de unichifre fumegantes. Como avalanches vivas, os dois dinossauros investiram novamente. Mais uma vez, ambas as lanças se quebraram com muito barulho e nenhum resultado visível.

Àquela altura, a multidão já estava rouca de tanto gritar. Todos estavam de pé. O pai de Melodía e até mesmo o velho e frágil Papa se levantaram no camarote imperial. Quase perdida em meio aos adultos, ela viu Montse; o enfeite de penas havia desaparecido, os cachos escuros caídos sobre as mãos que cobriam os olhos. *Ela está espiando por entre os dedos?*, Melodía se perguntou.

Mais uma vez os cavaleiros foram até as extremidades e aceitaram novas lanças dos escudeiros. O cavaleiro de armadura negra e o de armadura branca manobram os monstros, nivelaram as lanças e atacaram.

A arquibancada tremeu sob os pés de Melodía por conta do galope das criaturas. Camellia propeliu-se para frente em seu trote quadrúpede, Floco de Neve correu com passos estranhamente picados, os membros superiores aninhados junto ao peito.

Eles se encontraram. A lança de ponta arredondada de Jaume acertou o elmo do duque acima da fenda do olho esquerdo. A

cabeça de Falk deu uma guinada para trás. Ele titubeou na sela enquanto os monstros passavam um pelo outro como trovões. Sua própria lança quebrou-se de forma ineficiente contra o escudo laranja de Jaume.

Camellia respirava pesado por causa do esforço quando Jaume a fez tomar outra direção. Suor brilhava na pele escamosa dela. Na extremidade oposta do campo, Floco de Neve arfava; as mandíbulas levemente abertas dentro do focinho prateado.

Jaume sacou a espada longa da bainha atrás do ombro direito. Falk apanhou o machado da capa pendurada na sela, próximo da coxa direita.

Melodía tinha puxado as mãos das amigas para o peito. Ela tremia de medo e náusea. Ansiava para que tudo acabasse. Para que seu primo, seu amante, seu melhor amigo, estivesse seguro e bem longe dali.

Gritando “*Pela Dama!*” e “*Hornberg!*”, os cavaleiros esporaram as montarias na direção uma da outra. As passagens com as lanças eram pura formalidade do combate: numa batalha de verdade, a principal arma de um cavaleiro de dinossauros era sua descomunal montaria.

Sacabuxa e tirano rei se encontraram num impacto como se Chián, o Pai, Rei dos Criadores, tivesse batido os dois punhos juntos.

Do nariz à cauda, os dinossauros rodavam e rodavam. Seus cavaleiros espancavam um ao outro com um tinir de aço contra aço. Pó branco subiu como fumaça numa nuvem que obscureceu a luta.

Por uma quebra na nuvem, Melodía viu o machado de Falk esmagar o escudo de Jaume. Então, Camellia se agachou protetora, enquanto seu mestre rolava para trás pela garupa. Melodía berrou. Vômito azedo inundou sua boca. Fanny e Abi a seguraram firme, impedindo-a que caísse para frente e invadisse o campo.

Ela escutou aplausos próximos.

“Fina!”, Llurdis bradou.

“Oh, desculpe, Melodía! Eu não pretendia...”, Fina irrompeu em soluços.

Se endireitando, Melodía se obrigou a olhar. Jaume já estava de pé, escudo levantado, espada em punho. Ele encarava o rival, olhando direto para os dentes chanfrados do tirano, pingando saliva, a meros quatro metros de seu rosto.

A focinheira que os continha não parecia mais substancial do que cristais de mel caramelizado que vendedores comercializavam no bazar.

“Não desista, Melodía”, Fina disse. “Lembre como o conde Jaume subiu atrás do *barón* Sándoval, arrancou-o da sela da sua montaria e quebrou seu pescoço maligno!”

Talvez em resposta a um sinal de Falk, Floco de Neve apontou a cabeça para frente e rugiu. O fato de ele não ser capaz de abrir a boca toda não parecia ter afetado o volume. O público estremeceu. Mulheres desmaiaram. Homens desmaiaram. Os hadrossauros de guerra parados nas proximidades suplantaram o som do medo da multidão num carnaval de terror.

Embora o capacete e comportamento ocultassem seu rosto, apenas Jaume parecia não ter se comovido. Ele se manteve ereto, desafiando a fúria, a rajada de ar e o fedor de carniça do urro do tiranossauro. Ele começou a bater no chão com a ponta da sua espada de torneio.

Melodía teve de soltar uma risadinha que temeu que se transformaria numa gargalhada insana. Seu amor parecia estar dizendo *Isso é o melhor que você tem? Esse barulho idiota?*

A multidão sentiu o mesmo. Lentamente, começou a cantar: “*Jau-me! Jau-me!*”

“Parece que o duque Falk também se recorda do infeliz exemplo de Sándoval”, apontou Abi Thélème, soltando o braço de Melodía agora que a princesa parecia capaz de se sustentar sozinha. “Veja.”

O alemão tinha recuado a montaria a vários passos de distância do oponente. Ele movia o machado. Albrecht, pálido como o couro de Floco de Neve, segurou as rédeas enquanto Falk desmontava.

“O garoto tem coragem”, Fanny disse. “Eu não ousaria chegar perto daquela cabeça, com ou sem focinheira!”

O duque Falk fumegava silenciosamente enquanto gingou a perna blindada por cima da sela e desceu facilmente o metro final até o chão. Os atendentes correram para jogar um cobertor sobre a cabeça de Floco de Neve, para tornar o monstro dócil.

*Escute-os cantando seu nome!*, ele pensou furiosamente. *Como se eu não o tivesse derrubado!*

Tecnicamente, Falk ganhara um ponto. Se a luta terminasse por conta de exaustão mútua ou incapacitação – como dois combates já haviam terminado – ele seria o vencedor do combate, do torneio e receberia o comando do Exército da Correção.

E lá estava a multidão, cantando o nome do homem que ele superara.

A audácia quase inumana de Jaume perante o rugido de Floco de Neve os tinha ganhado. Simplesmente não parecia *possível* não se encolher quando um tirano desafiava um mero homem. Não quando ele era capaz de colocar para correr hadrossauros de guerra treinados com três toneladas.

Falk respirou fundo. Mesmo com a brisa fresca que vinha do Canal, o calor da tarde fazia sua escura armadura peitoral fumegar. Suor molhava seu corpo por dentro do aço e ensopava o acolchoado. Sua respiração rugia como ondas nos seus ouvidos. Cada expiração era mais forte que o cheiro de poeira e esterco de dinossauro.

Falk sorriu por dentro do visor. *Ele é um herói, não se engane*, pensou.

Como que para contrariar isso, ele viu Bergdahl de pé na extremidade da arquibancada da plebe. Ele estava de braços dobrados, cabeça pendendo para um lado e uma expressão particularmente afiada em seu rosto de duende. Hada, é como eles chamariam aqui.

Falk escutou a voz sardônica de seu servo dentro de sua cabeça: *Lembre-se do plano*.

Sim. Ele lembrava.

Mas ele queria ver do que aquela lenda viva realmente era feita. Então... quem sabe?

*Minha mãe poderia objetar diante da vitória?*, ele perguntou a si próprio.

Claro que poderia. De algum modo, a duquesa viúva Margrethe sempre distorcia o que ele fazia, tornando o maior triunfo em algum tipo de fracasso.

Efervescido, contraindo seu machado de dois quilos na manopla direita como um galho de salgueiro, ele começou a espreitar o conde *dels Flors*.

Com cautela, Jaume observou seu oponente se aproximar. Seu rim direito e o quadril doíam por causa da queda. Ele ferira o joelho direito. Sabia que logo começaria a inchar, mas acreditava que ele se manteria íntegro pelo tempo necessário.

Ele praticava com frequência cair de cima de Camellia com a armadura completa. Infelizmente, a mera prática nunca se equiparava a um combate real. Apesar das habilidades acrobáticas e com a ajuda da bem treinada Camellia, ele havia se ferido, talvez o suficiente para deixá-lo mais lento.

Ele sentiu desgosto. Nunca um oponente o havia derrubado de Camellia antes. *Ele é bom*, ele pensou. *Mas eu já sabia disso*.

Sorriu por dentro do protetor facial. *Ao menos isso vai me impedir de ficar complacente.*

Não fora nem o tamanho do jovem duque nem sua força que impressionaram Jaume quando Falk atacou. Foi a facilidade, a maneira fluida com que ele se moveu, apesar de sua armadura prejudicar a movimentação das articulações. Ele lembrou Jaume de um matador à espreita.

Falk parou pouco antes de entrar no alcance da arma. Deixou o machado pendurado pela correia que ele tinha em torno do antebraço, enquanto desfazia os laços do escudo. Jogou o escudo de lado e levantou a cabeça para encontrar o olhar de Jaume.

Vistos pelas aberturas do visor, os olhos de Falk estavam calmos como duas safiras. Jaume começou a remover o próprio escudo.

“Respire, Día”, pediu Fanny.

Jaume saltou para trás, fugindo de mais uma machadada que parecia capaz de arrancar sua cabeça fora.

“*Ohh*”, Melodía gemeu.

O público aplaudiu a esquiva de Jaume. Eles se sentaram de novo, para o alívio de Melodía, uma vez que as pernas dela não queriam mais apoiá-la. Mas parecia que os aplausos estavam ficando mais fracos.

“Ele fica fugindo”, Llurdis murmurou.

“Não seja idiota”, disse Lupe.

Llurdis a encarou com a cara fechada, mas Fanny interrompeu: “Moças!”

“Você não percebe?”, Fina indagou. “Jaume está tentando cansá-lo.”

“Fora isso, aquele bruto enorme do norte vai parti-lo ao meio se encaixar algum golpe”, Lupe completou, com fervor talvez

desnecessário. Fanny olhou com reprovação.

“Desculpe”, Lupe falou.

Melodía se forçava a não desviar o olhar. Jaume se movia com agilidade e velocidade fenomenais. Mas sua armadura era pesada e quente, embora o sol tivesse caído tanto que as silhuetas dos guerreiros duelavam contra uma tela espalhafatosa a oeste. A partir do próprio treinamento marcial, Melodía sabia a velocidade com que uma pessoa fica extenuada só de estar numa luta.

E, apesar do corpanzil, Falk não era só um mero titã. Da primeira vez em que o viu, Melodía pensara que ele fosse gordo. Tendo-o visto mais vezes na Corte, percebeu que o motivo de ele não ter costas em forma de cunha como Jaume é porque possuía quadris largos. Seu torso era uma placa de músculos que lhe concedia força para manobrar quase tão rapidamente quanto um oponente mais leve.

E o público, por mais inclinado que estivesse a adorar seu jovem Campeão, começou a ficar impaciente pelas táticas que ele utilizava.

Assim como o duque. Ele estocou, dando um golpe com as duas mãos. Jaume dançou para trás. Desta vez, inclinou-se para frente para tocar a armadura de Falk com sua espada antes que este pudesse se recuperar.

Falk rugiu e deu um golpe com as costas da mão. O catalão deu um passo rápido para trás, desviando o tronco. O machado passou inofensivamente e Jaume encurtou a distância de novo.

Desta vez, ele tocou o topo do capacete redondo do duque com a espada longa. Berrando como Floco de Neve no auge da fúria, Falk aninhou o machado sobre o ombro direito. Jogando o peso sobre o pé traseiro, preparou-se para investir como um touro contra seu inimigo.

Jaume atacou antes. Agarrando o cabo da espada com uma mão e a lâmina sem fio com a outra, ele usou a alavanca para

bater sob o visor de Falk. O golpe derrubou o duque já sem equilíbrio.

Ele caiu com um som como um saco cheio de potes e panelas lançadas de cima da muralha de um castelo. A multidão ficou em silêncio. Então, ficou de pé como uma onda quebrando, berrando de adulação. As damas de Melodía estavam dançando no lugar, abraçando umas as outras e comemorando. Melodía ainda estava sentada, presa pelo nó de miséria em seu estômago. Ela sentia como se tivesse recebido um golpe de bastão.

Falk parecia genuinamente pasmo. Ele poderia ter se recuperado de uma queda bem pior das costas de um tirano. Mas Jaume não lhe dera tal chance. Ele caíra de costas e sentira o ar ser expelido dos pulmões. Jaume se colocou sobre ele. “Você se rende, sua Graça?”, ele berrou acima do alarido.

O alemán agitou-se, como se quisesse sentar-se. O capacete de Jaume virou-se na direção do marechal cavaleiro, que correu com diversos assistentes.

O rosto de *sieur* Duval estava rígido. Era notório que ele desaprovava Jaume como um janota frívolo, mas a altercação de Falk com o convencido galego de Viseu tinha claramente azedado seu sangue para com o duque. Mesmo assim, Duval era conhecido por ter sido forjado no ferro, para não dizer que tinha *cabeça* de ferro; se não fosse o caso, ele jamais teria durado duas décadas no comando da guarda imperial.

“Ele não se rendeu”, Duval gritou com sua voz portentosa. Até mesmo as pessoas pobres nos assentos mais distantes o escutaram com clareza. “Lutem!”

Enfim, Falk se sentou. Jaume levantou a espada para o alto e a desceu assobiando sobre o topo reforçado do capacete de Falk.

E Falk levantou o braço esquerdo, berrando: “Eu me rendo!”

Tarde demais. A espada longa atingira seu antebraço. A proteção de aço se soltou com um barulho alto, embora não tão alto quanto o som do braço quebrando.

Por um instante, foi como se todos tivessem se transformado em pedra. Então, o burburinho começou: *Ele se rendeu. Ele tinha se rendido. Maldade, maldade. O Campeão Imperial atacou um homem rendido!*

Duval hesitou. Então, deu um passo à frente para apanhar o braço da espada de Jaume.

“Sua Graça esperou demais para se render”, ele gritou. “Não houve maldade.”

Ele levantou o braço de Jaume para o alto. A espada do conde apontou para o céu.

“Bravo!”, gritou a princesa Fanny com sua voz estridente. Ela tinha um pouco de instrumentos de sopro dentro de si.

“Bravo!”

“Bravo!”, a multidão ecoou. “Bravo!”

Melodía ficou de pé. Ela também estava gritando, orgulhosa de Jaume. Ele tinha lutado com brilhantismo e triunfado, apesar do desesperado revés de ter sido derrubado. Mas, acima de tudo, ela estava extasiada por ele ter *sobrevivido*.

Mas, mesmo assim, ela escutou – foi mesmo nos ouvidos dela ou somente em sua cabeça – o suspiro dos indivíduos: *Desonra. Ele atacou um oponente rendido.*

Era mentira. Mas, de algum modo, sabia que aquilo se agarraria ao amante como um mau cheiro e o assombraria como a memória de uma derrota.

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 19 –

## **La Vida-que-Viene, A Vida por Vir –**

*Uma seita radical da Igreja de Nuevaropa que prega a autonegação, sustentando que os mandamentos dos Criadores em Os Livros da Lei eram metafóricos e, às vezes, até queriam dizer o oposto do que estava escrito. Apesar de heterodoxa, tendo cruzado a linha para a heresia quando alguns membros do grupo afirmaram que o pecado poderia levar à danação eterna, a Vida por Vir gozou de um número substancial de seguidores no início do século viii.*

– LA GRAN HISTORIA DEL IMPERIO DEL TRONO COLMILLADO –

Ela o escutou bater mais tarde, naquela noite. Escutou o barulho do trinco e o rangido da maçaneta quando Pilar o deixou entrar. Com um sorriso silencioso para a sua senhora, a criada foi para seu quarto, fechando suavemente a porta.

Com os lábios repentinamente secos, Melodía o encarou da mesa ao lado da janela, onde ela lia à luz de uma lamparina de bronze. Ele vestia uma túnica folgada, com os cabelos alaranjados soltos sobre os ombros. A luz dos lampiões vinda do

corredor o delineou com um halo dourado até que a porta fechou-se atrás dele. Deixando o livro de lado, ela se levantou para encontrá-lo.

“Jaume”, ela disse, sentindo a voz vibrar grave em sua garganta. Ele sorriu.

“Meu amor”, falou.

Ela tirou o longo vestido branco que usava e sentiu a brisa fresca entrando pela janela, gelando levemente o pequeno casaco de suor que cobria sua pele. Jaume a ajudou a tirar o vestido por sobre a cabeça. Por baixo, ela não usava nada além de prataria e a tornozeleira lustrosa que ele lhe dera quando ficaram juntos pela primeira vez. Ela tinha pedido uma lembrança a ele...

Ela soltou os cabelos enquanto ele jogava o vestido sobre uma cadeira. Ele escorregou pelos ombros desta como uma cascata.

Ele a abraçou poderosamente e, beijando-a com firmeza, correu as mãos pelos quadris. Ao chegar à extremidade das ancas, elas mudaram de direção. As pontas dos dedos dele desceram pela adorável barriga e direto para a vagina.

Ele curvou a mão sobre ela e começou a excitá-la com o dedo por sobre os pelos densos e enrolados. Melodía estremeceu quando o dedo tocou seus lábios inferiores. O dedo pressionava para dentro e para cima. Ele encontrou a pérola de carne na dobra da conjuntura superior, fez pressão e começou a revolver.

Ela gemeu e começou a rotar os quadris em sincronia com as manipulações dele.

Ele desceu o dedo e o meteu dentro dela. Fez um gancho e começou a pressionar para cima. Ela soltou um pequeno gemido. O prazer explodiu dentro dela. As pontas dos dedos dele exerciam deleite tão grande que quase se transformava em dor.

Ela ficou na ponta dos pés. Mantendo a pressão, ele se inclinou sobre ela e a fez caminhar para trás.

A beirada da mesa a interrompeu pouco abaixo da dobra do traseiro. Segurando-a com uma mão sobre as escápulas, ele a

conduziu a deitar-se sobre ela. Melodía mal reparou quando bateu a cabeça na parede caiada ao lado da janela. O cheiro das flores noturnas florescendo no jardim fluiu pelo rosto dela como unguentos refrescantes. Vaga-lumes do tamanho da mão dela piscavam através da rede presa na janela aberta.

Com a mão direita sempre ativa, ele forçou as coxas dela a se separarem com a esquerda. Ela assentiu avidamente. Ele caiu de joelhos. Sorriu de modo quase malicioso diante da extensão dela à sua frente; o rosto dele emoldurado pelos seios dela e barbado por pelos pubianos.

Ele enterrou o rosto dentro dela e começou a lambê-la com estocadas longas e poderosas. Ela gemeu e agarrou as laterais da cabeça dele.

Após a longa seca de Melodía, o campeão dela sabia exatamente do que ela precisava. Ela gozou rápida e ruidosa. Ele continuou a chupá-la enquanto ela gritava e atingia o clímax de novo e de novo. Quando ela não aguentava mais e o prazer beirava o sofrimento, ele parou.

Afastando-se dela, ele ficou de pé e se despiu rapidamente.

Quando estava nu, Melodía sorriu e tentou sentar-se, buscando o pau duro dele. Jaume interceptou o rosto dela com o seu. Seu peso a fez deitar-se de volta.

Ela soltou um grunhido estremecedor enquanto ele mergulhou fundo dentro dela.

Ele a fodeu duro e rápido. Sua filosofia de arte permitia o embelezamento, mas valorizava ações diretas...

Os meses de espera ansiosa dela se desfizeram em ondas estremecidas. Então, ele estava segurando a mão dela com seus braços fortes, esmagando-a com o peito, enquanto se enterrava dentro dela.

Ele urrou como um tirano macho quando sua libertação juntou-se à dela.

Depois disso, eles deitaram na cama dela, mal conscientes de terem ido até lá, no brilho suave partilhado do prazer e da lamparina âmbar.

“Estou surpreso que sua guardiã matadora nos tenha dado este tempo a sós”, ele falou.

“Ela está dormindo em seus aposentos no fim do corredor”, Melodía respondeu. “Estou surpresa que você não a tenha escutado. Ela ronca que nem um unichifre.”

“Então esse barulho é isso? Achei que fosse um velho unichifre em algum lugar no palácio. Talvez cochilando em sua baia.”

Ele levantou uma sobrancelha questionadora. Os olhos dela tentaram sorvê-lo completamente. Na verdade, ela era grata pela escuridão do quarto: facilitava que sua mente ignorasse os hematomas que já se transformavam num arco-íris escuro verde, azul, amarelo e preto que rondava os quadris dele, coxa e braço como meras sombras.

“Ela gosta de vinho”, Melodía disse. “Talvez um pouco demais. Ela resiste com sua habitual força de vontade. Em geral. Esta noite, as colegas *dueñas* a encorajaram a beber o quanto quisesse.”

“Foi, é?”, ele sorriu como um estudante para sua colega de escola. “Então é a elas que temos de agradecer?”

Melodía concordou com a cabeça: “Sim. De vez em quando elas a provocam impiedosamente, dizendo que se todos fossem crentes como ela, a raça humana morreria por não poder se reproduzir”.

“Ah, então ela é uma seguidora de La Vida-que-Viene?”

“Temo que sim. É muito fastidioso.”

“Triste para ela. Não vejo o apelo das doutrinas da seita Vida por Vir. Nunca neguei o direito que eles têm de acreditar no que quiserem; não há nada mais feio do que tentar punir as pessoas por seus pensamentos. Mesmo assim, não consigo evitar ver a ironia de afirmarem que o Jardim da Verdade e da Beleza, em

Providence, é herege, quando são as crenças deles que contradizem *Os Livros da Lei*.”

“Eles também criticam você. O velho Pio é um deles, embora não admita a heterodoxia.”

“Eu sei bem disso. Ele odeia a minha Ordem. Revogaria nosso privilégio em um segundo se o seu pai permitisse.”

“Fico feliz que ele não o faça. Não sei por que meu pai presta atenção nele, Papa ou não.”

“Porque Pio diz o que ele quer escutar. Se você me perdoar por falar assim de seu pai.”

“É a verdade. E, de fato, é uma atenuação.”

Ela o encarou com firmeza. “É isso que o está incomodando?”

“O que quer dizer?”

“Desde que voltou, parece que há algum tipo de barreira entre nós. Sempre conversamos com liberdade. Foi por isso que me apaixonei por você. Bem, um dos motivos entre muitos.”

Ele franziu a testa. Ela apertou o dedo em seus lábios.

“Não. Por favor, não tente dizer que você está preocupado em preparar o exército para a marcha. Por favor.”

“Perdoe-me, meu amor. Há coisas que relutei em importuná-la ao contar.”

“Acha que não confiar em mim machuca menos do que faria o que não quer me contar? Não somos noivos? Bem... quase?”

Ele tomou ambas as mãos dela nas dele. “Claro que confio em você, meu amor. E claro que somos noivos, pelo menos em espírito. Quero poupar-lhe da dor.”

“Se eu quisesse ser poupada da dor”, ela respondeu, “teria me permitido se apaixonar pelo Campeão Imperial?”

Ele riu. “Nunca pude flanqueá-la mentalmente. Muito bem. Você se recorda da minha gloriosa vitória que encerrou a guerra do norte? Quando derrotei o mercenário renegado?”

“Karyl Bogomirskiy? O slavo que comandava a Legião do Rio Branco? Os servos dizem que as pessoas ainda cantam sobre ela em todas as tavernas da cidade.”

“É tudo uma completa mentira.”

Pareceu que uma bola de cinzas molhadas tinha se materializado dentro do estômago dela. “O que quer dizer?”

“Nos meses que passei na Alemanha após a guerra”, ele contou, “eu investiguei o voyvod Karyl o mais detalhadamente que pude. Descobri muitas coisas nele para não se admirar. Era um homem bruto. Escutei relatos bem atestados de que ele estava tentando banir o próprio prazer dos seus domínios.”

“Você está brincando!”

“Não. Por mais louco que pareça, ele odiava toda a paixão com fervor. Culpava a *emoção* por toda a miséria humana. Então, tentou forçar uma uniformidade cinza na Marcha da Neblina e devotou toda a energia dela para a criação e manutenção da sua máquina de guerra mercenária.”

“Mas isso é monstruoso. Só por isso já não deveria ter acabado com ele?”

“Combati monstros durante toda a minha vida, *mi amor*. Mas, até onde pude descobrir, por mais implacável que Karyl fosse, ele nunca foi cruel. A mãe do homem que usurpou seu trono, pelo que descobri, ela, sim, é um monstro. Ela matou o pai de Karyl e seus amigos, os torturando por diversão. Mas quando ele reconquistou sua Marcha, simplesmente a decapitou. O próprio usurpador, o meio-irmão dele, permitiu que seguisse para o exílio sem ser ferido. Não, à sua maneira, Karyl era tolerante. Eu diria até piedoso.”

Melodía fez um som cético no fundo da garganta. Jaime prosseguiu. “Ele foi um capitão de campo notável. Provavelmente o melhor de toda a Nuevaropa.”

“Mas este é você!”, ela falou, fazendo cara feia.

“Não. Tenho algum domínio das táticas, o que é mais do que podem dizer meus irmãos e irmãs nobres. Eles acham que guerra se resume a atacar de frente e trocar golpes duros. Nossas vitórias são realmente obtidas pela coragem dos meus

homens, meus irmãos cavaleiros e a gente comum. Eles são os heróis sobre quem os bardos deveriam cantar.”

“Mas você também é! Não vou permitir que negue esse crédito a si próprio.”

“Bem... talvez. Mas, enquanto meus Companheiros têm um dom para a bravura, voyvod Karyl dominava a guerra em todos os aspectos. Ele cuidava muito bem das suas tropas e valorizava os empregados. Em tempo, ele vencía as batalhas.”

Ele sorriu. “Até a última. Quando atacamos a Legião dele, já em desordem, pelas costas.”

“Mas, se ele era um traidor.”

“Ele não era.”

Jaume sentou-se. Ele alisou o cabelo dela, tirando-o do rosto e, sem olhar para ela, disse: “É isso que estou tentando dizer. Antes que a Legião dele cruzasse a fronteira da Slavia para a Alemanha, a guerra estava perdida. Nós tínhamos perdido. As fortalezas vivas dele viraram a mesa contra nós”.

“Trichifres”, Melodía suspirou.

Mesmo para alguém tão indiferente a dinossauros quanto ela, os tricerátos despertavam temor. Ela sabia que as gigantescas feras de chifres existiam, no platô ovdiano, ao leste da Terra de Afrodite. Contudo, para Nuevaropa, eles pareciam fazer parte de contos de fadas, tão maravilhosos e aterradores quanto os próprios hada.

“Sim”, Jaume assentiu. “Com eles, Karyl nos deu tempo de apoiar o exército do *prinz* Eugen com os Companheiros e o regimento de infantaria dos Nodossauros. Estávamos prontos para esmagar as forças da Comitiva dos Príncipes, no Hassling.”

“Mas e quanto aos esquemas de traição de Karyl? Ele não pretendia tomar o Trono Dentado para si?”

“Por mais que tenha procurado”, Jaume respondeu, “nunca encontrei a menor evidência de que ele tivesse qualquer coisa, além da mais perfeita fé. E, acredite em mim, eu queria achar algo.”

“Então, por que o atacou?”, ela perguntou.

“Ordens. Quando a Legião do Rio Branco cavalgou nas névoas do rio e se engalfinhou totalmente com os homens de von Augenfelsen, nós erguemos as lanças e atacamos os monstros de Karyl. Pelas costas. Por mais temíveis que fossem aqueles chifres e pescoços com carapaças, eles nunca tiveram chance.”

“Então, foi *prinz* Eugen?”, ela inquiriu, ávida por pensar mal de um primo distante que nunca encontrara, em vez de... alguém que ela conhecia e se importava. “Foi ele quem ordenou esse ataque traiçoeiro.”

“Não”, Jaime respondeu implacavelmente. “Ele eu poderia ter desobedecido e enfrentado as consequências, por mais rígidas que fossem.”

Ela o encarou. A estranha separação estava de volta, mais forte do que antes. Eles poderiam muito bem estar vestidos; não havia intimidade entre os dois. Ela sentiu o pesar, mas não podia deixar para lá: “Por que você *não* desobedeceu? Os próprios Criadores nos dizem para desafiar comandos malignos e desonestos. Não que eu acredite neles, claro, mas está escrito claramente nos Livros.”

Ele ergueu uma sobrancelha para ela. Tiveram poucas discussões e o ateísmo determinado dela causara a maior parte delas. Ela sabia que tinha razão, mas, como líder de uma ordem religiosa e um príncipe da Igreja, ele não tinha opção senão discordar.

“Você está certa”, ele confirmou. “Sou obrigado a desobedecer a ordens erradas pela lei e pela honra. Mas jurei lealdade ao Trono Dentado. E ao homem que o ocupa, meu imperador e tio.”

Ela sentiu-se mal. “Você não pode estar dizendo...”

“Sim. O pergaminho que o príncipe marechal mandou me fora endereçado pessoalmente, de forma explícita, e selado com a Cabeça do Tirano.”

“Mas por quê?”

“Os Príncipes ofereceram paz. A um preço: a cabeça de Karyl. Muitos em meu acampamento teriam pagado felizes. Alguns por causa de ciúme do sucesso dele, outros por medo do poder que ele vinha angariando, com aqueles novos e assustadores meios de travar guerra que ele tinha obtido e a riqueza que mostrava em sua pequena Marcha. Parece que esses mesmos sentimentos encontraram voz na Corte. E foram sussurrados repetidamente nos corredores do Palácio até chegar a alguém a quem seu pai escuta... e que o envenenou.”

Ela enterrou o rosto nas mãos. Lágrimas quentes escorriam por entre seus dedos.

“Pode soar como a mesma justificativa que a Comitiva dos Príncipes usou para acobertar traição. Mas é verdade: alguém aconselhou mal seu pai. E esta mesma pessoa ou pessoas pode estar levando sua Majestade ao desastre. Tenho muito medo de que a guerra que estamos prestes a começar terá o efeito oposto que Felipe pretende. Que, em vez de apagar as chamas da rebelião, ela as espalhe por toda Nuevaropa.”

Melodía ficou de pé e, sem pensar, arrancou a mão dela das dele.

“Mas isso é terrível”, disse, andando ao redor da sala.

“Concordo”, ele assentiu.

“Gostaria de duvidar do que está me contando, mas não posso. Meu pai nunca faria nada além do que sente ser o certo. O problema é que, uma vez que ele sente algo, não pensa mais naquilo. Ele não se questiona.”

Jaume sorriu sem alegria. “Não se questionar pode ser uma dádiva.”

“Mas agora pode representar uma maldição para todos nós”, ela suspirou. “Uma coisa está clara, você não pode liderar a força expedicionária pelos portões afora amanhã.”

Ele piscou como se ela o tivesse estapeado. “Como foi que chegou a essa conclusão?”

“Não é óbvio? Você não acredita nela. Nós dois sabemos que ela causará instabilidade política, isso sem mencionar o sofrimento e perdas de vidas. Como poderá servi-lo neste assunto, se você acha que é errado?”

“Porque ele é meu imperador.”

Ela girou na direção dele. “E quanto aos seus deveres com a Dama? Com a verdade? É óbvio que meu pai foi desviado. Ele sempre escuta a última pessoa que diz o que ele quer ouvir. E este novo confessor dele, este frei Jerónimo sobre quem ninguém sabe nada a respeito, nem mesmo a Igreja... aposto que ele está por trás de tudo isso!”

Ela voltou para a cama e ajoelhou-se diante do seu amor. Apanhou a mão dele, sentindo sua força e os calos de incontáveis horas de prática de lutas, espadas e lanças.

“Você pode impedir isto, Jaume.” Ela sentiu como se tivesse voltado a ser uma garotinha, implorando um favor para seu primo mais velho. “Por favor.”

“Mas eu não posso.”

“Claro que pode. Você não é somente um marechal que lidera uma expedição. Você é o Campeão Imperial, soberano de todas as forças de Nuevaropa. Meu pai o declarou como tal, ali nas pistas de combate.”

“É verdade”, ele disse.

“Então, ordene que o exército aguarde. Ignore aqueles que buscam a glória e os grandes gananciosos. Marche com os nodossauros marrons de volta às tendas no Distrito dos Fabricantes de Barris e ponha um fim nesta insanidade.”

“Se eu der tais ordens, seu pai simplesmente me substituirá.”

“Ele não ousaria. Você é o Campeão dele!”

Jaume sacudiu a cabeça: “Nós dois conhecemos bem Felipe. Ele é teimoso como um velho nariz de chifre quando põe alguma coisa na cabeça.”

“Então deixe que ele o substitua. E daí?”

Ela realmente estava zangada agora. *Como ele pode continuar discutindo comigo quando seu coração sabe que estou certa?*

“Aí, o Ejército Corregir marchará dos portões do Palácio dos Vaga-lumes com um líder diferente à sua frente. Amanhã ou, no máximo, no dia seguinte.”

“Que assim seja. Pelo menos você se poupará de... causar mais mal por conta do meu pai.”

Ele colocou a mão livre sobre a dela.

“Você prefere ver o duque von Hornberg comandar a expedição?”

Ela poderia ter dito que o braço quebrado de Falk havia levado o imperador a liberá-lo de seu juramento e até mesmo o proibido de cavalgar junto ao exército. Mas ela estava para além de suas *objeções*. A fúria surgiu para possuir seu corpo tão completamente quanto o desejo o fizera pouco antes. O senso de traição queimava sua pele como óleo quente. *Como ele ousa? Eu não quero que ele faça isso!*

“Sim”, ela berrou em meio às lágrimas. “Qualquer coisa é melhor do que ver você fazê-lo!”

“Eu devo. É minha obrigação.”

Ela pulou da cama e deu as costas. Apanhando o vestido do braço da cadeira, onde ele tinha deixado, ela jogou-o imperiosamente pelos ombros.

“Então acabamos aqui”, disse, de frente para a parede. “Vejo que meus esforços foram desperdiçados. Confio que meu bom conde sabe onde fica a saída.”

Ela ficou em pé, sem se mover, agora mal capaz de sentir, enquanto ele se ergueu, apanhou suas roupas e caminhou nu até o corredor.

Jaume fechou a porta tão suavemente quanto teria beijado as pálpebras dela.

Melodía jogou-se de barriga para baixo sobre a cama e chorou até sentir que suas costelas haviam rachado.

# OS SENHORES DINOSAUROS



– 20 –

**Titán espinoso, Titã de Dorso Espinhoso** – *Diplodocus longus*.

*Quadrúpede herbívoro. Maior titã de Nuevaropa.*

*30 metros de comprimento, 20 toneladas. Pescoço excessivamente longo, com uma cabeça pequena e cauda como uma chibata.*

*Distinto por uma fileira de espinhos dorsais.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

“Eu tô falando sozinho aqui?”, Rob perguntou, bufando levemente enquanto se aproximava do topo da colina. Tudo o que via diante de si era o céu branco e as costas do manto de seu companheiro.

Tendo ficado cansado de tentar elencar detalhes do passado de Karyl, ele começou a traçar a própria biografia. Ou pelo menos tentava. Karyl desapareceu no cume.

Nada. Somente o vento assobiando entre heras espinhosas na vala. Rob fez uma careta, grunhiu e se agarrou em Nell para fazê-la subir.

“Minha mãe me disse para nunca fazer perguntas cujas respostas eu poderia não gostar”, Rob murmurou. Então, mais alto. “Seu coração é feito de pedra, cara? As histórias tristes de minha juventude pelo menos o fazem sentir uma pontada?”

Na escarpa mais distante, Karyl estava estático, com ares de um homem que esperara pacientemente por muitos minutos.

“Se os detalhes não mudassem tão aleatoriamente”, ele disse, “quem sabe meu coração sentisse um pouquinho.”

“Sou um poeta, não um historiador”, Rob protestou. “Tudo o que digo é verdade, se considerarmos metaforicamente.”

“Então considere minha simpatia metafórica também.”

Karyl olhava para um vale amplo de campos cultivados. Por ele corria um rio que marcava a fronteira da província que cruzavam, Métairie Brulée – Fazenda Queimada – com Providence. Além, ficava a floresta de coníferas e madeira de lei conhecida como Floresta de Telar, que atravessava toda a Cabeça do Tirano, da Slavia até a Spaña. O mapa dizia que ela cobria grande parte do lado oeste em formato de cunha do condado de Providence. Eles já haviam passado pelo agulhão dela, com um quilômetro de extensão.

Bem além da floresta, as majestosas Montanhas Blindadas perfuravam o céu. A brisa que vinha delas era fresca. Para as percepções assumidamente caprichosas de Rob, elas pareciam ter cheiro da neve que nunca derretia, além de pinho, cedro e carvalho.

Ao longo de três semanas na estrada, Rob julgara com frequência Karyl uma companhia difícil. Além dos pesadelos que frequentemente interrompiam o sono de Rob, Karyl sofria esporadicamente de terríveis enxaquecas. Quando elas o acometiam, ele tendia a ficar ranzinza e, às vezes, tinha que subir na Pequena Nell com uma faixa úmida enrolada sobre a vista.

Mas Rob sentia-se estranhamente atraído pelo homem. A rara história que escapava dos lábios barbados dele era uma rica

recompensa para um homem do temperamento de Rob. Isso sem mencionar que tais reminiscências poderiam valer a pena para servir de tema a uma canção de um menestrel profissional.

E... havia os bandidos. Apenas o ocasional solitário ou uma dupla, provavelmente motivados pela ganância ou maldade de espreitar seus compatriotas, uma vez que esta não parecia ser uma terra onde a vida era dura. Felizmente, Rob e Karyl não tinham encontrado nenhum bando substancial. Ou os grupos grandes não achavam que a dupla valia a pena o incômodo.

Rob já sabia, para um homem que se dizia ser relutante em usar a espada, que Karyl era bastante eficiente com ela. Em conformidade, os dois estavam de posse de algumas moedas a mais, para quando sentissem a necessidade de aplacar a sede com algo mais do que água ou passarem a noite numa estalagem, fora do clima ocasionalmente frio. Que conforme eles se aproximavam mais das montanhas azuis, ao menos ficara mais seco.

Graças a um saqueador particularmente medroso, tinham agora um arco curto e uma aljava cheia de flechas. Eles haviam trazido um suprimento de carne fresca ao cardápio que as habilidades de Rob de caçador e de montar armadilhas não puderam.

Naquele dia, os dois caminhavam. A Pequena Nell seguia amigavelmente atrás, seu pescoço pétreo ribombando enquanto ela digerira um arbusto espinhoso de folhas roxas que arrancara ao passar. Como sempre, Rob deixava o companheiro ficar um pouco à frente. Não por deferência – ou é o que dizia a si próprio – mas para ficar de olho nele. Quanto mais próximos de seu destino, mais focado Karyl ficava. Mas, além dos sonhos e enxaquecas, ele era dado a períodos meditativos, ao ponto de às vezes parecer perder completamente o mundo exterior. Rob suspeitava de que ele poderia simplesmente sair vagando sem nunca mais ser visto.

Sem aviso, Karyl parou e ficou olhando para a esquerda.

“Que foi?”, Rob perguntou, correndo um dedo por baixo da cinta que mantinha seu escudo preso às costas como garantia. As estradas do Império eram lugares perigosos – principalmente para os bandidos que tivessem o azar de encontrar Karyl e Rob. O motivo de eles terem ido até ali era por que Providence estava sendo assolada por vizinhos predatórios. E *Métairie Brulée* era um deles.

Karyl apontou com seu bastão-espada. Em volta de uma cordilheira, meio quilômetro ao norte, se amontoava uma manada de uma dúzia de titãs de dorso espinhoso. Criaturas compridas e estreitas, verdes de barriga rosa, os adultos maiores chegavam a ter trinta metros e pesar até vinte toneladas. Filhotes de meros dez metros de comprimento brincavam entre as pernas colunares dos pais. Os gigantes progrediam em sua habitual marcha lenta, arrancando folhas dos arbustos com os dentes afiados.

Eles não possuíam vozes: não conseguiam forçar sons pelo comprimento tremendo daqueles pescoços. Dos livros de conhecimento antigo, supostamente transmitidos pelos próprios Criadores, Rob sabia que eles precisavam de um sistema de tubos aerados ao longo dos ossos do pescoço para mover as cabecinhas do tamanho de cachorros na extremidade deles. Mas, quando arrotavam e peidavam, o som era projetado tão longe quanto um berro. Dava para ouvi-los chegando.

Karyl tirou seu chapéu de palha trançada e limpou o suor da testa com as costas da mão. A mão esquerda, os dedos já quase totalmente crescidos mas ainda fracos, estava envolta em bandagem para proteger a pele rosada e frágil do sol. Rob deixou Nell solta para comer a folhagem rasteira da estrada e juntou-se a Karyl para observar os monstros.

Rob conhecia dinossauros. De várias formas, melhor até do que conhecia homens – e, infelizmente, bem melhor do que conhecia mulheres. Ele passara a vida próximo deles. Mesmo assim, o tamanho e majestade daqueles animais deixou Rob Korrigan

sem fala. Ele sentiu como se sua carne e o sangue nas veias tivessem congelado por baixo da pele aquecida pelo sol.

Um som como o estalar de um chicote mil vezes mais alto cortou o ar. Foi isso que ele *foi*. Um filhote se desgarrou demais do grupo, próximo da floresta, que poderia ocultar um matador ou uma manada de horrores. O macho alfa do bando estalou sua cauda de quinze metros como o maior chicote de Paraíso. O som, que foi uma ferroada nos ouvidos de Rob mesmo daquela distância, fez com que o mais jovem voltasse correndo e obediente, balançando a cabeça.

“Eles podem não ter voz”, Rob disse, “mas ainda assim conversam uns com os outros.”

“De fato”, Karyl falou, com os olhos brilhando.

“Você também sentiu?”, Rob perguntou.

“Como poderia não sentir?”

“Pergunte isso para a maior parte do mundo, meu amigo.”

A maioria das pessoas via dinossauros como nada além de ferramentas, brinquedos ou terrores, dependendo das circunstâncias. Elas consideravam que as feras simplesmente estavam *ali*, como rochas e árvores, e não prestavam atenção particular nelas a não ser que estivessem prestes a serem pisoteados ou feito em pedaços. Mas nenhum homem ou mulher que se tornara um senhor dos dinossauros via um dinossauro, independente do quão pequeno fosse, sem um senso de afeição que era quase proprietário. E nenhum poderia contemplar um daqueles titãs sem um senso de temor quase religioso.

Rob apanhou uma garrafa de água, bebeu, limpou a boca com a palma e a passou para Karyl, que a segurou sem olhar para o objeto, como se não soubesse o que fazer com ele. Às vezes, ele precisava ser lembrado de executar cuidados básicos consigo mesmo; Rob pigarreou. Karyl bebeu.

“Vamos andando”, Rob disse. “Eles sempre continuarão ali. Quer os humanos estejam ou não, os dinossauros perdurarão.”

Karyl concordou. Ele vestiu o chapéu de novo. Cacarejando para Nell, Rob apanhou as rédeas e, juntos, os três seguiram para dentro de Providence.

Foi uma manhã como se os próprios Criadores tivessem sorrido por conta da grande empreitada que estava prestes a se iniciar. O céu sobre a cabeça de Montserrat estava claro, um dossel de azul brilhante. À luz nua do sol nascendo a oeste, as cores imperiais e o azul, verde e dourado de Heriberto quase brilhavam nas bandeiras nos muros do Palácio. O ar estava fresco, limpo e aromático com os cheiros da floresta, graças às chuvas que caíram na noite anterior e, então, atenciosamente pararam.

Afoita pela antecipação, Montse postava-se ao lado da estrada que levava ao norte a partir do portão imperial do Palácio dos Vaga-lumes. Ao lado dela, seu pai estava descalço trajando o manto marrom simples de um mendicante da seita de Todos os Criadores. Montse compreendia vagamente que era a maneira dele de demonstrar humildade e gratidão àqueles que marchavam para a luta. Não só por ele, mas pela grande causa da majestade e autoridade do Trono Dentado, e blá-blá-blá.

Ela perguntou-se quão humilde ele achava que poderia parecer com ela ali, ao lado dele, em seu traje de princesa vermelho e dourado, horrível e desconfortável, e o ministro-chefe Mondragón parecendo importante e severo. Isso sem mencionar uma centúria inteira de Tiranos Escarlates, com as cristas de rabo de cavalo tingidas de vermelho balançando ao vento, ordenada atrás e de ambos os lados da comitiva imperial.

Ao lado do imperador, com suas vestes cerimoniais, estavam os outros grandes. Cortesãos que não seguiriam junto da expedição tentavam não parecer aliviados demais. Falk observava com ar zangado, o braço numa forquilha vistosa. As primas de Montse, Lupe e Llurdis, piscavam diante da luz do sol, como se não

soubessem o que ela era. Josefina Serena chorou; até aí, nada estranho.

Fanny, da Inglaterra, capturou os olhos de Montse e piscou. A menina deu um grande sorriso para ela, direcionando-o depois a Abigail Thélème. Abi retribuiu com um sorriso rápido e esqualido. Montse gostava das duas. Fanny a tratava como uma irmãzinha. A garota magricela de Sansamour conversava com ela como uma adulta. Montse não entendia por que todo mundo a achava tão sinistra.

Era Dia de Duas Espadas: o primeiro *Día de Lanza* do mês, tal qual batizado pelo Criador mais identificável com a guerra. Era a data mais propícia possível para uma campanha ser iniciada.

Apesar da perda da produtividade que o Torneio do dia anterior causara, multidões de mercedenses acordaram para marchar pela escuridão antes que a alvorada surgisse no promontório oeste da cidade. Alguns nem tinham ido para a cama, mas passaram a noite em claro por antecipação daquela mais recente extravagância. Os mercedenses chamariam isso de eficiência. Trombetas soaram das ameias, acima dos imensos portões revestidos de bronze. A multidão saudou em alegria. Com um rangido sísmico, os portões abriram.

De seu interior, saiu o recém-nomeado marechal, montado em seu belo dinossauro, Camellia. A multidão enlouqueceu. Os outros Companheiros seguiram Jaume, não menos reluzentes que seu capitão-general, trajando armaduras brancas com a imagem da Dama do Espelho em vermelho queimando nos peitorais.

“Primo Jaume! Camellia! Eu amo você!”, Montse gritou, saltitando.

Virando a cabeça levemente, ele encontrou os olhos de Montse e piscou. Camellia balançou sua cabeça cristada e bufou em cumprimento.

O Ejército Corregir passara a noite se reunindo ruidosamente no terreno do Palácio. Atrás dos Companheiros, vinha o conde

Montañazul, seu rosto como um trovão sobre a armadura, liderando os próprios cavaleiros. Na sequência, os outros nobres e cavaleiros que juraram defender a bandeira imperial contra o inflexível conde Terraroja. Então, seguiam os auxiliares dos Companheiros, ou irmãos Ordinários: quinhentos mercenários e aspirantes a Companheiros, vestindo tabardos brancos sobre as armaduras. Eles eram liderados pelo coronel veterano Alma. Numa clareira, meio quilômetro mata adentro, Montse sabia que eles trocariam os grandes cavalos por marchadores resistentes, assim como os cavaleiros de dinossauros faziam com seus bicos de pato de guerra.

Por fim, saiu do portão a Nona Legião dos Nodossauros Imperiais. Primeiro vieram os guerreiros e arqueiros, com justilhos de couro de unichifre e elmos de aço, seguidos dos operadores da artilharia com pesadas manoplas e pás. Na traseira de toda a procissão, marchava o corpo principal de lanceiros e lanceiras, rígidos e quase desafiadores em seus capacetes fechados e couraças, as lanças apoiadas sobre os ombros. Consignados à traseira como soldados a pé inferiores, eles tratavam a posição como um lugar de honra, refletindo seu status de últimos a deixar o campo de batalha.

Como a boa mercedense que era em seu coração, Montse adorava um show. Ela saltava e acenava, gritando com exaltação. Mas, por mais excitada que estivesse por conta do espetáculo, não conseguia se esquecer de uma figura que estava ausente do evento.

O braço de Falk doía como esperanças perdidas.

Ele o ignorou. Estava habituado a ignorar a dor. Tivera a vida toda de prática naquilo. Mas não conseguia ignorar as emoções conflitantes dentro de si: frustração, raiva, desapontamento. Medo de que seu truque fosse descoberto.

Não que tivera o menor indício de que isso aconteceria. Em vez disso, seu servo, Bergdahl, lhe dissera, ao chegar para acordar o mestre com a costumeira alegria indisfarçável, que La Merced comentava rumores de que a vitória de Jaume fora suja, que ele agira de modo torpe, atacando e ferindo um oponente que já estava rendido.

Bergdahl, claro, passara ele próprio a noite toda espalhando assiduamente o rumor.

Falk observava o homem passar agora, uma figura que pairava acima da massa de mercedenses, no lado mais distante da estrada. Em vez de observar a linda cavalgada, ele observava Falk com um sorriso macabro.

*Bastardo*, Falk pensou. Por um momento, o ressentimento do homem – e, sim, da mãe de Falk, que puxava as cordinhas de Bergdahl – ameaçou tomar conta.

Como se lesse os pensamentos do mestre, Bergdahl sorriu ainda mais. Mais uma vez, Falk podia escutar as palavras que ele tinha dito enquanto o *albrecht* ajudava a preparar o duque para sua apresentação.

*Não seja tolo*, Bergdahl lhe dissera. *Aproveite. Você tem liberdade total, bem como pretendíamos. Com o imperador e com sua filha excitada.*

Apesar de tudo, Falk sentiu seus lábios se contorcerem num sorriso. *Sim*, ele pensou, *vou aproveitar essas coisas. Sacrifiquei muito por causa delas.*

Sozinha numa torre que flanqueava o Portão Imperial, a princesa Melodía ficou assistindo pela janela em forma de arco até que o conde Jaume e sua grande montaria creme e laranja desaparecessem por entre as árvores.

Dando as costas, ela desabou num banquinho e chorou.



PARTE III

EL JARDÍN DE LA BELLEZA  
Y LA VERDAD  
O JARDIM DA BELEZA E DA VERDADE

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 21 –

***Raptor irritante, Irritante, Vexer*** – Velociraptor mongoliensis.  
*Raptor de Nuevaropa, 2 metros de comprimento, 50 centímetros de altura,  
15 quilos. Mantido comumente como animal de estimação,  
embora seja propenso a ser violento. Bandos selvagens de vexers costumam  
ser pragas, mas representam pouca ameaça aos seres humanos.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

## **FRANCIA, CONDADO PROVIDENCE**

“Achei que este Jardim da Verdade e da Beleza devesse ser algo novo sob as nuvens.”

O ar da manhã estava gelado e parado, enriquecido pelo cheiro do chão úmido e plantas novas. Um par de piscos de peito ruivo voou por sobre La Rue Impériale, a grande Estrada Imperial que levava da costa do distante Canal às Montanhas Blindadas, com seus picos brancos pela neve. Ao lado dela, fluía um riacho largo chamado Rio Bonté, ou Rio da Recompensa.

Os viajantes haviam deixado a Floresta de Telar e chegaram às colinas mais fáceis e os campos verdejantes de colheita. À frente, a cidade de Providence os aguardava, sede do condado e principal assentamento. Rob Korrigan montava a Pequena Nell, segurando seu guarda-sol esfarrapado sobre a cabeça. Caminhando ao seu lado, Karyl não respondeu à afirmação dele. Nada de novo naquilo. Apesar disso, Rob prosseguiu.

“Vejo que os aldeões vão suar nos campos”, ele disse, acenando para os corpos dourados, em sua maioria nus, à sombra de chapéus de palha trançada, inclinados sobre um campo de estacas entrelaçadas com mudas de feijão. “Sem dúvida para alimentar os nobres que passeiam em seus jardins e só ficam a filosofar. É sempre a mesma coisa.”

“Você lavrou o solo, não é mesmo?”, Karyl perguntou.

“Que diferença faz? Eu também sou um filho de Paraíso. O solo de lá é minha carne, a rocha, os meus ossos.”

“Os nobres poderiam dizer o mesmo.”

Rob fez uma careta. “A diferença é que eles nascem altivos e eu nasci baixo. Sou igual aos trabalhadores nos campos.”

“Se você diz.”

Rob retirou-se para um silêncio levemente taciturno. Ele sabia que tinha sido superado na discussão. Nada novo naquilo também.

As pedras-pomes da Estrada Imperial eram esmagadas com ruídos como guinchos sob os pés de Nell. Mesmo para Nuevaropa, o caminho era largo e com boa manutenção.

“Providence é uma província rica, mesmo sendo pequena”, Karyl comentou. “Eles se dão bem com o escambo ao longo das montanhas.”

“Aposto que nem tudo é lícito!”

Karyl saltou uma rara gargalhada. “Ficaria chocado se fosse.”

“Mas você é um nobre. Fico chocado por você não estar chocado!”

“Sou ex-governante da Marcha, não se esqueça, tão próximo das Montanhas Blindadas quanto Providence. E fui deixado por conta própria quando era bem jovem. Não sou mais estranho ao contrabando quanto suspeito que você seja.”

Rob optou por deixar aquela passar num silêncio digno.

“Se faz com que se sinta melhor, como voyvod, dei o meu melhor para impedir o contrabando.”

“Por quê?”

“Ele levava à desordem.”

“E o que pensa dele agora?”

“Que se este atual emprego falhar”, Karyl disse, “percorrer a fronteira remunera melhor do que fazer malabarismos.”

Uma carroça apareceu na colina adiante deles. Era alta e estreita, empilhada com cestos presos de forma precária com uma corda de cânhamo, balançando atrás de um único nariz de chifre magro, com o chifre curvado para frente. Sentados nos veículos, vinham uma velha e um homem bem jovem, talvez um garoto.

Conforme passaram, ambos examinaram os viajantes atentamente com olhares de desconfiança nas faces encobertas pelos chapéus cônicos. O jovem segurou um tridente pendurado em seu peito nu como um talismã.

“Estas pessoas devem estar profundamente amedrontadas”, Karyl disse quando a carroça já estava longe deles, “se ficam nervosos assim por causa de uma dupla de viajantes esfarrapados.”

“Você notou”, Rob falou.

Foi um disparo barato e totalmente sem justificativa; Rob sabia que aqueles olhos escuros de raptor perdiam pouca coisa. Ele nem sabia ao certo por que estava tentando provocar seu companheiro agora. Não era uma ideia particularmente muito boa por diversos motivos. *Mas quando foi que isso me deteve antes?*

De qualquer modo, Karyl ignorou a isca.

“Talvez nossos serviços sejam mesmo necessários aqui – ele disse – Um bom sinal, acho.”

“É só pegar a rua que leva a sudoeste daquela praça”, disse o trabalhador.

Ele descansou seu balde de tijolos no calçamento da praça principal. O cabelo dele era espigado. O rosto, bastante curado pelo sol, virou-se na direção de um jato de água, que se derramava da fonte central da boca de um peixe esculpido. Entre o peixe de pedra, havia figuras de pessoas nuas que pareciam representar alegorias, as quais Rob não fazia ideia do que eram. Um círculo de estátuas em tamanho real dos Oito Criadores ficava no centro da fonte, no foco de todos os borrifos de água da piscina e das adorações nuas.

Rob achou a fonte redundante, uma vez que o Bonté corria paralelo à lateral norte da praça. Nell meteu seu enorme bico dentro da água.

“Não fica nem a meio quilômetro fora da cidade”, o carregador de tijolos disse diante do alegre barulho feito pelo dinossauro. “Não dá para perder: é o velho *chateau* do conde Etienne. Ele deu ao Jardim quando se converteu.”

Rob o agradeceu. Ele e Karyl partiram para a larga avenida, se distanciando do barulho dos vendedores. Gorgolejando placidamente para si própria, Nell os seguiu presa pela corda.

Os edifícios da cidade de Providence eram altos, estreitos e lavados de cal, coroados com tetos íngremes de telhas cerâmicas que reluziam azuis, amarelas, vermelhas, laranjas, roxas, verdes e brancas. Música vinha de uma dúzia de direções. Entre eles, as pessoas se apressavam, tomando conta de suas vidas. Crianças brincavam por todos os lados, rindo e gritando. Cães perseguiram escavadores sob as carroças e entre as pernas de unichifres que os espantavam; por sua vez, cães menores

eram perseguidos por vexers domésticos, pacotes dentados e barulhentos de fúria e penas brilhantes. Um bafo de ervas locais, temperos exóticos e óleo quente de oliva anunciava mil ceias sendo cozinhadas.

“É tudo tão *ordinário*”, Rod disse. “Pedreiros empilham pedras umas sobre as outras. Carpinteiros martelam. Mercadores e clientes regateiam. Fofocas nas esquinas. Donas de casa gritam umas para as outras das janelas de casa, cheias de flores insipidamente bonitas. É como se nada de extraordinário estivesse acontecendo.”

“A vida continua”, Karyl exclamou. “Mesmo em meio à guerra. Embora eu suspeite que as depredações deste conde Guillaume ainda não chegaram até aqui.”

Um gato de pelos longos e brancos estava largado sobre um muro de jardim. Ele observou a dupla com seus olhos verdes desconfiados. Rob lançou uma careta feroz, a qual ele ignorou.

“E aquela porcaria de felino é o único que presta alguma droga de atenção na gente!”

“Providence fica bem no meio de uma grande rota comercial utilizada por forasteiros”, Karyl explicou. “Tipos bem mais estranhos do que nós andam por aqui vindos de Ovdan, meu amigo.”

“Alguma patrulha não deveria ter nos parado a esta altura? Ou pelo menos ter olhado feio? Os bastardos não resistem a perturbar estrangeiros, especialmente tipos tão desgastados quanto nós.”

“Você parece desapontado”. Karyl disse.

Rob sorriu. “Bem... no mínimo, a população me parece demasiada casual para quem sofre ataques regulares.”

Eles passaram por uma tenda onde um velho vendendo frutas estava discutindo com uma mulher de meia-idade de cabelos loiros curtos e avental de carpinteiro de muitos bolsos.

“Pode ficar com sua representação rigorosa”, disse o vendedor. “Me dê uma pintura com alegoria. Bela aos olhos e de igual

moralidade.”

Rob ergueu as sobrancelhas. “Com licença”, ele disse. “Mas vocês são adeptos do Jardim da Verdade e da Beleza?”

“Da Beleza e da Verdade”, a mulher o corrigiu.

“Que seja.”

Os locais riram. “Claro que não!” exclamou o velho. “Somos pessoas trabalhadoras. Parece que temos tempo pra essas frivolidades?”

Conforme seguiu em frente com Karyl, Rob bufou por entre os lábios franzidos.

“Começo a ver por que o Jardim achou Providence um solo tão fértil.”

Uma faixa de lajes de granito desgastadas, com grama brotando entre as pedras, marcava os limites da cidade. Eram, evidentemente, resquícios de um antigo muro, há muito derrubado.

Como dissera o carregador, não havia como perder o vilarejo que acomodava o Jardim da Beleza e da Verdade. O sol poente, uma bola vermelha em meio às nuvens, lançava sombras difusas da grande edificação de três andares, múltiplos frontões, muros e anexos no rosto dos viajantes. Mais ao leste, campos de cultivo se estendiam, plantações de pomares, um amontoado de colinas coroadas por árvores gentis.

Lá fora, um portão azul de um metro de altura, desbotado pelo sol, se erguia ao lado de uma figueira e um tanque de água cheio de musgos. A Pequena Nell esfregou a cabeça afetuosamente contra as costelas de Rob enquanto ele a amarrou ao anel de bronze manchado. Ele coçou a pele esticada dela sobre o babado. Ela cacarejou em aprovação. Ele pendurou uma cevadeira sobre o chifre dela, que se pôs a saborear aveia e milho.

“E seus pertences?”. Karyl perguntou, indicando a bagagem empilhada nas costas do animal.

“As pessoas são confiáveis aqui, meu amigo”, Rob respondeu. “Elas deixam bens sem supervisão por toda a cidade. Não reparou?”

“E você é o homem certo para despi-las da sua ingenuidade?” Rob riu.

“Se você pode conter seu impulso de voltar ao contrabando até que seja necessário, posso deixar meus dedos leves na coleira.”

Karyl encostou sua própria mochila contra o poste. Rob tamborilou os dedos na caixa de seu alaúde, pendurado atrás da sela de Nell. Em vez dele, apanhou o machado e desembainhou a cabeça.

“Estou surpreso”, Karyl disse. “Eles são amantes da arte aqui. E se preferirem que você toque para eles?”

“Quê?”, Rob escarneceu. “Esses jardineiros são famosos pelos gostos refinados. Nunca gostariam de coisas obscenas como as minhas e dos meus dedos grossos desastrados”, ele brandiu o machado. “Não. Nos pagam para dedilhar pescoços com aço e não cordas.”

Jogando Wanda por sobre o ombro, ele abriu o portão. Uma jovem de chapéu de palha e bata de linho com manchas verdes e marrons respondeu de joelhos. Ela não demonstrou surpresa nem relutância ao pedido deles de ver o líder da seita. Em vez disso, os levou ao redor da propriedade para um belo portão lateral esculpido. Ela o abriu e retornou às suas ervas.

Lá dentro, o líder do Jardim da Beleza e da Verdade caminhava em meio a uma profusão de verde, botões e abelhas zumbindo. Mesmo sem a descrição de Afrodite não teria como confundir Bogardus. O outrora sacerdote de Maia era um homem alto, vestindo um manto simples cinza, de costuras roxas. Ele tinha uma cabeça grande, testa alta e ampla e cabelos da cor do ferro sem ser polido. Seus olhos eram cinzentos, o nariz reto, a boca larga e lábios grossos o bastante para serem sensuais, mas não grosseiros. Apesar do pacifismo professado, ele se movia com uma graça que sugeria a Rob que era um guerreiro treinado.

Conforme caminhava, falava num tom de barítono, ninando uma rosa laranja nas mãos. Atrás dele, extasiados como filhotes de rastejantes seguindo a mãe, meia dúzia de jovens acólitos homens e mulheres trotavam ao longo de um corredor de rosas de um lado e fontes lilás do outro. As vestes deles eram simples como a do líder – e, como a dele, Rob não pôde deixar de reparar que eram feitas de material caro. Nada de lona suja ali.

Normalmente, Rob Korrigan não era um homem tímido. Contudo, ele ficou à frente do portão, jogando o peso de um pé para o outro, incerto de como proceder. Karyl não o ajudou. Ele ficou parado, segurando o bastão, com um olhar distante no rosto. Rob sentiu uma ponta de preocupação de que ele pudesse estar se desgarrando do “aqui e agora”.

Bogardus os percebeu. “Cavalheiros”, ele chamou. “Bem-vindos ao meu jardim. Como posso lhes ser útil?”

Ele deu um puxão da mão direita que segurava a rosa. Um espinho acertara a palma. O carmesim fluíu sobre a pele pálida.

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 22 –

**Maris, La Dama Fortuna, Dama do Acaso** – *Baronesa dos Criadores:*

*Dui ☰ (Lago) – A Filha Caçula. Representa fortuna e o mar; justiça, destino, marinheiros, jogos, equilíbrio e desequilíbrio; e o Mar Selvagem. Também peixes e répteis aquáticos.*

*Conhecida pelos caprichos. Aspecto: uma mulher levemente albina, de olhos azuis e longos cabelos brancos soprados pelo vento, vestida num manto branco, com o taiji tu na palma erguida da mão esquerda.*

*Animal Sagrado: terrível dragão do mar (normalmente retratado devorando um homem). Cor: branco.*

*Símbolo: um leme de navio dourado de oito aros.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

“Irmão mais velho”, exclamou o jovem de cabelos castanhos que estava próximo de Bogardus. “Você se machucou!”

“Não foi nada”, Bogardus respondeu com um sorriso, “exceto um lembrete da verdade. Aqui, empreste-me um lenço, por favor.”

Vários foram imediatamente apresentados diante dele. Ele aceitou um com um aceno de cabeça e um obrigado, e o enrolou em volta da ferida.

“É uma rosa rara”, falou, entregando-a a uma mulher de cabelos amarronzados atados por uma faixa prateada. Os olhos esmeralda dela encararam Rob de uma forma que ele gostou. “Uma variedade desenvolvida pelo antigo conde Carles dels Flors, pai do nosso querido preceptor, mor Jaume.”

“Veja só isso”, Rob falou, impressionado, mas tentando não demonstrar. Recordando-se da missão, ele se recompôs e deu um passo à frente. “Eu sou Rob Korrigan e este é meu senhor, voyvod Karyl Bogomirskiy.”

Os seguidores de Bogardus olharam para ele com os belos rostos tão sem expressão quanto pergaminhos em branco. Rob levantou uma sobrancelha. Karyl era um capitão celebrado e seus feitos amplamente difundidos em canções. Mesmo ali, no sul, somente a fama de sua nêmesis, Jaume, ultrapassava a dele.

“Então creio que vocês não passam muito tempo em tavernas”, Rob murmurou baixinho.

Mas Bogardus assentiu e sorriu. “Sua chegada foi calorosamente antecipada, cavalheiros”, ele disse, aproximando-se com uma passada franca e estendendo a mão.

“Eu não sou nenhum cavalheiro”, Rob falou, sentindo-se abruptamente mais contrariado que o comum.

“O Ancião só está sendo cortês”, ralhou o jovem que apontara o ferimento na mão de Bogardus. “Todos são iguais perante os olhos dos Criadores.”

“Se você diz”, respondeu Rob.

“Vocês dois são mais do que bem-vindos”, Bogardus disse, apertando a mão de Karyl. “Afrodite me disse que os havia enviado.”

Rob piscou.

“Afrodite?”, Karyl perguntou.

“Sim. Ela nos visitou há várias semanas e disse que havia alistado não um, mas dois campeões para nos ajudar.”

“Como em nome dos Fae ela chegou aqui antes do que nós?”, Rob explodiu.

Ele imediatamente cobriu a boca, alarmado. Sabia que a frase o faria parecer idiota. *Por mais que eu questione a existência dos Criadores, sei que o Povo das Fadas é real. E não deve ser invocado à toa.*

“Você sabe os caminhos dela.” Bogardus explicou alegremente. “Ela é uma feiticeira.”

Rob riu maldoso da carranca que Karyl fez. Bogardus apontou para as bandagens que cobriam a mão esquerda do viajante.

“Você se feriu?”

“Nada grave.”

“É muita gentileza da sua parte vir em nossa hora de necessidade. Fico honrado de conhecê-lo, meu senhor.”

“Obrigado, mas eu não sou senhor de nada”, Karyl falou e desmentiu com uma reverência de maneirismos perfeitos. Bogardus sorriu com o que parecia ser calor e não surpresa. Ele virou-se para Rob. “E você, mestre Korrigan”, disse, pegando a mão de Rob com suas duas. As mãos dele eram surpreendentemente fortes e firmes, mãos que *faziam* coisas. “Também é uma honra conhecê-lo. Eu não ousava ter esperança de que teríamos dois guerreiros de tal estirpe. Sem dúvida os Criadores sorriram para nós.”

“O prazer e a honra são meus, lorde Bogardus”, Rob falou.

Bogardus balançou a cabeça. “Eu também não sou um lorde, meu amigo. Sou só um simples filósofo. E um professor, o que considero meu maior louvor.”

“Mas tenho que dizer”, Rob prosseguiu, sua língua dançando dentro da boca. “Não sou um guerreiro poderoso. Um senhor dos dinossauros, sim. Também um menestrel. Um especialista numa briga em uma taverna, admito, mas nunca um campeão.”

“Ele é meu companheiro”, Karyl se intrometeu. Rob olhou para ele com surpresa. Suas bochechas sentiram um incomum rubor próximo da barba. “Ele possui mais talentos do que confessa. Vocês precisarão deles tanto quanto dos meus.”

“Foi o que Afrodite me disse”, Bogardus afirmou. Ele virou-se para os acólitos. “Irmãs, irmãos, os assuntos nos chamam de uma natureza da qual prefiro não sobrecarregar vossas almas. Por favor, peço-lhes licença para conversar a sós com nossos hóspedes.”

Com uma visível falta da mesma graciosidade que no líder transbordava, o grupo se separou e afluíu para dentro da quinta. Rob percebeu mais de um olhar de virulência disparado contra ele e seu companheiro. *Nem todos os Jardineiros receberam bem nossos presentes de guerra*, ele pensou.

A mulher de cabelos marrons fez uma pausa nos degraus de mármore. O olhar que ela lançou por cima do ombro nu para Rob não foi nem um pouco como o dos seus companheiros.

Rob acariciou o bigode ao vê-la desaparecer pelas portas de vidro. *É um serviço assustador esse que aceitamos*, disse a si próprio, *mas pode ser que ainda tenha suas compensações.*

“É difícil para mim admitir isso”, Bogardus falou, “mas precisamos de ajuda. Mais precisamente, precisamos da *sua* ajuda.”

Eles se sentaram em bancos de mármore curvos espalhados pelo jardim. Por consideração ao nariz sensível de seu anfitrião, Rob resistiu à tentação de tirar as botas. Era uma pausa agradável estar sentado após tantos dias na estrada.

O sol poente brilhava através das videiras de flores vermelhas, laçando o caramanchão que abrigava a mesa e salpicando o rosto de Bogardus. Água cantava gentilmente em uma piscina de mármore próxima, derramada de um cântaro sobre o ombro de mármore da Criadora Maris, deusa da Fortuna e do Mar. Ambos

os quais, Rob sabia muito bem, eram famosos pela mutabilidade e pela capacidade de súbita destruição.

“Somos homens da guerra”, Karyl disse. “Se ouvi certo, o Jardim é dedicado à paz. Que ajuda poderemos dar a vocês?”

“Você ouviu certo. Minha amiga Afrodite também lhes contou como somos pesadamente assediados.”

A jovem garota de cabelos marrons, usando um vestido roxo avermelhado, se materializou do crepúsculo para colocar uma jarra prateada e três canecas diante deles na mesa de mármore. Rob sorriu ante uma olhadela dela, inclinando-se para trás e cruzando uma perna sobre a outra.

“Uma serva?”, ele perguntou discretamente a Bogardus.

O Ancião sorriu, enquanto enchia a caneca de Rob. “Todos servem ao Jardim a nossa maneira.”

“Fazemos de bom grado o que podemos, Mestre Korrigan”, a mulher falou com uma voz baixa e excitante. Ela deu as costas e se afastou. Se fez algum esforço para disfarçar os movimentos do seu traseiro por sob o tecido fino, Rob não percebeu.

Ele tomou o vinho. Até ele reconheceu de imediato que era bom demais para um tratamento tão sem-cerimônia, então bebeu um pouco mais e deixou escapar uma olhadela para Karyl.

Embora o dia ainda estivesse quente, Karyl estava sentado com o manto fechado. Um braço apertava contra o ombro o bastão de caminhada com a espada oculta em seu interior. A mão direita segurava a esquerda coberta de bandagens, como se quisesse escondê-la.

“Ainda acreditamos na paz”, Bogardus explicou. “Mas nossos vizinhos parecem querer nos forçar a escolher entre ela e nossas vidas.”

“Entendo que seu Jardim segue a filosofia do conde Jaume”, Rob disse, servindo-se de mais vinho. Era uma safra realmente excelente e sua garganta estava seca da viagem. Ele tomou o cuidado de não olhar para Karyl. “Que, por um acaso, é o

guerreiro mais famoso do Império e, como tal, não é nenhum pacifista, certo?”

“De fato, não. Seguimos os preceitos de Jaume sobre beleza e moralidade. Eles são sábios e belos”, ele se esticou para acariciar uma das videiras. “E, conforme criávamos nossa própria versão delas, moldamos os ensinamentos dele às nossas necessidades. Como jardineiros sempre fazem.”

“E agora, estão remodelando-as para incluir a guerra”, Karyl observou.

“Por pura autodefesa.”

“É justo”, ele virou o resto do vinho deixou a caneca sobre a mesa com uma pancadinha. “Qual é a sua situação?”

“Como vocês sem dúvida viram durante sua jornada, nossa terra é fértil, plácida e favorecida. O povo é próspero e cosmopolita, graças às caravanas de comércio que passam ao longo da Rue Impériale. A paz era a norma aqui por muitos anos, antes mesmo que as sementes do Jardim fossem plantadas no solo de Providence.”

“Então, por que seus vizinhos não os conquistaram antes?”, Rob perguntou.

“Providenciais podem nunca ter feito o perfil bélico, mas eles têm a tradição de resistir ferozmente a invasores.”

“Notei que disse ‘eles’ em vez de ‘nós’.”

Bogardus deu de ombros. “Cheguei há relativamente pouco tempo. Vim a amar esta terra e seu povo. Uma coisa boa, creio eu, uma vez que agora, de alguma maneira, pareço estar encarregado da responsabilidade de cuidar de ambos.”

“Providence ainda possui algum tipo de exército?”, Karyl questionou.

“A renda dos condes sempre permitiu que mantivessem uma pequena, mas bem equipada, força de escudos da casa.”

“Nada além disso?”, Karyl falou.

“Não. O conde Étienne aceitou as doutrinas do Jardim e se juntou a nós como um humilde Irmão, deixando o Conselho dos

Mestres Jardineiros sob o comando da província. Alguns homens dele aceitaram nosso modo. A maioria buscou tentar a sorte em outro lugar. E alguns...”, ele suspirou, “alguns se juntaram ao conde Guillaume de Crève Coeur ou aos aliados dele.”

“*Crève Coeur*”, Rob exclamou. “Coração Partido. Apropriado se eles estão de volta aos ataques.”

“Cavaleiros e barões?”, Karyl perguntou.

Bogardus suspirou. “Eles têm de cuidar das próprias terras e castelos. É o que dizem. Na verdade, acho que nem todos veem com bons olhos nosso experimento aqui. Igualitarismo é o principal dogma de nossa crença. E, sem um conde sentado para obrigá-los a fazer juras de lealdade...”, ele deu de ombros.

“Ameaças?”, Karyl perguntou.

“Guillaume é o pior e o mais forte de nossos vizinhos. As Montanhas Blindadas protegem nossa fronteira mais ao norte; Grand Turan atualmente acha o comércio com o Império mais lucrativo do que a guerra e o paxá vizinho suprime ataques surpresa nas estradas. O que são proposições difíceis nos melhores tempos. Três províncias imperiais cercam Providence: Guillaume ao norte, Métairie Brulée a oeste e Castaña ao sul, ao longo da fronteira spañola.”

“Fronteiras naturais?”, Karyl perguntou.

“Se vocês vieram pela Grande Estrada, passaram pelo Rio Lisette. É nossa fronteira com Crève Coeur além de ser parte da fronteira com Métairie Brulée. A outra metade da nossa fronteira com Métairie Brulée é L'eau Riant, a Água que Ri, que também nos separa da Spaña e do condado de Castaña.”

“Entendo.”

“Uma vez que Providence, aos olhos dele, está atualmente sem um governante, nossos vizinhos magnatas acreditam que a riqueza da terra e seu povo estão livres para serem tomados. Por ora, principalmente os cavaleiros de Guillaume são quem nos afligem, fazendo ataques incessantes, pilhando, queimando,

estuprando e matando. Ultimamente, decidiram capturar nossa população para vender como escravos.”

“Escravos?”, Rob disse. “Mas isso é proibido pela lei dos Criadores e do Império!”

“Ah, mas quem se importa, meus amigos? Afinal, nós somos meros hereges. Ouvimos até comentários feitos na Corte Imperial sobre uma guerra a ser travada contra nós para que nossas crenças não façam um Anjo Cinza cair sobre a Cabeça do Tirano.”

Por um momento, foi como se um vento gelado tivesse sido soprado dos picos mais altos. Rob fez o sinal da Dama do Espelho. Não para evitar o *mal*, exatamente: os Anjos Cinza eram o oposto polar do mal, os vingadores sobrenaturais da justiça.

Era o zelo e a profundidade com que espalhavam sua vingança que os tornava tão temidos.

Ele olhou para Karyl. Seu companheiro trazia um incomum olhar de desconforto por trás da barba. Rob não conseguiu evitar certa satisfação. Ele sentia uma alegria quase maligna ao ver a aflição de Karyl.

*Talvez eu devesse tê-lo em melhor conta*, ele pensou, com uma ninharia de culpa – não a mais familiar das emoções para Rob Korrigan. Sabia que o ceticismo de Karyl, sua descrença nos Criadores e em Anjos Cinza, e na magia e nas fadas, e em todo o misticismo tinha constituído uma constante numa vida cheia de incerteza e labor.

Com o crescimento da mão decepada, agora quase completa, até mesmo aquele alicerce tinha rachado sob os pés dele. Falar sobre Anjos Cinza era como correr uma unha irregular nas costas ultrasensíveis da mão que crescia.

“O que quer que a gente faça, Irmão Mais Velho?”, Rob perguntou, lembrando-se tardiamente de seu papel de mediador.

Bogardus riu. “Por favor, primeiro, chame-me de Bogardus. Estou tentando impedir que os Jardineiros me deem títulos que

não reclamo.”

“É justo.”

“E segundo...”

Bogardus se inclinou sobre a mesa, seus olhos brilhando como adagas.

“Ensinem meu povo a lutar.”

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 23 –

**Rasguñador, Escavador** – *Várias espécies de Oviraptor.*

*Raça de Nuevaropa: 1 metro a 1,5 metro, 5 a 10 quilos.*

*Bípede; bicos curtos e poderosos, sem dentes. Dinossauros onívoros, batizados devido ao hábito de escavar com as pernas traseiras em campos, buscando insetos, larvas e sementes. As raças variam amplamente de cor e plumagem. São criados em todo o mundo por causa dos ovos e da carne.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

O salão de banquetes da quinta tinha sido pintado com habilidade notável. Ele parecia não ter paredes. Em vez delas, prados ensolarados e sebes vivas eclodiam com flores brancas e roxas. Videiras se entrelaçavam por entre vigas quadradas. Atrás de um dossel na frente da sala, erguia-se uma árvore tão realista que Rob meio que esperava que uma brisa balançasse seus galhos. Se bem que o vinho que ele não parava de beber talvez tivesse tanto a ver com aquilo quanto a arte. Quase a despeito de si mesmo, ele achava o efeito encantador.

Rob sentou-se na grande mesa mais próxima do dossel, onde Bogardus e outros que ele acreditava serem dignitários entre os igualitários jantavam. O jovem ao lado dele cutucou suas costelas. Rob se sentia tão adocicado que se refreou de dar no insolente a pancada que merecia.

“Vê aquele servo ali?”, o Jardineiro perguntou em meio ao som de uma centena de pessoas comendo. “O sujeito de barba grisalha?”

Um homem alto, mais velho, mas de costas retas, vestindo uma blusa de linho não branqueada estava de pé, decantando vinho dourado num aparador ao lado da porta da cozinha.

“Que tem ele?”, Rob perguntou.

“Aquele não é outro, senão o conde Étienne, ex-soberano de toda Providence.”

O jovem tagarela tinha altura mediana, um pouco mais baixo e menos corpulento do que Rob, embora com certeza se destacasse. Seu rosto trazia olhos azuis e queixo quadrado sob impressionantes cabelos brancos. Rob não sabia o nome dele e não se sentia inclinado a descobrir. O dia tinha sido longo.

Ainda que aquele rapaz não estivesse sendo um idiota arrogante como os primeiros que ele encontrara, Rob preferia ter sentado ao lado de uma mulher. O Jardim cultivava alguns espécimes adoráveis. Infelizmente, elas não pareciam quebrar o gelo para os recém-chegados. Exceto pela garota de olhos verdes e cabelos marrons, que não estava no local.

“E ele é o que agora?”, Rob perguntou.

“Ele desistiu de tudo”, o jovem disse, “para servir à Beleza e à Verdade como um Jardineiro comum.”

“Talvez isso explique um pouco o olhar meio afundado dele.”

Por mais que odiasse a nobreza, Rob não conseguia conceber alguém abrir mão voluntariamente de seu status.

“Oh, ele diz que está bem mais feliz. Adotou a noção do próprio pai de mor Jaime, Carles. Quando Jaime era só um garoto, todos os fofoqueiros da Corte diziam que ele era fraco e indigno

de governar dels Flors. Então, ele derrotou bandidos das montanhas, acalmou todas aqueles linguarudos e o conde abdicou em seu favor. Agora, Jaume perambula a Cabeça do Tirano como o Campeão Imperial e Líder dos Companheiros, e Carles administra o condado na condição de senescal.”

“Não sabia disso”, Rob falou. Em sua mente, havia um abismo considerável entre ajudante de cozinha e vice-rei. Não parecia que o pai de Jaume tinha desistido de mais do que o título em si.

*Mas o que eu sei?, ele pensou. Sou um viajante, um trapaceiro e um senhor dos dinossauros. Basicamente a mesma coisa de três formas diferentes.*

Ele voltou a atenção para a ponta da mesa, onde Bogardus conversava com Karyl.

“Oh, Guillaume não é tolo. Pelo menos, não completamente. Ele deixa o tráfego na Estrada Imperial em paz. O Império pode fechar os olhos para suspeitos de heresia apreendidos como escravos, especialmente nesta região. Mas as caravanas que trazem especiarias e seda de aranha de Ovdan são outra coisa totalmente diferente.”

“Deve ser por isso que os assaltantes de Crève Coeur não nos importunaram quando passamos”, Rob falou, sentindo-se subitamente deixado de fora.

“Sem dúvida.”

“Os outros vizinhos os estão atacando também?”, Karyl perguntou.

“Não tanto quanto Guillaume. A *comtesse* Célestine, de Métairie Brulée, é implacável. Não, mais do que isso. O pai dela obteve o feudo quando queimou o antigo conde em sua própria fazenda, daí o nome. Ela é igualzinha. Dizem que a dor das outras pessoas a comove da mesma forma que poesia, pintura e música comovem a nós. Mas ela não é alérgica a dinheiro e poder.”

“Ela é uma corcunda”, o parceiro loiro de Rob na mesa de jantar lhe disse. “Isso pode azedar sua perspectiva.”

“Raúl de Castaña...”, Bogardus prosseguiu. “Ele se contenta em seguir a liderança dos outros. Conquanto eles o liderem na direção do lucro. Na verdade, suspeito que ele e Célestine estejam satisfeitos de esperar até que Guillaume se comprometa a nos invadir. Então, quando estivermos ocupados, eles nos atacarão por trás.”

“São capazes disso?”, Karyl perguntou.

“O conde Guillaume é o mais capaz dos três, embora seja mais esperto que realmente inteligente. Ele é malicioso. Se possui qualquer compasso moral além da barriga e do pinto, ninguém ainda descobriu.”

Rob apanhou seu copo de vinho. “Você tem uma alma de poeta.”

Bogardus riu. “Se ao menos eu tivesse a habilidade de um poeta com as palavras.”

Apesar da renúncia e da suavidade no tom, Rob reparou como as conversas morriam sempre que ele falava. A maioria dos presentes se inclinava para escutar as palavras dele.

“Você também entende um pouco de estratégia”, Karyl disse, “que é mais do que a maioria possui. Mesmo aqueles que fazem da guerra sua profissão. Tem certeza de que precisa de nós?”

“Você gosta da maneira com que o salão foi pintado?”, Bogardus perguntou.

Karyl deu de ombros. “Não sou alguém para quem essa pergunta deva ser feita. Minha percepção para a arte poderia ser igual a de uma estátua de unichifre. Mesmo assim, posso ver que foi bem executada. E gosto de ver algo bem executado.”

“Que assim seja”, Bogardus disse com um assentimento régio. “Nossos melhores músicos sem dúvida possuem dedos habilidosos. Mas nunca pedi a Jeannette ou a Robert que pintassem o salão. Seguindo Jaume, encorajamos todos a descobrir suas próprias vozes nas artes e, seguindo-o, encorajamos a excelência. Sei qual o lado da espada que tenho de segurar. E sei como é uma batalha. E, para minha tristeza, sei

como são os sons e os cheiros. Mesmo assim, não sou mais adequado para treinar nossas forças de defesa do que para pintar o salão com meus pés. Essa é a sua arte, mor Karyl.”

Rob partiu outro pedaço de pão e despedaçou a casca dura com os dentes. Era um bom pão. Para sua surpresa, a comida era simples, ainda que esplendidamente preparada: vegetais cozidos a vapor, feijões com cebolas e nenhuma carne maior do que escavador e saltador assado. Ele comeu com gosto, como convêm a um menestrel que nunca sabe quando voltará a ter aquela oportunidade. Especialmente na medida em que ele e Karyl estavam ali por tolerância, sem terem ainda um teto garantido sobre suas cabeças para passarem a noite.

Bogardus agia bem disposto para com seus convidados e parecia realmente no comando, independente do quanto negava aquela autoridade. Mas Rob reconhecia que sacerdotes extraviados não eram menos sujeitos a caprichos do que qualquer outro tipo de governante. Ele sem dúvida sentia uma ampla inclinação nos outros Jardineiros em favor de mandar os viajantes para a fronteira com um grupo de raptos em seus calcanhares.

“E, falando em arte e na maravilhosa pintura que nos cerca”, Bogardus disse, “permitam que eu apresente o prodígio que a fez: Lucas.”

Ele sorriu e indicou o jovem que estava sentado ao lado de Rob. O rosto do rapaz corou. Ele encolheu a cabeça entre os ombros e gaguejou algo incompreensível.

“Em toda Providence, ninguém maneja um pincel com habilidade maior”, louvou Bogardus.

“É mesmo?”, Rob perguntou, virando-se para encarar Lucas com algum respeito. Ele vinha se perguntando o que havia dado ao garoto um lugar à importante mesa.

“Seu povo é capaz de lutar bem?”, Karyl voltou a inquirir.

Rob escutou uma ingestão conjunta de respiração, como se a voz suave do slavo tivesse gritado uma obscenidade.

“Não muito”, respondeu Bogardus. “Nem contra infantaria armada, muito menos contra cavaleiros montados sobre o lombos de cavalos. Ou pior, de dinossauros. Como disse, nosso povo luta ferozmente para defender seus lares. Mas não possui habilidades. Para dizer a verdade, nosso Jardim desencorajava até mesmo a defesa pessoal, até tornar-se dolorosamente claro, para não dizer sangrentamente claro, que palavras e pensamentos, por mais belos que fossem, não conseguiam deter as mãos dos carniceiros de Guillaume.”

Uma reação ribombou pelo salão. Para os ouvidos afinados de Rob, parecia uma quase rebelião. *Alguns desses Jardineiros desaprovam a defesa pessoal?* Ele achou aquilo duro de engolir.

“Só o que a resistência faz é deixar os intrusos mais furiosos”, disse uma mulher que estava sentada próxima a Karyl. “Nenhum bem vem da violência.”

Pela primeira vez desde que Rob o conheceu, Bogardus franziu a testa.

“Já discutimos isso, irmã Violette.”

Ela era uma mulher notadamente bonita, de talvez uns sessenta anos – madura, mas ainda não na meia-idade. Era alta e magra, de cabelos prateados que caíam sobre um vestido cinza brilhante. Por conta das mãos longas e suaves dela, que claramente nunca tinham passado muito tempo afundadas em água quente lavando louça ou picando vegetais, Rob julgou que, no passado, ela devia ter sido *lady* Violette.

A idade dela não importava muito para Rob; as mais velhas tendiam a ser mais apreciativas, para não dizer mais francamente gratas. O que o contrariou foi a forma que as feições delgadas dela tinham um toque de raptor.

“E jamais chegamos a uma resolução satisfatória, Bogardus”, ela prosseguiu. “Não podemos apenas abrir mão dos nossos princípios porque eles se tornaram inconvenientes.”

Rob pensou que assassinato e tráfico de escravos era um pouco mais do que um *inconveniente*. Mas a julgar pela forma

que os Jardineiros assentiam e sussurravam uns para os outros, aquela podia muito bem ser uma opinião em minoria ali.

Karyl terminou de comer. Deixando sobre a mesa os talheres, ele recostou na cadeira e inclinou seu bastão contra o ombro. Fixou seus intensos olhos negros em Bogardus.

“Você foi um sacerdote de Maia”, disse, “e, aparentemente, algum tipo de soldado.”

“A Grande Mãe nos chama a servi-la de formas variadas.”

“Mas, por fim, chegou ao pacifismo. Por que abandoná-lo agora?”

“Me fiz a mesma pergunta”, Violette falou, triunfante. Ela olhou em volta do salão, em busca de apoio. Rob percebeu que ela o obteve em maior quantidade do que era bom para os prospectos dele e de Karyl de obterem um emprego.

“A realidade se intrometeu”, Bogardus respondeu. “Onde está a beleza em permitir que meus compatriotas Jardineiros sejam brutalizados das formas mais horríveis?”

“Então você quer que a gente treine uma terra cheia de pacifistas para enfrentar cavaleiros de dinossauros”, Karyl observou.

Bogardus suspirou. “Soa algo sem esperança quando colocado de forma tão direta assim. Eu compreenderei se vocês, cavalheiros, decidirem que é uma causa realmente perdida e optarem por irem embora.”

“Seria melhor para todos os envolvidos”, Violette disse.

Karyl sorriu. “Precisaremos de um campo de treinamento. Aberto, de ao menos alguns hectares. Quanto mais próximo da cidade, melhor. Também precisaremos de uma base de operações.

“A fazenda do velho Séverin, a sudoeste da Estrada Imperial, está vazia, Irmão Mais Velho”, Lucas falou com reverência. “Quando o pai foi morto por um matador, dois anos atrás, a família mudou-se para a cidade. Ela possui campos não cultivados.”

“Deve servir”, Karyl observou. “Precisarão de alguém para reunir os voluntários.”

A irmã Violette se espreguiçou e bocejou ostensivamente, falando: “Essa conversa nos entedia, Bogardus.”

“Vocês nos contrataram para cuidar da situação”, Karyl falou, “então, não precisarão mais se preocupar com ela.”

O rosto quase bonito de Violette endureceu. Rob suspeitava que ela não estava habituada que falassem consigo daquela maneira. Foi um novo tom que descobriu no homem: imperioso, como se o outrora voyvod e o temido mercenário, senhor de dinossauros, estivessem retornando. *Talvez isso seja bom, ele pensou. Talvez Karyl esteja saindo das brumas. Contanto que ele não contradiga nossos patrões o suficiente para que nos escorracem daqui.*

“Karyl está certo, querida irmã”, Bogardus disse. Sua voz era toda mel e bálsamo. O sorriso, entretanto, disse a Rob que o Mestre Jardineiro estava longe de sentir pena da obviamente influente Violette ter o nariz empinado derrubado. Karyl levantou-se: “Muito bem. Se puderem nos arrumar aposentos para esta noite, seremos gratos.”

Rob também se levantou. Foi mais difícil do que ele antecipara. *Parece que tomei mais daquele ótimo vinho do que pensava, ele refletiu.*

Bogardus levantou uma sobrancelha de curiosidade: “Não querem algum símbolo de autoridade?”

“Se o povo de Providence precisar receber ordens para defender a si próprio”, Karyl disse, “somente os Criadores poderão ajudá-lo.”

# OS SENHORES DINOSAURO<sup>DOS</sup>



– 24 –

**Chillador, Squaller, Grande Caminhante** – Gallimimus bullatus.  
*Bípede herbívoro veloz, de bico sem dentes. 6 metros de comprimento,  
1,9 metro de altura nos quadris, 440 quilos. Importado  
para Nuevaropa como montaria. Criado pela plumagem variada;  
distinto por uma extravagante juba plumada, em geral de cores leves.  
Frequentemente cavalgado em batalhas por montadores leves,  
mas ocasionalmente leva cavaleiros e nobres pobres demais  
para comprar hadrossauros de guerra.  
Extremamente truculento, com bicadas e coices letais.*  
– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

“Não é nada atraente”, Rob Korrigan falou. Ele sentou-se perto da casa abandonada da fazenda, sobre o trecho razoavelmente intacto da cerca, tornada cinza pelo tempo. “Já vi um grupo mais impressionante sair de uma taverna na hora de fechar. Não era a melhor das tavernas também.”

Mais ou menos quarenta voluntários, todos gente do povo, todos homens, espiavam ele e Karyl de um campo gramado com

flores silvestres azuis. Madeira, folhagem e terra cheiravam a umidade por causa da chuva que acordara Rob de seu sono nas primeiras horas da manhã, tamborilando nas telhas da mansão do jardim. Ele percebera o fato e voltara imediatamente a dormir. Após um árduo mês na estrada, não queria desperdiçar um segundo numa luxuosa cama. Dormir ao relento podia ser uma bela e poética fantasia, apreciada pelo menestrel em Rob. Mesmo assim, era uma porcaria de leito.

“Sem dúvida eles dirão o mesmo de nós”, Karyl disse. Ele estava de pé ao lado de Rob, com as mãos cruzadas sobre o topo do seu bastão. Ele recusara a oferta de seus patrões por roupas mais ricas. No lugar disso, vestia um novo manto feito de lona grosseira, não muito diferente do que usava quando conhecera Rob, na praça de Pot au Feu, mas sem o capuz.

“Então eles têm um ponto.”

A fazenda Séverin ficava bem próxima de La Rue Impériale. Por volta de quatro hectares de terra plana, agora coberta de mata, era cruzada por um pequeno córrego e delimitada por pomares de frutas selvagens e grandes carvalhos e bordos. A casa era um sobrado de pedra e argamassa, feita em estilo local; além das janelas terem sido quebradas ou roubadas e de um constante cheiro de mofo, parecia em bom estado. Lá em cima, a terra não a tinha reclamado com a ferocidade que fizera ao longo da costa ou mesmo no platô central.

Um pequeno rebanho de saltadores bípedes, de penas castanho-claro e não mais do que meio metro de altura, navegava entre videiras floridas e arbustos espinhosos que tinham recoberto uma dependência desmoronada. De tempos em tempos, eles se sentavam sobre as caudas grossas e curtas para espiar com curiosidade os homens inquietos no campo.

“Um velho sábio de Tianchao-guo escreveu que a jornada mais longa começa com um pequeno passo”, Karyl falou.

“Onde?”

“*Chánguo*, em spañol. O Reino Celestial.”

“Ah. Onde falam a Língua Sagrada como linguagem do dia a dia, pobres bastardos. Certo?”

“Sem dúvida.”

Os voluntários estavam de pé, sentados e agachados. Alguns fumavam longos cachimbos de argila. A maioria era gente da cidade. Usavam boinas sem forma brilhantes, blusas leves de linho, tingidas e ao natural, e sapatos de couro de dinossauro tingido. A maior parte dos camponeses vestia tangas e sandálias, alguns com chapéus de palha ou cangas de pano leve para proteger os ombros do sol forte do campo. Os camponeses eram mais magros e um pouco mais sujos. Seus primos da cidade demonstravam indícios de levarem uma vida mais fácil. Ou, ao menos, de terem roupas limpas.

“Não vejo nenhum dos nossos amigos do banquete da noite passada”, Rob comentou.

“Olhe com mais atenção”, Karyl disse. “Seu companheiro de bebedeira, o jovem Lucas pintor, está rondando nervosamente lá atrás.”

Rob semicerrou a vista.

“E está mesmo. Pelo menos um Jardineiro disposto a sujar as mãos.”

Karyl deu um passo à frente e bradou: “Eu me chamo Karyl. Meu companheiro é Rob Korrigan. Estamos aqui para ensinar-lhes a se defenderem”.

Os voluntários trocaram olhares e murmuraram comentários. Eles não pareciam aprovar Rob. Ele tinha boa sensibilidade para aquelas coisas. Qualquer menestrel tinha de ter, quando até mesmo uma leve alteração na atitude do público poderia representar a diferença entre uma ovação e uma rápida saída pela porta da cozinha.

“Você não era o grande capitão mercenário?”, perguntou um fazendeiro de canelas nuas.

“Ele era”, Rob respondeu, sem confiar na modéstia de Karyl ao ponto de deixá-lo responder.

“E você não está morto?”

Os presentes riram. Rob fez uma carranca, mas Karyl não demonstrou qualquer reação.

“Quem eu era não importa”, disse. “Mas, sim, eu comandi a Legião do Rio Branco. E, sim, eu estava morto. Evidentemente, não estou mais. Vamos continuar.”

Rob não pode conter um sorriso. *Isso aquietou a turba*, ele pensou. Karyl tinha acabado de assegurar a atenção do público de uma forma que nenhum fanfarrão poderia.

*Apesar de todos os anos que passei adorando o homem*, ele pensou, *cá estou e ainda me vejo subestimando a realidade*.

*Se ele é um artista tão bom*, perguntou uma voz no fundo da mente de Rob, *para que você serve?* Uma voz familiar que soava como a dele, mas, como sempre, o fazia lembrar da mãe.

“Ah, mas eu o trouxe aqui”, ele respondeu para dentro de si. “Isso deve contar para alguma coisa.”

“Alguém aqui já lutou alguma batalha?”, Karyl perguntou. “Não uma briga de rua ou numa taverna. Uma guerra de verdade.”

Os homens olharam inquietos uns para os outros. Rob observou que eles se remexeram no lugar e arrastaram os pés. Ninguém falou e nem mesmo olhou diretamente entre si. Um homem levantou a mão.

“Eu. Lutei com os saqueadores do conde Guilli, se é que isso conta.”

Ele tomou a dianteira, um pouco destacado dos demais. Era um homem alto e esguio, de cabelos loiros compridos e desgrenhados, e um bigode que emoldurava a boca. Usava sapatos de couro comum e polainas de couro. Um penacho com penas prateadas e marrons acenava sobre uma orelha. Trazia pendurado nas costas um arco curto e uma aljava cheia de flechas. A proteção gasta feita de pele de unichifre que usava em volta do antebraço esquerdo sugeria que a arma vira bastante ação.

“É mais provável que se esconda nos arbustos que nem um rato das matas”, murmurou um dos camponeses. Outro cuspiu no chão. “Corredor das matas.”

Karyl lançou um olhar severo. Eles não tiveram bom senso de abaixar a cabeça.

“Qual é o seu nome?”, ele perguntou ao corredor das matas.

“Emeric.”

“Então, Emeric... o que é um corredor das matas?”

“Um verme de duas pernas”, disse o primeiro fazendeiro, que tinha menosprezado Emeric. “Covardes e ladrões sorrateiros.”

Ele estava na meia-idade, careca e barbado, com uma barriga envolta em couro pendendo sobre sua tanga. Karyl emparelhou seus olhos nos dele. Ele empalideceu.

Karyl voltou um olhar menos alarmante para Emeric. Após um instante, o corredor das matas falou: “Somos um povo livre que ronda a Floresta de Telar, a Filha Mais Velha. Ela nos abriga e alimenta. Cuidamos da floresta o melhor que podemos”.

Rob notou que ele não negou roubar dos camponeses. Ele ouvira falar sobre os corredores das matas. Possuíam uma reputação duvidosa – como seu próprio povo, os viajantes. Ele suspeitava que eles mereciam por volta de metade dela.

“Vocês se escondem dos homens de Guillaume?”, Karyl perguntou.

O rosto curtido de Emeric trabalhou como se ele estivesse pensando se deveria se ofender.

“Quando precisamos”, admitiu.

“E atiram neles de seus esconderijos quando podem?”

Outra pausa. Emeric lambeu os lábios. “Sim. Quando podemos.”

“Bom”, Karyl falou. “Talvez você fique vivo.”

Ele virou-se para os demais. “Mais alguém? Com certeza mais alguém possui experiência com armas.”

Um fazendeiro grisalho, com um farrapo azul e sujo amarrado em volta da cabeça, levantou a mão. “Eu usava uma lança para

manter os horrores e saqueadores longe dos meus animais e dos meus filhos”, disse. Rob notou que ele tinha uma longa cicatriz branca na coxa direita, que poderia ter sido feita pelas garras assassinas de raptos. “A maioria de nós, gente do campo, fez o mesmo.”

“É um começo”, Karyl disse. “Vamos fazer pares armados com bastões para que nos mostrem as habilidades que possuem.”

“Quem pôs você no comando?”, exigiu um garoto vestindo roupas urbanas. Ele tinha uma boina verde usada de modo que a ponta pendia indolente sobre o lado esquerdo do rosto. Karyl examinou-o de cima à baixo.

“É uma pergunta justa”, disse. “Bogardus me contratou.”

“Ele não nos governa”, o camponês barrigudo declarou.

“Cuidado com a língua”, berrou alguém lá de trás. “O Conselho nos governa, em nome do bem comum!”

Poucas cabeças assentiram em concordância. Karyl aproximou-se do fazendeiro controverso.

“Qual é o seu nome?”

“Eu sou Guat”, ele disse, após uma breve hesitação. “O senhor da cidade, Yannic, é meu suserano.”

Isso fez com que alguns vaiassem e zombassem.

“Fui contratado para organizá-los e ensiná-los a lutar”, Karyl disse ao grupo. “Não importa de verdade por quem. O motivo pelo qual fui contratado é por que eu sei como fazê-lo.”

“Mas você perdeu”, bradou o jovem de boina verde.

“Seu nome?”, Karyl perguntou.

“Por quê? Pra que você possa se vingar de mim por ter dito a verdade?”

“O nome dele é Reyn”, um homem berrou do fundo. “Um carpinteiro assalariado. Ele é homem do senhor da cidade, Percil.”

“Bem, Reyn”, Karyl disse, “é verdade. Eu realmente perdi, enfim”, ele apontou para Rob. “E este é o homem que me derrotou.”

Isso redirecionou a atenção deles. Rob riu.

“Foi mais sorte”, disse, tentando soar modesto. “Mas agora sabem por que devem nos escutar.”

“Por que vieram aqui hoje?”, Karyl perguntou.

“Os batedores do Guilli gorducho nos caçam por esporte”, Emeric falou. “Eles devastam as matas e matam os animais sem motivo.”

Karyl assentiu secamente: “E o resto de vocês? Por que estão aqui?”

“Eu... Eu quero aprender a manejar uma espada!”, Lucas bradou.

Ninguém disse mais nada.

Karyl se aproximou do velho com a bandana azul e a perna com cicatrizes. O homem devolveu uma encarada desafiadora.

“Meu nome é Pierre. Não posso falar por mais ninguém, mas vim porque meu senhor Melchor disse que preciso.”

“É mesmo?”, Karyl disse. Ele recebeu um coral de concordâncias.

*Ele disse a Bogardus que não teríamos recrutamento, Rob pensou. O traseiro de algum fidalgo vai receber um belo chute. Ele sorriu.*

“Pensei que todos no Jardim da Verdade e da Beleza fossem iguais”, ele disse.

Pierre deu de ombros. “Nós, camponeses, ainda achamos melhor obedecer aos nossos senhores.”

“E quanto aos homens da cidade?”, Karyl inquiriu. “Vocês decerto não estão implicados em qualquer feudo?”

Os homens arrastaram os pés na grama ainda úmida e olharam para todos os lados, exceto para Karyl.

“Esses ‘senhores da cidade’”, Rob disse. “Percil, Yannic, Melchor... há outros?”

“Nenhum importante”, respondeu Pierre.

“Então eles são barões que mantêm feudos nas redondezas, mas que optaram por viverem nas cidades. Estou certo?”, Rob

não se importou em esperar uma resposta. “São grandes patrões, acredito. Que sugeriram veementemente aos mestres das associações que teríamos de receber alguns corpos quentes.”

“Parece que você descobriu tudo”, Reyn rosnou.

Rob sorriu. “Pode dizer que estou errado? Achei que não.”

“Se vocês, camponeses, juntarem-se a nós na luta”, Karyl explicou, “não estarão mais ligados aos seus mestres.”

Isso fez com que os olhos deles se arregalassem como os de um velho gato que acabara de ver um matador adulto entrar em seu beco.

“Está falando sério?”, um fazendeiro perguntou.

“Sim. E posso atestar.”

“Os senhores não terão algo a dizer sobre isso?”, Rob explodiu, tão surpreso quanto qualquer um deles.

Karyl olhou para ele e sorriu. “Todos são iguais no Jardim, lembra-se?”

Rob balançou a cabeça. “Não vão gostar disso.”

Na verdade, aquilo ofendia o senso natural que *e/le* possuía das coisas. Optou por não mencionar o fato.

“Se os senhores da cidade não gostarem, que defendam a si próprios. Comandarei voluntários de verdade ou vou para outro lugar.”

“Podemos conversar sobre isso?”, Rob perguntou em voz baixa.

“Além disso”, Karyl declarou, “todos serão pagos. Não generosamente. Suas famílias poderão comer. E vocês poderão beber... quando estiverem de folga.”

“Pagos?”, Rob grasnou. “Por quem? Nós mal temos dois cêntimos para brindarmos juntos.”

“Você outorga que fui o maior capitão mercenário de Nuevaropa”, Karyl disse a ele.

“Sim.”

Desta vez, Karyl sorriu como um deonico: “Então creia em mim, você *pode* tirar sangue de pedra. Se souber quais pedras apertar”.

“E há saques”, gritou um homem da cidade, um aprendiz, a julgar pela idade e roupas gastas. “Pilhagens. E... e resgates pelos nobres ricos.”

“Não pense que ficará rico com esta guerra”, Karyl alertou. “A ideia é defender a si e a seus vizinhos, não empobrecer o povo da província vizinha.”

“Eles começaram a guerra conosco!”, um camponês gritou. “Que os bastardos sofram!”

Muitos gritaram apoiando-o e levantaram os punhos no ar.

“Eles começaram a guerra contra vocês por ordem dos seus senhores”, Karyl disse. “Não são os camponeses que atacam suas terras e pilham seus lares. São os nobres e seus cavaleiros, guerreiros e mercenários.”

“Por que deveríamos lutar então, se não por uma recompensa?”, Reyn exigiu. “Eles não perturbaram a cidade ainda. Não ousariam!”

“Por que não?”, Rob bradou. “Quem os impedirá se vocês não o fizerem?”

Os “voluntários” olharam para ele confusos.

“Mas eles têm grandes lanças e cavalos”, lamentou o velho Pierre. “E armaduras.”

“E dinossauros de guerra”, outro homem falou. “Como enfrentaremos cavaleiros de dinossauros?”

“Em toda Nuevaropa”, Rob disse, “não existe ninguém melhor para ensiná-los do que lorde Karyl.”

Ele sentiu imediatamente medo de que o deslize elencaria gritos, mas, em vez disso, Karyl falou: “Podemos seguir o exemplo do nosso amigo Emeric aqui. Atacar de emboscadas. Nunca lutar limpo. Eu... já fui um nobre. Sangramos e morremos tão prontamente quanto vocês. Basta que aprendam quais os pontos fracos das armaduras”.

A multidão entrou num bate-boca. Alguns pareciam ultrajados diante da noção de não lutar limpo – o que Rob achava insano. Outros, mais sensíveis, se perguntavam o que um punhado de defensores poderia fazer contra o poderio de Crève Coeur, por mais que lutassem de forma astuta. E alguns perguntavam por que deveriam arriscar perder um membro ou a vida enquanto outros sentavam em casa e engordavam.

Lucas empurrou a multidão em balbúrdia. Ele tinha tamanho para isso, Rob reparou.

“Também lutarei, lorde Karyl”, ele disse com os olhos azuis brilhando. “Só me ensine como! É tudo o que sempre quis.”

“Cuidado com o que deseja, filho”, Rob disse rispidamente. Se o menino-pintor prodígio o escutou em meio à multidão, não demonstrou. A disputa continuou como se jamais fosse acabar.

“Eles nunca vão se entender”, Rob disse a Karyl. “Por que não lhes dá uma ordem? Os coloca de joelhos?”

“Lembra-se do que eu disse a Bogardus? Se o povo daqui precisar receber ordens para se defender, não posso ajudá-lo. Seja como for, estou farto de convencer pessoas a me seguirem, mesmo se pudesse. Não posso lidar com a responsabilidade e duvido que qualquer homem possa.”

Rob balançou a cabeça, desgostoso. “Talvez a gente devesse minimizar nossas perdas e ir embora agora. Não podemos enfrentar Guillaume e seus amigos cobertos de aço sozinhos!”

“Vamos encontrar os meios”, Karyl disse. “Se não forem esses homens, será outra coisa. Sempre há outra arma para empunhar se você souber como olhar.”

*Ele está começando a gostar disso, Rob pensou. E dizem que eu sou louco?*

“Além disso”, Karyl falou com um sorriso estranhamente gentil, “olhe para o oeste, meu amigo.”

“Oeste? Do que está falando?”

Rob virou-se. O telhado da casa da fazenda era íngreme. Acima dele, uma cortina de fumaça se erguia da cor marrom

contra as nuvens brancas. Não parecia próxima, o que significava que ela vinha de chamas substanciais.

“Você tem olhos na nuca agora?”

“Mantenho meus olhos em movimento. Evita surpresas ruins.”

Alguns membros da multidão notaram a fumaça também. Dedos apontavam. A palavra *fogo* começou a ser ditada com o pavor habitual.

“Ow!”, uma voz bradou da parte mais elevada da Estrada Imperial, além da casa abandonada. “Ei, vocês aí, homens!”

Um caminhante de penas verdes e laterais marrons molhadas de suor veio contornando o flanco de pedras da casa da fazenda. Uma mulher de meia-idade usando um vestido rasgado e cheio de sangue o montava sem sela. Seus cabelos e olhos cinza eram selvagens. As bochechas estavam manchadas de fuligem.

“Sangue! Fogo! Assassinato!”, ela berrou. “Os homens do conde Guillaume queimaram St. Cloud! As pessoas estão espalhadas, mortas, escravizadas!”

“St. Cloud!”, o carpinteiro Reyn exclamou. “Impossível! Não fica nem a dez quilômetros daqui.”

“Eu disse”, Rob falou. Mas ele estava olhando para Karyl como se seu companheiro de estrada tivesse acabado de soltar raios das pontas dos dedos.

“Estamos perdidos”, a mulher afirmou. “Somos indefesos contra eles!”

“Não se preocupe, madame”, Pierre gritou. “O povo livre de Providence vai dar um jeito nos bastardos!”

A multidão inteira bradou.

# OS SENHORES DINOSAUROS



– 25 –

**Volador chato, Chato, Caçador de Insetos, Voador de Nariz Empinado**

– Anurognathus. *Pequeno pterossauro comum;*

*9 centímetros de comprimento e envergadura das asas de 50 centímetros.*

*Caudas curtas, focinhos curto, com dentes como agulhas; insetívoro.*

*Como quase todos os voadores, é coberto de uma curta penugem.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

A estrada seguia por um ângulo crescente na lateral de um vale estreito e cheio de matas. Horas após o intenso amanhecer chuvoso, o ar ainda estava denso e pesado, como um cobertor de penas. Gotas umedeciam grandes folhas chanfradas.

O dorso das feras que puxavam as carroças, dos unichifres e dos cavalos, fumegava, assim como os desleixados chapéus encharcados e cangas de penas dos cavaleiros que mantinham os animais trotando em direção a Meseta. O ar úmido calara o estalar dos chicotes e as reclamações. As rodas de carroças pesadas amassavam as conchas quebradas que cobriam a

estrada. A chuva matinal mantivera o pó baixo, mas, à direita da pista, os odores de suor, urina e esterco quase sufocavam Jaume.

Ele conduziu para fora da estrada a marchadora cor de baunilha que montava no passo lento que ela fora criada para andar, chegando com alívio a um trecho nivelado.

Mas o alívio durou pouco.

“Frutos estranhos crescem nessas matas”, disse Wouter de Jong, quando Jaume passou ao lado de vários Companheiros.

Mor Manfredo estava na base de uma grande árvore de tronco branco, ao lado de seu amante, Fernão, o Galego, de Wouter e de um quarto de Ordinários rudes, trajando malhas e mantos brancos. Ele balançou a cabeça, irritado. O corpulento brabantés de cabelos curtos, quase brancos, raramente falava muito. Quando o fazia, nem sempre escolhia as palavras tão bem quanto deveria. Mas ele e Manfredo eram grandes amigos, independente do quanto Wouter exasperasse o taliano.

Jaume também estremeceu. Os calcanhares dos dois homens pendurados pelo pescoço em galhos grossos ainda estrebuchavam; os reflexos derradeiros remanescentes dos pescoços partidos. As fardas branca, cinza e preta estavam manchadas e fedendo sobre as cotas de malha. Os Ordinários apoiavam nos ombros os machados que usaram para quebrar as escadas postadas sob os cavaleiros condenados, e se preparavam para voltar para junto de seus camaradas.

“Frutos agourentos”, Florian disse, descendo de sua mula. “Isto trará problemas.”

Jaume desmontou. No ponto mais alto da clareira, duas linhas de escudeiros dos Nodossauros Marrons, trajando gibões de couro e chapéus de aço, se enfileiravam ao longo de uma trilha oculta. Eles patrulhavam munidos de bestas, para desencorajar que problemas surgissem de dentro das matas sobre o vulnerável comboio de suprimentos. Olharam sem interesse para os homens enforcados, antes de desaparecerem mata adentro.

Manfredo fez uma careta. Seu orgulho era tão espinhoso quanto sua retidão era rígida. O senso de humor de Florian, particularmente, irritava o cavaleiro taliano.

“Tem alguma objeção, Irmão?”, Manfredo perguntou. Ele não mencionou que o próprio Jaume ordenara as execuções. Jaume duvidava que ocorrera a ele fazê-lo.

“Nenhuma”, Florian disse. “São problemas que, em qualquer caso, logo teremos de lidar. Falando nisso, acredito que o vi vindo pela estrada.”

Voltando alguns passos em direção à calçada, Jaume viu uma pequena comitiva de cavaleiros trotando pela lateral do tráfego. As cores deles eram iguais às dos mortos. À frente, Jaume reconheceu Desmondo, o próprio conde de *la Estrella del Hierro*. Mesmo a uma distância de cem metros, o grande rosto do conde Estrela de Ferro estava visivelmente distorcido e mosqueado pela raiva por detrás do imponente bigode grisalho.

“Esta foi uma questão lastimável”, Jaume disse. “Gostaria que tivesse havido outra maneira de lidar com ela.”

Os traços requintadamente esculpidos de Manfredo mostraram aflição. “Capitão! Eles cometeram estupro e assassinato!”

“Sim. E você também fez uma coisa boa. Eu ordenei que fossem enforcados sem peso no coração. Afinal, nossas escrituras mandam que punamos os malfeitores. Mas posso reconhecer a necessidade da coisa sem ter de *gostar* dela.”

O irado Estrela de Ferro cavalgava ao lado de dois barões. Jaume inclinou a cabeça de modo cortês. “Conde Desmondo.”

O conde era um homem grande, de longos cabelos grisalhos emoldurando um rosto cuja mandíbula quadrada começara a perder a forma por conta dos anos de vida fácil. A túnica era preta, com seu símbolo costurado no peito – uma estrela cadente da cor do ferro sobre um brasão. Ele tinha a reputação de preferir a força bruta à sutileza. Dera certo para ele: um imenso meteorito de ferro caíra em sua província séculos atrás e seu minério ainda lhe fornecia a riqueza para apoiar cavaleiros suficientes,

montados em dinossauros ou em cavalos, para fazer valer seu desejo.

Na verdade, Estrela de Ferro comandava o maior exército de guerreiros do continente, depois de Montañazul. Ele tipificava os grandes sob o comando nominal de Jaume. Um lutador envelhecido, porém formidável, não era de fato estúpido; apenas tinha pouco controle sobre seus impulsos e não via muitos motivos para fazê-lo.

“Don Hilário!”, ele gritou, erguendo punhos com luvas negras para os remendos de céu visíveis através dos galhos entrelaçados. “Don Cecílio! O que fizeram com vocês, *mis hijos*? Criadores, quem pode ser responsável por este ultraje?”

“Não precisa incomodar os deuses, *señor*”, disse Florian. Ele acenou para os corpos que oscilavam lentamente. “Aí pode ver os culpados. Aquieta tua mente: eles receberam justiça, como pode ver.”

O rosto de Jaume enrijeceu. De todos os homens que aceitara dentro da Ordem militar mais exclusiva do Império, o que sentira mais receio era Florian. Ainda sentia. O cavaleiro francês tinha uma atitude irreverente e problemas para controlar a língua.

Os lábios cinzentos de Estrela de Ferro trabalhavam para dentro e para fora. Fazia com que ele parecesse um peixe enorme e exótico. Mesmo Jaume teve de engolir uma risada.

“Isto é intolerável”, o conde ralhou. “Vocês assassinaram meus cavaleiro! *Loucos!*”

“Esses homens estupraram e mataram uma camponesa”, Jaume disse calmamente. Uma brisa sem energia soprou os cabelos em volta dos ombros sobre sua túnica branca. Ela trazia o perfume de botões de magnólia, além de odores menos agradáveis. “Meus Irmãos os apanharam no ato. Pagaram o preço previsto na lei.”

“Uma camponesa?”, o rosto de Estrela de Ferro foi do marrom para o branco. “Uma *camponesa?*”

As palavras dele foram quase sem voz, como se espremidas por um titã que o tivesse pisoteado.

“Como *ousa*?”

“Sou bastante expansivo naquilo que ouso, meu senhor. Especialmente no que diz respeito a fazer valer meu direito legal como *condestable* Imperial.”

“Mas...”, Estrela de Ferro acenou a mão de modo selvagem. “Enforcar cavaleiros, *meus* cavaleiros, por causa de uma vagabunda camponesa? Desonra...”

Sua paixão começou a levar a melhor sobre a elocução mais uma vez; a última palavra surgiu como um guincho quase inaudível. Jaume assentiu, como se concordasse.

“Desonra é exatamente o que as ações deles trouxeram para o Ejército Corregir e o próprio Império em si. Já vi o que acontece quando um exército se entrega à luxúria e a ausência de leis. Não acontecerá no meu exército.”

“Você se atreve a tagarelar sobre *luxúria*, garoto? Você, seu sujo libertino?”

*Calma*, Jaume disse a si próprio. Ele se forçou a respirar fundo. “Se quiser, vamos dar uma volta, meu senhor” ele disse, “e discutiremos discretamente o assunto, de montador para montador.”

Estrela de Ferro se esquivou, fazendo seu garanhão bufar e mover a cabeça. “Não irei onde você pode usar sua magia negra em mim sem testemunhas!”

“Quê?”, Jaume exclamou, pego totalmente de surpresa.

“Cuidado com a língua!”, Manfredo rosou, chocado. “Nosso capitão é um príncipe da Sagrada Igreja.”

“Alguns erros devem ser retificados”, rosou o conde.

“Aqui”, Jaume disse, desesperado para recuperar o controle sobre a conversa. “Não há necessidade para este tipo de conversa, *caballeros*! O que queria dizer a você, don Desmondo, é que se tratarmos as pessoas das terras pelas quais passamos

como inimigos, elas logo se tornarão nossas inimigas de fato. Decerto você não quer isso?”

“Ousa me dar um sermão? Seu papagaio libertino, vou te ensinar a ter modos!”

A mão dele buscou o cabo da espada.

Florian se interpôs com a graça de um matador. “Se sacar uma lâmina para seu comandante”, ele disse severo, “será desonrado.”

Estrela de Ferro empalideceu. A *desonra* o tornaria um fora da lei que poderia ser morto imediatamente. Também reduziria sua família inteira à condição de gente comum e todas suas propriedades e títulos seriam confiscados pelo Trono Dentado.

“Por outro lado, se sacar sua espada contra mim”, Florian prosseguiu, cobrindo o cabo da espada com a palma, “não terá qualquer problema.”

Estrela de Ferro se afastou. “Não vou sujar minha lâmina.”

“Oh, não se preocupe, meu senhor”, Florian falou. “Há pouco risco disso.”

“Bastardo!”

“Ora, sim, na verdade, sou sim. E isso é o de menos. Tive o mais básico dos nascimentos: minha mãe era uma prostituta de rua em Chanson, meu pai um estranho que a enganou. Contudo, cá estou, tornado cavaleiro e montador pela mão do nosso capitão-general, tal qual confirmado por nossa própria Majestade. Um milagre dos Criadores, não?”

Estrella del Hierro esporou o cavalo e retornou à estrada. Seus barões o seguiram.

“Ainda vamos ouvir falar dele”, Wouter disse. “Estrela de Ferro foi chorar para Montañazul. Cujas mãos ele lambe como um cachorro lambe o dono.”

“Não é como se eles estivessem subordinados até aqui”, Florian observou. Jaume suspirou. “Não precisamos de mais discórdia, meu amigo.”

Vários outros Companheiros tinham aparecido para observar a uma distância discreta, prontos para apoiarem seu capitão-general se necessário.

“Estamos passando pelo Rio Barulhento”, disse Bernat, o catalão de rosto imperturbável que servia como cronista oficial dos Companheiros. “Estamos bem ao lado da porta do conde Estrela de Ferro. Desmondo odeia o vizinho, o conde *del Río Ruidoso*. Provavelmente é por isso que deixa seus homens abusarem dos camponeses.”

Manfredo fez cara feia. “Quando ainda estávamos na Mandíbula do Tirano, eles não ousariam agir por medo do príncipe Harry e do imperador. Desde que saímos, o exército inteiro age como turanianos invasores. O capitão estava certo. Se continuar assim, teremos sorte de não termos de abrir caminho na luta até mesmo por terras leais.”

“Não *entendo*”, Dieter lamentou. Lágrimas sinceras brilhavam em seus cílios longos. “Como podem fazer coisas assim? O que aconteceu com o dever do mais forte de proteger o mais fraco?”

Até mesmo Manfredo, o legalista, deu de ombros e respondeu. “É um ideal, não a realidade prática.”

Wouter pôs a mão sobre o ombro de Dieter. “Filho”, falou o brabanter, “é por isso que eles têm a *gente*.”

“Bem, creio que é isso”, comentou Rob. “Por que estamos demorando, de qualquer modo? Com os saqueadores atacando tão perto da cidade de Providence, teremos sorte se eles não estiverem sobre nossos pescoços antes do sol se por.”

Ele olhou para a Estrada Imperial, na direção de sua sede, na casa da fazenda. Estavam seguindo para a quinta do Jardim, para reportar a Bogardus. O pôr do sol alongava suas sombras ao longo do Rio Bounfiful, na direção da Floresta de Telar, à oeste. O dia esfriara rapidamente. O ar cheirava a água corrente.

Alados de focinhos rebitados tocavam de leve a superfície do rio, caçando insetos.

“Se partirmos agora, talvez possamos fugir com a pele intacta.”

Karyl balançou a cabeça. “Relaxe. Não vão atacar a cidade. Ainda não.”

“E como pode ter tanta certeza?”

Karyl lhe deu uma encarada.

“Tudo bem”, Rob disse. “Então me diga como você vai lidar com aquele negócio tão conveniente do ataque dos salteadores.”

“Gostaria de saber”, Karyl respondeu. “A Testemunha disse que me achava tocado pelo destino.”

Rob piscou e exclamou: “Você fez uma piada! Se continuar assim, a próxima coisa que vai fazer é malabarismo na praça pública!”

“Improvável”, Karyl disse. “Isso ficou para trás, em Pot au Feu.”

“Então, afinal, acredita em destino e magia e no toque dos Fae?”

“Não.” Mas Rob viu a forma desconfortável que o amigo abriu e fechou os dedos de sua nova mão, como se alongasse a pele ainda retesada.

Eles saíram da Rue Impériale antes de chegar à cidade, cortando pelos campos e por uma porção de mata. Conforme se aproximavam da quinta do Jardim à luz crepuscular, uma figura saiu das sombras do lado oeste. Rob levantou o machado, Wanda, que estava sobre os ombros, pronto para atacar no mesmo instante. Karyl não reagiu. Então, Rob reparou nos cabelos amarelos pálidos e relaxou, dizendo: “Lucas, meu rapaz. Você me assustou”.

“Meus senhores”, o pintor disse. “Um momento do seu tempo, por favor.”

O reflexo de Rob foi negar o título. Por educação ou por perversidade, deixava aquela tarefa para Karyl, que perguntou: “O que você quer?”

“Por favor, me ensinem a lutar.”

“Não é o que estamos fazendo?”, Rob inquiriu.

“Quis dizer, lutar de verdade. De forma adequada, com uma espada, homem a homem. Não junto de um bando de outros homens, com bastões afiados.”

Rob riu.

“E por que deveríamos?”, Karyl perguntou.

“Vou ajudá-los! Da forma que puder. O que quiserem que eu faça, é só dizer. Mas, por favor, me ensinem a manejar uma espada!”

Karyl o estudou. De algum modo, ele parecia mais cuidadoso do que Rob jamais o vira, mesmo quando estava tirando vidas. Talvez especialmente quando estava tirando vidas. Karyl falou: “É muito trabalho. Vai tomar tempo de sua pintura”.

“Eu entendo. Encontrarei tempo para pintar e para treinar. Não tenho medo de trabalhar. Disse que sou bom com as mãos, embora jamais tenha pensado em fazer nada além de pintar. Até agora, quero dizer.”

“Se você se tornar mais habilidoso do que os seus colegas, pode vir-se tendo de correr mais risco do que eles.”

“Eu os correria com prazer. Por favor!”

“E está disposto a fazer o que mandarmos, sem questionar?”

Lucas suspirou: “Qualquer coisa”, disse. “Eu... só quero mostrar que não sou o almofadinha inútil que meu pai sempre achou. Antes de ele me renegar, claro”.

Rob grunhiu e coçou o queixo. *Bem jogado, rapaz*, ele pensou, *quer você saiba disso ou não. Admitir que possui um pai que o menospreza pode abrir as portas com Karyl.*

“Muito bem”, Karyl assentiu. “Vou treiná-lo na arte da espada. Reúna alguns voluntários. Junte um grupo e limpe a casa da fazenda. Que esteja feito até o meio da manhã, quando Rob e eu reunirmos as tropas novamente. Apronte-a para que moremos nela.”

Àquela altura, Rob esperava que Lucas recusasse rapidamente. Em sua experiência, artistas careciam do gosto por

trabalhos braçais. Ele mesmo não era muito fã daquilo, embora como senhor dos dinossauros, já tivesse tido sua cota. Mas o garoto quase destroncou a cabeça do pescoço ao assentir repetidamente. “Obrigado, meu senhor! Você não vai se arrepender acolhendo-me como aluno. Não vai!”

“Faça com que seja verdade”, Karyl aconselhou. E, para o espanto de Rob, o rapaz saiu correndo na direção da Estrada Imperial.

# OS SENHORES DINOSAURO



– 26 –

**Torre, Torrey** – Barão dos Criadores: Gen ☷ (Montanha) – O Filho Caçula.  
*Representa a ordem (embora seja o Trapaceiro), lei, burocracia,  
sacerdotes, mineradores, pedreiros e montanhas.*

*Também animais escavadores. Conhecido por sua autoridade. Aspecto: um  
poderoso jovem com uma cota de malha dourada sobre uma túnica marrom,  
segurando um martelo e uma pá. Animal sagrado: furão.*

*Cor: marrom e amarelo. Símbolo: uma torre dourada.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

“Olhe isso.”

As pontas dos dedos de Jaume correram pelo muro arruinado, percebendo as texturas. Videiras com nervuras vermelhas tinham aberto caminho pelas pedras que, em certos pontos, ainda continuavam sendo duas vezes mais altas do que Jaume. Janelas no formato de arcos redondos a penetravam, há muito despidas dos vidros. Jaume reconheceu o estilo como datando

dos Anos de Tribulações: os dois primeiros séculos da história registrada, antes da ascensão do Império.

“Como sempre, a floresta reclama o que é seu”, Florian disse.

Os dois homens caminhavam ao pôr do sol por um templo abandonado. A ruína estava a uma curta distância da clareira onde o exército tinha acampado para passar a noite, descendo um vale arborizado. A brisa sacudia galhos cravados de folhas estreitas como *cuatralas*, pequenos raptores trançavam entre elas sobre pernas dianteiras e traseiras, cobertas de penas como asas. Insetos recebiam animados a chegada da noite. Os sons de feras berrando e homens chamando alcançou levemente os ouvidos de Jaume.

Felizmente, o vento carregava os odores dos séquitos dos nobres para longe daquele vale. Muitos grandes tinham resistido aos regulamentos do exército e às palavras vivazes dos Criadores sobre o assunto *higiene*. Jaume resistia à urgência de apiedar-se de si próprio. Pelo menos, achava a companhia de Florian agradável. O que era surpresa. O Companheiro de cabelos dourados parecia entender que o silêncio podia transmitir tanta beleza quanto o som.

“Não”, Jaume disse a ele. “Ali.”

Apesar da grossa cobertura das árvores, o calor ainda estava forte no arenito amarelo. Ele tocou uma faixa da largura da mão, onde a superfície arenosa tinha se amaciado.

“Está vitrificada”, Florian observou, inclinando-se para olhar. “Derretida até tornar-se vidro.”

Um ferreiro habilidoso, além de pintor, Florian compreendia bem questões como a moldagem de metal e vidro, que eram mistérios para Jaume.

“O que poderia ter feito isso?”, Jaume perguntou.

“Muito calor”, Florian explicou, se endireitando. Ele jogou para trás um cacho de cabelo grudado na testa, molhado de suor.

“Mas de onde poderia ter vindo?”

“De várias fontes, não?”, Jaume arriscou. “Um incêndio florestal, talvez?”

“Não seria quente o bastante.”

“Algum vulcão nas proximidades? A queda de um meteoro?”

“Não há sinal de nenhum dos dois grandes o bastante para ter causado isso. Mesmo após séculos, mesmo com o crescimento rápido da vegetação rasteira, veríamos evidências. De qualquer modo, como fontes de calor como essas seriam capazes de deixar apenas raias?”

“Um relâmpago então?”

“Acho que não. O caminho está plano e possui metros de comprimento. Se olhar ao redor, verá outras faixas assim brilhando ao longo das paredes. Fora isso...”

Ele separou algumas folhas da videira para revelar uma pequena alcova. Esculpido sob ela, havia um glifo do Filho Caçula, uma linha sólida sobre duas outras quebradas. Vazia agora, no passado devia ter apoiado alguma pequena estátua ou ícone de Torrey: alto, de barba loira e em geral retratado segurando um furão.

Torrey era o Criador associado à ordem, força e solidez. Ele também era o Trapaceiro entre os Oito. Cada Criador personificava os dois lados da moeda: Maia era a deusa da morte e também quem dava a vida, e a Própria Dama, cujo elemento era o Fogo, representava o nascimento da beleza e a inevitável decadência.

“Estamos dentro das antigas paredes”, Florian disse. “Um relâmpago teria caído aqui?”

Ele tocou com o dedo o queixo que, embora fosse longo, não estragava a simetria perfeita de suas feições. *De certo modo, é uma pena que ele nunca tenha amantes homens*, Jaume pensou. *Ele provavelmente é o mais bonito dos meus Companheiros.*

Não que fizesse diferença. Como capitão-general, Jaume não tomaria amantes entre seus Companheiros ou auxiliares. A regra que impedia sexo com subordinados se aplicava a ele acima de

todos os demais. Pere, claro, fora uma exceção; aquela fora a continuação de um relacionamento forjado quando ambos eram bem jovens.

*Pobre Pere*, Jaume pensou. *Sempre vou amá-lo. Sempre sentirei sua falta.*

“Pode ser irracional”, Florian disse, “mas de algum modo, isso me faz lembrar danos de batalhas.”

Jaume balançou a cabeça para limpar a visão de seu amigo e amante dos olhos, grande e irrepreensível nas águas do Canal, e da grande sombra que o engolira vinda de baixo e o carregara para sempre. Ele abriu os olhos.

“Que arma seria capaz de derreter pedra desta forma? Não, meu amigo, você está certo: sua fantasia está levando a melhor sobre você. Um relâmpago poderia ter caído após o templo ter desabado?”

Ocorreu-lhe que, a despeito dos receios, sentia-se confortável em chamar Florian de *amigo*. Perguntou-se quando foi que aquilo ocorrera.

“Mas há algo que o preocupa, capitão”, Florian falou.

Ele manteve o tom leve, beirando a zombaria, como sempre o fazia. O fato de ele ter usado o título mostrava o quanto suas intenções eram sérias.

“É o exército”, Jaume explicou. “O progresso que estamos fazendo... ou não fazendo. Corta meu estômago que nem vidro quebrado.”

“Entendo o que quer dizer. Estamos a uma semana de marcha, com pelo menos o mesmo tanto para atingir nossa meta, e Terraroja está a não mais de um dia e uma noite de cavalgada firme numa boa montaria de La Merced.”

Ele balançou a cabeça. “E o que poderíamos esperar? Levamos dois dias para tirar os cabeças de balde de dentro do palácio, onde o exército inteiro se reuniu. É como tentar pastorear gatos.”

Jaume riu. “É um mistério. Se meu senhor, Montanha Azul, e seus pares estão tão ávidos para chegar ao inimigo, por que arrastam os calcanhares a cada milímetro do caminho?”

“Não é tão misterioso. Todos estão tão relutantes de desistir da mínima fração de prerrogativa quanto ávidos para derramar sangue.”

“Não entendi”, Jaume disse. “Já acampamos ao lado de nobres antes. Eles sempre tendem a ser densos e impetuosos. Mas nunca assim.”

“É a seita Vida Por Vir”, Florian falou. “O legado de Pio prega abertamente isso. E, naturalmente, os cabeças de balde adoram: faz com que possam usar *Os Livros da Lei* de forma totalmente equivocada e ainda os libera para estuprar matar e pilhar à custa daqueles que consideram inferiores.

“Você pode estar sendo cínico demais”, Jaume disse.

“E você pode não ser cínico o bastante. Não se engane capitão, nós o amamos por ser bom demais para este mundo. Mas isso trará dores de cabeça a você.”

O sorriso de Jaume foi amargo. *Acho que meu coração já dói o máximo possível.*

“Há alguma outra coisa te incomodando, não?”, Florian perguntou.

Jaume suspirou.

“Devia estar presente na execução de hoje. Se ordeno que coisas feias sejam feitas, devo estar lá para testemunhá-las.”

“Ah, mas você teve de correr para evitar que Montañazul e aquela mulher temível que comanda o Terceiro se apunhalassem por causa do direito de passagem.”

“Os Nodossauros Marrons são a melhor infantaria do mundo”, Jaume disse. “Em quinhentos anos eles nunca fugiram de um campo de batalha. Contudo, os grandes os desprezam como meros ‘restos’ de camponeses, não sendo melhores do que recrutas abatidos.”

Florian riu. “E nossa coronel van Damme devolve com interesse esse desprezo. Os Nodossauros se orgulhavam de ser tão espinhosos quanto seus dinossauros homônimos.

“Ela tem um pouco mais de uso para mim do que Montanha Azul e o resto dos nobres”, Jaime afirmou. “Ela deixa isso bastante claro. Mas ela não me dará problemas por conta própria. Os Nodossauros se orgulham do profissionalismo. Sou o comandante dela; ela não precisa gostar de mim para me obedecer. É a mesma regra pela qual ela vive desde que se juntou às fileiras como lanceira.”

O que era raro. Em geral Nodossauros mulheres serviam como escudeiras.

“A infantaria imperial despreza qualquer um que não faça parte dela”, Florian ralhou. “Exceto seu tio, o imperador.”

“Ele é um deles”, Jaime disse. “Pelo menos, é um ex-lanceiro. É o único a ocupar o Trono Dentado que já soube como é carregar quatro metros de mastro de madeira e um metro de cabeça de ferro nos ombros todos os dias debaixo do calor, e o terror e a exaustão de lutar na linha de frente. Eles o amam por isso, como se fosse ao mesmo tempo pai e filho para eles.”

“Falou bem, capitão. Deveria ser poeta. Mas... tem certeza de que isso é tudo que está corroendo você?”

Para encobrir seu estremecimento, Jaime parou ao lado de um ramalhete de botões noturnos brancos, onde a ponta da parede havia caído sobre as folhas que recobriam o chão da floresta. Como havia muitos, ele não hesitou em arrancar um. Levou o botão ao nariz, saboreando o perfume forte e a resiliência do caule entre seus dedos.

“Já não é o bastante?”, perguntou.

*Melodía, ele pensou. Escrevo para você todos os dias e só o que escuto em retorno é o silêncio. Você realmente deu as costas para mim, meu amor?*

Ele ansiava por aliviar a pressão da dor em seu coração, em deixar parte dela sair. Mas não se sentia íntimo o suficiente do

volátil francês para tal confiança.

Eles deixaram as redondezas do antigo templo, subindo a trilha que levava ao acampamento. De uma só vez, um som da farfalhar veio da escuridão à frente. Ambos os homens levaram a mão ao cabo da espada. Florian riu. “Pelo som, pensei que estávamos prestes a ser atacados por um matador.”

“Dieter, meu garoto, você tem muito a aprender sobre ser furtivo.”

Como sempre, Dieter usava as emoções em seu rosto com tanta clareza como se o mestre dos retratos, Pedro, o Grande, as tivesse pintado ali.

“Qual é a má notícia?”, Jaume perguntou.

“Você... você tem uma visita, capitão”, Dieter anunciou.

“Então é ‘quando Rob e eu reunirmos as tropas’ agora?”, Rob perguntou no degrau de entrada da quinta. “Que papel Rob Korrigan desempenhará em reunir as tropas então? Eu mal sei qual parte vai onde.”

“Preciso de sua ajuda para ensiná-los”, Karyl respondeu.

“Ensinar? Ensinar o quê?”

“Tudo. Você os ensinou durante os exercícios com armas nesta tarde.”

“Foi mais uma supervisão. Impedir que os rapazes arranquem os braços e pernas uns dos outros. Mas tive de chutar alguns traseiros. Não sei ao certo o quanto uma lição dessas é boa. Embora acredite que eles tenham compreendido que Rob Korrigan não é um homem com quem se brinca.”

“Pra mim isso parece ser ensinar”, Karyl disse, com um toque de ironia.

“Ah é? Você diz isso, que nunca levanta a voz, quanto menos uma mão?”

“Tenho mais prática”, Karyl respondeu. “É uma habilidade como qualquer outra: você aprende praticando. Seja como for, cada um tem sua própria abordagem.”

“O que pode ser a minha salvação, acredito”, Rob grunhiu. Ele estava pensando, *Como aprenderei sua habilidade olhando um corpo apto a congelar chamas?*

O fato é que ele sentira como se estivesse chafurdando na sujeira a tarde inteira. Tudo o que sabia sobre ensinar vinha da própria experiência de ter sido ensinado pelo seu velho mestre, Morrison. O que, em resumo, era: *Mais cedo ou mais tarde, tudo se resume a uma boa surra.*

Ele se pegou perguntando quem achava que era para questionar o grande voyvod Karyl? E balançou a cabeça, enjoado consigo mesmo por isso. Especialmente uma vez que sabia que já tinha sido fisgado. *Não é a primeira vez que meu fraco pela adoração de heróis aparece para me dar um chute no traseiro, e não será a última.*

“Então por que tentou tanto dissuadir o garoto de se dedicar ao aprendizado da espada?”, Rob perguntou, mais para mudar de assunto. “Achei que você fosse contra a arte.”

“Estou morto para isso agora”, Karyl respondeu, “embora eu não tentaria mais bani-la.”

“Então, por quê?”

“Detesto desperdício. Só isso.”

“Certo”, Rob falou. “Bem, estou com fome e com sede. Então vamos entrar e fazer nosso relatório.”

“Espere.”

A palavra solitária deteve Rob no meio da passada. Ele virou-se novamente.

“Você recebeu o pagamento prometido por me entregar?”, Karyl perguntou. Um momento de silêncio passou, durante o qual a boca de Rob ficou com gosto de cobre e um sino parecia tocar em sua cabeça.

“Sim”, ele disse enfim, não disposto a arriscar uma mentira para aqueles olhos de raptor. “Na noite passada, Bogardus me chamou em privacidade e entregou o dinheiro que Afrodite deixara.”

“Então você vai ficar?”

Sapos coaxavam nas trevas. Insetos chilravam e cantavam sobre as árvores. Mariposas voavam em torno da cabeça dos dois homens, ocasionalmente resvalando numa bochecha ou testa, com as asas macias como manteiga e que traziam padrões que pareciam rostos com os olhos arregalados. Pequenos alados de focinhos arrebitados voavam em perseguição, agarrando as mariposas com dentes iguais a agulhas. Asas e partes do corpo caíam como uma suave chuva de carnagem.

A face de Rob estava quente. Ele não sabia o que Karyl queria dizer com aquela pergunta, mas a temia por instinto.

“Acho que sim”, respondeu com uma negligência que não sentia. Soou falsa aos próprios ouvidos.

*Na verdade, para onde iria? Não é como se todo mundo estivesse implorando pelos serviços de um senhor dos dinossauros despedido por aparecer mais que seus mestres de sangue azul.*

“Está falando sério?”, Karyl perguntou.

“Você quer que eu fique? E como você sabe sobre o dinheiro?”

Karyl riu suavemente. De certo modo, surpreendeu Rob, como se um tirano macho adulto tivesse rido.

“Era a única maneira que poderia ser. Todos os homens têm de comer. Todas as mulheres também. Você fez um serviço na expectativa de ser pago.”

“Bem... sim. Eu fiz.”

“Sou um mercenário. Não partilho o desdém pelo *comércio* que minha classe estimula tanto. Fui criado para desprezá-lo, mas bani essa besteira de dentro de mim assim que caí na estrada dos exilados. Alta Ovdan não é como Nuevaropa. É mais seca, a vida é mais dura. E sempre tive de me certificar de que era mais

valioso vivo do que comprado pelos assassinos da baronesa Stechkina. Então, vendi meus serviços como guarda de caravana e abri meu caminho para o leste.

Rob piscou e estremeceu violentamente, quando um abdome meio devorado quase o acertou no olho. Ele caiu de uma vez, mas Rob limpou furiosamente com o dedão os resíduos que conseguia sentir no rosto, como uma lágrima de entranhas. Karyl franziu a testa.

“Vamos”, Rob falou, acenando para ele com a mão livre. “Eu estou bem.”

“Ou melhor, vendi os serviços de Shiraa”, Karyl completou. “Eu era um tipo de pertence, como um alforje, ainda que um útil, que a impedia de devorar as pessoas erradas. Eu era um garoto, magro como um galho de salgueiro e pouco habilidoso com as armas.”

Rob ficou extasiado. Karyl nunca tinha falado tanto sobre o seu passado – detalhes que as lendas e baladas nunca tinham abordado.

*Se eu sobreviver a isto... o que quer que seja, ele pensou, vou jantar bem pelo resto da vida criando novas canções para a Saga de Karyl Bogomirskiy.*

“Então... não se incomoda por eu ter aceitado ouro por tê-lo entregado como uma encomenda?”

“Como poderia? Aceitei dinheiro para obrigar meu próprio povo a trabalhar à força. Aceitei dinheiro para *matar*. Você não traiu confiança alguma; não me quis mal. E, para dizer a verdade, trouxe-me algo que pensei que jamais voltaria a conhecer.

“O quê?”

“Uma faísca de alegria na vida. É um *desafio*, preparar Providence para derrotar cavaleiros de dinossauros. Posso não estar a altura dele. Certamente não conseguirei sozinho. Por isso perguntei se fala sério sobre ficar.”

A respiração de Rob entalou na garganta. *O grande capitão quer que eu o ajude?*

A outra parte dele, o observador cínico – ou seria o realista? – observou que, apesar de seu desinteresse e desgosto assumido pelas *paixões*, Karyl sabia muito bem como despertá-las nos outros.

“O que quer que eu faça, meu senhor?”, ele perguntou.

“Ajude-me como fez hoje. E também preciso que seja meu contramestre.”

“Fico honrado em... espere! Contramestre?”

“Sim.”

“Mas não sei nada sobre isso!”

“Você é um senhor dos dinossauros. Sabe como obter as provisões e acomodações adequadas para seus monstros.”

“Bem... sim.”

“Soldados também precisam dessas coisas. Os locais podem viver com suas famílias por ora, mas o resto precisará ser aquartelado. Com isso, até mesmo os locais começarão a reclamar se os estrangeiros tiverem soldos em refeições e eles não.”

“Claro. E esse é o Evangelho dos Criadores. Mas aqui, agora, e quanto a este Lucas...”

“Um rapaz afoito. Mas ele é um artista, um Jardineiro na flor da idade, e tão prático quanto um escudo de papel. Não gostaria de ter que confiar nele para me manter alimentado.”

“Falando dessa maneira...”

“Também precisaremos cuidar das questões sanitárias. E rápido.”

Doenças eram raras, ao menos em Nuevaropa, mas a falta de cuidados adequados com o corpo inevitavelmente levaria a surtos que abatiam homens e feras como uma tempestade de flechas. Da forma como prometiam *Os Livros da Lei*.

“Providence é rica”, Karyl prosseguiu, “com seu comércio e minas de prata. Por quanto tempo isso durará, com tantas mãos voltando-se para a luta... independente do que os Jardineiros

façam... é uma questão em aberto. Por ora, podem nos pagar. E terão de fazê-lo.”

“Quer que eu diga isso ao Conselho?”, Rob questionou com olhos esbugalhados.

“Eu direi a eles”, Karyl respondeu. “Já não gostam de mim, então posso muito bem começar a dar-lhes motivo para tanto. Mas ainda precisarei de alguém para este trabalho e não vejo Emeric fazendo-o. E ninguém mais me deu o menor dos motivos para confiar que mijará na própria bota se as instruções estiverem gravadas no calcanhar.”

“Não é exatamente o futuro que via para mim mesmo.”

“Então apresse-se e treine um sucessor, para que possa fazer alguma outra coisa. Você aceita?”

Rob engoliu em seco. “Sim.”

Karyl apertou o ombro dele. “Bom homem. Então, vamos. Temos muito que discutir com nossos empregadores antes de podermos comer. Se eles deixarem.”

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 27 –

**Lagarto-pescado, peixe-lagarto** – Ichthyossauro.

*Um tipo comum de dragão do mar, um réptil nadador que lembra um peixe de mandíbulas longas, cheias de fileiras de dentes (ou, fantasiam alguns, os fabulosos golfinhos mostrados em O Bestiário do Velho Lar).*

*2,4 metros de comprimento, 950 quilos. Come peixes, conchas, cefalópodes e, ocasionalmente, uns aos outros.*

*A despeito das histórias dos pescadores, raramente atacam humanos.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

O cheiro encontrou Jaume como uma barreira quando ele entrou na tenda. Era como sair de um mosteiro fresco para a noite úmida e quente. Se os botões noturnos fora do templo arruinado, vale abaixo, cheiravam como um cadáver apodrecendo num lago de perfume, o homem que o aguardava cheirava como um cadáver jogado numa fossa, com uma camada de queijo podre passada sobre o corpo.

“Meu senhor bispo”, ele obrigou-se a dizer educadamente. Foi até a extremidade da mesa, oposto ao convidado, e sentou-se

numa cadeira de madeira dobrável, sobre uma almofada de cetim colorida, da cor creme e doce de manteiga. Inclinando-se para trás alegremente, ele cruzou uma perna sobre a outra.

*Vou precisar deixar esse lugar aberto por dias e usar um litro de essência de rosas para torná-lo habitável de novo*, ele pensou, com um divertimento amargo. *Ah, meu tio, as coisas que faço por você.*

“Não vou me sentar”, o visitante falou, como se tivesse sido convidado para tanto.

“Como quiser. Posso oferecer-lhe comida? Algo para beber?” Jaume fez um gesto na direção de um prato coberto e um jarro de água de prata sobre a mesa.

“Seus homens me ofereceram refrescos da carne”, o *Papal Legate* disse. “Não tenho necessidade deles.”

*Nunca?* Jaume estava tentado a perguntar, enquanto apanhava um pêssego de uma cesta ao lado do prato coberto. Ele ficou feliz por Florian não estar presente. Ele teria dito o que Jaume se satisfazia em somente pensar. O que, em longo prazo, não teria facilitado os problemas da Marcha.

Quando Jaume e Florian retornaram ao acampamento dos Companheiros, a noite já tinha se expandido para cobrir cada canto não ocupado por alguma luz que vinha das fogueiras ou tochas pungentes queimando com resina, soltando uma fumaça filiforme e negra. Mor Jacques o tinha interceptado, preocupado com os relatos mais recentes do desperdício e tolice da aristocracia; três cavaleiros e alguns servos que ninguém se preocupava em registrar, mortos num incêndio causado por um idiota fanfarrão bêbado; um fardo de feno de um camponês queimado deliberadamente para a suposta diversão dos cabeças de balde. Jaume deu as ordens que achava que fariam algum bem. Em sua maior parte, tudo o que podia fazer era escutar e se comiserar.

Manfredo esperava em seu pavilhão, parecendo ainda mais grave que de costume. Jaume ordenara que seus três cavaleiros

ficassem lá fora. Ele teve de ser firme quanto àquilo.

“Como posso lhe ser útil?”, Jaume perguntou a seu convidado. Ele mordeu o pêssego, saboreando a doçura. Recusava-se a ceder à feiura. E, de qualquer modo, um soldado em campanha que deixava o cheiro ruim afetar seu apetite ficaria com uma fome terrível.

“Você cometeu o que alguns pensam ser uma grave ofensa contra o conde Estrela de Ferro, meu Lorde.”

“Sem dúvida não tão grave quanto aqueles que eu puni”, Jaume rebateu. “Não vou tolerar estupro e assassinato. Como Oficial da Paz, me atenho à Justiça Superior. Eu a administrei.”

O bispo Tavares enrijeceu. O apostólico era um homem enganosamente franzino, mais jovem que Jaume, de cabelos pretos selvagens, manto fedorento e pés vestindo sandálias, pretos de sujeira. Ele usava um colar de bolas de madeira, do qual pendia um pingente verde de madeira, na forma de uma grinalda. Ele trazia três linhas douradas: duas pontilhadas sobre uma sólida. Era o glifo de Adán, o Filho Mais Velho, deus da maturidade, dos mamíferos, agricultura, comércio e riqueza. E também da ruína, destruição e empobrecimento.

“Quando os Oito criaram este mundo, acharam adequado levantar certas pessoas acima das outras, já que é mais adequado à governança”, disse Tavares.

“O que é geralmente aceito.”

“Aqueles escolhidos para governar possuem direitos e privilégios sobre os vassalos.”

“E por sua vez, os vassalos também possuem direitos”, Jaume observou. “Pela Lei Imperial e também pela palavra dos Criadores.”

Tavares sorriu levemente por sob a barba desgrenhada. Jaume o considerava extremamente perigoso, no sentido de alguém que nunca sacava o aço, mas inspirava os outros a brandi-lo por ele.

“Você se refere obviamente à palavras importadas”, Tavares respondeu. “As profanas. Mas não é claro para qualquer homem

realmente espiritualista que algo tão óbvio não pode, de fato, manifestar as intenções divinas? A verdade pura, a verdade sagrada do espírito... que está *além* das palavras.”

“Eu discordo. Confio que meus Criadores são sinceros no que dizem.”

“Certos nobres do reino assumiram o fardo de levar a cabo esta guerra justa contra os malfeitores. Eles precisam ter o direito de exercer suas prerrogativas. Esta claramente é a vontade dos Criadores. Até você tem de admitir.”

“Contanto que eles se atenham aos malfeitores”, Jaume disse, “não teremos problemas. Estamos atravessando terras leais aqui, meu senhor bispo. Se começarmos a pilhá-las, por quanto tempo permanecerão assim?”

Os olhos de Tavares queimaram.

“Se são leais, por que não estão marchando conosco?”

“Porque, como você pontuou, nós assumimos a missão. Eu não faço política imperial. Minha tarefa é executá-la da melhor forma possível. Manter a ordem neste exército é essencial para isso.”

“Não!”, Tavares berrou. Sua súbita fúria fez Jaume recuar. “Você não pode erguer o rebanho acima do pastor! Suas ideias trarão anarquia ao Império, assim como fizeram com Providence!”

“Providence?”, Jaume balançou a cabeça. “Não venho seguindo os eventos lá de perto. Mas o que escutei dificilmente se caracteriza como desordem.”

Na verdade, os Jardineiros pareciam a ele como sendo basicamente gente inofensiva e tola, em busca de passatempos.

“Eles viraram a ordem divina de ponta-cabeça.”

Pondo ambas as mãos sobre a mesa, Tavares inclinou-se para frente. Jaume impediu-se de não se encolher por causa do fedor do hálito e do corpo dele.

“Tais impiedades arriscam desencadear uma cruzada do Anjo Cinza sobre todos nós”, ele disse com uma voz grave e sinuosa. “Tome cuidado, meu conde das Flores.”

Jaume mal podia acreditar no que escutara o homem dizer. *Ele deve estar louco*, pensou.

“Anjos Cinza? Há séculos ninguém relata sobre tê-los visto em Paraíso. O que quer que aconteça numa pequena e remota província do Império, duvido que seja capaz de atraí-los.”

“Não pense que não acontecerá apenas por que não está acontecendo na sua era. A hora está chegando, meu senhor. O julgamento se aproxima. Almas serão avaliadas. Homens terão de escolher de que lado ficarão.”

“Não. Eu sirvo à Bella Dama e ao imperador. E aos meus homens e aos inocentes.”

A boca de Tavares se moveu e ele premeu os olhos, como se sentisse dor intolerável. Jaume observou com um fascínio quase voyerista. *Suas feições são tão ossudas*, ele pensou, *que é uma surpresa que tenham espaço para expressar tamanha paixão*. Ele se perguntou o que se passava dentro daquela cabeça estriada.

“E sua Santidade, o Papa?”, Tavares finalmente perguntou numa voz mais suave. “Ele reconhece a verdade: que as palavras dos Criadores são uma alegoria e que, para buscar a salvação, a pessoa deve transcendê-las para obter a verdade. Você foi ordenado pela Sagrada Igreja. Não é obrigado a seguir o que sua Santidade apregoa?”

“Se sua Santidade disputa a Lei Sagrada, de que a consciência de todo homem e mulher é livre contanto que reconheça os Criadores, ele mesmo pode me dizer isso. E ele não o fez.” Pela primeira vez, Jaume permitiu que sua expressão enrijecesse. “E nem Pio achou por bem confiar em mim a ponto de tê-lo enviado para acompanhar o Exército da Correção.”

“Para salvar almas, Jaume. Somente para salvar almas”, o bispo suspirou. “Eu não o invejo, conde Jaume.”

Ele esperou o suficiente para se dar conta de que Jaume não estava mordendo a isca. “Você tem olhos, mas não enxerga a verdade. Sua obstinação coloca mais do que sua alma em risco.”

Jaume achou que aquilo não merecia resposta. Então não deu nenhuma.

“E o fardo em sua própria alma deve ser, de fato, grande”, Tavares disse, “uma vez que tantas vozes dentro do acampamento sussurram que você obteve sua posição de forma injusta, lançando um golpe injusto contra um oponente caído. Desejo-lhe uma boa noite, conde.”

Eles encontraram Bogardus sentado no quintal cercado de paredes altas, em frente à quinta dos Jardineiros, sob uma treliça em que se entremeavam videiras, cujas flores laranjas tinham se fechado por causa da noite. Ele sentava sobre uma almofada de seda numa cadeira esculpida em calcário, que exibia sinais de ampla degradação. Um grupo de jovens Jardineiras se inclinava para frente, extasiadas em bancos de pedra, para escutá-lo discursar. Rob não pôde deixar de notar que todas eram mulheres e, decididamente, graciosas.

Ao ver a dupla se aproximar, Bogardus sorriu e se levantou. “Muito bem, minhas flores, basta por hoje.”

*Flores, é? Rob acariciou o bigode com o dedão. Será que meu anfitrião objetaria se eu cheirasse algumas?*

“Mas, Bogardus”, choramingou uma morena magra, de blusa azul. “Nós mal começamos.”

“É claro, minha querida”, disse o Irmão Mais Velho. “Se conversarmos juntos por um século, só teremos arranhado a superfície da profunda argila. A Beleza é infinita, assim como a Verdade. Mesmo este pequeno remendo que criamos, este nosso Jardim, é maior do que uma só mente pode abarcar. Então, contemplem o que aprendemos esta noite. Sementes foram plantadas. Deixem-nas crescer!”

Bogardus riu. Ele tinha uma gargalhada profunda e contagiante. As mulheres riram com ele, até mesmo aquela que reclamou.

Elas se levantaram e foram para dentro, conversando excitadas sobre os insights cósmicos que o Mestre Jardineiro tinha partilhado com elas.

Observando-as partir, Rob sentiu-se franzindo a testa. *Nem uma olhadinha pro jovem Rob Korrigan, pensou. E nem sombra da minha beldade de cabelos marrons, que foi a única flor que encontrei neste Jardim que não enrijeceu quando me aproximei. Ah, bem, talvez ela esteja me evitando. Não seria a primeira.*

Assim que a porta fechou, o comportamento do anfitrião tornou-se grave. “Ouvi sobre o que aconteceu hoje. Vi a fumaça daqui. Trinta foram mortos ou levados para a escravidão. Uma tragédia terrível.” Ele percebeu Rob erguendo uma sobrancelha. “Isso lhe parece frívolo, mestre Korrigan, que estejamos aqui sentados no conforto de nosso Jardim, discutindo filosofia, enquanto horrores como esse acontecem nas redondezas? Eu entendo. Mas o que podemos fazer? Não somos guerreiros. Por isso trouxemos vocês. Para nós... Paraíso se vira. A vida continua.”

Ele colocou as mãos grandes, pálidas e firmes nos ombros de ambos os homens e os levou até os bancos.

“Venham, amigos”, falou, “refresquem-se. Estou curioso para ouvir como foi o primeiro dia de treinamento.”

“Foi bem”, Karyl disse, enquanto Bogardus servia vinho amarelado de um jarro de prata. Ele fora moldado para se parecer com uma mítica fera do mar conhecida como *golfinho*, que lembrava bastante um peixe-lagarto, mas possuía uma cauda achatada e de aspecto não natural.

“Os rapazes brilharam de modo considerável quando fizemos brincadeiras com espadas”, Rob contou, esvaziando seu copo num gole só. Bogardus o voltou a encher sem nem ter largado o jarro ainda.

“Quero treinar a maioria deles no uso de armas parecidas com as ferramentas que já estão acostumados”, Karyl disse, após molhar a garganta com um gole. “O tempo é curto.”

Bogardus concordou. “Se os bandidos ficaram audaciosos o suficiente para atacar St. Cloud, é ainda mais curto do que pensávamos. Refugiados chegam diariamente à cidade. Estão abrigados com famílias de lá. Pobres almas.”

Por que os Corações Partidos não atacaram a cidade de Providence, eu me pergunto?”, Rob indagou. “É de longe a cidade mais abastada da região.”

“Todos temem uma luta numa cidade”, Karyl explicou. “Não há espaço para manobras, os confrontos são sempre na curta distância de um punhal e em todas as janelas um arqueiro pode estar à espreita, toda intersecção é uma emboscada. E, claro, todas as telhas.”

Rob parou o copo a meio do caminho da boca. “Telhas?”

“Partilho a perplexidade do nosso senhor de dinossauros”, Bogardus disse.

“Aquelas telhas ali”, Karyl apontou para o telhado da quinta com sua mão esquerda totalmente formada, mas ainda rosada. “Quanto diria que elas pesam?”

“Nunca pensei nisso”, Bogardus falou. “Decerto parecem pesadas. Não devem pesar menos de cinco quilos cada uma, acredito.”

“Pelo menos”, Karyl concordou. “Agora imagine-as sendo jogadas sobre sua cabeça.”

Rob fez um “Oh” com a boca. Bogardus falou: “Compreendo.”

“Elas esmagariam facilmente um crânio ou braço desprotegido. Já vi telhas assim quebrar capacetes e escudos. Elas machucariam um bico de pato mesmo onde o couro é mais duro. E cavalos e dinossauros entram em pânico quando coisas pesadas começam a cair sobre suas cabeças e se despedaçar a seus pés.”

“Então, apesar da nossa inaptidão, estamos protegidos aqui?”, Bogardus perguntou.

“Até os saqueadores ficarem arrogantes o bastante para não se importarem mais”, Karyl respondeu. “Ou muito gananciosos.”

Ambos servem.”

No silêncio que se seguiu à explanação de Karyl, Rob escutou uma viola sendo tocada em algum lugar dentro da quinta. Não sem habilidade, ele pensou, mas o instrumento estava com o mi frouxo.

“Queremos visitar o arsenal amanhã para ver o que há de disponível em armas e blindagem”, Karyl disse.

“É grande e bem abastecido”, Bogardus disse com um sabor que surpreendeu Rob. “Vão gostar do que verão.”

“Quer dizer que não transformaram suas espadas em arados?” Rob perguntou.

O longo lábio superior de Bogardus se contraiu. “Desde o começo tentei afastar o Conselho de tais ideias. Sempre soube em meu íntimo que este dia chegaria.” Ele suspirou. “Quem sabe minha própria fé no poder de nossa mensagem não é tão forte quanto deveria.”

“*Nobres*”, Rob rosnou. “Eles possuem pouco préstimo pela verdade. Ou beleza, se é que importa, exceto coisas como estupro e devastação.”

Os dois homens olharam surpresos para a súbita explosão dele. Com o rosto vermelho, ele deu uma longa golada de vinho para recobrar a compostura.

“O número de participantes foi satisfatório?”, Bogardus perguntou, após um momento que durou mais tempo do que Rob se sentia confortável.

“Não vou mentir para você”, Rob respondeu, sentindo o excelente vinho espalhar seu calor dentro dele. “Não foi grande coisa.”

“Os senhores estão ordenando que seus arrendatários se voluntariem”, Karyl disse.

Os olhos de Bogardus estreitaram. “Não foi isso que falei para fazerem. Por favor, acreditem.”

“Disse que os homens que se voluntariarem serão declarados livres e que seus débitos serão perdoados.”

Bogardus fechou o cenho. Mas, em seguida, sorriu. “Fiel ao espírito do Jardim, meu amigo. Claro que os senhores da cidade podem ver de modo diferente.”

“As casas de campo dos senhores da cidade são alvos mais ricos do que cabanas de vilarejos, com telhados de palha”, Karyl disse. “Ah, e não importa o quanto sejam fortificadas, são menos arriscadas que a cidade de Providence. É melhor que eles enxerguem as coisas desta forma, antes que sejam forçados a fazê-lo.”

“Falando nisso, você precisa mandar mensagens a todos os cavaleiros e barões do condado e pedir ajuda. Diga a eles que é do interesse deles que a envie o mais rápido possível.”

“Os senhores da cidade e barões do campo são homens orgulhosos e poderosos”, Bogardus disse. “Qual coação devo usar contra eles?”

“Nenhuma. Diga simplesmente que a ajuda deles funciona para ambos os lados. Se eles não nos mandarem homens, quando os atacantes queimarem seus lares, ficaremos assistindo a eles virarem torresmo nas chamas.”

Bogardus riu – um pouco trêmulo, Rob pensou.

“Você é um homem raro, Karyl Bogomirskiy.”

“Sem dúvida”, Karyl disse. “É assim que é.”

# OS SENHORES DINOSAUROS



– 28 –

**Adán, Aidan, Trueno, Trovão** – Duque dos Criadores:

Zhen 震 (Trovão) – O Filho Mais Velho. Representa virilidade, comércio e riqueza e empobrecimento, agricultura e tempestades.

Também, feras domésticas. Conhecido pela expansividade.

Aspecto: um homem bonito, de cabelos pretos e pele marrom, trajando túnica verde, com um cão a seu lado e os pés ocultos por nuvens.

Animal sagrado: cachorro. Cor: verde. Símbolo: um martelo verde.

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

“Alteza”, o Papa disse a Melodía por sobre uma terrina dourada com cauda de caminhante e sopa de vegetais. “Certos rumores chegaram a meus ouvidos.”

Para Melodía, o típico banzé do salão de refeições na hora do jantar foi abruptamente interrompido pelo silêncio penetrante. Escutando nada além do pulsar do próprio coração, ela mostrou uma expressão a Pio que era mais o erguer as bochechas para

perto dos olhos do que propriamente um sorriso. Os olhos dos cortesãos à grande mesa pareciam cauterizar a pele dela.

A cultura de Nuevaropa fazia distinção entre estar *nu* e *despido*. Estar nu em público poderia significar uma declaração importante, ritualística e exaltada, ou até mesmo, superioridade social. Estar despido era humilhante.

Apesar do fato de estar totalmente vestida com seda esmeralda que fazia um x sobre seus seios e uma saia folgada marrom e creme, Melodía se sentiu despida.

“Santidade”, o esforço incomum de tentar soar conciliador fez a voz do ministro-chefe Mondragón ranger como garras de um horror sobre granito. Ele se sentava à cabeceira da mesa, à direita de Felipe. “Não se deve acreditar em fofocas.”

O imperador continuou roendo alegremente seu saltador assado e conversando com o duque Falk à sua esquerda, enquanto óleo pingava da barba ruiva, como se nada tivesse acontecido. O Papa ergueu a mão que parecia gravetos presos a um pergaminho manchado de nervuras azuis.

“Rumores persistem, minha criança, de que você fala contra a boa e sábia política de seu pai de levar a guerra às víboras que fizeram seu ninho no seio do Império.”

As expressões que a conversa despertou nos presentes em relação a Melodía variaram do desdém à incompreensão e ao desejo. Esta última veio de seu primo sempre incômodo, Gonzalo, que estava sentado a alguns lugares distante dela, com o irmão, Benedicto, a seu lado.

A coisa mais próxima que ela viu da compaixão brilhou dos olhos de Falk von Hornberg, que se igualavam ao azul da túnica que ele vestia naquela noite. Ela desviou o olhar rapidamente. Não estava pronta para lidar com simpatia vinda dele.

Pio a encarava com intensidade. A pele ao redor de seus olhos era tão cinza e enrugada quando as escamas em volta dos de um titã.

*Seu velho réptil arrogante!*, ela pensou, com um súbito rompante de raiva. *Acha que vai me intimidar e fazer afastar da verdade?* Ela bateu seu copo meio cheio com vinho dourado de Trebizon.

“Você escutou certo, sua Santidade”, ela disse. Sabia como fazer sua voz retumbar como uma trombeta e o fez. “Eu amo meu pai. Mas ele cometeu um erro terrível lançando a guerra contra seu próprio povo. Chegou a hora de curar as feridas do Império e não de abrir novas!”

Cortesãos fizeram expressões teatrais. Pio piscou lentamente. Seu rosto ruborizou.

Melodía olhou para o pai, como se aquilo fosse culpa dele. Ele se sentava, segurando um naco de carne marrom nas mãos, olhando-a completamente estupefato.

Mondragón pigarreou e disse: “Santo Pai de todos nós, ela é apenas uma criança. Não sabe o que está dizendo”.

“Eu certamente sei”, Melodía berrou, ficando de pé. Ela podia *sentir* a malícia deliciosa no murmurinho que ergueu-se ao seu redor.

Raivosa, marchou por toda a extensão da mesa. Ao passar por Gonzalo, ele a favoreceu com um sorriso presunçoso sobre seu cavanhaque obsessivamente aparado.

Ela mandou-lhe o dedo e saiu do salão do pai, afastando-se da sua companhia resplandecente.

“Você sem dúvida chutou o balde na mesa de jantar esta noite, com sua pequena explosão, Día.” De algum modo, Abigail Thélème fazia com que a máscara com babados de espinhos que usava, frisada com bastões de vidro azuis e prateados, parecesse delicada. “Por que não cuspiu no olho do Papa de uma vez e professou sua adoração aos Fae ali mesmo?”

“Não acho que isso seja uma coisa adequada a ser dita diante das circunstâncias”, se intrometeu a princesa Fanny. A meia máscara dela tinha a semelhança régia de um cisne, com uma crista verde escura e bochechas peroladas.

“Sou uma pessoa política, não de tática”, Abi respondeu. “Está me confundindo com sua mãe.”

“Minha mãe é mesmo bastante política, ao seu modo anglês, caloroso e jovial.”

O salão festivo do príncipe Harry era tão enorme e imponente quanto o grande salão, e consideravelmente mais bem iluminado. O que era melhor para fazer as fantasias brilharem e destacar as milhares de cores.”

Ou as *máscaras*. De qualquer modo, aquele era *un gran baile* de máscaras, conduzido em conformidade com a mais recente mania de La Merced. O que, Abi assegurava às amigas de Melodía, como de costume seguia a capital francês, Lumière, com um atraso de dois anos, fiel como um relógio. Todos tinham que usar máscaras, com prêmios conferidos no fim da noite para a mais bela, ornada e espantosa. Os trajes deveriam ser modestos para não distrair das máscaras. Claro, “modesto” é um termo relativo. Melodía observava como pele e ostentação estavam à mostra.

A câmara estava lotada de celebrantes espalhafatosos, embora os servos, bem experientes, não mostrassem dificuldade em deslizar por entre eles como enguias entre algas marinhas. Olhando ao redor, Melodía viu várias pessoas que reconheceu de imediato, apesar dos rostos ocultos.

Não muito longe do pedaço de parede em que ela e seu séquito se congregavam, notou a figura corpulenta de Falk. O duque usava uma túnica preta, uma calça apertada com uma perna branca e a outra azul, e uma máscara de pássaro preta, com um bico dentado aberto. Melodía supôs que deveria ser a representação do falcão totêmico dele, mas, para ela, parecia mais um corvo.

Como sempre, ele era seguido por um rebanho de jovens bravos, cavaleiros menores e segundos filhos, que tinham vindo à cidade após a declaração de guerra de Felipe contra Terraroja. Frustrados por terem chegado tarde demais para se juntarem ao Exército da Correção, eles continuaram a flutuar pela Corte, esperando uma chance de glória ou, pelo menos, de arrumar encrenca. O brilho sombrio de Falk os atraía como mariposas.

Naquele momento, eles o orbitavam de uma distância cautelosa. Falk estava discutindo calorosamente com um dos servos, um magrelo de mãos imensas e cabelo fino, de cor indeterminada. Pelas regras do baile, os atendentes também tinham de estar mascarados. Enquanto a maioria se contentava com simples máscaras cobrindo os olhos, aquele homem usava uma moldada fielmente às feições de um horror emplumado.

Melodía deixou os olhos deslizarem por mais máscaras: dinossauros e serpentes do mar; pessoas históricas e lendárias; animais fabulosos e míticos tirados de *O Bestiário do Velho Lar*. Ela discerniu a forma alta e delgada de Mondragón, impossível de não ser percebida, mesmo se ele não estivesse usando os tradicionais mantos preto e marrom. Até mesmo a máscara de plesiossauro do ministro-chefe, claramente modelada com base naquele que havia empalhado no salão de refeições e que no passado dera pesadelos em Melodía, parecia severa.

Onde Mondragón estava, o pai dela estava por perto. Com certeza, ali, entre os dançarinos, o imperador corpulento e baixo mostrava passadas vivazes ao lado da bem mais robusta duquesa anglaterrana, que estava visitando o príncipe Heriberto. O vestido branco a fazia parecer uma lanterna de papel coroada por uma máscara verde pálida da Criadora Maris, inumanamente bela e com uma cabeleira verde azulada feita de algas do mar. A máscara de Felipe era tigrada de marrom-escuro, assemelhando-se a Hércules, o amado dinossauro de guarda dele, ferido fatalmente por um unichifre numa caçada, alguns anos atrás.

Enquanto a banda tocava um alegre canário, Josefina veio pisando duro para protestar: “Por que você não está de máscara, Melodía?”

“É a melhor máscara de todas”, a princesa respondeu insegura.

A descendente do Principado da Mandíbula do Tirano trazia uma máscara humana branca translúcida, pintada com o que Melodía achou ser um deleite hediondo.

“Fina”, Abi disse a ela. “Me preocupo com você às vezes.”

“Isso não é nem original, Día”, Guadalupe falou.

A voz dela ecoou da parte inferior oca da sua máscara de sacabuxa. Joias cercavam os orifícios dos olhos e brilhavam em fileiras que subiam na direção da longa crista. De acordo com as regras noturnas, ela usava um vestido verde simples, mas manchado de amarelo, evidentemente para sugerir a coloração de um dinossauro. Fez com que Melodía pensasse mais num parassaurolófo incontinente do que no animal em si, mas sabia que seu humor estava bilioso.

Llurdis aproximou-se de Lupe para dar um *jab* nas costelas dela com o dedão. “Isso foi impertinente!”

Melodía encarou sua conterrânea catalã com a boca aberta. Não satisfeita com uma máscara de coritossauro rosa e azul pálido, ela usava uma fantasia completa de bico de pato, com uma cauda de um metro de comprimento que trombava com todos que estivessem próximos a ela. Cortes no corpo bulboso deixavam os grandes seios nus dela pendurados para fora. Safiras circulares estavam coladas ao redor dos mamilos. Além de ser o que Melodía julgou de péssimo gosto, a cor das gemas não combinava *de forma alguma* com Llurdis.

Melodía observou o servo se afastar de Falk, altivo como um arcebispo.

Falk continuou encarando-o com seus olhos de falcão, sorrindo, pressionando e soltando os punhos. Um dos seus bajuladores, que usava o semblante de um antigo personagem de teatro,

Emphyrio, fez uma sugestão em voz baixa de que Falk deveria ter nocauteado o sujeitinho impertinente.

Antes que Melodía pudesse captar a resposta do duque, Lupe se virou e deu de encontro com o flanco falso da amiga. Ele dobrou com um som agudo e alto. *Telar sabe do que isso é feito*, Melodía pensou.

“Sai fora!”, Lupe rosnou.

Llurdis acertou o ombro de Lupe com a palma da mão. “Não me bata!”

Lupe golpeou furiosamente, mas de modo ineficiente, o torso de hadrossauro. Ele fez *bloop, bloop*. Llurdis bateu nas mãos dela.

“Vaca!”, xingou Llurdis.

“Vagabunda!”

“*Putá!*”

O olhar de Melodía passou da descrença para a fúria. A dupla exibia todos os sinais de estar prestes a se lançar num de seus combates de luta livre apaixonados, bem ali, diante do pai dela, dos deuses e de todo mundo.

“Elas são como duas gatas, mesmo”, Fanny murmurou.

“Garotas”, Melodía sibilou. “Estou prestes *assim* de mandar alguns servos corpulentos agarrarem as duas, espancá-las e enxotá-las daqui com as bundas marcadas e roxas.”

“Mesmo?”, Lupe disse.

“Você não se atreveria!”, bufou Llurdis.

“Meninas!”, Abi disse alegremente. Aquilo por si só era um aviso tão alto quanto o sino do templo tocado depois da meia-noite. “Vocês devem ter notado que nossa dama imperial está um pouco irritadiça esta noite, não? Tomem cuidado.”

Melodía a encarou. Então, teve um sobressalto ao sentir uma forte pressão envolver seu bíceps esquerdo.

Ela virou-se, para encontrar o duque de Hornberg avolumado atrás dela como uma colina.

“Parece que você precisa ser resgatada”, ele disse.

Ela puxou o braço. “Posso resgatar a mim mesma. Obrigada pela gentileza, sua Graça.”

Ela lançou um olhar fulminante que falhou em fulminá-lo.

“Posso roubá-la para esta dança, então?”, ele perguntou tão gentilmente quanto sua voz de barítono e o sotaque gutural do norte permitiam.

“Bem”, Melodía escutou-se dizer, “só esta.”

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 29 –

**Hogar, Lar, Velho Lar** – Quando acabaram de fazer Paraíso e viram que ele era bom, os Criadores trouxeram humanos, seus Cinco Amigos e certas sementes e ervas do mundo que chamavam de Lar. Relatos antigos nos ensinam que é um lugar estranho. É frio e podemos nos sentir mais pesados lá, e achar o ar bem mais rarefeito. O ano é 1,6 vezes mais longo que o nosso. Temos de admirar a força dos nossos ancestrais em morar num mundo tão inóspito e sempre agradecer aos Criadores por ter nos trazido o nosso verdadeiro Paraíso!

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES JOVENS –

“Imagine esses saqueadores tão próximos da cidade!”, Rob escutou uma mulher estridente dizer quando ele e Karyl entraram na sala de jantar da quinta do Jardim. Seu coração foi imediatamente parar no chão.

Ele ainda não tinha ideia de quantos membros – ou plantas, como quer que sejam chamados – o Jardim tinha. Naquele

momento, julgava haver talvez mais de sessenta jantando no grande salão. Sob o dossel sentavam-se os Mestres Jardineiros do Conselho e Bogardus. Roy não sabia se Bogardus era considerado membro do Conselho ou não.

*Não que eu me importe*, ele pensou, enquanto olhava à sua volta em busca de um lugar discreto para sentar-se e comer. *Contanto que sejamos pagos regularmente com a boa prata dos cofres do ex-conde.*

“Ah, voyvod, mestre Rob”, Bogardus disse com sua voz de pregador, levantando-se do seu lugar central. “Venham e juntem-se a nós, meus amigos.”

“Sim”, disse a irmã Violette, à direita dele. “Juntem-se a nós.”

Ela soava menos receptiva.

“De novo entalhados”, Rob disse para si próprio. Karyl caminhou na direção da frente do salão com a cabeça alta, da mesma maneira que abordava todas as coisas. Rob o seguiu, arrastando os pés como um aluno pego cabulando aula.

A um sinal de Bogardus, diversos Jardineiros vagaram lugares da mesa mais próxima do dossel para dar espaço aos dois.

“Então é assim que se sentam”, Rob falou. “Nenhum lugar na mesa mais alta para o grande capitão e seu senhor de dinossauros.”

“Somos mercenários”, Karyl observou, imperturbável.

“Não me esqueci disso.”

Enquanto se sentava, Rob examinou o Conselho. Violette se sentava sorridente, com sua boca larga de lábios finos, enquanto seus olhos sugeriam que a refeição dela seria amplamente melhorada pela visão de Rob e Karyl assando num espeto. Dos demais, Rob soube que havia Absolon, Longeau e uma mulher chamada Nia, todos aliados dela. Iliane e Cuget não se importavam muito com Violette e também não se importavam em escondê-lo. De todo o ramalhete disposto atrás da mesa mais alta, somente um homem chamado Telesphore e Bogardus não

olhavam para os recém-chegados como se eles tivessem pisado em bosta de cachorro e entrado na sala de jantar.

Um Jardineiro trabalhando como mordomo veio por trás de Karyl e Rob para servir uma taça de vinho a cada um. Rob sentiu cheiro de madressilva. Seus olhos apreciadores captaram um quadril num fino vestido cor de vinho tinto, então deslizaram para o torso esguio e encontraram os olhos verdes da bela mulher de cabelos marrons que ele conhecera em sua primeira noite no Jardim.

“Eu sou Jeannette”, ela disse.

“Eu sou Rob.”

“Eu sei.”

Ela afastou-se antes que ele pudesse recitar os diversos galanteios que estavam se acotovelando para sair da sua boca. *Admiro uma garota que sabe como sair rebolando com dignidade*, disse a si próprio, observando a fascinante interligação da nádega esquerda dela com a direita. Elas o fizeram pensar em dois filhotinhos dentro de uma fronha. *É uma arte perdida na nossa era crassa e capciosa, com certeza.*

Acima deles, os Conselheiros conversavam uns com os outros.

“Nós seremos os próximos a sermos levados para o mercado de escravos”, Longeau declarou. “É um escândalo.”

“De fato, é”, Violette concordou num tom agudo.

Rob a viu sorrir para ele. A expressão dela sugeria agora a consideração benigna de um crocodilo do Rio Negro que acabava de ver um vitelo gordo.

“Ah, sim”, ela disse. “E aqui estão sentados nossos dispendiosos mercenários, bebendo nosso vinho e se preparando para satisfazer seus estômagos com o produto do nosso Jardim. Há de se perguntar o que estão fazendo para nos proteger.”

“O que viemos fazer, madame”, Karyl respondeu calmamente, pondo seu copo sobre a mesa e limpando a boca com as costas da mão. “Ensinar seu povo a se defender.”

“Ensinar?”, exigiu Longeau, com a voz ressonante de ultraje. Ela ressoou um pouco demais para ser genuíno, como Rob, um mestre da dissimulação, percebeu na hora. “*Ensinar?* Quando salteadores estão praticamente pilhando dentro das nossas cidades?”

Um homem alto, de cabelos pretos com corte de cabelo coroinha e rosto retangular, Longeau era outro dos chamados senhores da cidade. Sua baronia, Rob descobriu, ficava perto da fronteira de Castaña, junto à fronteira spañola.

Rob sentiu de novo o cheiro de madressilva, pão quente e temperos. Jeanette estava de volta, servindo pão assado numa cesta e pratos com fatias de unichifre assado, com vegetais cozidos num molho saboroso. Ela voltou a sorrir para Rob, antes de desaparecer na cozinha.

“Para ser franco”, disse Cuget, um homem de altura mediana que tinha a cabeça redonda como uma bola de catapulta e cabelos loiros – vocês deviam fazer algo para detê-los.”

“Você superestima o que nós dois podemos fazer”, Karyl respondeu.

“Poderiam lutar por nós!”, Longeau disse.

“Percebi que vocês não estavam presentes no campo de treinamento hoje, meu senhor”, Karyl falou. Ele olhou ao redor, para uma sala subitamente silenciosa. “Na verdade, não me recordo de ter visto nenhum de vocês lá. Com exceção do jovem Lucas, o pintor.”

Longeau, corado, murmurou algo sobre saúde e compromissos prementes.

“Vocês começaram a treinar nossas forças de defesa?”, Bogardus perguntou. Ele sabia a resposta, claro, mas queria ter certeza de que os demais Jardineiros escutariam.

“Sim”, Karyl falou. Ele conhecia o jogo e estava disposto a jogá-lo.

“E eles estarão prontos para nos proteger?”

“Precisam de tempo para praticar, mas, sim.”

Bogardus abriu um largo sorriso. “Esplêndido. Então, vamos jantar, beber, escutar música e falar de coisas belas.”

Nem todos os Conselheiros pareciam satisfeitos com aquilo. Mas Violette deu levemente de ombros e virou-se para papear com Longeau. Os outros Conselheiros retornaram à ceia, conversando em tom menos estridente, sem olhar para os dois campeões contratados. Rob esvaziou seu copo. “Isto não vai acabar bem”, ele disse para Karyl.

“É um trabalho mercenário. Eles nunca acabam bem. Já deveria saber disso.”

“Você é sempre uma Irmã Reluzente, isso sim.”

Karyl o ignorou.

O cheiro de madressilva preencheu a mente de Rob. Jeanette tinha se inclinado por detrás dele para encher seu copo. Ele aproveitou a oportunidade para olhar dentro do vestido convenientemente largo.

“Quando tiver acabado”, ela sussurrou, “me encontre no jardim onde nos conhecemos.”

Ela desapareceu. *Elusiva como uma borboleta*, Rob pensou, apanhando sua bebida e tomando-a por reflexo.

*Mesmo assim, por mais condenado que esse trabalho possa ser, a noite pode acabar sendo boa.*

Era a terceira dança deles.

De cotovelos interligados, Melodía e o duque Falk executavam os passos imponentes de uma *pavana*. Duas danças vívidas na sequência haviam precedido essa, um *galliard* e uma *vuelta*. Nesta última, Falk colocara as duas mãos ao redor da cintura dela e a erguera no alto como se ela fosse Montserrat. Aquilo a surpreendeu. Ele era um homem rude, com certeza, mas, com 1,76 metros, ela não era pequena, e sua estrutura delgada era bem musculosa.

O braço quebrado tinha sarado rápido. Pelo menos, ele não dava sinais de ainda sentir dor. As laterais e testa de Melodía pingavam de suor. Ela estava feliz por não ter vestido máscara. Rostos fantasiosos e caprichosos tinham se virado para assisti-los dançar. *Doña* Carlota ficou encostada na parede, irradiando sua desaprovação por trás da máscara negra. Melodía sabia que mais tarde ia escutar um monte por causa daquilo.

De modo incomum, as damas de espera dela ignoraram o enxame de pretendentes, a maioria puxa-sacos de Falk, que zumbiam ao redor como mosquitos. Em vez disso, ficaram de pé, observando e conversando de lado umas com as outras.

*Isso não é bom sinal, Melodía pensou. Mas deixa elas. Que todas chamusquem os olhos vendo-me dançar com o rival de Jaume!*

“Aqueles dois”, Falk falou, indicando com sua pesada cabeça, enquanto erguia um joelho e a ponta do pé estendido. “O unichifre e o tirano. Eles a encaram mais avidamente do que os demais. Eles te desejam?”

Ela riu. Deve ter soado um pouco selvagem. Ela o sentiu recolher-se levemente.

“Sim, mas não da forma que está pensando. E aquilo não é só um tirano. Vê? Vermelho e dourado? É um tirano imperial.”

“Como aquele morto pelo estimado progenitor de sua linhagem?”

*Ele sem dúvida fala como um alemán*, ela pensou. “É o que diz a história oficial. Embora eu duvide que tenha ocorrido algo assim.”

“Mas o Trono Dentado é feito do crânio dele.”

“Tenho certeza de que o Trono Dentado é na verdade feito de argamassa”, ela disse. “Seja como for, é no mínimo uma enorme gafe que qualquer um com exceção do imperador, seus guardas e sua família façam uso de dourado e escarlata. A família *imediata* dele. Aquele tirano arrogante não é outro senão meu primo, Gonzalo. Ele não deseja meu corpo jovem com cheiro de

canela, pelo menos até onde sei. Ele deseja me recrutar para os seus sórdidos esquemas para desacreditar meu pai.”

“E o outro?”

“O unichifre? É o irmão dele, Benedicto. Ele segue Gonzalo. Só isso. Não acho que seja estúpido, mas é lento, e isso o faz ter medo de que seja estúpido. Então, não pensa por conta própria.”

Ocorrera a ela perguntar o que diabo ele tinha a ver com aquilo. Falk não era só um relativo estranho, mas um inimigo recente do pai dela. Mas, de qualquer modo, ela nublou a verdade. Foi uma sensação boa.

*De qualquer maneira, se vou ocupar meu lugar na política algum dia, ao menos como sucessora do meu pai em Los Almendros, tenho de aceitar que o inimigo de ontem pode se tornar o aliado próximo de hoje.* E uma voz traquinas na mente dela perguntou: *Quão próximo?*

O *pavane* acabou. Após uma pausa para permitir que os casais dançarinos se recompusessem, a banda começou outra *gallarda*. Mais uma vez, Melodía viu-se rosto com rosto – ou rosto com peito – com o nortenho. Era preciso certa proficiência para evitar bicar Melodía com o bico da máscara – os servos à direita correram para desembaraçar um matador cujas pregas tinham prendido nos espinhos do babado de um unichifre. Falk lidou com a tarefa com o aprumo com que parecia lidar com qualquer coisa física.

*Incluindo eu*, ela pensou, enquanto ele a agarrava novamente e erguia sem esforço no ar. Ela sentiu-se respondendo à proximidade dele, sua força, seu cheiro. A inebriante *masculinidade* dele.

O amor que fizera com Jaume tinha sido maravilhoso como sempre, apesar da briga que o seguiu. Mas, após tanto tempo, ele tinha apenas despertado o apetite dela. O esforço necessário para impedir-se de responder as cartas diárias de Jaume – por princípio – a deixou ainda mais faminta.

Mais uma vez: erguer, rodar, abaixar. Os seios dela tocaram o peito dele. Os músculos compactos dele eram diferentes dos delgados de Jaume. Um arrepio correu da barriga dela à virilha.

Ela olhou para cima. Os olhos dele queimavam como duas lamparinas por detrás da máscara. *Ele me quer*, ela pensou. *E o que devo a Jaume? Não temos pacto de exclusividade. Além disso, ele me deixou por uma missão que implorei que não aceitasse.*

Os lábios dela se abriram.

O ombro de alguém a cutucou por trás. “Perdão, sua Graça!”, uma voz masculina gaguejou.

Melodía virou para ver uma figura alta e magricela, vestindo uma tanga de couro cravejada, corpo pintado e purpurina. Os olhos brilhavam brancos dentro de uma terrível boca falsa.

“Oh, Alteza! Dez mil perdões!”

Tardiamente, Melodía reconheceu um magnata local, um grande parceiro dos jogos de Heriberto. Ocasionalmente, eles atraíam o pai dela para uma noite de cartas, embora Felipe tivesse pouco apetite por jogos. Ela não sabia o nome dele.

A dança terminou. O momento terminou. Com um último sorriso mirrado, Melodía afastou-se de Falk e perdeu-se rapidamente em meio à multidão.

“Alteza.”

Subindo correndo as escadas para os apartamentos imperiais, Melodía parou e se virou. O coração dela acelerou. Não era de antecipação.

O corpanzil do duque Falk bloqueava a passagem estreita atrás dela. Melodía sentiu raiva e um toque de apreensão. Por mais que ele fosse um convidado honorável ou até mesmo amigo do pai dela, não devia estar ali.

“Sua Graça, você se perdeu?”, ela falou altiva.

Ele havia descartado a máscara heráldica. À luz das velas, os cabelos negros dele estavam despenteados. As bochechas coradas. Ele exalava um odor forte de vinho.

“Eu a encontrei”, ele disse, “então, estou no caminho certo.”

Ela tentou congelá-lo com uma encarada. Quando ele não congelou, ela hesitou, incerta de como proceder. Perguntou-se como pôde tê-lo achado atraente antes. Agora, ele parecia grosseiro como uma fera de carga, bêbado e suando nas escadas.

Apesar do tamanho dele e das condições, continuava sendo rápido. De repente, estava ao lado dela, na estreita passagem. Seu corpo pressionou o dela contra a parede de pedra gelada. A proximidade não a excitou como fizera antes.

*Isso não pode ser real*, ela pensou. Estava com medo. Queria passar por baixo do braço dele e subir correndo os degraus. Sabia que era o que devia fazer.

*Mas sou a princesa imperial e herdeira do ducado por direito. Sou uma Delgao. Não é certo fugir de tipos como ele dentro de meu próprio lar!*

“Não fuja tão rápida, Alteza”, ele encostou a mão na parede sobre o ombro dela, como se estivesse se apoiando.

“Não estou fugindo. Vou para meus aposentos privados, sua Graça. Boa noite.”

“Você quer ficar na verdade”, ele disse, aproximando-se mais. “Você me quer. Não minta.”

Ela se esquivou dele. Não podia mais fingir que descrença ou ultraje a tirariam daquela, então, correu.

Ele a apanhou pelo braço. Ela tentou se libertar, desejando ter ignorado as exigências de sua *dueña* e portado um punhal naquela noite – uma prerrogativa de uma nobre tanto quanto de qualquer homem. Ela abriu a boca para gritar para os Tiranos Escarlates, sabendo que eles não poderiam escutá-la.

“Minha dama.”

As palavras, numa voz feminina com uma insinuação de sotaque, soaram suaves e diferentes. Contudo, nas escadarias estreitas, ecoaram forte. A mão de Falk soltou o braço de Melodía como se a pele dela estivesse pelando.

Ambos olharam escadaria abaixo. A criada de Melodía, Pilar, estava abaixo, trajando uma blusa branca folgada e uma saia verde de veludo.

O rosto de Falk escureceu. O peito inchou como se fosse um dinossauro puxando fôlego para bramar de raiva.

Ele se esvaziou. Os ombros maciços cederam. Deu um passo para trás na curva da parede. Sorrindo, olhos timidamente baixos, Pilar passou por ele num trote. Melodía ficou esperando, o coração acelerado. Quando Pilar alcançou o degrau abaixo do dela, Melodía virou-se e marchou escadaria acima, seguida pela criada.

Uma onda cálida de gratidão substituiu o medo de Melodía. *Eu subestimei gravemente esta mulher*, pensou.

Rob a encontrou sentada num banco de pedra. Velas postas em lanternas de pedra lançavam uma luz tênue. Mariposas flutuavam ao redor delas, sem alados para afligi-las agora.

“Achei que jamais viria”, Jeanette disse com naturalidade. Levantando-se, ela alcançou atrás dos ombros para fazer algo com o vestido. Ele caiu imediatamente.

Ela estava nua por baixo.

Rob sentiu as sobrancelhas levantarem.

“E quanto a minha reputação?”, ele começou a dizer, mas ela o agarrou pelo pescoço, atrelou-se a ele e abafou sua boca com a dela.

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 30 –

**Bella, Belle, Lady Li** – Condessa dos Criadores: Li ☲ (Fogo)

– *A Filha do Meio. Representa a Beleza (e o inevitável minguar dela), as artes, verdade, luxúria, paixão e obsessão, tempo e fogo. E também gatos. Conhecida pela paixão. Aspecto: uma bela jovem ruiva, num vestido laranja enfeitado com flores brancas, segurando uma chama na palma direita e um espelho com uma barra transversal na mão esquerda. Animal sagrado: gato (retratado num tom laranja malhado). Cores: vermelho e laranja. Símbolo: Espelho da Beleza (um círculo em uma alça com uma travessa).*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

O jovem don Xurxo de Viseu preparou a lança e enterrou as esporas prateadas nos flancos verde e dourado de sua sacabuxa. Jogando a longa cabeça com crista para cima, o dinossauro ficou de quatro e saiu galopando na direção do matador que aguardava na extremidade da clareira, de cabeça baixa e pingando saliva das presas. Os cavaleiros e nobres que assistiam aplaudiram vigorosamente.

Era tudo bastante belo: a linda exibição de Montanha Azul, Estrela de Ferro e seus cavaleiros; a flâmula verde e dourada de Viseu tremulando na ponta de sua lança; a luz da manhã enviesada através dos ramos vermelhos de altas coníferas, salpicando sua armadura e o couro granulado da montaria conforme os poderosos músculos se moviam para frente e para trás; o cheiro bolorento dos monstros tornado picante pelos pinheiros; as passadas de uma fera de três toneladas disfarçadas pelos distantes tambores de guerra ao longo do carpete marrom acinzentado de folhas caídas; o grunhido sísmico do sacabuxa ritmado às passadas; o corpo longo e sinuoso do matador, marrom com listras pretas, fazendo sombra sob a barriga amarelada.

Sentado em Camellia, Jaume sentiu sua sobrancelha enrugada de desânimo. Ele próprio havia decretado aquela caçada, contudo, falhara novamente em levar em consideração a valentia dos nobres de sangue forte e cérebro fraco que estavam sob seu comando nominal.

“Isso não é bom”, ele disse ao seu quarteto de Companheiros montado em dinossauros.

“Não!”

Rob bateu o cabo de madeira do machado entre os galhos de árvores que os dois recrutas usavam para atacar um ao outro. Alguns outros observavam de pé ou sentados em volta deles no prado de flores selvagens, assistindo.

Pelo menos ninguém parecia entediado pelo espetáculo. Alguns entretenimentos possuem apelo universal.

“O objetivo é impedir que seu oponente o acerte e, então, tentar acertá-lo”, Rob disse. “Não ficar aí que nem dois idiotas espancando a testa um do outro até virar pudim.”

Os combatentes recuaram. Eles estavam nus, exceto pelas tangas molhadas de suor. Um limpou com as costas da mão o sangue e transpiração que traçara uma rede em sua fronte.

“Isso estava virando uma provação”, ele admitiu. “Machucou.”

Rob estapeou a própria testa. *Você acha que é uma provação*, pensou.

Como eles, vestia apenas uma tanga de linho simples. Pelo menos ela tinha *começado* o dia limpa, o que era mais do que ele podia dizer das roupas daqueles homens.

Eles teriam uma surpresa assim que Karyl começasse a pegar pesado sobre a higiene do acampamento, como Rob sabia que ele logo faria. Rob tendia a atribuir a postura frouxa deles em relação a limpeza como tendo menos a ver com o fato de serem seguidores da seita Vida por Vir, a qual ninguém que ele conhecia em Providence parecia a favor, e mais com serem completos idiotas.

“Uma boa surra é o que você merece, Dion”, disse o segundo aprendiz, Fredot, que estava levando a melhor. Nenhuma surpresa; ele era três dedos mais alto e uns bons doze anos mais jovem. “Dizer que aqueles poemas do afetado do Erasto são melhores que os de Felix. Bah! Erasto não reconheceria um octâmetro decente nem se o acertasse no meio da...”

“Chega!”, Rob berrou. “Isso aqui não é luta de *verdade*, seus imbecis, é só treinamento. Se estivéssemos numa batalha de verdade, os dois estariam caídos com a cabeça aberta e os excrementos que há dentro delas vazando para alimentar as margaridas. Então, deixem as disputas literárias em casa com suas batas limpas... vocês *têm* batas limpas, não? E se concentrem no maldito negócio que estamos fazendo.”

Quando ele e Karyl retornaram à fazenda no meio da manhã, a encontraram livre do entulho e do lixo e varrida. Ainda não estava em perfeito estado, mas Lucas e quem quer que ele tivesse coagido a ajudá-lo haviam feito um trabalho surpreendentemente

bom durante a noite, ao ponto de fazer Karyl mover a cabeça em aprovação.

Teria sido o equivalente a um homem normal dar uma pirueta. Lucas reagiu como um filhotinho afoito, exceto pela parte de se mijar.

Karyl tinha motivo para estar de bom humor, apesar de uma noite difícil, na qual seus gritos acordaram Rob em seu quarto do outro lado do corredor. Ele já estava sozinho. Nas primeiras horas da manhã, quando ele e Jeanette tinham gastado as energias da forma mais deliciosa possível, ela beijara o nariz dele e partira.

Os dois homens tomaram um esplêndido desjejum de frutas e queijo local. Rob só sentiu a ausência de café ou mesmo chá. Não por causa do custo, especialmente deste último, mas porque algum membro do Conselho não aprovava bebidas estimulantes. Rob, claro, suspeitava que isso era coisa daquela dragonesa raquítica, Violette.

Dali, Rob e Karyl foram visitar o arsenal de Providence, onde o velho vigia mostrou-lhes um tesouro de armas em excelente estado. O que chamou a atenção, principalmente aos olhos taciturnos de Karyl, foi o espetáculo de toda uma câmara subterrânea repleta de arcos, dos pequenos e portáteis, até monstruosidades que, se ganhassem rodas, poderiam ser chamadas de balistas.

As armas pareciam bem superiores ao que Karyl esperava. Rob sem dúvida nunca vira o homem demonstrar tanto deleite.

Com a aproximação do meio-dia, chegava também a tutoria especial na prática de espadas que Karyl prometera a Lucas. O sol brilhava alto e quente, apesar das nuvens quase perpétuas. Rob tirou com uma concha um grande gole de água de um balde e esvaziou sobre a cabeça o que não bebeu. Ele virou-se para observar Karyl supervisionar a prática de bastão, cuja intenção era preparar os recrutas mais gentis para lidar com o combate. Emeric ajudava. Ele parecia capaz de tanto, contudo. Mesmo do

outro lado do campo, Rob podia ver os fazendeiros e homens da cidade fazerem caretas e contraírem os ombros sempre que os bastões chegavam perto deles.

Karyl vestia apenas sandálias e um saiote preto. O suor fazia o torso definido brilhar, decorado por longas cicatrizes brancas e pontilhado por perfurações rosadas. Com o modo constante com que movia a cabeça e o olhar intenso, ele se parecia com um alado empoleirado no pináculo de uma árvore morta por um raio, em busca da próxima presa.

O cabelo na moleira de Karyl estava amarrado, caindo sobre os cabelos soltos da parte de trás em dois curiosos rabos de cavalo. O estilo incomum conferia um visual exótico a ele, emprestando crédito às baladas que diziam que a mãe dele havia sido princesa de uma tribo selvagem de arqueiros montados de Ovdan.

Deixando os dois alunos zelosos, ainda que inaptos, recuperarem o fôlego, Rob lembrou-se do resto da lenda. Um matador atacou uma caravana nas terras no interior da Marcha da Neblina, matou os servos, a mãe de Karyl e seu irmão diante dos olhos do jovem. Então, as mandíbulas de um metro de comprimento voltaram-se para Karyl, congelado de medo, sem nem ter completado seis anos ainda, pingando uma mistura macabra de saliva e sangue de seus entes queridos sobre a estrada, chegando mais e mais perto do rosto dele.

As canções, claro, se atinham mais aos aspectos sangrentos e pavorosos. Bardos sabiam o que seus clientes gostavam de escutar.

Um instante antes de o alossauro arrancar o rosto de Karyl, uma patrulha de arqueiros montados chegou e pôs o monstro para correr com uma chuva de flechas. De modo irracional, o pai de Karyl sempre culpou o garoto pelas mortes de sua amada condessa e seu herdeiro. Voyvod Vlad nunca perdoou o filho por ter sobrevivido.

*Não admira que o homem ainda tenha pesadelos*, Rob pensou. Mas algo *além* daquela provação quando criança devia motivar os gritos. Pessoas bem mais fracas que Karyl Bogomirskiy passaram por coisa bem pior, sem sofrerem, décadas após o fato, com noites selvagens como aquelas. Rob forçou sua atenção de volta ao serviço.

“Tudo bem”, disse, sorrindo perverso. “Vocês dois, podem sentar. Quem são os próximos? É melhor *alguém* se voluntariar ou a ponta da minha bota vai escolher por vocês.”

Ele estava começando a gostar daquilo. Desde criança suportara não só descortesia, mas tragédia nas mãos dos nascidos nobres. Agora, podia derramar uma vida de fúria e frustração nos seus alunos e chamar aquilo de *motivação*.

Os dois lutadores largaram imediatamente os galhos e correram para o córrego do outro lado do campo, onde beberam e esparramaram água como filhotes de unichifre. Um par de aprendizes da cidade se levantou de olhos arregalados e, vacilante, se adiantou para substituí-los.

“Ah, vítimas”, Rob disse. “Dianteira e centro, agora. Vamos, mais rápido, essa é a forma de fazer. Para o bem de vocês, espero que mostrem mais vontade que os últimos dois. Ou quem sabe possa deixá-los mais espertos com a pequena Wanda aqui”, ele estapeou a cabeça do machado, que estava guardado num coldre de couro de unichifre, enegrecido pelo uso, com rebites de latão manchados.

Não exatamente *tremendo*, os jovens apanharam as varetas na grama úmida. Começaram de imediato a dança da velha e boa hesitação – dois passos para frente, um para trás – comum a lutadores experientes em todos os lugares.

Rob estava puxando fôlego para dar mais um discurso motivacional, quando uma voz gritou do flanco da casa da fazenda: “Alerta! Alerta! Homens armados se aproximam pela Estrada!”

Jaume sabia que não era surpresa que eles tivessem sido encontrados pelo matador. O Ejército Corregir era um banquete ambulante para carnívoros. Piquetes e tropeiros irritados tinham matado dúzias de raptos, horrores do tamanho de homens e incômodos do tamanho de cachorros que diariamente seguiam seus rastros ou armavam emboscadas. As matilhas de caçadores ainda conseguiam deixar suas marcas em cavalos ou narizes de chifres, e casualmente arrastar um deles. A cada dois dias eles também apanhavam um batedor ou algum seguidor do acampamento. Aquela era a vida nas estradas de Nuevaropa: as manadas eram como moscas, elas tinham de ser afastadas ou mortas se possível; do contrário, perduravam.

Mas o jovem alossauro macho era uma ameaça bem mais séria. Ele perseguira a grande procissão durante vários dias enquanto ela trilhava o trabalhoso caminho até Meseta, no condado Mariposa, próximo a Terraroja. As matas ali eram mais altas e espaçadas do que nas regiões costeiras mais úmidas. As samambaias e carvalhos anões que cresciam entre as árvores pareciam pequenos demais para ocultar um homem, muito menos os dez metros de um comedor de carne, mas a furtividade do matador era notória.

Tendo encontrado o exército, o monstro nunca o abandonaria voluntariamente.

De início, ele se contentara em apanhar os mais jovens e fracos do grande rebanho de gorduchos que o exército levava junto consigo para se alimentar. Até mesmo os guardas temiam desafiá-lo. Então, o inevitável aconteceu. A filha de sete anos de um vivandeiro perseguia uma borboleta de trinta centímetros, de asas roxas e amarelas, por uma campina, na direção de uma muda nova.

E o monstro se levantou por detrás das ervas daninhas, que várias testemunhas abaladas juraram que não seriam capazes

de esconder um cachorro, e avançou.

A ponta da lança do cavaleiro galego mirou o peito amarelo do matador. O alossauro disparou para a sua direita, atacando com velocidade venenosa.

Dentes se fecharam na armadura de aço. Jaume estremeceu quando vários irromperam em estalidos altos. O berro como o de uma trombeta de um sacabuxa aterrorizado abafou os sons. O veloz ataque da criatura tinha superado o vigoroso treinamento para minar o medo instintivo que os bicos de pato tinham dos devoradores de carne.

Mas o som não bastou para superar os gritos do jovem cavaleiro quando o alossauro o apanhou pela lateral.

O sacabuxa em pânico correu para as matas, mergulhando em árvores de trinta metros de altura, rachando seus troncos. O matador empinou e arremessou mor Xurxo para o céu. Quando ele tornou a cair, completamente moído, o monstro apanhou seu capacete com a boca.

Mandíbulas se fecharam com uma dentada terrível. Os gritos pararam. O matador moveu a cabeça lateralmente. O corpo de Xurxo se destacou. Com um jorro de sangue do toco do pescoço, ele rodopiou por vinte metros até bater numa árvore com o som igual ao de um barril de talheres caindo sobre pedras.

Com a cabeça ainda para trás, o matador mordeu novamente. O metal amarrotou. Sucos escuros espirraram das laterais da boca. Ele engoliu. Então, voltando seu olhar assassino para os espectadores em choque, rugiu em triunfo.

Os nobres assistiam em horrível silêncio, sentados em seus bicos de pato de guerra.

“E o monstro pergunta quem é o próximo”, Florian disse, à esquerda de Jaume.

À direita de Jaume, Manfredo deu uma olhadela repressora no francês. Mas Florian não se reprimiu.

“Ah, bem”, ele prosseguiu, dando de ombros, “pelo menos o rapaz pagou pelo pobre e velho Azufre.”

Jaume sentiu o pulso de Camellia disparar pelas coxas apertadas contra os flancos cor de creme dela. Ela estava com medo do monstro, mas também ansiosa. Sabia que até devoradores de carne destemidos o suficiente para acabar com a raça dela podiam ser mortos. Ela o ajudaria a fazê-lo.

Ele virou-se na sela e chamou seu escudeiro, que correu por trás dos quatro cavaleiros para lhe entregar a lança.

“Você não pode estar falando sério”, Manfredo disse. “Logo a infantaria dos Nodossauros estará aqui. Deixe que ela faça seu trabalho, homem.”

Jaume aceitou a lança com um aceno de cabeça e um sorriso confiante. Pela forma que Bartomeu estava pálido e pelas lágrimas que vertiam de seus olhos, ele não estava nada confiante.

“Tenho que fazer isto, meu amigo”, Jaume falou para Manfredo. “Você sabe por quê.”

Ele testou a empunhadura da lança. Ela lhe pareceu pouco familiar; ele caçara pouco, exceto por cavaleiros miseráveis. E aquilo requeria uma lança.

A lança para matar monstros possuía quatro metros de comprimento. A cabeça dela tinha a forma de uma espada, mas se alargava na parte de trás em duas asas curvadas para frente, afiadas como navalhas, para abrir feridas largas. Diferente da lança de caça, não tinha peça transversal; uma vez que ela era mergulhada fundo, o cavaleiro tinha de largá-la.

“Você não pode!”, Dieter berrou, seu rosto roxo por sobre a túnica branca de Companheiro. Como seu capitão e diferente dos outros caçadores nobres, os quatro não vestiam armadura. Eles compreendiam o que o pobre mor Xurxo, agora supostamente esperando sua próxima vez na Roda Cósmica, aprendera com a

experiência de hoje: ainda que o mais poderoso carnívoro não conseguisse morder através da blindagem, a armadura não oferecia muita proteção. Não valia a pena o estorvo, nem muito menos cozinhar em meio ao calor de meados da primavera.

“Ele vai matar você!”, o alemão bradou.

Jaume sorriu. “Se matar, será uma bela morte.”

“A do galego não foi!”

Jaume prendeu a lança entre o cotovelo e as costelas e cutucou Camellia para descer o declive, mantendo-a num trote com os joelhos. Como qualquer montador de verdade, ele não precisava de esporas. E nem torturaria sua amiga com elas.

“Mas só há um de você!”, Dieter gritou para ele. Com o entusiasmo, seu sotaque nortenho deformou seriamente seu francês.

Seu companheiro alemão, Machtigern, apoiou o cabo de aço de seu machado de guerra sobre o ombro.

“Só há um alossauro”, ele falou.

# OS SENHORES DINOSAUROS



– 31 –

**Volador Crestado, Alado de Crista** – Pteranodon longiceps.

*Um pterossauro grande, sem cauda, de bico sem dentes e uma crista longa e ossuda; 1,8 metro de comprimento, 6 metros de envergadura, 16 quilos. Piscívoro.*

*Distinto lixeiro de naus e portos.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

“Que foi que eu *fiz*?”

Falk virou-se e bateu o punho nu contra a madeira frágil do píer abandonado. O alado jovem, do tamanho de um poodle, que espiava por cima dele desdobrou parcialmente as asas e crocitou em reclamação.

“Isso fará muito bem, sua Graça”, disse o companheiro com cara de duende dele. “Agora que seu braço sarou, por que não quebrar a mão da espada para mostrar maturidade?”

Ele arremessou outra das pedras achatadas que cobriam aquela faixa impopular de praia, a oeste da terra que abrigava o

Palácio dos Vaga-lumes. Ela quicou uma vez, antes de desaparecer dentro da água cinza, que mal podia ser distinguida do céu cinza.

O dia combinava com o humor de Falk.

“Sugere que eu deixei Jaume quebrar meu braço”, ele falou taciturno. Acima da cabeça deles, cobras do mar cinzentas e brancas espiralavam, como se pegas por um tufão, disputando ruidosamente com os alados os direitos de caça.

“Sim”, respondeu Bergdahl. “E espalhei os rumores de que o golpe foi desleal. Fiz pelo mesmo motivo que obtive um serviço no palácio por meio da chantagem. E sabe qual foi?”

“Qual?”

Outra pedra. Esta desapareceu sem quicar e sem espirrar água.

“Nosso *plano*”, falou Bergdahl. “Meu e da sua mãe. Seu também, se você se desse ao trabalho de lembrá-lo.”

O vento mudou de direção. Um fedor atingiu Falk, um que lacrimejou seus olhos e bambeou os joelhos. Menos de um quarto de quilômetro a oeste dali, o sistema de esgotos combinado de La Merced, do Palácio e da grande base dos Dragões do Mar do lado leste desaguava no Canal, bem abaixo da superfície. As pequenas criaturas que salpicavam o local digeriam rapidamente os despejos, tornando-a uma das águas mais ricas em pesca do Canal. Mas nem mesmo os pescadores mais pobres conseguiam tolerar o fedor.

“Você pode ter escutado rumores do perigo de que os Anjos Cinza possam ter reparado naqueles hereges promíscuos de Providence e, a qualquer instante, possam liberar um dos seus temidos cruzados para purgar a Cabeça do Tirano do pecado, de um modo que não o fazem há séculos.”

Falk estava interessado em pouca coisa além da própria miséria. Sua cabeça pulsava como o rufo de um tambor. O estômago já estava revirado antes mesmo de o vento mudar de direção.

Bergdahl mostrou os dentes marrons tortos em satisfação.

“Também é obra minha. O plano continua, meu senhor.”

Falk engoliu orgulho e bile. “Se eu não o desfiz. E a nós.”

“Pare de chafurdar em autopiedade que nem um gorducho na merda. Se a vagabunda tivesse falado com o pai, seus Tiranos Escarlates já teriam levado você até ele acorrentado horas atrás.”

Falk olhou para ele. Sentiu algo como esperança acender dentro de si. E ela rapidamente se extinguiu. Ele sabia como a esperança era *traíçoeira*. Aprendera desde criança, com muita frequência.

“Você realmente acha isso?”, não conseguiu evitar a pergunta.

“É provável. Eu o encontrei prontamente nesse buraco de ratos na frente da orla. Você não é exatamente imperceptível com todo esse tamanho, olhos azuis e roupa colorida. Além disso, está fedendo, meu senhor. Vindo de mim, isso é quase um elogio. Não é um feito para alguém da sua posição.”

“Talvez você devesse se lembrar da sua!”, Falk rosou. Então, se arrependeu. A sensação foi como se tivesse golpeado a si próprio nas têmporas com um par de martelos de ferreiro.

“Oh, mas eu me lembro, meu senhor. E você?”

Falk desviou o olhar, para as águas irrequietas.

“Mas você ainda não está seguro”, Bergdahl prosseguiu. “A vagabunda contará a suas amiguinhas. As fofocas na Corte não acabarão com você tão rapidamente quanto irritar o imperador o faria, mas certamente podem miná-lo. Você *quer* ter sofrido um braço quebrado por nada?”

“Não”, Falk respondeu, todo amuado. “Então o que posso fazer?”

“Confiar na astúcia do seu sábio servo, claro. Que, felizmente, existe em abundância.”

“Assim como seu descaramento”, Falk grunhiu.

“Que também serve a sua Graça, por mais que irrite o seu traseiro.”

Falk levantou a cabeça. Foi preciso esforço para deixá-la reta. Os sons de criaturas aladas, com penas e sem, eram como agulhas enfiadas em seu cérebro.

“Escute”, Bergdahl disse, adotando o tom de voz de um palestrante. “Eu me esforcei muito para descobrir. Então, agora é a sua vez, independente do quanto sua cabeça esteja doendo por causa da própria tolice. Felipe é um cara certinho e isso é fato. Ele não bebe nada mais forte do que cerveja ou vinho, e nunca em excesso. Não tem interesse em ervas que lhe tragam bem estar ou sonhos agradáveis. Ele é praticamente celibatário desde que a vaca da esposa morreu dando à luz outra filha inútil. Ele tem uma cortesã de luxo que o visita discretamente uma vez por semana.”

Aquilo chamou o interesse de Falk. Ele não era estúpido. Sabia muito bem daquilo. Independentemente do que sua mãe dizia. E, por algum motivo, sempre se viu na necessidade desesperada de mostrar o fato diante daquela... criatura.

“E quanto a ela?”, perguntou ansioso. “Ela nos oferece alguma abordagem?”

Bergdahl balançou a cabeça. “Nem um mínimo. Os espiões de Mondragón a observam como devastadores espreitando um raspador num quintal. Não, a verdade é que nosso adorado imperador não possui vícios úteis.”

“Nenhum? E quanto ao amor dele por conforto?”

Bergdahl cacarejou. “Mesmo na Alemanha, sua Graça, o amor por comida e comodidade dificilmente ascende ao nível de *vício*. A não ser que alguém o leve bem acima do que Felipe faz. Não, se quisermos fraquezas, temos de olhar para a família dele. Afinal ele possui duas filhas e gosta de ambas. Quando se recorda que elas existem. E a caçula, a loirinha que parece um moleque de rua, é famosa pelo despeito que tem com a própria segurança.”

“Não! Manteremos nossas mãos longe de Montserrat. Não consigo imaginar nada enfurecendo mais Felipe do que tentar

atingi-lo usando-a.”

De forma quase afável, Bergdahl se esticou para alisar a barba desgrenhada de Falk. “Eu sei disso. Estava apenas testando-o. E, desta vez, você passou.”

Falk fez uma careta e puxou a cabeça. Libertar o rosto dos dedos de Bergdahl era quase como quebrar a lealdade.

“Mas, se ampliarmos o círculo familiar dele”, Bergdahl prosseguiu, “veremos uma promessa definitiva. Felipe não está tão bem na própria Torre. Alguns parentes o chamam pelas costas de “aquele bastardo de um Ramírez”, mesmo aqui, em La Merced. Outros...”

“Outros temem que esse rebuliço de problemas que está causando dentro do Império diminuirá o poder dos Delgao sobre o Trono Dentado”, Falk falou, na verdade maquinando para soar entediado e sentindo-se indecentemente orgulhoso do fato. “Eles até têm aliados dentro da Torre Ramírez, que temem que se Felipe der um chute na carroça imperial, as maçãs da Spaña também virem. Não precisa arregalar os olhos pra mim que nem um caranguejo, Bergdahl. Também tenho olhos e ouvidos.

Bergdahl recolheu a cabeça e premeu os olhos, que estavam mesmo escancarados. Então, soltou uma gargalhada que fez sua barriga sacudir vigorosamente contra a malha de couro de seu torso. Aquilo assustou o alado de crista, que abriu as asas e saiu batendo asas sobre o Canal.

Ele não tinha voado mais de cem metros mar adentro quando a cabeça de um monstro do mar disparou de dentro das ondas e o abocanhou no ar. Bergdahl aplaudiu.

“Isso é raro! Isso é rico! Enfim você se mostrou.”

Falk sorriu. “Se você tivesse conseguido manter o pinto dentro da tanga, quem sabe o que poderia ter alcançado?”

O breve sentimento positivo fugiu. “Bem, não me culpe por dizer-lhe a verdade, sua Graça! É a garota. Aquela princesa vagabunda levou-o a isso. Não tem o senso de perceber? Ela quer que faça papel de tolo.”

Falk sentiu a testa franzir e as bochechas ficarem quentes de raiva. “Por que ela faria isso?”

“Quem sabe por que as putas fazem o que fazem? Os Criadores as colocaram aqui para torturar homens honestos e também todo o resto de nós. Vi como ela esfregava aquele traseiro redondo em você enquanto dançavam.”

As feições de Falk se acentuaram. Suas memórias da noite passada eram, na melhor das hipóteses, nebulosas. De algum modo, ele sentia que as palavras de Bergdahl o maculavam. *Com certeza ela não foi nada tímida ao se esfregar contra você, foi?*, uma voz sussurrou dentro da cabeça dele.

“De quem é a culpa?”, Bergdahl perguntou, aproximando seu rosto do de Falk. Diferente da maioria dos homens, ele podia olhar seu mestre nos olhos sem vacilar. “Olhe para si mesmo. *Cheire* a si mesmo, parado aqui, coberto de vômito e arrependimento. Você se aviltou completamente, se afundando em bebida para afogar o medo. E por quê?”

“A princesa...”, foi quase uma pergunta.

“A princesa. A pequena vagabundinha não tinha o direito de tratá-lo daquela maneira. Ela não entende que coisas assim têm um preço. Onde está seu orgulho do norte, sua Graça?”

“Meu orgulho?”, Falk grunhiu. Ele se endireitou um pouco.

“Ela tripudiou sobre você. O degradou. Não deveria ter de pagar por isso?”

Chamas de raiva se inflamaram dentro de Falk. Ele recebeu bem o ardor.

“Sim. Deveria. Não foi certo o que ela fez. E aquele noivo dela, o conde Jaume, é um grande lutador. Mas ele é um... amante de homens. Ela não deveria ter me tratado com desprezo por ser um homem de verdade.”

“Ah, mas ela deu as costas ao garoto bonito”, Bergdahl disse. “Como sem dúvida faz na cama. Você quase o venceu. O teria vencido, se não fosse pelo nosso plano. Mesmo assim, ela olha

para você como nada além de um brinquedinho. Vai ficar deitado e deixá-la tripudiar sobre seu orgulho?”

“Não.”

“Então faça como lhe digo, meu senhor”, Bergdahl concluiu, “e terá tudo o que deseja. Incluindo a princesa Melodía... e justiça!”

“Eu sou o *seigneur* Yannic.”

O primeiro visitante de Rob e Karyl era um homem alto, magro, de olhos pretos mordazes e cabelos castanhos, que pareciam ter sido cortados ao redor de uma tigela colocada sobre a cabeça dele. Ele vestia uma túnica longa e branca, de costuras vermelhas. Chegara sobre um grande caminhante marrom e amarelado.

“Estes são o *seigneur* Melchor e o *seigneur* Percil. Viemos assumir o comando do exército de Providence.”

Os companheiros de Yannic olharam com desdém para Rob e Karyl. Atrás dele, descansava uma dúzia de soldados a pé, trajando cotas de malha, portando escudos e arcos e que os escoltara até ali.

Os senhores da cidade tinham chegado à fazenda Séverin.

“Sinto muito, cavalheiros, mas então estão fadados ao desapontamento”, disse Karyl. “Em primeiro lugar, ainda não é um exército; em segundo, ainda estou no comando. Este é meu tenente, Rob Korrigan. Vocês e seus homens são bem-vindos a se voluntariar como simples soldados, se quiserem.”

Lembrando-se dos terrores da noite passada, Rob se perguntou o quanto da calma certa de Karyl era só exibição. Mas era uma exibição *convincente*, ele tinha de admitir. Talvez, quando Karyl se sentisse em seu elemento – como naquele momento, à frente de um bando armado, por mais heterogêneo que fosse – ele não precisasse fingir. Quem sabe seus medos e memórias só

viesses assombrá-lo quando não via inimigo ou crise para superar?

A boca pequena e de lábios finos de Yannic se enrugou até virar um esfíncter no rosto comprido e imperial. “Quê? Quê?”, berrou lorde Percil numa voz aguda e nasalada. Sua grande cabeça, com o cabelo preto encaracolado retrocedendo, ofuscava seu fiapo de corpo. As pernas pequenas ficavam presas em linha reta ao grande corcel preto quando ele cavalgava. “Que besteira é esta?”

“Nenhuma besteira”, Karyl respondeu. “Só a verdade.”

“Como pode ser? Nós somos nobres. Vocês são... vagabundos sem terra!”

“Vagabundos sem terra que receberam a tarefa de criar um exército do zero, meu senhor”, Rob respondeu. Ele decidiu que gostava menos daquele nobre do que dos demais. “Além disso, não são todos iguais em Providence?”

Percil ficou vermelho.

“Talvez haja algum equívoco”, falou Melchor. Seu chapéu marrom desleixado fazia sombra na barba marrom e traços roliços que se fundiam profundamente em vários queixos, no lugar de um pescoço. Seu corpulento marchador branco, embora bonito como aquelas criaturas costumavam ser, pareceu a Rob ser mais uma questão de praticidade do que as montarias dos outros senhores. O cabo da espada pendurada no cinto era simples, desgastado e sem adornos, assim como a bainha.

“Intolerável!”, Percil gaguejou.

“Ridículo”, Yannic gritou. “Nós estamos no comando aqui e vamos acabar com esta idiotice.”

“Não”, Karyl falou. “Vocês não estão.”

Seu tom continuou calmo, mas as palavras ainda assim estalaram. Yannic recuou como se Karyl tivesse ameaçado golpeá-lo.

“Por que desperdiçar fôlego com escória?”, ralhou Percil. “Podemos resolver isto facilmente. Homens...”

Rob riu. “Então vocês estão assim tão ansiosos para morrer?”

Percil congelou e não respondeu. Yannic falou: “Temos guardas. Quem vai nos ameaçar?”

Lucas deu um passo para o lado de Karyl. “Estamos ao lado do nosso capitão.”

*Esse sentimento está longe de ser unânime, tenho certeza,* Rob pensou, enquanto tentava soltar discretamente seu machado da bainha. Ele olhou ao redor. Para sua surpresa, vários outros homens tinham se adiantado até Karyl. O corredor das matas loiro, Emeric, trazia uma flecha preparada em seu arco curto, embora não apontada.

“Cuidado para não começar algo que não saberá como terminar”, Karyl falou.

“Ah, sábias palavras”, Melchor disse. “Talvez este homem seja um monge mendicante, como suas roupas humildes sugerem. De qualquer maneira, por que nos incomodar, meus amigos, quando podemos simplesmente voltar e resolver esta questão com o Conselho do Jardim?”

“Muito bem”, Yannic assentiu, sem descomprimir os lábios. Percil apenas fitou com um ar zangado, como um filhote vexer bravo.

Eles montaram e cavalgaram para longe. Uma vez que estavam a uma distância que não podia mais ser ouvida, começaram a discutir animadamente. Suas tropas de rostos de pedra deram a volta e marcharam atrás deles. Rob inclinou a cabeça na direção de Karyl. “O Conselho os escutará?”

“Provavelmente.”

“E se eles decidirem que esses nobres cretinos devem liderar a milícia?”

“Se realmente quisessem fazer isso, teriam feito. Mesmo assim, se o Conselho do Jardim entregar a eles o comando, voltarei feliz para a estrada.”

“Você desistiria da luta?”

“Não é minha luta.”

Ignorando o crepitar furioso de Rob, ele virou-se para Lucas, então para Emeric e os recrutas que os apoiaram.

“Obrigado. Agora voltem ao trabalho. Estamos ficando sem luz.”

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 32 –

**Terremoto** – Um chamado baixo demais para os humanos escutarem, empregado como arma por hadrossauros de crista como sacabuxas, morriões e alabardas. Pode causar pânico ou atordoar; um terremoto em massa, focado de modo apropriado, pode causar danos letais ao maior devorador de carne e matar um humano instantaneamente. Efetivo a trinta metros, quarenta metros em grupo. Arma favorita de longa distância dos cavaleiros de dinossauros de Nuevaropa, cuja armadura e treinamento ajudam a resistir aos seus efeitos. Como um hadrossauro leva vários minutos para se recuperar de lançar um terremoto, em geral só pode ser usado uma vez por batalha, para romper a formação do inimigo durante o ataque.

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

Uma onda caíra sobre os grandes que vigiavam.

Poucos nobres de Nuevaropa eram fisicamente covardes. Mas não houve nada de glorioso na morte de don Xurxo. Agora, com admiração declarada, eles assistiam a seu *condestable* descer a encosta na direção do monstro de mandíbulas sanguinolentas.

Bufando, o matador virou o rosto para Camellia. Farejando o devorador de carne, ela balançou a cabeça e gorjeou sua

consternação. Jaume sentia o coração dela pulsando acelerado dentro do peito. Como seus cavaleiros, hadrossauros de guerra podiam no máximo aprender a controlar seu medo de tais monstros e não suprimi-lo por completo.

Mas os bicos de pato tinham sua própria arma, além da considerável massa e força...

Jaume confiava que seus Companheiros restringiriam o uso da temível arma sônica. Um terremoto não poderia ser mirado com precisão suficiente para não acertar Jaume e sua montaria.

Ambos tinham sido treinados para suportarem o pânico, náusea e efeitos atordoantes dos sons ultraprofundos, mas nenhum treinamento protegeria Jaume, sem armadura, de explodir capilares ou de ter lesões nos pulmões. Ele só podia esperar que Montañazul e seus amigos não evocassem os chamados “terremotos” de suas montarias, por ignorância, negligência ou por algum motivo mais sombrio.

Jaume nunca saberia por que don Xurxo não utilizara o terremoto de sua sacabuxa contra o matador. Talvez ele não julgasse ser cavalheiresco. Jaume, murmurando encorajamento para sua adorada fera, suspeitava que o jovem cavaleiro galego tinha apenas se esquecido daquilo na sua investida cheia de fúria, medo e bravata.

O alossauro esperava trinta metros abaixo de um declive pouco fundo. Ele rugia – o berro em si uma arma para instilar terror. Mas era só um grito assustador; não tinha impacto além.

Jaume tocou Camellia com os joelhos. Ela espichou o pescoço e abriu o bico. Jaume escutou um ribombar estranho, como Paraíso tocando o fagote: a harmonia audível de um terremoto. Conforme as vibrações aumentavam, sentiu a pele arrepiar e a visão borrou nas beiradas. A dor esfaqueou seu crânio. Mas ele esperava aqueles efeitos e os aceitou, assim como aceitava a forma com que o cabo da espada feria sua mão quando a lâmina acertava algo sólido.

O matador recebeu o golpe completo. Ele recuou, aturdido pela surpresa, os olhos escarlates piscando velozmente. Camellia caiu de quatro e atacou. Jaume travou todo o corpo para firmar a lança. Mirou com cuidado. A ponta em forma de folha afundou direto no peito do monstro.

Ele aguentou o impacto entre o braço e a costela, permitindo que o galope de três toneladas de Camellia enfiasse a lança ainda mais fundo, o fio de aço abrindo uma ferida larga através da musculatura e atingindo os pulmões atrás.

O matador emitiu um berro asmático. Seu hálito golpeou Jaume como vapor de um respiradouro vulcânico, mas cheirando a carniça em vez de enxofre. O som ameaçou explodir seus tímpanos.

O devorador de carne deu uma guinada rápida para a direita. O movimento foi tardio demais para escapar da estocada mortal, mas impediu que Camellia, bem mais corpulenta, o derrubasse. O cabo robusto partiu na mão de Jaume.

O monstro propeliu a cabeça para abocanhar o rosto de Jaume. Ele se inclinou para frente na sela, deixando as mandíbulas fecharem no vazio. Então, Jaume e Camellia tinham passado, atravessando arbustos que chicotearam as pernas nuas de Jaume.

Jaume cavalgou entre os troncos espaçados para aumentar a distância de seu oponente. Então, sacou a Dama do Espelho do talabarte pendurado sobre o ombro e conduziu Camellia de volta ao matador.

O matador tinha virado e parado, com uma espuma rosada pingando das narinas e correndo pela mandíbula inferior. Ele começou a investir, ganhando velocidade.

Jaume tocou Camellia para voltar ao ataque. Ela estava assustada, mas obedeceu, mergulhando para frente, impulsionada pelos maciços membros traseiros, enquanto mantinha os dianteiros encolhidos contra o peito.

Os monstros colidiram, peito contra peito, com um impacto colossal. O matador berrou de agonia quando o peso de Camellia empurrou o toco de lança ainda mais fundo no peito. Ele tentou abocanhar o rosto de Camellia. Ela balançou a cabeça com um grito capaz de quebrar vidro. Jogou o peso sobre o predador e o obrigou a rodar para o lado.

Mesmo com o sangue escorrendo da boca e do nariz, o matador estava longe de acabado. Apoiado pela fúria, ele rolou imediatamente de barriga para baixo e começou a se levantar.

Jaume saltou da sela. Assim que tocou os pés sobre o carpete de folhas caídas, segurou a espada com ambas as mãos.

A cabeça do matador atacou. A Dama cortou para baixo, acertando o monstro na parte de trás do pescoço, entre as vértebras, cortando a medula espinhal.

O corpo da criatura convulsionou por conta do último impulso transmitido pelo cérebro furioso. A cauda chicoteou. Ela acertou Jaume na lateral direita, envolvendo-o, e o ergueu no ar. De algum modo, ele conseguiu segurar o cabo da Dama e lacerou seu caminho para libertar-se do abraço mortal.

Jaume caiu sobre o tronco de uma árvore. Um choque branco aturdiu todo seu corpo ao sentir as costelas racharem. Ele rolou para a vegetação rasteira.

Ficou de costas, joelhos para o alto, respirando com dificuldade. Parecia estar inalando fogo. Não tinha como saber se a sua coluna estava quebrada, mas sabia que ia doer assim que o torpor passasse. Escutou os últimos espasmos fracos do matador e, então, um grito de Bernat com seu sotaque francês catalão.

“Ele está aqui!”

“Não o mova!”, respondeu um rugido profundo que parecia rivalizar com o do dinossauro.

Homens se ajoelharam sobre Jaume. Rostos preocupados espiavam sob auréolas de luz de sol, formadas através dos

cabelos. Então, se afastaram quando o gigante Timaeos jogou os Companheiros para o lado como bonecos.

Timaeos era o curandeiro da Ordem. Suas mãos eram gentis, porém profissionalmente vívidas enquanto examinavam o capitão-general caído. O queixo barbado ruivo afundou no peito dele, a testa grande se contraiu concentrada. Após alguns momentos, Timaeos assentiu com a cabeça.

“A coluna não está quebrada”, disse aos colegas Companheiros. Eles mostravam tão pouco ressentimento por terem sido empurrados por ele quanto ele mostrava por tê-los empurrado. Quando ele se lançava a uma tarefa, os Criadores o ajudavam e a quem quer que estivesse no seu caminho. “A perna também não está. Façam uma maca.”

“Não... é necessário”, Jaume disse. Falar foi como se tivesse cacos de vidro em seu peito. “Ajude-me, por favor.”

“Você está ferido?”, Bartomeu perguntou, os olhos e bochechas vermelhos.

“Sim. Sabe como sempre disse a vocês que não há apreciação do prazer sem dor? Bom, parece uma idiotice e tanto agora.”

Bartomeu estava sem expressão. Os doze Companheiros reunidos em volta dele agora riam, talvez de forma um pouco mais barulhenta do que a brincadeira pedia.

Jaume ouviu uma fungada alta. Um hálito quente cheirando a verdura derramou-se sobre ele. Um bico largo e redondo aninhou-se em seu queixo.

Ele riu e, em troca, coçou carinhosamente o focinho de Camellia.

“Vou viver, garota. Como está ela?”

“B-bem”, Bartomeu respondeu.

Segurando Jaume pelo braço direito e ombro esquerdo, Timaeos o pôs de pé sem esforço. Aquilo doeu muito, mas Jaume não era estranho a dor. Ele podia suportá-la.

“Cuidado com as costelas do lado esquerdo”, Timaeos falou. Enquanto Florian pendurava o braço direito de Jaume sobre o

próprio pescoço, Timaeos enfaixou a parte superior do braço direito do ferido. Ele estabilizou Jaume, enquanto Florian suportava tanto peso dele quanto fosse necessário.

Alguns passos vacilantes e um joelho inchado dissuadiram Jaume da intenção de livrar-se do auxílio deles. Os três subiram dolorosamente o declive, enquanto Bartomeu conduzia o coritossauro creme e laranja pelas rédeas.

Manfredo seguia logo atrás de Florian, pronto para apoiar Jaume se o cavaleiro francês vacilasse. Não havia necessidade de apoiar Timaeos. Ele teria carregado dois Jaumes se necessário.

“Você não devia ter feito aquilo sozinho”, Manfredo disse a Jaume.

Do outro grupo de cavaleiros que assistira ao combate, veio o tinir de manoplas batendo sobre manoplas e ásperos gritos de *bravo*. Até mesmo Montanha Azul estava com o rosto vermelho e batendo na maçaneta de sua sela em excitação. Somente Estrela de Ferro sentava-se em silêncio no seu sacabuxa cinzento, com o rosto tão impassível como se fosse feito do metal que lhe era homônimo.

“E assim, cavalheiros, é como se faz”, Florian disse a seus camaradas, apoiando o braço direito de Jaume.

“Pelo menos eles não vão mais questionar a aptidão do capitão para liderá-los”, Dieter falou com orgulho feroz.

“Por uma ou duas semanas”, respondeu Florian.

Os senhores da cidade voltaram na manhã seguinte. Desta vez, levaram pelo menos trinta lanceiros e arqueiros.

Com Rob a seu lado de machado em mãos, Karyl estava na estrada para recepcioná-los, ao que surgiam por entre a névoa. Os cabelos listrados de prata caíam sobre os ombros do manto

marrom cinza que ele vestia. Suas mãos envolviam o topo do bastão.

Lucas estava do outro lado de Karyl. Ele trazia uma espada na cintura e estava ávido para utilizá-la. *Cuidado com o que deseja, rapaz*, Rob pensou. *Não é tão fácil colocar o sangue de volta no lugar uma vez que o deixa fluir. O seu acima de todos os outros.*

Emeric estava ao lado de Rob, bem mais calmo, mas ainda alerta. Rob entendera seu comportamento como corroboração de que ele já tinha encarado sua cota de problemas e lutas. O corredor das matas parecia um homem que não procurava problemas, mas que também não fugia deles.

Alguns outros desanimados vieram para se postar no cascalho da Estrada Imperial atrás deles. Um número maior permaneceu na calçada da casa da fazenda. Aparentemente, queriam um ponto de vantagem mais seguro para assistir à diversão.

“*Maître Karyl*”, disse Melchor, o senhor da cidade corpulento e barbado. Se tons de falsidade tocavam sua cordialidade, nem mesmo os experientes ouvidos de um trapaceiro podiam escutá-los. Yannic, sobre seu caminhante nervoso, parecia um pouco mais contrariado. Persil trazia a cabeça desproporcional encolhida entre os ombros.

“Bogardus nos explicou que você é um nobre de uma terra distante, que graciosamente concordou em nos emprestar sua habilidade considerável em armas para nos defender de nossos vizinhos”, Melchor disse. “Por favor, perdoe o mal-entendido de ontem. Naturalmente, estaremos honrados em servir sob o seu comando.”

Ele curvou-se da sela de sua mula, o que não era tarefa fácil com a pança que tinha.

*Quem poderia imaginar que Bogardus poderia dar uma carcada tão grande assim?* A noção agradou Rob, mas não suavizou sua raiva.

“Então, se você é o maior guerreiro da sua terra”, ele sussurrou de lado para Karyl, “o que, claro, você é, mas fosse nascido de

uma lavadeira, eles não aprenderiam com você?”

Ele se controlou para não rugir no rosto dos nobres. “Que idiotas arrogantes!”

“Não vamos tornar isto mais difícil do que tem que ser, meu amigo”, Karyl disse baixinho. Aos recém-chegados, bradou: “Sejam bem-vindos, cavalheiros. Chegaram bem a tempo. Estamos prestes a começar os exercícios matinais.”

# OS SENHORES DINOSAUR<sup>OS</sup>



– 33 –

**O Bestiário do Velho Lar** – Um livro do final do século i que descreve em palavras e imagens mais de mil criaturas supostamente nativas do Lar, o mundo de onde os humanos e seus Cinco Amigos (cavalos, bodes, cães, gatos e furões) vieram a Paraíso. Embora povos supersticiosos acreditem que ele tenha sido inspirado diretamente pelos nossos Criadores, pessoas instruídas julgam que muitos animais contidos nele são imaginários. Ele oferece uma fonte rica de arte e heráldica.

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES JOVENS –

*“Ríu, ríu, chíu, la guarda ribera.”*

As vozes ribombavam como distantes trovões de dentro dos capacetes de ferro amarronzados. Caixas de bateria marcavam o tempo, assim como o marchar das botas esmagando a grama macia e verdejante do solo de Terraroja, a Terra Vermelha.

*“Dios guardó el lobo de nuestra cordera.”*

O uníssonos de vozes repetiu a segunda frase. Uma batida dupla dos tambores, postados sobre carros que acompanhavam

o exército para conduzi-lo pelos sinais de batalha, marcava o fim de cada compasso do *tercio*.

Uma única voz, mais aguda e clara, cantava um verso da canção de batalha dos Nodossauros:

*“El lobo rabioso la quiso morder  
Más Dios Poderoso la supo defender...”*

Jaume supôs que fosse um garoto baterista cantor. Ele estava no topo de um cume baixo ao sol da manhã. Com seus dezesseis Irmãos Companheiros. Todos traziam armadura completa, simples, de esmalte branco sem adornos, exceto pela pintura laranja da Dama do Espelho em todos os peitorais. O cheiro de pó, esterco e flores silvestres preenchia o ar.

Por costume de longa data, a soprano mais pura do *tercio* teve a honra de cantar os versos. Embora o rosto dela e a forma parecessem com a de um unichifre, a comandante Lieve van Damme possuía uma bela voz. Quando servira como simples lanceira, cantara durante anos aquele fragmento:

*“Quizo la hacer que no pudiese pecar  
Ni aun original esta virgen no tuviera.”*

Mor Bernat, bom catalão que era, deixou de lado o caderno em que escrevia e esboçava as impressões da batalha iminente, para cantar com sua voz de tenor junto da distante vocalista dos Nodossauros. Owain, seu arco amarrado e pendurado sobre o ombro blindado, cantava como barítono – um galés não se renderia a um catalão quando o assunto era cantar, tanto quanto um catalão não se renderia a um galés. Ayaks adicionou seu enorme sino de bronze.

Jaume juntou-se a eles na sua famosa voz de tenor. Afinal, ele também era catalão, ainda que mais um letrista famoso do que cantor.

A coluna se dividiu para a esquerda e para a direita conforme marchava, fluindo em alas de lanças intercaladas com alabardeiros e espadachins. Uma dúzia de duplas a cavalo puxava ferrões em seus carros leves, pondo-os em posição

diante das linhas sombrias. Escudeiros dos Nodossauros, trajando justilhos e boinas de couro, trotaram até a dianteira, carregando bestas e dardos. Cada qual trazia um balde de ferro pendurado no pescoço, balançando no peito. Em contraste com os versos perfeitos do *tercio*, eles lutavam em pequenos enxames como insetos – uma comparação que os habitantes da Terra Vermelha logo achariam adequada.

De ambos os lados dos Nodossauros havia um recrutamento de soldados camponeses, carregando lanças, podões, arpões e outros itens comuns. Mesmo dali de cima, Jaume podia dizer que eles estavam ansiosos pelo que viria a seguir. Não podia culpá-los. Os próprios mestres feudais os desprezavam e, se tivessem a chance, os montadores inimigos os caçariam rindo como se fossem saltadores.

Os camponeses não faziam muita diferença para o resultado da batalha. Eles estavam ali para travar o inimigo, como estrepes ambulantes. Toda a glória iria para os guerreiros em seus belos cavalos e dinossauros de guerra. E, se a luta tivesse que ser decidida no chão, ficaria por conta da elite imperial e da sua temível melodia.

“Que música agitada!”, Dieter exclamou. Seus olhos azuis brilharam. “O que ela quer dizer?”

“Ninguém sabe”, Bernat respondeu. “É quase certeza que ela já era antiga quando o mundo foi feito. A língua é um dialeto do spañol, provavelmente um predecessor. É sobre um rio furioso, pelo menos. Menciona um deus poderoso defendendo um cordeiro de um lobo raivoso, ambas criaturas consideradas míticas, embora estejam em *O Bestiário do Velho Lar*.”

“Virgens também”, Florian disse. “Que, embora não sejam míticas, certamente são raras em Nuevaropa.”

“E o deus poderoso só pode significar Chián, Rei dos Criadores. Quanto ao resto...”

“Foi composta pra assustar as pessoas”, Machtigern disse.

“Funciona”, respondeu Florian.

“Por que não se junta à canção, Cachos Dourados?”, Ayaks perguntou a ele. Florian riu. “Obrigado. Tenho a voz como a de um sapo num balde de latão. Seria cruel infligi-la a seus ouvidos macios.”

Eles assistiram aos exércitos entrarem em posição de cima de um fluxo de lava petrificada, tornada macio pelas gramíneas, chamada *La Dama Rosa*. Atrás deles, seus hadrossauros pastavam e bebiam de baldes arrastados por escudeiros armados suados. Os Ordinários aguardavam na reserva, mais atrás.

Uma estrada subia para o norte por um declive largo e gentil na direção do castelo de Terraroja, em seu penhasco de granito vermelho, e a cidade satélite dele, Risco Rojo. Os dois exércitos tinham se disposto na estrada lado a lado, em formação convencional: infantaria no centro, cavalaria em ambas as extremidades e, do lado de fora, poderosos blocos de cavaleiros de dinossauros. Estrella del Hierro comandava a ala imperial esquerda. A direita, sob o comando de Montañazul, foi conduzida até os pés da Dama Rosa.

Os especialistas em construções e fortificações dos Companheiros, Fernão, Iñigo Etchegaray e Wouter de Jong, ficaram juntos, admirando ao longe. O galego Fernão, geralmente taciturno, um mestre na arte do cerco, estava na verdade animado. Seus olhos verdes acastanhados brilharam quando pontuava suas variadas excelências – e mostrava com as mãos como as tinha derrotado.

“Não vai ser fácil”, ele disse, “mas, por Torrey e Telar, que desafio!”

“Como se chama o castelo de Terraroja?” Dieter perguntou, atraído pelo entusiasmo deles. Wouter riu. Ele era um flamenco corpulento de Brabant, um feudo do duque Roger de Sansamour, que marcava a fronteira da Alemanha e da Francia.

“*El Gallo Rojo*”, ele disse, inclinando-se sobre seu machado de guerra, “que significa ambas as coisas que você acha que

significam.”

Dieter corou. Significava *o galo vermelho*.

Os Companheiros não se importavam com os negócios uns dos outros, especialmente quando se tratava de sexo e amor, mas num grupo tão pequeno era impossível não ser de conhecimento comum que ele se tornara amante do cavaleiro flamenco.

“Um castelo é agressão feita de pedra, garoto”, Fernão declarou. “Nunca se esqueça disso.”

“Mesmo assim é uma defesa poderosa”, grunhiu Iñigo, coçando a barba. “Leopoldo é um tolo de não se refugiar lá dentro e nos obrigar a arrancá-lo. Claro que conseguiríamos, mas nos custaria mais do que um destacamento de batalha.”

“Se ele fosse esperto”, Florian disse, “não seria um cabeça de balde.”

Jaume moveu a boca pesarosa. “Melodía me avisou de que não precisaríamos de máquinas para o cerco. Ela disse que o conde Leopoldo não resistiria sair para uma briga.”

*Se ao menos eu não tivesse dispensado a ideia quando ela disse isso, ele pensou amargamente, quem sabe ela estivesse respondendo minhas cartas agora se eu tivesse lhe dado atenção antes.*

“Terraroja vê a guerra como um jogo”, Florian disse. “Um torneio em escala maior. Então ele escolheu um campo quase tão plano e limpo quanto as pistas para nos enfrentar.

“Não reclame”, falou Machtigern. Ele começou a assinalar as hastes de aço da cabeça de seu machado de guerra contra a ombreira. “É um motivo pelo qual vencemos consistentemente os cabeças de balde.”

Ayaks jogou as mãos para cima e as carimbou. Por mais leve que fosse, o tinir sempre o deixava louco.

“Quê?”, Machtigern perguntou para as costas do enorme russo. Ele sempre fazia aquilo antes da batalha, assim como Florian ria mais alto. Ele nem percebia que o fazia.

“O conde Leopoldo não se saiu tão mal”, Manfredo disse. “Não seria fácil provisionar o castelo para suportar um cerco extenso, por mais forte que os muros sejam. Esta terra é árida. Deve ser provavelmente por isso que a bandidagem tem apelo tão forte para ele e seus barões.”

“Ele nos prestou uma má ação”, Jacques afirmou. “Consegui juntar mais guerreiros do que nós, tanto de cavalaria quanto montadores de dinossauros. O pior é que para alimentar todos sugou todas as provisões disponíveis num raio de vinte quilômetros”, ele balançou a cabeça. “Já era um pesadelo fazer alguns de nossos nobres pagarem pelo que pegavam quando os suprimentos eram abundantes e baratos.”

Jaume fez uma careta para ver o quanto a penúria de manter não só os Companheiros, mas todo o exército coeso, alimentado e funcional tinha desgastado seu amigo. Os finos cabelos castanhos dele tinham ficado mais espaçados e grisalhos, assim como a pele ficara mais pálida. Apesar da armadura, os ombros estavam visivelmente despencados.

Jacques planejava se aposentar em breve do serviço ativo e voltar à casa-mãe da Ordem, no centro da Francia, onde assumiria a direção dela de mor Jérôme, que havia perdido duas pernas quando seu morrião rolou sobre ele, após ser transpassado pela seta de ferro de uma besta nos pulmões. Agora, com a saúde falhando, Jérôme queria se aposentar nas videiras da família, em Sansamour. Ele tinha se saído bem; Jaume achava que Jacques se sairia melhor ainda.

Mas a perda de qualquer Companheiro deixava um buraco na alma de todos os Irmãos, assim como na Ordem de guerra. Mesmo se não fosse a morte que os levava. E Jaume se perguntava quem cuidaria deles da forma que Jacques.

Infelizmente, o grupo de elite de guerreiros/artistas/filósofos da beleza tendia a atrair poucos e preciosos candidatos com qualquer vocação para organizar as coisas.

“E, graças à obsessão dos nossos magnatas com seus laços feudais e honra trivial à custa de todo o resto”, Florian dizia destilando seu habitual veneno, “nossa ala esquerda é significativamente mais fraca que a direita.”

Manfredo deu de ombros. “Seja como for, eles estão em maior número de ambos os lados, a não ser que coloquemos todos os cavaleiros em um flanco e deixemos o outro pendente. Pelo menos a ala direita tem chance de se segurar contra os terrarojanos.”

Manfredo era um ex-estudante de direito, exilado por promover a independência taliana de Trebizon. Ele se tornara tão virtuoso em táticas de montaria quanto era em composição musical e no uso de vários instrumentos. Jaume o achava mais habilidoso do que si próprio. Não que Jaume se considerasse um mestre estrategista. Como lutador, ainda estava para encontrar um homem que se igualasse a ele. Inspirava os homens a segui-lo e tinha habilidade para estratagemas e ardis. Ele atribuía o fato de ter ganhado grandes batalhas a ter levado ferramentas melhores para a tarefa e a ser menos estúpido que seus oponentes.

“Não estou feliz com nossa posição”, disse. “Odeio aceitar a batalha nos termos de meu inimigo.”

“Não é culpa sua, capitão”, Machtigern comentou. “Montañazul e o resto mal escutam. Tavares fica dizendo a eles que não precisam.”

“É minha culpa, meu amigo”, Jaume respondeu. “Eu estou no comando.”

Longe, a oeste, os Nodossauros pararam de cantar.

“Pra um gorducho falastrão, Melchor até que sabe brandir uma espada”, Rob admitiu no intervalo do meio-dia. Estava sentado num pacote de feno, à sombra da casa, ainda suando. O dia

estava quente e ele se esforçara quase tanto quanto exigira dos homens. *Esse negócio de ensinar é pesado.*

“Eu vi”, disse Karyl, que estava agachado à modo do leste ao lado dele. “Yannic será competente se aprender a controlar seu pânico incipiente. Percil mal sabe qual extremidade segurar e se sente zangado e desafiado demais pelas circunstâncias para aprender.”

Rob o chicoteou com os olhos. Talvez mais do que em qualquer outra ocasião desde que conhecera o homem, sentia-se como um garotinho cujo herói saíra das canções para tornar-se seu companheiro.

Levando a sério seu ofício, Rob sentia-se espantado na presença da verdadeira maestria: a maestria silenciosa.

“Os guerreiros deles só são dignos do soldo em meio a um povo que vive há uma ou duas gerações em paz. Mesmo assim, eles conhecem o básico. É melhor do que a maioria dos que temos.”

“O jovem Lucas parece estar se dando bem”, Rob comentou. Karyl passara todo o intervalo da manhã e metade daquela parada para o almoço instruindo o jovem pintor em particular.

“Ele é loucamente ansioso pela lâmina e isso é fato.”

“Ele tem um dom. Aparentemente, sua destreza com o pincel também se transpõe para a espada. E isso o está deixando confiante demais. Não gosto de todos os métodos que os professores usam em Chánguo ou Zipangu, mas Lucas me faz pensar que talvez seja uma boa ideia fazer, de vez em quando, um aspirante varrer o estúdio do mestre por um ano antes de ensinar-lhe a técnica.”

“Para quê?”

“Para ter certeza de que ele é dedicado ao aprendizado e não a edificar seu ego. O treinamento marcial oriental não é só sobre luta, mas também sobre o desenvolvimento espiritual. O aluno precisa aprender autocontrole acima de tudo. De outro modo, o

manejo de espadas e lanças só o torna perigoso para os outros... e para si próprio.”

“Se você diz”, Rob falou. “Mas duvido que tenhamos tempo para instrução espiritual. Mesmo se você conseguisse fazer o jovem Lucas se interessar por ela.”

“Você provavelmente está certo. Entre os temores do Conselho e a ganância de Guillaume, teremos de lutar em breve. Quando isso acontecer, terei de me preocupar mais com lâminas do que com o bem-estar de quem as segura. Que é uma parte do negócio da qual nunca gostei, saber que se importar demais com alguém da tropa pode ser tão fatal quanto se importar de menos”, ele suspirou e se levantou. “Crève Coeur vai querer nos ensinar uma lição afiada sobre a futilidade dos nossos esforços.”

“O que quer dizer?”

“As pessoas vêm e vão o tempo todo pela Rue Impériale, com vista total do nosso acampamento. Essa é uma das centenas de maneiras pelas quais o conde Guillaume pode obter as informações que precisa sobre nós.”

Rob franziu a testa. “Você tem razão.”

Não ter reconhecido o que via agora como um fato claro o contrariou. Menestréis eram famosos pela capacidade de espionar, o que somava à infâmia e mística que possuíam. Não que ele tivesse chegado tão ao fundo do poço a ponto de espionar para algum cabeça de balde. A não ser se precisasse mesmo do dinheiro.

“Precisamos de batedores”, Karyl disse. “Acho que você é o homem para liderá-los.”

“O que eu sou agora?”, Rob perguntou alarmado.

“É uma função lógica. Você já é contramestre.”

“Nem me lembre”, foi a vez de Rob de suspirar. “Suponho que faça sentido. Contramestres costumam cuidar de forrageadores. Batedores pilham. E também combatem forrageadores do inimigo.”

“Batedores também espionam. E caçam espiões inimigos.”

“Admito que isso tem apelo. A responsabilidade a mais, nem tanto.”

Mas, para sua aflição, Rob começava a ver sentido nas propostas de Karyl.

“É sempre satisfatório a meus nobres patrões que andem cegamente pela terra até toparem com um inimigo por acaso”, ele disse. Um sorriso lento e manhoso cruzou seu rosto. “Acredito que eles chamariam esta sua noção de *trapacear*.”

“De fato.”

“Se vai deixar os *aristos* bravos, conte comigo. Mas... por onde começo? Não faço ideia.”

“Estava pensando em Emeric. Os corredores das matas conhecem o país melhor do que qualquer um. Especialmente invasores.”

“Certo”, Rob disse. “Falarei com Emeric quando terminarmos à tarde.” Ele estava curtindo o novo jogo só de pensar nele. Tinha apelo para seu lado diabólico.

“Só mais uma coisa?”, Karyl disse. Rob levantou a sobrancelha em suspeita. “Precisamos de olhos e ouvidos na cidade de Providence. As crianças funcionarão melhor para isso.”

“Isso não é a empolgação do momento, é?” *Seu bastardo manhoso, aproveitando-se de um pobre e inocente menestrel.*

“A curiosidade natural delas as protegerá tanto quanto nos servirá. E, se forem pegas, é improvável que sejam punidas com muita severidade.”

Uma ideia acendeu na mente de Rob. “Você quer que eu espione o Conselho do Jardim, não?”

Karyl apenas sorriu. Após um momento de ultraje, Rob viu-se sorrindo de volta.

“Tudo bem. Já era hora de me divertir um pouco neste serviço.”

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 34 –

**Amadón, Ombro Espinhoso** – *Edmontonia longiceps*.

*Raça típica de nodossauro: dinossauro quadrúpede de couraça maciça, herbívoro, 6,6 metros de comprimento, 2 metros de altura, 5 toneladas, com grandes espinhos projetados para frente nos ombros e atitude truculenta. Emblema da infantaria pesada imperial, os Nodossauros Marrons.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

Os Nodossauros estavam parados num silêncio ferrenho. Era seu truque favorito para enervar o adversário, como Jaume bem sabia.

Eles o usavam porque dava certo.

Cento e cinquenta metros ao norte da falange, lanceiros da terra vermelha começaram a ondular. Os desafortunados camponeses recrutados sabiam que a infantaria não teria misericórdia. Os Nodossauros assumiram como missão infligir o máximo de dor possível aos inimigos do Império. Nem a Lei dos

Criadores, nem a legislação Diet, nem mesmo um decreto de seu mestre imperial teria suavizado a atitude deles.

“Então nossa esquerda está assim tão superada?”, Dieter perguntou, abstraído pelo drama que se desenrolava diante do ponto de observação dos Companheiros. “Por que não fortalecemos nós mesmos aquele lado?”

Pedro, o Menor, o diminuto mestre das armas, estava passando em seu habitual caminhar pré-combate.

“Coisas estranhas acontecem em batalha”, ele disse ao alemão. “Nem mesmo os Criadores podem prevêê-las.”

Então, foi embora, bamboleando nas pernas arqueadas, o queixo barbado afundado na armadura peitoral, murmurando para si próprio. O que disse, nenhum homem sabia. Poemas? Orações? Foi inaudível e ninguém se importou em perguntar.

A um comando que Jaume não pôde escutar, os escudeiros dos Nodossauros formaram uma linha dupla, a ala da frente de joelhos, a de trás mirando suas bestas por cima dos ombros dos outros. Eles miravam em seus adversários, arqueiros profissionais de armadura e arqueiros camponeses com proteções leves ou nenhuma, que estavam na frente da base de Terraroja. Com um único *tung* musicado do som do aço se soltando, as bestas imperiais começaram a matança.

Jaume escutou o pranto distante dos feridos. Pequenas figuras caíam, se debatendo hediondamente ou ficando inertes. Àquela distância, a maioria das flechas disparadas pelos arcos leves de Terraroja caiu como chuva na campina, sem causar danos. Mas as setas dos arcos imperiais perfuraram couro de dinossauro e até armaduras leves como se fosse papel molhado. Elas atravessaram direto os capacetes dos arqueiros, perfurando o crânio sob eles.

A intrincada dança, enquanto aqueles com as armas vazias se moviam para a parte de trás e seus camaradas se adiantavam para mirar e disparar, como sempre encantava Jaume. Os arcos menores estavam acorados, usando um nivelador chamado pé

do saltador. Os maiores usavam mecanismos de puxar e armar conhecidos como cranequins. Jaume achava ativamente bela a forma com que os escudeiros mantinham uma tempestade de flechas constante, apesar dos espaços de tempo diferentes de recarregar. Apesar de inadequada para a formação apertada da falange, a infantaria leve dos Nodossauros era precisa quando precisava ser.

Trombetas soaram ao longo da terra avermelhada e do tapete verdejante de grama. Tambores ribombaram. Flâmulas ondulavam com vigor. O exército terrarojano avançou. O Ejército Corregir – os lanceiros marrons silenciosos, os cavalos alegremente enfeitados, os cavaleiros de dinossauros inigualáveis em poder e arrogância – marchou de encontro a ele. Jaume virou-se. “Preparem-se amigos! Em breve saberemos onde seremos necessários.”

Camellia levantou a cabeça quando seu mestre se aproximou, agarrando com o bico um monte de ervas arrancado pelas raízes, ainda sujas de terra vermelha. Ela lançou um cumprimento para seu dono pelas narinas alaranjadas.

Usava um chanfrão, uma máscara de aço similar às utilizadas por cavalos de guerra.

Placas sobrepostas protegiam seu pescoço, um bojo de aço, o peito. Um manto de enfeite pesado e seu próprio couro grosso bastavam para proteger o resto. Como seus cavaleiros, a armadura dos hadrossauros era branca, brasonada com um círculo vermelho numa cruz inclinada: o sagrado Espelho da Criadora Bella, Senhora do Fogo e da Beleza.

“Sim, está quase na hora, meu amor”, Jaume disse a ela. Ele envolveu o pescoço dela com seu braço encouraçado de aço e abraçou a cabeça. Ela se esfregou contra o peitoral blindado. Ele sorriu e coçou o rosto dela por baixo do chanfrão.

“Por favor, Bartomeu, meu capacete”, ele disse ao escudeiro.

O garoto parecia miserável. O próprio risco que corria era mínimo. Quando seu mestre montasse, ele se juntaria aos

demais escudeiros sob o comando do senhor dos dinossauros, Rupp von Teuzen, guardando o comboio de bagagens do exército, amarrado ao sul da estrada. Os tropeiros e uma companhia mercenária de *jinetes* – cavaleiros leves –, que Jaume contratara para escoltar e proteger os comboios de alimentos, lutariam ao lado deles se o inimigo atravessasse. Bartomeu não temia pela própria segurança, mas pela de seu mestre.

Ele colocou o capacete de guerra em forma de concha na cabeça de Jaume. Diferente da peça única e pesada utilizada no torneio, este tinha um visor que descia para encontrar o protetor de pescoço. Ele sentiu as mãos de Bartomeu tremerem enquanto prendiam a tira no queixo.

Ele segurou a parte de trás da cabeleira loira de Bartomeu com a manopla branca e o puxou para próximo de si, dando-lhe um beijo de recompensa e segurança. Na testa, para que não fosse interpretado com conotação sexual.

“Obrigado”, disse.

Deu um sorriso largo ao soltá-lo, e não deu sinais de ter percebido como o rosto do garoto despencou diante do gesto casto. Bartomeu prendeu o escudo de Jaume em seu braço esquerdo. Com a ajuda de seu escudeiro e de Camellia, Jaume montou na sela sobre o lombo alto e corcunda dela.

Ao redor dele havia bicos de pato Companheiros por todo o gramado. O capacete dele era único; os demais usavam modelos redondos, exceto Florian, que trazia um bacinete cujo bico do visor ele pintara para parecer-se com os olhos de um unichifre. Era tremendamente realista.

Jaume sorriu para eles. Ele gostava daquilo. Vivia pelas emoções do combate – e abraçava seus horrores como dádivas da Dama também. Seu único medo era por Camellia e pelos seus homens.

Quando a intriga na corte de seu pai forçara Jaume a ir para o campo contra os ferozes bandidos *miqueletes* à idade

ridiculamente jovem de dezenove anos, ele fora forçado a confrontar de uma vez o fato de que morreria um dia.

Ele e seus irmãos olharam para oeste, onde a ala montada de Estrella del Hierro era o ponto mais fraco do exército. Em termos numéricos, a desvantagem imperial não parecia tão ruim. O Ejército Corregir tinha por volta de 7,5 mil homens, o inimigo pouco mais de 10 mil. A leve vantagem dos terrarojanos em artilharia e seus 6 mil lanceiros apoiados por quinhentos homens portando escudos e lanças por trás de 3 mil Nodossauros, 2 mil recrutas camponeses e quatrocentos soldados a pé de armadura, significava pouco. Van Damme colocaria sua tercio com os guerreiros e engenheiros contra o triplo de seu número, mesmo contra tropas encouraçadas, e ainda apreciaria as chances. Assim como Jaume.

Em todos os seus cinco séculos de história, nenhum tercio nodoassauro havia sido rompido. Alguns morreram em pé – literalmente até o último homem e mulher, em especial durante as Guerras do Demônio contra os Fae e seus aliados humanos traidores, e a conquista brutal da Anglaterra. Se recebessem a ordem, se retirariam, mas raramente era necessário.

Mas cavaleiros venciam batalhas. Terraroja tinha o dobro da cavalaria de Jaume e 170 montadores de dinossauros, contra os 75 dele – incluindo os Companheiros na reserva. Eles superavam o número de cavaleiros do conde Estrela de Ferro em dois para um, com uma vantagem saudável para encarar Montañazul pela direita. Se os nativos conseguissem expulsar os homens do Exército da Correção do campo, os camponeses imperiais se espalhariam que nem flocos de dente de leão sendo soprados. Então, don Leopoldo poderia triturar os Nodossauros Marrons ao bel-prazer.

Cabia aos Companheiros impedir que aquilo acontecesse.

Balistas de aço vibravam grave. Braços de catapultas fizeram um baque surdo contra cordas tesas sendo cortadas. Bolas de pedras se arquearam no alto e saltaram sobre formações coesas,

deixando gritos e manchas escarlates no solo. Cavalos da Terra Vermelha relincharam de dor quando setas riscaram o ar rentes à grama, acertando entre seus flancos blindados, derrubando-os num tumulto de membros, corpos e sangue.

“É o que mais odeio”, Machtigern disse. “Os animais não têm escolha de estarem ali.”

“Nem os camponeses” falou Florian. Machtigern franziu a testa e alargou as narinas em desânimo, mas concordou.

As massas montadas estavam prestes a colidir. À esquerda, Estrella del Hierro cavalgava ele próprio na liderança, com um grupo de barões e cavaleiros. As armaduras de aço brilhavam como prata. Exceto pela insígnia pessoal no peito de cada cavaleiro, as placas de Estrela de Ferro eram pintadas somente com verniz incolor para evitar a ferrugem.

“Por que Estrela de Ferro não ordenou o terremoto?”, Fernão questionou zangado. “O que o tolo está esperando?”

“Não é tanta tolice”, Manfredo respondeu. “Superado numericamente da forma como está, ele não pode desperdiçá-lo de uma distância tão grande.”

Emitir os gritos devastadores exigia muito dos hadrossauros de guerra. Em movimento, eles conseguiam lançar somente um, antes de pararem para recuperar o fôlego.

Terraroja não tinha tais restrições. Com seus números superiores, não havia a necessidade de se preocupar em concentrar as armas sônicas de seus dinossauros para obter o máximo de efeito.

Os dentes de Jaime pressionaram os lábios quando ele viu os monstros da Terra Vermelha trocarem para um galope nas quatro patas e alongarem para frente suas gloriosas cabeças cristadas.

Ele não ouviu nada, mas os pelos de sua nuca se eriçaram. Seu estômago estremeceu.

Cavaleiros de dinossauros e suas montarias eram treinados contra terremotos. Suas armaduras e escudos resistiam a parte dos efeitos. Mas havia simplesmente muitos monstros inimigos

atacando simultaneamente. O galope dos dinossauros imperiais vacilou como se tivessem sido atingidos por um muro invisível.

“Então eles se foderam”, Wil Oakheart, de Oakheart, disse casualmente. “Ali é onde seremos necessários.”

Ele fechou seu visor.

“Avise os Ordinários”, Jaume ordenou, enquanto os bicos de pato da Terra Vermelha se levantavam nas grandes pernas traseiras para o ataque final. “Vamos cavalgar a oeste para ajudar Estrela de Ferro!”

Pedaços de pau de árvores se chocaram em um confronto zombeteiro.

Era a manhã seguinte. Rob estava ao lado de Karyl na frente do córrego, observando Lucas enfrentar um arqueiro de Percil que trajava uma farda dourada e carmesim. Para a evidente surpresa de todos – o arqueiro apenas ligeiramente mais surpreso que o próprio pintor –, Lucas quase conseguiu se manter firme.

Isso não caiu bem com o soldado.

Ele fintou uma estocada contra a barriga de Lucas. Quando o jovem brandiu sua arma para dar o contragolpe, ele girou seu galho e açoitou feio o garoto no meio da testa.

Lucas caiu sentado. Os senhores da cidade e outros soldados riram. Os recrutas grunhiram e fizeram cara feia.

Lucas se pôs de pé. Ele também riu, embora seus olhos não estivessem focados e ele balançasse. Sangue corria fresco por sua frente. O oponente deu um soco forte em sua barriga. Nauseado, Lucas curvou-se, abraçando a si próprio com os cabelos caindo sobre os olhos. Segurando o pedaço de pau com as duas mãos, o arqueiro o ergueu acima da cabeça. Ele o dirigiu firmemente contra o rosto desprotegido de Lucas.

O pau atingiu o cabo do machado de Rob, que torceu a arma e a puxou com velocidade. A extremidade da cabeça ainda dentro da bainha apanhou o graveto, como ele queria. Colocando-se entre os dois homens e dando uma torcida firme com os quadris, Rob arrancou o pau das mãos do soldado e o arremessou num rodopio para dentro do córrego. A água esparramada fez com que sapos nas proximidades coxassem em reprovação e saltassem para dentro da água em busca de segurança. Com desagrado, Rob falou: “Isso dificilmente seria espírito esportivo, não?”

O arqueiro o encarou. Ele tinha um rosto comprido e sinistro que não via uma navalha há muitos dias. Seus olhos eram tão escuros quanto pedaços de carvão.

“Maldito vagabundo”, ele cuspiu nos pés de Rob. “O que te dá o direito de mandar na gente?”

“A autoridade de voyvod Karyl, capitão deste pequeno clubinho do chá e, ele próprio, um nobre notável.”

“Ele não passa de outro vagabundo sujo”, disse o soldado, a quem Rob considerou não ter moral alguma para criticar a higiene dos outros. “Eu colocaria você no seu lugar se não tivesse me desarmado traiçoeiramente.”

Rob jogou seu machado para Emeric. Para seu alívio, a confiança no corredor das matas compensou, pois o homem alto de bigodes marrons o apanhou no ar.

“Agora também estou desarmado, exceto por minha natureza franca. Acredito que você dizia algo sobre ‘mostrar meu lugar’?”

“Aqui”, gritou outro homem de Percil. Ele sacou sua espada e a jogou para o colega. “Mate esse cachorro louco!”

O arqueiro desviou o olhar para apanhar a arma pelo cabo. Quando virou-se de volta, viu que Rob tinha avançado na direção dele.

Antes que pudesse reagir, Rob deu uma joelhada no meio das pernas do homem. O impacto o fez ficar na ponta dos pés. Ele guinchou como um rato que é pisado, os olhos saltando para fora

e o rosto ficando roxo. Ele se dobrou ao meio, agarrando a virilha.

Rob o obrigou a se endireitar e esmagou seu cotovelo contra o rosto do arqueiro, fazendo sangue jorrar. A seguir, segurou sua cabeça com ambas as mãos e a trouxe de encontro ao joelho, que se erguia com velocidade.

O soldado caiu gemendo.

Curvando-se, Rob arrancou a espada de dedos moles como repolho fervido. Então, ficou de pé e segurou a ponta contra a lateral do pescoço do arqueiro. Ele olhou para Karyl.

Karyl balançou a cabeça.

O arqueiro ficou choramingando, quase vomitando, do lado direito dele. Rob deu a ele um talho de dois centímetros do aço do próprio camarada na nádega esquerda. Ele berrou. Puxando o braço, Rob jogou a espada para o alto e se afastou. Ela deu uma virada e mergulhou de volta no chão com a ponta para baixo, enterrando um palmo dentro do chão úmido.

Sem pressa, mas com todos os olhos arregalados voltados para si, Rob caminhou e apanhou seu machado de onde deixara. De repente, o caso estava encerrado. O óleo na cabeça de Wanda reluzia iridescente ao sol.

“A brincadeira acabou, crianças”, ele disse, jogando a arma sobre o ombro com casualidade elaborada. “O próximo homem que se meter comigo eu vou matar. Alguma pergunta?”

Percil estava esfumaçando que nem ferro quente dentro do balde de um ferreiro. Seu rosto brilhava em vermelho.

*Com um cabelo como esse ele vai pegar fogo logo, logo*, Rob pensou. *Vai ver por isso é tão enrolado.*

Yannic parecia pronto para mudar ali mesmo os termos que Bogardus tinha obviamente feito os senhores da cidade engolir. Karyl olhou para Percil com uma calma intensa que sugeria fortemente que, se o grandão ordenasse ataque de seus homens, a próxima coisa que aconteceria seria ele ter a cabeça

separada do pescoço por meio da lâmina ocultada por Karyl dentro de seu bastão.

“Cavalheiros”, Melchor falou numa voz suave. Ele ficou entre seus pares e o capitão mercenário, radiante como se aquela fosse sua própria festa surpresa. “Mesmo quando a luta é mero treino, as pessoas ficam de cabeça quente. Todos têm um trabalho a fazer. Vamos respirar fundo e seguir em frente com ele, como homens civilizados.”

Karyl deu um sorriso magro, mas nada disse. Temendo que o nobre gordo interpretasse mal o silêncio de Karyl como incerteza e mudasse de ideia quanto a querer manter a paz, Rob falou: “Sábias palavras, meu senhor”. Embora as próprias palavras tivessem raspado sua garganta.

“Bravo”, gritou uma voz da estrada.

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 35 –

**Caracorno Spinoso, Coleira de Espinhos** – *Styracosaurus albertensis*.  
*Dinossauro chifrudo de Ovdan (ceratopsiano). Herbívoro quadrúpede com grande chifre nasal e de quatro a seis chifres largos protuberando da guarnição ao redor do pescoço; 5,5 metros de comprimento, 1,8 metro de altura, 3 toneladas. A maioria possui tonalidades de amarelo e marrom. Montaria favorita de cavaleiros pesados de Turano e Parso.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

Atordoados e desorientados pelo terremoto em massa, os cavaleiros de dinossauros de Estrela de Ferro não tinham chance. Os bicos de pato na dianteira ainda estavam titubeando e urrando de pânico quando os terrarojanos os atingiram. Eles derrubaram no chão os dinossauros aturdidos com impactos que Jaume quase pôde sentir a meio quilômetro de distância. Cavaleiros foram esmagados pelas próprias montarias ou pelos monstros inimigos que os pisotearam.

Os sortudos morreram na hora.

Apesar de tudo, Jaume se impressionou. *Don Leopoldo usando táticas atuais*, ele pensou. Pôs Camellia nas quatro patas para ganhar velocidade. Atrás dele, os Companheiros o mimetizaram.

Aparentemente, a vida como um lorde bandido aafiava a astúcia. O conde da Terra Vermelha até então nunca fora famoso pela habilidade de pensar. O costume militar, que muitos dos pares dele seguiam como vexers que tinham acabado de sair do ovo, recomendava que montarias pesadas, cavalos ou hadrossauros, atacassem em várias alas profundas aglomeradas. Estudantes das artes militares como Jaume e seus Companheiros sabiam que a vantagem era em sua maior parte ilusória.

Em vez disso, Terraroja tinha disposto seus cavaleiros de dinossauros em uma formação bem mais larga do que profunda, que lhe conferia o dobro de frente em relação à força de Estrela de Ferro. Isso permitiu que o número superior de bicos de pato que ele possuía emitisse suas rajadas sônicas sem acertar os companheiros que estariam na sua frente.

Também permitiu que cercasse ambos os flancos imperiais. Quando as duas massas de cavalaria se juntaram entre monstros e infantaria, os dinossauros de Estrela de Ferro se despedaçaram como uma taça de cristal atingida por uma estrela da manhã.

Jaume sentiu as entranhas apertarem. Ele queria seguir mais rápido para impedir o desastre que ocorria diante dos seus olhos. *Mas se exigir mais velocidade das nossas feras, elas estarão cansadas antes de chegarem até o inimigo. E já estamos em número menor do que Terraroja...*

O barão Sándoval e seu grande cavalo estavam se segurando contra uma massa bem maior de guerreiros inimigos. Jaume obteve um vislumbre do próprio barão em meio à formação de cavaleiros e corcéis. Ele era inequívoco por conta da aparência única: diferente da maioria que se contentava em pintar seus emblemas nos peitorais e escudos, a armadura de Sándoval tinha um padrão de losangos dourados e pretos. Jaume achava

aquilo de gosto duvidoso. Mas era funcional em termos de permitir que os homens de Sándoval o vissem mesmo em meio ao combate feroz.

Da sua direita, Jaume escutou um grito triunfante de “*iAjúa!*”. Embora não conseguisse ver por causa da massa de camponeses imperiais com seus bastões longos, sabia que os Nodossauros Marrons tinham acabado de encontrar o centro do inimigo. Ele não tinha dúvida de que eles virariam os recrutas de Terraroja do avesso como um titã trovejante atravessando uma cerca de espinhos de um vilarejo.

Esperava que os esforços deles não fossem em vão.

“*Eles estão fugindo!*”, ele escutou Owain num grito vindo de trás. Os sobreviventes de Estrela de Ferro estavam correndo. Os dinossauros viraram as caudas na direção do inimigo e corriam para o sul sob duas patas. Jaume premeu a vista ao ver o sacabuxa cinza e laranja de Estrella del Hierro entre eles, com seu cavaleiro na sela.

*Estou desapontado que ele tenha sobrevivido porque ele falhou ou porque, se tivesse caído, eu teria sido poupado das suas besteiras?*

Mas aquela era uma das coisas boa em entrar numa batalha: pensamentos como aquele passavam voando como estrelas cadentes no céu noturno.

Infelizmente, o *alvoroço* era contagioso. Os cavaleiros de Sándoval viram seus camaradas maiores fugindo o mais rápido que suas patas traseiras podiam levá-los. Terrivelmente superados, eles não viram escolha a não ser virarem e conduzirem os hadrossauros para longe do campo perdido.

Conforme se aproximava da fuga em pânico, Jaume não olhou para trás. Sabia que seus dezesseis Companheiros formavam uma cunha justa atrás dele. O sagaz coronel Almas, o mercenário de barba prateada que comandava os *hombres armaos* Ordinários desde o início, seguiria os cavaleiros de

dinossauros até que conseguissem romper a linha para interceptar os cavalos da Terra Vermelha.

Bicos de pato balidos, aterrorizados além do controle de seus donos, cruzaram o caminho dos Companheiros. Logo eles começariam a cair de pura exaustão, condenando seus cavaleiros com a mesma certeza de que se ganhassem o chão no meio de uma peleja.

Jaume não se preocupou com aquilo. Estava além do seu controle. O que o preocupava era se seus homens conseguiriam se desviar da cavalaria imperial. Os bicos de pato dos Companheiros os esmagariam, independentemente das couraças que vestiam, e os cavaleiros que os montavam não teriam destino melhor.

De uma perspectiva tática, o pior é que desviar da própria cavalaria colocaria o pequeno grupo de Jaume em desordem. Pelo fato de serem poucos, os Companheiros dependiam de coesão para obterem efeito, mais do que outros cavaleiros de dinossauros.

Com uma pressão leve nas rédeas, ele direcionou Camellia um pouco para a direita. Para seu alívio, as tropas imperiais ribombaram para oeste, olhos revirados e espuma saindo das largas narinas. Mas não havia como desviar das tropas terrarojanas também. Embora Jaume se sentisse menos mal de pisoteá-las, aquilo fatalmente desordenaria seu ataque.

Contra um inimigo que começara o dia superando-os numericamente de cinco para um.

Karyl praguejou em slavo sob sua respiração: “As sentinelas que deixei vigiando a estrada dormiram?”

Rob virou-se com seu machado, Wanda, sobre os ombros. As sentinelas em questão, uma dupla de aprendizes da cidade de Providence, estavam de pé sorrindo e acenando por detrás da

extravagante aparição. Um jovem vestindo uma canga de penas verdes, tanga marrom e botas verdes estava montado no unichifre de visual mais chamativo que Rob já tinha visto.

“Calma”, ele disse a Karyl. “Acho que os rapazes o conhecem.”

Seu companheiro ainda fazia cara feia, mas a expressão começava a se suavizar.

A fera tinha o tamanho da Pequena Nell e um pouco mais robusta. Seu chifre nasal era mais longo e delgado que o de Nell, com uma curva acentuada para cima. O senhor dos dinossauros em Rob viu o quão letal ele seria enfiado na barriga vulnerável de um matador ou de um bico de pato de guerra. Era mais do que suficiente para tirar o fôlego dos guerreiros encouraçados dos senhores da cidade.

Como Nell, o pescoço era encimado por um par de espinhos. Eles tinham aparência mais forte, afiada, longa e maligna do que cômica. Espinhos melhores se projetavam em volta da beirada da carapaça.

O grande rosto com bico trazia linhas amareladas sobre uma coloração castanha. O corpo por baixo da carapaça era marrom em cima, gradativamente chegando ao mostarda na parte baixa. Rob não sabia se a cor da face era natural, pintada ou cuidadosamente criada, como os extravagantes matizes dos morriões ou sacabuxas de Nuevaropa.

“Bela fera”, Rob disse ao montador. “Um estiracossauro, se conheço *O Livro dos Nomes Verdadeiros*. E o conheço bem. Como se chama?”

“Obrigado, meu amigo”, respondeu o outro. “Ele se chama Zhubin. Ou, se você se referia à espécie, a chamamos de coleira de espinhos. Eles nascem selvagens em Ovdan, mas também são criados para a guerra. A propósito, eu sou Gaétan. Meu pai é o mestre Évrard, mercador de roupas e temperos.”

“Zhubin”, Karyl disse. “É a palavra para ‘lança’ em parso.”

O recém-chegado prestou atenção nele por um momento, então gingou a perna por sobre a sela no lombo alto do animal e

saltou na estrada. Ele era um rapaz corpulento, não muito alto, de olhos verdes acastanhados e cabelos marrons rebeldes que caíam sobre o rosto quadrado e bronzeado. Ele disse algo a Karyl numa língua que soou a Rob gutural e, de algum modo, aquosa. Karyl respondeu na mesma língua.

“Então é verdade”, Gaétan disse. “Você realmente é voyvod Karyl, famoso pelas canções e história.”

“Eu fui”, Karyl respondeu. “Seja bem-vindo, Gaétan. Veio juntar-se a nós?”

“Se me aceitarem”, ele deu um passo a frente para grampear seu antebraço ao de Karyl.

“Com prazer”, Karyl disse. “Este é meu tenente, Rob Korrigan. Ele é um senhor dos dinossauros.”

“Ah. Isso explica por que perguntou sobre a montaria antes de mim.”

“Vejo que trouxe armas”, Rob falou, apontando para a espada, escudo redondo e um estojo sugestivo à prova da água feito de pele de monstro do mar, tudo pendurado na sela do dinossauro. O estojo poderia acomodar uma harpa no estilo bardo, mas Rob duvidava que fosse o caso. “Sabe como usá-las?”

O jovem deu de ombros. “Sei como me cuidar. Viajo com as caravanas do meu pai desde criança. Tive de lutar uma ou duas vezes.”

“Isso é um arco de chifre?”, Karyl perguntou.

Rob levantou uma sobrancelha. *Ele realmente soou ansioso.*

“Sim.”

Gaétan apanhou o estojo, abriu e tirou um objeto no formato de uma grande letra “C”. Karyl não disse nada, mas seus olhos brilharam.

Gaétan deslizou o laço de uma corda sobre uma extremidade do arco. Segurando a outra parte com a mão esquerda e a ponta livre da corda com a direita, ele virou o C atrás da perna esquerda. Pisando entre a corda e a aduela, escorou o arco contra a parte de trás do joelho direito e se endireitou, forçando

as costas do C contra si próprio. Quando ela estava curvada o suficiente, ele deslizou o outro laço da corda, completando a transformação deste num “D”. Então, saiu de dentro do arco e o levantou.

Àquela altura, já angariara um público grande e curioso, incluindo Rob. O mais próximo que ele já tinha chegado de um dos lendários arcos curvados dos nômades de Turano e Parso foi ao assistir às fortalezas ambulantes de Karyl avançarem através das brumas do rio abaixo da Gunters Moll, e do terrível sussurro mortal lançado em nuvens pelos castelos de guerra que elas traziam em suas costas.

Gaétan puxou o braço. Músculos se definiram nos braços grossos nus. Ele aliviou a corda e virou-se para Karyl.

“Gostaria de avaliá-lo, *seigneur?*”, ele perguntou.

“Por favor, se não for incômodo. E, se você sentir necessidade de me chamar por um título, ‘capitão’ serve.”

Rob ficou um pouco surpreso. Embora quando vira o homem pela primeira vez tenha sido na condição de um pedinte maneta se fazendo de mudo na praça de um vilarejo, foi a primeira vez que escutou Karyl soar *humilde*.

Karyl apanhou o arco, parecendo mais saboreá-lo do que inspecioná-lo.

“Eles fazem esses de tendões e chifres colados, camada por camada”, ele explicou a Rob.

“Bem, aqui está um rapaz que parece ter alguma substância”, Rob escutou Guat dizer lá do fundo. O fazendeiro robusto vinha sendo um incômodo desde o começo. Ter seu suserano presente, Yannic, não o tornara um inconveniente menor.

“E o que seria essa substância?”, Rob perguntou.

“O garoto mercador vem com armas. E sabe como usá-las. Você e seu amigo forasteiro podem dizer o mesmo?”

Rob riu, incrédulo. “Você nunca entrou numa taverna nestes últimos dez anos? Tudo o que cantam são as aventuras do grande voyvod Karyl.”

A não ser as que cantavam sobre Jaume dels Flors, claro. Ele não achou ser necessário mencionar.

“Canções de taverna”, zombou Reyn. O carpinteiro da cidade e empregado de Percil era outra criança problema. “Fábulas caprichosas, nada mais. Oh, este Karyl nasceu nobre? Tudo bem. Dobramos os joelhos para ele porque esta é a Lei. Os Criadores fizeram o mundo com o alto acima do baixo, para que a base fosse mais larga que o topo e as coisas ficassem firmes. Mas ele pode lutar? Tudo o que ele fez desde que chegamos aqui é falar e ficar nos dando ordens.”

Os outros começaram a ecoar as palavras da dupla. A frente de Rob tinha encolhido e pressionado seus olhos até que ele mal conseguia ver através deles. *Escuto a mão pesada dos senhores da cidade empurrando-os para frente*, ele pensou. *Bastardos ricos traiçoeiros, todos eles*. Se bem que ao menos Melchor parecia disposto a dar aos estrangeiros uma oportunidade honesta de se provarem.

Emeric não falou nada em defesa de Karyl. Mas ele tinha pouco a dizer nas melhores das ocasiões, especialmente entre camponeses e gente da cidade, a quem chamava de “povo sentado”. Somente Lucas levantou a voz em apoio, e ela soou tão rachada, que fez pouco bem.

Rob reparou que ninguém questionou suas *próprias* proezas. Ele quase sentiu-se mal. *Como ele vai responder a isso?*, se perguntou.

“Posso usar seu arco, mestre Gaétan?”, Karyl pediu gentilmente.

Gaétan sorriu. “Não sou mestre de ninguém e de nada, exceto de mim mesmo. Um simples ‘Gaétan’ já basta. E, claro, fique à vontade.”

Ele virou-se para seu coleira de espinhos, que estava puxando um punhado de margaridas amarelas. Apanhou uma bela aljava feita de pele de dinossauro granulada, provavelmente de saltador. As flechas eram providas de penas pretas ou amarelas.

“Precisarei de apenas quatro”, Karyl disse. Gaétan lhe entregou a aljava. Karyl tirou as flechas de dentro uma por vez pela extremidade e as prendeu contra o arco utilizando os dois primeiros dedos da mão direita.

“Você quer que eu monte um alvo para você, capitão?”, Lucas perguntou, parecendo mais ansioso do que nunca para mostrar-se útil diante da presença de Gaétan. “Quem sabe um fardo de feno?”

“Não será necessário.”

Karyl apanhou uma flecha. Puxando a corda gentilmente até sua orelha, ele inclinou-se para trás e a soltou para cima, apenas um fio de cabelo para o alto.

Todos seguiram o voo da flecha, exceto Rob e Gaétan. Os dois assistiram Karyl calma, porém rapidamente, apanhar outra flecha e fazer um novo disparo.

A primeira flecha tinha acabado de alcançar o ponto mais alto de seu arco. A segunda a acertou no meio. Aquilo fez os olhos de Rob saltarem para fora. Enquanto o impacto firme ainda chegava aos seus ouvidos, outra flecha acertou a primeira, arremessando-a para ainda mais longe. A quatro metros do chão, a última flecha acertou a primeira.

Por um momento, todos ficaram estáticos. Então, começaram a gritar de uma só vez.

“Eu falei! Eu falei que ele era o homem certo para nós!”, Guat relinchou como um cavalo.

Rob olhou ao redor. Nenhum senhor da cidade estava à vista. *Que pena*, ele pensou.

Ninguém ousou dar tapinhas nas costas de Karyl, afinal, ele era um *grande*. Mas Rob reconheceu que mesmo se ele fosse o mais humilde dos camponeses, as pessoas pensariam duas vezes antes de pôr as mãos nele após aquela breve demonstração. Em vez disso, dançavam como tolos, estapeando os ombros uns dos outros e batendo nos braços.

“Uma técnica pobre”, Karyl disse a Rob puxando-o de lado. “Eles deveriam seguir por causa das minhas habilidades em campo, não pelas habilidades com as armas. Mas o tempo é curto.”

“Pela grande Mãe Maia, homem, você não precisa se justificar para mim!”

Karyl lançou um sorriso fugidio para ele e respondeu: “Estou justificando para mim mesmo. A você, estou tentando ensinar”.

Lucas, o rosto como uma criança reverente, correu para apanhar as flechas. Karyl devolveu o arco de chifre ao seu dono.

“Um belo arco”, disse. “Sinto por ter danificado sua flecha. Pagarei por ela.”

“Não fará tal coisa!”, Gaétan exclamou. “Ou melhor, se o senhor puder, apenas a entregue de volta para mim, ou minha família me chamará de mentiroso quando eu contar essa história.”

Emeric se adiantou para perguntar se poderia experimentar o arco de chifre. O corredor das matas tinha impressionado os fazendeiros e homens da cidade com a destreza que mostrara com a própria arma. Gaétan consentiu.

Karyl deu a arma a Emeric. O corredor das matas tentou armá-lo, mas não conseguiu puxar a corda mais do que um palmo, por mais que se esforçasse ou o quanto seu rosto ficasse roxo por trás do bigode amarelo.

Rob assentiu com conhecimento de causa. *E esse é o problema com esses ignorantes que manejam arcos curtos. Eles carecem do alcance e da força de um bom arco longo anglês ou uma dessas demoníacas geringonças de Ovdan. Não são de muita valia contra um cavaleiro ou um dinossauro a uma distância superior a vinte passos, a não ser que você acerte um olho.*

“Você o achou leve, não?”, Gaétan perguntou a Karyl enquanto Emeric, visivelmente desgostoso, devolvia o arco.

“Sim”, Karyl respondeu. “Mas qualquer um de vinte anos das tribos montadas nômades de Ovdan, menina ou menino, poderia

ter feito o que fiz no lombo de um cavalo em pleno galope.”

“Este arco é de adulto”. Gaétan disse. “Para uma mulher nômade, digo. Lá no platô, sou pouco mais do que um novato, embora deste lado das montanhas seja reconhecido como bom.”

“Ele é mais do que bom”, Emeric falou. Quando Rob olhou para ele, completou. “Temos competições regulares, sabe? Todos os arqueiros da província se conhecem, sejam da cidade ou corredores das matas.”

“Poderia convencer os arqueiros a juntarem-se a nós?”, Karyl perguntou.

Gaétan olhou para Emeric, que deu de ombros, e disse: “Vale a tentativa”.

*Arqueiros de arcos curtos?*, Rob pensou. *De que isso nos adiantará?* A pergunta ardeu em suas entranhas, mas ele teve o bom senso de não fazê-la diante do corredor das matas.

Karyl deu um sorriso rápido e estreito para ele.

“Então tente, Gaétan”, ele disse. “Precisamos de tudo que pudermos ter. E rápido. Mulheres também. Elas podem atirar com bestas se não conhecerem arquearia ainda.”

Gaétan encolheu os ombros. “Vou espalhar a notícia. Nossa família tem algumas mulheres aventureiras. Elas seguem em caravanas como os rapazes. Minha irmã mais velha, Jeannette, costumava ser muito boa com o arco, mas é improvável que esteja interessada agora que está toda envolvida com o Jardim e aquela conversa de paz e amor. Ela nem sequer segue mais os comboios até Ovdan.”

“Jeannette?”, Rob olhou para o peito de Gaétan e o perímetro de seus braços bronzeados, impressionantes e desnudos pela capa curta que ele vestia. Engoliu em seco. “Por um acaso ela seria alta, de cabelos castanhos avermelhados? Bastante esbelta?”

Gaétan sorriu. “Essa é a minha irmã. Você a conhece?”

“Brevemente”, Rob falou. Gaétan deu um soco no bíceps de Rob.

“Então é isso! Qualquer amigo de Jeannie é meu amigo!”

Rob conteve um tremor.

“Fico honrado”, respondeu com a voz estrangulada.

# OS SENHORES DOS DINOSSAUROS



– 36 –

**Lanza, Lance** – *Conde dos Criadores: Kan ☵ (Água)*

– *O Filho do Meio. Representa guerra e paz, agressão e perdão, vitória e derrota; e a água serena (piscinas, rios, lagoas).*

*Também feras de guerra. Conhecido pelo valor. Aspecto: um homem negro bonito numa armadura azul, com um pé sobre um cadáver, segurando uma espada longa apontada para baixo.*

*Animal sagrado: tricerátopo. Cores: preto e azul.*

*Símbolo: uma espada longa invertida.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

Jaume viu o que fazer. Ele acenou com sua lança para que seus Irmãos liberassem o terremoto. Assim que terminou o gesto, fechou o visor com o nó do polegar da mão que segurava a lança.

Seu mundo tornou-se uma pequena câmara de metal que fazia ecos, e os impactos do trote de Camellia faziam sua coluna ranger. Ele verteu sua visão como água através das fendas para

os olhos. Sua respiração rugia nos seus ouvidos como o fole de um ferreiro. Ele sentiu o cheiro da pasta de bicarbonato e pedrapome que usara para escovar os dentes.

Obediente ao comando, Camellia espichou o pescoço para frente e emitiu o grito silencioso. As montarias dos Companheiros atrás dele fizeram o mesmo. As rajadas delas foram como facadas nas têmporas dele. Seu estômago se rebelou. A tontura fez o mundo girar. Ele estava pronto para sentir aquelas coisas e as achou nada além de desconfortos momentâneos.

Mas, diferente de cavaleiros de dinossauros, as montarias da cavalaria e os guerreiros passavam pouco tempo treinando para suportarem um terremoto, já que este raramente era desperdiçado em uma mera cavalaria. Bicos de pato de guerra precisavam de pouco mais do que a própria *massa* para destruir cavalos de guerra.

O terremoto pequeno, porém intenso, dos Companheiros pegou os terrarojanos desprevenidos. O efeito quase chocou Jaime. Meia dúzia de agressores diante dos Companheiros caiu como se tivessem sido alvejados. Outros abaixaram a cabeça e fugiram em disparada. Alguns deram meia-volta, direto para os rostos de seus próprios camaradas ou longe dos monstros de Jaime, na direção dos cavaleiros de dinossauros da Terra Vermelha que perseguiam os imperiais derrotados.

O caminho que o grito mortal abriu para os Companheiros de Jaime não estava perfeitamente livre, mas estava livre o *bastante*. Jaime puxou a lança da bainha que a mantinha presa junto a sela e a brandiu, berrando: “Pela Beleza e pela Dama!”

Sua voz soou acima do ribombar de cascos e espalmar dos pés de dinossauros, do relincho dos cavalos e dos gritos de homens feridos. Ele balançou a lança, liberando uma flâmula branca presa a ela com seu próprio emblema laranja e o símbolo da Dama do Espelho.

Ele balançou a lança na direção do inimigo. “Preparem as lanças!”

“Pela Dama!”, seus Companheiros ecoaram.

Um alazão de enfeites azuis e brancos estava caído de lado, no caminho de Camellia. Seu cavaleiro lutava freneticamente para libertar a perna aprisionada sob ele. Jaume não foi obtuso ao som de algo sendo esmagado e dos gritos quando conduziu seu morrião sobre eles, mas não olhou para baixo.

Ele ousou dar uma olhadela rápida para os lados. Manfredo cavalgava à sua esquerda. À direita, a sacabuxa vermelha e amarela de Florian, que ele chamava de “Aí Vem Encrenca”, bateu o peito contra a garupa de um corcel galopante e virou o cavalo de meia tonelada no sentido anti-horário, sem nem perder o passo.

Lágrimas quentes escorriam dos olhos de Jaume. Ele piscou para limpar a vista, enquanto elas escorriam pelas bochechas. Ele sempre chorava nas batalhas. Quer fosse pela dor da feiura e do sofrimento que causava ou uma mera reação física, ou ambos, ele não sabia ao certo.

Os cavaleiros da Terra Vermelha montavam seus hadrossauros de guerra para o sul num galope a quatro patas. Os animais já estavam quase exaustos por causa dos piques desesperados e tinham voltado a ficar de quatro. Seus caçadores sabiam que os alcançariam logo.

A visão deles, todo o seu ser, havia se estreitado a um tipo de tubo focado somente naqueles que perseguiam. Jaume sabia que era um impulso humano quase irresistível; mas ele e seus cavaleiros tinham aprendido a controlá-lo por meio do treinamento e da experiência.

Poucos grandes viam aquela necessidade. A perseguição era a *matanza*, o momento do massacre, e era o que eles mais gostavam na guerra.

Os terrarojanos literalmente não conseguiam ver a destruição que ia contra eles como uma ferroada. Até atingi-los.

Para o ataque, Jaume sinalizara aos seus Companheiros que pusessem as montarias nas quatro patas. Ele fez o mesmo com

Camellia. O poder e estabilidade que o quadrúpede lhes conferia serviam melhor do que a velocidade plena de um bípede.

Jaume conduziu Camellia para outro morrião à sua frente, com listras azuis sobre verde, cujo dono estava enfeitado numa péssima combinação de roxo e prata. O outro monstro esquivou-se da colisão virando a cabeça e tentando parar. Ele não atingiu Camellia, mas Jaume estava próximo o bastante para que sua lança atravessasse o pescoço atrás da armadura que protegia a garganta, logo abaixo da mandíbula.

O bico de pato caiu para a direita espirrando um leque de sangue. Jaume já havia soltado a sua lança e estava se esticando para alcançar a Dama do Espelho. Num combate, uma lança era tão dispensável quanto uma flecha. A principal arma de um cavaleiro de dinossauros era sua montaria.

Ele colidiu Camellia contra a lateral de um segundo bico de pato, um sacabuxa amarelo e marrom. Seu corpo foi projetado para frente quando Camellia bateu. O peito dela derrubou o outro dinossauro, que saiu rolando e urrando.

Jaume olhou para a direita e virou Camellia para a esquerda. Ela obedeceu tão graciosamente quanto uma bailarina no palco Lumière, abaixando a cabeça e membros e elevando sua cauda maciça para contrabalançar.

A qual usou para chicotear direto o rosto de um morrião. O pescoço do dinossauro quebrou com um som como o de uma rocha sendo despedaçada por um martelo. Ele se transformou numa avalanche branca, cinza e preta.

Aproveitando o embalo, Camellia virou de volta no sentido horário, deixando para trás o dinossauro morto e o cavaleiro condenado.

Úmido e abominavelmente rico, o cheiro do sangue espirrado e dos vastos intestinos de herbívoros cercou Jaume como ar pantanoso. Em toda a sua volta, homens e monstros lutavam num tumulto que soava como um ferreiro acompanhado de uma orquestra de gaitas de fole e cornetas.

Ele viu o martelo de Machtigern abrir uma fenda na lateral de um capacete vermelho, verde e branco. A couraça amoleceu como se estivesse vazia e caiu lentamente da sela. Rugindo, Timaeos golpeou um escudo preto e branco com sua marreta tão forte que arrancou o guerreiro da montaria.

Numa onda de pó rosado, um cavaleiro uivou enquanto sua perna era moída, presa entre a lateral de seu dinossauro e Lusitano, o sacabuxa de Fernão. Jaume gritou quando o dinossauro verde e amarelo tombou, derrubando Fernão no chão e para fora da sua vista.

Jaume não tinha chance de auxiliar o Companheiro caído. Um cavaleiro vestindo capacete preto e dourado o atacava, montado em seu morrião, brandindo uma maça de borda saliente. Pela maneira que seu corpo blindado se movia, Jaume pôde perceber que ele estava dando tudo de si naquele golpe, na esperança de quebrar o escudo de Jaume e seu braço junto.

Então, em vez de levantar o escudo para aparar o golpe, como o reflexo gritava para que o fizesse, Jaume girou o escudo para fora de seu corpo. A maça ricocheteou em sua superfície com um ruído de aço contra aço.

Para atacar tão forte, o cavaleiro teve de abrir a própria guarda também, preparando o caminho para o ataque. Ele também teve de se inclinar para frente.

Quando Jaume defletiu o ataque, isso deixou o oponente exposto. Jaume estocou firme com a Dama do Espelho. Sua ponta de aço atravessou a armadura com um guincho agudo e penetrante.

Sangue fluiu num delicado jorro escarlata através das perfurações onde o visor do inimigo cobria sua boca. A espada foi arrancada do pescoço enquanto a vítima caía.

Por um momento, Jaume viu-se sozinho em meio a um turbilhão de corpos vastos. Ele não conseguia mais ver Fernão ou Lusitano. Ele vislumbrou uma cena turva ao norte, vendo seus Companheiros e Ordinários lutarem contra a cavalaria pesada de

Terraroja. Como os cavaleiros de dinossauros, os *hombres armaos* tinham encurralado seus oponentes, fechando-os pelo flanco. Agora, habilidade, coragem e golpes fortes diriam se tais vantagens poderiam compensar a diferença numérica. Caixas de bateria soaram. Trombetas gritaram. Bandeiras feriam o céu com cores. Grandes tambores batiam como o coração de um titã assustado.

A morte reinava.

Um cavaleiro, com a metade inferior de seu antigo capacete fora de moda pintada de vermelho com uma série de semicírculos na borda superior e o topo esmaltado em branco, atacou Jaume numa investida com a lança aninhada. Uma bandeira com as mesmas cores esvoaçava de um estandarte afixado na patilha da sela. Seu sacabuxa era admiravelmente colorido: branco puro, de membros, cauda e bico vermelhos berrantes, como se a enorme fera tivesse atravessado um rio de sangue.

O conde Terraroja tinha encontrado seu principal atormentador.

Jaume virou Camellia de frente para o sacabuxa e a fez ficar sobre as pernas traseiras, tocando-a com os joelhos. Ela correu a grande velocidade para ir de encontro ao inimigo. O enorme peito dela ofegava como os foles da própria forja de Torrey. Saliva fluía do bico em grandes fios brancos. Restava a ela pouco a oferecer. Mas ela era uma lutadora e o oferecia agora.

“Bella e o imperador!”, Jaume berrou. Ele inclinou-se para frente quando a lança de Terraroja acertou seu escudo com um impacto que teria feito muitos cavaleiros girarem para trás por sobre a patilha. Mas ele manteve a posição como se as pernas estivessem coladas às laterais de Camellia.

Os hadrossauros brancos colidiram. Por um momento, forçaram um peito contra o outro. O sacabuxa revirava os olhos de forma selvagem. Terraroja jogou fora o toco de lança quebrado e sacou sua espada.

Seu parassaurolófo não tinha as costas tão altas quanto o coritossauro de Jaume, mas os bicos de pato se igualavam em força e tamanho. Rupp von Teuzen tinha treinado as montarias dos Companheiros no que se constituiu a arte das *lutas de dinossauros*. Infelizmente, a técnica não era segredo e a montaria de Terraroja também a dominava.

No instante em que Jaume percebeu que Camellia não obteria vantagem para ele, deu a ela o comando para girar em sentido anti-horário. O próprio oponente a ajudou, fazendo-a guinar no lugar. Isso pôs Jaume e o conde joelho com joelho, o lado direito de Jaume junto ao lado esquerdo do seu oponente.

Por detrás das fendas de seu grande capacete, os olhos de Terraroja se arregalaram em triunfo. Jaume tinha deixado a guarda aberta ao oferecer-lhe o lado oposto ao escudo.

Enquanto Camellia virava, Jaume estocou com sua espada longa, buscando as aberturas dos olhos. Como todos, don Leopoldo tinha um poderoso reflexo para proteger a vista. Seu escudo, plano no topo, afunilado na parte inferior, subiu rapidamente.

Rápido demais. Alto demais. O que aumentou a quantidade de tempo que ele o cegou.

Guinando para a direita em sua sela, articulando Camellia de volta no sentido horário para obter o ângulo adequado, Jaume atingiu seu escudo contra a garupa do sacabuxa. Ele acertou o rebordo esquerdo do escudo de Terraroja com a beirada direita do seu próprio.

Girou Camellia na direção oposta. O corpanzil dela sacudiu Leopoldo, tirando-o metade para fora da sela na direção dela. Ele rugiu quando os dois monstros se acertaram, fazendo com que a peça da coxa interna de sua armadura dobrasse para dentro com um som oco, pressionando cruelmente a perna.

Inclinando-se sobre ele, Jaume golpeou o grande capacete com o pesado pomo redondo da Dama do Espelho. Ele fizera

Camellia dar um passo rápido para o lado esquerdo. Terraroja, atordoado, caiu bem entre os dois monstros.

Normalmente, um hadrossauro de guerra abaixaria o torso no instante em que sentisse seu cavaleiro perder o equilíbrio, para mantê-lo na sela ou, se isso falhasse, reduzir a altura da queda dele. Mas a pancada lateral de Camellia tinha desconcertado o sacabuxa da Terra Vermelha, fazendo-o reagir tarde demais.

Jaume direcionou Camellia para açoitá-lo com a cauda. Ele deu um urro desesperado e fugiu para o sul.

Don Leopoldo de la Terraroja estava de costas no chão como uma barata virada para cima, braços e pernas se debatendo debilmente. Jaume empinou Camellia o máximo que os quadris e a grande cauda dela permitiam. Movendo-a para frente, ele parou pouco antes do passo que faria com que o pé de três toneladas e meia, o peso combinado do dinossauro, cavaleiro, tachas e armadura, esmagasse o peito de Terraroja.

Por um momento, ele trocou olhares com Terraroja. Se o conde achara por algum momento que o conde das Flores estava blefando quanto a esmagá-lo, tal noção desapareceu.

“Espere!”, Terraroja berrou. “Eu me rendo!”

“Ordene que seus homens parem de lutar.”

“Parem de lutar!”, Leopoldo gritou. Ainda sem fôlego por causa da queda, ele não conseguia imprimir muito volume. Mas tentou.

“Don Leopoldo se rendeu!”, Jaume berrou. Ele tinha bastante fôlego. “Terrarojanos, seu mestre ordena que se rendam! Larguem as armas!”

A maior parte da ação tinha rumado para outro local, deixando Jaume amplamente isolado com seu inimigo derrotado em meio a um punhado de dinossauros e homens, alguns se movendo e grunhindo, outros não. Felizmente, Timaeos estava perto, repetindo as palavras com sua voz colossal.

O grito ecoou por todo o campo de batalha. Qualquer um que achou ser uma artimanha tinha apenas que dar uma olhadela

para ver o distinto sacabuxa de Terraroja correndo entusiasmado nas quatro patas em direção ao sul, com a cauda levantada.

Como a grama soprada por um súbito vento, as armas caíram no chão quando o exército da Terra Vermelha se rendeu.

“Eles eram três”, disse a criança excitadamente. “Dois homens e uma montadora, com as armaduras brilhando e tudo, cada um num monstro maior do que uma casa.”

Karyl e Rob estavam escutando à sombra de um matagal, ao leste do campo de treinos da fazenda Séverin. O ar da tarde estava grosso e picante por causa de alguma erva que Rob não conhecia. Alados de penas os censuravam furiosamente por causa da sua intromissão.

O recém-nomeado espião mestre Rob tirara a sorte grande. A sorte dos Korrigan lhe trouxera aquele pequenino espião virtuoso, um moleque de rua com uma blusa de lona que parecia conhecer todo mundo na cidade de Providence e tudo o que eles estavam tramando. Ele tinha o dom de fazer com que outras crianças – e não só os moleques de rua – conversassem com ele.

Ou ela. Rob não se decidia. Por baixo dos cabelos negros e de uma casca urbana de sujeira, seu informante tinha um rosto bastante infantil e falava com voz fina como todos daquela idade, uns 16 anos. O moleque atendia pelo nome de *Petit Pigeon*, Pequeno Pombo, o que também não dava pistas a Rob.

“Eles entraram direto na cidade pela estrada, os Corações Partidos, com seus emblemas de Crève Coeur pintados no peito, todo audaciosos”, contou Pequeno Pombo. “Chutando carroças e quiosques, derrubando escadas. Derrubaram o velho pintor Quentin Wen-Nose de bunda tão forte que ele se cagou ali mesmo e teve que andar de quatro pela sarjeta. Todo mundo tinha de sair da frente deles.”

Entre as sentenças, a criança enfiava na boca cada vez mais figos secos que Rob tinha lhe dado. Rob simpatizou. Quando as bochechas estavam ocas daquela maneira sob os ossos malares largos, comer tinha prioridade sobre as mais chocantes notícias.

Ou as mais horríveis.

“Tinha um moleque, uns cinco anos, que não se moveu rápido o bastante. O líder dos Corações Partidos, um cara grandão de cabeça raspada e barba preta, deu uma pancada com seu sacabuxa que o virou do avesso. Aquiles era o nome do moleque. Um chato enxerido, mas ele não merecia nada daquilo.

“A mãe dele, Mathilde, é uma oleira do estúdio do gordo Vincent, ao lado do rio. Ela estava pechinchando com o tratante Adèlu, o monge das penas. Ela é casada com Igon, um montanhês basco que trabalha com couro. Ela viu o filho sair voando e correu para ajudar, gritando como se o cabelo estivesse pegando fogo.

“Então, a cavaleira do morrião verde, ela tinha cabelos loiros e uma cruz verde sobre um escudo branco pintada no peito, ela atravessou Mathilde com sua lança. Depois, o terceiro cara, ele tinha uma capa que parecia um horror vermelho de penas, o sacabuxa dele pisou nos dois e os esmagou no pavimento até virarem pasta.”

“Desgraçados cabeças de balde”, Rob rosou. “Perdão pelo meu anglês.”

Ele abocanhou mais figos. Por mais que se achasse duro, Rob sentiu seu estômago revirar. *Você já passou por isso. Lembre-se como era a sensação da fome de verdade.*

“O que aconteceu a seguir?”, Karyl perguntou gentilmente. Os braços estavam cruzados sobre o peito nu. Ele segurava o bastão com uma mão.

“Eles cavalgaram diretamente para a prefeitura”, respondeu *Petit Pigeon*, babando pedaços de fruta. Rob estava cansado de tentar pensar nele como uma criança. “O Barba Negra gritou pelo prefeito. O velho Ludovic saiu. Ele é um idiota. Qualquer

autoridade sempre vai ser, é natural. Mas vou te dizer, ele mostrou coragem. Ele parece um ratinho marrom, pouca coisa maior do que a criança que foi esmagada, com um tiquinho de cabelo na cabeça, um narigão e bigodes caídos. Ele estava tremendo, mas os encarou, bem ali, com eles em cima daqueles monstros. Ele exigiu saber por que estavam violando a cidade e tudo mais.

“Aí, o Barba Negra dá uma risada malvada e diz: ‘Trouxemos uma mensagem do meu senhor, conde Guillaume, de Crève Coeur. Tendo o legítimo conde de Providence abandonado seu cargo, qualquer nobre tem o direito de clamar a soberania’.”

Rob deu uma olhada para Karyl e levantou a sobrancelha. Para um moleque de rua sem educação, o Pequeno Pombo falava com pompa invejável. Quem sabe fosse apenas algo nato.

“O cara disse a Ludovic: ‘O bom conde Guillaume agora graciosamente se pronuncia para nos salvar da anarquia e dos vícios não naturais. Daqui a uma semana, vocês deverão recebê-lo como seu novo Lorde’.

“Ou serão esmagados como os piolhos que são’, a mulher completou.

“Aí, eles deram as costas e trotaram para fora da cidade como se não tivessem uma só preocupação no mundo.”

“Você agiu bem”, Karyl disse.

Rob jogou um peso para a criança. Pequeno Pombo o mordeu cético e sorriu. Rob devolveu o sorriso. Ele conhecia o sabor da prata e a forma com que os dentes afundavam levemente no metal de verdade.

A criança virou-se e desapareceu de uma vez nos arbustos verdejantes. Ele podia ser um rato da cidade, mas também sabia como sumir no meio do campo.

“Então... o que faremos agora?”, Rob perguntou.

“Vamos lutar”, Karyl respondeu. “Vou ordenar que os voluntários fiquem prontos para marchar a qualquer momento. Então, eu e

“você iremos à quinta. Suspeito que o Conselho do Jardim vai querer dar sua opinião. E rápido.”

“Sim”, Rob disse, lúgubre, coçando a nuca. “Eles são exatamente do tipo que gosta de mijar na sopa pra melhorar o gosto.”



PARTE IV  
LA CUENTA  
O ACERTO DE CONTAS

# OS SENHORES DOS DINOSSAUROS



– 37 –

## **Arrancador de los Muertos, Rasgador de Mortos, Bico Sangrento**

– *Caulkicephalus trimicrodon. Um pteranodonte, alado de crista e sem cauda, com bico dentado que alarga na extremidade; envergadura das asas de 5 metros, 20 quilos. De coloração preta ao cinza ardósia, manchado de vermelho na cabeça, pescoço e ombros, como se borrifado com sangue. O que com frequência ele é. Alimenta-se de cadáveres. Presença mal quista, porém necessária, nos campos de batalha.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

Mor Manfredo ajoelhou-se na grama verde pálida, num círculo feito pelos Companheiros, ainda de armaduras, exceto pelos capacetes, e que olhavam para baixo em agonia. Ele deitou Fernão em seu colo. O galego estava com o pescoço arqueado convulsivamente para trás. Lamentos saíam da boca aberta e as esporas cavavam sulcos na terra vermelha enquanto ele lutava para levar o ar ao seu peito esmagado por sob a armadura destruída.

Era óbvio a Jaume que ele perderia aquela luta. Surpreendera-lhe que seu amigo tivesse vivido tanto com um ferimento tão grave. E também o entristecia.

Um cavaleiro trajando armadura completa era quase invulnerável. Costumava ser preciso habilidade considerável ou uma sorte absurda para acertar o buraco dos olhos ou algum ponto fraco nas juntas para derrotá-lo. O maior perigo para um cavaleiro de dinossauros era também a sua maior arma: um dinossauro de guerra. Nenhuma armadura no mundo poderia proteger de ser esmagado por um monstro de muitas toneladas que pisasse ou caísse sobre ele, ou o chicoteasse com a cauda.

Quando isso acontecia, a armadura era um falso amigo. Em vez de explodir como um odre de vinho golpeado por um martelo e morrer de imediato, o cavaleiro tinha de agonizar com a carapaça de metal presa a ele, cutucando cruelmente os membros e torso, enquanto a vítima aguardava a morte por ferimentos internos e a falência dos órgãos esmagados.

Como ocorria agora com o amigo deles, Fernão.

Manfredo olhou para cima. Ele removera o capacete e a coifa acolchoada que usava sob ele. O cabelo vermelho estava grudado na testa, onde veias azuladas se destacavam, e pendendo sobre os espaldares da armadura. Ele olhou para Jaume com os olhos cheios de lágrimas. O queixo quadrado se pronunciava com o esforço de refrear um grito.

“Ajude-o!”, o taliano disse. “Pela Dama, pela Mãe, por favor, ajude-o!”

Timaeos, ajoelhando-se ao lado do Companheiro caído, olhou para Jaume e balançou a cabeça.

“Não adianta nem sequer tentar tirar a armadura dele”, disse o grandalhão. “Só fará com que ele sofra horrivelmente sem finalidade. Não podemos ajudá-lo.”

“Não!”, Manfredo gritou. Ver o seu amigo sisudo ser dilacerado pela dor apunhalou o coração de Jaume. Isso o entristecia quase tanto quanto o tormento de Fernão.

Que, ao menos, estava chegando ao fim.

Jaume tocou os cabelos encharcados de Manfredo. “Amado Irmão. Você é tão experiente em batalhas quanto qualquer um de nós. Sabe que ele não conseguirá.”

Por um instante, Manfredo olhou para Jaume com fúria e ódio tão latentes que Jaume, física, mental e espiritualmente exausto como estava, não conseguiu evitar retroceder. Então, o taliano fechou os olhos e lágrimas rolaram dos cílios longos.

“Eu sei”, ele suspirou.

Apesar da luta perdida para conseguir respirar, a mente de Fernão parecia compreender o que estava sendo dito. Uma mão morena segurou a mão pálida de Manfredo.

Manfredo sacou sua misericórdia. Ninando a cabeça do seu amante com a outra mão, curvou-se e beijou a fronte coberta de suor.

Os outros Companheiros deram as costas. Nem mesmo Timaeos, o curandeiro, podia olhar.

Mas Jaume não desviou a vista quando Manfredo enfiou o punhal fino com precisão pela orelha de Fernão. O galego enrijeceu. Então, com um suspiro sibilante, amoleceu e ficou em paz, livre da dor.

Uma seta de um metro transfixou o alado sem cauda, cuja crista e cabeça pareciam ter sido borrifadas de sangue. Ele bateu o bico dentado na seta e caiu de cima de um cavaleiro terrarojano sem capacete, cujo sangue escorria pelo rosto barbado, atingindo o chão com suas asas de penugem negra.

“Por que disparou, Owain?”, Manfredo perguntou ao galés. Os Companheiros caminhavam entre os caídos, dando qualquer socorro que podiam a ambos os lados. Eles tinham removido com alívio suas armaduras e as malhas ensopadas de suor que usavam por baixo delas com o acolchoamento. “O rasgador de

mortos só estava fazendo o que os Criadores querem que ele faça.”

O esguio anglaterrano sacou outra flecha.

“Aquele ali ainda está vivo”, ele disse com seu curioso sotaque cantado, “e o alado estava buscando os olhos dele.”

Florian parou para examinar o cavaleiro ferido. A pele do homem estava amarelada e embebida em suor. Ele murmurou como se tentasse dizer alguma coisa. Não parecia ciente da presença de seus inimigos.

“Ele já era”, Florian falou, se endireitando.

Houve um zunido e um baque que pareceu um machado acertando um tronco. Outra flecha cravou-se subitamente na têmpora do homem mortalmente ferido.

Manfredo lançou um olhar irado contra o galés. Após um instante, ele retomou visivelmente o autocontrole. Jaume relaxou.

Laços de amor eram encorajados entre os Companheiros – como existira entre Jaume e Pere antes de eles serem Companheiros. Jaume acreditava que isso ajudava a inspirar os Irmãos a lutarem ainda mais ferozmente uns pelos outros. Eles eram proibidos de tomarem amantes entre os membros mais baixos da Ordem, os escudeiros e Ordinários. Mas Companheiros eram todos iguais. Até mesmo Jaume, a despeito da patente, que liderava somente porque o resto decidira segui-lo.

Mas a perda de um amante era ainda mais brutal do que a perda de um Irmão. Todos carregariam a ferida da perda de Fernão; quando ela sarasse, deixaria uma cicatriz. A ferida de Manfredo era mais profunda que a de todos os outros. Demoraria mais tempo para sarar.

Os corpos de homens, algumas mulheres e animais estavam largados como destroços de uma tempestade ao longo de grande parte de um quilômetro quadrado na parte plana do declive. Alguns ainda se moviam e o coral de grunhidos e lamentos soava

um pouco como o gemido do vento, um pouco como um grupo de aves do mar sobre uma desolada praia rochosa.

O cheiro era... o que imagina-se que é. E os corpos nem tinham começado a apodrecer ainda no calor brando.

Outros andavam pelo campo de batalha como os Companheiros. Homens e mulheres trajando os mantos marrons e amarelos da Rainha Maia, e pretos e azuis de Lanza, o Filho do Meio. Ambas as seitas dos Criadores enfatizavam o treinamento nas artes da cura. Eles normalmente trabalhavam em duplas, um de cada seita. Uma vez que serviam ao lado gentil e curador da Mãe, ao invés de seu aspecto destruidor, as seitas de Maia preferiam deixar as mortes por misericórdia de humanos e animais para os parceiros. Os devotos do deus da guerra entregavam a graça derradeira com pouca diferença de suturar uma ferida ou fazer uma tala num membro machucado.

Bem mais pássaros e rasgadores de mortos cuidavam dos caídos do que humanos. E os insetos, as moscas zumbindo com suas barrigas de azul cobalto brilhando sob o sol encoberto pelas nuvens e fileiras infinitas de formigas, superavam todos eles. De forma inevitável, a matança atraiu também enxames de lixeiros de duas patas, com penas e sem. Patrulhas de infantaria leve dos Nodossauros e mercenários a cavalo os mantinham longe.

“Quando o sol se pôr”, Florian falou, afastando-se, “nossas tropas mercenárias estarão pilhando os mortos antes mesmo que as nuvens desapareçam.”

Com um trejeito que poderia até ser tomado como um sorriso amargo, Jaume assentiu. Em comparação com a própria fadiga, que doía até os ossos, e a doença na alma, Florian parecia quase vivaz. As bochechas estavam rosadas e o passo rápido.

No passado, Jaume se preocupara de o francês ser superficial ou, pior, carecer de uma consciência, e de que admiti-lo na Ordem fora um erro terrível. Mas, nas semanas desde a morte de Pere, Jaume viera a conhecê-lo melhor. Florian respondia a

provações duras com um rosto sorridente e desenvoltura. E ele era genuinamente resiliente.

*Ele sente tanto quanto qualquer um de nós. Ele só sara mais rápido.* Jaume não sabia ao certo se o invejava ou não.

Um grito passou de garganta para garganta ao longo da brisa que soprava do leste, alertando Jaume de que uma pequena comitiva montada se aproximava em direção à cidade escondida e ao castelo bastante visível. As mãos buscaram os cabos das espadas.

“Eles trazem uma bandeira branca”, Florian disse. “Isso será interessante.”

Jaume caminhou até a estrada.

“Capitão?”, Manfredo gritou. “Alguns de nós não deveriam montar guarda com você? Vai confiar nesses desconhecidos?”

Jaume riu. Quase para sua surpresa, foi genuíno, apesar da dor nas costelas que o matador lhe arrumara. Agora que a febre da batalha decrescera e a adrenalina baixara, era como se cada ferimento sofrido tivesse voltado para assombrá-lo de uma só vez.

“Não, meu amigo”, ele respondeu. “Mas quero ver se eu não tenho medo deles.”

“...quando muitos grandes imperiais, com a anuência, se não o apoio aberto, de seus senhores suseranos, os reis da Alemanha, Francia e até da Spaña, se rebelaram contra o governo progressivamente mais duro (e errático) de Manuel e lançaram um cerco sem precedentes contra a cidade capital de La Majestad, que ainda estava em construção. Mas *el Insurrecto* chegou ao fim quando a filha dele, Juana, então chamada de *La Roja* por causa da coloração flamejante dos cabelos, caminhou sozinha, sem nem mesmo um único guerreiro da casa para protegê-la, até a extremidade da ponte erma que passa sobre o

abismo até a capital, para anunciar a morte de seu pai por conta da saúde precária...”

“Oh, minha querida filha! Como você está neste belo dia?”

Melodía fechou o livro de história que estava lendo.

“Estou bem, pai”, ela disse, olhando para cima e tentando não suspirar. “E você?”

“Esplêndido, esplêndido”, ele falou. Manteve a voz baixa; o rígido guardião da biblioteca não hesitaria em pedir silêncio mesmo ao imperador. O agudo senso de justiça de Felipe não o deixaria ofender-se. De fato, isso o divertia. O que era um dos motivos pelos quais Melodía o amava mais do que ele a exasperava.

Como era um dia quente, mesmo ali, na biblioteca do Palácio, onde imensos leques movidos por centrossauros transformados em cabrestantes mantinham o ar fluindo para minimizar a umidade sobre a vasta coleção de livros de Heriberto, o imperador Felipe vestia-se com o mínimo. Trajava calças amarelas, botas baixas também amareladas e uma canga sobre os ombros escarlate, com plumas douradas. Mesmo sua sombra, Mondragón, como sempre sombrio e carrancudo ao lado do ombro direito do imperador, cedeu ao calor ao vestir um manto marrom de penas pretas por sobre um saiote marrom e sandálias.

Ele fez uma reverência a Melodía.

“Alteza”, disse, reconhecendo-a com seus olhos como açoites e a língua reptiliana.

*Passei anos aqui pensando que ele me desaprovava, achando que eu era frívola, ela pensou, até dar-me conta de que ele não me percebia o bastante para me aprovar ou desaprovar.*

Como a maior parte dos locais públicos do Palácio dos Vagalumes, a biblioteca tinha teto alto e abobado. Tal qual muitos deles, era bem iluminada por janelas altas, além de ser bem conservado, sem pó e continuamente reabastecido. Não sendo fã de leituras recreacionais – e menos ainda de separar-se da boa

prata – o príncipe da Mandíbula do Tirano, apesar de tudo, gastava livremente ali. Ele aprovava a leitura por princípio como sendo boa para os negócios; a biblioteca era uma tradição que datava da própria duquesa de ferro; o Palácio era a residência imperial de Felipe e manter a biblioteca de La Merced com ao menos um volume a mais que sua amarga rival de Laventura era uma meta levada a sério por cada cidadão, do mais baixo ao mais alto.

“Mas por que você está desperdiçando uma tarde tão gloriosa enferrujando em meio a livros mofados, minha filha?”, Felipe perguntou.

“Estou tentando aprender o máximo que posso sobre a história do Império e de *la familia*”, ela respondeu seca, “a fim de desempenhar melhor minhas funções para com ambos.”

Ela vestia calças esmeralda de seda e coturnos marrons simples. Sua criada, Pilar, que estava ao seu lado em silêncio, tinha enrolado o cabelo em tranças e os enfeitado num arranjo intrincado com pérolas e uma ou duas penas. Parecia mais chique do que era. A intenção era manter o cabelo fora do pescoço.

Felipe balançou a cabeça. “Você vai ficar com rugas de tanto estudar.”

“Quando minha mãe morreu, eu assumi muitos deveres para gerenciar Los Almendros”, ela o lembrou.

No mesmo instante, se arrependeu de tê-lo feito. A perda da sua adorada Marisol continuava sendo uma ferida aberta para ele. E o fato de a mãe de Melodía ter morrido dando à luz Montse – que estava, da mesma forma, sentada ali perto, olhando intensamente um enorme livro aberto – não atenuava em nada as coisas.

Mas naquele dia, o bom humor estava invencível. Ele apenas sorriu.

“E você fez um trabalho esplêndido, Melodía. Mas agora, nós temos um belo senescal para tomar conta do nosso ducado.

Você é a filha do imperador, garota. Não tem com o que se preocupar.”

Ela fez uma careta. “Nem tenho nenhuma tarefa.”

Ele riu como se aquela fosse a melhor piada que escutara naquela semana e segurou o ombro nu da filha.

“De fato, de fato. Então, por que não aproveitar a vida enquanto ainda é jovem? Contudo, eu sinto informar que você terá de protelar um pouco mais suas núpcias com Jaume.”

Isso a fez pressionar os lábios até que os sentisse colados como um bico de morrião. Ela não tinha anunciado *abertamente* qualquer ruptura com Jaume, mas era como se todos no maldito Palácio *soubessem*. Sem dúvida, ela não tentou esconder.

Mas, até aí, mesmo que ela tivesse ordenado aos servos que pintassem em letras vermelhas na parede do quarto dele, era possível que ainda assim ele não entendesse a mensagem. O imperador não pegava insinuações, mesmo se elas fossem entregues pela face de um martelo de guerra. E ele era particularmente cego e surdo para notícias que não lhe importavam.

Então, ocorreu a ela que estava fazendo o mesmo.

“Espere, por quê? O que quer dizer com ‘protelar’?”

“Apenas que fui aturdido pela noção esplêndida de enviar nosso jovem campeão para colocar outros nobres na linha. Assim que ele terminar com a submissão de Terraroja, claro. Mas isso é tão certo quanto o sol nascer no oeste e, sem dúvida, não tardará muito mais.”

“Você não pode estar falando sério!”, ela disse, levantando-se. Ele sorriu com afeição e afagou o braço dela. “É tão maravilhoso conversar com você, *mi hija*. Tente se animar um pouco e aproveitar a vida. Ela é tão fugaz.”

*Sua trisavó, Rosamaría, tem trezentos anos de idade, ela pensou. Tenho as mesmas chances de viver o mesmo. Se não morrer de tédio antes.*

Ela abriu a boca para lançar o que já sabia ser um ataque fadado ao fracasso contra aquela nova e reluzente resolução. Mas ele já estava se afastando.

“Mas Majestade...”, Mondragón começou a dizer, enquanto seguia seu mestre. Felipe agitou a mão para ele, sem importar-se em olhar para trás.

“Já estivemos várias vezes nesta estrada, meu amigo. Por que dar-se ao trabalho de reunir um instrumento tão esplêndido e colocá-lo nas mãos de um mestre reconhecido, somente para desmontá-lo após ser usado uma única vez, quando ele ainda pode fazer um bem incomensurável para o Império?”

Antes que seu ministro-chefe pudesse responder – de forma fútil, claro – ele parou para dizer algumas palavras baixas e carinhosas para Montse, e acariciou os cachos loiros dela. O que ela odiava profundamente, tendo suportado agora somente porque estava faminta pela atenção do pai, tanto quanto sua irmã mais velha já o estivera. Então, ele marchou imponentemente porta afora, com Mondragón ainda seguindo-o.

Os demais presentes na biblioteca mal levantaram a vista; ele deixara redundantemente claro que não queria cerimônias ou burburinho em torno de si dentro da própria casa. E ele era uma visita frequente do local, por mais que isso surpreendesse estranhos na Corte, assim como certos membros da Torre Delgao, que o viam como nada além de um presunçoso.

Melodía suspirou como um titã trovejante na chuva.

“Alteza”, Pilar disse com suavidade. “Não pense mal de seu pai. Ele...”

Por um instante, Melodía lembrou-se de duas garotas e de uma manhã diferente, há muito tempo, passada trançando o cabelo uma da outra e arrumando-os em formas caprichosas – o de Melodía à semelhança da carapaça e chifre de um estiracossauro, o de Pilar à semelhança bem mais modesta de um trichifre. E elas riram e perseguiram borboletas num dos

incontáveis jardins dentro do Palácio dos Vaga-lumes. O dever esmagou a cena como uma ponte levadiça.

Afinal, distinções de classe tinham sido entregues pelos próprios Criadores. Melodía podia não acreditar nos deuses, mas acreditava em ordem – e na primazia de sua família, que dela dependia.

“Você não está em posição de criticar o imperador de maneira alguma”, ela disse bruscamente. Passou pela serva na direção da porta pela qual o pai saía. Mas não rápido o bastante para escapar do olhar de dor que suas palavras causaram àqueles olhos verdes como jade, que nem mesmo a imobilidade proficiente das feições da *gitana* conseguiu esconder.

Quando Melodía passou, Montserrat nem ao menos olhou para cima de tão rápido que se envolvera novamente com seu livro. Melodía deu um sorriso quando o reconheceu – *O Primeiro Livro para Crianças sobre Cercos: Lindamente ilustrado. Contém relatos de testemunhas oculares sobre os casos mais atrozés e lamentáveis*. Um dos favoritos de Montse.

“Alteza”, uma voz veio entre ela e a porta.

*Como se meu dia não estivesse estragado o suficiente*. Ela reconheceu o tom profundo notável e a voz untuosa do chefe da delegação de Trebizon – aquele que vinha atormentando o pai dela há meses para prometer a mão dela em casamento ao príncipe medonho deles.

Ele estava de pé ao lado de duas emissárias. A cabeça estava raspada e coroada com um esplêndido chapéu cilíndrico. A barba era preta, precisa e oleada. Como as duas mulheres com ele, seus olhos eram dramaticamente contornados com *kohl*. Como elas, ele vestia-se sem se importar com o calor, usando mantos pretos pesados da cabeça aos pés, adornadas com tecidos prateados e o brilho ocasional de pedras preciosas, safiras, esmeraldas, diamantes ou ametistas. Melodía não sabia se era por causa do alto grau de formalismo entre os trebs que prevalecia ali, no império rival deles, ou simplesmente porque a

temperatura de La Merced parecia mais fresca em comparação com os pântanos do delta do Rio Negro.

“Pode nos dar um momento de seu tempo?”

“De forma alguma”, ela disse. “Arcebispo Akakios. Megaduquesa Paraskeve. Megaduquesa Anastasia.”

Curvando-se para cada um em separado, ela seguiu em frente, indiferente às súplicas deles, como um titã o faria ao atravessar um vilarejo, alheio aos gritos de seus moradores sendo pisoteados. Eles tinham um cheiro forte de essências ou incenso; uma cacofonia de odores.

Um quarto membro da embaixada estava bloqueando a porta em forma de arco: um homem magro e elegante, da altura de Melodía, com belos olhos cinzentos e cabelos e barbas da mesma tonalidade. Ele usava um gibão de veludo cinza, ligeiramente mais fresco que as roupas de seus associados, mas marginalmente mais moderno, sobre calças prateadas.

“Conde Dragos”, ela disse friamente.

Ele fechou a mão sobre o cabo cravejado, mas eminentemente útil, da *spadataliana* ou florete que trazia na cintura. O coração dela se acelerou e, por um instante, ela gostaria de ter ao seu lado uma dupla de Tiranos Escarlates acompanhando-a, em vez de tê-los dispensado.

Mas o conde, que era feito de material bem diferente dos seus associados, somente curvou-se sutilmente ao abrir caminho para que ela passasse.

“A princesa está adorável hoje”, ele murmurou com seu curioso sotaque spañol.

“Estou”, ela disse e seguiu em frente.

A condessa Terraroja era uma mulher robusta de cabelos loiros esbranquiçados trançados em volta da cabeça. Ela cavalgava em sela de amazona num palafrém branco que, um século atrás, fora

moda. Jaume não se importava muito com modismos. A beleza que ele adorava podia mudar ou desaparecer. Ela mudaria e desapareceria com o tempo e as estações. Mas não com a imaginação.

Uma criada montada de maneira similar e um punhado de cavaleiros armados seguia a condessa Terraroja. Pela postura deles, Jaume os reconheceu como soldados pessoais, infantaria montada em vez de cavalaria treinada para lutar no lombo de cavalos. Eles não traziam lanças ou escudos, mas usavam espadas nas bainhas sobre tabardos que traziam as cores branca e vermelha de Terraroja.

O rosto e postura deles traía grande apreensão, mas também um tipo de resolução.

Se Jaume fosse traiçoeiro e violasse a bandeira branca, eles estariam mortos. Era claro que sabiam daquilo. Tão claro quanto estarem determinados a cobrar um preço se chegasse a tanto.

A condessa parou a dez metros de onde Jaume estava na estrada. A criada dela e um soldado desmontaram e correram para ajudá-la. Antes que chegassem a ela, a condessa desceu sozinha do cavalo.

Ela não demonstrava ter medo de Jaume, de seus Companheiros ou do exército que os cercava. *Don Leopoldo certamente não faz jus a essa aí*, Jaume pensou. *O que, creio eu, é bom para o Império.*

A condessa se aproximou. Pelo espaço de algumas respirações, ficou olhando fixa para Jaume. Tristeza e desafio se alternaram no rosto bonito dela. Ela puxou a longa saia para cima e se ajoelhou nas pedras castigadas da estrada.

“Eu me humilho diante de você conde dels Flors”, ela disse. O sotaque, assim como as feições e cor dela, sugeriam que ela era alemana.

“Não há necessidade disso, *señora*”, ele respondeu. “Por favor, levante-se. Nossas queixas eram com seu marido e elas já foram resolvidas.”

Ela se endireitou. Provavelmente jamais fora uma mulher bonita no sentido convencional. Mas Jaume achou a força no rosto dela e a sua postura belos por si só.

“Ainda não”, ela disse. “Vim aqui suplicar pela vida dele.”

O conde estava preso numa tenda guardada pelos Ordinários. Ele teve a inteligência de manter um silêncio pétreo e digno. O que ao menos poupava o fôlego dele e os ouvidos de seus captosres.

“O destino final dele está nas mãos de sua Majestade Imperial”, Jaume respondeu.

“Você carrega a Justiça Divina. Pode ordenar que ele seja enforcado. Imploro pela chance de levar o caso dele diante do Trono Dentado.”

“Por que don Jaume não deveria enforcá-lo?”, Manfredo perguntou.

O rosto de Jaume se comprimiu. Não era a vez do taliano falar ali. Mas era regra que qualquer Companheiro podia dizer o que quisesse sem ser penalizado.

“Os crimes dele são claros e não merecem nada melhor.”

Os olhos azuis da condessa se inflamaram. Após alguns instantes do olhar escaldante, sob o qual o taliano ruivo recusou-se a derreter, ela virou-se e fez um gesto na direção do castelo sobre o rochedo vermelho.

“Se poupar Leopoldo para que seja julgado pelo imperador, entregarei a vocês a fortaleza e a cidade. Do contrário...”, ela balançou a cabeça ativa e projetou o queixo para o alto, “... resistirei tão bravamente quanto meu marido teria feito.”

“Acho que ainda mais”, Florian disse suavemente por trás de Jaume.

Jaume virou-se e levantou uma sobrancelha reprovadora. Florian levantou a mão.

“Desculpe-me.”

Jaume piscou para ele. Pensava a mesma coisa.

“Se você se render”, disse à condessa, “ofereço anistia geral a você, seu séquito, seus servos, ao povo comum e aos soldados comuns. Mas não posso prometer nada quanto aos vassallos de seu marido.”

Os lábios dela se curvaram. “Pode fazer o que quiser com eles. Com a minha benção.”

Jaume sorriu. “Então, fico satisfeito de aceitar a oferta, condessa Terraroja. Dou-lhe os agradecimentos do Império.”

Ela sorriu, mesmo que tristemente, e começou a voltar para o cavalo que seu soldado suado segurava. Então, ela parou e virou-se.

“Mais uma coisa, meu senhor”, disse em tom quase tímido. “Sei que não tenho o direito de perguntar, mas... posso ter meu marido de volta? Até que esteja pronto para levá-lo para ser julgado?”

Os Companheiros protestaram por detrás dele e não apenas Manfredo.

“Ele tem que dar a palavra dele de que não fugirá”, Jaume respondeu.

“Ele dará.”

“E você tem de dar a sua de que não permitirá e nem auxiliará a fuga dele de qualquer maneira. E sabe o que acontecerá se ele o fizer.”

Ele falou de forma suave, até gentil. Não julgava que aquela mulher fosse tola o bastante para entender aquilo como uma *fraqueza*.

Ela assentiu. “Banidos. Bens confiscados. Entregaremos tudo: terra, títulos, vidas. Eu tenho duas filhas, meu senhor. Nós temos duas filhas. Elas são garotinhas adoráveis, nada parecidas com o pai, embora eu o ame, por mais patife que ele seja. Não as transformarei em animais que qualquer mão sintasse livre para caçar. Dou minha palavra, como mãe e como condessa, de que Leopoldo não fugirá.”

“Manfredo”, Jaume falou, olhando para o cavaleiro que estava atrás de seu ombro direito. “Cuide para libertar nosso prisioneiro sob a custódia da condessa, por favor.”

O rosto de Manfredo se contorceu numa careta decididamente feia. “Capitão...”

Jaume virou-se totalmente e postou a mão sobre o ombro encouraçado do amigo. O metal aquecido pelo sol queimou a palma. Jaume olhou profundamente dentro dos olhos do taliano até que Manfredo abaixou a cabeça.

“Muito bem”, Manfredo concordou.

“Você é um bom homem, meu amigo”, Jaume disse.

# OS SENHORES DOS DINOSSAUROS



— 38 —

**Segador chistoso, Ceifador Ridículo** – *Therizinosaurus cheloniformis*.  
*Grande dinossauro de bico, bípede, normalmente herbívoro, de Ruybrazil.*  
*10 metros de comprimento, 5 toneladas. Possui penas largas e coloridas,*  
*valorizadas na Terra de Afrodite. A maioria dos nuevaropanos*  
*considera a descrição convencional deles – pernas curtas,*  
*barrigas decoradas, possuindo garras dianteiras aterradoras*  
*de mais de um metro de comprimento – uma invenção caprichosa.*

— O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS —

Por mais leve que fossem, o capuz e o manto sufocavam o duque Falk von Hornberg conforme ele montava seu cavalo alugado pelas matas, no início da noite, vários quilômetros para o interior do país a partir do Palácio dos Vaga-lumes. O verão chegara ao principado de Mandíbula do Tirano e com ele, o calor.

Ele o suportou. Qualquer cavaleiro era treinado para fazê-lo desde a adolescência. E, claro, Falk forçara a si próprio a aprender a suportar mais do que a maioria. Não que isso tenha bastado alguma vez para satisfazer sua mãe.

Nada nunca satisfez.

Os locais chamavam aquele de *el Bosque Salvaje*, as Matas Selvagens, embora não fossem muito mais selvagens do que qualquer outro lugar na Cabeça do Tirano. De fato, você poderia ser morto por um nariz de chifres mal-humorado ou então desmembrado por um bando de raptos. O que havia de especial nisso?

Ele suspeitava que aqueles mercedenses decadentes, criaturas urbanas até o âmago, desconfiavam da natureza e ficavam longe dela o máximo que podiam. Mesmo assim, ele não estava gostando da forma natural com que o suor lavava seu rosto largo, lacrimejava os olhos, fazia cócegas nas laterais e empapava a tanga de seda e o cinto de couro que carregava sua espada sob o manto.

*O quanto posso ser imperceptível, com meu tamanho e postura?* Alguém de sangue azul, especialmente um cavaleiro, se portava de forma diferente de qualquer outro animal que andava em Nuevaropa. E todos criados na Cabeça do Tirano conheciam aquela postura.

Ele também não sabia por que fora necessário alugar um cavalo numa cocheira de segunda da cidade, em vez de pegar emprestada uma das belas montarias disponíveis nos estábulos do príncipe Heriberto. Mas Bergdahl insistira naquilo, assim como insistira no capuz.

Falk não tinha certeza se o homem não estava só brincando com ele, mas fizera conforme Bergdahl pedira. Como sempre.

Nos arbustos que o cercavam, um coral de insetos começou seus exercícios vocálicos preliminares conforme a noite chegava. O sol poente esticava a sombra de Falk e de sua montaria bem à frente deles, ao longo do caminho pavimentado com conchas, enquanto o cavalo trotava rapidamente para o oeste através de um túnel de galhos entrelaçados. O ar cheirava a folhas caídas e poeira.

Falk sentiu o cheiro picante da fumaça de madeira vinda da cabana à beira da estrada e dos aromas saborosos de carne sendo assada em carvão e chamas bem antes de fazer uma curva e ver o estabelecimento. Seu estômago roncou. Um raspador capão inteiro, costelas assadas de gordocho com molho doce e um litro da famosa cerveja da casa bastariam para colocá-lo no prumo.

Se ao menos alguma coisa pudesse acalmar os roncos no estômago. Em sua mente, podia escutar Bergdahl zombar. *Por que a timidez, sua Graça? Você poderia dar conta dos janotas que encontraria usando somente os punhos.* E sua mãe dizendo, *Você é um garoto esperto, Falk. Por que sempre age de forma tão estúpida?*

Ele balançou a cabeça como um cavalo querendo afastar uma mosca da orelha.

*Claro que estou com medo,* pensou, fazendo uma réplica. *Se as pessoas erradas me verem, perderei tudo pelo que venho trabalhando.* Seu braço recentemente recuperado deu uma pontada diante do pensamento. *Isso sem contar perder essa coisinha insignificante, a minha cabeça.*

O Unichifre da Baía era um local sólido e térreo, feito de rochas brutas, com um telhado de ciprestes pintados de verde. Sua placa era imponente, um placar de três metros de comprimento, pendurada por correntes de bronze em uma árvore de tronco grosso. Ela retratava de forma tétrica a fera titular – um dinossauro esplêndido de cor amarela extravagante, com manchas pretas na carapaça e sangue pingando do chifre – confrontando um quarteto de caçadores montados com lanças e um grupo de horrores verdes rosnando. O resultado era consideravelmente duvidoso.

Falk assentiu uma aprovação para si próprio quando freou o cavalo diante de um poste de granito verde polido e desmontou. Ele gostava de ver uma coisa bem feita.

Ele amarrou seu cavalo castrado ao anel de bronze esverdeado pendurado no poste. Meia dúzia de cavalos estava presa em postes similares perto do canal de pedra alimentado por um córrego próximo, que corria em frente da taverna. Caminhantes bicavam e cacarejavam em um galinheiro ali perto. Não se podia deixar os dinossauros amarrados por qualquer período de tempo; eles entravam num pânico tão grande que acabariam quebrando uma perna ou machucando o pescoço.

Atravessando a pequena ponte de pedra sobre o canal, Falk jogou alguns cêntimos de cobre à garota magricela de bata preta, sandálias e chapéu em forma de cone que estava agachada ao lado da porta, para dar ao seu cavalo um punhado de aveia. Era um pequeno ato de rebelião; ele podia escutar sua mãe e o servo dela o criticar por ter a cabeça e o coração moles, mimando o cavalo de outra pessoa. De qualquer modo, Falk acreditava que crueldade sem sentido era indulgência, era entregar-se à fraqueza.

Lá dentro, o ar era denso com a fumaça de vários tipos de fumos de cachimbo, o fedor maçante de cerveja derramada e os sons de fanfarronice. A publicana parecia esperá-lo. O comportamento dela foi obsequioso, ainda que ela tivesse o rosto como o de uma antiga estátua de granito e as proporções de um portão de carvalho. Com o capuz levantado, ele era uns bons sessenta centímetros maior que ela, mas duvidava que uma estalajadeira tão experiente quanto ela se intimidasse por mero tamanho.

Por um corredor de pedra, uma porta levava claramente ao proverbial quarto dos fundos, aberta prontamente pelos nós dos dedos repletos de cicatrizes de lutas da anfitriã. Um rosto aristocrata apareceu. Ele lançou um olhar de desdém quando viu Falk avolumar-se atrás da mulher.

Sem dar uma olhada à publicana, o homem por trás da porta colocou uma moeda na mão dela. Ele tinha estatura baixa, se

comportava como um filhote de raspador e tinha uma cabeça excepcionalmente larga, igual a um ovo em uma xícara.

“Você veio”, ele falou. Pelo menos ele teve a inteligência de não dizer um *sua Graça* em público. Pelo olhar dele, foi doloroso não poder pronunciar o título. “Por favor, entre.”

Ele curvou-se, indicando que Falk entrasse no cômodo. Era maior do que Falk esperava. Painéis de tecido com penas enfeitavam as paredes. Como a placa lá fora, eles eram trabalhados com habilidade surpreendente.

Três homens sentavam-se à mesa com jarros, canecas e tigelas de frutas. Um homem era tão corpulento e estranhamento proporcional quanto o mítico therizinossauro, ou ceifador ridículo, da distante Ruybrasil, um imenso herbívoro bípede de barriga decorada e garras de um metro de comprimento. O outro era o típico cortesão spañol, magro, de bigodes encerados.

“...escute como vocês delgao sempre chamam Felipe de ‘aquele bastardo Ramírez’”, dizia o quarto homem. Ele era apenas um pouco maior do que o homem que agora fechava a porta e acenava febrilmente para que ele parasse de falar. “Bem, deixe-me dizer uma coisa, cavalheiros: se ele chutar sua família do topo da colina com sua ética insana, vai levar a Torre Ramírez consigo para baixo.”

E ele sorriu despreocupadamente para Falk.

O primeiro homem se adiantou como se estivesse atrasado para alguma coisa.

“Eu sou Gonzalo Delgao”, disse para Falk, que já sabia. “Este é meu irmão, Benedicto...”

O therizinossauro sorriu timidamente, apesar do fato de ser pelo menos tão grande quanto Falk.

“...nosso cunhado, don René Alarcón...”. O cortesão. “...e nosso querido aliado, mor Augusto Manorquín, o filho mais novo de uma família da Torre Ramírez.”

O último era o veemente e irrepreensível falante. Ele se parecia para Falk com um furão magricela. Ainda que claramente nem

um pouco circunspecto.

“*Mis compañeros*”, Gonzalo disse, “permitam-me apresentar sua Graça, o inestimável duque Falk von Hornberg.”

Tirando o capuz com alívio, Falk fez um sinal de agradecimento.

“Cavalheiros”, ele disse, “o que podemos fazer uns pelos outros?”

“...então este garoto magro e ferido, coberto de sangue...”, Rob disse aos ouvintes extasiados sentados à sua mesa, na frente do Salão do Jardim. “...o sangue dele mesmo e do seu bico de pato morto, e o sangue ainda quente do monstro que havia acabado de matar, foi a primeira coisa que o matador recém-chocado viu quando abriu seus olhos vermelhos como sangue e gritou ‘Shiraa!’. Ela achou que ele era a mãe dela e, naquele instante, ligou-se a ele por toda a vida.”

Ele pontuou o fim da história com um gole da cerveja local. A garganta dele ficara seca novamente, embora não por falta de lubrificação anterior.

*Uma narrativa de mestre, se arrisco dizer a mim mesmo, e arrisco, pensou Rob, olhando para os jovens Jardineiros. Ele viu que algumas bocas se apertaram em risinhos céticos. Consigo perceber por que uma pessoa duvidaria de uma história tão selvagem, se ela não fosse a narrativa de Karyl, conhecida por toda a terra.*

Mas até aí, aquelas pessoas não tinham passado muito de seu tempo em tavernas. *O meu melhor material, fresco como um recém-nascido*, ele pensou presunçosamente. *Vou fazer bastante dinheiro.*

“Eu ouvi dizer que essa é a única forma de conseguir um dos grandes dinossauros devoradores de carne como montaria”, disse uma garota de bata amarela e flores presas nos cabelos

castanhos. Jeannette estava ausente naquela noite. Visto o que Rob descobrira à tarde, para ele tudo bem.

Rob drenou sua jarra e sentou-se na mesa com um baque, mais alto do que ele pretendia. Rostos de outras mesas voltaram-se brevemente para ele, depois desviaram de novo.

“E os melhores”, ele disse, “são os capturados selvagens. Aqueles que nascem em cativeiro nunca possuem o mesmo fogo.”

Da mesa principal sob o dossel, um sino tocou pedindo ordem. Alto, de cabelos esbeltos, Telesphore levantou-se para chamar a atenção, num tom enfadonho, sobre o assunto em questão. Rob o achou um peixe pálido e flácido para ser seguidor de um culto à beleza. *Quem sabe ele esconde bem seu entusiasmo.*

De qualquer maneira, ele parecia ser um dos mais bem dispostos do Conselho para com Karyl e Rob. Ou pelo menos, não tão hostil.

Cabeças se viraram quando Karyl entrou na sala. Ele usava seu habitual manto de capuz e sandálias, e carregava seu bastão de caminhada. O cabelo estava preso nas costas, mostrando o rosto ascético que, independente do montante de tempo que passava ao ar livre, continuava pálido. A expressão dele era calma e os trejeitos dignos conforme andou até ficar de frente para a mesa principal.

O contraste entre a simplicidade de suas roupas brutas e as vestimentas caras e falsamente rústicas dos Conselheiros era como uma voz gritando fraude.

Bogardus se levantou. “Voyvod”, ele disse no seu tom rico de barítono. “Bem-vindo. Sei que está ocupado. Não o manteremos aqui por muito tempo. Diante da atrocidade de hoje, o Conselho pediu que eu ordenasse a você e sua milícia que vão a campo imediatamente contra os inimigos do Jardim da Beleza e da Verdade.”

Uma garota loira que parecia ter adquirido afeição especial por Rob pôs a mão sobre o braço dele e se inclinou como se fosse

sussurrar algo íntimo nos ouvidos. Ele encolheu-se como se espantasse uma mosca. Inclinou-se para frente para escutar, embora a sala estivesse em silêncio.

“Eu o farei, Irmão Mais Velho”, Karyl disse calmamente. Ele curvou-se ao Conselho, ainda que de forma não muito acentuada.

“Os soldados estão prontos?”, perguntou Longeau, o melhor aliado de Violette, numa voz que administrava desprezo e ceticismo com um alarme profundo, se Rob sabia julgar. E, bêbado ou sóbrio, ele sabia, talvez ainda mais quando bêbado. *Essa é uma coisa em que sou bom*, ele pensou.

“Nenhum exército jamais está pronto”, Karyl respondeu. “Mas iremos a campo.”

Isso levantou alguns olhares sinistros e confusão. As pessoas começaram a murmurar, não apenas detrás da grande mesa. Bogardus franziu a testa ligeiramente em torno do salão. O burburinho cessou.

“Como combaterá os cavaleiros?”, perguntou a irmã Violette.

“Uma boa pergunta”, Karyl disse, como se a bruxa prateada não fosse sua maior inimiga nas redondezas que não usasse o verde, azul e dourado de Crève Coeur. “Nós os pegaremos quando voltarem para casa dos ataques. Eles estarão em júbilo, de guarda baixa, provavelmente bêbados e carregados de pilhagem e prisioneiros. Os que os tornará adequados a uma emboscada.”

A mulher na mesa de Rob respirou em um unísono horrorizado. Violette recuou como se o cacho de uvas que estava descansando sobre o prato dela tivesse se transformado numa víbora venenosa pronta para atacar. Longeau foi o primeiro que encontrou voz. “Isso é inaceitável! Totalmente inaceitável!”

“Deixe-me ver se entendi certo”, Violette falou, parecendo mais satisfeita do que baqueada. “Você está dizendo que permitirá que os saqueadores roubem, matem e estuprem à vontade *antes* de atacá-los? Como isso será nos defender?”

“E essa emboscada”, Longeau declarou. “É bárbara! O que aconteceu ao cavalheirismo?”

“Pode perguntar isso aos cavaleiros que pisoteiam crianças e transpassam com lanças suas mães por esporte”, Karyl respondeu. “De nossa parte, não nos daremos a esse luxo. Estamos em menor número, com menos armas e montarias. E, quanto à habilidade, poderíamos muito bem ser moleques de oito anos com os dedos cheios de tinta que tentam igualar os murais do jovem Lucas ao redor de todos nós. Nossa única esperança é usar astúcia e furtividade. E o que elas podem nos conseguir: o elemento surpresa.”

“Mas como isso nos *defenderá*”, Violette perguntou de novo, “deixando os saqueadores fazerem seu pior e irem embora?”

“É a melhor forma disponível que temos. Os feriremos e ensinaremos uma lição: o esporte deles lhes custará *dor*.”

O salão irrompeu num furioso bate-boca.

“Ele não pode estar falando sério”, disse a loira que se insinuava a Rob, o rosto vermelho e nem um pouco tão simpática quanto um momento atrás. Ele não sabia direito o que a enfurecera mais: a sugestão de Karyl de permitir o ataque dos salteadores ou ele falar sobre infligir dor a eles.

É bom que esse grupo seja pacifista, Rob pensou, um pouco menos inebriado do que antes. *Do contrário, na melhor das hipóteses, estariam atirando frutas nele, e na pior estaríamos correndo para a saída agora mesmo.* O que era uma tática, ele refletiu com certa satisfação sombria, a qual quase certamente ele era mais experiente em usar do que seu famoso capitão guerreiro, Karyl.

Karyl simplesmente ficou estático, deixando que o furor passasse por ele. Detrás da mesa, Bogardus estava de braços cruzados e o queixo afundado no corte quadrado de seu manto verde de costuras amarelas, parecendo em cada centímetro o ex-sacerdote de Maia que diziam que ele era.

Enfim, o Irmão Mais Velho abriu os braços para os lados. Foi como se ele alisasse um lençol amarrotado. Num instante, o salão ficou em silêncio.

“Por favor, meus amigos”, ele disse. “Se todos falarem de uma vez, ninguém conseguirá dizer nada. Este é um assunto grave que envolve todos nós. Se eu presumo falar pelo Conselho...”

Ele olhou para Telesphore, que pressionou ambas as palmas diante de sua fúrcula e se curvou.

*E o que Bogardus teria feito se aquele idiota tivesse dito não?*, Rob pensou. Mas ele não via algo assim acontecendo. *Não mais do que Bogardus, disse não duvido.*

“...aqueles que tiverem contribuições a fazer, podem fazê-las. Um por vez e de forma breve, de forma que todos que desejarem ser ouvidos, o sejam. Então, o Conselho deliberará.”

Ele olhou para Karyl. “Isto pode levar algum tempo, voyvod. Gostaria de sentar?”

Rob pensou que ele preferiria ficar de pé, mas julgou mal o velho companheiro.

“Agradeço ao Conselho”, Karyl disse e fez nova reverência. Ele virou-se e caminhou para o bosque de olhos hostis.

“Ei, Karyl”, Rob chamou, fazendo movimentos com o braço esquerdo. “Guardei um lugar ao meu lado.”

Na verdade, não havia nenhum ao lado dele, exceto de pé. Mas ele sabia que, assim que fizesse o convite, o espaço ficaria rapidamente disponível. E não se desapontou; assim que Karyl chegou até a mesa, Rob estava sozinho.

Karyl sentou-se ao lado dele. Ele apoiou o bastão contra o peito, cruzou os braços sobre ele, fechou os olhos e, para todos os efeitos, pareceu imediatamente dormir. Diferente da noite, aquela soneca não era perturbada por demônios.

Os discursos começaram. A maioria era puro guincho estridente, efusões de medo e ressentimento. Rob voltou a beber com o objetivo de se desligar de tudo.

“Por favor, Karyl, aproxime-se.”

As sonoras palavras de Bogardus deram um solavanco em Rob. Ele levantou o queixo da clavícula para ver seu amigo ficar de pé. Balançou a cabeça, espalhando salpicos de cerveja e vinho da barba, sobrancelhas e da ponta do cabelo.

“Não estou dormindo!”, ele declarou ferozmente à sua volta, desafiando qualquer um daqueles gorduchos cretinos a criticá-lo. “Só estou compondo... sonetos. A chave é a palavra certa...”

Ele deixou a sentença morrer porque ninguém o estava ouvindo. Todos os rostos estavam fixos em Karyl, conforme ele caminhava sereno até ficar diante do dossel.

“O Conselho decidiu que temos de pedir que mude seus métodos propostos”, Bogardus disse. “Você precisa envolver o inimigo de forma direta e não desonrar o Jardim ao atraí-lo numa emboscada. E sob nenhuma circunstância podemos permitir que você deixe deliberadamente que nosso inimigo nos ataque antes de confrontá-lo. É imperativo que você dê o seu melhor para evitar os ataques antes que eles ocorram e não apenas vingue crianças mortas e lares queimados.”

Karyl assentiu rigidamente.

“Eu me demito”, ele disse.

Ele deu as costas ao Conselho e se afastou.

# OS SENHORES DINOSAUR<sup>OS</sup>



– 39 –

**Jinete, cavaleiro leve** – *Escudeiros e batedores, com frequência mulheres, que montam cavalos e caminhantes. Não usam armaduras ou, no máximo, um gibão de couro de unichifre, ocasionalmente com uma boina de couro ou de metal. Usam dardos com ou sem penas, e uma espada. Alguns também carregam uma lança leve e um broquel. Poucos também usam bestas ou arcos curtos, mas arquearia montada é difícil e pouca gente a pratica em Nuevaropa.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA  
O PROGRESSO DE MENTES JOVENS –

“O que é isto?”, Longeau exclamou. “Impertinência!”

Sentada dois lugares para baixo, a irmã Violette sorriu como um horror que acabara de comer um vexer.

“Paz”, Bogardus disse. “Por favor, lorde Karyl, explique-se para nós.”

Parando em meio às mesas com rostos brancos pelo choque, Karyl virou-se. Sua própria expressão era de completa surpresa.

*O palco perdeu um ator brilhante quando esse bastardo magnífico decidiu ser um guerreiro, Rob pensou com honesta admiração.*

“Mas meu caro Irmão Mais Velho”, Karyl falou, “achei que já o tinha feito. Muito bem: se o Conselho quiser que o exército seja liderado para ser massacrado futilmente, terá de fazer ele mesmo.”

“O que quer dizer?”

Rob sorriu para si próprio. *Até que para alguém não acostumado ao papel como provavelmente é, Bogardus o desempenha bem. Mas há de se esperar habilidades de atuação de um sacerdote caído em desgraça, não?* Ele tentou encher seu copo de vinho, mas encontrou a garrafa vazia e fez um sinal para o diligente ex-conde Étienne, pedindo mais uma.

“Todos os nossos voluntários juntos mal poderiam fazer frente contra os três cavaleiros de dinossauros que os visitaram hoje. Se lhes der um punhado de soldados, eles acabariam conosco tão facilmente quanto fizeram com aquela pobre criança e sua mãe.”

“Absurdo!”, Longeau bradou. “Você tem os senhores da cidade.”

Karyl apenas olhou para ele. Longeau corou e olhou para baixo. Seus companheiros Conselheiros passaram um olhar desconfortável ao redor. Rob imaginou que nem mesmo o maior amante da paz poderia imaginar seriamente que Yannic, com seu caminhante que não devia pesar mais do que um palafrém, teria qualquer chance contra um monstro de guerra treinado de quatro toneladas e seu cavaleiro de armadura.

“Mesmo com as armas e armaduras que apanhamos do arsenal da cidade”, Karyl disse, “não há esperança de deter um único ataque deles em combate aberto. Agora, considerem o que Guillaume e seus amigos pensarão em fazer se vocês tentarem detê-lo e falharem.”

*Aquilo* aquietou imediatamente o Conselho. Um tipo de sussurro adoentado correu pelo salão. O rosto belo de Bogardus estava pálido. Rob julgou que aquela parte não era atuação.

“Então, faça você o que fizer, temos alguma chance?”, o Irmão mais Velho perguntou.

“Uma chance e mais do que uma chance. Se usarmos a terra e nossa argúcia ao nosso favor e derrubarmos nosso inimigo aos poucos. Eu apostaria minha vida nisso.”

“Vocês precisam escolher qual é a maior honra: proteger seus lares, entes queridos e a si próprios? Ou lutar com as mãos amarradas por algum código mítico que seus próprios inimigos não aplicam? Parece haver pouco espaço para *honra* numa filosofia que prega a paz, mas recorre à guerra.”

A irmã Violette olhou para os próprios pés, seus olhos como fornos aberto. “Da minha parte, não me sentarei aqui e escutarei a este... este *vagabundo* insultar nosso Jardim!”

“Mas eu vou, irmã”, Bogardus disse calmamente. “Sempre darei ouvidos à verdade. E é ela o que ele diz. O próprio divino Jaume das Flores não ensina que a Verdade e a Beleza são uma só coisa, inseparável?”

Os ombros de Karyl caíram ligeiramente. *Ah, isso que é torcer a faca*, Rob pensou. *Mas Bogardus não tem como saber disso.*

O Irmão Mais Velho pressionou o olhar contra Violette. Ele parecia lentamente forçá-la a recuar em sua cadeira.

“O que será irmãs, irmãos?”, Bogardus perguntou. “Trouxemos este homem... estes homens... aqui precisamente por eles serem artesãos altamente habilidosos. E neste Jardim, nós apreciamos a arte tanto quanto o artista. Karyl nos disse a única forma pela qual podemos lutar com uma chance de vencer. Afinal, não somos cavaleiros, somos? Sedentos de sangue e afoitos pela glória? Lutamos para libertar as pessoas do terror que os invasores trazem. Concordamos em manter os nossos princípios suspensos, muito por minha conta, reconheço, mantê-los suspensos e lutar ou permitir que outros lutem em nosso

nome, para evitar um mal maior. Deixaremos que este reconhecido mestre administre sua arte da forma como melhor sabe? Ou iremos a campo e lideraremos nós mesmos a batalhas?”

Aquilo fez com que eles baixassem a vista e olhassem para qualquer lugar que não fosse ele. Bogardus encarou cada Conselheiro, um por vez, com seus olhos escuros e firmes, dizendo o nome dele ou dela, até que cada um revogou a decisão anterior, permitindo que Karyl lutasse as batalhas à sua maneira.

“Mas não podemos abrir mão de ele impedir os ataques antes que se iniciem”, Longeau disse. “Não podemos, em nome do nosso povo.”

“É cínico demais, Bogardus”, Telesphore disse tristemente. “Se emboscarmos os agressores quando voltarem para casa, poderemos recuperar os bens roubados. Mas e quanto às vidas destruídas ou perdidas?”

Bogardus voltou-se para Karyl. “Assim decide o Conselho e eu concordo: você pode empregar táticas de emboscada ou quaisquer meios que julgar necessário para derrotar nossos atormentadores. Mas, pela Dama do Espelho e todos os outros sete Criadores, não pode permitir que os salteadores ataquem, por melhor que essa tática possa parecer para nós, cujos lares não estarão sendo queimados.”

Karyl fitou-o olho no olho por um longo período. Então, fez uma reverência e falou. “Lutarei nos seus termos, Irmão Mais Velho.”

“Espere!”, Rob gritou, ficando de pé. Ele derrubou o banco e virou a mais recente garrafa de vinho, agora vazia. Rostos viraram para encará-lo com olhos e bocas abertas.

“Lorde Karyl”, ele rugiu, bamboleando por causa da bebida e do ultraje. “Por que está cedendo a esses almofadinhas que não são dignos de lambar a lama das suas botas? Eles não têm nem

metade do seu nascimento ou do seu valor. Fique firme, homem! Cuspa nos olhos deles! Desafie-os até o fim!”

Braços fortes seguraram os dele. Ele foi içado para o alto. Conseguiu libertar um braço e dar um soco no olho de alguém com um punho enlouquecido. Então, foi mais uma vez segurado e erguido, de modo que as solas das botas flutuaram acima do chão. Ainda em frenesi, foi carregado para fora do salão.

Quem poderia dizer que aqueles Jardineiros de mãos suaves possuíam tamanha força? Ah, mas foi necessário uma boa meia dúzia para lidar com ele. Pelo menos um teria de cuidar de um olho roxo pela manhã e haveria mais de um queixo dolorido, ou seu nome não era Rob Korrigan.

Eles o jogaram na sarjeta. Ele sentou-se em meio às ervas daninhas molhadas, ainda crepitando de fúria, enquanto água gelada se infiltrava na sua bunda. A Pequena Nell, pastando ali perto, viu a aflição de seu mestre. Ela rompeu sua corda sem esforço, gingou até Rob e lambeu seu rosto com a enorme língua cheia de baba.

“Pelo menos seu jantar foi lavanda, garota”, ele disse, empurrando o focinho, “e não algo fedorento. E minha mãe sempre me disse para olhar para o lado limpo do pão quando o apanhasse do chão.”

“Capitão! Acorde!”

Os homens gritavam do lado de fora da tenda de Jaume. Desde quando era adolescente em campanha contra *miquelets*, Jaume aprendera a necessidade de despertar imediatamente. A visão que tivera de Melodía em seus sonhos, nua, de cabelos soltos, fugiu quando seus dedos se estenderam para tentar alcançá-la e ela desapareceu.

Como ela teria feito se o sonho tivesse continuado. Como ela o fazia quase toda noite. Ele apanhou sua batinha de um cavalete

ao lado de sua cama e saiu nu.

As estrelas e a recém-nascida Eris, a Lua Visível, brilhavam num céu sem nuvens. As noites em Meseta eram mais frescas e secas do que na costa. O ar não acertava o rosto dele como um cobertor molhado. Nem fedia a massa decomposta, uma vez que ele ordenou que o exército acampasse acima do vento proveniente do campo de batalha.

*E eis a minha benção final para esta noite*, ele percebeu ao ver chamas manchando o topo do distante rochedo vermelho, como se o antigo vulcão que as expulsava tivesse voltado à vida. Um brilho amarelo atrás do horizonte dizia que o fogo começara nas ruas da cidade do Penhasco Vermelho.

Companheiros que iam desde a vestimenta completa da armadura até estarem nus como seu capitão cercavam a tenda dele, todos falando de uma só vez.

“O que é isto?”, Jaume perguntou a ninguém em particular.

“Traição”, resmungou Ayaks.

“Mas de quem?”, inquiriu Wouter de Jong, tentando afastar a dormência dos olhos azuis. Uma voz gritando “amigos” veio da estrada que levava em direção às chamas. Um momento depois, um Ordinário surgiu cavalcando, escoltando um mercenário de farda de couro a bordo de um caminhante bufando.

O jinete, um jovem de cabelos desgrenhados e barba espigada, pulou no chão. Bartomeu lançou um manto de penas sobre os ombros de Jaume. Outro escudeiro trouxe um balde de água para o dinossauro cansado, que mergulhou o bico dentro e bebeu ruidosamente.

“Os cabeças de balde estão dentro do castelo”, o jinete anunciou. “Estão estuprando e pilhando tudo o que veem, e atearam fogo no local por despeito. Enquanto colhiam a safra de cerejas, eles deixaram os soldados no vilarejo abaixo.”

“Como eles entraram?”, Machtigern perguntou.

“Quem sabe? Alguns dizem que de um jeito, alguns dizem de outro. Eu acho que eles disseram trazer uma mensagem do bom

conde Jaume, aqui.”

Jaume estremeceu.

“Quem é o responsável?”, Manfredo perguntou. Seu rosto estava tempestuoso.

“Tavares”, Florian cuspiu. Ele bateu em sua espada, que tirara pela metade da bainha para examinar e depois guardara de volta. Seu escudeiro, um órfão spañol chamado Marco que ele apanhara em algum lugar e que sempre parecia e agia como se estivesse faminto, independente do quanto comesse, estava ocupado atando as linguetas das placas do peito e das costas. “Quem mais?”

“Não podemos acusar o legado do papa sem provas”, Manfredo disse rigidamente.

O jinete riu. “Quem mais além do homem santo? Escutei os soldados conversando na Estrada, enquanto iam para o saque. O bispo atijou os grandes. Disse a eles que deveriam recompensar a si próprios e punir os maus de uma só vez.”

“Os ‘maus’?”, Jaume perguntou; a voz tremendo de raiva. Contrariava Jaume ver o quanto o rosto de seu amigo estava cinzento pelas distantes luzes do fogo. “Como eles os distinguiriam dos inocentes? Certamente as mulheres e os servos nada têm a ver com os crimes de Leopoldo!”

“Ah, mas o senhor bispo também teve uma resposta para isso”, disse o mercenário. “Aquele lá é um homem de muitas respostas. Ele disse a eles: *Mátenlos todos, porque los Creadores reconocerán a sus propios!*”

“Matem todos e deixe que os Deuses os distingam”, Wil Oakheart, o anglés, ecoou em sua própria língua rude. “E os cabeças de balde não adoram essa merda toda?”

“Ah, isso eles adoram, meu senhor”, o jinete respondeu num sotaque anglés. Ele bebeu profundamente de um odre de vinho que alguém pôs em suas mãos. Vinho escorreu por sua bochecha.

“E Montañazul e Estrella del Hierro?”, Florian perguntou.

“Eles lideraram a comitiva que abriu caminho castelo adentro, claro.”

“E quanto a don Leopoldo?”, Jaume perguntou.

“Eles o enforcaram no topo de sua torre. A esta altura ele já deve estar torrado.”

“E a condessa?”

“Pelo que ouvi, ela não foi cooperativa diante do próprio estupro. Então...”, ele cruzou o dedo indicador ao longo da garganta.

“Vamos montar e cavalgar, capitão”, Manfredo disse com os olhos brilhando. Jaume viu o rubor no rosto dele como manchas sombrias. “Com os Ordinários nos apoiando, vamos acabar com aqueles vermes.”

“Graças à Deusa, um milagre!”, Florian exclamou. “Mor Cabeça Dura e eu concordamos em alguma coisa. Podemos dar uma lição nesses cabeças de balde pretensiosos, a mesma que eles adoram dar nos camponeses: temer aqueles que os superam.”

“Pode ser duro”, afirmou Machtigern. “Eles estão em número bem maior. Mesmo com os Ordinários.”

“Eles são desorganizados”, respondeu Manfredo. “E a coronel van Damme adorará lançar seus Nodossauros em cima deles.”

“Isso se eles próprios não se juntaram ao saque”, observou Wil.

“Pelo que sei, o coronel de cicatriz no rosto ainda os tinha no acantonamento”, disse o jinete.

“Uma vez que forem libertados, nem o próprio imperador Pipo os deteria. Mas, enquanto ainda estiverem na coleira, obedecerão seu mestre, por mais duro que seja.”

“Não precisamos deles”, se adiantou Florian. “Os bastardos estão bêbados, distraídos ou ambos. Será como massacrar gorduchos. Só que um pouco mais gratificante.”

“Não pode estar falando sobre assassinar nobres e cavaleiros!”, exclamou Dieter. “Não do nosso próprio lado.”

“Não todos eles”, Wil falou. “Só os que resistirem. O resto vai se render. Os piores personagens nós enforcamos a nosso bel-

prazer amanhã.”

“Com Estrela de Ferro e Montanha Azul balançando mais alto do que todos os outros”, Florian disse com uma gargalhada. “Pense em como isso melhorará o moral do exército, Dieter!”

“Irmãos! Cavalheiros!”, Jacques gritou. “Eu lhes imploro que escutem a si próprios. Não podem combater desordem com desordem.”

“Não é desordem”, disse Manfredo. “É impor a lei. É o que fazemos.”

“Não é a lei, mas o desastre!”, Jacques parecia à beira das lágrimas. “Atacar alguns dos mais poderosos grandes da Espanha, isso sem mencionar executá-los... Vocês querem iniciar a guerra civil que todos tememos?”

“Se isso for o necessário para acabar com esse tipo de barbaridade”, Florian disse. “Talvez valha a pena o risco. Eu também não gosto disso, Jacques, mas essa é a verdade: mais cedo ou mais tarde, terá de ser feito. E uma limpeza no estábulo não o faz cheirar melhor?”

“Às suas ordens, capitão”, Manfredo disse.

Jaume sentiu os olhos de seus companheiros sobre si como picadas de insetos. Ele respirou fundo. Refreando a fúria que queimava dentro de sua própria barriga, balançou a cabeça e disse: “Não. Contenham-se, meus amigos”.

Seus Companheiros o encararam com uma expressão de horror.

“É tarde demais para deter este mal”, ele disse. “E Jacques tem razão. Puni-lo poderia trazer um mal dez vezes pior.”

“Eles desafiaram os seus comandos”, disse Manfredo.

“E quanto a sua honra, meu senhor?”, perguntou Pedro, o Grande, como sempre falando pouco, mas indo direto ao ponto.

Jaume riu de forma breve e amarga. “Já houve bastante sangue derramado”, ele disse, num esforço para manter o nível de voz equivalente ao seu máximo empenho em batalha. “Não

vou derramar mais sangue, nem arriscar quebrar o Império ao meio por algo tão trivial quanto a minha honra.”

# OS SENHORES DINOSAURO<sup>DOS</sup>



– 40 –

**Spada, espada** – *As espadas mais comuns de Nuevaropa têm dois gumes e são usadas para estocar e cortar: spadacorta, espada curta, até 60 centímetros de comprimento, meio quilo, usada com uma mão; spada ou espada, 100 centímetros, 1 quilo, usada com uma mão; spadón, espada longa, até 150 centímetros, 1,5 quilo, usada com uma ou duas mãos; spadataliana, florete, 120 centímetros, 1 quilo, uma mão e usada principalmente para estocar; dosmanos, grande espada, 180 centímetros, 2,5 quilos, usada com as duas mãos.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

Com um gemido e um ruído de galhos quebrando, a alta conífera de copa avermelhada caiu ao longo da trilha.

De uma saliência com vista para a pista, pouco depois da árvore que bloqueava o progresso dos saqueadores, Rob Korrigan descansou a Pequena Nell e observou satisfeito. Suor escorria de sua testa por baixo do elmo de aço e pinicava sua

vista. A solidez do cabo do machado em suas mãos levantava o moral. Um escudo redondo estava pendurado na sela.

Nell sacudiu a cabeça e revirou os olhos. O nervosismo dela não era devido a antecipação, mas medo da criatura maligna que estava ao seu lado. Karyl estava montado numa égua arabaya chamada Asal, cujo primeiro ato ao chegar à fazenda Séverin tinha sido dar uma dentada no traseiro da inofensiva chifre de foice. O nome significava *mel*, em parso, o que Rob tomou por uma brincadeira mordaz: o temperamento dela era corrosivo como cal.

Uma bela e jovem ruão, pouco mais do que um pônei com um dedo sobre quinze palmos, Asal tinha sido um presente do pai de Gaétan, junto com o belo arco de chifre de Ovdan que Karyl agora segurava preparado, além de outras coisas. Karyl e mestre Évrard tinham feito um trato que não era da conta de Rob; ele avaliou que envolvia um montante de prata dos cofres do conde para tornar o comerciante tão expansivo.

Em volta deles, meia dúzia de homens da milícia esperava a pé, incluindo Lucas, que não se separava de Karyl. Um matagal de espinhos os protegia da visão dos saqueadores.

Em meio aos roncões e crepítas enquanto a árvore quicava sobre seus membros ricos em seiva, o silêncio se inchou para preencher todo o vale. Os sons que davam àquela floresta seu nome, o Bosque dos Sussurros – o suspiro suave da brisa nos galhos e o zumbido sonolento dos insetos – pareceram parar. Assim como os ruídos dos intrusos: os gracejos altos dos homens se transformaram em raiva jubilosa, o barulho dos passos na sujeira, o tinir de elos de metal uns contra os outros.

O homem de lança e escudo que liderava os homens de Crève Coeur ficou olhando para os ramos ainda trepidando da árvore, pasmo pelo desastre que não o acertara por centímetros. Percebendo o perigo de forma tardia, ele virou para fugir, o que salvou sua vida – ainda que momentaneamente; a flecha com penas verdes que mirava seu olho acertou a têmpera no lugar.

Uivando e tentando arrancá-la, ele correu tropeçando na direção do grupo de ataque.

Outro poderoso barulho anunciou mais uma árvore caindo atrás da coluna. Os cavalos recuaram, relinchando alarmados. Homens gritaram. Rostos barbados cheios de energia já entravam em pânico.

O grupo consistia de dez homens armados à cavalo, trajando malha de combate, e uns vinte soldados a pé, liderados por um cavaleiro de dinossauros num sacabuxa macho laranja e verde. As árvores caídas os tinham aprisionado em um espaço de pouco mais de dois metros de largura. Acima deles, um íngreme rochedo se erguia. Abaixo era uma queda de vinte metros para um riacho rochoso.

Gritos começaram a surgir do fim da coluna. Emeric tinha dividido os corredores das matas, que convencera a se juntar à milícia, em dois grupos de seis, um liderado por ele e outro por sua irmã, Stéphanie. Eles crivaram a coluna de flechas do ponto coberto onde estavam. Uma saraivada de pedras e dardos caiu sobre os Corações Partidos dos arbustos no alto.

Os fantasmas da floresta de Emeric e um punhado de rapazes e raparigas audazes que tinham se juntado a eles agindo como batedores para Rob tinham avistado os saqueadores pouco antes de eles montarem acampamento, no último pôr do sol.

Consultando camponeses locais que tinham aparecido para enfrentar os invasores, Karyl julgou que o bando se dirigia a um vilarejo dois quilômetros a oeste do local da emboscada.

Poucos quilômetros ao norte, havia uma pequena, porém rica, mina de prata. Mas os mineradores tinham fortificado sua entrada com as mesmas habilidades que usavam para escavar a carne e os ossos de Paraíso, e se defendiam ferozmente quando atacados. O vilarejo, por outro lado, prosperara tremendamente ao vender os minérios encontrados e era um alvo *bem* mais fácil.

*Uma armadilha admirável, Rob pensou, em que a isca tem esperado por anos e nossa presa está a caminho de mordê-la.*

Uma besta fez ressoar música metálica. Um cavalo gritou e caiu quando a seta atravessou seu pescoço. Seu cavaleiro saltou, mas saiu rolando colina abaixo rumo ao riacho. Sentindo o cheiro de sangue de cavalo, Asal balançou a cabeça em agitação. Mas os nômades de Ovdan a tinham treinado bem para a guerra; ela não fez som algum.

A espada longa do cavaleiro de Crève Coeur brilhou à luz do sol, filtrada pelas nuvens e galhos, enquanto ele recuava seu dinossauro e gritava para reagrupar seus homens ao seu redor. Eles estavam trombando uns com os outros, se acotovelando, berrando e acenando os braços de forma ineficaz, enquanto mísseis os crivavam. A maior parte dos projéteis não era efetiva, mas nem todos. Os corredores das matas disparavam com eficácia mortal e numa distância próxima o bastante para que até mesmo seus arcos curtos tivessem chance de perfurar as malhas. Rob viu silhuetas no chão, se encolhendo ou lívidas, com flechas enfiadas nos corpos blindados ou nos rostos desprotegidos.

Agora, alguns homens da milícia, encorajados pelo fato de o cavaleiro ter sido arrogante e não ter trazido arqueiros consigo, surgiam dos arbustos acima da colina. Rob estremeceu ao ver uma pedra do tamanho de um cantalupo acertar em cheio o capacete de um guerreiro. O metal afundou. Se o barulho que Rob escutou um pouquinho depois foi o crânio do soldado quebrando ou seu pescoço, a forma desossada que ele caiu no chão mostrou que ele fora morto imediatamente.

“Pobres diabos”, Rob disse, curvando-se para afagar Nell no pescoço, atrás da couraça. “Quase tenho pena deles. Quase.”

“Quanta misericórdia eles demonstrariam se a situação fosse inversa?”, Karyl perguntou.

Ele usava um elmo de aço, com uma pescoceira para proteger a nuca, um justilho simples feito de couro de unichifre sobre uma camisa de linho e botas de cano alto até o meio das coxas, sobre calças marrons de linho. Não trazia escudo. Sua espada tinha

sido a do próprio Étienne, uma arma esplêndida forjada de metal estelar pelos ferreiros mais proficientes da Terra de Afrodite, os gitanos errantes – os parentes continentais de Rob.

Karyl preferiu deixar seu bastão-espada guardado no acampamento, como uma carta na manga. *Aquela* lâmina parecia ter algum carisma sombrio para Rob. Mas, até aí, ele era um rapaz suscetível.

“Me asse em fogo brando e que o Velho Inferno carregue os Criadores e sua Lei!”, Rob crocitou uma gargalhada. “Para que eu não gaste simpatia com tipos como eles.”

Um guerreiro com mais presença do que seus companheiros fez com que seu cavalo começasse a subir o rochedo para os camponeses que tiveram a temeridade de jogar coisas em seus superiores. Como os outros, ele trazia uma lança curta em vez de uma menos ágil. A milícia se espalhou. Um homem de meia-idade trajando tanga, já mancando por algum antigo ferimento, tropeçou e caiu. Ele jogou uma mão fútil diante do rosto quando a ponta de uma lança foi arremessada em sua direção.

De onde estava, Rob ouviu um baque e um farfalhar. O cavaleiro tinha se endireitado na sela. A lança caiu de sua mão. Ele olhava para baixo surpreso, para o que Rob pôde ver a seis metros de distância como sendo uma flecha se pronunciando do centro de seu peitoral, onde havia o emblema dos Corações Partidos.

Surpreso, Rob olhou para a direita a tempo de ver Karyl puxar outra flecha de sua aljava na sela e dispará-la.

“Atenção agora!”, Karyl falou. “Vem aí companhia.”

Quatro cavaleiros de Crève Coeur tinham feito seus cavalos subirem o rochedo para fugirem da obstrução. Ao virar as montarias assustadas para seguir a estrada, eles ficaram diretamente entre Karyl e seu pequeno grupo, parados para evitar justamente aquilo.

Rob apanhou seu escudo e Karyl disparou outra flecha, enquanto um guerreiro investia diretamente contra Rob,

estocando com a lança abaixo do nível do ombro.

Rob virou Nell para ir de encontro ao cavaleiro e a fez dar um pique reto. O chifre curto dela não era tão letal quanto o notável armamento de um unichifre e Rob não conhecia nada que se igualasse aos terríveis chifres de um tricerátopo. Mas a extremidade curvada dele podia facilmente eviscerar um homem ou uma fera com um golpe dado de baixo para cima. Ela o usava principalmente como um aríete. E era bastante eficiente.

O cavalo deu uma guinada para evitar a colisão, estragando o ataque de seu mestre ao colocar o corpo entre a lança e o alvo. Um chifre de foice adulto pesava mais do que o maior dos cavalos; a Pequena Nell, que a bem da verdade era um pouco gorduchinha, pesava umas boas duas toneladas e podia simplesmente trombar com um alazão como aquele.

Livrando-se da a lança para sacar a espada conforme passava, o cavaleiro lançou um golpe transversal desesperado contra Rob, que o absorveu com o escudo e devolveu o ataque com um corte alto desferido pelo machado. O escudo do outro protegeu seu torso e cabeça, mas não era neles que Rob mirava. Em vez disso, o machado acertou a coxa do cavaleiro, atravessando a malha, calças de linho e carne para se fixar no osso.

O homem se contorceu de dor quando Rob deu um puxão e libertou o machado. Rob agradeceu Maris, Dama da Fortuna e do Mar, por ele não ter ficado travado no fêmur. Seria sorte se ele próprio não fosse arrancado da sela.

O Coração Partido caiu do cavalo. A bota esquerda dele ficou presa no estribo. O corcel, agora completamente aterrorizado, baixou a cabeça e recuou, iniciando na sequência uma corrida que levantou gritos, tinidos, arrastando seu antigo cavaleiro aos berros atrás. Com o machado pronto, Rob procurou outras ameaças. Não havia inimigos perto dele. Karyl duelava espada contra espada com um homem. Um segundo guerreiro cavalgava no ponto cego de Karyl, girando uma bola de espinhos acima da cabeça.

Rob berrou alertando-o. Assim que o fez, Lucas surgiu dos arbustos próximos do homem. Segurando o cabo de sua espada longa com ambas as mãos e gritando como um lunático, com seus cabelos pálidos esvoaçando, o pintor prodígio enterrou a ponta na lateral do agressor, sob as costelas. Elos soldados se partiram. O cavaleiro grunhiu; sangue fluiu de baixo de seu queixo. Lucas, os olhos azuis ondulando no rosto vermelho, afundou a lâmina até o fim, até que se formasse uma tenda no outro lado da cota de malha.

O Coração Partido caiu para o lado. Não havia como Lucas segurar a lâmina manchada de sangue. Ele teve que largar a espada.

Mas não pareceu se importar. Em vez disso, seu sucesso o exaltou e surpreendeu, ao ponto de ele erguer as mãos para o alto, gritar e começar a dançar em triunfo.

“Atrás de você!”, Karyl berrou. Ele tinha dado cabo de seu primeiro oponente e girava na sela para lidar com o segundo, somente para descobrir que Lucas o havia matado. E para ver outro cavaleiro de Crève Coeur avolumando-se atrás do jovem, os olhos brilhando selvagens, a lança em posição para empalá-lo. Por mais que Asal fosse ágil e rápida, ela não tinha chance de aproximar Karyl o suficiente a tempo de interferir.

“Caralho!”, Rob falou. Ele virou Nell naquela direção, embora ela estivesse mais distante que a égua e fosse mais lenta. Ele duvidava que Karyl deixasse um pouco da vingança pelo pintor para Rob, mas o cavaleiro partido poderia estar trazendo amigos para a festa.

Ele escutou um tilintar e uma batida. Pouco antes de afundar a lança nas costas desprotegidas de Lucas, o cavaleiro enrijeceu e agarrou o pescoço.

Uma ponta de flecha cinzelada emergia da garganta do guerreiro, pintada de vermelho reluzente sob o sol da manhã.

Enquanto o cavaleiro caía, Rob olhou além dele. Na extremidade oposta de onde o grupo de ataque fora aprisionado,

Gaétan estava numa saliência rochosa acima de onde a segunda árvore caíra. Ele ainda segurava seu arco de chifre na continuidade perfeita da ação.

*Uns bons cem metros, Rob pensou. O rapaz sabe atirar, com certeza sabe.*

Karyl fez uma saudação com sua espada. Gaétan sorriu e balançou a cabeça em reconhecimento. Ele estava ocupado sacando outra flecha e olhando ao redor. *Ele* não pretendia ser pego por algum súbito inimigo enquanto celebrava.

Mas até aí, era provável que ele já tivesse feito aquilo antes. Rob tinha certeza que Lucas jamais o fizera. Quando o garoto olhou para o homem que quase o matara e para o homem que ele próprio matara de forma tão letal, vomitou as tripas num arbusto.

Rob arriscou uma olhadela na direção da estrada. Quando criança, ele fora aturdido numa caminhada ao ver formigas pretas e vermelhas de talvez uns doze centímetros de comprimento próximas da entrada de um formigueiro de formigas pretas bem menores. Se as formigas grandes tinham tentado um ataque ou meramente testado a paciência das menores, as defensoras, cada qual talvez com um décimo do tamanho de uma única intrusa, as tinham cercado às centenas, imobilizando e destruindo-as lentamente, sem se importar com as próprias perdas.

Aquela era a visão que tinha agora. Os providencianos tinham se atirado sobre os saqueadores, superando treinamento e armas melhores com os números. Eles batiam nos inimigos com ferramentas de fazendeiro, jogavam pedras e golpeavam com os punhos. No meio da escaramuça, o cavaleiro de dinossauros ondulava sua montaria para cá e para lá, com a cauda nocauteando combatentes de ambos os lados, brandindo sua espada longa com a mesma falta de discriminação.

“Alguém me enfrente. Que os Fae comam suas almas!”, ele berrou. “Deve haver algum homem que me encare!”

Rob ficou feliz de ver que havia poucos dardos e flechas enfiados no couro do bico de pato verde, raiado de laranja. Os arcos curtos só conseguiriam ferir o monstro se acertassem um olho, e Karyl deixara uma impressão forte nos corredores das matas do quanto ele *não* queria a coisa ferida. Ou ao menos deixara uma impressão sobre Stéphanie, que nutria uma mágoa selvagem contra os Corações Partidos. O que bastava: ninguém que tivesse um mínimo de inteligência gostaria de desafiá-la. Enquanto isso, Gaétan e suas arbalestas tinham justificado a fé de Karyl neles ao não disparar no sacabuxa com armas que pudessem feri-lo.

O bico de pato era uma fortuna ambulante. Se eles o capturassem vivo, Karyl poderia vendê-lo e dividir o prêmio entre todos. Mas sabia que tinha um ganho ainda maior em mente. O Império estava cheio de cavaleiros de dinossauros que haviam perdido suas montarias e não podiam comprar uma substituta. Eles viriam aos montes pela chance de obter um novo hadrossauro de guerra em troca de um ano de serviço. Tendo mostrado que poderia tomar as feras dos vassallos de conde Guillaume, Karyl provavelmente conseguiria fazer com que alguns concordassem em lutar como cavalaria ou até infantaria armada, na esperança de obter uma nova montaria na batalha.

Karyl voltou cavalgando pela trilha, ficando acima do grupo. Rob o seguiu. O cavaleiro continuava atacando e gritando desafios estridentes. O cheiro de sangue e entranhas arrancadas subia da estrada como o calor de uma forja.

“Por que não alveja o idiota, arranca do sacabuxa e acaba logo com isso?”, Rob perguntou. “Ou deixe Gaétan atirar. Com certeza você não pretende enfrentar espada contra espada um homem no lombo de um dinossauro?”

Ao ver Karyl se aproximar montado, o cavaleiro de Crève Coeur apontou-lhe a espada.

“Eu o desafio a encontrar-me lâmina contra lâmina numa batalha de honra”, ele berrou.

“Se sou homem de honra ou não, é irrelevante”, Karyl respondeu. “Você é apenas um bandido.”

Para os voluntários, ele gritou: “Tirem ele do monstro. Usem laços ou postes. Não se machuquem e, pelo amor de Maris, não machuquem o bico de pato”.

“E aí o que faremos com ele?”, berrou Guat, cujo rosto era uma horrível máscara sangrenta carnavalesca.

“O que quiserem.”

O cavaleiro encarou Karyl, boca aberta, como se o voyvod tivesse descuidado seu slavo nativo. Os homens da milícia gritaram e zombaram. Alguém jogou uma corda com um laço no rosto do cavaleiro. Ele a rechaçou. Outros correram para frente na tentativa de derrubá-lo à força. Ele acertou a face de um com a espada e seu sacabuxa pisoteou outro na estrada, espremendo um derradeiro grito de pulmões estourando que, por um momento, suplantou as fanfarras de alarme do cavaleiro. A massa recuou.

Eles começaram a jogar pedaços de pau e pedras enormes no cavaleiro. Essas ricochetearam na armadura ou no escudo sem feri-lo, ou foram rebatidas pela espada. Emeric e sua irmã, que era tão alta quanto ele, correram por detrás do bico de pato carregando um galho largo, de quatro metros, com a extremidade em forma de forquilha. Eles engancharam o cavaleiro por sob as axilas e o inclinaram para a lateral, tirando-o da sela.

Ele caiu no chão com um baque metálico que fez Rob estremecer. O exército de camponeses caiu sobre ele com um grito ferino em unísono.

“Como pode deixar isso acontecer?”, Rob perguntou a Karyl enquanto a armadura verde esmaltada tinha aos golpes de cassetetes e pontas de lanças. “Ele é um nobre!”

“Ele é um criminoso. É o pior de todos. Quaisquer que sejam os crimes que os outros tenham cometido ou contemplado, fizeram sob o comando dele. Além disso, achei que você odiasse sangue azul.”

Rob abriu a boca. Pela primeira vez, não encontrou palavras para se expressar. Ele odiava sangue azul. Guardava uma vingança própria contra eles. Mesmo assim, parecia errado ficar impávido e deixar um deles ser linchado daquela maneira por seus inferiores.

Com o rosto queimando, sentindo um estranho e inominável nojo dentro de si, ele virou Nell e trotou para longe estrada abaixo, de volta na direção do vilarejo que tinham salvado.

Mas não conseguiu fugir dos gritos do cavaleiro.

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 41 –

**Telar, Laventosa, Ventania, La Tejedora de Sueños, Tecedora de Sonhos –**  
*Duquesa dos Criadores: Xun ☰ (Vento) – A Filha Mais Velha. Representa fabricação e destruição, artesãos, sono e sonhos, florestas e vento. Também pássaros e alados. É conhecida pelo vigor. Aspecto: uma mulher de cabelos dourados longos e excêntricos, num vestido branco de costuras verdes, trabalhando um tear enquanto um dragão de crista longa voa acima de sua cabeça. Animal sagrado: dragão de crista longa. Cor: verde. Símbolo: um tear dourado.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

“Sentindo-se melhor?”, Karyl perguntou a Rob sardonicamente, enquanto uma loira bonita de curvas acentuadas punha uma coroa de flores em volta do pescoço do senhor dos dinossauros. Eles marchavam lado a lado, passando pela fonte na *plaza central*, liderando os sobreviventes do que todos chamavam agora de A Batalha do Bosque dos Sussurros numa procissão triunfal até a cidade de Providence.

A mulher sorriu para Rob. Ele não pôde deixar de notar que ela não vestia nada além de um ou dois cordões coloridos de flores, nenhum arrumado com cuidado. Nudez pública era menos comum ali, sob as Montanhas Blindadas, onde ventos frios sopravam ocasionalmente dos picos que viviam sempre cobertos de neve, mesmo no verão.

“Vai ter que bastar pra eu lidar com isso”, Rob disse quando uma camponesa robusta, felizmente usando roupas normais do campo, levantou o neto para dar um beijo na bochecha barbada dele. Então, ele falou em anglés: “Eca, o pequeno bastardo estava comendo doces. Ficou tudo na minha barba, esse merdin... sim, madame, uma criança adorável. Que ele lhe dê muitos bisnetos igualmente adoráveis”.

Festeiros felizes se alinharam na Estrada dos Corações Partidos, a estrada norte de Crève Coeur para a cidade de Providence, para dar as boas-vindas aos heróis que voltavam para casa. Eles gritaram, bateram em pequenos tambores e sopraram apitos e chifres de papel. O barulho certamente teria ferido os ouvidos cultos do Conselho dos Jardineiros, se houvesse qualquer um deles à vista.

Dois dias após a batalha, o gosto ruim ainda persistia na boca de Rob Korrigan. Seus sonhos não haviam sido agradáveis. O cavaleiro Coração Partido, ele soubera, morrera de forma tão ruim quanto Rob temia, esmagado aos poucos enquanto sua carapaça de aço era lentamente castigada.

A *mente* de Rob sabia que aquele homem merecia aquilo e, provavelmente, pior. Ele levava seus homens a pilhar, incendiar casas, torturar, mutilar, estuprar, escravizar, a matar; todos os prazeres doentios que os governantes deste mundo adoram causar quando sentem que têm licença para tanto. Mas o âmago de Rob não conseguia engolir.

Um punhado de soldados a pé e dois cavaleiros tinham aparecido e fugido para Crève Coeur. Visto o quanto do caminho cortava a Floresta de Telar e a quantidade de conterrâneos vingativos do povo de Emeric, Rob duvidava que eles tivessem escapado.

A milícia fez seis prisioneiros, todos feridos. Karyl os fez se despirem exceto pelas tangas e as talas improvisadas que dois homens precisavam para ajudá-los a andar. Ele ordenou que eles fossem libertados e disse que deveriam ir para o Lisette pela rota mais rápida ou morreriam. Um cometeu o erro de protestar que as matas estavam repletas de bandos de raptos.

“Raptos selvagens, você quer dizer?”, Stéphanie, a corredora das matas, perguntou doce como mel. “Não como os grupos domesticados que vocês lançam sobre nós para nos dilacerar por esporte?”

Os cativos se encolheram, aterrorizados. Ela tinha um bom metro e oitenta de altura e a constituição como a do irmão, magra a musculosa. Também estava formidavelmente armada, com arco e aljava pendurados sobre o ombro nu, uma única faca tão comprida quanto uma espada curta no quadril e uma lança com uma ponta terrivelmente afiada em forma de folha, que podia ser utilizada tanto para estocar quanto para cortar. E tinha uma tendência alarmante de gesticular com ela.

Rob julgou que os prisioneiros não temiam nada daquilo tanto quanto a ira dela. Ela fervilhava de fúria elementar, tão pura e intensa que Rob sentia que se ela a borrifasse em você, seu rosto derreteria.

Ele reconhecia que ela já devia ter sido notavelmente bela. Então, saqueadores de Crève Coeur caçando corredores das matas, cujas emboscadas amadoras tinham, até então, sido a coisa mais próxima de uma resistência, a apanharam. Eles a estupraram, entalharam seu rosto com uma faca de caça e a teriam torturado até a morte se Emeric não tivesse liderado um pequeno grupo de homens da floresta para resgatá-la.

Os voluntários guardando os prisioneiros ou que estavam apenas por perto olharam para Stéphanie com horror ligeiramente menor que os Corações Partidos. Claramente, eles a temiam tanto quanto. Mas o choque diante das palavras dela começava a se infiltrar nas expressões deles também.

“Oh, sim”, ela disse a eles. “Guilli e seus nobres adoram ver seus animaizinhos caçarem seres humanos.”

Foi quando Rob se intrometeu para lembrar os agora ultrajados membros da milícia que Karyl ordenava que os prisioneiros fossem libertados sem serem feridos. Ele sempre ficava com os trabalhos sujos.

E, no final das contas, não era como se lorde Karyl tivesse feito aqueles rapazes infelizes voltarem para casa pela floresta de mãos vazias. Ele dera a eles a cabeça do cavaleiro em um saco, sua expressão congelada numa máscara desconcertante, para que fosse levada ao conde Guillaume como símbolo da consideração dele.

Algo golpeou Rob na testa. O arrancou de seu desconfortável devaneio e o trouxe de volta ao presente desfile. O reflexo do lutador já o tinha feito apanhar o míssil.

“Putaque o pariu!”, ele berrou, enquanto a dor perfurava sua palma.

Ele percebeu que estava segurando uma linda rosa roxa. Bogardus não tinha o único jardim da cidade de Providence, nem seus acólitos eram os únicos jardineiros habilidosos. Infelizmente, quem quer que tivesse plantado aquela flor, ou ao menos colhido, não se preocupara em tirar seus espinhos.

“Eles amam muito vocês”, disse uma mulher ao lado dele. “O entusiasmo leva a melhor às vezes.”

Ele olhou para ela e arregalou a vista.

*Devo estar cansado demais se não vi uma mulher linda e nua caminhando ao meu lado.*

Era a loira dos fios de flores. Rob a reconhecia agora de um breve encontro no salão de banquetes. Ela era uma Jardineira – Nathalie, ele achava que era o nome dela.

Ele coçou o pescoço. A fadiga o deixava incomumente embotado.

“Por que eles estão tão animados? Parece até que não perdemos ninguém.”

Uma dúzia de voluntários tinha sido ferida. Sete mortos. Perder quase um quinto da sua força total daquela maneira costumava bastar para quebrar o moral até mesmo de soldados experientes.

*Mas não é pagamento que move esse povo, ele pensou, nem o anseio pela glória fútil. É o medo pelos seus lares, seus entes queridos e eles próprios... e vingança contra aqueles que já lhes fizeram mal.*

“Mas vocês venceram”, Nathalie falou com os olhos azuis brilhando. “No passado, os cavaleiros nos matavam e nos matavam, e não havia nada que pudéssemos fazer. Você nos mostrou que eles podem ser detidos. Você, o capitão Karyl e todos os outros!”

E era exatamente o que Karyl queria: uma vitória fácil para comover os voluntários e excitar o povo de Providence. De algum modo, parecia frio. Até mesmo para alguém como Rob.

Ninguém queria escutar aquilo. Nem a milícia, nem a multidão jubilante. Nem muito menos Nathalie, a pelada. Então, Rob segurou a língua ansiosa – como tornara-se um terrível hábito desde que seu destino se ligara ao de Karyl.

Ele lançou seu melhor sorriso de bardo e acenou de volta para a multidão. Sabia o valor do público e quão efêmeros os aplausos podem ser, então decidiu aproveitar enquanto podia.

Tudo.

*E ela é uma pacifista. Então é verdade o que escutei, que a vitória cria estranhos parceiros de cama.*

No momento em que Karyl e Rob levaram a milícia de volta ao campo, na fazenda Séverin, começaram a trabalhar para fazê-la crescer e remodelar. Por quatro dias, meia semana, pareceu que a Senhora da Fortuna ou os Fae estavam a favor deles.

Rob ainda gostava e odiava as tarefas de contramestre. Mas Gaétan tinha apavorado alguns empregados dos depósitos de sua família para ajudar a aliviar o fardo nos ombros de Rob. Ele estava tentando recrutar uma prima que, de acordo com ele, era um lagarto em provisionamento, além de ser um mestre em contabilidade. Embora fosse uma mulher pequena e nada marcial como uma ratazana, ele podia encarar os tropeiros mais barulhentos exigindo um aumento, e o sangue azul mais arrogante afirmando que pagar contas era coisa de plebeus, sem nem piscar. Se ela concordasse, assumiria completamente o trabalho.

O próprio Gaétan, experiente em recrutar e comandar guardas de caravanas, provou ter um dom natural para treinar recrutas. Ele obteve ajuda de uma fonte improvável: dois Jardineiros que haviam sido guarda-costas do conde Étienne antes de ele se converter. Eles confidenciaram a Rob que haviam aderido principalmente por causa do sexo fácil com meninos e meninas bonitas. Contudo, acabaram realmente atraídos pela filosofia de Bogardus e, de forma paradoxal, pela inspiração dele, Jaume, que no final das contas já vencera campanhas quando eles ainda roubavam maçãs dos jardins, com seus amigos de infância.

Agora, ambos estavam entediados e ansiosos por ação. Além disso, se irritavam porque, como dois dos membros nascidos mais pobres dentro do supostamente igualitário Jardim, viam-se tendo de fazer as tarefas mais servis. E um deles expressou desconforto quanto a uma inclinação dogmática que ele clamava

ver crescente em meio ao Jardim ou, pelo menos, dentre o Conselho.

Francamente, para Rob, as preocupações deles eram estranhamente chiques para quem não passava de mão de obra contratada de um nobre. Mas eles eram de Providence e, portanto, obstinados. Conheciam suas armas e eram bons em ensinar suas habilidades.

Karyl ainda não encontrara um novo cavaleiro de dinossauro para montar o bico de pato capturado. Mas ainda era cedo; a palavra se espalharia e alguém apareceria. Enquanto isso, Rob se enamorava do novo sacabuxa, uma fêmea dócil, embora um pouco assustadiça, a quem chamou de Brigid. Ele jamais admitiria aos rapazes e moças designados como cavaliários dele, nem muito menos a Karyl, mas cuidar de um hadrossauro de guerra de verdade o fazia sentir-se como um mestre de dinossauros pleno novamente.

Agora, a milícia tinha uma levedura de lutadores proficientes. Os barões do norte de Providence não ousavam deixar seu feudo por medo de que o ousado conde Guilli os tomasse. Mas, não dispostos a perder pilhagens e glória – e levando a sério os avisos de Karyl transmitidos por Bogardus sobre o que esperar se eles não ajudassem a defender a província –, eles tinham enviado contingentes de arqueiros, e guerreiros, cada qual comandado por um parente descartável. Ainda melhor, dois autênticos senhores dos dinossauros se juntaram à milícia: o barão Travise de les Clairières e o barão Ismaël de Fond-Étang. Mas, embora cada qual tenha chegado com um bico de pato e a panóplia completa, eles não levaram guerreiros, apenas servos e escudeiros armados. Les Clairières, de Métairie Brulée, à oeste de Providence, e Fond-Étang do sul, ao longo do Lisette, temiam demais seus vizinhos magnatas para enfraquecer ainda mais as defesas de seu lar.

Mesmo assim, hadrossauros de guerra eram hadrossauros de guerra. Eles acrescentavam muita força à milícia. Também deram

a Rob duas novas galinhas para pôr calorosamente sob sua asa.

E de todos os lados, recrutas pipocavam, da cidade, do campo e até dos corredores das matas – alguns dos quais falavam com sotaques estranhos. Os corredores das matas não reconheciam fronteiras; para eles, tudo era a Floresta de Telar, que cobria Nuevaropa da Slavia e Alemanha à Spaña, perto da costa do Océano Aino, o lar deles. Eles constituíam uma tribo, cultura ou até uma seita nômade e indefinida.

Uma que por tradição não se dava bem com “pessoas acomodadas” nas orlas das florestas, fosse gente do campo ou das cidades. Mas a camaradagem entre aqueles que lutaram no Bosque dos Sussurros fizera muito para minar as desconfianças de ambos os lados. Ávidos para ajudar, agora que Karyl demonstrara sua intenção e habilidade de ferir seus odiados inimigos, os corredores das matas estavam aprendendo a cooperar rapidamente com o pequeno e extravagante esquadrão de batedores montados de Rob. Equipes mistas de corredores das matas e jinetes já estavam começando a atrapalhar o horrroso esporte de caçadas humanas dos salteadores de Crève Coeur.

Curiosamente, poucos voluntários vieram do leste. Os locais asseguraram Karyl que era de se esperar. Sólidas contra as montanhas, aquelas localidades eram mais altas, secas e mais espaçadamente colonizadas do que o resto de Providence. Seu povo tinha a reputação de ser indiferente. Eles podiam se dar a esse luxo, reconheceu Rob, tendo o resto da província para livrá-los dos vizinhos indesejados e as altas Montanhas Blindadas para desencorajar ataques vindos de Ovdan, com quem, de qualquer modo, a paz já prevalecia ao menos há uma geração.

E assim as coisas foram. Por um bem-aventurado tempo. Mas Rob, acima de todos, deveria ter se lembrado do quanto a Fortuna ou os Fae eram inconstantes.

Era um belo dia que escolheram para lembrá-lo.

O sol era uma mancha de brilho ofuscante por trás de um lençol branco de nuvens enquanto ele caminhava pelo campo de treinamento, repleto de atividades. O calor do meio da manhã o oprimia bem menos do que o teria feito na costa. O ar estava seco, embora o chão, batido por cascos e pelos pés dos homens e monstros, ainda estivesse úmido por causa da chuva da noite anterior. A umidade tinha assentado a poeira e reavivado a grama e as flores de verão que os cercavam, de modo que o cheiro delas mascarava o odor de suor, couro molhado e peidos de dinossauro.

Às vezes.

Rob estava vestindo coturnos, tanga, uma capa marrom de penas para proteger os ombros e um largo chapéu de palha de camponês em forma de cone. Ele tinha vindo supervisionar os banhos de pó para os três hadrosauros da milícia. Era um processo capcioso, uma vez que os monstros o adoravam e participavam com entusiasmo descuidado. Agora, ele seguia até o riacho para observar a prática de arco que ocorria próxima das florestas, e garantir que as tropas mantivessem as querelas sem o uso de lâminas.

Rob, que costumava pensar em anglês, estava se divertindo com a própria noção de que pudesse haver uma escassez de “querelas” com tantos homens e mulheres de Providence juntos, quando alguém caiu ao seu lado.

Ele ficou tenso. *Você tem pouco a temer no meio do seu próprio campo armado*, disse a si próprio. Se bem que com recrutas e provisões chegando o tempo todo, não seria difícil que um assassino se infiltrasse sem ser notado. O conde Guilli não parecia o tipo que contrataria a Irmandade da Reconciliação, já que adorava tanto fazer ele próprio o trabalho sujo. Após o Bosque dos Sussurros, Rob não podia dar-se ao luxo de ficar

complacente demais, ou então descobriria qual a sensação de ter um punhal perfurando seu rim favorito.

Mas era apenas um garoto da cidade, uma cabeleira negra espessa, sujo, desengonçado, descalço e vestindo uma blusa de linho rasgada. Ele era um de seus espiões. Seu nome era Timothée. Mal tinha completado vinte e um anos, se é que tanto, e estava naquele estágio doloroso de germinação em que o corpo cresce como um bambu, aparentemente vários centímetros ao dia.

“O Conselho está vindo”, Timothée disse. “É que nem um desfile. Estão com o prefeito, a guarda da cidade, uma banda e tudo o mais.”

Rob estremeceu. Entre Pequeno Pombo, batedores a cavalo e corredores das matas, restava pouca coisa em Providence e seus arredores da qual ele não tinha conhecimento. Mas os muros de pedra da quinta do Jardim até agora desafiavam toda sua bisbilhotice. Nem mesmo Jeannette – por quem o ardor dele tinha esfriado um pouco desde que descobrira quem era seu irmão –, nem a em geral complacente Nathalie sussurrava uma única história fora da escola. Os espiões de Pequeno Pombo só poderiam ter percebido o que estava ocorrendo após a procissão entrar em andamento.

“Você fez bem”, ele disse ao garoto. “Obrigado. Vá até o comissário e apanhe um pouco de comida.”

Rob virou-se direto para a casa da fazenda. Karyl estava nas dependências ensinando técnicas de ataque e contra-ataque com a espada longa para Lucas, usando galhos de árvores como armas. Os dois homens estavam de torso nu.

Rob franziu a testa, mais para si próprio. Apesar de todos os seus muitos deveres, Karyl devotava bastante atenção ao pintor e Rob não sabia bem por que aquilo o incomodava.

Karyl levantou seu galho até a altura da testa, a “ponta” para frente. Suor empapava os cabelos quase brancos de Lucas na testa comprimida em concentração, enquanto ele imitava

meticulosamente cada movimento. A ponta de sua língua apontava para fora da boca. Ele se tornou ainda mais fanático pela prática de espadas desde que provou o gosto da batalha.

“Karyl”, Rob chamou, conforme se aproximava. “Nossas vidas estão prestes a se tornarem interessantes novamente.”

Karyl abaixou seu galho.

“Chega por ora”, ele disse a Lucas. “Lembre-se de que o desenvolvimento espiritual é tão importante para seu treinamento quanto as técnicas físicas. Habilidade sem domínio sobre si próprio é oca. Apenas um conjunto de truques inteligentes.”

Foi como se persianas se fechassem atrás dos olhos azuis de Lucas. Como sempre ocorria quando Karyl falava com alguém daquela maneira. E, como sempre, Rob teve a sensação de ver os ombros de Karyl caírem, ainda que levemente, e um olhar de dor cruzar seus belos traços ascetas.

A procissão era quase tão grande quanto Timothée a descrevera, embora Rob tenha achado um pouco de exagero chamar de banda uma dupla de acólitas do Jardim batendo um tambor e tocando um pífano. Bogardus caminhava resoluto à frente, e próximo a ele, nos flancos, vinha Ludovic, com seu bigode lúgubre, e irmã Violette, com uma aparência surpreendentemente boa, trajando mantos brancos de prata e sorrindo de uma forma que Rob não achava possível. O forte rosto oblongo de Bogardus não dizia nem sim, nem não. O que não era surpresa; ele fora sacerdote, não político.

Meia dúzia de guardas da cidade seguia atrás, andando desmazelados com peitorais e costas blindadas, ainda ligeiramente brilhando por causa do óleo no qual tinham sido empacotadas. Usavam capacetes e carregavam as alabardas a esmo sobre os ombros. Rob nunca os vira fazendo grande coisa e não conseguia imaginar o que tinham vindo fazer ali.

O capanga de Violette, Longeau, seguia atrás dela, alto e um pouco desajeitado, sorrindo de forma imbecil.

“Grandes notícias”, ele adiantou. “Graças a sua notável vitória, o Conselho decidiu ordenar que voltem ao campo, para derrotar nossos inimigos de uma vez por todas. Devo me juntar a vocês. Estritamente como consultor, claro.”

“Não estamos nem próximos de prontos”, Karyl disse, limpando o suor das mãos num pouco de palha torcida.

“Você disse que um exército nunca está pronto”, falou a irmã Violette. “Mas venceram.”

Yannic, Melchor e Percil chegaram para trocar calorosos apertos de antebraço com Longeau.

“Ele também é um senhor da cidade”, Gaétan disse disfarçadamente para Rob. “Longeau. Ele está numa posição confortável, embora não tenha comprado a patente, como Percil.”

“Temos que esperar”, Karyl disse diretamente para Bogardus. “Nossos números estão crescendo. Os voluntários estão aprendendo, e rápido. Mas ainda não podemos enfrentar um exército de verdade em campo.”

“Não seja ridículo”, Longeau falou, com um sorriso enorme espalhado por todo o rosto. Ele virou-se para a multidão. A maior parte do exército aparecera para ver o show, mais de duzentos homens e mulheres que haviam se reunido sob a bandeira verde e prateada de Providence.

“O que me dizem, minha boa gente?”, ele perguntou, numa voz que soou como um vento mudando de direção. “Devemos levar a batalha direto aos homens malignos que nos atormentam há tanto tempo?”

Do fundo da multidão veio um cálido “Hip – hip – *huzzah!*” Rob olhou ao redor e viu os grupos de soldados dos senhores da cidade batendo os punhos no ar em uníssono e gritando. *Uma claque que vem a calhar, esses daí*, ele pensou amargamente.

Contudo, quando eles cantaram pela terceira vez, a milícia inteira já os acompanhava: “*Huzzah! Huzzah! Huzzah* pela

vitória!”

Violette e Longeau sorriram como se tivessem se livrado do próprio conde Guillaume. O rosto de Bogardus era uma pedra e o de Karyl, osso polido.

Tudo o que Rob pôde fazer foi balançar a cabeça e murmurar para si próprio: “Isso não vai acabar bem”.

O vexer passou trotando, imprudentemente próximo a Jaume e seus dois Companheiros na estrada de pedregulhos, carregando orgulhosamente um braço humano decepado na boca.

Florian mirou um chute no velociraptor. A pequena criatura se desviou sem nem olhar para ele. Pela sua plumagem brilhante verde e amarela, Jaume achou que era um animal doméstico que ficara selvagem; o grupo local de animais selvagens era marrom e cinza.

“Eles têm suas tarefas para fazer assim como nós”, Manfredo disse em reprovação. “Os mortos pertencem a Paraíso. Os lixeiros nos ajudam a retornar.”

“Não gosto de ver esses bastardos tão cheios de si.”

Jaume fez uma careta diante das ruínas queimadas da cidade de Terraroja à frente. “Será que veio dali, eu me pergunto? Achei que tivéssemos tirado todos os cadáveres.”

Embora não tivesse interferido, uma vez que os saques e a perdição estavam bem encaminhados, ele liderara seus Companheiros e alguns voluntários Ordinários em auxílio dos sobreviventes antes da chegada da alvorada. Evidentemente, eles tinham ido armados – já que alguns saqueadores tardios, especialmente os que haviam decidido carregar bebida na barriga, foram encontrados por lá. Brevemente. Mas matar um punhado de malfeitores dispersos tinha sido de pouca valia, assim como a ajuda que deram para apagar as chamas das lojas

e casas e para escoltar os refugiados em choque em segurança pelas colinas da Terra Vermelha. Foi só um paliativo.

Manfredo fungou quando a cidade inteira entrou no campo de visão. Seu nariz se enrugou. “Pelo cheiro, eles ainda levarão algum tempo até retirar o último de seus mortos.”

O estômago de Jaume se apertou. Aquilo foi claro o suficiente, mesmo com o fedor denso dos danos causados pelo fogo e da água usada para apagá-lo. Mas era por isso que ele fora até ali: para sorver, uma última vez, os resultados da traição da noite anterior. Os edifícios destruídos pelas chamas. O lixo espalhado, cadeiras e louças quebradas, tecidos e telas de penas rasgados, coisas que tinham sido deixadas de lado na caçada por bens valiosos para roubar – ou simplesmente vandalizadas em nome da diversão e frustração. As casas menores e de construção menos robusta mostravam de forma inequívoca sinais de terem sido invadidas por hadrossauros de guerra. Os sobreviventes desgraçados lutando para tirar os entulhos de cima do que fora suas vidas.

“O braço parecia estar queimado de qualquer maneira”, Florian disse. “Pode muito bem ter sido apanhado do poço de queimados fora da cidade. “Ele deu um sorriso de lado. “Duvido que os únicos corpos nus e pilhados sendo cremados pertençam a vítimas indefesas.”

Jaume sentiu-se mal pela gratificação trêmula que a sugestão causou. Ao conduzir sua força de alívio até ali, trouxe com ela um *manipulo* dos Nodossauros da coronel van Damme para guardar a cidade. Irados por terem perdido a pilhagem, eles estavam mais do que ansiosos para descontar a frustração em qualquer um de sangue azul ou seus mercenários que lhes desse pretexto ao tentar esgueirar-se pelas suas fileiras. Ou tentar abrir caminho pela força.

Ele parou sobre um pequeno montículo, de frente para a ruína. Terraroja fora uma cidade bela e próspera. Era incrível a quantidade de destruição que o exército, instigado pelo legado

papal Tavares, conseguira alcançar num tempo tão curto. Até mesmo para um guerreiro tão experiente quanto Jaume, que já vira coisa similar antes.

“Terminou sua penitência agora, capitão?”, Manfredo perguntou “Você... nós... não pudemos ajudá-los. Chegamos tarde demais.”

“Obrigado, meu amigo”, ele disse. Nunca era fácil para um homem qualificado como um Companheiro admitir o erro; por mais humildade que o serviço para a Dama requeresse, orgulho também se fazia necessário. “Mas isto aconteceu sob meu comando, então, é minha culpa. Tive a necessidade de ver, cheirar e *sentir* o que minha negligência causou, uma última vez.”

Florian fez um som nojento e grave com a garganta e falou: “Não entendo por que o imperador se recusa a fazer a coisa sensível, e nos permite marchar de volta para casa com o exército e submetê-lo a uma inspeção, agora que a tarefa acabou”.

“Felipe decretou que continuaremos nossa campanha contra um novo alvo”, Jaume disse. “Eu só posso obedecer.”

“É seu trabalho executar a lei”, Manfredo falou. “O conde Ojonegro é tão fora da lei quanto Terraroja.”

Florian moveu o braço, circundando a cidade. “Esta é a lei que trazemos?”

Manfredo olhou de forma dolorosa e não encontrou palavras para responder.

“Temo pelo Império”, Jaume disse. “Tempos tumultuosos estão vindo. Vocês sabem o que eu acho, o que estamos fazendo provavelmente os atrairá em vez de rechaçar. Mesmo assim, não tenho escolha.”

Florian pôs a mão no ombro dele. “Estamos com você.”

Jaume segurou a mão. “Pelo menos, Melodía está a salvo de todo esse caos que virá”, ele suspirou.

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 42 –

**Libro de los Nombres Verdaderos, O Livro dos Nomes Verdadeiros –**

*Um livro, dito que nos foi entregue pelos próprios Criadores,  
que nos conta os nomes verdadeiros do Antigo Lar das criaturas de Paraíso,  
dinossauros, alados e monstros do mar, junto dos nomes  
que comumente os chamamos. Contudo, não estamos listados nele,  
assim como nossos Cinco Amigos domésticos.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

A espada brandida tiniu contra o falcão negro de duas cabeças pintado no escudo branco de orla azul. Assistindo ao duelo de sua cadeira na varanda com sombra acima do jardim do palácio margeado de pequenas pedras de calcário, Melodía estremeceu. O duque Falk von Hornberg golpeou com seu machado quando os dois combatentes passaram um pelo outro. Seu oponente defletiu o golpe com o próprio escudo.

Os dois combatentes usavam armadura completa. Falk tinha sua placa azul real; seu oponente trajava capa vermelha de

penas, um peitoral dourado moldado como um peito masculino musculoso e um capacete dourado com plumas amarelas e vermelhas; a armadura de um oficial dos Tiranos Escarlates.

Na verdade, o comandante deles.

“Eu acho terrível”, disse a princesa Fanny, da Inglaterra.

Demorou um tempinho para Melodía perceber que a amiga não se referia ao duelo mortal entre o novo favorito do pai dela e seu chefe da guarda. O rosto dela sentiu como se tivesse sido recoberto de estuque e deixado para secar ao sol do meio-dia.

Felipe estava sentado a alguns metros dali. Ele conversava animadamente com Mondragón, que, como sempre, estava a seu lado.

“O que é terrível?”, Lupe perguntou. “Aqueles rebeldes tiveram o que estavam pedindo, não?”

“Mas Terraroja tinha se rendido”, Fanny explicou. “Enforcá-lo sem um julgamento foi desonroso. O estupro e assassinato da mulher e dos servos dele foi um crime. E os pobres camponeses!”

“Camponeses sempre sofrem”, comentou Abigail Thélème secamente. “Suspeito que, no futuro, os inimigos do imperador pensarão duas vezes antes de se render ao Exército da Correção.”

Metal voltou a colidir com metal. A maioria das lutas acabava em segundos – uma rápida troca de golpes e um lutador estava caído, ferido ou morrendo. Ou os dois.

Mas aqueles dois guerreiros possuíam habilidade incomum. E combate com escudos gozava de uma característica especial, já que o escudo bloqueava tanto a visão quanto os golpes. Isso protelava um duelo. Mas, como sempre, ambos os lutadores se moviam constantemente, tanto ao redor um do outro como para frente.

“Agora seu pai ordenou que o Exército marche para o condado Ojonegro, por causa de uma disputa de tarifas”, Fanny disse. “Pobre Jaime. E pensar que ele nunca quis nada disso.”

Melodía teve de se segurar para não adular. O coração dela sofria pelo amante. Ela queria apenas confortá-lo, fosse por uma carta ou em pessoa.

*Mas não posso. Ele tem de se desculpar primeiro. Levei isso longe demais para recuar.*

Ela recusou-se a ler as cartas ela mesma. Em parte por medo de enfraquecer; ela, melhor do que qualquer um da miríade de admiradores dele em Nuevaropa e em todo Paraíso, sabia do poder das palavras do poeta Jaume dels Flors. Mas ela pedia que Pilar lesse as missivas diárias, todas elas, para ver se Jaume pedia desculpas pelo que fizera a Melodía.

E ele ainda não o tinha feito.

Falk atacou Duval. Seu machado acertou o capacete do riqueza, mas pegou o topo de raspão.

Duval buscou a perna de Falk. O escudo desceu. Mas o corte era uma finta; Duval virou na direção do oponente mais alto e jovem e bateu com o cabo da espada no visor de Falk, que cambaleou. Pressionando escudo contra escudo, Duval conseguiu entrar o suficiente atrás dele para que Falk não o acertasse. Então, deu três golpes sonoros na cabeça de Falk, antes que este o afastasse.

O comandante dos Tiranos Escarlates tinha a constituição de um anquilossauro, largo e atarracado. Embora tivesse acabado de fazer cem anos, o ponto central da meia-idade, Duval mantinha-se vigorosamente em forma. Como seus homens, ele vinha de Riqueza, um feudo montanhoso de Sansamour cujo povo era famoso pela ferocidade em batalha – e pela insistência beligerante em exercitar mais autonomia do que o arquiduque Roger estava disposto a lhes dar.

O capacete redondo de Falk mostrava entalhes. Embora continuasse tentando derrubar seu oponente com ataques como os de um unichifre macho, Melodía não achava que ele fosse mais forte que Duval. E o homem mais velho possuía vantagem em habilidade.

Ela segurava apertado um lenço nas mãos. Não sabia por que estava tão tensa. Nem ao menos sabia quem queria que vencesse.

O que *queria* é que aquela luta não estivesse acontecendo. Nem ao menos sabia por que Falk desafiara Duval. O que ela *sabia* é que nada bom poderia sair dali.

Falk estivera ocupado desde que o Ejército Corregir marchara. Ele até mesmo encontrara seguidores entre os jovens Tiranos Escarlates. Melodía não gostava nem um pouco do cheiro daquilo, mas sempre que tentava mencionar ao pai suas desconfianças quanto a um recente rebelde obter tanta influência, ele – que, na ausência de Jaume, se inclinava cada vez mais na direção de Falk –, como se ela não passasse de uma criança, inclinava-se para ela e dizia: “Claro, minha querida”.

Como sempre.

Outro ataque e mais um tinir. Falk golpeou de forma selvagem a coxa de Duval. Ele usava um machado de infantaria, a cabeça e o cabo eram mais pesados do que o machado de batalha que carregava quando montava. Muitos cavaleiros o desdenhariam como sendo uma arma de camponês; Falk claramente era um homem que se importava mais com os resultados.

Mas Melodía não achava que ele estava obtendo um que desejasse agora. Embora o machado tivesse deixado um amassado na placa que protegia a coxa de seu oponente, o escudo de Duval não o acertou por um milímetro. Falk teve de virar a cabeça para o lado para evitar a estocada contra a fenda dos olhos em seu capacete. A ponta da espada de Duval deixou um arranhão prateado no visor esmaltado em azul.

“O que você acha de todo esse burburinho sobre o Jardim da Beleza e da Verdade?”, Josefina Serena perguntou, olhando para qualquer lugar, menos para o brutal combate que ocorria um andar abaixo. Nos adorados torneios dela, a morte ou ferimentos sérios eram acidentes, nunca intencionais nem desejados. Ali, era o que ambos *buscavam*. O que evidentemente a aborrecia.

“Providence é tão cheia de heresia da forma que todo mundo está dizendo? Meu pai diz que todo o barulho em La Merced é porque eles acabarão trazendo um Anjo Cinza numa cruzada contra nós.”

“Curioso”, Abi falou franzindo a testa. “Mercedenses são uma raça maleável, tirando as estranhas orgias que fazem como esporte. Não costumam fazer o tipo que se incomoda tanto por conta de diferenças nas doutrinas.”

“Mas a cruzada de um Anjo Cinza é mais terrível do que qualquer coisa!” Fina tinha um veio supersticioso, o qual ela não herdou do pai, um convicto agnóstico. “Isso assustaria qualquer um.”

“Isso não faria do namorado de Melodía um herege também?”, Llurdis perguntou, mordendo um pêsego. “Eles seguem as doutrinas dele em Providence, não?”

Ela abaixou a fruta e olhou para as colegas com suco escorrendo pelo queixo. “Que foi?”

“Quanto tato, Llurdi”, Abi murmurou.

“Vadia sem cérebro”, Lupe sibilou. “Eu devia...”

Melodía bateu os punhos nas coxas nuas, sobre sua tanga de seda verde esmeralda. “Chega!”

Duval tinha pressionado as costas de Falk até que seus ombros quase tocaram a parede do jardim coberta de heras. Enquanto tentava aproveitar a vantagem, Falk estocou com o machado contra seus olhos.

Por reflexo, Duval subiu o escudo. Enquanto fazia isso, Falk girou pela lateral. Enquanto Duvall estava cego por causa do escudo, Falk segurou o machado com ambas as mãos, girou-o no alto e o descerrou com um brutal corte de lenhador.

Ele cavou o escudo de Duval. O braço sob ele quebrou com um estalo alto.

O embaixador anglés, sir Hugo Hugomont, largo como o portão de um castelo e jovial, começou a se adiantar para colocar seu bastão entre os homens e acabar com a luta. Ele estava atuando

como um cavaleiro marechal. Com o evidente ferimento de Duval, a honra estava satisfeita. O comandante dos Tiranos Escarlates poderia desistir sem se desgraçar.

Mas Falk não deu chance a nenhum dos homens. Duval estocou tão forte contra a barriga de Falk que a ponta da espada quebrou na placa encouraçada. Falk ergueu novamente o machado acima da cabeça.

Ele atravessou a coroa do capacete de Duval. Sangue espirrou dos buracos dos olhos. Uma pluma escarlate decepada flutuou gentilmente até o chão.

Ele caiu antes do que ela.

Usando somente sua força descomunal para não desonrar o oponente pisando nele, Falk arrancou o machado. Melodía escutou alguém vomitar atrás dela. Talvez mais de um. Ela prendeu a respiração; se sentisse o cheiro de vômito, também vomitaria.

Ela não conseguira assistir quando Jaume enfrentara Falk. Obrigara a si própria a assistir àquela luta até o final. Agora se perguntava o porquê.

Tropeçando ansiosamente, o escudeiro de Falk, Albrecht, levou um tecido ao seu mestre para limpar a lâmina. O duque fez um serviço bruto e rápido com ele. Então, tão ágil quanto um dançarino, apesar do calor, do esforço e da armadura de vinte quilos, ele caminhou como uma brisa de fim de tarde para se ajoelhar diante de onde Felipe se sentava, e deitar simbolicamente sua arma aos pés do imperador.

Melodía estreitou a vista. O rosto de seu pai congelara quando Duval caiu. Os dois nunca tinham sido amigos; o rabugento riqueza sempre dissera que, se se sentisse amigável para com ele, não estaria fazendo seu serviço. Ele servia ao Trono Dentado, não a seus ocupantes. Mas, durante setenta anos, ele servira com devoção a ambos, trono e ocupantes.

Felipe não era homem que ignorasse tal fato. Mas era um babaca para um gesto como o de Falk.

“Me entristece que as coisas tenham chegado a este ponto”, ele disse. “Mas fico satisfeito de dar as boas-vindas ao novo comandante da minha guarda. Você provou ser digno, Falk von Hornberg.”

Melodía se levantou e virou-se para ir embora. Ela sentia como se todo o seu corpo estivesse crispado igual a um punho. Não se importava se suas amigas a seguiriam. Queria apenas sair *dali*, para algum lugar escuro, fresco e solitário.

Ela tentava fugir da carnificina tanto quanto à sua reação a ela. Enojada e entristecida por um bom homem que jamais fizera mal a ela. Contudo, sentia-se também estranhamente estimulada. Quase excitada.

Isso era mais difícil para ela confrontar do que o cheiro de vômito ou a visão de uma piscina vermelha reluzente, com moscas de barriga verde pousando em pedaços coloridos de cérebro. Ou mesmo a forma com que os servos pairavam à beira do jardim, com seus baldes cheio de serragem e água, escovas e rodos, esperando para limpar o pavilhão amarelo.

“O que é esse barulho?”, Fina perguntou, olhando ao redor.

“Parece algum tipo de distúrbio na cidade”, Abi falou. “Deve ser grande se estamos ouvindo daqui.”

Lá em baixo, uma comoção irrompeu quando uma dupla de Tiranos Escarlates tentou barrar a aproximação inequívoca de uma mensageira, cujas botas de couro e justilho estavam manchados de lama seca da estrada.

“Vossa Majestade!” ela berrou, “um despacho urgente do conde Guillaume de Crève Coeur!”

“Deixe-a passar”, Felipe falou. Os Tiranos abaixaram as alabardas e deram um passo atrás. A mensageira ajoelhou-se a três metros do imperador.

“Notícias terríveis, Majestade”, ela disse, entregando um pergaminho amarrado com um laço vermelho e selado com um sinete em cera azul na forma de um coração partido.

Mondragón apanhou o despacho e o entregou a Felipe.

“Diga-me, por favor”, pediu o imperador.

“O conde Guillaume de Crève Coeur relata que um Anjo Cinza foi visto emergindo no condado Providence!”

*“Eles estão vindo!”*

A batedora e sua égua corriam, suados pelo calor da manhã. Eles apareceram numa corrida mortal, à frente de Karyl e Rob. O cascalho leve e poroso que cobria a estrada estalava alto sob os cascos nus.

Ela empinou diante dos dois homens que lideravam a coluna em marcha.

“Estão apenas alguns quilômetros à frente”, ela reportou, inclinando-se para dar um tapinha no ombro de sua montaria que dançava de um lado para o outro, acalmando-a. “Uma dúzia de cavaleiros de dinossauros, trinta cavaleiros e cem guerreiros. Há quarenta e cinco arqueiros e camponeses arqueiros e algumas centenas de recrutas.”

“Alguma ideia de quem os lidera?”, Karyl perguntou.

“Eles seguem uma bandeira dourada com um cálice verde.”

“O barão Salvateur”, Rob falou. O nome não caía bem. O principal capanga de Guillaume, Salvateur, tinha rosto cheio de cicatrizes, cabeça quente e, para todos os efeitos, era um capitão sagaz. “Eu estava esperando um comandante idiota; eles existem aos montes. Bem, não precisa me dizer que isso aqui é uma guerra, e que nós temos o que temos, não o que queremos.”

Karyl já tinha se virado. O exército de Providence começou a emergir da densa mata de sempre-vivas, salpicada de pinheiros. Karyl estava dando ordens para que os homens se estendessem à beira da floresta.

O dia estava bonito. Tinha chovido brevemente na noite anterior. Providence mantivera suas estradas bem pavimentadas e drenadas mesmo depois que o conde Étienne abdicara, então

eles não precisavam atravessar um mar de lama. Mas o ar estava quase irrespirável de tão denso, com o cheiro de folhas e vegetação rasteira úmidas.

Diante deles, colinas gentis ondulavam, azuis como um lago num dia de nuvens brandas, com flores silvestres. Essas se pareciam com pequenos sinos, brilhando como se cravejadas com gotas de águas. A natureza poética de Rob rebelou-se contra a noção de que em meio àquela beleza, um exército pequeno, porém poderoso, se aproximava, com a intenção de destruir ele e seus amigos.

*Lembre-se, ele disse a si próprio, nenhum dia é lindo demais e nem feio demais para morrer.*

Gaétan, montado em Zhubin, ajudava os outros tenentes de Karyl a instruir os principais elementos da milícia para irem para ambos os lados da estrada. Karyl vestia o mesmo capacete e casaco de couro que trajava no Bosque dos Sussurros. Gaétan usava vestimenta parecida.

Antecipando ação quente e próxima, Rob optara por algo mais pesado: uma proteção para o peito e costas feita de pele de armadón; uma blusa leve de linho por baixo dela, com manga suficiente para evitar que o atrito irritasse as axilas; *cuisses* feitos de pele de unichifre fervida em cera, amarradas por cima das calças amarelas de seda. Um capacete de aço de face aberta, com uma crista e uma protuberância para proteger o rosto, coroava o visual. Seu escudo redondo estava pendurado numas das laterais da sela, o machado, Wanda, na outra.

“O que é essa besteira?”

Rob virou-se na sela, examinando. Longeau cavalgava num trote rápido em seu alazão branco castrado. Seus companheiros, os senhores da cidade, seguiram-no de perto, forçando soldados a pé a saltarem da frente do caminho para evitarem ser pisoteados.

“Por que paramos?”, Percil exigiu saber, numa voz tão pinçada e ranzinza quanto seu rosto. “Ouvimos que o inimigo foi avistado.

Temos que atacar sem atraso!”

“Estamos nos posicionando atrás das matas”, Karyl respondeu. “Elas são a nossa melhor defesa. Nem as forças montadas deles, nem os soldados a pé podem nos atacar em bloco ali. E não poderão nos perseguir com facilidade se tivermos que bater em retirada.”

“O que é isso?”, Longeau quase gritou. “Defesa? *Retirada?*”

“Temos que atacar!”, Percil afirmou.

“É suicídio”, respondeu Karyl.

“Chega dessa merda derrotista”, Yannic disse a Longeau. “O que o Conselho disse?”

Longeau levantou o braço da espada e o brandiu num círculo brilhante por sobre a cabeça.

“Em frente, homens e mulheres de Providence!”, ele gritou. “Em frente para a vitória!”

“Pare com isso”, Karyl disse. “Eu estou no comando aqui.”

“Não mais”, Percil disse.

Melchor apalpou sua barba felpuda. “Já basta desses contos de fadas. Um membro do Alto Conselho nos lidera agora.”

“E os servos vão obedecer como estão acostumados a fazer”, Yannic completou.

“O povo da cidade também, se souber o que é bom”, disse Percil.

“Em nome dos Mestres Jardineiros da Beleza e da Verdade”, Longeau anunciou aos voluntários aturdidos. “Eu os ordeno: avante!”

Para o horror de Rob, eles obedeceram. Erguendo uma selvagem saudação. Instado pelos soldados que vestiam as cores de Percil, Yannic e a fraude gorda, Melchor, o exército se pronunciou. Eles contornaram Nell e Asal como água ao redor de rochas, e seguiram numa correnteza estrada acima, em trote veloz.

Poucos olharam para Karyl.

“Não poupem ninguém!”, Yannic berrou, balançando a espada. Ele esporou seu caminhante, pondo-o em duas pernas, e correu para assumir a liderança. A fera pressionou o bico em ansiedade, e seu rufo ao redor do pescoço se destacou rigidamente, abrindo para as laterais. Melchor, em seu pônei, e Percil, num grande garanhão preto, ficaram para trás para continuar gritando encorajamentos à milícia, como se temessem que o bom senso pudesse subitamente irromper.

Travise e Ismaël passaram a galope, indiferentes, montados em seus hadrossauros montanhosos. De forma cortês, eles contornaram Rob e Karyl, mas a infantaria no caminho deles tinha de se desviar ou correr o risco de ser pisoteada, claro.

Gaétan virou seu coleira de espinhos de frente para a estrada e, sentado, observava aterrorizado enquanto o exército de Providence caminhava quase alegre para enfrentar um inimigo desconhecido.

“Qual o seu problema?”, Rob berrou para Karyl em súbita raiva. “Você é o capitão de campo mais famoso de Nuevaropa! Por que não os manda parar!”

“Nunca dê uma ordem que sabe que não obedecerão.”

A torrente humana começou a ficar menor. A maior parte da milícia já tinha desaparecido na linha do horizonte, emoldurada pelas colinas azuis. De repente, Lucas estava ao lado do estribo de Karyl. O pintor estava quase pulando de um pé para o outro de indecisão, enquanto seus companheiros passavam. Ele vestia uma túnica de couro leve e trazia sua nova espada longa com o punho apontado para cima sobre o ombro. O rosto estava vermelho e assolado sob as franjas pálidas que saíam do brim que almofadava seu elmo de aço.

O próprio rosto de Karyl estava atormentado, como se uma das suas enxaquecas matadoras o atingisse com força total. “Não vá, garoto”, ele disse. “Por favor, não vá.”

“Mas você não *entende*”, Lucas falou. “Você veio; você vai embora. Nós sempre tivemos os senhores da cidade e sempre

teremos. Sempre obedecemos a eles. E encontrarão formas de nos punir se não o fizermos.”

“Podemos mudar isso”, Karyl disse. “Juntos. Você sabe que podemos.”

Lucas se acalmou. “Bem...”

Guat, o fazendeiro, passou correndo; a barriga saltando por sobre a tanga de couro encardida. Ele trazia uma lança na mão e um capacete de couro torto na cabeça.

“Vamos, garoto”, ele berrou. “A glória é por este caminho! Só o que encontrará aqui é a vergonha da covardia.”

Lucas deu um último olhar agonizante para Karyl. “Sinto muito”, ele lamentou e correu junto aos demais. Karyl abaixou a cabeça e apertou os olhos.

“Falhei com você, garoto”, ele murmurou, tão suavemente que Rob mal conseguiu escutar em meio aos gritos e à marcha de pés descalços. “Deveria tê-lo treinado melhor.”

Ele abriu os olhos e balançou a cabeça uma vez rápido, como se tirasse água dos cabelos.

“Certo. Agora, vamos tentar salvar o que pudermos.”

# OS SENHORES DINOSAURO<sup>DOS</sup>



– 43 –

## **Eris, La Luna Visible, a Lua Visível –**

*A lua que vemos à noite quando as nuvens costumam estar claras.*

*Tão distinta quanto La Luna Invisible, a Lua Invisível,*

*onde garotas e garotos devotos sabem ser o lugar em que os Criadores  
viviam quando fizeram Paraíso a partir do Velho Inferno.*

*Ela, claro, não pode ser vista, mas, apesar disso, está lá.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

Cheia de uma alegria sinistra e de propósitos escusos, sua nova capa de oficial oscilando sobre os ombros, Falk von Hornberg caminhava pelos corredores do Palácio dos Vaga-lumes. Cinco Tiranos Escarlates trotavam atrás.

O Império estava atrasado para a revolução. Ele a estava trazendo. Não para destronar o imperador, mas para dar a ele todo o poder que um imperador deveria ter.

Falk trabalhou firme e rápido para consolidar seu próprio poder, uma vez que Felipe o confirmou como o novo chefe da sua

guarda pessoal imperial. Agora chegou a hora de dar os últimos e mais ousados passos.

Eles chegaram a uma porta. Falk tentou abri-la. Estava trancada.

“E se nós atraímos o Anjo”, disse uma voz como a de uma criança crescida, meio soluçante, vinda do lado mais distante da porta, “por nossos pecados de fazer tramoias contra o imperador? Nosso próprio compatriota!”

“Se os Anjos Cinza entrassem numa cruzada toda vez que houvesse uma tramoia”, disse uma segunda voz altiva, “eles jamais parariam.”

“Quantas vezes preciso dizer, Benedicto?”, falou uma terceira voz, afiada, mas com um toque de cansaço. “Ninguém está tramando contra Felipe. Só queremos chamar a atenção dele. Você está reagindo de forma exagerada à essa aparição imaginária.”

“La-la-la-la! Não consigo te escutar! Me assusta quando você chama os Anjos Cinza de imaginários, Gonzalo. Não faça isso, por favor!”

Falk sorriu. Então, arrumando seu rosto numa carranca adequada, olhou para seu esquadrão. “Ponha abaixo”, ele disse.

As portas do Palácio dos Vaga-lumes eram bem construídas e robustas. Elas ririam diante de um mero chute. Um pesado aríete manejado por quatro fortes Tiranos Escarlates provou-se menos divertido. Com um guincho agudo, a porta explodiu para dentro.

Um homenzinho saltou de sua cadeira de frente para a porta. Um punhal numa bainha de rubi estava pendurado num suporte de bronze para lãmparina. Quando o cabo responsável pelo esquadrão de Tiranos precedeu Falk dentro do cômodo, ele sacou a longa e delgada lâmina, com uma argola deslizante.

“Gonzalo Delgao, você está preso por...”

O Tirano viu o aço apontado para si, brilhando à luz da lãmparina. Os guardas do imperador eram treinados para responder com a velocidade de uma flecha. O cabo parou de

falar no meio da frase e atacou firme com a espada no meio do peito de Gonzalo que, embora armado, não resistiu.

O homenzinho resfolegou e caiu de joelhos.

“Você machucou meu irmão!”, rugiu Benedicto. Veias saltavam em seu pescoço e rosto, engolidos pela fúria. Ele apanhou uma mesa pesada de madeira e a esmagou contra a letra do capacete cristado do Tirano.

“Pare, Benedicto!”, gritou Falk von Hornberg, saindo de trás do cabo, que estava cabeça com cabeça com Gonzalo. Seus dedos se contraíam enquanto o sangue se espalhava sobre um outrora esplêndido tapete de Ovdan.

Com o punho tão apertado que as juntas estalaram, Benedicto investiu contra o duque. Enquanto armava o braço direito para dar um soco, Falk avançou de encontro a ele, agarrando o antebraço esquerdo e o bíceps direito. Benedicto era até maior do que Falk, e estava louco de raiva e pesar. Por um instante, os dois empurraram um ao outro, num esforço tão grande que não conseguiam nem falar. Então, Falk fez o grandalhão recuar, caindo sobre o amplo traseiro no chão de azulejos.

“Benedicto...”, Falk disse. Ágil como um garoto, o grandalhão se pôs de pé e tornou a atacar. Ele não investiu de cabeça baixa como um unichifre, mas ereto, procurando esmagar com os punhos o oponente. Lágrimas corriam pelo rosto da cor de ossos queimados pelo sol.

A mão esquerda de Falk sacou do cinto uma larga *cinquedea*, uma adaga de cinco dedos. Ele plantou a palma direita contra o peito de Benedicto, tentando afastá-lo com o braço esticado. Benedicto o fez recuar até a porta, um passo, dois.

A adaga mordeu como uma víbora: uma vez, duas, várias vezes em sucessão desconcertante. O próprio Falk perdeu a conta. Benedicto guinchou como um tiranossauro enfurecido. Sangue fluía da sua boca, espirrando ainda quente no rosto barbado de Falk e escorrendo pela armadura dourada. Ele continuou empurrando o braço estendido de Falk até que, de

repente, enrijeceu e os olhos viraram para o alto. Lívido, caiu morto.

Os outros quatro Tiranos haviam deixado o aríete de lado e entraram no cômodo para ajudar o novo comandante, com as lanças de prontidão. Viram o cabo caído.

René Alarcón estava de pé contra uma tapeçaria que mostrava a Violação de La Merced, derramando vinho de uma garrafa. Ele a pôs sobre um armário ao lado de seu copo e arqueou uma sobrancelha de desdém contra Falk.

“Você tem uma forma vivaz de tratar os desolados”, Alarcón disse. “Se os punhos de sua graça forem afiados como seu aço, talvez...”

Um Tirano enfiou a lança na boca aberta do nobre. Sua ponta saiu pela parte de trás do crânio com um estalido. Os olhos de Alarcón se arregalaram numa última surpresa.

“Isso deve segurar sua língua, traidor”, o guarda rosou, enquanto Alarcón caía.

Falk fez uma cara feia diante do matadouro que a sala havia se tornado em questão de segundos. Odiou pensar no que sua mãe teria dito sobre aquilo. *Já vi que vou ter de fazer algo quanto aos Tiranos serem adeptos de estocar antes e perguntar depois.*

Ainda assim, pensando a respeito, quem sabe tenha sido melhor assim. O silêncio dos três mortos era mais útil do que qualquer coisa que pudessem dizer. Traidores haviam resistido à justiça e morrido; detalhes inconvenientes poderiam ser ocultados de imediato pelo líder dos guardas do imperador.

Exemplos públicos eram necessários. Eles seriam feitos. Isso era tudo o que representavam.

Agora, Falk precisava de outra coisa. Ainda carrancudo, agora deliberadamente, ele virou sua lâmina para o membro sobrevivente do quarteto. Ele ainda segurava o punhal gotejando na mão.

Augusto Manorquín, tão escorregadio quanto um gato doméstico, não tinha nem descruzado as pernas na cadeira de

veludo onde estava sentado, cujo verde combinava com seu gibão.

Lendo corretamente a pergunta no rosto de Falk, Manorquín levantou as mãos, espalhando as palmas amplamente para frente.

“O que satisfizer as necessidades do Estado”, ele disse. “Ficarei feliz de confessar.”

Falk sorriu; o rosto sujo de sangue seco. “Homem sábio”, ele falou.

Mal parando para limpar o sangue do rosto e da armadura com um trapo que um Tirano lhe deu, Falk entregou o prisioneiro e partiu para a próxima empreitada. Um novo *puño* de guardas o seguiu.

O cabo deles, mais velho e experiente que os demais, os manteve alertas e ansiosos como vexers na coleira. Eles *ouviram* o que acontecera com o líder do esquadrão anterior.

Falk tomou um atalho pelo lado de fora, cortando o ar suave do pôr do sol, entre a ala dos convidados da residência principal e a torre que acomodava os apartamentos imperiais. As nuvens se dividiam em feixes de ardósia, iluminadas em tons de laranja e amarelo ao longo do céu ao leste, acima de La Merced. As primeiras estrelas brilhavam no índigo sobre as cabeças deles. Vaga-lumes dançavam abaixo, como lanternas vivas. O vento vinha fresco do canal, cheirando a sal e a folhagem da Anglaterra no lado mais distante.

Em vez da música alegre e das risadas que geralmente cumprimentavam o término do dia no Palácio dos Vaga-lumes, Falk ouvia conversações sussurradas por todos os lados. Em algum lugar, alguém soluçou inconsolável.

Ele sorriu.

O pânico havia se espalhado rapidamente pelo Palácio e pela cidade abaixo. As notícias sobre o surgimento do Anjo tinham feito até mesmo Falk recuar. Não por ele achar que fosse verdade, mas sim por que o momento e a importância se enquadravam perfeitamente às maquinações de Bergdahl, criando suspeitas contra Providence e o Jardim nas semanas que se passaram desde a partida do exército.

Falk sabia que Bergdahl e sua mãe se comunicavam regularmente num código que os melhores criptógrafos que ele conseguiu achar em La Merced até então não haviam conseguido quebrar. Será que, de alguma forma, eles possuíam um conhecimento mais avançado?

Ele dispensou o absurdo imediatamente. Se a duquesa de Dowager sabia que tudo aquilo aconteceria, corroborar que os míticos Anjos existiam estaria entre suas implicações mais inquietantes.

Adentrando a torre, ele liderou o esquadrão por uma escadaria espiralada até os apartamentos imperiais. Precisamente na hora: uma dupla de Tiranos flanqueava uma porta que estava entreaberta no momento em que Falk ganhou o corredor com seus homens.

Mondragón, vestindo os costumeiros mantos marrons e pretos, parou do lado de fora da porta. A expressão no seu rosto descarnado de raptor nunca mudava, mas Falk conseguiu ler a mínima alteração no brilho daqueles olhos obsidianos.

“Então vai ser assim?”, falou o velho alto, com um ligeiro erguer aristocrático de sobrancelhas. “Admito que estou surpreso. Bem jogado, meu jovem. Bem jogado.”

“Por aqui, *señor* ministro, por favor”, o cabo pediu, se adiantando, enquanto seus homens cercavam Mondragón. A voz do oficial estava mais áspera que o normal. Um Tirano Escarlata não podia ter respeito por outra pessoa que não fosse o imperador e sua família imediata, mas não era todos os dias que

eles eram chamados para prender o ministro-chefe e melhor amigo do imperador por traição.

Como esperado, Mondragón seguiu o cabo ao longo do corredor. Por cortesia, Falk não ordenou que ele se curvasse. Em troca, o ministro não fez qualquer tentativa fútil de resistir ou de tentar escapar. Afinal, os dois eram profissionais. *Mais uma prisão*, Falk pensou com um arrepio de temor e de antecipação. *A mais importante e arriscada de todas.*

Mas ele não participaria daquela, conforme Bergdahl o aconselhara.

Em vez disso, seguiu o *puño* e seu prisioneiro num passo acelerado atravessando os apartamentos imperiais. Era apropriado que o comandante dos Tiranos supervisionasse o interrogatório de um prisioneiro tão importante. Ainda que qualquer coisa que Mondragón dissesse ou não pouco importasse para o que estava prestes a ocorrer, tanto quanto não importava se Eris nasceria no oeste esta noite.

Melodía sentava-se nua na beira da piscina de banho em seus aposentos. Servas passavam esponjas ensopadas em infusões de pétalas de flores. Ela optara por não tomar um banho completo antes de se retirar. Os cataclísmicos eventos daquele dia a haviam esgotado. Ela só queria dormir o mais rápido possível.

Do lado de fora, veio um barulho e um grito nervoso de Pilar. “Vocês não podem entrar! Estes são os aposentos da princesa!”

Melodía se levantou fazendo cara feia, enquanto suas servas recuavam. Cinco guardas imperiais invadiram o cômodo. Como sempre, estavam requintados, com seus mantos escarlates e armaduras douradas. A impertinente presença masculina deles era uma profanação.

Armados e encorajados, treinados e fortes, os cinco ainda se intimidaram diante da ira da princesa. Invadir um banho privado de uma *hidalga* era algo bastante sério. E, quando a *hidalga* em questão era a filha favorita e herdeira do imperador...

“O que em nome do Velho Inferno vocês pensam que estão fazendo?”, ela inquiriu.

Ela viu que um deles estava tentando segurar Pilar, que se debatia e chutava como um horror em fúria.

“Pilar”, ela disse, dando uma chibatada com a voz. “Pare.”

A serva deixou os braços caírem e recuou. Seus cabelos negros eram um emaranhado insano. Manchas rosadas brilhavam nas suas bochechas. Elas quase se igualaram com aquela que começava a aparecer sob o olho esquerdo do guarda que lutara contra ela. O punho acertara em cheio.

“Você não pode me ajudar, querida”, Melodía disse. “Obrigada.”

Pilar desabou. Ela suspirou, deixou a cabeça pender e deu um passo para trás. Seu oponente se recompôs, parecendo-se com um homem que tentava ocultar o alívio.

“Alteza”, o cabo falou, “viemos prendê-la por suspeita de conspirar contra o imperador.”

“Contra meu *pai*? Você ficou louco?”

“Estas são as ordens. Às quais seguiremos até a morte.”

“Que melodramático.”

Um Tirano se aproximou segurando um manto de seda branco. Ela ergueu a mão para detê-lo.

“Se vou ser presa nestas condições”, falou com o queixo erguido e altivo, “estou apta a caminhar para meu destino nelas.”

O cabo franziu a testa. Ele esfregou o queixo magro, criando um som furtivo como o de garras de ratos em lambris, no que ela adivinhou ser uma barba por fazer permanente. Nudez pública podia ser usada para demonstrar sinceridade e protesto. Melodía queria ambos. Embora não parecesse ser um homem excessivamente sutil, o Tirano encarregado claramente compreendeu aquilo.

Seus quatro homens poderiam ter vestido a princesa à força. *Por fim*. Ele olhou para o homem que se engalinhara com Pilar, cujo olho começava a ficar roxo. O cabo dispensou o manto.

“Alteza”, ele disse, fazendo um gesto em direção à porta.

Melodía respirou fundo, ciente de que seus captores não conseguiam tirar os olhos dos seus seios ainda úmidos.

“Quando meu pai souber disto...”

Ela titubeou. Parou. Pela primeira vez, sentiu a agulha do medo atravessar seu peito. *Se meu pai não soubesse*, ela pensou horrorizada, *como teriam ousado me prender?*

Seus joelhos ameaçaram ceder. Sentimentos de raiva, traição, confusão e uma dor profunda a engolfaram, como se uma estrela caída no Canal tivesse criado uma vasta onda que inundara o Palácio.

Pela força de vontade, transformou seu rosto numa máscara. Endireitando os ombros, levantando a cabeça, ela passou pelos homens e saiu da sala de banho sem dizer mais nenhuma palavra.

# OS SENHORES DOS DINOSSAUROS



– 44 –

**Hada, os Fae** – Também demonio, demônio.

*Um indivíduo é chamado de fada. Uma raça de criaturas sobrenaturais malignas que desafia a vontade dos Criadores e busca tentar a humanidade e levá-la à ruína. Lutando juntos, a humanidade, os Anjos Cinza e os próprios Criadores derrotaram a tentativa delas de conquistar Paraíso durante a temível Guerra dos Demônios. São famosas pelas troças, que podem ser bem cruéis, e pela predileção de efetuarem barganhas com homens e mulheres mortais. As quais elas cumprem, mas raramente conforme o esperado.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

“Que foi que eu *fiz*?”

Suas palavras desesperadas seguiram umas às outras através do corredor baixo, iluminado por tochas, que fazia parte do labirinto de retiros e depósitos sob o Palácio dos Vaga-lumes, como se fossem vozes zombeteiras dos Fae. Ele bateu o punho contra a pedra encrustada de salitre. Pó branco flutuou, o que o fez piscar e espirrar.

Com os braços cruzados sobre o peito, Bergdahl recostou-se à parede. “Acho que sua Graça fez um movimento notável, indo de verme rebelde a mestre da guarda imperial num período de meses. Isso, além de ficar incrivelmente ébrio.”

Falk virou-se para ele, meio cego. Sua visão continuava turva, embora o pó de salitre estivesse se dissipando.

*Deve ser o vinho, ele pensou. Não sou fraco o bastante para chorar.*

“É fácil pra você discorrer sobre este maldito jogo que me faz tomar parte”, ele grunhiu. “Não é o seu pescoço que está entre as Mandíbulas do Tirano.”

Bergdahl mostrou seus dentes amarronzados. “Não, eu iria para a roda. Todos os meus membros quebrados e trançados por entre os raios. Quando se trata de servos que desagradam a nobreza, as regras dos Criadores contra tortura voam pela janela como lindos passarinhos azuis.”

“Você não *entende*”, Falk soluçou. “Eu prendi o melhor amigo e ministro-chefe do imperador com evidências falsas. Que você inventou e eu plantei. Pior ainda... levei a filha e herdeira do imperador sob custódia e a joguei num confinamento secreto. Sem um mínimo de autoridade para tanto!”

“Uma adição admirável”, Bergdahl falou. “Mas não se esqueça da forma hábil que assassinou aqueles pobres e inconvenientes bastardos com quem pretendia conspirar. Até eu admirei. E você pensou nisso sozinho.”

“Mas, e se alguém descobrir?”

Bergdahl fungou. “Sua mãe tem razão sobre você. De fato, às vezes você é um garotinho tolo.”

Falk ergueu os punhos crispados para esmagar aquele bico e nariz de raptor além de qualquer possibilidade de reconhecimento; esmurrar aquele camponês descarado até que seus olhos revirassem nas órbitas arruinadas e ele se afogasse numa sopa feita dos próprios dentes e sangue.

Em vez disso, deixou-os cair.

“Por que estou fazendo isto? Por que escuto você?”

“Você me escuta porque sua mãe mandou. Você me escuta porque sabe que, no fundo, quero o seu melhor. E me escuta porque eu tenho razão”, ele fez uma pausa. “Assim como sua mãe e eu estávamos certos sobre seu pai. Lembra-se, sua Graça?”

A menção ao pai trouxe uma punhalada de dor em suas entranhas. *Mas ele não pode mais me machucar*, ele lembrou a si próprio. *Não desde que eu o empurrei escadas abaixo.*

*Como minha mãe queria. Como Bergdahl mostrou-me.*

Ele oscilou para os lados e piscou para Bergdahl. Não era a primeira vez que sentia que aqueles olhos cinzas eram capazes de ler seus pensamentos.

“Mas por que foi necessário que eu fizesse tais coisas?”

“Por uma causa maior. Como deve se lembrar se parasse de agonizar em autopiedade por um momento e assumisse controle sobre si próprio o bastante para voltar a pensar.”

“Qual ‘causa maior’ Bergdahl? *Qual?*”

“O Império”, respondeu o servo que, de tantas formas, era o mestre. “O Império precisa de mãos fortes para guiá-lo, como você mesmo ajudou a provar quando revoltou-se contra ele. Agora, escolheu servir o Trono Dentado. Para tanto, tem de servir o imperador, a despeito de si próprio. E, claro, você fez essas coisas por que é a vontade de sua mãe. Ela só quer o que é melhor para você. E para o Império, claro.”

Falk suspirou pesadamente. “Claro”, disse de modo sarcástico. Ele começava a voltar à sobriedade. Não era um local agradável para se estar.

O meio sorriso de Bergdahl nunca desaparecia. Ele vertia sarcasmo.

“E a filha do imperador”, Falk perguntou. “E quanto a esse pequeno detalhe?”

“A vagabunda? Ela é o maior prêmio de todos! A prisão dela empresta credibilidade a todo esse saco de vermes. É a prova do

seu caso: se está disposto a prender a própria filha do imperador, com certeza está convicto de suas razões.”

“Mas não é verdade, Bergdhal. Ela nunca se envolveu.” Por algum motivo, Falk achava difícil dizer o nome da prisioneira. “Aqueles patéticos maquinadores, Gonzalo e o resto, nunca falaram dela sem reclamar que ela não lhes concedia nem um segundo sequer.”

“Besteira. Seu novo passarinho, Manorquín, ele não jurou que ela estava atolada até as tetas nisso? Você já não o persuadiu a tanto?”

“Sim”, ele falou soturno.

“Então, pronto, sua Graça. As pessoas só precisam acreditar. Se as pessoas certas acreditarem, então é verdade da única maneira que faz diferença.”

Falk balançou a cabeça. Os estalos das tochas de alcatrão, o fluir do sangue em seu cérebro, a palpitação maçante em suas têmporas, o esparrinho do vinho em seu estômago, tudo o deixava louco e desorientado.

“E quanto à justiça?”, ele perguntou.

“‘Justo’ é apenas o que aqueles com poder dizem ser. Como a verdade. Nem mais, nem menos. Agora, você tem poder. O imperador confia em você mais do que nunca. Você descobriu uma trama hedionda contra ele e quebrou sua coluna como se pisasse numa víbora. Ainda que isso tenha significado prender a filha dele.”

Bergdahl parou, recolheu sua cabeça redonda e vil e premeu os olhos contra Falk.

“Aquela vagabunda cortou suas bolas?”

“Quê?”, Falk rugiu. Sua voz pareceu erguer o teto de pedra arredondado. “Ela não fez nada além de suspender você pelo pinto. Que nem um boneco de corda.”

“Como se atreve...”

“Ela balança aquela bunda doce debaixo do seu nariz. Eu a vi fazer isso enquanto dançavam. E se você tivesse tentado dar

uma mordidinha, o que teria acontecido?

Falk murchou.

“Sim. Os Tiranos Escarlates o teriam surrado retumbantemente e o pendurado de cabeça para baixo no estábulo dos dinossauros.”

Falk sentiu algo revirar-se dentro de si. Em algum lugar lá no fundo.

“Mas pode apostar que a piranha dá aquela bunda de bom grado para aquele meio homem de cabelo laranja dela.”

“Olha como fala!” Emoções que Falk não conseguia nomear, muito menos controlar, estavam admoestando seu discurso tanto quanto o vinho. “Jaume é um grande campeão. O maior guerreiro de Nuevaropa. Não se esqueça de que ele me venceu, homenzinho.”

Somente um homem tão grande quanto Falk podia chamar de “homenzinho” o espichado camponês, mas Bergdahl escarneceu.

“Você entregou a luta. Ou esconder a cara dentro de barris de vinho o fez esquecer isso?”

“Ele tinha me vencido”, Falk bradou. “Você está falando de questões de guerreiros aqui. Alguém rústico como você não entenderia.”

“Como quiser. Mas vos pergunto, sua Graça, quem comanda os Tiranos Escarlates agora?”

“Eu...”, Falk fez uma pausa. A rápida troca de rumos da conversa voltou a embaralhar sua destreza. “Eu comando.”

“Então o que o impede de tomar o que deve ser seu por direito? Tomar o que ela entregava alegremente para Jaume, que, por sua vez, preferia se entregar àqueles garotões dele?”

O que começara como uma brasa dentro de Falk agora ardia em flamas. Mesmo assim, ele olhava para o servo com uma carranca.

“O que está dizendo?”

“Você tem o poder. Use-o. Ou é indigno? Será que tem medo da pequena vagabunda?”

“Não!”, Falk berrou. A raiva se inflamou e abraçou todo seu cérebro numa coloração vermelha.

Bergdahl sorriu de modo afetado. “Então vá e faça o que deseja fazer”, ele cacarejou. “É provável que ela lhe agradeça por isso, assim que a dor diminuir.”

Quando parou para respirar entre seus berros, Montserrat escutou uma voz, suave, mas insistente, que dizia: “Por favor, Alteza. Me escute”.

Ela estava com a cabeça afundada no travesseiro de seda absurdamente rosa de sua cama.

“Vá embora, Pilar”, ela choramingou.

“Você não quer isso de verdade, Alteza. Você quer ajudar a sua irmã.”

Montse deu uma respirada grosseira. Sentiu um alívio sutil ao ser arrancada do próprio choro. Ela virou a cabeça e abriu um olho.

A criada gitana estava sentada num banquinho ao lado da cama. Seu rosto, que Montse achava quase tão bonito quanto o de sua irmã, estava carregado de preocupação.

Pilar não era uma pessoa estúpida, independente de Melodía às vezes tratá-la assim. Às vezes, até Melodía agia de forma estúpida. E, por não ser estúpida, Pilar se distinguia da maior parte dos servos e de quase todos os grandes da Corte.

Ela sempre tratava Montse com respeito, em vez de relegá-la como idiota. Assim como o primo Jaume também a respeitava.

Montse sentiu impactos suaves e escutou batidas insistentes através do travesseiro ao lado dela. Ela olhou na direção. Cachos ensopados envolviam seu rosto como tentáculos de um polvo. Por eles, ela viu Mistral Prateado fazendo a dança do furão, que servia como dança de guerra, celebração e, naquele caso, comiseração: costas arqueadas, saltando para o alto no lugar.

Montse suspirou. “Tudo bem”, ela disse sentando-se. Embora um ranho aguado escorresse livremente pelo seu lábio superior, falou num tom cuja normalidade surpreendeu até ela própria. Mistral parou de saltitar e até permitiu que ela aninhasse a cabeça em seus braços como um bebê humano, o que em geral afrontava a dignidade dela.

Dolorosamente, Montse ficou ciente do tipo de comportamento contrário ao de Montserrat que ela estava tendo. *Odiava* não estar no controle de si própria. Ainda que, às vezes, tivesse de chorar, aquilo não *arrumava* nada.

Sorrindo, Pilar tirou os cachos errantes do rosto da garota. Montse normalmente não gostava de pessoas mimando-a. Mas, de algum modo, aquilo não a incomodou.

“Por que quer que eu ajude Melodía?”, ela perguntou.

Pilar puxou a cabeça para trás e piscou como se a menina a tivesse estapeado. “O que quer dizer? Eu sou a criada dela.”

“Mas ela é má com você às vezes”, Montse observou.

“Você está embotada, princesa”, Pilar disse, com um sorriso.

“Sim. Estou. Por favor, me chame pelo meu nome, Pilar.”

“Montse, então. É... incomum para alguém da sua posição dizer ‘por favor’ a alguém da minha.”

“Tento ser gentil com todo mundo”, Montse deixou não dito o *a não ser que me encham o saco*. Ela tomou aquilo como subentendido.

Pilar apertou os lábios no que Montse suspeitou ser outro sorriso. Ela reparou que os olhos verdes da mulher estavam tão sem fôlego quanto os dela mesmo deveriam estar.

“Para responder a sua pergunta”, Pilar disse, “eu também amo Melodía como se ela fosse minha irmã. Fomos criadas juntas, sabia? Brincávamos juntas constantemente. Assim como você faz com os filhos dos servos.”

“O que aconteceu?”, Montse perguntou.

“Nós crescemos.”

Montse fez cara feia. Aquilo a atingiu como uma típica não resposta dos adultos.

“Nós duas nos vimos forçadas a... desempenhar nossos papéis”, Pilar explicou. “Afinal, ela é uma princesa imperial.”

“Mas ela não vai herdar o Trono Dentado. Ninguém pode fazer isso.”

“O título ainda importa. É bastante cerimonial. Algumas pessoas dão muita importância a isso.”

*Algumas pessoas são bem estúpidas*, Montse pensou.

“Melodía é muito independente, mas...”, Pilar deu de ombros. “Ela tem que agir da forma como se espera dela. Como a maioria das pessoas.”

“Eu nunca vou entender”, Montse grunhiu. “Se crescer significa ter que tratar os amigos como mobília, eu nunca vou querer fazê-lo!”

Pilar riu. “Sua irmã tem fortes convicções”, ela disse, “mas ela não se compara a você, pequenina. Se alguém pode forçar o mundo e a Torre Delgao a ser permitida a crescer nos próprios termos, é você. Mas temos muito o que conversar e pouco tempo. Entende agora por que quero ajudar Melodía?”

Montse assentiu. A seguir, mordeu o lábio.

“Escutei os servos sussurrando que Melodía pode ser condenada à morte. Papai não deixaria isso acontecer. Nunca!”, ela sentiu as lágrimas voltarem a ameaçar seus olhos. “Deixaria?”

Pilar respirou fundo. “Talvez ele não tenha escolha.”

“Mas ele é o imperador!”

“Até o imperador tem de obedecer às leis.”

“Mas isso é errado! Melodía não fez nada de ruim!”

“Você está certa. Mas ela disse coisas que pessoas ruins distorceram para seus próprios fins. Ela foi apanhada numa teia de coisas que não compreende. Aliás, para constar, que nem eu compreendo.”

“Então, o que *podemos* fazer? Eu sou só uma criança. As pessoas sempre dizem isso. E você é só uma criada.”

De forma pouco habitual, Montse se arrependeu das palavras que saíram de sua boca assim que as dissera. Servos eram companheiros dela, seus amigos. Ela era a última pessoa do mundo a querer dizer *só uma serva*, no sentido habitual de sua classe, que significava, *menos do que uma pessoa*.

“Não se preocupe”, Pilar falou. “Entendi o que quis dizer. E o negócio é esse. Você sabe como as pessoas subestimam crianças... e servos.”

Montse assentiu com cautela. Era como se tivessem perguntado se ela sabia como *respirar*.

“Bem, é assim que salvaremos Melodía.”

A garota pensou naquilo por um momento. Ela apertou Mistral contra o queixo. O calor suave de seu amigo a reassegurou.

“Qual é o plano?”, ela perguntou.

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 45 –

**Estólica, lançador** – *Também atlatl, ou lanzadardos, lançador de dardos.*

*Um bastão, em geral de um metro de comprimento,  
com uma protuberância ou um copo numa extremidade  
que se encaixa na coronha de uma lança ou dardo. É utilizado para  
arremessar projéteis com maior velocidade e precisão  
do que uma pessoa é capaz de fazer e é popular entre os escudeiros  
montados chamados de jinetes.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

A manhã ainda estava bela e animada como um traidor, atrás das nuvens altas e finas. Estava quente para os padrões das terras altas, o bastante para que o suor agredisse os olhos de Rob por sob seu capacete, e titilasse as costelas dentro da couraça de pele de nodossauro, apesar da sombra das árvores. Uma brisa leve soprava as flores azuis em forma de sino que cobriam a colina até o cume, algumas centenas de metros ao norte. Ela vinha do leste e cheirava ao perfume suave das flores e da

vegetação rasteira que cresciam lá. A fragrância era tão calmante e bela quanto o cenário.

“Isso logo vai mudar”, Rob Korrigan murmurou para si próprio.

Ao lado dele, Pequena Nell oscilava de um lado para o outro. Ele não sabia bem se era porque ela captava a tensão entre as centenas de homens que Karyl espalhara escondidos na orla da floresta, entre eles e o vilarejo abandonado, ou pelo fato de a arqui-inimiga dela, Asal, estar procurando brotos saborosos a apenas alguns metros dali.

Karyl e Rob estavam entre suas montarias, dentro de uma tela de galhos.

Sem olhar para Rob, Karyl assentiu. Ele sabia o que o companheiro queria dizer. E sabia até melhor do que Rob o quão pavorosamente aquilo era verdade.

Segurava o arco de chifre com ambas as mãos, olhando fixo para frente, como se pudesse ver o que estava acontecendo.

*E é provável que possa, Rob pensou. Ele conhece esta canção tão bem quanto eu. Melhor.*

A alegria do exército de Providence fora transformada em gritos dispersos e, então, um berro distante rouco, assim que eles atingiram o cume da colina. As vozes dos providencianos tinha se fundido às dos primeiros elementos de Crève Coeur num coral rudimentar. Agora, o clamor aumentava uma oitava. Trombetas soavam.

Um músculo na extremidade da mandíbula de Karyl tremulou. Os gritos dispararam como alados assustados. Bem à esquerda, um quarteto montado apareceu. Eles cavalgavam três cavalos e um caminhante castanho avermelhado, não num galope de pânico, mas num trote suave. Eram alguns dos batedores de Rob, não fugindo, mas fazendo seu serviço.

Ele olhou para Karyl, que acenou com a cabeça.

“Não fará diferença se os Corações Partidos perceberem que estamos aqui”, ele disse.

Rob pôs os dedos na boca e emitiu um assoviado agudo. As orelhas dos cavalos se empertigaram. Os quatro viraram as montarias e as incitaram num galope na direção de onde a floresta encontrava a estrada.

Na estrada, uma única fera apontava no cume, vindo na direção deles. Era o caminhante verde de Yannic, sem montaria, o rufo dourado distendido, correndo o mais rápido que suas longas pernas conseguiam. Seu bico sem dentes estava aberto num grito que não podia ser escutado por causa do grande tumulto de dor e medo que o seguia. Rob notou com interesse que ele ainda não havia se cagado.

Os batedores pararam próximos do esconderijo de Karyl e Rob.

“Foi como o capitão disse”, Guilles falou, um raro homem da cidade entre os cavaleiros leves, cujos cabelos negros sempre se agarravam ao seu crânio, não só no calor. “O exército inteiro começou a vacilar no momento em que viram os primeiros Corações Partidos no topo da colina seguinte.”

“Cães de caça”, disse a montadora do caminhante, a filha de um lenhador chamada Françoise, nascida naquela própria região. “Guilli deixou-os trotar na frente para atrair os senhores.”

“Que se apresentaram para a caçada rapidinho”, Gilles disse. “Nossos próprios mestres nobres cavalgaram em frente, sem nem olharem para os lados para ver que haviam deixado os homens a pé para trás. Vimos apenas cinco bicos de pato de guerra dos Corações Partidos e, talvez, uns vinte e cinco cavalos. Mas bastaram para acabar com os senhores do campo e da cidade. O barão Ismaël foi derrubado imediatamente por uma dupla de cavaleiros cavalgando morriões. Um sacabuxa atropelou Percil e o esmagou.

“Esmagou também a grande montaria negra dele”, disse Marie, uma fazendeira que era robusta para ser cavaleira leve. Ela tinha cabelos pretos amarrados em tranças de ambos os lados da cabeça e tinha um dente da frente faltando. “Foi terrível.”

“Então, achamos que já havíamos visto o suficiente e voltamos para relatar”, Gilles falou.

“Algum sinal de Longeau?”, Karyl perguntou, para o espanto de Rob. Os batedores balançaram a cabeça.

Ocorreu a Rob que ele vira claramente o conselheiro Cuget cavalgando todo cheio de vanglória ao lado dos três senhores da cidade e a dupla de barões seguindo em suas montarias monstruosas. Mas não se recordava de ter visto nem ao menos uma pena do traseiro aveludado de Longeau após ele ter terminado de vomitar as suas baboseiras.

*Ah, bem, ele pensou, aí está um que não faço questão de lembrar. Mesmo em comparação com aquele sapo traiçoeiro do Melchor...*

“Fizeram bem seu trabalho”, Rob disse aos batedores. “Entrem na mata e descansem as montarias.”

Eles riram. “São só cavaleiros”, Marie falou. “As feras são gordas e lentas. Não podemos dar uma canseira neles?”

Para dar ênfase, ela brandiu uma lança curva com penas com uma correia de couro encapando o bastão de um metro, o que conferia rotação quando jogada de um lançador.

“Vão em frente”, Rob disse. Então, deixou os olhos deslizarem para o lado. O queixo de barba bem aparada de Karyl mergulhou uma vez, o que fez com que Rob sentisse calor por dentro, como se tomasse um gole de conhaque. Os batedores cavalgaram para a direita, para que pudessem atacar o flanco leste dos batedores. O caminhante aterrorizado correu pela estrada e passou pelos defensores, ainda emitindo uma cacofonia de guinchos.

À direita da estrada, ao leste, surgiu um homem solitário no topo da colina azulada. Ele corria pelo mesmo caminho que a fera, apesar do rabicho da sua cota de malha bater nas suas pernas como pesos de chumbo. Um guerreiro de Yannic, a julgar pela cor da túnica; ele deixara de lado escudos e armas no frenesi para fugir.

Em seguida, surgiram alguns grupelhos de homens. E o exército de Providence, numa grande onda de medo.

“Fiquem firmes”, Karyl disse à sua pequena força oculta. Eles eram corredores das matas, batedores desmontados, voluntários que optaram por desafiar seus senhores hereditários. A maioria tinha arcos, embora alguns carregassem lanças, machados, espadas e broquéis do Arsenal da cidade. Para a surpresa de Rob, até mesmo um punhado de arqueiros e guardas optara por permanecer ao lado de Karyl. Honestamente, Rob não sabia se eles eram motivados pela covardia ou pela coragem.

Karyl os espaçara o suficiente para permitir que seus companheiros em fuga passassem livremente por eles, embora esperasse que o grosso dos derrotados escolhesse a rota mais rápida da estrada.

“Fiquem fora de vista até eu dar o sinal. Todas as nossas vidas dependem de vocês.”

Rob deu um longo suspiro. “Você estava certo o tempo todo”, ele disse a Karyl. “Coragem é supervalorizada. Ela traiu todos eles. Eles permitiram que ela os arrastasse para morrer pelos indignos. Bem como você disse que aconteceria.”

“Pelo menos eles não vão se deixar influenciar tão facilmente da próxima vez.”

Rob teve que engolir em seco a tréplica de que *próxima vez* parecia não ser algo em boa prospecção.

*Ah, mas não é por isso que estamos todos aqui, até mesmo o filho da mamãe Korrigan, prestes a encararmos, contra todo o bom senso e as práticas anteriores, cavaleiros armados e montados? Para criarmos uma próxima vez?*

Enquanto o exército debandado descia o morro na direção das matas, um cavaleiro apareceu, já em meio a eles. Ele transpassou um homem com uma lança de modo tão casual como uma folha que cai de uma árvore. As formas volumosas dos hadrossauros de guerra apontaram no cume. Eles desceram como avalanches vivas, esmagando homens como flores.

A arrogância dos nobres dos Corações Partidos fez as veias de Rob queimarem que nem lixívia. A maioria dos cavaleiros usava capacete sem visor; aqueles que tinham, não se deram ao trabalho de baixá-los. Eles estavam preparados não para a batalha, mas para o massacre: para um encontro que envolveria, no máximo, um choque rápido e forte, seguido de pânico. Eles anteciparam que os defensores de Providence teriam seu coração e o gosto pela glória esmagados dentro do torso assim que avistassem os primeiros cavaleiros de armaduras, quanto mais dinossauros de três toneladas, e que correriam antes que seus inimigos estivessem ao alcance de seus arcos curtos.

O que aconteceu.

Como Karyl sem dúvida sabia, caso o exército que ele formara e nutrira com o cuidado de um mestre jardineiro de verdade tentasse lutar a batalha que os senhores da cidade queriam. Ainda que aqueles que haviam lutado com ele na emboscada do Bosque dos Sussurros soubessem de algo que a maior parte das pessoas comuns não sabia – que até mesmo um altivo e poderoso cavaleiro de dinossauros podia ser derrubado de seu altivo e poderoso dinossauro, e ser submetido a uma morte brutal por meios cruéis –, eles não estavam preparados para o choque emocional de encarar tais cavaleiros em campo aberto com nada além do ar e das flores para impedir que as montarias descomunais os transformassem em purê.

Mesmo assim, Rob não pôde evitar sentir tanto medo quanto nojo, enquanto o massacre em movimento se desenrolava diante dele. *Isso é só a guarda avançada do conde Guilli, ele pensou. Será que qualquer um de nós, até mesmo o grande capitão Karyl, é menos louco do que Longeau e sua estirpe ao pensarmos que temos alguma chance contra eles?*

“Temos de ajudá-los!”, Gaétan berrou. Rob podia vê-lo claramente sentado sobre Zhubin, atrás dos arbustos, do outro lado da estrada.

“Fique onde está e use seu arco, que você ajudará”, Karyl disse.

“Mas eles estão sendo massacrados!”

Rob deu uma gargalhada dura.

“Então por que somar seu sangue ao deles? Alguns sangram, outros correm; agora é a hora em que toda a matança é feita. Quando homens correm como saltadores, mas com menos proficiência, e são atingidos pelas costas com mais facilidade.

“Poético”, Karyl disse. “Não obstante, acurado.”

Ele balançou sobre Asal, segurando o arco de chifre. “Vamos cobrir a fuga de nossos amigos com nossas flechas.”

Os olhos de Gaétan queimavam. Lágrimas corriam pelo seu rosto. Mas ele consentiu com a sensação de ter batido a testa contra um muro.

*É uma péssima ideia, Rob pensou, mas tirando abandonar todo mundo e sair daqui enquanto podemos, é a menos pior. Ou, não sendo o grande capitão aqui, ao menos acho que sim.*

Os primeiros refugiados chegaram à mata. Alguns se amontoavam na estrada, buscando a rota de fuga mais rápida da morte que os perseguia. A maioria apenas corria em frente, tomando o caminho mais direto para longe dos perseguidores.

A distinta cabeça de Lucas, o pintor que se tornara prodígio da espada, apareceu do lado esquerdo do cume, seguida rapidamente pelo resto dele. Embora corresse com os demais, tendo pouca opção se não quisesse ser sumariamente atropelado, ainda trazia consigo a espada longa. A maior parte dos homens tinha largado as armas e peças das armaduras mais fáceis de serem desencaixadas para ter mais velocidade durante a fuga.

Talvez ele tenha visto Karyl montado na égua. Talvez apenas soubesse que o professor para quem ele dera as costas estaria dentro das matas, observando e aguardando. Porque, apenas alguns metros colina abaixo, ele parou e virou-se para encarar seus perseguidores.

Reverteu a espada longa, segurando-a com ambas as mãos próximo da ponta. Rob sabia que a lâmina de um metro e meio não era afiada como uma navalha, e aquele era o motivo: poder ser agarrada com segurança. Embora Rob não gostaria de tê-lo feito de mãos nuas tal qual Lucas fez. Não mais do que gostaria de parar em meio ao campo aberto com algum cavaleiro sedento de sangue prestes a atacá-lo a qualquer instante.

Um o fez. Rob conseguiu ver o rosto barbado dele rindo pelo capacete aberto. Ele não trazia escudo e segurava a lança com a ponta ensanguentada para o alto, claramente esperando ter de cavalgar bem mais antes de efetuar outra morte.

Lucas balançou a espada como um machado e acertou o cavaleiro direto no rosto com o cabo em formato de cruz. De todas as coisas horríveis que um corpo pode fazer com uma espada longa, aquela era a que os homens chamavam de *golpe assassino*.

O rosto do Coração Partido explodiu em vermelho. Ele girou para trás, por sobre a garupa do cavalo. Lucas virou-se para Karyl, a quem ele sabia que esperava na mata e brandiu a espada em triunfo sobre a cabeça.

“Seu idiota!”, Karyl berrou. “Proteja-se!”

A ponta de uma lança surgiu repentinamente de dentro do peito do jovem, quando outro cavaleiro avultou por detrás.

Lucas estendeu uma mão agonizante na direção de Rob e Karyl. Ele abriu a boca. Tudo o que saiu foi uma golfada de sangue, brilhando sob o sol filtrado pelas nuvens. Ele caiu para a frente em meio às flores azuis que jamais tivera a chance de pintar.

O cavaleiro largou a lança e sacou uma espada, enquanto passava pela forma prostrada de Lucas. O rosto de Karyl estava rígido e pálido como osso, enquanto ele apanhava uma flecha com a mão esquerda. O arco recurvado de chifre de tricerátopo zumbiu profundamente quando ele a soltou.

Rob virou a cabeça para a esquerda para vê-la vingar o aprendiz desgarrado de Karyl. Em vez disso, ela atingiu o rosto azul e escarlate de um magnífico sacabuxa tigrado. O mais próximo bico de pato de guerra de Crève Coeur. Por algum motivo, ele virou a cabeça para o lado naquele instante.

O espanto de Rob por Karyl ter disparado em outra coisa que não fosse o assassino de Lucas foi quase suplantado pelo espanto de ele ter errado o olho do monstro. Claro, teria sido preciso um mestre anglês do arco longo para fazer tal disparo, e jamais montado; mas Rob confiava no treinamento ovdano de Karyl para conseguir fazê-lo. *A dor levou a melhor sobre ele?*, perguntou-se.

Ao longo da estrada, agora atulhada, o arco de Gaétan trovejou, como se ecoasse o de Karyl. O Coração Partido que matara Lucas erguia a espada acima da cabeça para atacar outro fugitivo. Teria sido como se o movimento o tivesse carregado para fora da sela, se não fosse pelo fato de os olhos de Rob terem registrado a flecha do jovem mercador acertar o centro da testa, logo abaixo do rebordo do capacete.

Emitindo guinchos de fúria, o parassaurolfo que Karyl acertara virou e voltou pelo caminho de onde viera. Dois outros monstros de Crêve Couer o seguiram de perto, de ambos os lados. O sacabuxa ferido bateu joelho com joelho no monstro de crista que estava à sua direita. Os dois dinossauros caíram num caos musicado de membros, caudas e corpos se debatendo. Os gritos deles não conseguiram afogar as súplicas agonizantes dos cavaleiros do lambeossauro, quando a massa combinada de ambos o esmagou como uma cereja.

Os olhos de Rob se arregalaram. A mira de Karyl fora tão certa quanto a mente dele estava clara. Aquele disparo não fora nem erro, nem acidente.

À esquerda dele, Melchor cavalgou para as matas. Embora as orelhas de seu *marchador* estivessem em pé e a boca dele salivasse de medo, manteve o passo rápido e constante que fora

treinado para fazer e que lhe dava nome. A fera tinha de ser de fato robusta para manter seu caminhar, apesar de carregar um Yannic, com o rosto cinzento, além do seu dono.

O fazendeiro Guat correu para o mato à direita de Karyl, chorando enquanto tentava empurrar suas entranhas derramadas com seus braços ensopados de sangue e fazendo um péssimo trabalho, enquanto tropeçava nos laços enredados delas que caíam. Diante dos olhos de Rob, algum corredor das matas deu a ele a única misericórdia disponível: uma flecha no meio da têmpora.

Mais flechas partiam das árvores, à medida que os cavaleiros de Crève Coeur entravam no alcance dos arqueiros continentais. A maior parte acertava as malhas ou o couro dos unichifres, pintados com cores vivas. Um cavaleiro caiu. Um cavalo ferido empinou relinchando e seu cavaleiro mal conseguiu saltar antes de cair no chão.

Karyl disparou de novo. O Coração Partido que desviara seu sacabuxa dos bicos de pato caídos tombou com uma seta que atravessou seu elmo. Os dois cavaleiros de dinossauros restantes viraram e retornaram por onde tinham vindo. Eles estavam naquela caçada pelo puro sabor da matança, não para sofrerem eles próprios a dor da morte.

De qualquer maneira, o campo era deles. Nada que Karyl fizesse poderia mudar isso, a despeito da sua genialidade.

Que, aliás, era o motivo pelo qual ele nem sequer tentaria.

Os cavaleiros estavam afoitos demais pela caçada para perceberem seus companheiros cavaleiros de dinossauros baterem em retirada. Eles convergiram na estrada. Por que mergulhar no meio do mato quando as presas fáceis estavam bem diante deles?

Rob reconheceu que os corredores das matas, batedores e voluntários da força escondida de Karyl poderiam dar a eles muitos motivos... e afiados. Mas, de repente, Gaétan cavalgou

com seu coleira de espinhos para bloquear o caminho dos Corações Partidos.

Ele nem tivera tempo de deixar de lado seu próprio arco curvado e apanhar o escudo e a espada. Fez um último disparo. Elos se partiram com o som de um carrilhão quando a flecha atravessou a cota de malha do cavaleiro principal, a menos de quatro metros de distância, cortando o coração dele ao meio. Enquanto o cavaleiro pendia para a direita, Rob viu a flecha apontar um palmo nas costas da cota de malha.

O cavaleiro seguinte enfiou a lança no peito de Gaétan.

# OS SENHORES DINOSAURO<sup>DOS</sup>



– 46 –

**Gran Canal, Grande Canal** – O corpo de água que separa o continente de Nuevaropa da Anglaterra. O braço principal, que corre para sudoeste, é chamado de La Raya (a Faixa) da Cabeça do Tirano, por sua semelhança com uma faixa de olhos. No golfo, é chamado de El Bocado (a Garganta ou o Estreito) e se transforma a sudoeste em La Fauces, a Goela. Também é chamado de La Canal Corsaria, o Canal Corsário.

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES JOVENS –

*Pelo menos me colocaram numa cela de frente para o norte, Melodía pensou, assim tenho a brisa do Gran Canal para me confortar.*

Ela tirou a mão que passara por entre as barras de ferro negras que eram a única manifestação visível de uma *cela* para abrir a janela. Lá fora, os insetos de trinta centímetros que davam o nome ao Palácio faziam sua intrincada dança tridimensional; o brilho da barriga verde amarelada deixavam riscas vermelho

sangue que persistiam brevemente nos olhos dela. Oito ou dez metros abaixo, os soldados do príncipe Harry trotavam por entre tochas cuja luz tremeluzia laranja nos seus capacetes pontiagudos e nas máquinas apontadas para o mar, prontas para defender a qualquer instante um ataque que só poderia ser motivado pela insanidade.

Nos distantes rochedos brancos da Inglaterra, ocultada pela noite, uma única luz azul brilhava. As nuvens diurnas tinham se desfeito, deixando o céu para o negro e as estrelas. Lá no Canal, os brilhos laranjas das lanternas na proa e popa dos navios se arrastavam do leste para oeste. De dentro dos muros do Palácio, provinha o som de alguém tocando um violão, o cheiro de ferro quente das forjas vigilantes e os odores fumegantes da cozinha. O lugar comum de tudo aquilo quase a tranquilizou. Então, tudo foi como uma faca girada em sua barriga quando ela lembrou-se do porquê estava ali.

Ela suspirou e virou-se para seu pequeno cômodo, no alto da torre noroeste do Palácio dos Vaga-lumes. Eles tinham levado roupas para ela, que deu-se ao trabalho de vestir apenas uma tanga verde de seda. Já estava trancada há uma noite e um dia. Alguns homens de túnicas que ela não reconheceu haviam berrado perguntas, acusações e ameaças. Ela respondeu as questões da melhor maneira que pôde e ignorou o resto, tudo com uma dignidade efervescente.

Desde então, fora deixada sozinha. Servos de cabeça baixa, sempre acompanhados de Tiranos Escarlates igualmente indispostos a encontrar o olhar de Melodía, levavam bastante comida para ela. Apesar de seu habitual apetite farto, ela comeu pouco. Ninguém respondeu às exigências dela de saber por que estava sendo presa e para mandar uma mensagem ao pai.

Ela tinha uma cama confortável e um banheiro alimentado por uma cisterna de água das chuvas no telhado da torre. Até tinha livros sobre a história de Nuevaropa, trazidos junto com a

refeição matinal, empilhados numa mesa larga, próxima da janela. Uma jaula confortável. Ainda assim, uma jaula.

Quando os Tiranos fecharam a porta atrás dela, foi o momento em que Melodía surtou. Primeiro, ela esmurrou a jaula. Aquilo só arrancou a pele de suas mãos nas paredes de reboco nu. A seguir, ela caiu encostada na porta, num paroxismo de lágrimas. Agora, recuperada, voltou a ser objetiva. Ela era resiliente. De fato, sentia um tipo de *alívio*. Convencera a si própria de que tudo aquilo não passava de besteira, de que havia algum tipo de mal-entendido. Em breve, tudo seria esclarecido.

*Então, finalmente consegui com que meu pai reparasse em mim...* Ela balançou a cabeça pesadamente.

A porta se abriu.

Ela olhou, esperando ver servos trazendo a ceia, com as sombras armadas de manto vermelho logo atrás. Em vez disso, tinha apenas um visitante, vestindo tanga, coturnos e um manto azul-marinho. Ainda que ele fosse grande demais para as vestes.

“Duque Falk”, ela disse, fazendo uma careta. “Meu pai o enviou para me libertar?”

Então, ela captou um estranho brilho nos olhos de safira do nortenho, e no sorriso triunfante, embora doentio, que contorcia os lábios dele. *Alguma coisa está errada*, ela pensou.

Foi como se a realidade dela se tornasse uma janela sendo despedaçada em reverso: todos os cacos voaram de uma só vez, permitindo que ela enxergasse o todo com súbita clareza.

“Você está por trás deste ultraje? Como se atreve?”

Ele riu. “Sou o homem do momento, Melodía. Sou o chefe da guarda de seu pai.”

Com um solavanco interno de alarme, Melodía percebeu que o discurso dele estava um pouco arrastado. Por causa da bebida, o nariz dela alertou. Mas também pelas emoções. Nenhum dos dois era bom presságio.

“E provei meu valor”, Falk disse, “acabando com uma tramoia hedionda contra o imperador.”

“Quê?”

Ele assentiu. “Prendi o ministro-chefe e cuidei para que fosse condenado. E abati aqueles três conspiradores, seus compatriotas.”

“Compatriotas?”, ela franziu a testa em total incompreensão.

“Gonzalo Delgao, seu irmão, Benedicto, e o cunhado, *barón Alarcón*.”

“Eles?”, ela balançou a cabeça rapidamente, como um cachorro tirando água das orelhas. “Eles... eles... são falastrões desagradáveis e imbecis completos. São inofensivos. O pobre Benedicto é um idiota e a inteligência de Gonzalo só é capaz de ganhar dele próprio.”

Ela se deixou abater. Ocorreu-lhe com atraso que Gonzalo devia ter feito exatamente aquilo. Pela última vez, se aquele antigo rebelde estava dizendo a verdade.

E, pela forma com que Falk se comportava, tendo de se escorar enquanto estava de pé, ela sabia que ele dizia.

“Tudo foi escrito e comprovado, sabe?”, Falk contou. “Manorquín contou tudo.”

“Manorquín? Don Augusto? E você *acreditou* nele? De todos na Corte, ele era o mais provável a querer o mal de meu pai. Está apaixonado desde sempre pela noção de que um Ramírez de sangue puro deveria sentar-se no Trono Dentado, em vez de um membro da Torre Delgao!”

Falk sorriu. “Precisamente. Quem melhor para confessar todo esse esquema sujo? E o seu papel nele, minha dama.”

“*Meu* papel? Você enlouqueceu? Se *estivesse* conspirando contra meu pai, o que é um absurdo total, aqueles quatro bufões seriam as últimas criaturas de Paraíso que escolheria para me aliar. Incluindo os ridículos ceifeiros de Ruybrasil!”

O sorriso simplório de Falk ampliou-se em autocongratulação. De algum modo, a quase imbecilidade de tal expressão no rosto de um homem que ela sabia ser bastante inteligente o tornava ainda mais assustador.

“Não é o que a confissão de Manorquín diz.”

“Mas é uma mentira!”

“A verdade é o que as pessoas acreditam que seja, não? Ou melhor, o que seu pai acredita. Quem seria desleal o bastante para contradizê-lo?”

Ele franziu a testa e levantou a sobrancelha de modo teatral. “Talvez, com exceção da própria filha? Você tem sido bem imoderada ao criticar as políticas dele, princesa. As pessoas a ouviram. E fazem perguntas.”

“Como alguém poderia acreditar que planejo destronar meu pai? Com qual propósito? Mu-muito menos para... para...”

Ela não conseguia dizer *matá-lo*. A ideia de qualquer um querer ferir o pai a horrorizava ao ponto de dar náuseas. E que alguém pudesse pensar nela como sendo capaz daquilo era literalmente indizível.

“Vivemos em tempos perigosos, Alteza”, o jovem duque falou. “As notícias sobre Providence aterrorizaram não só a ralé de La Merced, como também toda a Corte. Quem sabe o que poderia ter feito com que um dos Anjos Vingadores dos Criadores emergisse, após tantos séculos de ausência? Só pode ser o mais negro dos males. Talvez adoração às Fae? Talvez...”

Ele tinha chegado perto, sem que ela estivesse ciente de coisa alguma além do sorriso sinistro e daqueles olhos assustadores. Agora, ela sentia o cheiro não só de suor e vinho, mas de algo mais, como se a própria paixão dele exalasse um fedor. O peito nu dele estava quase tocando os seios igualmente nus dela. O traseiro dela pressionou a beirada da mesa que ficava encostada à parede externa. Ela não podia mais andar para trás.

“Quem sabe uma princesa planejando a morte do pai?”, ele sugeriu. “E, em tempos tão incertos, quem poderia duvidar que até uma princesa sucumbiria ao mal, envolvendo-se com doutrinas questionáveis?”

“Doutrinas questionáveis? Você diz os ensinamentos de Jaume? Eles são tão ortodoxos quanto possível! Os próprios

Criadores nos dizem para extrair prazer do mundo que nos deram... está bem ali, nos *Livros da Lei*. Isso não é nada *questionável*. É...”

As palavras dela acabaram. *É aquela maldita seita, Vida por Vir, com sua teologia de ponta-cabeça. E, entre seus adeptos, dizem que está o próprio papa. Bom trabalho em defender seu noivo.*

Ela olhou o suor que corria pelo rosto de Falk, apesar de o cômodo estar fresco por causa da brisa que vinha do Canal, e perguntou-se se já seria tarde demais.

Ele sorriu. A pele pálida estava ruborizada. Os lábios, rosados com um leve toque de azul, pareciam desagradavelmente vívidos em meio à barba negra como a noite.

“Seu pai permitiu que você ficasse à solta”, ele disse num sussurro rouco. “Chegou a hora de aprender alguma disciplina.”

Ele tentou segurá-la. Ela se desviou. Então, colocou-se no prumo e disse com um brilho nos olhos: “Não ouse me tocar. Meu pai...”

“Não vai acreditar numa palavra. Sou um homem de lealdade comprovada. Enquanto você é uma princesa mimada, pega fazendo uma tolice, possivelmente uma traficante de demônios, que faz acusações falsas por causa de rancor”, ele apanhou o braço dela. “Vocês, mulheres, desmerecem os homens.”

Ela disparou o joelho contra a virilha dele, mas o duque virou os quadris, deixando que o golpe acertasse a coxa.

“Vocês acham que não passamos de sujeira debaixo dos seus pezinhos bonitos.” Ela tentou agarrar os lábios dele e torcer. Com a força de um tirano macho e velocidade surpreendente, ele virou o rosto dela de frente para a mesa. Torcendo o braço dela cruelmente nas costas, forçou-a para baixo até que seus seios estivessem dolorosamente esmagados contra a madeira firme.

“Vocês acham que podem fazer o que quiserem, sem sofrer as consequências”, ele rosnou. “Pois eu vou *mostrar* as consequências, sua puta.”

Ela gritou. Odiou-se por tê-lo feito. Ser apanhada com a certeza de estar indefesa tinha quebrado o autocontrole dela.

Independente do quanto ela se achasse esperta, não conseguiu pensar em nada mais para fazer.

O pior é que sabia que os gritos não ajudariam. As paredes e portas eram grossas o bastante para mascarar os sons. E, se as sentinelas do lado de fora escutassem, sabia que não interfeririam. A Lei dos Criadores impedia tortura, mas, às vezes, até mesmo a lei divina podia ser burlada. Em especial quando os terríveis Anjos Cinza voltavam para espreitar a superfície de Paraíso. Os guardas, humanos, temiam os Anjos tanto quanto qualquer um.

Melodía sentiu sua tanga ser arrancada, escutou quando ela foi arremessada na parede. Uma mão enorme segurou a nádega direita. O dedão largo sondou entre suas bochechas. Ela arfou quando ele a penetrou.

“Jaume é um amante de meninos”, Falk grunhiu. Suor pingava dos cabelos lisos nas costas dela. “Ele usou você assim. Sei que usou.”

Como a maioria das garotas da sua idade, apesar dos esforços de *doña* Carlota, Melodía não era virgem em nenhum sentido. Mas o que fizera, sempre fora de *boa vontade*. Ninguém jamais ousara pegá-la à força. Nunca passou pela cabeça dela de que alguém *poderia* fazê-lo. Ela era a filha do imperador e como *hidalga*, fora treinada no uso de armas e, como de costume, sempre carregava pelo menos uma adaga.

Exceto se esta fosse tirada dela por mãos brutas, junto da sua dignidade e liberdade. Sem uma arma, ela foi derrotada pela mera força.

*Isto. Não. Pode. Estar. Acontecendo.*

Ela berrou novamente, de fúria, frustração e dor, enquanto ele a penetrava com força.

# OS SENHORES DOS DINOSSAUROS



– 47 –

**Gordito, Gorducho** – Protoceratops andrewsi.

*Um pequeno dinossauro ceratopsiano; quadrúpede herbívoro preguiçoso,  
2,5 metros de comprimento, 400 quilos, 1 metro de altura,  
com um poderoso bico dentado. O único “unichifre” sem chifres.  
Animal domesticado que vive em rebanhos, não é encontrado  
em estado selvagem em Nuevaropa.*

*Tímido por natureza.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

*Essas lajes estão acabando com meus joelhos, pensou Pablo Mondragón. Estou velho demais pra isso.*

Um homem que raramente sorria, ele agora dava um sorriso magro. De certo modo, fora sua idade que o levava ali.

Mas ele não ficaria mais velho. Era um tipo de consolo.

O sol atravessava o céu nublado, queimava a parte de trás do seu pescoço curvado e refletia no rosto curvado contra os azulejos de calcário amarelos. Ele estava ciente da multidão que se reuniu em volta da Plaza da Criação por causa do

murmurinho, como o som das marolas no Canal ali próximo. Os espectadores estavam deprimidos. Como mercedenses, tinham pouca apreciação por crueldade pública, exceto em se tratando de piratas. Mas, como mercedenses, não conseguiam resistir a um espetáculo.

A execução de um ministro-chefe do imperador caído em desgraça era, por definição, espetacular.

Don Pablo tinha uma mente sintonizada à ironia. Ele a reconhecia no fato de que, mesmo nas últimas horas da sua vida, trancado numa pequena cela no Palácio dos Vaga-lumes, ele ainda atraía informação. Sabia que Heriberto, príncipe da Mandíbula do Tirano e senhor de terras, desaprovava a súbita guinada da Roda nas questões imperiais de seu inquilino. Ele recusou o uso da grande praça central, *el Mercado*, para os procedimentos da manhã.

Mas sua Santidade não tinha tais reservas. Então, aconteceu que Modragón ajoelhou-se sozinho no centro da Praça da Criação, quase tão grande quanto a do Mercado, esperando seu carrasco. Quem quer que fosse ele; certamente, não o venerável tiranossauro Don Rodrigo, gordo, domado e sem um dente na boca. El Verdugo Imperial não conseguia fazer mais do que morder com a gengiva o pescoço de um condenado e babar na nuca.

Mondragón sentia-se estranhamente contente. Embora fosse evidente que o imperador possuísse pouco poder ostensivo contra o qual se pudesse conspirar, o prestígio e a influência do Trono Dentado ainda atraíam intrigas em abundância. O trabalho do ministro-chefe era servir como para-raios para o ocupante do Trono. Mondragón nunca esperou morrer em paz, na sua cama. Poucos predecessores seus o fizeram.

*Desejo sorte a meu sucessor, seja ele quem for.* Ele estava dolorosamente ciente da facilidade com que aquele moleque rebelde e arrivista, Falk, conseguiu manipulá-lo. *Claramente perdi*

*minha vantagem. Talvez esta volta na Roda de Maris seja necessária, pelo bem do Império.*

Ele temia que o mais selvagem dos rumores que surgiu após a chegada das terríveis notícias de Providence fosse verdade: que o confessor de Felipe poderia sucedê-lo. Ele não confiava no sectário do Pai Céu. O frei Jerónimo era enigmático.

Esse era o único medo de Mondragón. Então, ele escutou a multidão arfar, olhou para cima e descobriu que, até então, o *medo* fora um total estranho.

Ver um tiranossauro macho totalmente branco bambolear na sua direção, a cauda grossa oscilando, olhos cor de rubi fixos nele e o duque Falk montado em suas costas na reluzente armadura dos Tiranos Escarlates, introduziu o genuíno medo a don Pablo.

Um subalterno leu em voz alta um pergaminho com as condenações. Mondragón não conseguia escutá-lo por causa do pulso que rugia em seus ouvidos.

Não havia necessidade para que ele escutasse o tradicional chamado de erguer a cabeça para facilitar a tarefa do executor. Quando uma grande cabeça branca preencheu o céu como Eris caindo, ele não conseguia olhar para mais nada.

Mandíbulas com dentes serrilhados quase tão longos quanto o corpo inteiro de Mondragón se abriram. O hálito da fera era quente e úmido. Ele cheirava, de forma incongruente, ao pó de hortelã com que o infeliz escudeiro de Falk tinha de limpar os dentes do monstro após cada refeição. Fios de saliva caíram sobre o rosto erguido de Mondragón.

Ele gritou quando as mandíbulas do tirano envolveram sua cabeça, bloqueando a luz. A última coisa que sentiu foi o toque dos dentes terríveis no pescoço.

O barulho de uma tranca sendo aberta despertou Melodía de um cochilo fadigado inquieto, composto pelo desespero. Quando a porta abriu, ela ergueu o rosto do travesseiro ainda encharcado pelas lágrimas. Ela estava esgotada demais sequer para temer que Falk tivesse voltado para abusá-la novamente.

Mas não era nem o duque, nem interrogadores encapuzados que ela viu à luz cinzenta da alvorada que infiltrava-se pela janela estreita. Uma velha encapuzada num manto manchado parou, apoiada numa bengala. Uma máscara de cânhamo entrelaçado cobria seu rosto.

A mulher tossiu. Melodía se encolheu de medo. O novo tormento de seus captores arrancou-a de seu poço de desespero. Doenças eram raras – tão raras que os primeiros sintomas eram considerados uma maldição. A lenda afirmava que os Anjos Cinza favoreciam a praga como instrumento da retribuição divina. Havia poucas coisas que a população de Paraíso temia mais do que uma *doença*.

“O que é isto?”, ela exigiu. Ela apontou para sua altivez, conseguindo evitar um terrível guincho. A porta bateu atrás da recém-chegada com ênfase incomum.

A visitante indesejada de Melodía se endireitou. O capuz deslizou para trás da cabeça. Ela tirou a máscara de contágio do rosto com uma exalação de alívio e a colocou dentro de uma manga.

Pelos olhos inchados de tanto chorar, Melodía viu uma bonita mulher de meia-idade balançando os cabelos longos com listras brancas. Ela tinha nariz comprido e boca de lábios finos, talvez um pouco larga demais. De algum modo, ela parecia familiar, mas Melodía não sabia seu nome.

“Meu nome é Claudia, princesa”, a mulher falou. “Vim para tirá-la daqui.”

Com o coração acelerado, Melodía mancou até o corredor do lado de fora de sua cela. A dupla de Tiranos Escarlates que tinha aberto a porta às insistentes batidas de sua bengala abriu caminho para deixá-la passar. Um meteu a cabeça com o capacete pelo batente da porta. Ao ver uma forma feminina magra deitada sob os cobertores, ele fechou rapidamente a porta e praticamente saltou para longe da figura mascarada.

Melodía tossiu o mais convincente que pôde. Sua salvadora, Claudia, tinha limpado a boca com pastilhas de lavanda antes de vestir a máscara de contágio, mas isso só significava que ela cheirava a cuspe de lavanda.

Era uma miséria que Melodía estava disposta a suportar.

Os Tiranos nem ao menos a mandaram seguir caminho. Era como se temessem que até mesmo *falar* com ela pudesse infectá-los. Melodía não tinha ideia do que Claudia dissera a eles para conseguir entrar na cela, mas realmente não importava.

O terror de ser descoberta ameaçava suplantar até mesmo o alívio que fluía em seu corpo. Melodía achou quase impossível focar nos detalhes do plano – por mais curto e simples que fosse. Claudia o explicara enquanto limpava a princesa com água da torneira no banheiro.

A pele entre os ombros de Melodía se arrepiou na antecipação do grito fatal. Mas, quando chegou às escadas, só o que escutou foram suspiros de alívio. Ela apenas lembrou-se de mancar apoiada na bengala, enquanto começava a descida pelos degraus sinuosos. No fim delas, outra figura feminina e alta a aguardava. Melodía parou e quase fugiu. *Eles me acharam!*

Então, *“Pilar”!* Foi um meio soluço, meio oração de agradecimento.

Ela quase acelerou a descida dos últimos degraus para agarrar a criada no abraço mais apertado de suas vidas, mas da forma mais leve e casual possível, Pilar disse: “Permaneça no personagem”.

Melodía congelou. Emoções intensas demais para o corpo e a mente processarem a preencheram. Havia gratidão disparatada, alívio, amor de cachorro perdido. E também, *Quem ela pensa que é, esta criada, ousando falar dessa maneira com uma princesa imperial?*

Aquilo trouxe de volta o autocontrole de Melodía. Você é uma princesa, *perra*, ela disse a si própria. *Então, aja como uma.*

Pilar deu um ligeiro apertão na mão dela assim que chegou ao fim das escadas.

“Venha comigo”, ela disse, ainda como se simplesmente estivesse contando a mais recente fofoca. “Não corra, mas *imuévete!* Entendeu?”

“Sim”, Melodía respondeu no que esperava ser uma voz de doente apropriada. Não foi preciso atuar muito, graças ao tanto que a garganta dela estava seca.

Cobrindo a cabeça com uma manta preta, Pilar mostrou o caminho para oeste, passando pelo jardim, contornando o grande complexo residencial na direção do muro da fortaleza, na parte mais distante de La Merced. Ao redor delas, o grande organismo vivo que era o Palácio dos Vaga-lumes acordava com a chegada da manhã. Melodía sentiu o cheiro de cebolas e alhos sendo fritos para o desjejum. Mulheres corpulentas, de rostos avermelhados, faziam brincadeiras alegres enquanto carregavam grandes tubos fumegantes de roupa recém-fervida. Cavalos relinchavam e unichifres baliavam, esperando que lhes fosse servida a aveia matinal. Uma brisa fresca soprada do Canal acariciou o rosto dela, trazendo consigo o infeliz sabor picante de enxofre do deságue dos esgotos a oeste da Carranca da Duquesa.

Melodía seguia obedientemente a criada sob nuvens que se consolidavam num grande teto, enquanto a palidez alcançava o céu do oeste. A mente e o espírito dela estavam entorpecidos. Ela parecia flutuar entre as brumas, em meio a fantasmas, com as cercanias ao mesmo tempo familiares e bizarras. Poderia ter

acreditado que tudo não passara de um pesadelo, se não fosse pela dor que apunhalava suas nádegas a cada passo.

Enormes depósitos feitos de tijolos amarelos e estábulos lotados de animais dominavam a extremidade oeste do complexo. Ali, certa dose de preocupação permeava as conversas entre os trabalhadores dos estábulos, depósitos e tropeiros. O medo do surgimento do Anjo Cinza estava vivo e prosperando. Mas, como sempre, os negócios predominavam, assim como o bom humor prevalecia sobre o medo.

Pilar conduziu Melodía até uma grande abertura em forma de arco em um montículo coberto de relva. Melodía a seguiu ainda mais hesitante do que sua bengala e o andar curvado exigiam, enquanto os olhos dela se ajustavam à escuridão relativa. Uma passarela corria sobre uma rampa larga ao longo de um túnel que ligava o Palácio em si e a cidade. Seu teto abobadado ressoava com os berros de unichifes e gorduchos, cavalos bufando e relinchos, assim como profanações berradas pelos cocheiros e carregadores. Lanternas penduradas ao longo das paredes de calcário reforçadas criavam uma luz constantemente âmbar e crepuscular. Enormes leques movimentados a cabrestantes movidos por dinossauros na superfície mantinham o ar fresco dentro do túnel, mas assim que entrou, o fedor de mijo e bosta fez os olhos de Melodía lacrimejarem.

Ela rapidamente se acostumou a ele. O odor a lembrava de tossir constantemente, o que, pelo menos, era útil. Os colegas pedestres davam a elas uma ampla e temerosa distância.

O tráfego na rampa já estava pesado, com vagões carregados subindo e outros vazios descendo. O desnível íngreme dificultava a subida das feras e exigia dos freios na descida. Mas era bem mais rápido do que ir pela terra ao sul e circular o promontório.

Pilar virou em uma das numerosas baías cortadas dentro das paredes. Ainda apoiando-se na bengala de modo consciente, Melodía a seguiu. Lá dentro, uma dupla de mulheres, vestidas com largos chapéus de palha e no que pareciam ser sacos de

lona, aguardavam junto a um centrossauro marrom manchado de creme e atrelado a uma carroça. Enquanto uma anelava a correia de um balde de madeira com comida sobre o longo chifre nasal, a outra despejou punhados de aveia de uma sacola aberta em um segundo balde. Bicos de unichifres não conseguem raspar toda a aveia do fundo; eles ficam horas ocupados tentando obter até o último grão com a língua.

Quando a correia foi passada diante dos olhos da fera, ela moveu a cabeça alarmada. A trabalhadora pôs a fera em movimento com um toque da perna mulata e magrela, na altura dos ombros.

“Criadores acendam um fogo em sua barriga, seu caldo de merda de raspador!”, a trabalhadora gritou numa voz conhecida.

“Lupe?”, Melodía perguntou.

A mulher virou para trás.

“Quem quer saber?”

Sujeira manchava as bochechas magras dela. Suas sobancelhas formavam uma linha sólida que, Melodía percebeu, fora reforçada com carvão vegetal. Por mais brutalmente sensível que Lupe fosse quanto a sua tendência para ter uma monocelha, Melodía só conseguia pensar em uma pessoa em toda a cidade murada, que era o palácio em si, corajosa o bastante para fazer algo assim...

“*Putá estúpida!*”, exclamou a outra trabalhadora. “Você pendurou a correia na lateral. Não sabe fazer *nada?*”

Lupe virou-se sinistramente para Llurdis. Antes que as duas pudessem se lançar nas suas trocas de sopapos, Melodía deixou a bengala cair e se projetou para frente, para agarrar as duas num abraço desesperado.

“Estão fazendo isto por mim?”, ela disse, virando para a esquerda e direita para beijar as bochechas encardidas.

“Por que caralhos a gente estaria por aí nesta porra de roupa...”

“Sim, Día”, Llurdis respondeu.

“Uma serva chamada Claudia tomou o meu lugar”, as palavras jorraram como água de um cântaro quebrado. “Estou muito preocupada com ela.”

“Nós sabemos”, Llurdis falou, quebrando o abraço. “Fazemos parte do plano.”

“E daí? Por que se importa?”, Lupe disse, empurrando os braços dela. Melodía percebeu que estava estrangulando-a e soltou, fazendo uma careta. *Será que já fui tão inexperiente e insensível assim?*

“Ela será protegida, Alteza”, Pilar disse. *“Depois.”*

“É melhor andarmos rápido”, disse uma voz feminina vinda de trás. “Quanto mais nos demorarmos, maiores as chances de Floco de Neve arrancar nossas cabeças.”

Melodía virou-se. Na boca da baía, duas figuras incongruentes estavam lado a lado. Uma lembrava um saco de grãos ambulante, com um xale que cobria a cabeça e um vestido ainda mais amorfo que o de Lupe e Llurdis. A mais alta era um espantalho, trajando uma bata feita inteiramente de retalhos multicoloridos, com um chapéu de palha maltrapilho que caía sobre as bochechas rosadas e um sorriso que exibía um dente ausente.

Após um momento de olhos arregalados, Melodía registrou que a pele curtida era carmim habilmente aplicado, e o dente ausente uma pintura com negro-de-fumo.

“Fina? *Abi?*”

“Alguém tem de dirigir”, disse a normalmente elegante filha de Sansamour. “Meu pai me ensinou muitos talentos úteis.”

“O meu também”, disse Josefina Serena.

Melodía também abraçou ambas fervorosamente.

“Mas que história é essa do Floco de Neve?”, ela perguntou.

“Don Rodrigo não serve *mais* como Executor Imperial”, Fina contou.

“O tirano albino de Falk decapitou don Pablo na Plaza da Criação há uma hora”, completou Abigail Thélème, “com Falk

sentado às suas costas.”

“Quê? Don... Mondragón?”

Abi assentiu.

Aquele foi outro golpe sufocante. O ministro-chefe jamais fora simpático. Assim como *sieur* Duval, ele sempre afirmou que, se o povo gostasse dele, não estaria fazendo seu trabalho. Mondragón mantinha-se alheio a qualquer coisa, exceto os assuntos pertinentes ao estado, e sempre tratara Melodía como uma garota impertinente. Contudo, ele trabalhara incansavelmente para manter ela e sua irmã seguras. E, acima de tudo, servira o pai dela com lealdade distinta.

*Se papai fez isso com seu melhor amigo...* Ela deixou o pensamento partir. Não suportaria continuá-lo. Pilar tocou seu braço. “Alteza, temos que ir. A condessa tem razão. Em breve, o ardil será descoberto.”

Levou um tempinho para Melodía se lembrar de que Abi tinha um título que lhe era de direito: a condessa da Árvore Prateada. Ela virou-se para olhar a carroça de modo dúbio.

“Colocamos uma lona oleada na base”, Llurdis explicou. “Quando você e Pilar entrarem, colocaremos outra sobre as duas e daremos alguns pedaços de bambu para respirarem quando as cobrirmos.”

“Pilar?”

“Vou com você, princesa”, Pilar afirmou com firmeza.

“O que há na carroça?” Melodía perguntou, fungando o nariz. “Cheira que nem o resto do túnel, só que, um pouco mais como... como...”

“Merda é a palavra que você está procurando”, Lupe disse. “Bosta de cavalo e de unichifre. Varrida fresquinha da rampa.”

“A gente vai ser enterrada... nisso?”

“Temos que escondê-las de alguma forma para tirá-las do Palácio”, Abi falou. “Quem vai olhar duas vezes pra uma carroça cheia de bosta de dinossauro?”

“Especialmente por que veículos desses entram e saem todos os dias”, Fina completou.

Melodía apertou os lábios. Na verdade, não era tão ruim assim. Estrume herbívoro nem de longe fedia como o de carnívoros.

“Lembre-se do que nos aguarda aqui, Alteza”, Pilar murmurou.

Ela assentiu. Umedecendo os lábios, começou a dizer: “Se ao menos...”

Descobriu que não conseguia terminar aquela também. As lágrimas tornaram a sufocá-la. *Se ao menos Fanny, minha melhor amiga, tivesse se dado ao trabalho de vir me ajudar. Ou Montserrat.* Por quem ela repentinamente sentiu uma saudade tão feroz, como se ambas estivessem separadas há anos. *Quem sabe quando voltarei a ver ambas? Se é que verei...*

Com algo como um puxão atrás dos olhos, Melodía percebeu que nunca mais veria Meravellosa, nem a beleza dos jardins do Palácio. Nem, bem, tudo o que ela conhecia. Seus joelhos começaram a falsear.

Ela os estendeu rigidamente e balançou a cabeça, como se deslocasse os pensamentos de traição.

“Por que estão fazendo isto?”, ela perguntou, segurando as mãos de Fina e Abi, os pontos de contato mais próximos disponíveis.

Abi sorriu. “Eu amo você, Melodía. Mas o fato é que a vida aqui na Corte Imperial é muito chata. Raramente temos duelos sobre os quais falar e nunca há um envenenamento. A maior animação que ocorre é quando alguns cavaleiros errantes tomam vinho demais e começam a berrar desafios num banquete. E isso geralmente acaba com os Tiranos arrastando os competidores para o pátio e dando-lhes uma surra. Parece não haver o bastante em *jogo* no Trono Dentado para atrair intrigas de verdade.

Os olhos azuis dela assumiram um brilho de aço. “Até agora...”

“Somos suas *amigas*”, Llurdis disse. “Temos que defendê-la. E também isso que Abi falou.”

“Obrigada”, Melodía murmurou.

Então, ela beijou todas, disse adeus a Lupe e Llurdis e subiu na carroça. Pilar a seguiu.

As duas mulheres deitaram de frente uma para a outra. Pilar sorriu de modo tranquilizador. Lupe deu a ambas pedaços de bambu para que respirassem. Ela e Llurdis enrolaram uma lona oleada sobre as duas.

Então, com o que Melodía julgou um entusiasmo completamente desnecessário, as nobres damas do séquito começaram a enterrar a princesa imperial na merda.

# OS SENHORES DOS DINOSSAUROS



– 48 –

## **Cosechador de Ojos, Coletor de Olhos, Catador de Olhos –**

*Várias pequenas espécies de germanodactylus: pterossauros (alados) de crista e cauda curta, alguns marinhos, outros terrestres. 1 metro de envergadura das asas, 1,25 quilo. Amplamente odiado pelo hábito de empoleirar na cabeça de combatentes feridos e marinheiros à deriva e arrancar os olhos. Tem o tamanho similar ao de gaivotas, suas rivais aviárias.*

– O LIVRO DOS NOMES VERDADEIROS –

Gaétan recuou e caiu da sela para dentro dos arbustos à oeste da trilha. Zhubin baliu em alarme e entrou no mato atrás de Rob e Karyl.

Sacando uma espada, o cavaleiro que tinha matado Gaétan seguiu estrada abaixo, perseguindo o exército em fuga, mas outros cercaram o jovem caído para dar cabo de vez dele.

Rugindo seu furioso grito de guerra – *“Preparem a relva para um jogo de soldados!”* – Rob virou a Pequena Nell e a pôs em movimento, saindo do arbusto para a estrada.

Ela não tinha muito tempo para ganhar velocidade. Mas velocidade não era mesmo o forte dela. De cabeça abaixada, ela acertou o corcel do primeiro cavaleiro na barriga com seu chifre grosso e escuro. O cavalo berrou e caiu se debatendo. O cavaleiro conseguiu saltar, caindo numa moita de bagas, mas num piscar de olhos já estava de pé brandindo a espada, ainda que um pouco desnorteado.

Rob teve um vislumbre de Stéphanie arrastando Gaétan, imóvel, para as matas. Ele virou Nell para a direita. Ela utilizou seu impulso para frente para derrubar o cavalo, mas, mesmo parada, ela era capaz de guinar com rapidez surpreendente para um animal tão pesado. Mesmo assim, Rob teve de virar com toda a velocidade possível para defletir uma lança que outro cavaleiro mirava na barriga vulnerável de Nell. O oponente passou por ele.

De repente, Rob viu-se cercado de inimigos à cavalo.

Por melhor que ele fosse numa luta, sóbrio ou bêbado, nunca fora tão precipitado em achar que tinha alguma chance de enfrentar um único cavaleiro, quanto mais um grupo deles de uma só vez. A classe de guerreiros de Nuevaropa não fazia muita coisa diariamente além de treinar para lutar. Exceto caçar, comer e estuprar uma camponesa ocasionalmente, o que eles faziam nas horas vagas.

Ele fazia uso do conhecimento que tinha do primeiro princípio de combate com dinossauros: a principal arma era o monstro. E, seguramente, nem treinamento, nem experiência de combate preparavam adequadamente cavaleiros montados em alazões para enfrentar um poeta irlandês louco sobre uma dinossauro ultrajada de três toneladas.

Mas, embora os cabeças de balde pudessem ser perfeitos idiotas, especialmente em estratégia – ou em *não pensar*, o que dava no mesmo – eram repletos de recursos no que pesa trocar golpes. A estrada era larga o suficiente para permitir que eles cercassem sua poderosa, porém deselegante, montaria como

uma matilha de saqueadores. Num instante, era justamente o que estavam fazendo.

O único recurso de Rob era manter Nell girando rapidamente de um lado para o outro. Ele evitava golpes com o escudo e brandia o sedento machado, esperando que qualquer Coração Partido se aventurasse a entrar no alcance. Mas, novamente, a principal defesa era Nell, que afastava a matilha com o chifre e a cauda. Por mais audazes que fossem, os cavaleiros não estavam dispostos a arriscar as pernas e barrigas de suas montarias tanto quanto suas próprias. Um montador sem seu animal não era só uma desvantagem; ele era uma contradição, maculado pela vergonha, por menor que fosse o grau.

Mesmo assim, aquele era um jogo perdido. Nell podia ser resistente, mas não estava habituada àquele tipo de esforço. Especialmente naquela intensidade. E ele suspeitava que o estresse de ter inimigos tentando matá-la estava drenando as forças da fera tão rápido quanto o fazia com um humano – tal qual Rob era drenado naquele momento. Cedo ou tarde, ela fatalmente se cansaria. Ou ele.

E, como os selvagens piroraptores que emulavam, os cavaleiros sabiam como aguardar e observar a oportunidade surgir para atacar e arrancar um bocado de sua presa. Rob sentiu um impacto sob sua proteção de ombro quando uma lança acertou-o pelas costas. A couraça da armadura aguentou. Ele virou Nell em sentido anti-horário em tempo de acertar de raspão seu machado no capacete do cavaleiro que o atingira, desequilibrando-o brevemente da sela do cavalo.

Mas um golpe de espada acertou a coxa que protegia a coxa direita de Rob, escorregou e cortou a perna logo atrás do joelho, onde só as calças de seda o protegiam. O corte foi superficial, infligido apenas pela ponta da espada, já que Rob continuava girando Nell; uma espada longa e um pouco mais cega nem o teria cortado.

Mas, numa luta com lâminas, no momento em que se corta, você começa a morrer. Mesmo um pequeno veio de sangue enfraquecerá o corpo com rapidez assustadora. O lutador não sangrará até a morte, mas ficará mais lento, o que fará com que seja cortado mais e mais vezes, até ter sangrado o suficiente para falhar.

Rob sabia disso de observar lutas com facas. Ele mantinha-se longe delas o máximo possível, preferindo lutar com uma arma que lhe desse espaço para trabalhar, como um pé de mesa ou uma cadeira. Ou a melhor arma que poderia ter, um par de pernas em fuga.

Mas a diferença entre uma luta de espada ou de lança é que aquelas armas poderiam facilmente causar um ferimento mortal – o que era surpreendentemente difícil de ser feito com uma faca.

Ao ver o sangue, os Corações Partidos pressionaram ainda mais. Enquanto lutava com desespero cada vez maior para manter as lâminas longe de seu corpo, Rob percebeu gritos e berros vindos da sua direita imediata, em meio ao relinchar de cavalos e o clangor de aço contra aço. Mas ele não podia dar atenção ao lado direito agora; aquela luta era tudo ou nada para ele.

Aquele observador ofensivo que vivia dentro da sua cabeça e zombava dele com mordacidade disse a ele que aqueles sons de luta não eram um bom presságio para seus prospectos de resgate, e que ele deveria escapar por conta própria. Aqueles que estavam escondidos nas matas confiavam primordialmente nos arcos e emboscadas. Poucos estavam com armadura melhor do que suas camisas. Teriam ainda menos chance num combate franco contra cavaleiros blindados do que Rob.

A dor arrancou o fôlego de Rob brevemente quando uma lança encontrou a costura entre o peito e as costas, do lado esquerdo. Ele sentiu o aço acertar uma costela e ranger. Então, deu uma guinada como um unichifre chamuscado, bem quando uma espada triscava sua bochecha direita.

Nell estava ficando mais lenta, mas o grito do seu mestre a reviveu. Ela respondeu revigorando-se para a luta, endireitando a metade dianteira do seu corpo, enquanto coiceava com a cauda e os quadris para a esquerda, somando impulso ao movimento.

O cavaleiro que cortou Rob era um jovem de rosto inexperiente, de cabelos loiros escurecidos e grudados no queixo pelo suor que escorria pelo visor aberto, e com uma espécie de raptor rampante em um campo verde pintado no seu manto. Encorajado por ter tirado sangue, ele manteve-se próximo da presa. Tinha uma espada longa erguida com uma mão, prestes a desferir o golpe assassino.

Mas a retaliação de Rob já vinha cantarolando num golpe furioso. Wanda acertou o capacete à esquerda de Rob, partindo ao meio aço e ossos, descendo livre até um olho verde em choque.

Um choque quase tão grande quanto um que viajou pelo braço de Rob e o golpeou de dentro para fora. *Eu matei um cavaleiro!*, ele se deu conta. Júbilo e revulsão emergiram em seu interior. Ele sentiu um tipo de triunfo elevado – e que tinha cometido uma profanação. Mas não deixou que nada disso o imobilizasse. Isso teria causado sua morte imediatamente. Aquele não fora o primeiro homem que matara; apenas o primeiro nobre. Embora soubesse que, sem dúvida, veria em seus sonhos aquele olho arregalado encarando-o enquanto o sangue escorria. Se sobrevivesse, claro.

Para tanto, primeiro ele tinha de libertar o machado, que estava preso na cabeça do jovem tolo.

Gritando sem palavras, com um pânico total roncando como lava de ambos os lados de sua barriga, Rob dirigiu Nell contra o ombro do cavalo. Levantando a bota, ele a colocou sobre o peito blindado do cavaleiro para escorar o cadáver flácido e, num esforço espasmódico, libertou a arma.

Outra lança acertou-lhe as costas. Esta atravessou a pele dura de nodossauro e furou o ombro esquerdo.

As guinadas de Nell estavam perceptivelmente mais lentas. O lanceiro optara por arrancar a arma, enquanto dançava com o cavalo para trás, longe da cabeça brutal e do chifre do dinossauro. Mas outro Coração Partido aproximou-se de Rob pela direita. Seu braço munido de uma espada já havia começado o golpe que poderia ou não decepar a cabeça de Rob do pescoço, mas que, sem dúvida, o mataria.

Num derradeiro e fútil esforço para subir o machado a tempo de desviar a espada, Rob viu algo tremulante passar pelos olhos escuros e sorriso sádico do cavaleiro. Então, ele guinou para trás, para a direita, por sobre a patilha da sela. Além do traseiro branco salpicado do cavalo, Rob teve uma breve visão do jovem fazendeiro que acertou o pescoço do Coração Partido com um laço preso num bastão. Ele deu um sorriso ainda mais largo do que aquele que o cavaleiro ostentava, enquanto puxou o laço para dentro de um arbusto e fora da vista.

Não havia mais inimigos a vista à esquerda de Rob, estrada abaixo. Só o que viu daquele lado foi as costas do último do exército fugindo. Ele virou Nell em sentido horário mais uma vez.

Uma lança foi arremessada contra seu rosto. Ele a partiu ao meio com a borda de seu escudo. Então, o abaixou apenas o suficiente para conseguir enxergar por cima dele.

Viu um trio de cavaleiros, bem onde as árvores começavam a fechar por sobre a estrada. Seu coração imergiu por um momento quando viu, além deles, mais cavaleiros descendo pela colina coberta de azul em direção à mata. Eles ignoraram as lanças e setas que eram disparadas pelo punhado de batedores que incomodavam os flancos direito e esquerdo deles tanto quanto o fizeram com suas provocações.

Apesar da forma com que sua vista tentava se estreitar num túnel, Rob captou movimento com o canto do olho direito. Karyl saíra das árvores e cavalgava na direção dele com a espada em punho.

Um Coração Partido tentou atacá-lo. Karyl desferiu um corte perfeito de cima para baixo com segurança quando os cavalos passaram um pelo outro, acertando a garganta do cavaleiro até o osso e deslizando macia sem ficar presa na carne ou na cartilagem.

Como antes, Karyl não parecia lutar. Ele matava com a inevitabilidade eficiente da moagem de um moinho de água, contudo, com a graça líquida inquietante de um horror.

O agressor que atacara Rob com a lança circulou pela esquerda, buscando uma abertura. Uma sombra grande saltou sobre ele por trás. Por sobre o ombro encouraçado, Rob viu a beleza cruel do rosto afiado de Stéphanie; ela rosnavava e golpeou a lateral da cabeça do cavaleiro. O pescoço quebrou com um estalo firme.

Os outros dois Cavaleiros Partidos deram a volta com seus cavalos e os esporaram em direção ao caminho de onde tinham vindo.

“Os porcos fugiram e deixaram nossas bolas para serem assadas dentro do saco!”, um berrou para seus camaradas, falando dos cavaleiros de dinossauros de Crève Coeur.

“Vamos”, disse o segundo. “Não há honra nem benefício em brigar com esses selvagens.”

Alguns dos cavaleiros que se aproximavam retornaram. Outros vacilaram, reduzindo o galope de suas montarias.

Para o puro horror de Rob, um dinossauro surgiu no topo da colina, atrás deles. Era negro, o peito e a barriga vermelhos com sombreamento dourado. Quando ele parou no cume e ficou de quatro, Rob viu que seu cavaleiro usava uma armadura esmaltada. O escudo também era preto, pintado com uma figura amarela que Rob não conseguiu discernir daquela distância. Uma pena preta e dourada oscilava na ponta da lança que ele carregava voltada para cima, com a parte de baixo encaixada ao lado das esporas.

“Salvateur”, disse Françoise, emergindo da vegetação à direita de Rob em seu caminhante.

“E aqui estamos nós fodidos, então”, Rob disse, ao que trombetas soaram e a infantaria blindada, portando lanças e escudos redondos, se espalhou de ambos os lados do comandante inimigo.

Mas, em vez de atacar a fanfarra, os Corações Partidos que ainda estavam cavalgando para a floresta deram a volta.

“É um chamado para reagrupar!”, alguém gritou do mato. Berros de alegria se seguiram.

A voz de Salvateur ribombou como o desafio de um unichifre macho no cio. Rob não conseguiu discernir as palavras, mas teve a distinta impressão de que o barão estava repreendendo firmemente seus cavaleiros por irem direto para uma armadilha sem necessidade.

O som grave do arco de chifre de Karyl tamborilando, vindo da direita de Rob, o assustou. Ele resistiu à urgência de olhar para o lado e manteve a visão fixa em Salvateur.

O barão levantou o escudo. Rob conseguiu vê-lo tremer quando a flecha acertou bem no meio dele.

Os lanceiros começaram a descer a colina com os escudos erguidos, num passo cuidadoso.

“Belo tiro de aviso”, Rob disse.

Mas Karyl franziu a testa. Rob reconheceu que aquele curvar levemente visível da frente significava para ele o que para uma pessoa normal seria fazer caretas, gritar e arrancar a barba de raiva – sendo esta última uma coisa que Rob com frequência ouvia dizer, mas nunca testemunhara de fato e pagaria um bom dinheiro em ouro para vê-lo. Ou pelo menos prata.

“Atirei para matar”, Karyl disse. “Um capitão competente que aconselha Guilli é tão letal para nós quanto cem cavaleiros de dinossauros.”

A força defensiva de Karyl ainda gritava em triunfo e vaiava conforme os lanceiros, ainda distantes, avançavam. O súbito

alívio transformou-se em raiva dentro de Rob. “O que vocês estão celebrando, idiotas?”, ele berrou. “Ainda perdemos a batalha! E mal tocamos o exército de Guilli, que estará em nossos calcanhares enquanto vocês imbecis ficam aí aplaudindo um ao outro!”

“Vocês lutaram bem”, Karyl disse para aqueles que resistiram ao lado dele. “Mas o mestre Korrigan está certo: ainda temos um exército em fuga para proteger. Recuem, protejam-se e fiquem prontos para emboscar o inimigo se ele voltar a persegui-los.”

Emeric apareceu na estrada. Pela comoção que vinha dos arbustos, Rob percebeu que alguns cavaleiros Corações Partidos ainda estavam moribundos, e não tão rapidamente quanto gostariam. Ele não se importou muito. Os corredores das matas eram particularmente vingativos para com seus atormentadores; o próprio Emeric mostrava pouco apetite para aquele tipo de coisa, preferindo deixar as formas de vingança mais prolongadas para sua irmã. Mas poucos em Providence tinham alguma compaixão pelos saqueadores do conde Guillaume.

“E quanto aos feridos?”, o corredor das matas perguntou.

“Ajudem aqueles que podem andar”, Karyl falou. “Deixem o restante.”

Emeric assentiu e mergulhou na floresta.

“Quê?”, Rob protestou descrente. “Deve haver uns cinquenta dos nossos ainda por aí! E só Lanza sabe quantos estão naquela colina.”

“Não podemos recuperá-los”, Karyl disse. “E não podemos carregá-los. Eles nos atrasariam demais. Salvateur nos perseguirá num passo mais deliberado do que sua vanguarda o fez, mas ainda assim nos perseguirá.”

“Mas os Corações Partidos os massacrarão!”

“Eles já estão perdidos. Não podemos nos dar ao luxo de perder ainda mais gente na tentativa fútil de resgatá-los.”

“Que tipo de bastardo sem coração é você?”, Rob berrou.

“Um comandante”, Karyl respondeu. “Esta não é a minha primeira vez.”

Ele olhou para a encosta repleta de corpos contorcidos, suplicando a ajuda que ele negava. Poucos haviam rastejado para encontrar abrigo entre as matas, deixando rastros nas belas flores azuis esmagadas e manchadas de sangue.

“E, apesar de todos os meus esforços, parece que ainda não vi minha última.”

# OS SENHORES DINOSSAUROS



– 49 –

***Maia, La Madre, a Mãe, Madre Terra, Mãe Terra –***

*Rainha dos Criadores: Kun ☷ (Terra) – A Mãe.*

*Representa a maternidade, poder moderado, nascimento (e morte), cura e o Paraíso. Também os mamíferos. É conhecida pela compaixão.*

*Aspecto: uma matrona bonita de cabelos grisalhos, vestindo manto marrom e dourado e segurando um maço de trigo numa mão e uma foice na outra.*

*Animal sagrado: cavalo. Cor: marrom. Símbolo: um maço de trigo.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES  
JOVENS –

Faminta como se tivesse engolido vivo um horror bebê que chutasse as entranhas dela com suas garras assassinas, Shiraa despertou de seu sono.

Ela sabia o que a havia acordado. O cheiro doce da carne de feras assando preencheu sua cabeça, intoxicando cada inspiração que ela dava. Era um sabor adquirido, ensinado a ela por sua mãe desde o nascimento. Ela escutou compenetrada e

farejou, ignorando o máximo que conseguiu o odor delicioso. Não detectou perigo nas proximidades – nenhuma criatura que tivesse sequer a metade do tamanho de um das pernas sem-rabo meio crescido.

Ela se levantou com cuidado para fazer o mínimo de barulho possível e pôs o focinho com cautela para fora do canavial onde se abrigara para descansar. O sol punha-se à sua esquerda. As colinas lançavam sombras longas sobre as fazendas a oeste.

Um filete de fumaça semelhante a ardósia na luz do crepúsculo subia no cume da colina seguinte, ao sul. Em algum lugar, gorduchos que não estavam à vista baliavam enquanto um pastor os conduzia aos seus locais de descanso noturnos. Um córrego fluía atrás da colina e agora, acima da suavidade das plantas de sequeiro, Shiraa farejava o cheiro de madeira, metal, couro de animais estranhamente alterado e os odores misturados de um grupo dos sem-rabo: todos os sinais de um acampamento.

Treinamento e experiência haviam ensinado Shiraa a nunca buscar contato com os sem-rabo sem a sua mãe por perto para dizer-lhe o que fazer. Mas, no brilho denso do entardecer, ela viu ao lado de um conjunto de árvores no topo da colina uma figura encapuzada familiar.

Mais uma vez, ela captou uma lufada provocadora do cheiro de sua mãe.

O Encapuzado não era a mãe, de algum modo, ela sabia. Mas ele a estava guiando, lentamente, para onde a mãe a esperava. Ela também sabia disso.

Ela saiu do matagal e se pôs a descer o vale. *Comer?*, ela pensou esperançosamente. E também, *Shiraa sozinha*.

“Tudo bem, contrabando!”, o grito indecentemente alegre de Abi foi abafado pela lona e por centenas de quilos de estrume animal

que cobriam Melodía e Pilar. “Chega de preguiça. É hora de partir.”

As duas mulheres estavam apertadas uma na outra. Os tubos de bambu, inclinados além da lona para se protuberarem alguns milímetros acima do excremento, permitiam a entrada de ar suficiente para mantê-las vivas. Eles não evitavam que pedaços de esterco seco – e alguns não tão secos assim – fossem filtrados junto.

Embora fosse verdade que bosta de herbívoros não fedia tanto assim, Melodía esquecera que parte dela fora recolhida ainda úmida da rampa subterrânea. No caminho para La Merced e colinas acima, para o sul, ela começou a fermentar.

Melodía escutou o ruído de algo sendo esmagado. Uma súbita inundação de luz a fez piscar.

“Vamos tirá-la daí rapidamente, Día”, Fina disse alegremente.

“O que está fazendo?”

“Desenterrando vocês”, Fina respondeu, ofegante pelo esforço. “A ajuda está a caminho.”

“Ajuda?”

Um canto da lona foi levantado. Melodía viu uma pequena cabeça emoldurada pela luz da manhã que brilhava por trás dos cachos dourados.

“Montse?”

“Você podia dar uma ajudada”, a irmã falou, “em vez de só ficar aí deitada que nem uma trufa a espera de ser desenterrada por um gorducho.”

“Não liga pra ela, Día”, disse outra voz feminina. O coração de Melodía disparou ante o som. Ela sentiu tontura e não só por causa dos vapores que inalara. “Só senta direito e vamos tirar você num instante.”

Melodía começou a se libertar. Pilar a ajudou, principalmente tentando evitar que a bosta caísse no rosto e cabelo delas. Ela não obteve muito sucesso.

Ficar deitada no vagão, tentando mover-se e até mesmo respirar o mínimo possível, tinha enrijecido os músculos de Melodía. As juntas dela pareciam sólidas. Ainda que a viagem tivesse durado menos de três quartos de hora, a maior parte ao longo das ruas bem preservadas da cidade e estradas aveludadas, ela tinha sido bastante conturbada.

Montse puxava a lona conforme o peso era retirado. Mãos puxaram Melodía e a puseram de pé. Sem pensar, ela virou-se e ajudou Pilar.

A carroça estava estacionada numa clareira entre árvores altas. O balde de alimentação do unichifre tinha sido removido. Ele pastava comendo flores de samambaias rasteiras que, quando esmagadas, liberavam um perfume de hortelã.

A luz da manhã banhava a clareira através das nuvens finas. Botões do tamanho de pratos adornavam a vegetação rasteira em torno da clareira, tigrados nos centros com carmesim, laranja ou violeta pálido. Saltadores com rostos salpicados espivavam entre eles. Planadores da floresta voavam entre os galhos mais baixos e alados piavam dos mais altos.

Montserrat acertou Melodía e quase a derrubou no monte de merda. Ela abraçou a irmã mais velha com força surpreendente, chorando de forma selvagem. Melodía também começou a soluçar quase incontrolavelmente.

“Não quer sair do meio da merda, Día?”, Abi gracejou. “Digo, se vocês estão contentes aí...”

Melodía se desvencilhou da irmã com gentileza. Josefina Serena e a princesa Frances, da Inglaterra, ajudaram as duas a descenderem do vagão. Pilar saltou agilmente em seguida.

Melodía olhou para si própria.

“Fanny, eu...”, ela começou a dizer, tentando tirar sem eficiência os pedaços de esterco seco presos a seu manto.

“Oh, não seja ridícula”, Fanny a abraçou.

“Tive medo... que não fosse...”

“Eu sei.”

Alguma coisa cutucou Melodía por trás. Ela ouviu um rinchar, sentiu uma exalação suave de hálito quente nas costas. Virou-se para ver-se de frente para as narinas de sua égua, Meravellosa.

“Maia!”, ela gritou, abraçando o pescoço do cavalo. Olhando além dela, viu uma bonita égua branca e um cavalo baio castrado amarrado, com uma face amigável e o lombo empilhado com bagagens.

“Eu amo todas vocês”, ela disse às amigas, com lágrimas correndo pelo rosto. “Obrigada por terem me salvado, mas não deviam ter feito isso. O que estavam *pensando*?”

Montse jogou os cachos para trás. “Ordenei que todo mundo fizesse! É tudo minha culpa. Podem me punir se quiserem.”

“Essa aí é uma lutadora, Día”, Abigail Thélème disse. “Não é verdade, claro. Fizemos porque quisemos.”

“Quem pensou nisso? Foi você, Abigail?”

“Admito que ajudei a criar a trama, mas não posso ficar com muitos créditos. Sua irmã e aquela sua criada prepararam tudo. Bem amador, mas mesmo assim, digno de Sansamour.”

Melodía virou-se para a dupla culpada com um ar de espanto. Pilar encontrou calmamente o olhar dela.

“Sua irmã é muito amada entre os servos”, ela disse. “Por ela, eles fariam quase qualquer coisa.”

*Não por mim, percebi*, Melodía pensou. “E você?”

Pilar sorriu e estendeu o braço para arrancar um galho dos cabelos de Melodía. “Nós crescemos juntas, princesa. Esqueceu?”

Melodía sentiu os lábios comprimirem. *Talvez não*, pensou.

“Não tivemos problemas no caminho”, Abi Thélème falou. Ela soava quase desapontada. “Mas não temos como saber quando seu desaparecimento será percebido. Talvez já tenha sido. As duas precisam sair daqui rapidamente.”

O temor pelas amigas, por Pilar, por Claudia e pelos outros servos que deviam ter auxiliado em sua fuga aturdiu Melodía com força suficiente para fazê-la balançar.

“Sério, Día”, Fanny disse encorajando-a, “o fato de termos trabalhado junto com sua irmã deve nos dar imunidade. Tudo será tratado como uma brincadeira feita por garotas idiotas que ouviram baladas demais deferentes aos Companheiros.

“É melhor que seu pai não tente nos punir”, Fina observou, franzindo ferozmente a testa. “E nem os servos do meu pai. Ele acabaria rapidinho no meio da rua!”

O estômago de Melodía travou. “Não tenha tanta certeza”, ela respondeu.

*Eu terei de voltar para salvar minha irmã e minhas amigas imprudentes? Lady Bella, por favor, me poupe disso!*

“Ficaremos bem, Día”, Fanny a tranquilizou.

“Fique de olho em Falk. Ele é perigoso. Ele... acredito que esteja por trás disso tudo.”

“Tínhamos percebido isso”, Abi disse de modo seco. “*É tarde demais para ajudar. Eu... vamos só dizer que decepcionei todo mundo.*”

Mesmo em seu fervilhar de medo e esperança, Melodía não pôde deixar de se perguntar se aquela era a primeira vez que escutara Abi soar *incerta*.

Outro pensamento quase a deixou de joelhos. “*Papá*”, ela sussurrou.

*Quanto ele sabia? Quanto ele sabe? Ele sabe o que aquele bastardo fez comigo na noite passada?*

Ela não ousou pensar naquilo agora. Talvez depois. Se houvesse um *depois*.

Fanny segurou sua mão. “Melodía, seu pai a ama. Não sabemos tudo o que está acontecendo.”

Ela respirou fundo e abriu os olhos. “Tudo bem. Preciso ir embora.” Ela fez uma careta diante da pergunta óbvia que estapeava seu rosto. “Mas para onde?”

“Providence”, Fanny afirmou. “Para onde mais?”

Fina resfolegou de modo teatral. “Mas foi onde o Anjo Cinza surgiu!”

“Mesmo assim ainda é melhor”, Fanny prosseguiu, “afinal, lá eles seguem a filosofia de Jaume. Se alguém vai receber bem ela, será o Jardim da Beleza e da Verdade.”

A menção a Jaume enfiou outro punhal na alma de Melodía. O que aquela notícia fazia a ele, ela não conseguia imaginar. *Depois de eu ter sido orgulhosa demais para dizer adeus ou responder suas cartas...*

“Fanny está certa”, corroborou Abi, soando como se estivesse levemente surpresa. Melodía  *julgava* a fria rebenta de Sansamour astuta demais para ser convencida pela teatralidade de Fanny, mas ela sem dúvida acreditava que a inglesa era uma amadora sem esperanças em termos de intrigas. O que a maioria dos intrigueiros deste lado de Trebizon eram em comparação a Abi. “Os providencianos podem não se opor ativamente às Igreja e ao Trono, mas também não saltam de alegria por eles. Eles poderiam muito bem estar dispostos a desafiar o Império ao abrigar uma fugitiva.”

Ela fez uma pausa, uma cara feia e exalou entre dentes crispados. “Ou quem sabe verão você como a moeda perfeita para comprar a passagem de volta para as graças de seu pai. Temo que as únicas opções que temos a lhe oferecer vão de mal a pior, Melodía.”

*Não*, Melodía pensou. *Pior, não.*

“Então que seja Providence”, ela disse. “Tenho que escolher simplesmente a opção menos ruim, o que não parece tão mal. E fazer... o melhor que puder para chegar lá.”

A voz dela vacilou. Montse a abraçou forte novamente, dizendo: “Não se dê por vencida, Día. E para de subestimar Pilar!”

Melodía olhou para a irmã surpreendida. Ela sorriu.

“Vou parar.”

Pilar estava de pé a seu lado. Melodía tomou a mão dela, levou-a aos lábios e beijou. Depois, a soltou.

“Fique bem, Pilar. Sentirei sua falta?”

“Por quê?”, a serva perguntou. “Se eu vou com você?”

“Você não pode!”

“Tente me deter”, Pilar riu, mas o tom não era de brincadeiras.

“Mas...”

“Seja realista, Día”, Fanny disse. “Você não pode ir até Providence sozinha. Já será difícil o bastante para as duas.”

“Mas... eu posso contratar guardas.”

“Não ouse fazer isso”, Abi recomendou. “É arriscado demais que a reconheçam. Seu pai pode pagar mais a eles para arrastá-la de volta do que você pode para deixá-la fugir. Seja como for, se não levar a moça, ficarei feliz de contratá-la. Ela é muito promissora. Posso fazer bom uso deste tipo de empreendedorismo e coragem!”

“Não! Eu vou com Melodía nem que tenha de segui-la como um cachorro perdido.”

Dada a habitual indiferença aristocrática de Abigail Thélème, Melodía esperava que ela se ofendesse com um recusa tão sumária de uma mera criada, mas ela não deu sinais de tanto. Amiga de Melodía – e qualquer outra coisa que ela fosse – Abi tinha realmente provado que era mais profunda do que a princesa pensava.

*Como todas de meu pequeno círculo, ela percebeu, surpresa. Todas menos eu, evidentemente. Eu sou rasa.*

Ela ameaçou dar ordens para que Pilar ficasse para trás, mas descobriu que não conseguia. Fazê-lo seria se desprender de tudo o que ela conhecia.

“Não tenho palavras”, disse. “Tenho mais amigas de verdade do que jamais imaginei. E a melhor irmã do mundo.”

Ela afagou os cabelos de Montse.

“Agora, quando finalmente compreendo isso, tenho de deixar todas vocês”, ela virou-se para Pilar, “exceto você. Claro que você virá comigo. Se estiver mesmo disposta, depois da maneira como a tratei por tanto tempo.”

“Mas é claro, Melodía, minha querida.”

Ocorreu-lhe perguntar o motivo. *Não tenho tempo*, ela pensou.

Então, encarou a verdade. *Não tenho coragem. Ainda não.*

Todas riram e choraram enquanto ela abraçava e beijava as amigas e a irmã. Então, ela montou em Meravellosa. Pilar subiu no lombo do cavalo branco. E, voltando os rostos para longe de La Merced, da Corte Imperial e das vidas que conheciam, as duas jovens mulheres seguiram para o norte na melhor velocidade que suas montarias podiam manter.

“Ei, menestrel”, uma voz chamou da chuva incessante.

Pela lama e pela torrente que caía, o exército derrotado marchava rumo à cidade de Providence. Na frente de todos, estava Rob Korrigan, puxando a Pequena Nell com uma corda. Seu chapéu tinha despencado até que o brim virara um tipo de saia melancólica e encharcada em volta da cabeça. Ele vestia apenas uma tanga de linho; a chuva já tinha derrotado sua melhor capa de chuva. Ele seguia descalço porque a lama profunda sugava botas e coturnos dos pés para dentro do esquecimento.

Ele poderia estar cavalgando o dinossauro, uma vez que sua bagagem seguia num carro, mas sentira a necessidade de algum tipo, qualquer tipo, de atividade. Apesar do cansaço pesar como uma armadura feita de chumbo, uma bizarra energia o propelia. Ela não dava descanso à sua mente e, portanto, o corpo também não o teria. Ele sentia que tinha que fazer *algo* ou irromperia em chamas.

Olhou para trás. Atrás de Nell, uma unichifre fêmea puxava um vagão coberto por uma lona, cheio de feridos. Um soldado a cavalo, que arrancara o brasão da aliança da frente do manto do animal ensopado com o punhal, caminhava ao lado dela.

O rosto grande e bruto sorriu. “Nos dê uma canção.”

Alguns passos além do soldado, Rob viu Karyl sobre Asal. As dores de cabeças e pesadelos de Karyl tinham praticamente

desaparecido uma vez que ele começara a criar a milícia. Rob – que o perdoara por ter abandonado os feridos, tendo se acalmado o suficiente para pensar na alternativa – temia que a derrota avassaladora as trouxesse de volta.

Em vez disso, Karyl parecia mais vivo do que Rob já o vira: constantemente *aqui* ou *ali*, sem parecer ter se movido no espaço entre os pontos, exultante, calmo, mordaz, resolvendo problemas e sempre mantendo o exército unido e movendo-se para longe do inimigo.

Que os batedores de Rob informaram que ainda os perseguia. Mas a um ritmo lento, para permitir que as carroças lotadas de luxúrias e putas que os nobres de Nuevaropa sempre insistiam em arrastar nas campanhas os acompanhassem. Uma perseguição rápida, claro, significaria que a brilhante luta de Karyl para dar cobertura à fuga da milícia de Providence não teria feito nada além de deferir a destruição deles. O barão Salvateur, ou mais provavelmente seu mestre, o conde Guillaume, tinha tanto desprezo pelos providencianos que não os julgava dignos de tal esforço.

Rob não diria que Karyl estava *feliz*. O voyvod caído era um profissional militar demasiado consumado para ficar feliz diante de uma derrota. Mas ela tinha claramente o energizado.

É o desafio que mantém o homem vivo, Rob percebeu. *Só espero que a busca dele por uma tarefa digna de seu metal não acabe matando todos nós.*

Mas, não, aquilo não era provável, e Rob sabia. O orgulho de Karyl se dedicara muito profundamente a salvar o exército do desastre causado pelos senhores da cidade para que ele falhasse. Rob achou aquilo tranquilizador.

Agora, Karyl capturou os olhos de Rob, que vislumbrou um breve sorriso por baixo da barba e da chuva.

*Também é tranquilizador que ele próprio seja mortal o suficiente para me convidar a admirar sua esperteza*, ele pensou. *Ou é o que acho.* Ele se perguntou se Karyl escolhera o truque de usar

prestidigitação com os senhores da cidade, aqueles bastardos perversos, ou se o soubera o tempo todo.

Outros, tropeiros e soldados, ecoaram o pedido. “Uma canção! Nos dê uma canção!”

Rob sorriu de volta.

“Muito bem.”

Para dar a si mesmo um momento para reunir seus pensamentos – e um respiro daquela maldita lama – ele subiu no lombo de Nell. Ela balançou a pesada cabeça, lançando água de sua couraça e suspirou.

Rob virou-se ao contrário. Ela sabia como seguir pela estrada tão bem quanto ele. Rob respirou fundo o ar gelado, cuja chuva tinha lavado todos os cheiros, exceto o dele. Então começou:

*“Agora ouçam minha canção,  
Sobre um dia estupendo,  
Quando homens e mulheres de berço desigual,  
Se uniram por um mesmo ideal,  
Enfrentar os cavaleiros de Coração Partido,  
No campo de flores azuis sob o céu tingido.”*

Ele fez uma pausa. Então, a motorista da ambulância, uma mulher que parecia ter a mesma aparência e temperamento da fera robusta e pesada que puxava o carro, começou a aplaudir e a gritar: “Mais! Mais!”

Mais atrás, Karyl assentiu uma vez. Então, desapareceu trotando ao longo da beirada da estrada para encontrar a próxima tarefa que precisava ser executada.

Àquela altura, o refrão ocorrera a Rob. Ele cantou de forma vigorosa:

*“Embora o campo, enfim eles tenham tomado  
O sangue que sangraram  
Era vermelho como o nosso*

*No campo de flores azuis sob o céu tingido.”*

Aqueles que escutaram gritaram de aprovação. Para dar a si próprio tempo de apanhar mais palavras da estirpe de Bella, ele usou o pretexto de apanhar uma cabaça de água e molhar a garganta. Cerveja teria sido melhor. Mas também teria sido estar seco, quente e enrolado em lençóis de seda com uma dupla de lindas mulheres.

Ah, mas *aqueles* eram os espólios da vitória. Perdedores ficam com a chuva. E com a lama.

“Espere!”, uma voz feminina gritou, de algum lugar que Rob não conseguia ver, para o vagão de feridos. “Nos ensine as primeiras palavras antes de continuar!”

Rob sorriu.

Assim, com o traseiro apropriadamente virado para frente, Rob Korrigan liderou o exército de Providence na sua retirada e desafiadora cantoria...

*“Embora nosso sangue tenha sido livremente derramado  
Sobre as belas flores azuis  
Os sangues azuis, como eles chamam a si próprios  
Derramam sangue da cor do nosso!”*

...ao longo de todo o caminho até os arredores da cidade.

Onde um esquadrão de guardas da cidade, eriçados com alabardas e parecendo tão sujos em seus morriões quanto os homens e mulheres que realmente lutaram a batalha e perderam, imediatamente prenderam Karyl e ele por traição.

Falk chegou ao telhado plano da torre para encontrar o imperador de Nuevaropa sozinho, observando as luzes de La Merced começarem a surgir como uma tigela de joias abaixo. O

ar do crepúsculo estava suave como um beijo. As refeições noturnas despejavam aromas das panelas. Uma estrela cadente cruzou por entre as nuvens no alto; vaga-lumes dançavam ao redor da torre como se estivessem emulando.

“Elas voltaram, Majestade”, Falk disse, marchando direto até ele. Vestia sua armadura de Tirano e trazia o capacete nos braços, “as três reféns e sua filha. Eu as detive.”

“Muito bem”, Felipe falou. “Agora pode libertá-las.”

“O que quer dizer?”, Falk perguntou nervoso. “Elas ajudaram a sua filha a fugir!”

Felipe virou-se para ele. O velho sorria por sob a barba vivaz. Umidade brilhava em seus olhos verdes pálidos. Ele pôs uma mão vacilante sobre o ombro de Falk. “Sim, meu garoto. Exatamente. Elas ajudaram a minha filha a fugir.”

“Mas...”

Felipe levantou um único dedo. Falk calou-se. Felipe deu as costas para a muralha com ameias, para olhar para onde o sol se punha no que parecia ser uma camada de sangue sobre o Canal.

“Não ousarei alienar todo o povo da Anglaterra”, o imperador disse. “Nem Sansamour, que, apesar de toda sua submissão à coroa, poderia muito bem ser um reino por si só. O pai de Josefina Serena, o príncipe Harry, já está perturbado comigo por conta das mesmas políticas que aborreceram minha filha. Ele é importante demais para ser mais enfurecido ao sujeitar a herdeira dele a indignidades. Isso sem mencionar que eu gosto daqui, do Palácio dos Vaga-lumes, e não tenho desejo de retornar à Torre Imperial, em La Majestad, onde todo cortesão bajulador de Nuevaropa apenas aguarda para sussurrar nos meus ouvidos. Ao lado de toda a Assembleia. E também há Montserrat. Uma mera criança, além de ser minha filha. A única que me restou, pelo que parece.”

Ele virou as costas para seu novo chefe da guarda.

“E essas garotas acabaram nos prestando um serviço de alerta.”

“Não compreendo, Majestade.”

“O que Melodía disse ou fez, tudo nasceu do coração apaixonado de uma criança e de um julgamento imaturo. O exílio seria uma sentença possível, mesmo se ela fosse considerada culpada de crimes que, em meu coração, sei que ela nunca quis cometer, tenha ela os feito ou não.”

Ele suspirou.

“Desta forma, minha filha é poupada do julgamento. E não apenas ela. O Império e a Torre Delgao. E, por último, um velho que está desgastado como um espectro, tentando fazer o que é melhor para todos. Sim, meu garoto, este é o melhor resultado possível para o meu dilema.”

*Acreditar no poder, Falk disse a si próprio, é obedecer ao homem que o tem. Todo o resto é anarquia.*

Ele respirou fundo, prendeu a raiva que sentia dentro de si e curvou a cabeça.

“Sim, meu senhor”, pronunciou.

“Mais uma vez”, Felipe disse, “a sabedoria de frei Jerónimo é provada pelos eventos. Ele me disse que seria melhor assim, ainda que meu coração tenha custado a acreditar.”

Ele sorriu com tristeza.

“Ele me disse que eu deveria aprovar uma permissão para que você duelasse com o leal Duval para comandar os Tiranos também, sabia?”

A pele de Falk se arrepiou como se ele tivesse ficado tempo demais sem proteção sob o sol, em uma alta montanha. *Pensava que somente eu tinha os ouvidos dele, mas também existe outro.*

Ele sentiu um espanto sinistro. *Não contava com seu misterioso confessor, contava, Mãe? Bergdahl? Afinal, vocês não são infalíveis.*

Contudo, triunfo inchava dentro dele, substituindo a raiva e o desapontamento por sua presa mais preciosa ter fugido. Embora Jaume, ausente, continuasse sendo a mão direita do imperador, Falk era indubitavelmente a esquerda. Aquilo era poder.

Agora, a mudança viria para Nuevaropa. Falk cuidaria disso.  
“Vamos, garoto”, o imperador falou. “Nosso jantar nos aguarda.  
Eu estou faminto.”

# OS SENHORES DINOSAURO<sup>DOS</sup>



## – E P Í L O G O –

LA CONVERSACIÓN  
*O Diálogo*

**Ángeles Grises, Anjos Cinza, os Sete –**

*Os servidores sobrenaturais dos Criadores: Michael, Gabriel, Raphael, Uriel, Remiel, Zerachiel e Raguel. Eles têm a tarefa de manter o Equilíbrio Sagrado dos Criadores no Paraíso. Possuem poderes notáveis e armas místicas e, quando caminham pelo mundo, costumam adotar uma aparência aterradora. Não são humanos e acreditam que todas as coisas existem para poder serem destruídas.*

– UMA CARTILHA DO PARAÍSO PARA O PROGRESSO DE MENTES JOVENS –

### **LA PALACIO DE LAS LUCIÉRNAGAS**

**os esgotos nas profundezas das raízes da carranca de adelina, os íngremes rochedos sobre os quais o palácio dos vaga-lumes foi construído.**

**é escuro como piche. os jogadores não precisam de luz para ver os demais com perfeição. de modo similar, percebem numa abundância de detalhes as sensações e cheiros do esgoto bruto**

**passando por suas pernas nuas.  
não se sentem nem um pouco incomodados por isso.**

**RAGUEL:** Equilíbrio.

**URIEL:** Nosso serviço, perpetuamente. O que está tramando, irmão?

**RAGUEL:** Caminhar para frente e para trás no mundo, e subi-lo e descê-lo.

**URIEL:** A piada já era antiga antes que fôssemos Criados.

**RAGUEL:** Busca-se diversão onde for possível.

**URIEL:** Este foi um trabalho parco que você fez, administrando a história de sua Emergência. Aconteceu há quase um ano, pelos cálculos da superfície. Como você conseguiu que chegasse aqui num tempo tão útil?

**RAGUEL:** Com a astúcia de sempre. Inebriei certas mentes mortais, para que não acreditassem no garoto pastor que me viu... mas que ele também não fosse desacreditado por completo. Quando a hora chegou, mandei sonhos para despertarem os medos novamente. O conde Guillaume fez o resto em sua avidez de obter aprovação por ter depredado os vizinhos, enviando um mensageiro para avisar a Corte.

**URIEL:** Ele causou um rebuliço e tanto.

**RAGUEL:** Fico satisfeito de escutar isso.

**URIEL:** Já faz algum tempo que estou fora do circuito. Onde está nosso Irmão Mais Velho? O que ele trama agora?

**RAGUEL:** O de sempre: lidera uma luta para mandar as malditas Anomalias para as profundezas. Se possível, para o Abismo de Holofernes ou mais fundo. As abominações têm andado ativas. Mesmo na superfície.

**URIEL:** E o poderoso braço direito dele?

**RAGUEL:** A seu lado, claro. Nossa irmã nunca foi do tipo que foge de uma luta. Especialmente contra demônios, depois de a terem mantido prisioneira por tanto tempo. Acredito que o plano

seja empurrá-los para tão perto do Núcleo que serão engolidos irremediavelmente pela Entropia que os gerou.

**URIEL:** Vai dar certo?

**RAGUEL:** Provavelmente não. Se não extirpamos os demônios em cinco séculos do mundo exterior, por que o faríamos agora? De qualquer modo, não sem algum novo e brilhante esquema. Loucura, dizem, é fazer a mesma coisa repetidamente e esperar resultados diferentes. Mesmo assim, dá aos irmãos algo para fazer enquanto estão fora, nos ciclos.

**URIEL:** E quanto a *Ela*?

**RAGUEL:** Ela também caminha debaixo do sol.

**URIEL:** Ela arrumou um corpo para si?

**RAGUEL:** Não. Não é assim que Ela age, você sabe disso.

**URIEL:** De fato. Mas, em vez de perderem tempo caçando ratos no celeiro, gostaria que nosso Irmão Mais Velho – e quem é como ele? – liderasse seus parentes numa caçada pelo Núcleo ao lugar que Ela mantém seu *corpus aetherium*. Embora as intenções dela se desviem sob as nuvens, poderíamos pôr fim às intromissões dela de uma vez por todas.

**RAGUEL:** Mas isso destruiria *tudo*, Uriel. Destruiria todo o mundo.

**URIEL:** Isso seria tão diferente do que você, o Comando e a Irmã Força pretendem, irmão?

**RAGUEL:** Sim! Tem toda a diferença do mundo! Nós só queremos extrair um câncer e curar a ferida do mundo. Não desfazer tudo que fomos justamente feitos para preservar!

**URIEL:** Fomos feitos para preservar todo Paraíso, Raguel, meu amigo.

**RAGUEL:** Às vezes, um membro gangrenado precisa ser amputado para salvar o corpo, Uriel.

**URIEL:** Você mistura metáforas com eloquência. Mas sustento o argumento: o que vocês querem que a gente faça não é nada além de algo que já sentimos necessidade de fazer antes. Só

que numa... escala mais abrangente. Mas devemos preservar aquilo que pudermos.

**RAGUEL:** Então, e quanto ao nosso plano insano de destruir a Alma do Mundo?

**URIEL:** Não tanto *plano* quanto *desejo*. Ou fantasia inútil, se preferir. Ainda assim, nós Sete poderíamos manter as coisas unidas; não somos tão diferentes dela.

**RAGUEL:** E se não pudermos?

**URIEL:** Então, as coisas, como sempre, buscarão e encontrarão um novo Equilíbrio. Sem a gente ou a necessidade de existirmos.

**RAGUEL:** Sua residência temporária aqui em meio a células cancerígenas lhe conferiu uma mórbida transformação mental, Fogo.

**URIEL:** Talvez, amigo, talvez. Contudo, minha meta continua sendo preservar o máximo que eu puder.

**RAGUEL (rindo):** Essa também é nossa meta como Purificadores. Somente temos uma ideia diferente do que pode ser preservado.

**URIEL:** “Deve” não é o mesmo que “pode”. Não fomos feitos para julgar, somente para executar.

**RAGUEL:** Mas, então, quem fará os julgamentos?

**URIEL:** Talvez ninguém. Os Oito nos disseram o que fazer. Nos fizeram carregar o Seu Projeto e nada além. Se Eles quisessem que mudássemos o que fizeram, nos diriam.

**RAGUEL:** Algo improvável de acontecer, como ambos sabemos.

**URIEL:** Então prosseguiremos como sempre fizemos, leais ao nosso dever.

**RAGUEL:** Ah, Fundamentalismo. Um refúgio tão bom quanto qualquer outro, creio eu, caso a discussão saudável fracasse.

**URIEL:** Pode me chamar de fundamentalista se quiser. O que há de errado nisso? Este mundo foi Criado pelos Oito, e nós junto dele. Por que complicar as coisas?

**RAGUEL:** Fah. Você é tão mau quanto o Afável. Paciente demais. Em especial com os macacos.

**URIEL:** É minha natureza. Diferente de alguns, fico contente de seguir o Caminho para o qual fui Criado.

**RAGUEL:** Daoísmo requentado! Esperava mais de você.

**URIEL:** Então não me conhece tão bem quanto pensa, espírito do gelo.

**RAGUEL:** Julgamento também faz parte de sua natureza.

**URIEL:** Eu julguei. Você apenas discordou.

**RAGUEL:** Você está bem longe do gelo e da neve aqui, meu amigo.

**URIEL:** Voltarei a eles quando tiver obtido sucesso. Tenho muito a fazer antes disso. Desejo sucesso a todos vocês. (pausa) Você conhece as cores das chamas da minha alma, Raguel! Sabe que falo sério. Todos servimos à mesma finalidade.

**RAGUEL:** Verdade. Espero que se lembre disso.

**URIEL:** Sempre.

**RAGUEL:** Então, voltarei a isso. Quem sabe o que os macacos planejaram em minha ausência?

**URIEL:** Adeus, Deus Amigo. Deixo-o com o sinal do Equilíbrio, o *taiji-tu*.

**RAGUEL:** E adeus a você, Deus Fogo. Aguardarei ansiosamente pelo dia em que todos os Sete ajam novamente como um só.

**URIEL:** Me pergunto, isso trará o fim da humanidade? Ou o nosso?

## AGRADECIMENTOS

Meus mais profundos agradecimentos aos colegas escritores da Critical Mass, cuja gentil sabedoria me ensinou a como escrever este romance: Daniel Abraham, Yvonne Coats, Terry England, Ty Franck, Sally Gwylan, Ed Khmara, George R.R. Martin, John Jos. Miller, Matt Reiten, Melinda Snodgrass, Jan Stirling, Steve "S.M." Stirling, Emily Mah Tippetts, Lauren Teffleau, Ian Tregillis, Sage Walker e Walter Jon Williams.

Acredito que não existe outro recurso como vocês no mundo (e, por favor, perdoe-me se eu negligencieei você!).

Agradecimentos especiais vão para meu velho amigo, Mike Weaver, que me disse como os Anjos Cinza surgiram.

Para o meu Exército de Dinossauros, que me ajudou a espalhar a palavra.

E para Wanda Day, que fez uma cabeça de tricerátopo de crochê para mim.



OUTUBRO DOS DINOSSAUROS  
*DARKSIDEBOOKS.COM*

THE DINOSAUR LORDS  
Copyright © 2015 by Victor Milán

All rights reserved.  
Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa  
© Alexandre Callari, 2015  
© Richard Anderson, ilustrações da capa e miolo  
© Rhys Davies, mapas

Os personagens e as situações desta obra  
são reais apenas no universo da ficção;  
não se referem a pessoas e fatos concretos,  
e não emitem opinião sobre eles.

Diretor Editorial  
Christiano Menezes

Diretor Comercial  
Chico de Assis

Editor Assistente  
Bruno Dorigatti

Design e Capa  
Retina 78

Designer Assistente  
Pauline Qui

Revisão  
Felipe Pontes  
Retina Conteúdo

Isbn  
978-85-9454-054-6

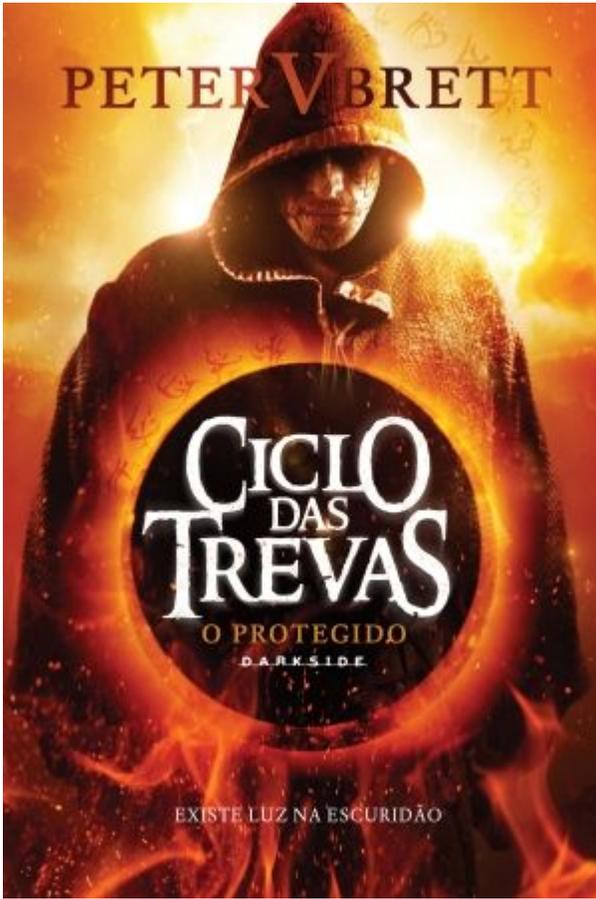


*DarkSide® Entretenimento* LTDA.  
Rua do Russel, 450/501 - 22210-010  
Glória - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
[www.darksidebooks.com](http://www.darksidebooks.com)

PETER V BRET

CICLO  
DAS  
TREVAS  
O PROTEGIDO  
DARKSIDE

EXISTE LUZ NA ESCURIDÃO



# O protegido

Brett, Peter V.

9788566636932

497 páginas

[Compre agora e leia](#)

Assim que a escuridão cai, os terraítas aparecem em grande quantidade, gigantes demônios de areia, de vento e de pedra, famintos por carne humana. Depois de séculos, os humanos definham com o esquecimento das marcas de proteção. Arlen, Leesha e Rojer, três jovens que sobreviveram aos ataques demoníacos, atrevem-se a lutar e encarar o perigo para salvar a humanidade. O PROTEGIDO - eleito um dos dez melhores romances fantásticos da nova geração pela Amazon UK - é uma genuína fantasia dark. A humanidade entregou a noite aos terraítas e são poucos os que ainda conseguem se esconder atrás das proteções mágicas, rezando para que

elas os conduzam para mais um dia. Conforme os anos passam, as distâncias entre as pequenas vilas se aprofundam. Parece que nada pode deter os demônios ou aproximar a humanidade novamente. Arlen, Leesha e Rojer, crianças nascidas nesses pequenos vilarejos hoje isolados, não se conformam com essa situação. Um mensageiro ensina ao jovem Arlen que o medo, mais que os demônios, tem paralisado a humanidade. Leesha vê a sua vida perfeita ser destruída por uma simples mentira e se torna uma coletora de ervas para uma velha mulher, mais temida que os demônios da noite. E a vida de Rojer muda para sempre quando um menestrel viajante chega à sua cidade e toca seu violino. Mas estes três jovens carregam algo em comum. São todos teimosos, que não se rendem à realidade imposta a eles e sabem que há muitos segredos e mistérios no mundo além do que lhes contaram. Para descobrir isso, eles terão que se arriscar, abandonar suas proteções seguras e encarar os demônios. Juntos, os três podem oferecer à humanidade uma última, e fugaz,

chance de sobrevivência. A impressionante estreia de Peter V. Brett - um dos mais aclamados autores de fantasia dos últimos anos - é uma aventura fantástica que cativa e emociona o leitor ao conduzi-lo a um mundo de demônios, escuridão e heróis.

[Compre agora e leia](#)

A 2ª FASE DO JOGO.

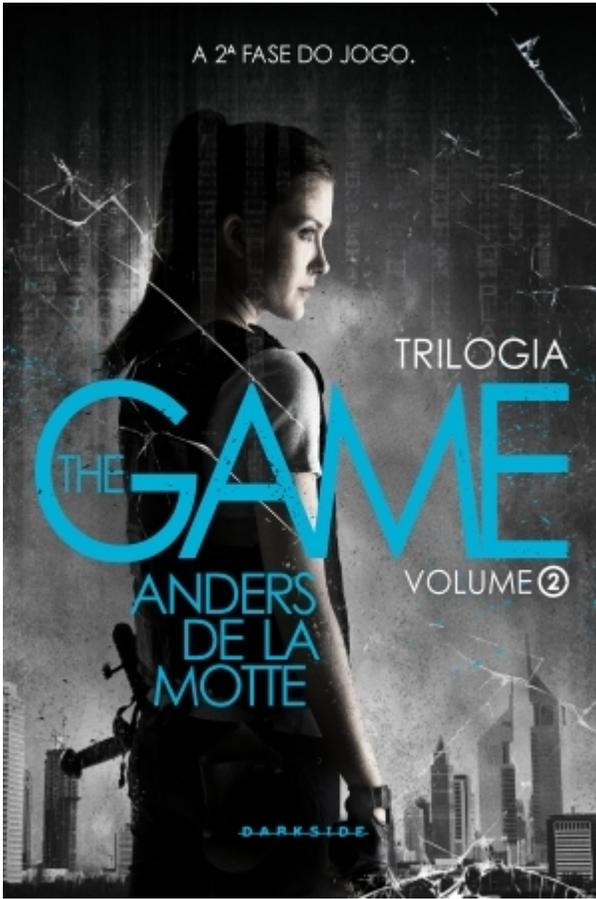
# THE GAME

TRILOGIA

ANDERS  
DE LA  
MOTTE

VOLUME ②

DARKSIDE



# The game: Ruído

De La Motte, Anders

9788566636727

312 páginas

[Compre agora e leia](#)

Como acontece num bom videogame, à medida que o jogo avança, a leitura fica mais perigosa. RUÍDO, volume dois da Trilogia The Game, traz o protagonista HP Peterson enfrentando uma nova fase do Jogo de Realidade Alterada que pôs sua vida em risco, no primeiro livro da série. HP poderia ter tudo: dinheiro, conforto, liberdade. Mas ele está disposto a arriscar tudo para sentir de novo a adrenalina correndo em suas veias. Enquanto isso, a policial Rebeca Normén começa a receber ameaças anônimas por um fórum de internet. O cerco começa a se fechar sobre os dois. Como se proteger de uma ameaça que você não tem certeza que existe. RUÍDO é o segundo

livro da Trilogia The Game, de Anders de la Motte, o ex-policia e diretor de segurana de informao que se transformou no grande nome do suspense da Suécia após a morte de Stieg Larsson. O autor desenvolve uma série para a TV americana com duas produtoras: Gaumont (de Narcos) e a dinamarquesa Good Company Films (que adaptou os livros de Stieg Larsson). A Trilogia The Game conta a história de HP, um jovem que tem sua vida transformada num jogo emocionante quando encontra um celular no vagão de trem. Através de mensagens anônimas no aparelho, ele passa a receber instruções para realizar tarefas no mínimo instigantes. A detetive Rebecca Normén é sua irmã, diferente de HP como são opostos a água e o vinho. Fenômeno em diversos países, a Trilogia The Game é surpreendente, divertida e assustadora na medida certa. Um thriller dos tempos de hoje, onde tudo o que acontece numa tela touchscreen já não pode mais ser considerado virtual.

[Compre agora e leia](#)

GRAND THEFT AUTO: A HISTÓRIA DO JOGO QUE MUDOU O UNIVERSO DOS GAMES

GAME OVER!

David  
Kushner

O Grande  
FORA  
da Lei

A ORIGEM  
DO GTA



DARKSIDE

# O grande fora da lei

Kushner, David

9788566636659

348 páginas

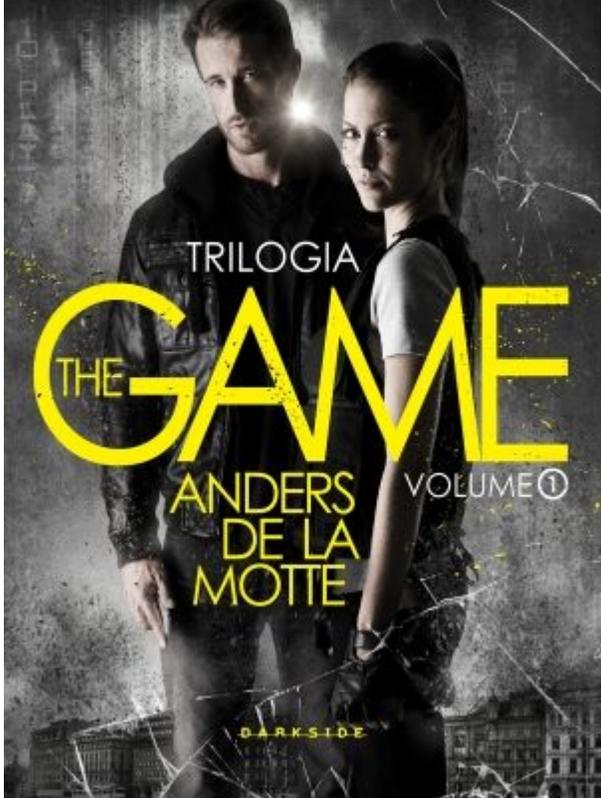
[Compre agora e leia](#)

"Quando o crime compensa." Como um grupo de jovens estudantes com grandes sonhos e pouca experiência revolucionam a cultura e a indústria? No caso da bilionária indústria do videogame, que movimenta mais dinheiro que Hollywood, chegando a US\$ 75 bilhões, ajuda se a turma for liderada por iconoclastas ousados com a visão de um fora da lei e a ética de trabalho de um puritano, que cresceram loucamente apaixonados por filmes de gangues, games e rap. Pois é este o improvável perfil dos irmãos Sam and Dan Houser, responsáveis pelo jogo mais revolucionário, controverso e bem-sucedido da história - a franquia Grand Theft Auto (GTA). Em "O Grande

Fora da Lei: a origem do GTA", o aclamado escritor, jornalista e gamer inveterado David Kushner nos conduz por uma divertida jornada com altos riscos e lucros exorbitantes do mundo cada vez mais acelerado dos maiores players da indústria dos games - e de seus inimigos prontos para derrubá-los. Kushner revela de forma brilhante a história não contada das pessoas que criaram o produto que definiu uma geração e enfureceu outra. Elaborado por mais de uma década com reportagens, entrevistas e muitas horas jogando, o livro de Kushner mergulha fundo nos bastidores de GTA, até então mantidos em segredo e alimentados por rumores e mitos. Além disso, ele examina a violenta reação cultural e política que ajudou a manter sua vida comercial em alta ao mesmo tempo em que ameaçava a existência do próprio jogo. A franquia enfrentou processos e disputas judiciais com o objetivo de tirá-lo de circulação, movidos pelo falso moralismo e puritanismo da cultura norte-americana - e sobreviveu.

[Compre agora e leia](#)

O JOGO COMEÇA AGORA.



TRILOGIA

# THE GAME

ANDERS  
DE LA  
MOTTE

VOLUME 1

DARKSIDE

# The game: O jogo

De La Motte, Anders

9788566636710

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

É só um jogo. Isso é o que pensa Henrik "HP" Peterson, protagonista da Trilogia The Game, ao aceitar um convite anônimo, via celular, para participar de missões inusitadas pelas ruas de Estocolmo. Mas a cada tarefa cumprida, e devidamente compartilhada na rede, ele tem a sensação de que a brincadeira está ficando séria demais. Será paranoia? Ou será que HP está realmente caindo numa poderosa rede de intrigas, com conexões que poderiam chegar aos responsáveis pelo assassinato do primeiro ministro sueco em 1986 ou até mesmo aos ataques do 11 de setembro? Quem afinal está por trás desse JOGO? Você tem coragem de

investigar? Então você precisa ler O JOGO, primeiro livro da Trilogia The Game, de Anders de la Motte. Uma saga eletrizante que combina a escola sueca de suspense (vide Stieg Larsson) com o vazamento de informações no mundo pós Edward Snowden. Anders de la Motte é um ex-policia e diretor de segurança de informação de uma das maiores companhias de TI do mundo. Está desenvolvendo uma série para a TV americana com duas produtoras: Gaumont (de Narcos) e a dinamarquesa Good Company Films (que adaptou os livros de Stieg Larsson). A Trilogia The Game conta a história de HP, o pequeno trambiqueiro que está só contando o tempo necessário para largar o subemprego e voltar a receber o seguro social. A outra jogadora é a detetive Rebecca Normén, recém promovida para o grupo de elite do Serviço de Segurança sueco. Enquanto sua carreira decola quase por acaso, mensagens anônimas deixam claro que segredos do seu passado não estão tão bem guardados assim. Fenômeno em diversos países, a Trilogia The Game é surpreendente, divertida e

assustadora na medida certa. Um thriller dos tempos de hoje, onde tudo o que acontece numa tela touchscreen já não pode mais ser considerado virtual. O JOGO é só o primeira volume desta instigante trilogia que a editora DarkSide traz com exclusividade para leitores e players brasileiros. Então, quer jogar?

[Compre agora e leia](#)



# King of Thorns

Lawrence, Mark

9788566636598

528 páginas

[Compre agora e leia](#)

TODOS CLAMAM PELO REI! Ninguém melhor para falar da aclamada Trilogia dos Espinhos do que Rick Riordan, o autor da série Percy Jackson. "Este é o meu livro favorito desta excelente trilogia, pois tudo joga contra o nosso anti-herói Jorg. As apostas são altas e as reviravoltas, perfeitas. Depois de assassinar seu tio e garantir um pequeno reino nas montanhas, o jovem Jorg agora encara um inimigo carismático e poderoso - o Príncipe de Arrow -, que parece destinado a reunir o Império Destruído. A ação salta entre o presente e o passado, e nos mostra como Jorg viajou pelo império e conseguiu reunir recursos e forças para enfrentar uma batalha aparentemente

impossível de ser vencida. Acompanhamos também a história pelo ponto de vista de Katherine, a mulher que Jorg deseja mais do que ninguém, e que ele está destinado a não conquistar jamais. Apesar de Jorg continuar a ser o mais maquiavélico dos protagonistas, sem hesitação para matar, mutilar ou destruir, caso isso o ajude a alcançar seus objetivos, passamos a compreendê-lo melhor neste livro, e é impossível não torcer por ele. Ele consegue renovar e dar uma reviravolta brutal, explodindo com todas as armadilhas românticas da grande fantasia - lealdade, honra, o bem contra mal e a fé em um causa maior. Às vezes, quando você vê aquele cavaleiro branco em seu cavalo, com uma armadura reluzente e um sorriso brilhante, só quer atirá-lo no chão e dar-lhe um murro na cara dele por ser tão perfeito. Se você já teve essa sensação algum vez, Jorg é o cara. [...] NÃO SE COMPARA A NADA QUE EU JÁ LI." - Rick Riordan

[Compre agora e leia](#)